Antonio Maria
5º ANNO
LISBOA
LITHª GUEDES.

THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY

Fenian
Nera
QUINTO ANNO
1883
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

LITHOGRAPHIA GUEDES
12-Rua da Oliveira do Carmo-12
LISBOA

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

1883

(Ao Leitor)

Eu e tu, leitor amigo
Que ás quintas feiras me vês,
Cá chegámos, Deus louvado,
Ao portão do oitenta e tres.
Chegámos ao mesmo tempo,
Tu sãosinho, eu inda côxo,
Encostado a um arrôcho,
Andando agora em tres pés.

Se n'este anno que findou
De mim tiveste a queixar-te,
Crê que foi á boa parte,
Que te zurzi, ó leitor.
Põe a mão na consciencia,
Como quem faz confissão,
Verás que tive rasão
Em te chegar um calôr.

Se tens sido dos que tiram
A camisa ao Zé Povinho;
Ou dos que avesam padrinho
P'ra a comer á tripa forra;
Se és da caixa dos depositos,
Se és da reforma da alfandega,
Ou se pertences á pandega
Dos parentes do Basôrra;

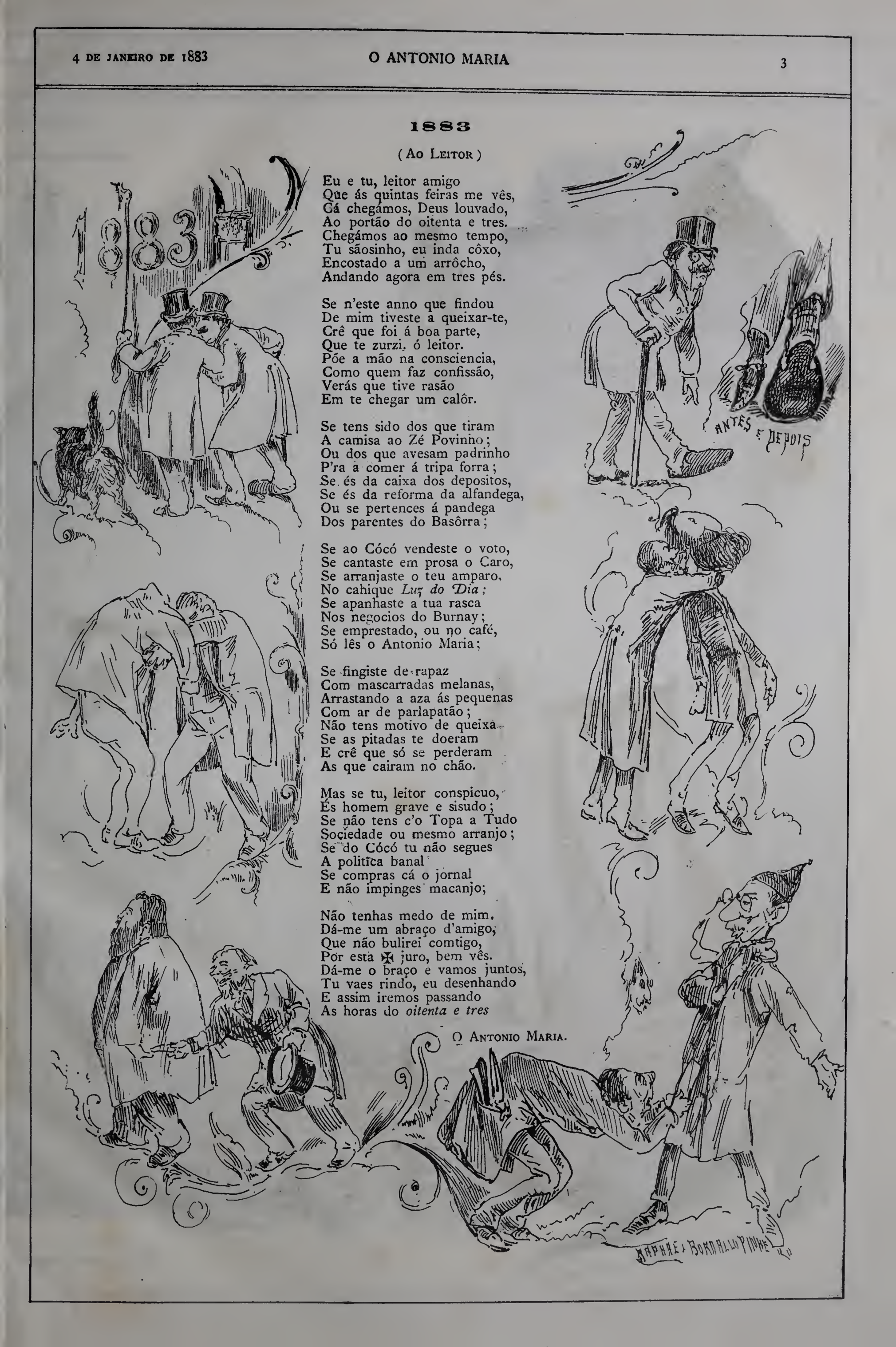
Se ao Cócó vendeste o voto,
Se cantaste em prosa o Caro,
Se arranjaste o teu amparo,
No cahique *Luz do Dia*;
Se apanhaste a tua rasca
Nos negocios do Burnay;
Se emprestado, ou no café,
Só lês o Antonio Maria;

Se fingiste de rapaz
Com mascarradas melanas,
Arrastando a aza ás pequenas
Com ar de parlapatão;
Não tens motivo de queixa
Se as pitadas te doeram
E crê que só se perderam
As que cairam no chão.

Mas se tu, leitor conspicuo,
És homem grave e sisudo;
Se não tens c'o Topa a Tudo
Sociedade ou mesmo arranjo;
Se do Cócó tu não segues
A politica banal
Se compras cá o jornal
E não impinges macanjo;

Não tenhas medo de mim,
Dá-me um abraço d'amigo,
Que não bulirei comtigo,
Por esta ✠ juro, bem vês.
Dá-me o braço e vamos juntos,
Tu vaes rindo, eu desenhando
E assim iremos passando
As horas do *oitenta e tres*

O Antonio Maria.



A MÃO DI

Uma sessão de

Está aberta a praç

NABOS

e cher o olho

da Figueira

O DISCURSO

Innumeros pares do reino e vitalicios deputados da nação portugueza

Com a carinha n'agua e na minha qualidade de regedor de nascença d'estes reinos, venho mais uma vez cumprir o dever constitucional de levantar a aldraba á porta da representação nacional.

As potencias estrangeiras ainda não resolveram definitivamente ir-nos aos fagotes. (O sr. Fontes pisca um olho em signal de adhesão).

No intuito de aplanar difficuldades e de affirmar os direitos incontestavais de Portugal sobre as provincias ultramarinas, tem-se o meu governo *entendido perfeitamente* com o de s. magestade britannica, sendo muito para louvar a *posição* energica do nosso ministro respectivo, já de braços crusados, já de mãos atraz das costas, já estatelado na cama de papo para o ar. Com esta boa vontade e a coadjuvação valiosa do sr. de Brazza (que não sabe a espiga que leva) é licito suppôr que em meia duzia de annos não tenhamos, nas provincias de além mar, um palmo de terra onde possamos cair mortos.

(O sr. Fontes pisca o outro olho em signal de confirmação).

A tranquillidade publica não tem sido alterada em todo o reino, fazendo-se, com geral socego e sem que ninguem puxasse da navalha, a eleição de deputados, incluindo a do circulo do Funchal...

(O sr. Fontes escarra grosso e pisca alternadamente o olho esquerdo e o direito).

Nas circumstancias actuaes da Europa e do paiz, parece opportuno ao meu governo applicar alguma agua circassiana e algum branco de Raquel á carta constitucional da monarchia, para lhe transmutar a apparencia capilar e lhe encobrir os pés de gallinha que lhe encorrêam as bochechas — d'accordo com o systema adoptado ha longos annos, para comsigo proprio, pelo meu illustre preceptor aqui presente.

(O sr. Fontes, pisca os dois olhos ao mesmo tempo).

Este assumpto, que se recommenda muito especialmente ao vosso alevantado patriotismo, (Gabriel Claudio assoa-se estrondosamente na galeria) será certamente apreciado por vós, com a madureza que é propria em pessoas tão *maduras*.

Uma lei eleitoral que tenda a assegurar a liberdade e o preço difinitivo do voto, garantindo ao mesmo tempo, dentro dos limites rasoaveis, a representação das minorias e a boa qualidade do carneiro com batatas, completará as refórmas politicas d'esta sessão legislativa.

Foi concluido e aberto á circulação o caminho de ferro da Beira Alta. Por essa occasião nas provincias do norte, em todos os logares por onde passei, recebi eu, a Rainha, minha muito amada esposa, e os Principes, meus queridos filhos e presumptos d'estes reinos, as mais inequivocas provas de dedicação e os mais expontaneos foguetes de trez respostas que o patriotismo provinciano e a pyrotechnica de fora de portas me tem sabido preparar. Desejo consignar aqui a memoria d'este facto, de que conservo uma lembrança immorredoira no coração e uma cana de buscapé na gaveta das camisas.

Para a instrucção publica chamo eu a vossa illustrada attenção. Estes e outros assumptos, alguns dos quaes ficaram ao fumeiro na ultima sessão legislativa, deverão ser *curados* cuidadosamente na chaminé da vossa solicitude. Pelos ministerios da guerra e da marinha vos serão apresentadas, entre outras, algumas propostas tendentes a aperfeiçoar a instrucção do exercito no exercicio da valsa a trez tempos, a desenvolver as fortificações de Lisboa, ministrando-lhes mais alguns castellos — no ar — e mais algumas peças — de panno patente — e a augmentar a marinha de guerra com mais alguns vasos — de loiça das Caldas.

Todas estas *medidas* eu recommendo ao vosso proficuo estudo e ao vosso systema-metrico.

É indispensavel que continuem as obras do caminho de ferro do Douro. O caminho de ferro da Beira Baixa, o do Algarve, o do Valle do Tua até Mirandella e o ramal de Vizeu serão convenientemente estudados logo que não haja mais vias ferreas a construir no estrangeiro nem mais ganhosinhos a distribuir aos syndicatos.

(O senhor Fontes continua a piscar ambos os olhos).

Em virtude da auctorisação concedida ao governo pelo artigo 15 do acto addicional, foram tomadas no intervallo das sessões algumas providencias legislativas e algumas limonadas de cavallinho.

O estado da fazenda publica, se não é tão prospero como seria para desejar, é certo que tem melhorado notavelmente com a transferencia dos fundos das arcas poeirentas do thesouro para os bolsos desencardidos dos compadres. (O sr. Fontes pisca um olho e metade do outro.)

Em consequencia dos arranjosinhos votados na ultima sessão, o orçamento da receita e despesa, que o meu preceptor e ministro da fazenda vos apresentará, será proximamente equilibrado, para o que já mandámos vir do estrangeiro um acrobata de primeira qualidade. Com a continuidade do systema economico até hoje adoptado espera-nos um futuro brilhante e a certeza de que, se não morrermos a pedir esmola não será por falta de alevantados esforços.

Innumeros pares do reino e vitalicios deputados da nação portugueza:

Na diversão legislativa que vae começar, sois chamados a tratar e decidir importantes questões. No empenho de resolver estes assumptos, andando á sirga do meu governo, vós poreis de certo — alem de alguns ovos chocos — a maduresa e o patriotismo (Gabriel Claudio levanta-se, indignado e sae tumultuariamente da galeria) a *maduresa* de que tendes dado tantas provas, e com o favor da divina providencia, e alguns cestos vindimos de puro esterco, contribuireis efficazmente para que a futura prosperidade da nação engorde e se desenvolva como aquelles soberbos nabos que me mandaram do concelho de Meda (O senhor Fontes pisca todos os olhos; o senhor marquez de Vallada não estava presente, aliás teria pescado pelo menos um...)

Está aberta a praça.

PAN.

Ingenuidade

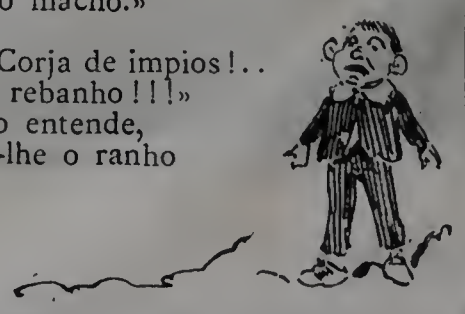
Confessando uma creança,
Um padre maldisse a gula
E perguntou: «Lá em casa
Costumam comprar a bula?»

A resposta da creança
Faz que ao padre a penca azule:
«Não costumam, não senhor...
O que lá temos é bule.»

—«Oh creançola! Oh fedelho!
Já de impio queres a fama?!»
—«Pode ser que seja isso...
Mas bula ninguem lhe chama.»

—«Senhor padre, p'ra zangar-se
Nenhuma razão eu lhe acho:
Assim como uns têm a femea,
Podem outros ter o macho.»

Brama o padre: «Corja de impios!..
De atheus infernal rebanho!!!»
—A creança não o entende,
Choraminga e cae-lhe o ranho



O porco e o salchicheiro

(FABULA)

Retira-te ou te arrocho.
Estupido animal,
Abaixo trinta furos
Da especie burrical

Costa e Silva

Um porco de chiqueiro,
De mil porcos avô,
Ao fero salchicheiro
Um dia assim fallou:

Não vês que atroz desdoiro
No porco vens lançar,
Negando ao matadoiro
A gloria de o matar?

Pois foges ao caminho
Que te abre D. Cócó
P'ra honrar nosso toucinho,
Que o seu imita, só?

Não vês tanto grazina,
Ao ver matar sem lei,
Com medo da trichina,
Gritando — aqui-d'el-rei?

Não vês que os nossos lombos
E chispes sem eguaes
Já vão levando tombos
Nos brodios nacionaes?

Não ouves muita gente
Dizer ao bello paio:
«Em te ferrar o dente!...
Lá n'essa é que eu não caio!?»

Attende, ou eu me enforco,
Rasões que aqui te chimpo:
—P'ra credito do porco,
Deixa-o ser morto a limpo!...

Tudo isto o salchicheiro
Ouviu sem dar um ai,
E disse ao do chiqueiro:
«Pois sim... grunhindo vae!

A fabula é ligeira,
Porém de grande ensino:
—A teima salchicheira
É mais que a do suino.

O beneficio do actor Mello, que estava marcado para 5 do corrente, ficou transferido para 10 d'este mez. Mello escolheu para a sua festa a comedia de Pailleron — *A idade ingrata.*

Não assistimos a nenhum dos ensaios, mas, pelo titulo, não duvidamos affirmar que a peça é uma referencia picante ao Silva Pereira.

O mercado

Hontem vesti-me a capricho:
Sapatos de sola e vira,
Farpella de casimira
Pretinha como uma amora,
Cabello apartado ao meio,
Perfumado de verbena
E no bolso da quinzena
Lenço de ponta de fóra.

Vesti o melhor que tenho,
Em roupas brancas e pretas,
Quer no fundo das gavetas,
Quer no canto dos bahus!
E ás onze menos um quarto,
N'este trajo de espavento,
Fui p'ra o largo de S. Bento
P'ra vêr chegar os perús.

Áquella festa, em que o povo
E o amor da patria anda acceso,
Concorre Lisboa em peso
Desde os confins da cidade...
Era bello vêr a Lysia
Limpa, aceiada, n'um brinco!...
— Tocou a banda do cinco
E assistiu a *auctoridade*...

Generaes de plumas brancas,
Em num'ro de sete ou oito,
Mostravam, correndo a choito,
A forma cavalleiresca;
Soldados de aspecto bravo,
Lançando o olhar ás janellas,
Refrescavam as goellas
Com cinco réis de agua fresca!...

Passou-se o tempo; par'ceu-me
Que era já longa a demora...
Afinal chegada a hora
Dos perús entrou o rancho.
Todos em ordem discreta
Que o seu bom juizo attesta;
Nem um desmanchou a festa...
— Não houve nenhum desmancho...

O Pequito e o Rio Sado,
Filhos dos ultimos ovos,
São dois perús dos mais novos
Mas dignos de todo o gabo...
Caminhavam circumspectos,
Disfarçando os grandes beques,
E abrindo em fórma de leques
As fartas pennas do rabo...

Dos mais perús d'esse rancho
Não fallo, pois me parece
Que toda a gente os conhece
Desde a cabeça aos artelhos...
São perús que figuraram
Na *praça* o anno passado,
Tem o monco pendurado,
São já todos *perús velhos*...

Emfim, entrou essa leva,
Que de dia a dia medra,
Subindo a escada de pedra
Que á vasta praça conduz;
E atraz d'elles, D. Magnifico,
Que de seu patrão se ufana,
Gritava agitando a cana:
Merca o casal de perús!...

PAN.

BOTANICA POLITICA

O povinhorum contribuintibus

Arvore que começa a rebentar e dará fructos se a limparem do phylloxera e outros parasitas.

LEON GAMBETTA

Morreu em Ville-d'Avray, á meia noite precisa de 31 de dezembro de 1882. Tão grande e tão invencivel, que o proprio anno se arreceiou de matal-o sem que morresse com elle!

Paz aos mortos

As camaras portuguezas não se macularam com um voto de sentimento pela morte de Gambetta, o grande tribuno e o grande patriota francez, assim como não tinham enxovalhado os seus pergaminhos e diplomas approvando um voto de magoa pela morte de Garibaldi, o caudilho da unidade italiana.

Podem ir os nossos legisladores aos saraus do paço e ás contumelias officiaes, sem receio de verem carregada com as sombras do desagrado a fronte do soberano; podem lambusar a mão do rei com a beijoca servil, sem medo de que elle lhes retire a dextra com indignação. É licito aos paes da patria privarem com o nuncio Mazella, com todo o beaterio, com a fina flôr da reacção, sem medo de que os seus nomes hajam de figurar no indice em que são inscriptos os dos maçonicos, liberaes e impios que ousaram consagrar algumas palavras de sentimento á memoria de Garibaldi. Não se perturbaram, felizmente, por causa de um Gambetta, as santas pazes que existiam entre os representantes da nação, as instituições e a curia romana.

E, em verdade, que valia um Gambetta, em paralello com os nossos grandes homens, para que estes respeitassem qualquer homenagem á sua memoria? Se elle transpoz em balão as linhas inimigas com perigo de ser assassinado e fusilado, se levantou um paiz abatido pelas traições e pelos desastres, se organisou tres exercitos, se preparou a defeza nacional, se salvou a honra da França, elles tambem atravessam o Chiado todos os dias, tambem levantam emprestimos, tambem organisam exercitos de fiscaes d'alfandega e de empregados da caixa dos depositos, tambem preparam o calote nacional e finalmente tambem salvam os tratados de Torres e Salamanca. Se a França esperava de Gambetta a desforra dos seus desastres e dos seus infortunios, Portugal tambem espera dos seus grandes homens a bancarrota e talvez a mudança do nome pelo qual é conhecido ha seculos entre as nações.

Pintor a pintor não leva nada e por isso os grandes homens de Portugal estão quites com o grande homem que a França acaba de perder. Se é preciso que as camaras portuguezas dêem testemunho do seu liberalismo e do seu amor ás idéas democraticas, não é indispensavel que tomem a memoria de Gambetta como symbolo d'essas idéas; lá estão as reformas promettidas, as transformações fundamentaes do nosso codigo politico. Não é preciso fazer taes afirmações n'uma sessão funebre; é até preferivel fazel-as n'uma sessão de prestigiação, com a alegria ruidosa de uma barraca de feira. É ahi que os nossos grandes homens se hão-de espanejar á vontade.

E demais, não entristeçamos a situação, nem barateemos homenagens. A vida é de pagode e quando a situação financeira de um paiz chega a ser tão prospera como a nossa, em que a receita se equilibra com a despeza, as lagrimas são um crime e uma ingratidão.

É preciso poupal-as para as consagrarmos todas, quando fôr chegada a occasião, aos grandes homens que nos deram tantas venturas.

A *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, de 7 de dezembro ultimo, publica o seguinte telegramma:

«O conselheiro e presidente da provincia de Pernambuco cumprimenta e felicita S. M. o imperador pela passagem de Venus e faz votos pelo bom resultado da observação».

Como se vê, o presidente felicita o imperador pela *passagem de Venus* como poderia felicitar um sabiá ou um periquito pela *passagem da linha*.

O que não comprehendemos é a ultima parte do despacho; no vocabulo *observação* anda por força erro telegraphico... O que o presidente escreveu deve ter sido isto: «e faz votos pelo bom resultado da *operação*.» E' evidente que tratando-se d'uma passagem importante e que tanto interessava a saude do imperador se devia fazer votos pelo bom resultado da *operação*...

Ora até que...!

Abriram-se as côrtes: Fontes
Que de ser bom não se farta,
Vae atirar-se a uns remontes
Na bota velha da carta.

Deus queira que faça limpa
A obra, como eu já conto;
E que ninguem erga a grympa
Quando elle puxar o ponto.

A respeito da tal bota,
Ha muita gente que jura
Estar ella tão velhota
Que não soffre cozedura! —

Receiam que o cabedal
Estoire ao metter do fio,
E que o *destro official*
Perca da obra o feitio!

.....

Mas sairá obra de anjos
Dos taes gadanhos bemditos...
Porque não faz maus *arranjos*
Aquelle que é pae dos ditos...

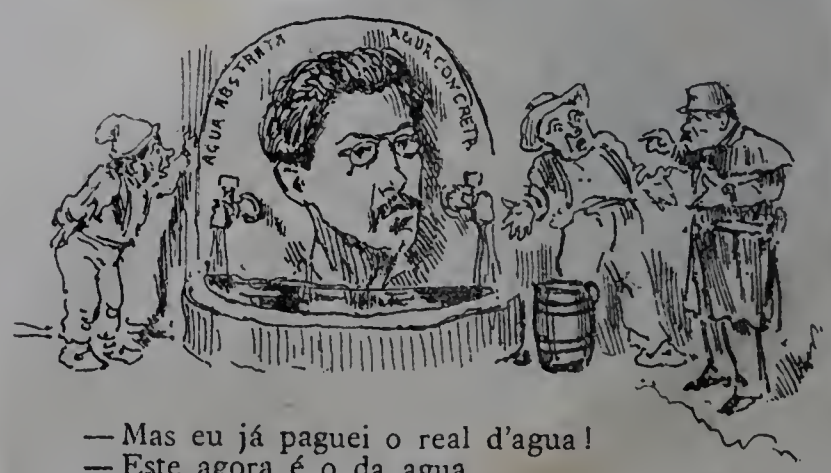
Á porta do parlamento
Zé Povinho enthusiasmado,
Atira á patria e ao vento
Este sonoroso brado:

Sobe a gloria acima uns furos!...
A hydra fica em fanicos!...
Vamos dever aos *maduros*
Ficarmos podres de ricos!

Vamos ter novo feitiço!...
Constituintes pela proa!...
Não sei que diabo é isso,
Mas cheira-me a coisa boa.

Publicámos no nosso penultimo numero as caras dos dois lentes de Coimbra immortalisados pelos ultimos acontecimentos e esboçamos hoje os retratos dos academicos sacrificados n'aquelle acto; não os demos juntos para que o publico, que não conhece nem uns nem outros, não fizesse aos ultimos a injustiça de os tomar pelos primeiros.

E a proposito exporemos a scena seguinte, que deve interessar a alguns d'elles...



— Mas eu já paguei o real d'agua!
— Este agora é o da agua.
— !?
— Manda o regulamento na *parte unica*.

Quadros, condes e tintas

Tem sido notada a assiduidade verdadeiramente carinhosa, com que o illustre inspector da Academia de bellas artes visita a exposição de quadros modernos aberta na rua de S. Francisco. Já o anno passado, quando o mesmo grupo independente de artistas exhibiu os seus trabalhos, pela primeira vez, na sociedade de geographia, a frequencia do mesmo senhor n'aquella casa recheiada de bella pintura nova, tornou-se pasmavelmente nõtoria, e mereceu, pelo seu afan protector, os elogios commovidos de todos e de cada um. Presentemente, porém, s. ex.ª prodigalisa-se de uma maneira superabundante na exposição supracitada, e não se passa um só dia sem que ella (a excellencia), quer haja um sol louro como louros cabellos de creança, quer desabe chuva plumbea como fieiras ininterruptas de bálas, se dê pressa em ir amavelmenie mirar-se, durante horas longas, no verniz narcisante das télas expostas, sorrindo, revendo-se, tomado de sagrados enthusiasmos em frente d'aquellas obras soberbas, cuja gloriosa eclosão elle bem sabe ser devida ao seu chôco de patrão da arte lusa.

E é para todos os lados um delirio d'apertos de mão aos corajosos artistas, abraços loucos, fogosas palavras d'incitamento, conselhos emoventes de terno amigo, — e mesmo, consta-nos que uma grande parte das quarenta télas já vendidas, foi adquirida pelo estado, por proposta de s. ex.ª enthusiasmada. Ao mesmo tempo um privado da dita, — naturalmente por sua propria conta, — encarrega-se sagazmente de desacreditar um pouco a exposição, amesquinhando certos talentos, despejando laráchas de funda critica fulminante, e vendo cousas do arco da velha que nunca se viram no arco iris, — tudo com o generoso intento de resfriar o miõlo dos pobres artistas, facilmente desnorteavel, e incendiado já pelo fogo admirador da Excellencia. Isto produz a mais sensata e benefica das zonas temperadas, em que pódem florescer o limoeiro e a arte!

Ouvimos tambem que s. ex.ª, aberta em expansões enternecidas, tem confessado sentir-se tanto mais contente e exaltante com esta explendida exposição dos artistas novos, indepentes e desprotegidos, quanto é certo que a academia velhota e bolorenta onde superintende, nada absolutamente faz em favôr da arte nacional, limitando todo o seu apreciavel prestimo a conservar-se labregamente mettida no seu pardieiro desmantelado, inutil e perfida, como uma teia d'aranha no fundo ruinoso d'uma caverna, — teia em que as aranhas, — os professores, se disputam encarniçadamente as moscas hyperbolicas — os discipulos.

O certo é que se deve lamentar sinceramente que s. ex.ª, por mercê da velha arte ornamental, já recebesse o bem merecido titulo de conde, sagrado em Montelavar; quando não, o arreganho bonhacheirão e creador que está mostrando pela moderna pintura, valer-lhe-ia certamente dentro em pouco o bem glorioso e alevantado titulo de, pelo menos, — *Barão das Tintas*... — patrono das drogarias!

Zé Tom.

O caixote das bullas

Deram alegre pinote
Os beatos e beatas,
Quando de Roma, em caixote,
Veio de bullas baratas
Um proveitoso fartote.

E o caso não é p'ra menos,
Pois sem o auxilio da bulla
As carnes são uns venenos...
Triste de quem as engula
Ou as dê aos seus pequenos!

Quem tem bulla deu na fina,
E vive mui descançado
Sem temer molestia suina;
Atira-se ao lombo assado,
Tenha ou não tenha trichina.

Mas um caixote! acho pouco:
— Meu Papa, mais bizarria;
Anda por cá tudo louco,
E das bullas na porfia
Por força que hade haver sôcco.

Manda uma barcaça cheia,
Que em tres dias se consome
A devota panacêa...
Temos de bulla uma fome
Que nem tu fazes idéa!

Eu, para uma aprompto a paga;
O Cecilio, duas pede;
Quer tres, Manuel da Arriaga;
E ferra os pés á parede,
Pedindo uma duzia, o Braga.

O *Antonio Maria*, o auctor
De caretas e caritas,
Tem ás bullas tanto amor,
Que até prometteu que as ditas
Ha de illustrar a primor!

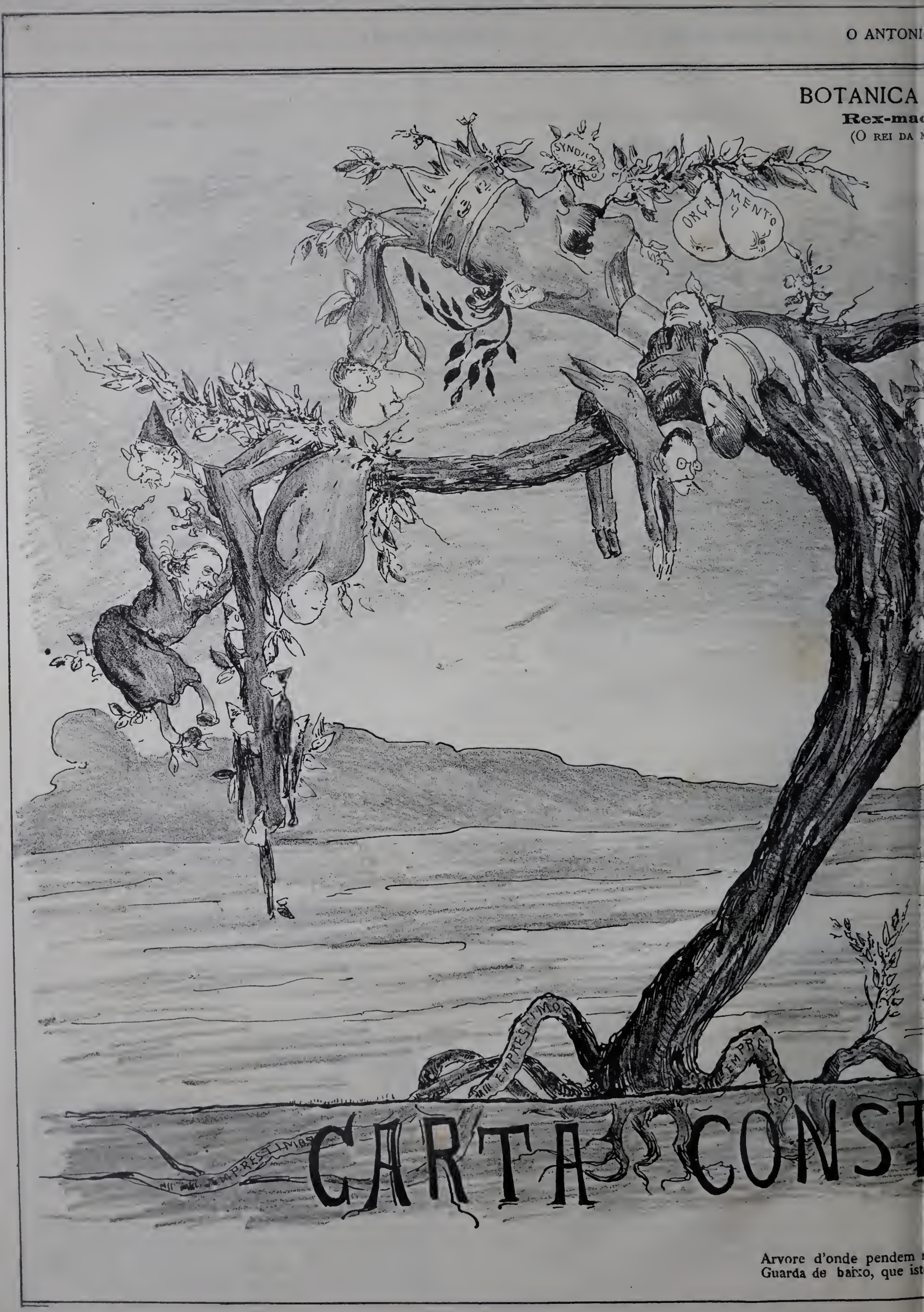
Meu Papa, tens uma mina!
Quem me dera ser teu socio
N'esta exploração divina!...
Não percas este negocio,
Porque é negocio da *China!*

Escuta quem te aconselha
Com intenção justa e boa;
— Não has-de torcer a orelha
Se mandares p'ra Lisboa
Bullas por uma pá velha.

Que venham bullas baratas,
Que tudo a bullas arrote
Em sensações as mais gratas...
Mas não venham em caixote,
Que fazem lembrar batatas.

Theatro do Gymnasio

O publico continua a encher a plateia e os camarotes, rebentando a presilha das calças em frouxos de gargalhada mas sae de lá declarando que as peças não teem arte... porque teem graça de mais! O Sant'Anna camaroteiro, aproveitando as disposições do publico, faz o seu beneficio na sexta feira 12, com uma peça sem arte nenhuma.



Arvore d'onde pendem
Guarda de baixo, que ist

OLITICA

razia

JREZA)

os fructos... *maduros*...
stá quasi a cair...

Theatro de D. Maria

Beneficio de Augusto Mello. — *A Idade Ingrata.*

Theatro de S. Carlos

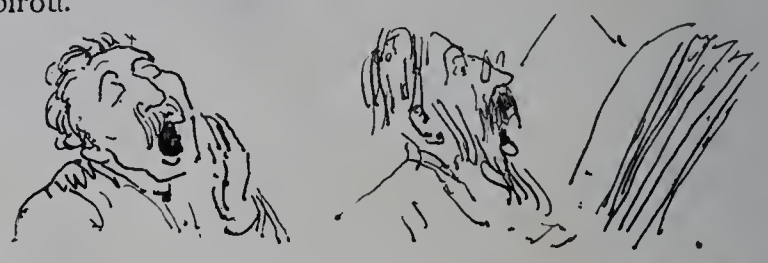
O concerto da chamada associação dos jornalistas. Parallelo historico.

Os homens de letras no seculo XVI e no seculo XIX.

Ao favor d'um amigo obsequioso que assistiu á leitura do drama do sr. Miguel Osorio, realisado ha dias em casa do sr. Fontes, devemos nós a publicação d'algumas scenas, não do drama — Deus nos livre de tal — mas d'aquelle acto, a que concorreram a flor das letras e a nota da politica portugueza.

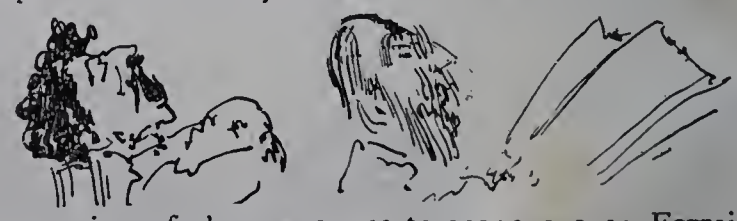
Ás 8 horas em ponto, tendo o sr. Fontes tomado café e a assembléa tomado assento, o sr. Miguel Osorio tomou a palavra.

Ás 9 e meia, acabou a primeira scena e o sr. Fontes suspirou.



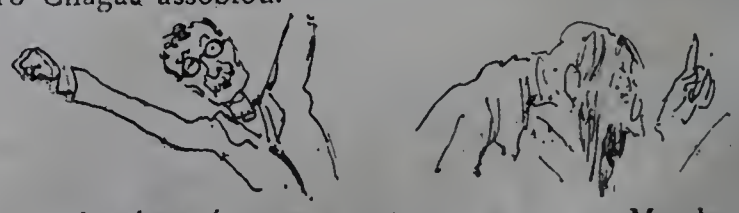
Ás 10 e tres quartos terminou a segunda scena e o sr. Thomaz Ribeiro bocejou.

Ás 11 e 43 finalisou a terceira scena e o sr. Antonio de Serpa deitou a cabeça no colo do sr. Martens Ferrão.



Ás 2 e cinco fechou-se a quarta scena e o sr. Ferreira de Mesquita resonou.

Ás 5 e tres quartos encerrou-se a quinta scena e o sr. Pinheiro Chagas assobiou.



Ao meio dia dava á casca a sexta scena e o sr. Mendes Leal espreguiçou-se porque o vinham chamar para a legação de Pariz.

Dez dias depois acabou o 1.º acto e o sr. Fontes estava de bigode branco ! ! !

Por occasião de se realisarem em Paris as festas e banquetes para a celebração do centenario dos irmãos Montgolfier considerados pelos francezes como inventores dos aerostatos, o escriptor brazileiro, dr. Sant'Anna Nery, fez publicar no *Figaro* um artigo em que reivindica para o padre Bartholomeu de Gusmão, a prioridade da invenção dos aerostatos, lembrando a sua experiencia feita no pateo da Casa da India, em Lisboa, mais de sessenta annos antes da invenção de Montgolfier.

Ora ainda bem que temos em Paris, um cidadão brazileiro para pugnar pelos nossos interesses e prerogativas, visto que o nosso ministro n'aquella cidade passa a vida em casa do sr. Fontes, a fingir que escuta os dramas do sr. Miguel Osorio.

O Pisca-pisca

Adolpho Coelho — o *Pisca-pisca* — é sabio de nascença Era ainda muito pequeno, uma criança, e já aquella bossa lhe tomava no toitiço a apparencia promettedora d'uma ginja garrafal.

Ás vezes, ao lunch, o perfeito do collegio, depois de interrogar similhantemente outros alumnos, dirigia-se ao *Pisca-pisca:*

— E tu, Adolphosinho, para que estudas?

E o Adolphosinho, esgaravatando no nariz com a precocidade caracteristica dos grandes talentos, respondia embezerrado:

— Eu cá estudo para sabio.

Passaram-se tempos e o Adolphosinho cresceu. Cresceu pouco, porque aquelle desenvolvimento mental lhe atrophiava o crescimento physico. Quem o gasta nos farellos tem de poupal-o na farinha.

Passou a idade viril alapardado na sua alcova scientifica, a fortalecer-se em theorias, e um bello dia, quando já ninguem se lembrava d'elle, apresentou-se na feira das Amoreiras vestido de sabio.

De começo, toda a gente o tomou por um aborto da naturesa que vinha expor-se ao pubbico de parceria com uns quadros dissolventes e uma companhia de ratas sabias, mas todos em breve reconheceram o equivoco, e convieram em que se tratava d'um verdadeiro aborto da sciencia.

Effectivamente, *Pisca-pisca* estava um sabio de se lhe tirar o chapeu... Botas de canos, enlameadas de cinco invernias; calças de casimira listradas de todos os matizes, desde o verde gaio até á côr de ganga e rescendentes de todas as exhalações, desde o frangipane até á sardinha de tijelada; sobrecasa de panno preto, com uma fabrica de cebo, a vapôr, montada nos pincaros da gola; e chapeu de feltro escuro, impermeavel como as botas do Rosa e á prova de escova, de petroleo e de pau de campeche!

Quando Adolpho se descobria para corresponder aos cumprimentos que de todos os lados lhe rendiam solicitos, em torno da sua grenha agitada evolucionavam punhados de caspa e regimentos de parasitas, que iam despenhar-se aqui e alli, ao sabor da força impulsora, como gotas de agoa sacudidas pelos trapos d'um lambaz em movimento.

— É um verdadeiro sabio! clamavam todos; tem a fórma! tem a linha! tem o cebo!...

— Que explendidas barbas! dizia um; e falla-se nas de D. João de Castro... pois eu antes tomava estas de penhor... Sempre serviam para temperar a panella...

— Que soberba cabelleira! exclamava outro; e ainda o monarcha se incommoda a fazer caçadas em Villa Viçosa com similhante floresta ao pé da porta!

— Que robusta intelligencia! berrava um terceiro; isto vae metter o Confucius n'um chinello, e acaba por immortalisar a patria com um tratado scientifico sobre a inutilidade da bensina e os inconvenientes do sabão de tirar nodoas...

E em torno d'elle, o rapazio embasbacado dirigia-lhe oblações tangendo nos berimbaus:

Só por isto o leitor póde fazer uma ideia de que casta de sabios é o *Pisca-pisca*...

Pois foi elle, este poço de sabedoria e de muitas coisas mais, que se dignou fallar do *Antonio Maria* em uma conferencia sobre rhetorica espectorada ha dias na associação dos jornalistas. Elle disse que o paiz estava corrupto, que o povo não tinha a consciencia da sua dignidade, que isto era uma terra de devassos, de obcecados e de licenciosos, porque, de contrario, ha muito que o *Antonio Maria* teria sido queimado e as suas cinzas lançadas aos ventos!

Suppomos até que chegou a pedir uma trave e um baraço para as nossas humildes gargantas!...

Ora o *Antonio Maria* podia exigir para o pescoço do sabio *Pisca-pisca* uma coisa para elle mil vezes mais terrivel do que a corda do algoz; podia desejar-lhe umas fricções quotidianas com potassa, côco e areia, que acabariam por matal-o, porque ha supplicios a que não se resiste... Mas o *Antonio Maria* reconhece a superioridade d'aquelle genio e a prioridade d'aquelle cebo e por isso só deseja que *elle* desça a illuminal-o com a sua luz, para o que lhe adaptará convenientemente um pavío, vacillando apenas sobre se deva espetal-o n'uma palmatoria de prata ou se bastará simplesmente um castiçal... de barro...

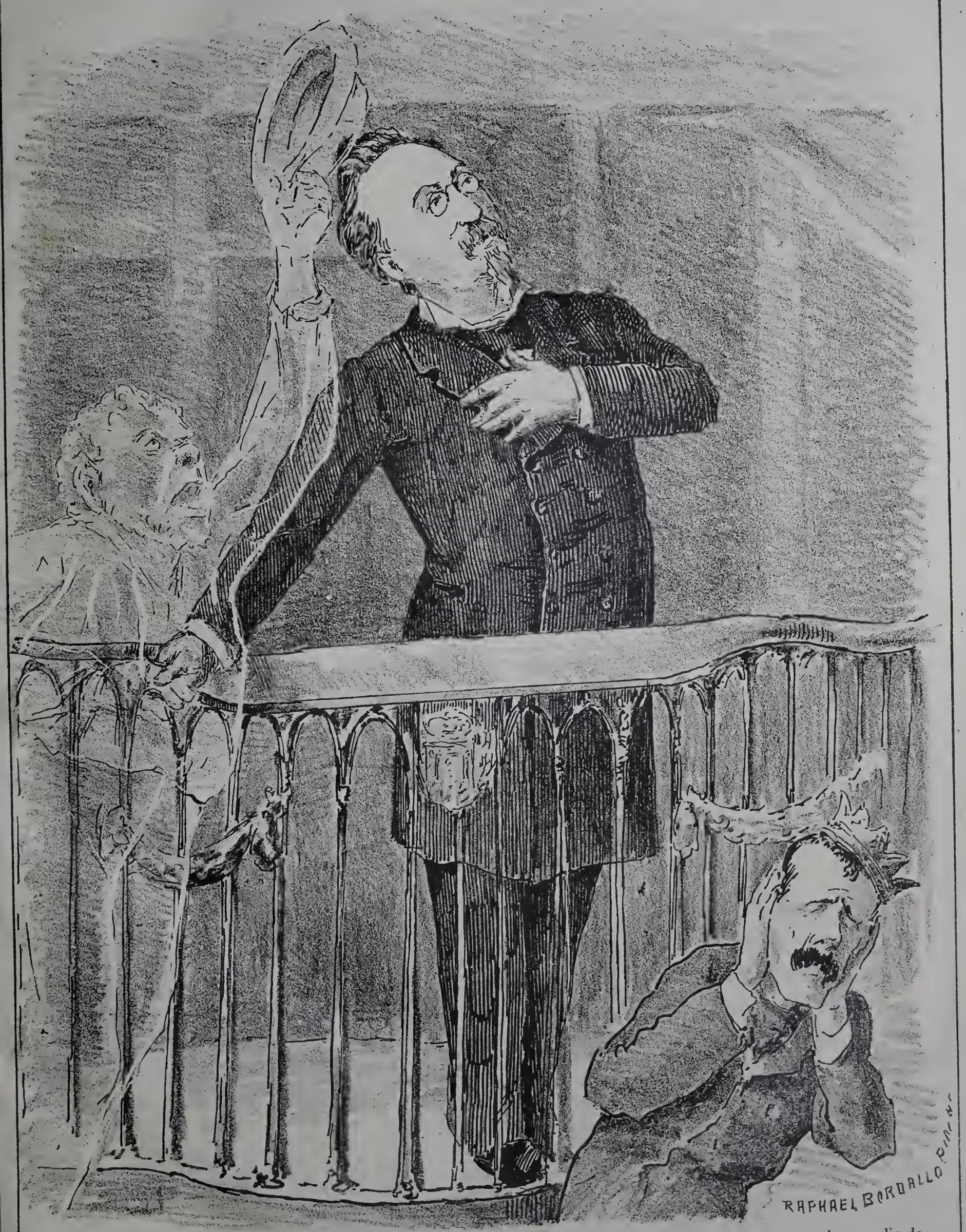
PAN.

O PISCA-PISCA

Retrato d'um philologo a que o vulgo chama Adolpho Coelho.
(Agradecimento do *Antonio Maria* por lhe ter desejado a forca).

Popularisando o illustre e atribiliario professor desejamos-lhe um supplicio muito maior do que a forca; é um barbeiro, um cabelleireiro, um sabonete e alguma roupa branca. Lave-se, lave-se, ó *pisca-pisca,* e creia que isso é um prazer nos primeiros quinze dias. Depois diga mal de nós.

AFINAL!



Zé Povinho experimenta a emoção extraordinaria de quem, no seio da sua propria representação e por intermedio de um dos seus delegados, responde pela primeira vez ao discurso da corôa

Mais uma!

Já não podemos com tanta gloria! Mais uma querella temos suspensa sobre a nossa humilde cabeça.

Decididamente juraram os poderes constituidos levarnos á immortalidade pelo caminho da Boa Hora, sem que para isso os nossos movimentos contribuam em coisa nenhuma.

Quando nos passaria pela cabeça que a posteridade dissesse de nós, que tivemos tantas querellas quantas commendas e grã-cruzes teve o duque de Wellington que foi o homem mais condecorado que tem havido no mundo?

Quando suppozemos que algum dia os juizes, escrivães, fieis de feitos e beleguins, nos haviam de levantar no largo da Boa Hora, por subscripção, uma estatua, com a seguinte legenda: — *A memoria do melhor freguez de fianças e custas?*

Nunca, illustres magistrados, e não é porque a modestia seja a maior das nossas virtudes. Mas a verdade é que nunca imaginámos conquistar em tão verdes annos as palmas da immortalidade.

A querella que d'esta vez está suspensa sobre a nossa cabeça, como uma aureola de gloria, tem como fundamento o desenho em que copiamos a ceia do Senhor de Leonardo Vincci, fazendo apenas umas leves alterações nas phisionomias dos personagens. Onde o Leonardo pozera o Christo nós pozemos o Zé Povinho, onde o pintor italiano desenhara o discipulo traidor nós esboçaramos um personagem, em cujas feições a perspicacia e o olfacto policial descobriram as feições do sr. Fontes e o cheiro d'agua circassiana do *seu bigode*. Que o personagem pelo qual nós substituimos o Judas tem o bigode pintado, confessamol-o; a justiça dirá se é o sr. Fontes.

Foi a religião do estado que nós offendemos desenhando o Zé Povinho a multiplicar o pão e os peixes para encher a barriga a gulosos ou foi a agua circassiana que nós desacatámos? E' parte contra nós o sr. Padre Senna Freitas, ou o sr. Henrigs & C.ª fabricantes do restaurador da mocidade? Um mysterio profundo responde ás nossas perguntas.

Em todo o caso a gloria de mais esta querella está-nos garantida; o *reclame* está feito. Nós offendemos tudo, nós somos o latego da virtude e da innocencia; por nossa causa as creanças perdem a falla de susto e as mulheres obortam de teror. Somos um Attila de lapis em punho no meio de uma Roma cheia de pudicicia e de honestidade. Dêemnos a celebridade dos ministros e vistam a candida tunica das vestaes e quando lhes calhar realisarem um apetitesinho que ante-saboreiam ha muito tempo — enforquem-nos.

Mas enforquem-nos a valer, e com um nó bem apertado. Cadeia não basta, porque tambem lá apparece lapis e papel como apparecem navalhas de ponta e baralhos de cartas. Pernas partidas tambem já viram que não faz differença e talvez nem mesmo os braços, porque já andamos experimentando segurar o lapis entre os dentes. Enforquem-nos, portanto, e será ainda uma consolação para nós morrermos deitando-lhes a lingua de fóra.

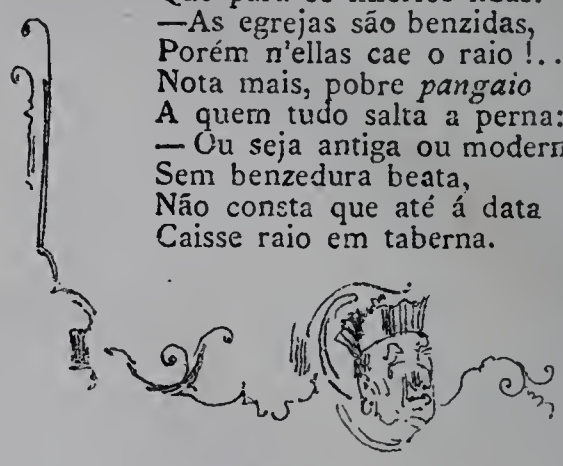
Á ultima hora

Ainda não tinham seccado de todo os ultimos caracteres do artigo que antecede, quando um official do juizo nos batia á porta entregando-nos uma contra-fé, verdadeiro primor de acceio e grammatica, para que compareçamos na proxima sexta feira perante o tribunal respectivo, afim de sermos julgados pelo crime de injurias á *auturidade* — com *t u tu*... Como o crime de que nos accusam se passou ha tanto tempo que só vagamente d'elle nos lembramos, pedidos a todos que possam testemunhar sobre o facto a fineza de se sacrificarem a respirar amanhã comnosco alguns metros cubicos dos gazes da Boa Hora. Aproveitamos o ensejo para lembrar ao sr. Podestá, do hotel Universal, a conveniencia de ter alguns banhos preparados para quando os nossos amigos sairem do tribunal.

Cantiga

Levou a bréca o Sameiro!...
Para os beatos que *bisca!*...
Nem ao coio milagreiro
Soube poupar a faisca!...
'Té o pae do ceu já *risca*
Contra pacovios caprichos!...
Pasmae vós, humanos bichos
Que tendes *bôlha* devota;
E descalçae esta bota
Sem perder a fé nos nichos.

Nota lá, povo garraio
Que para os finorios lidas:
—As egrejas são benzidas,
Porém n'ellas cae o raio!...
Nota mais, pobre *pangaio*
A quem tudo salta a perna:
— Ou seja antiga ou moderna,
Sem benzedura beata,
Não consta que até á data
Caisse raio em taberna.



O rei da madureza

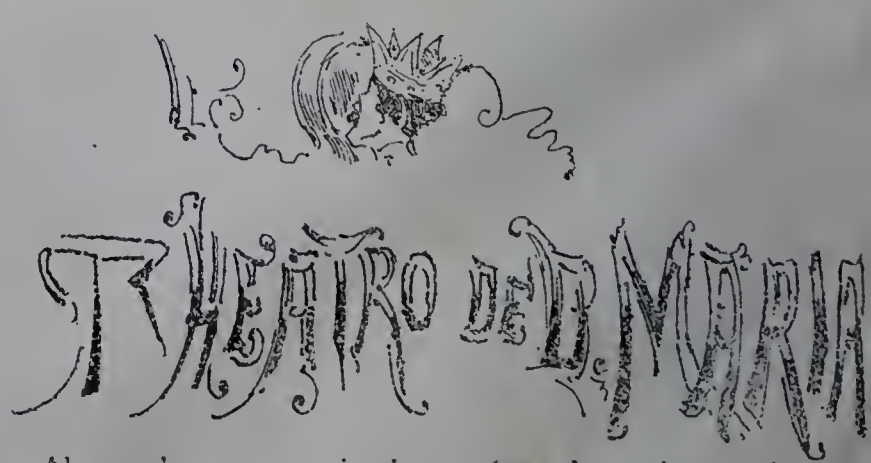
Pela rua, ao sol e ao frio,
Passeia de gambia tesa
Um tal a que o rapazio
Chama o *rei da madureza*.

Este *reisinho* se ufana
De ter milhões de vassallos;
Mas não passa d'um banana
Que pilha duros *estalos*.

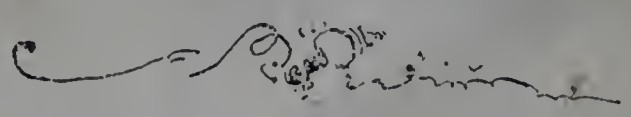
E faz versos a que os sabios
Alcunham de coisa reles...
Mas o *povo* gosta d'elles;
Quando os ouve lambe os labios!

Este *rei da caçoada*
Leva alegre a sua cruz,
Sabe affrontar a gebada,
Improvisa e não traduz.

Mas pense aquelle que encerra
No *caco* o dom da esperteza...
Que ha mais Marias na terra...
E mais *reis da madureza*!



Alguns dos nossos primeiros artistas dramaticos realisam esta semana, no theatro de D. Maria um beneficio em favor do infeliz actor Lima, a quem uma dolorosa operação acaba de privar do uso da falla. É uma acção bisarra que não devemos deixar de registrar e um beneficio merecido que não podemos deixar de recommendar.



Theatro de S. Carlos

Capuletti e Montecchi

(IMPRESSIONE PROVENUTAMI D'ALLA PASQUA)

Cantasti ogg'in modo tale
Che parevi un cherubino,
Quando innalza il canto sino
L'alta reggia celestiale.

Dal primo atto, eretto e ardito,
Alla sua mission fedele,
In te vidi *San Michele*
Calpestando ognor il *Brito*.

Certo ebreo, di torvo sguardo,
Nel vederlo sí prostrato,
Sena ha tanto infuriato,
Che cenõ del *vino* e *lardo!*...

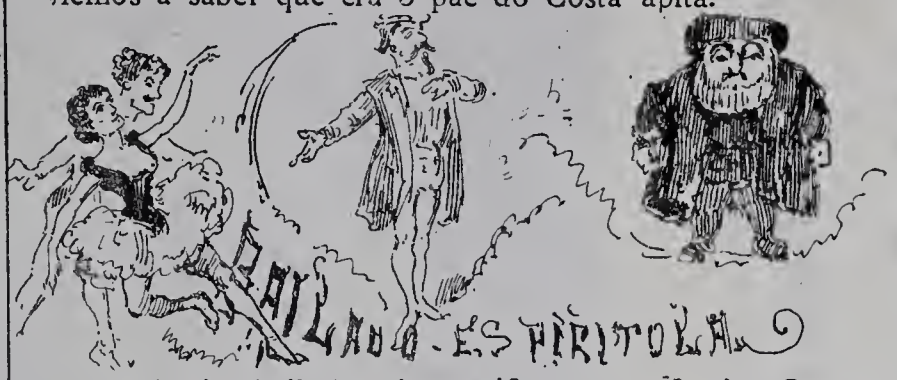
Gli avannoti, che tu cansi,
Cosi son alfin uccisi:
Mai di loro io tanto risi!
Mai per te io tanto piansi!

ammiratore.

CAPULETOS E MONTECHIOS

No segundo acto sômos agradavelmente transportados ao Bom Jesus do Monte. Os judeus Romão e Moraes mostram-se dois barbaros de primeira qualidade; bem se vê que são de pau buxo...

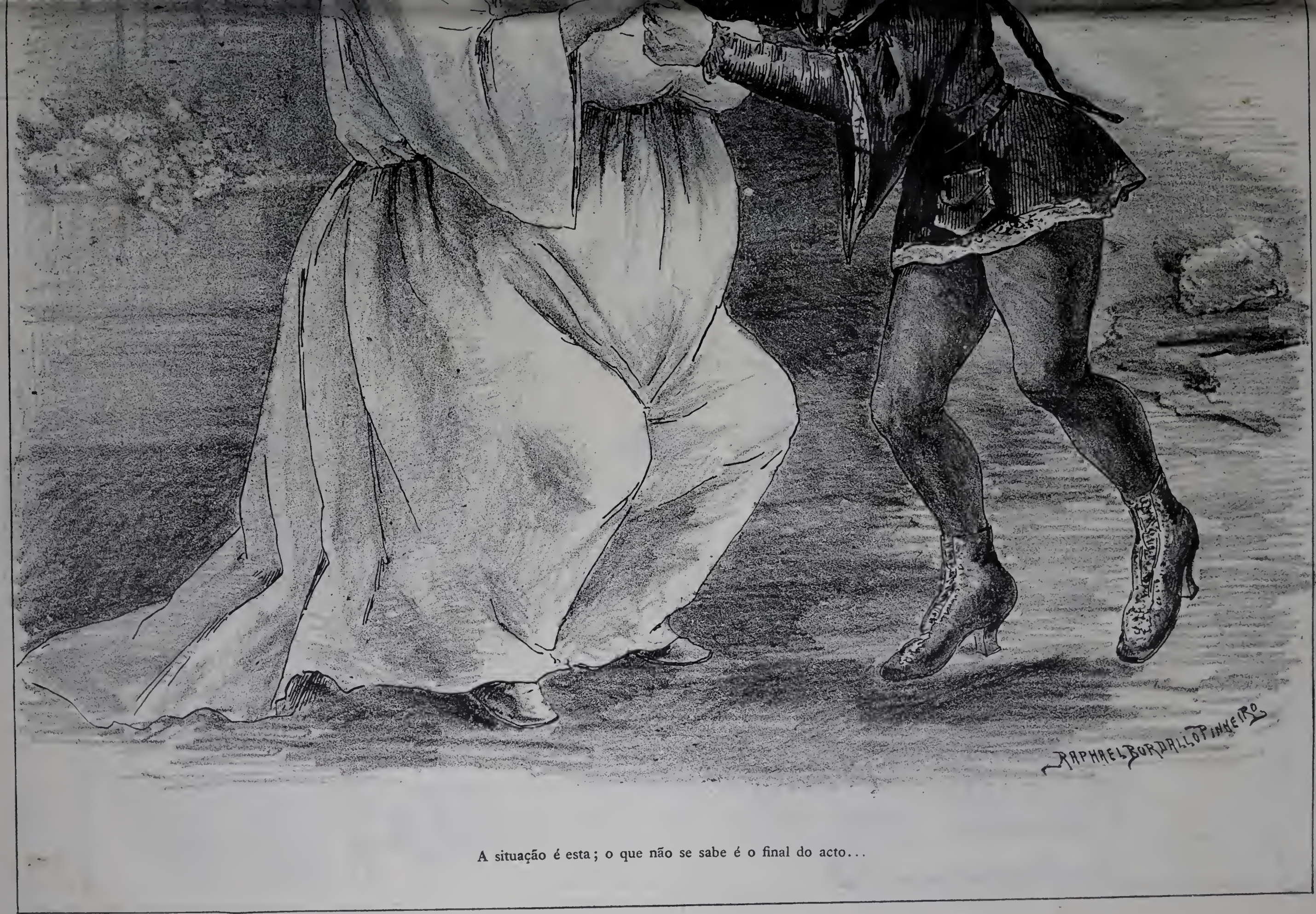
O doutor Lourenço intrigou-nos de começo; lembravamo-nos de já ter visto aquella cara n'outro corpo... Afinal viemos a saber que era o pae do Costa apita.



A primeira bailarina é magnifica mas o Justino Soares de tal maneira tem embotado ao indigena o paladar da dança que o publico recebe aquella artista friamente. Pela nossa parte enthusiasmámos-nos até o delirio com os saltos da gentil bailarina e se a inveja não fosse um peccado já lhe tinhamos invejado a ligeireza da perna.

Theatro da Trindade

Alfredo Keil revelou-se um maestro tão distincto como excellente pintor se tinha já demonstrado. A opereta Suzana, que se canta na Trindade, tem como que uma homogeneidade extranha com aquelles deliciosos quadros que o notavel pintor expunha na academia, e deixa-nos prepelexos sobre se devamos preferil-o brandindo a batuta ou manejando o pincel.



A situação é esta; o que não se sabe é o final do acto...

ROMEU E JULIETA OU JULIEU E ROMETA

Fallou!...

Periquito abriu o bico
Curvo, nervoso, carniv'ro,
Foi de ricas fallas rico,
Falou tão bem como um livro.

Disse o bom, disse o bonito,
Não se expressou nada mal,
Não foi simples periquito,
Foi papagaio real...

Poz em relevo o talento
Que ha muito tempo eu lhe invejo,
Exigiu do parlamento
Dokas de abrigo p'ra o Tejo...

.....

Periquito, escuta e cala,
Tu que és um rapaz esperto:
N'essas coisas só se falla
Quando a eleição anda perto...

E olha se o Fontes amola
Por tu lhe virar's o dente,
Manda fechar-te a gaiola,
Põe-te mais curta a corrente...

PAN.

O leão e a rapoza

Vendo o leão que o seu povo,
De tão variadas fórmas,
Apezar de ser de brutos,
Pedia largas reformas;

— Pois o bruto e o não bruto
Da mesma sorte se explica
Quando lhes chegam ao pello,
Ou lhes aperta a larica; —

Foi tér com dona raposa,
Que era ministro d'estado,
E pediu-lhe o seu conselho
N'aquelle caso intricado.

— Amiga, tu que és astuta
E o mais finorio dos bichos,
Vê se fazes com que eu possa
Não descer dos meus caprichos.

Os brutos, que ha pouco tempo
Par'ciam todos ovelhas,
Começam a resmungar
E arribitam-me as orelhas.

— Senhor, responde a raposa,
Submissa adoçando a falla:
Tambem vossa magestade
Com pouca coisa se rala!...

Deixe isso por minha conta,
Que não sou nenhuma lesma:
Arranjo *trocas-baldrocas*
E deixo a *leria* na mesma

A esperteza d'este bruto
Foi maior que a do Bazorra...
Deus nos livre de que o Fontes
Estude a manha da zorra!...

O deficit

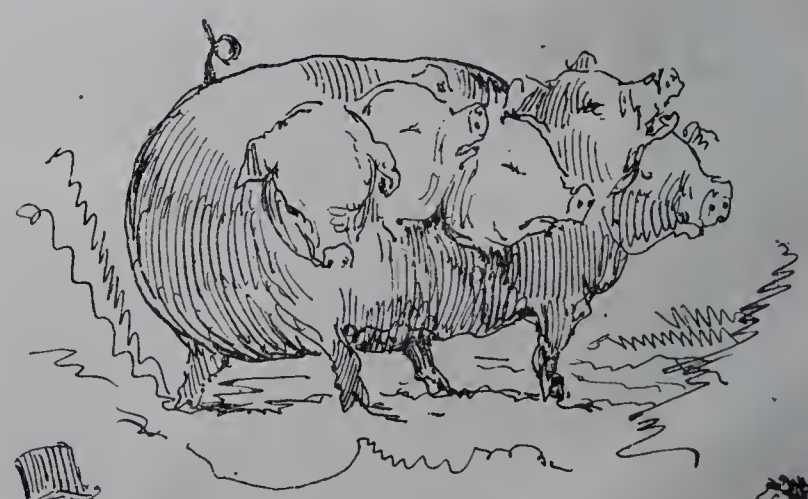
Afinal disse das bogas,
Soltando fundo lamento,
Que o salchicheiro cruento
D'esta vez metteu-lhe a faca!
Como um porco desditoso
Nas mãos de atroz brutamontes,
Espichou ás mãos do Fontes,
Morreu de morte macaca!

Agora sangrem-n'o, amigos,
Que ha estar gordo esse bicho:
Lavem-lhe a tripa a capricho,
E chamusquem-lhe esse coiro,
Salguem-lhe bem os toicinhos,
Esfregando-os de alto a baixo,
Guardem-lhe o sangue n'um tacho
P'ra fazer chouriço moiro...

E tu magarefe audaz,
Que deste o golpe mortal,
Vae descançar afinal
Da gloria no carrapicho...
São teus apenas, pertencem-te
Tripas, rabo e serrabulho;
Pódes encher-te de orgulho
Porque emfim mataste o bicho...

Cortaste a cabeça á féra,
Tens direito ao nosso gabo;
Mas repara que o diabo
No mundo as coisas alterna...
Não ponhas da gloria a c'roa
Sobre a cabeça de borco,
Que eu desconfio que o porco
E' como a hydra de Lerna

PAN.

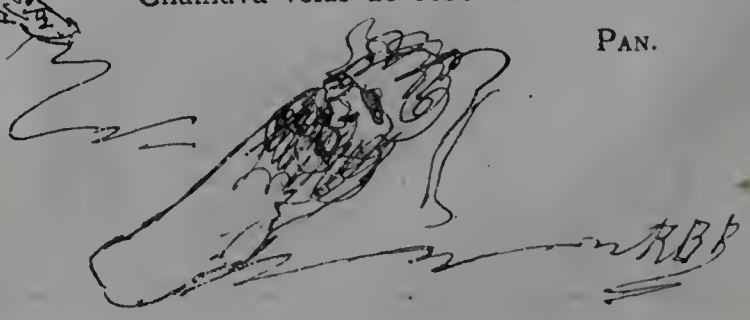


N'uma tenda

Um freguez: — Olá marçano,
Moço, servente, ou caixeiro!
Meça lá dois metros de isca,
Queira vender-me um abano
E dê-me um pacote inteiro
De velas de pisca-pisca...

O moço: — Zomba de mim...
Pisca-pisca?!... Francamente...
Em pacotes! — Não percebo...
O freguez: — Chamo-lhe assim
Áquellas que antigamente
Chamava velas de cebo...

PAN.



Recebemos do sr. conde de Almedina um convite para quatro bailes, o ultimo dos quaes terá logar a 16 de fevereiro proximo, designando-se no respectivo cartão que aquelles bailes são em *petit comité*. Este genero de toilette deixa-nos n'uma perplexidade terrivel por não sabermos como devamos apresentar-nos.

O que será *petit comité*?!...

Na duvida, occorreu-nos um expediente que aconselhamos aos nossos amigos particulares: Vamos para lá embrulhados n'um cobertor, com o Carlos Cohen atraz de nós e

a fazenda precisa debaixo do braço, espreitamos pelo buraco da fechadura para vêr a toilette do dono da casa, o Cohen corta, a costureira cose e nós envergamos a farpella, dando depois entrada na sala de baile.

Pasquistas e Rheszkistas

Ha guerra, guerra de morte,
Entre christãos e *judeus*,
Cada qual segue o seu norte,
Cada qual tem o seu Deus.

Com tal bulha e tal furor
De Rheszkistas e Pasquitas,
Acordam na sup'rior
Os *manos anabaptistas*.

Da Pasqua no grão partido...
— A cousa é grave, se diz —
Já por lá anda mettido
Um grande trunfo... o Assis;

Mas, leitor prudente e caro,
Quem gyra n'este trabalho,
Não é Assis — o de Faro
Mas o *dito* de Carvalho.

O Zé Carlos nas cadeiras
De taes ovações sorri,
E conta historias inteiras
Da grande Piétrali.

Dizem outros: Que portento
É a Reszké, que delirio!
Aquillo é deusa que o vento
Deitou abaixo do empyreo...

E que senhora innocente...
Não tem modos de odalisca...
Dá vontade a toda a gente
De jogar com ella a bisca.

Ibis rabbina que outr'ora
Achou a Pasqua — ideal...
Prefere o Piazza agora...
Esse sim, não tem rival.

O *Illustrado* requereu
Uma emenda no cartaz:
Que Fontes fosse o Romeu,
Julieta o Manuel Vaz.

E que em vez de se chamar
Montechios e Capulêtos,
Se passasse a annunciar
Como *Fontistas e Pretos*.

Camões e Vasco da Gama para uso dos hespanhoes

D. Pio Gullon, o novo ministro da governação de Hespanha, n'um discurso que pronunciou ha dias na camara dos deputados citou os nomes de tres genios hespanhoes, a saber:

— Cervantes, Camões e Vasco da Gama!

Esqueceu-lhe apenas o vinho do Porto...

D. Pio Gullon não será um poço de sabedoria no que respeita a historia patria mas o que é decerto é um poço de magnanimidade no que interessa aos direitos d'este pobre Portugal. Porque, no fim de contas, o illustre ministro comprehendeu perfeitamente que, apesar da nacionalidade emittida no proloquio, o nosso paiz é o que vulgarmente se chama *roupa de francezes* e que aliás, com mais propriedade, devera denominar-se *roupa de portuguezes*...

Quando a Inglaterra nos vae cerceiando o Ultramar muito o nosso contento; quando a França nos usurpa o Congo sem um protesto da nossa parte; e quando os proprios governos nos tiram a camisa sem que ao menos gritemos: ó Costa apita! muito generoso se mostra D. Pio Gullon em nos arrebatar apenas duas das nossas glorias patrias, como Camões e Vasco da Gama, quando podia lembrar-se de nos despojar tambem do sr. Fontes e do sr. Rosa Araujo...

AUGUSTO MACHADO

(AUCTOR DA LAUREANE)

Augusto Machado obteve um immenso triumpho em França com a opera *Laureane*. A critica franceza considera-o como um distinctissimo compositor.

Só falta um coisa á sua gloria: É que os musicos portuguezes digam mal d'elle.

Esperamos que a patria não negue esta corôa a Augusto Machado.

Como a bella ovação de *Laureane* foi principalmente *marselhesa* esperamos egualmente que nos não prendam por nos associarmos a ella.

O crime

A coisa passou-se assim, sem tirar nem pôr.

Não é no momento solemne em que o cadafalso se ergue pavoroso e uma pessoa tem de dar contas a Deus, que se póde faltar á verdade.

Era n'uma noite de maio, tepida e serena. Ainda não tinham soado as 10 horas, mas o Chiado estava deserto. Pairava o terror sobre os passeios de asphalto, como os nevoeiros que descem das serranias, e a pouco e pouco vão encobrindo toda a planicie. Reinava o Zilu na Ajuda e o Tigre na Parreirinha. Eram prohibidos os ajuntamentos de mais de duas pessoas, e os proprios gemeos Siamezes se vivessem e estivessem em Lisboa n'esse tempo, tinham de ser separados um do outro. Só as legiões de policias, de esbirros, de bachi-bouzuks, de pretorianos, ou janisaros podiam atravessar impunemente o Chiado e ir beber o seu café ao Garrett.

Eu delinqui, confesso-o. Eu entrei no café Garrett e abanquei. Oh! como é doce delinquir! Com que prazer, n'aquella noite serena e tepida, eu saboreei uns copinhos de geropiga! Havia já tantos dias que nem provava um golinho, com medo de atravessar o Chiado! A delicia que eu senti n'aquella noite só é comparavel á do prisioneiro da Perichole, quando ao fim de 12 annos de captiveiro poude tirar umas notas do seu trombone.

Parecia-me que respirava as auras da liberdade, que reinava de novo a paz e a tolerancia. As aves cantam quando estão alegres e eu... cantei, mas em surdina. Ninguem passava na rua, nem um policia sequer; o Tigre áquella hora devia estar fazendo perna ao voltarete com o seu amigo Zilu. Provocava a vontade de dar um bramo; mas eu contive-me na surdina: *Allons enfants de la patrie,* sem impeto bellicoso, no tom de voz de uma ama que adormece uma creança...

Não tinha ainda chegado ao *jour de gloire,* quando surgem de toda a parte esbirros, policias, beleguins, agentes da auctoridade. Parecia que estavam escondidos nos pasteis e nas trouxas d'ovos, á espera do momento propicio para me deitarem a mão. Era inutil negar que tinha trauteado um compasso da *Marselheza;* elles de dentro dos pasteis tinham ouvido tudo.

Foi o 136 quem me deu a voz de preso.

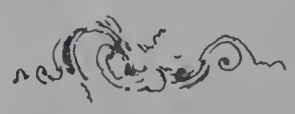
Resignei-me e acompanhei-o submisso.

Elle era todo um basilisco; eu todo doçuras e delicadezas.

Esperava, com a minha submissão, attenuar o meu crime. Foi, porém, terrivel o desengano.

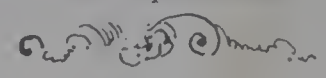
NO BANCO DOS RÉUS

Dez mezes depois, ha seis dias, em obediencia aos mandados judiciaes, dava entrada no tribunal da Boa Hora, para responder pelo crime commettido em maio do anno passado. Como a justiça é de reservas! Era solemne o aspecto do tribunal. Na ante-sala, as raras cadeiras estavam encostadas ás paredes, que serviam de supporte para os que se sentassem não irem abaixo de costados; aos cantos do tecto havia animaes anti-diluvianos, envoltos no escuro gaze das suas teias. Na sala da audiencia tudo respirava solemnidade e respeito. O juiz, sem nariz, era solemne; o delegado, com dois metros de nariz, não era menos solemne; o escrivão solemnissimo.



O sobrado immundo, os moveis sebentos e escavacados provavam que não era pelo aceio ou pelo luxo que se poderia corromper a integridade do tribunal. As togas coçadas e oleoginosas, mostravam que a justiça é tão rica de bedum como de inteireza.

Eu entrei na veneranda salla com a maior solemnidade que me foi possivel, para corresponder ao respeito que ella merecia. Tomei uma attitude nobre e altiva junto ao banco dos reus. Conservei-me de pé, não só para poder dizer que até hoje ainda me não sentei no banco dos reus, mas tambem para cortar as communicações entre a minha pessoa e uns habitantes d'aquelle banco chamados piolhos.



A um signal do juiz ergueu-se o escrivão com um cartapacio em punho, que me encheu de calafrios, e começou a leitura dos meus numerosos crimes. Eu nunca me suppuz capaz de tão grandes monstruosidades! Eu entoei uma canção sediciosa, eu pretendi mudar as fórmas de governo, eu rebellei-me contra os poderes constituidos, eu ludibriei a auctoridade, e eu emfim, cheguei á perversidade de attentar contra a pudicicia do 136, pedindo-lhe um beijo! De tudo isto havia testemunhas nos centos de policias que ha dez mezes tinham surgido de dentro das trouxas d'ovos e dos pasteis de nata. O proprio escrivão estremecia ao lêr tão grandes horrores, e eu sentia calafrios de terror e... comixões. Os habitantes do banco tinham feito ponte da minha bengalla e já cá andavam viajando pelas minhas costas.

O meu proprio advogado, encarou comigo sevéramente quando ouviu fallar no beijo. D'isso não sabia elle... nem eu. Se uma pessoa se não lembra dos beijos que dá, como se hade lembrar dos que pede, suppondo que eu tivesse pedido algum ao sr. 136, o que juro ser falso.

O escandalo estava imminente.

Sobre a minha cabeça estavam suspensos os raios de Sodoma. O caso pedia sessão secreta para salvaguardar o pudor do Dulcineo offendido. Como eu não podia dar ao 136 a reparação do matrimonio, esperavam-me tres annos de costa d'Africa. Que amargos de bocca que eu senti... e que comixões! Felizmente nas leis ha recurso para as situações mais difficeis. O meu illustre advogado, com a lei na mão, provou que só o jury podia decidir de um crime tão monstruoso como o attentado contra o pudor de um donzel. O delegado oppoz-se, o juiz confirmou a opinião do delegado; o meu advogado recorreu para a relação e a reparação do 136 ficou suspensa até que o recurso seja julgado. Respirei; ainda d'aquella vez não ia em viagem para a costa d'Africa, mas em compensação tinha as minha costas cheias de *viajantes.* Cahi desfallecido nos braços do meu advogado e o 136 fazia o mesmo nos braços dos seus camaradas.

EU.

Nota bene

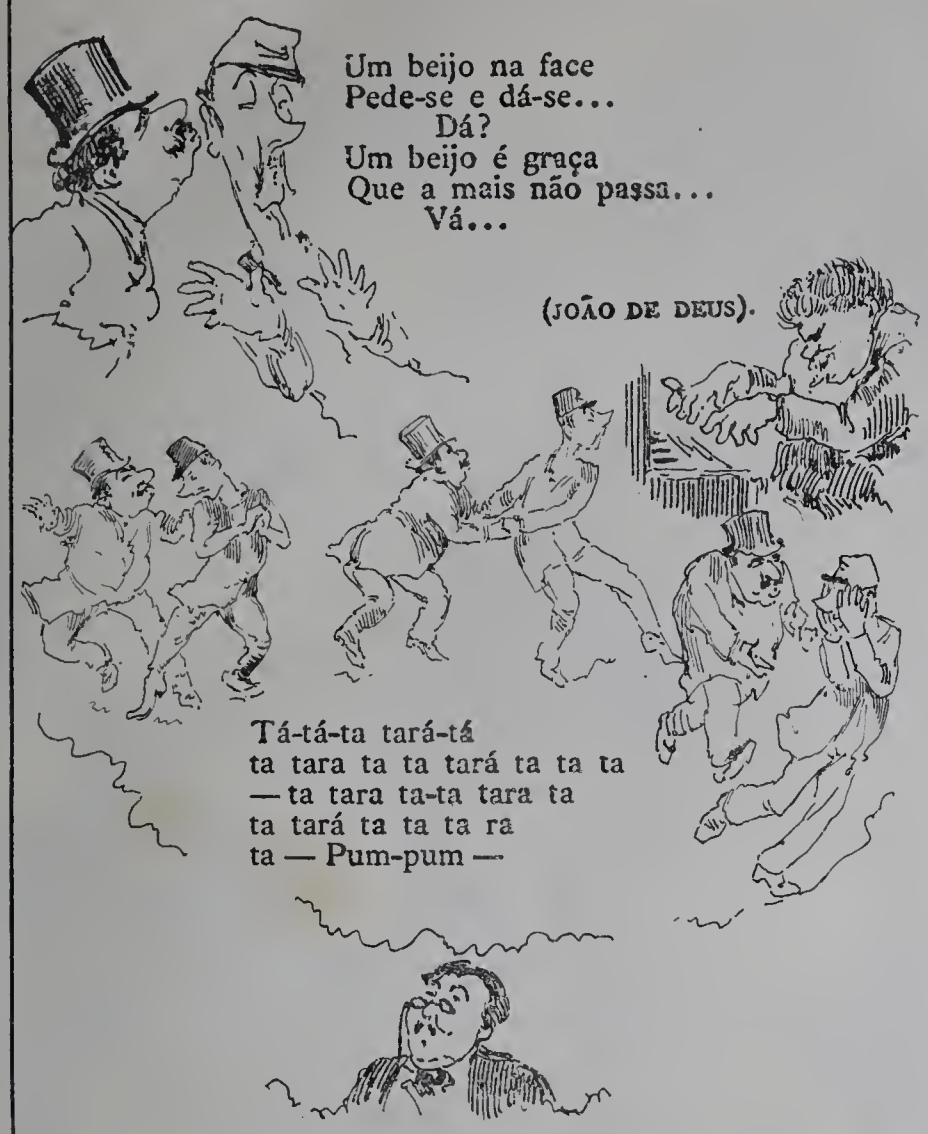
Ha uns poucos de seculos, o advogado Hyperides arrancou deante do tribunal o veu que cobria a famosa Plyriné e mostrando-a como a Venus saindo das ondas, perguntou aos juizes se tão perfeita creatura podia ter commettido o crime de que era accusada.

O meu illustre advogado tenciona fazer o mesmo ao 136, e perguntará depois ao jury se tantas perfeições não poderiam justificar o criminoso arrebatamento de que me accusam.

Fallando da reforma da Camara, declarou o sr. Fontes garantir a posição dos actuaes pares, não fallando contudo no destino que tenciona dar aos descendentes d'aquelles. Agora é que a Camara vae conhecendo a raça de Herodes que é o sr. Fontes...

O beijo

walsa executada ao piano pelo Tigre



Tendo algumas pessoas mal intencionadas levantado duvidas aleivosas sobre a idoneidade litteraria do sr. visconde da Ribeira do Paço, thesoureiro e socio effectivo da conspicua associação dos jornalistas e escriptores portuguezes, chegando até alguem a offerecer um rebuçado de altêa á pessôa que descobrisse vestigios litterarios de s. ex.ª, conseguimos nós, depois de repetidas pesquisas, já nas bibliothecas e nos cestos de verga, já nos archivos e nas lojas de mercearia, encontrar um producto do illustre escriptor, publicado ha annos no *Diario Noticias* e que reproduzimos aqui, mais com a mira nos creditos de s. ex.ª, de que no rebuçado em questão.

Eis o teor do escripto:

«Alembra-se v. ex.ª de quem a contemplou á bucinha da noite? Vêlla e a malla foi obra d'I mumento! Senão vos sou indifrente peso-te que miscrevas pró Curreio jaral com as iniciais V. de R. P. *Casaco côr de Grão.*»

Parece-nos bastante este documento para confundir os invejosos..

Abriu-se ante hontem a coelheira; começa a sair a ninhada dos caminhos de ferro.

Explicação da coisa

Dizia um padre da *carola* Braga,
Devoto e sapientissimo lapuz:
«*Foi a tal Santa Virgem do Sameiro*
O demo que appar'ceu ao bom Jesus.»

Será gorda bernardice,
Mas certo é que o padre a disse.

Isto dizia, ao ver fugir esmolas
Do primitivo nicho milagreiro;
Esmolas que corriam como as ondas
A engrossar a *melgueira* do Sameiro

Peço aqui toda a attenção
E lá vae a expliçação:

A coisa foi assim: — O Bom Jesus
Vendo *alcanse* no seu cofre divino,
Disse lá para si, encordoado:
Espera ahi, menina, que eu te ensino.

E *zás* — manda de lá uma *faisca*,
Que vem cortando o ar em zigue-zague.
(Talvez por lhe esquecer d'aquella vez
A tal receita velha do azorrague.)

E tudo vae a terra, se escangalha,
Se esbandalha,
Se esmigalha!!!

.. ..

Agora vós, devota gente...
Pegae-lhe com um trapo quente.

O prior d'uma freguezia de Lisboa passou ha dias o seguinte documento:

«Attesto que Cecilia Maria d'Almeida, solteira, é pobre moradora na rua de tal, 10 — 3.º d'esta freguezia.»

Mas, tendo a interessada feito algumas observações áquelle texto, o prior accrescentou:

«Declaro que Cecilia Maria d'Almeida retro e acima mencionada é solteira para poder casar mas não deixa de ser viuva.»

E como a impetrante se não desse ainda por satisfeita, o reverendo concluiu:

«Declaro mais que Cecilia Maria d'Almeida retro e acima mencionada é viuva; isto é casou com um homem que já morreu.»

Se este prior não tem mais graça em prosa de que o sr. Luiz d'Araujo em verso, não ha verdade nas cartas...

Durante a semana finda debutaram na camara dos deputados dois novos parlamentares: Bernardino Machado e o visconde da Ribeira Brava. O primeiro fez uma estreia tão brilhante como inutil, expondo em alevantadas theorias que a instrucção publica é porventura o assumpto mais culminante onde os governos deveriam accentuar as suas attenções e os seus estudos — como se o sr. Fontes tivesse tempo de sobejo para consagrar a semilhantes ninharias... O segundo dos oradores limitou-se a demonstrar praticamente o que o seu antecessor exposera em theorias isto é: que anda effectivamente muito avariado o artigo *instrucção publica*...

ENTRE A JUSTIÇA

Sanctuario da justiça, do piolho, da aranha, da pulga e outros animaes, onde o Tigre Arrobas me quiz

E O PIOLHO

legria dos habitantes do
erem um *réu* — tão gordo
e me não sentei.

— Por onde estes vão subindo —
sem quebrar as pernas.

alar, conseguindo apenas cobrir-me de bertoeja e comichões e encher uma pagina do *Antonio Maria.*

Guiomar Torrezão botou artigo em francez no recente livro de madame Rattazi *les matinées espagnoles.*

Ella é portuguez, ella é gallego, ella italiano, ella é casaco de bordados da ilha. Ella livro, ella critica, ella theatro. É ier ier com seu aio aio seu maracotaio e seu azeite de Santarem...

Hontem, á sobremesa, entre a paz do charuto e do cavaco em familia, fomos sobresaltados pelos acordes marciaes d'uma phylarmonica, que nos executava á porta o hymno da Carta, obrigado a trompas e saxophone. Reconhecemos então pelo tympano, em nossa propria casa, o que já reconheceramos no parlamento pelo olfato: que a Carta está effectivamente necessitada d'umas reformas capitaes e d'um saneamento rigoroso, desde os artigos legislativos até os compassos musicaes. Averiguado o caso, soubemos que os obsequiosos compatriotas nos davam aquelle alegrão porque da leitura d'um *high-life* lhes constára ser hontem o anniversario natalicio de Manuel Maria Bordallo Pinheiro... que se acha em Africa, exercendo clinica: assim lh'o fez saber o nosso criado, aconselhando-os a que fossem tocar para Cabo Verde. Mas não se tinham passado dois minutos quando outra phylarmonica accordava os eccos do largo da Abegoaria! Comprehendemos que estavamos bloqueados de zabumbas e que era indispensavel um acto de heroismo...

Fomos então pessoalmente certificar aos obsequiosos maestros o que já communicáramos aos seus antecessores:

— Que o objecto dos seus encomios se encontra em Cabo Verde.

Qual seria porem o nosso espanto quando o regente, de cornetim debaixo do braço, nos contestou com um sorriso ironico:

— Creia que não está...

— Mas asseguro-lhes que é verdade...posso provar-lhes que não sou eu...

— Creia que é...

E com tão insistente teimosia nos atordoava, que chegámos por um momento a convencer-nos de que eramos effectivamente o nosso proprio irmão...

Depois d'esta scena, sentimos pela primeira vez na vida verdadeiras saudades do Tigre governador... Talvez que elle, depois de expulsar a marselheza se lembrasse tambem de prohibir o hymno da Carta, porque é ahi que se esconde a verdadeira hydra — do nosso socego e da nossa algibeira.

Nunca mais!...

(Á MINHA AMADA)

Co'os olhos prenhes de magoa,
rasos d'agoa,
Meu amor no peito entrouxo...
Já não posso em qualquer parte
supplicar-te:
Menina, dá cá um chôcho...

Nunca mais verei teu rosto,
tão bemposto,
De pudor tornar-se roxo,
Por te eu dizer, minha bella,
á cancella:
Menina, dá cá um chôcho...

Nunca mais! que eu não desejo
por um beijo,
Dos reus sentar-me no mocho...
Nunca mais tu me hasde ouvir
repetir:
Menina, dá cá um chôcho...

Nunca mais sentado á sombra,
sobre a alfômbra
Onde canta o pintarrocho,
Te direi, ó minha amante
Violante:
Menina, dá cá um chôcho...

Não quero que no meu lombo
faça rombo
Da justiça o duro arrôcho...
Não mais te direi por isso,
meu derriço:
Menina, dá cá um chôcho...

Talvez venha um dia a dar-t'o.
no teu quarto,
Mas na escada... Tó carocho..
Que a policia um crime imputa
quando escuta:
Menina, dá cá um chôcho...

Embora o mundo supponha
que isto é ronha,
Que o meu amor anda frouxo,
Não mais te digo em ternuras.
ás escuras:
Menina, dá cá um chôcho...

Inda ha pouco processado,
condemnado,
Lá foi o Bordallo — o coxo —
Por ter dito a um policia,
sem malicia:
Menino, dá cá um chôcho..

PAN

Ha tempo que nos viera parar á mão um livro intitulado *Os meus Plagios,* do conego Alves Mendes. A posição official do autor, que não conheciamos, imprimia no volume um tal bedum de sacristia que posemos o livro de banda. Hontem porém, uma estampa do nosso collega do Porto — *o Sorvete* — moveu-nos ao appetite de lermos algumas paginas d'esse volume e por tal forma nos surprehendeu o estylo scintillantemente robusto do extraordinario conego, que de bom grado lhe substituiriamos a corôa da tonsura pela corôa de loiro dos escriptores de cunho

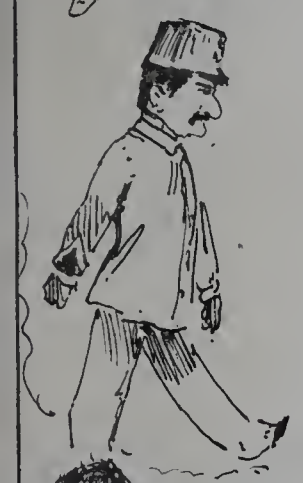
Os criticos de S. Carlos

(CONVERSA PARTICULAR)

Bem te conheço, bem sei
Quem tu és... do *Economista*,
Que pretendes dar a lei
Sobre o merito pasquista;

Já te vi em *trinta e tres*
Manobrando em ovações...
E tocavas, muita vez,
Cornetim pelos salões.

Tu desdenhas? meu amigo
Ao aprisco hasde voltar...
Diz certo proverbio antigo:
Quem desdenha... quer comprar



Esse pequeno artilheiro
Que escreve ali no *foyer*
Umas insidias... Bregeiro,
Venha cá, que fez você

Da *ignota dea* gentil
D'essa ideal creatura,
A incarnação do abril,
A primavera em 'sculptura?...

Tu não vês que é de mau gosto
Tu que és tenente... —ai, mulheres!
Levares baixa de posto
Fazendo assim... pé d'alferes?

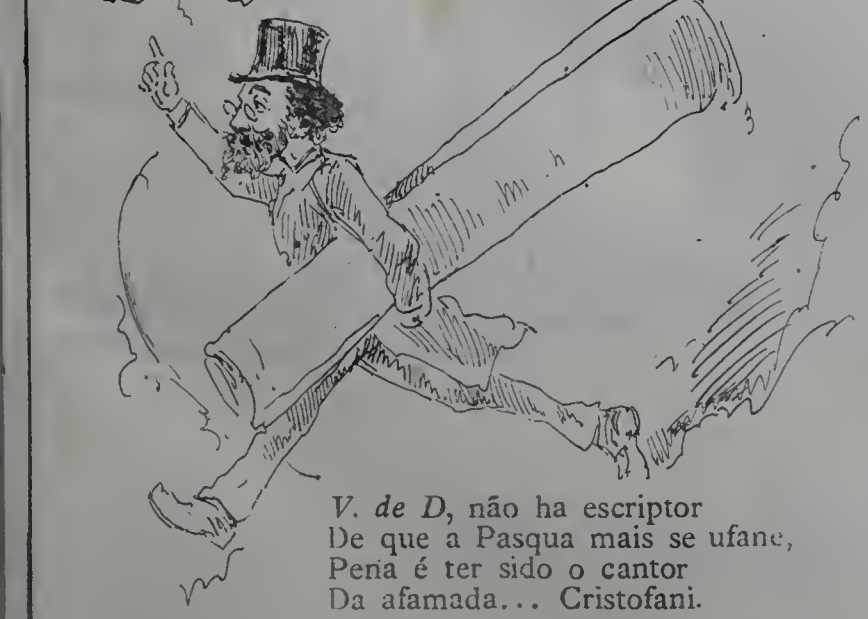
Que diz o Antonio Du...
O Bellini lusitano,
D'este combate tão crú,
D'este lutar tão insano?

Desde que foi retratado
De farda, espadim, commendas...
Anda muito socegado
E não mostra as suas prendas.

Pizarro... critica certa...
Tudo faz... de tudo entende...
É qual outro que... Concerta,
Toca, aluga, afina e vende...

José Carlos, dilettante
Da mais fina e boa marca,
Assiste á luta incessante
Como um velho patriarcha.

Á Pasqua vae elle dar
Um lhetim... ainda bem!
É caso para cantar...
Cada um dá o que tem.



V. de D, não ha escriptor
De que a Pasqua mais se ufane,
Pena é ter sido o cantor
Da afamada... Cristofani.

Alfredo, ó novel chronista
D'esssa folha do Burnay,
Que és um grande pianista..
(Toca o *Barba-azul*, *olé!*)

Tu que és gentil e garboso
Faze-me um favor que peço:
Quanto eras habilidoso
Eu não sabia, confesso,

Tocas, compões e critícas
Tudo bem (modestia á parte)
Porém... foge d'essas tricas
Ó *Topa-a-tudo* da arte.

Ibis-cachimba, um coral,
Que, mansinho, faz a critica,
Como no mesmo jornal
De habito se faz a politica;

Dizes que não tens partido,
Que és *incolor*, ai lindinho,
Sujeito muito sabido...
Mas p'ra cá vens de carrinho.

O da *Crença* já medita
Em dizer duas parólas
Sobre a questão, que se agita.
Da differença de escólas.

Se a da Reszké é franceza
Vai elle travar polemica,
Pois affirma, com certeza,
Que ella é... da *Escola Academica*.

RIGOLETO

Theatro de D. Maria

Sexta feita 26 de janeiro. Festa artistica de Baptista Machado

P'ra o actor Augusto Rosa
Deve chegar amanhã
Dos *magasins du printemps*
Um fato soberbo, assim...
O Torres já tem casaca,
E a grande Emilia dos Anjos
Mandou fazer uns arranjos
No corpete de setim!...

O Baptista encommendou
De fato uma nova andaina:
O proprio Keil n'essa faina
Trabalha sem descançar.
E na Cecilia Fernandes,
A mais habil costureira,
Tem á Amelia da Silveira
Um vestido a concertar!

Mas tal escrup'lo nos fatos
Foi despesa mal cabida,
Visto que a peça escolhida
Se chama *Os filhos de Adão*...
Sendo em rigor os *costumes*
É de suppor, pelos modos,
Que na peça venham todos
Com *toilettes* á frontão...

PAN.

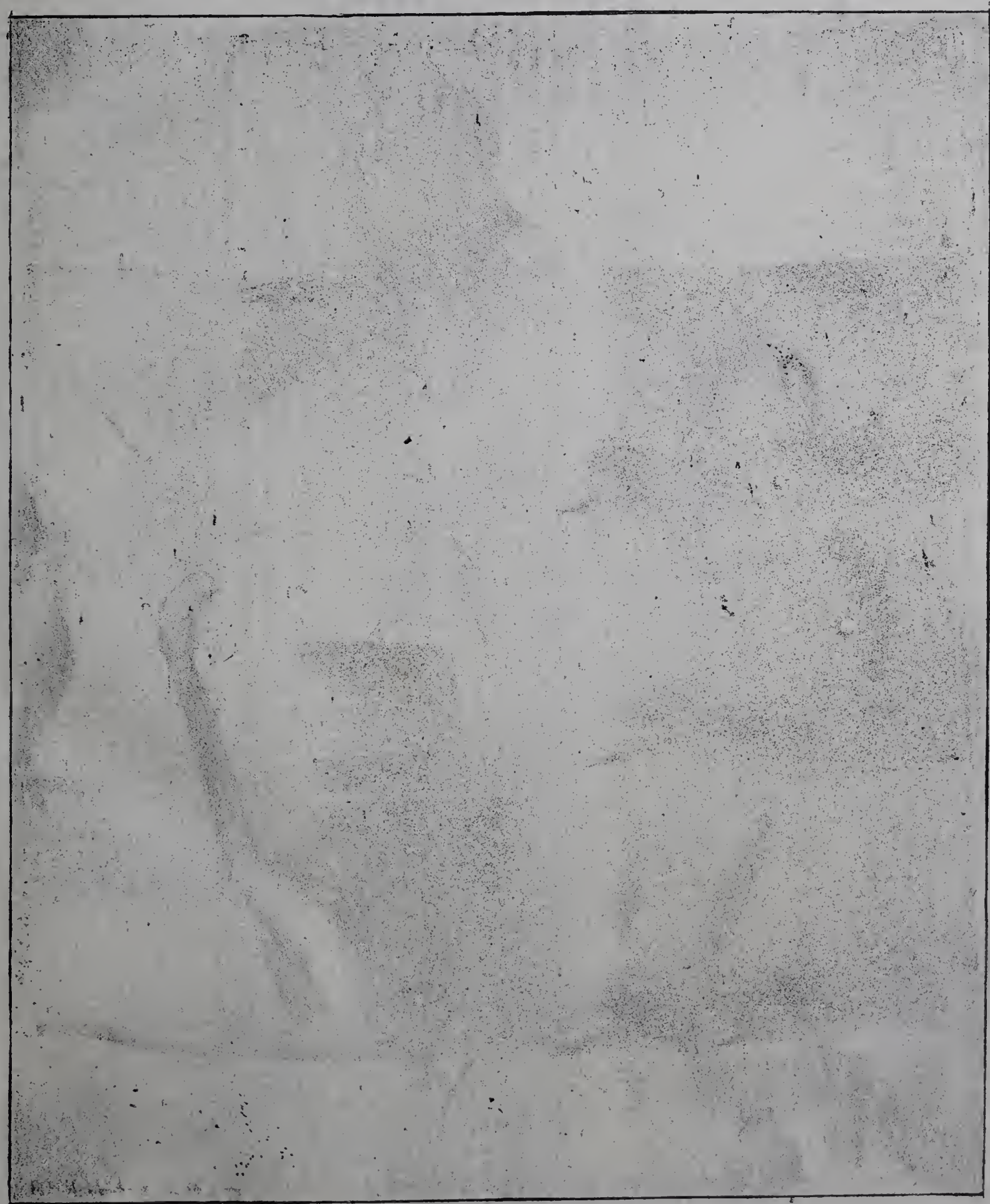
Em vista da alluvião de querellas, com que o santuario do piolho nos distingue, obrigando-nos a estar com um pé em casa e outro na Boa Hora, resolvemos pedir á camara municipal licença para construir no pateo d'aquelle tribunal um kiosque, não para a venda do *Antonio Maria*, mas para a sua confecção e d'onde nos communicaremos por fios telephonicos com os cartorios dos differentes districtos, sempre que haja processo entre mãos. Sujeitamo-nos da melhor boa vontade a que o referido kiosque seja vigiado de dia e de noite por todas as auctoridades policiaes cá da terra e pedimos apenas que o serviço seja feito por forma que os frequentadores d'aquelle santuario não confundam o nosso estabelecimento com os kiosques de ferro que por ahi se encontram em algumas praças.

PAGINA PARA HOMENS

Quando por ahi se publicam uns volumes aphrodisiacos, que o editor denomina: *leitura para homens*, não é muito que o «*Antonio Maria*» faça imprimir, na semana do carnaval, uma pagina *só para homens* e que representa, não obstante suja, um gracejo innocente. Em todo o caso, não quizemos dal-a á estampa com tinta commum para que não fossem offender-se as familias em cuja casa o *Antonio Maria* tem entrada. Fazendo imprimir esta pagina com tinta sympathica e ensinando ao leitor o processo para tornar visiveis os caracteres, realisamos uma brincadeira original sem que comnosco possam offender-se alguns leitores mais melindrosos.

Eis o processo:

Com uma esponja pequena, um pincel, ou mesmo um trapo de linho fino, molhado em agua bem quente, esfrega-se cinco ou seis vezes a parte esquadrada d'esta pagina, afim de diluir o preparado chimico que preserva o desenho do contacto do ar; depois do papel ter seccado bem, ensopa-se toda a estampa com o summo de um limão, ou outro qualquer acido, havendo o cuidado de enxugar a folha, momentos depois, com um panno fino ou uma folha de papel mata-borrão. Isto feito, aquece-se a pagina passando-lhe por cima um ferro de engomar bastante quente, até que o desenho se torne perfeitamente visivel.



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

CARTEIRA DE BERTRAM

I

Boatos Carnavalescos

N'um dos ultimos dias, á hora em que no Terreiro do Paço as secretarias despejavam em grandes ondas negras uma inundação interminavel de magros amanuenses, um d'estes, pallido e rachitico, andando eu pacatamente a tomar as brisas olorosas á borda do Tejo, avisinhou-se tyranicamente de mim, e envolvendo-me n'um momento nos seus tentaculos perfurantes, segredou-me ao ouvido:

—«Não és capaz de saber, amigo diabo, a grande novidade ainda de ninguem sabida?—E eu: «é verdade que não!—Então elle, triumphante: «Pois sabe, belzebú ignorante, que o nosso grande e illustre Fontes acaba de receber este inflammado e glorioso telegramma:

«*Alturas, meio dia. Meu caro, ardo ha tempos no mais vivo desejo de collaborar comtigo no governo tão sabio e pintado e epico, d'esse Portugal que outr'ora mandou uns gigantescos piratas descobrir onde eu nasço. Hoje, não posso resistir mais a esse desejo, e transformando meus raios em lagrimas, eu te peço que me concedas uma pasta. Ó Antonio, meu amado! ó Maria, minha gloria! não me recuses esse beneficio grandioso, não queiras que eu morra, deixando o triste mundo sem vida! Oh não faças de mim um luminoso Tantalo do poder, e podendo tambem demittir Thomaz o mavioso, meu eterno inimigo apaixonado da lua morbida, não sejas cruel ao ponto inverosimil, de me negar o marroquim dod espacho. Sim, faze por me servir—que eu te levarei o appoio nunca visto de todos os sóes do firmamento, com que deslumbrarás Zé Povinho,—e até alguns dos teus deputados. Em tuas mãos omnipotentes deponho, pois, o fogo sagrado da minha vida.*

assignado, SOL.»

Foi tambem no Terreiro do Paço que, segundo crentemente se diz, appareceram ante-hontem á meia noite certa, as figuras colossaes de Rabelais e Pantagruel, sombras indefinidas e esfumadas cujas cabeças se perdiam mysteriosamente no espaço. Enchiam elles só todo o Terreiro, e estavam um em frente do outro, parados e solemnes, conversando n'uma surdina que lembrava o rumor d'um mar longinquo em tempestade, quando por baixo das suas pernas phantasticas se esgueirou rapidamente o cão negro do Funccionalismo, monstro escanzellado e transparente com olhos phosphoricos de odio e rapina. Então, Pantagruel interrompeu-se, e soltando uma das suas gargalhadas que fez dançar tremulamente as estrellas, disse ao seu creador apontando para o animalejo que fugia:

—*Hé! maître, quel diable de bêste si maigre!*

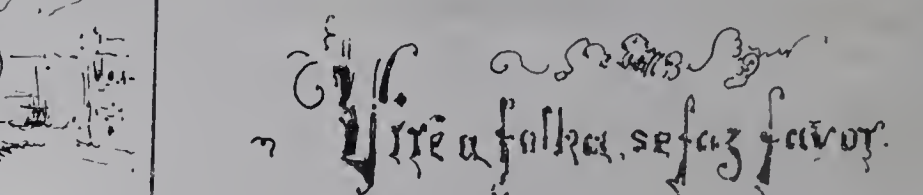
Mas Rabelais, sagaz, ponderou logo, perfilando no ar um dedo gigantesco e sentencioso:

—*Nennil, je te dis! Oncques ne vit-on tant gros mangeur que iceluy.*

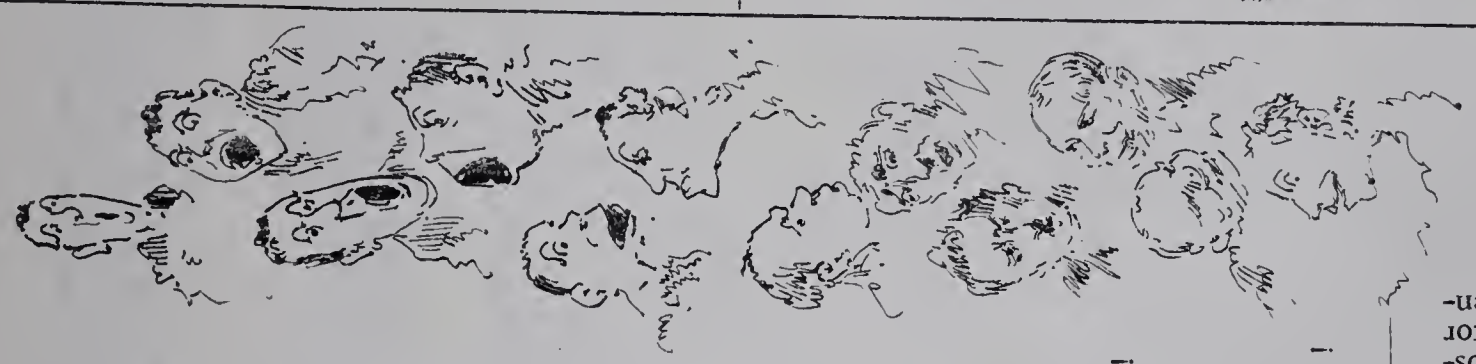
Consta que o sr. José Gregorio comprehendeu agora, finalmente, ao cabo de longos e pacientes estudos, que é a terra que se move em volta do sol—pelo menos emquanto este não descer consoladamente a tomar as ordens do egregio sr. Fontes. Mas d'essa comprehensão ainda vaga, nasceu um tremendo pezadello que lhe povôa as noites, sinistramente. Sim, o que será da triste povoação lisboeta quando a cidade se voltar um dia de cangalhas no espaço? Mas uma scentelha faiscou no seu cerebro de nata, e Gregorio vae já mandar dividir toda a canalisação subterranea em commodas casamatas, onde, assim que estejam promptas, o lisboeta passará logo a residir. E no entender previdente do mesmo illustre senhor, não só d'esta fórma todos nós ficaremos alojados em refugios seguros contra aquella catastrophe astrologica, mas ainda será emfim resolvida, por uma vez e astuciosamente, a grave questão do saneamento da capital.

Devem chegar ámanhã pelo meio dia cheio de sol ao largo da Boa Hora, dois rudes Titans armados de tenazes cyclopicas, com as quaes suspenderão no ar o magestoso edificio onde serenamente resona a Justiça; e conduzindo-o a correr, por causa do fedor mortal, até ao cabo Carvoeiro, irão afundal-o no oceano desolado, deixando-o lá de molho a vêr se é milagrosamente possivel laval-o de todo o esterco secular que o fórra caprichosamente, e de toda a gorda bicharada que por lá vive em santa camaradagem com os processos e com as consciencias austeras. *Pisca-pisca* não será tambem levado a esse forçado banho geral, porque entre as tenazes cyclopicas seria apenas um pobre atomo.

Prevenção aos navegantes!

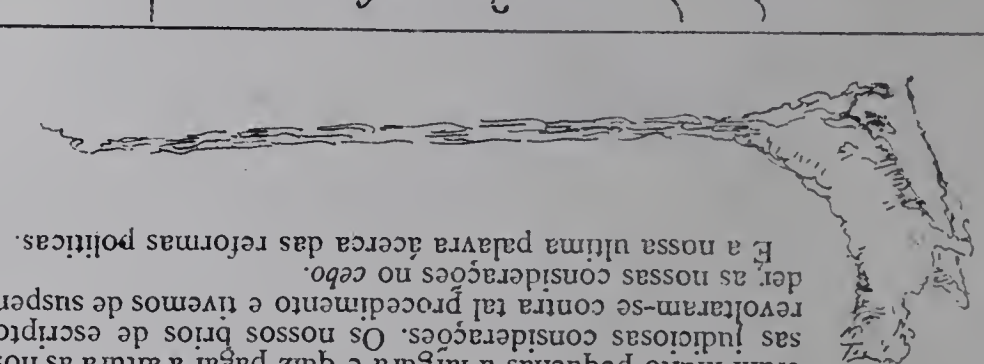


As reformas politicas



N.B. O proprietario do *Antonio Maria*, que costuma pagar a prosa á linha, entendeu d'esta vez que as linhas eram muito pequenas á largura e quiz pagar á altura as nossas judiciosas considerações. Os nossos brios de escriptor revoltaram-se contra tal procedimento e tivemos de suspender as nossas considerações no *cebo*.

E a nossa ultima palavra ácerca das reformas politicas.



Consta que o muy nobre e discreto sr. conde de Almedina ainda não convidou para nenhum dos seus bailes já celebres, um ou outro professor distincto da Academia d'onde é inspector, e com quem todos os dias trata mais ou menos intimamente, porque na sua cabeça uma idéa recondita bailava, e essa idéa — felizmente unica, — vae agora explosir victoriosamente pelo convite de todos os artistas portuguezes para uma soirée especial, que naturalmente terá logar na proxima terça feira gorda, muito exclusivamente e notoriamente dedicada a elles. Porque lá o illustre inspector não tem dos artistas a noção fossil de que elles sejam uns piolhosos parias!

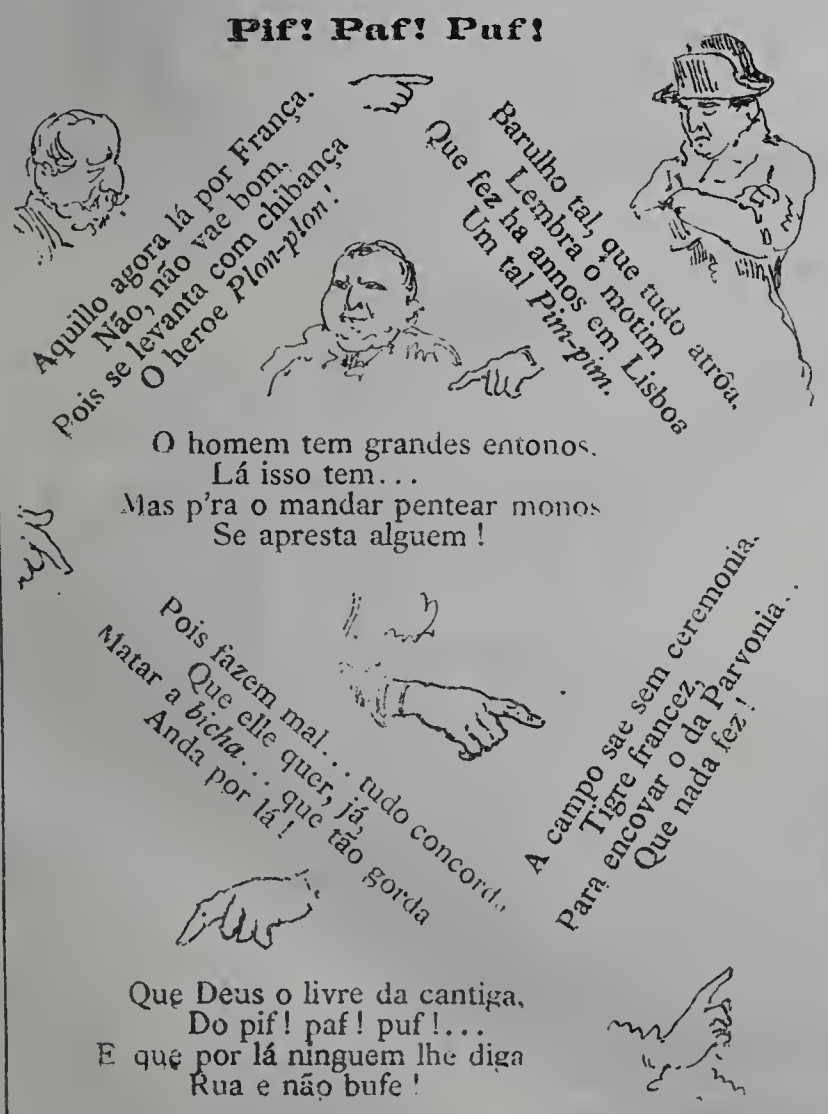
Primeiro, lembrou-se o sr. conde, — vulgo Delgim, — de dar um baile *masqué*. Mas n'este caso, desatavam sem duvida a entrar-lhe em casa aos bandos, na noute fatal, os grandes mestres da renascença, e mestres hollandezes, e mestres venezianos, e mestres inglezes e allemães, e mestres hespanhoes, e mestres francezes do seculo XVIII, e mesmo alguns do recente periodo romantico! Que embaraço, santo Deus! Como havia de receber o sr. conde cada um dos seus convidados, fallando-lhe eruditamente da sua época, da sua obra, da sua gloria, e até das suas aventuras galantes!

E o sr. conde, com um calafrio no espinhaço, poz de lado esse intento estulto. Safa! Resolveu então modestamente receber os artistas em *petit comité*, — uma cousa, que elle usa. Mas inda assim, que diabo.— Era preciso entreter toda a noute essa gente com ponderosas observações sobre esthetica, a evolução e o progresso da grande Arte, o definhamento actual da esculptura, o triumpho da Paysagem, os exigentes processos da critica, e todo o infinito e garrido mosaico das graves questões da arte moderna, de que elle nunca se aproximou afoitamente, porque o deslumbram e estonteiam de longe, apenas entrevistas. Ah! elle não podia com tal tarefa! Não porque não soubesse, graças a Deus,— mas... mas acanhava-se, ora ahi está! Tratava-se, pois, de arranjar alguem mais corajoso — e que andasse melhor do que elle ao corrente da moderna arte nacional...

Eureka! Eureka! o sr. conde, sempre habil, acaba de rogar o bom Manuel do café Leão, para ir na noute citada receber condignamente os artistas convidados.

ROBERTO

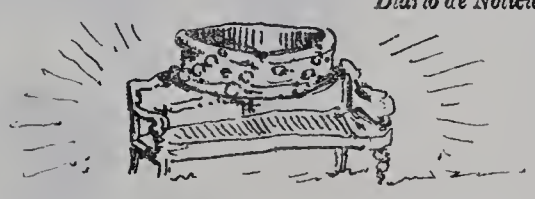
Pif! Paf! Puf!



Um barão de Canapé

«Foi agraciado, pelo governo brazileiro, com o titulo de barão de Canapé, o sr. Cardoso de Salles, consul do Brazil em Londres».

Diario de Noticias, n.º 6:106



Que bella commodidade
Este barão hade dar...
Só de ouvil-o dá vontade
D'um patusco se sentar.

Tenho um canapé antigo...
E pela mesma razão
Eu peço p'ra o meu amigo
A mercê de ser barão.

Este barão afamado
Que recebeu tal gracinha
Foi, por certo, agraciado...
Por ter fundo de palhinha.

Se o barão de *Canapé*
Nos seus palacios doirados
Dér um dia um salsifré...
Terá nos seus convidados:

O marquez de *Aparador*,
A princeza da *Cadeira*,
A viscondessa — que horror!
Da *Banca da Cabeceira*.

E brilhará, com certeza,
Entra os mais formosos collos
O da adoravel duqueza...
A duqueza dos *Consollos*.

E se acaso verdade é
Que o progresso não repousa,
Será visconde... o *Bidet*,
E barão... *cá uma cousa*.

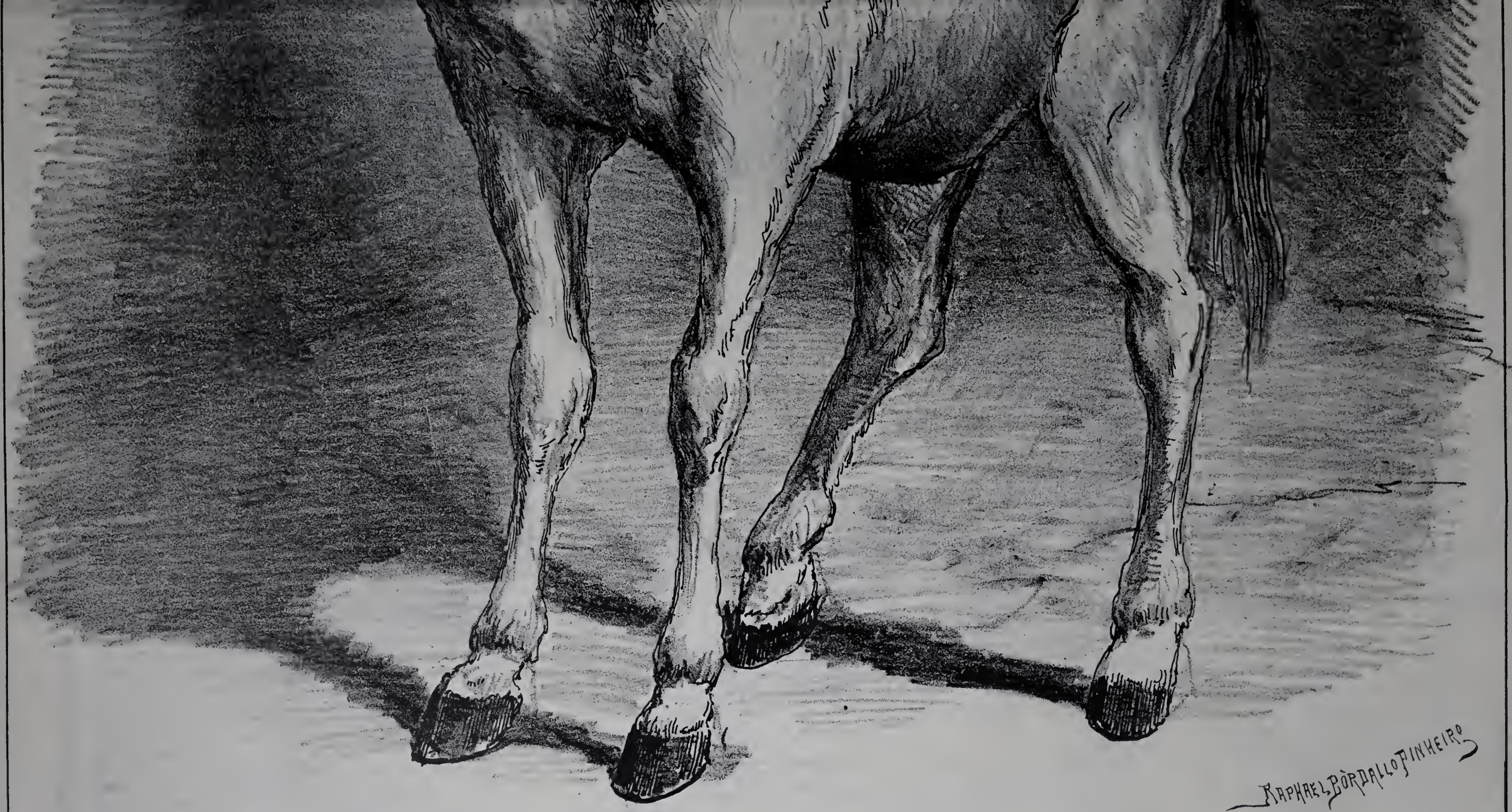
RIGOLETTO.

No baile de mascaras

(SPECIMEN DO ESPIRITO PORTUGUEZ)

Um caixeiro — Pela mão conhece-se que é pessoa fina.
Dominó — Conhece? Ora vá beber.....

Um amanuense romantico—Lindo pagem! Quem me dera o teu amor e uma cabana!
Pagem — O que você queria era um *estrallo* na cara. Ora o pelintra!

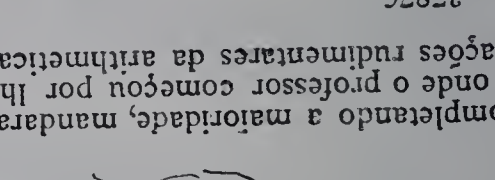


Á falta de melhor, ahi teem este assumpto; albarde-o cada um a seu gosto. E vós, criticos da terra, aproveitae o ensejo para despejar a tigella da casa do vosso espirito... Dizei que é o nosso retrato... que vem muito parecido... e tal etc... Ferrae-nos a vossa unha, que vos ferraremos a nossa.

Cada um ferra à unha que tem...

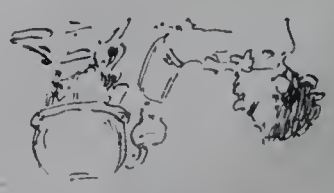
O ASSUMPTO DA SEMANA

Biographia do grande homem

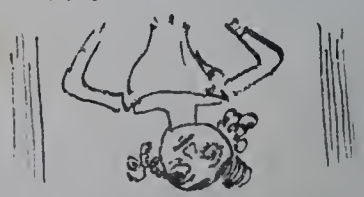


Revelou sempre decidida propensão para a guerra, assim que veiu ao mundo deu inequivocas provas d'isso..

Aos trez annos manifestava-se-lhe o gosto pelo desenho e esboçava com lapis de carvão um obuz de grande ilcance...



Aos dez, construia pelas suas proprias mãos e apresentava no ministerio da guerra um modello de kepes para o exercito.



Aos dezeseis, tendo-se desenvolvido extraordinariamente no estudo do desenho e sentindo o coração trespassado pelas setas do deus menino, fazia o retrato da sua primeira Dulcinea...

Um anjo... d'uma aza só.

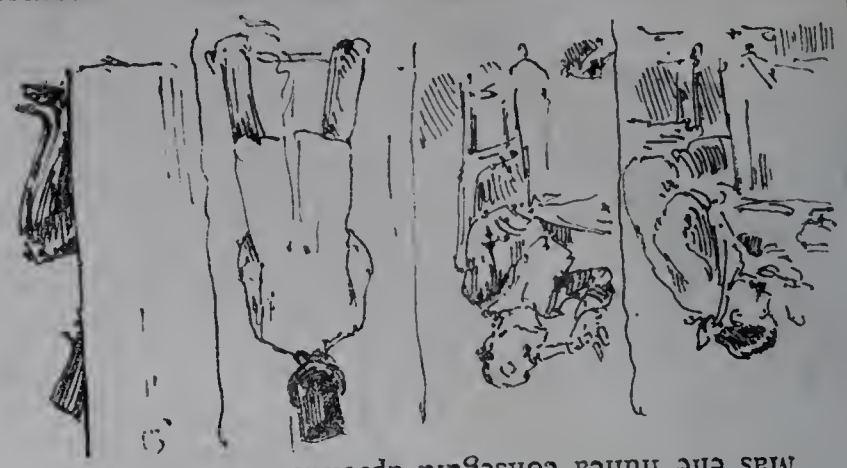
Completando a maioridade, mandaram-n'o para o collegio, onde o professor começou por lhe ensinar as quatro operações rudimentares da arithmetica

37876	19785,2
50078	92526
87954	105326

576301
15
288150,5
576301
864451,5

2571,31 | 37
353 69,5
201
16

Mas elle nunca conseguiu aprender senão estas



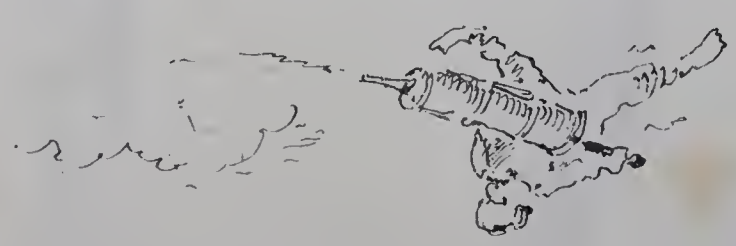
D'ahi, entrou para a redacção d'um jornal semanal, onde, entre outros, compoz e fez publicar o seguinte enigma pittoresco:

Ai ai tiro liro liro

Mais tarde, travou relações artisticas com o *José das caixinhas* e dedicando-se áquelle ramo de commercio inventou a caixa de apanhar moscas

e collaborou efficazmente na construcção da *caixa dos depositos*...

E em seguida subiu ao Olympo, d'onde se diverte a seringar a humanidade.



Salão da Trindade

Quinta feira 1 de fevereiro

Vá-se arranjando a cidade,
Que o nosso amigo Figueira
Dá um baile na Trindade
Quinta feira.

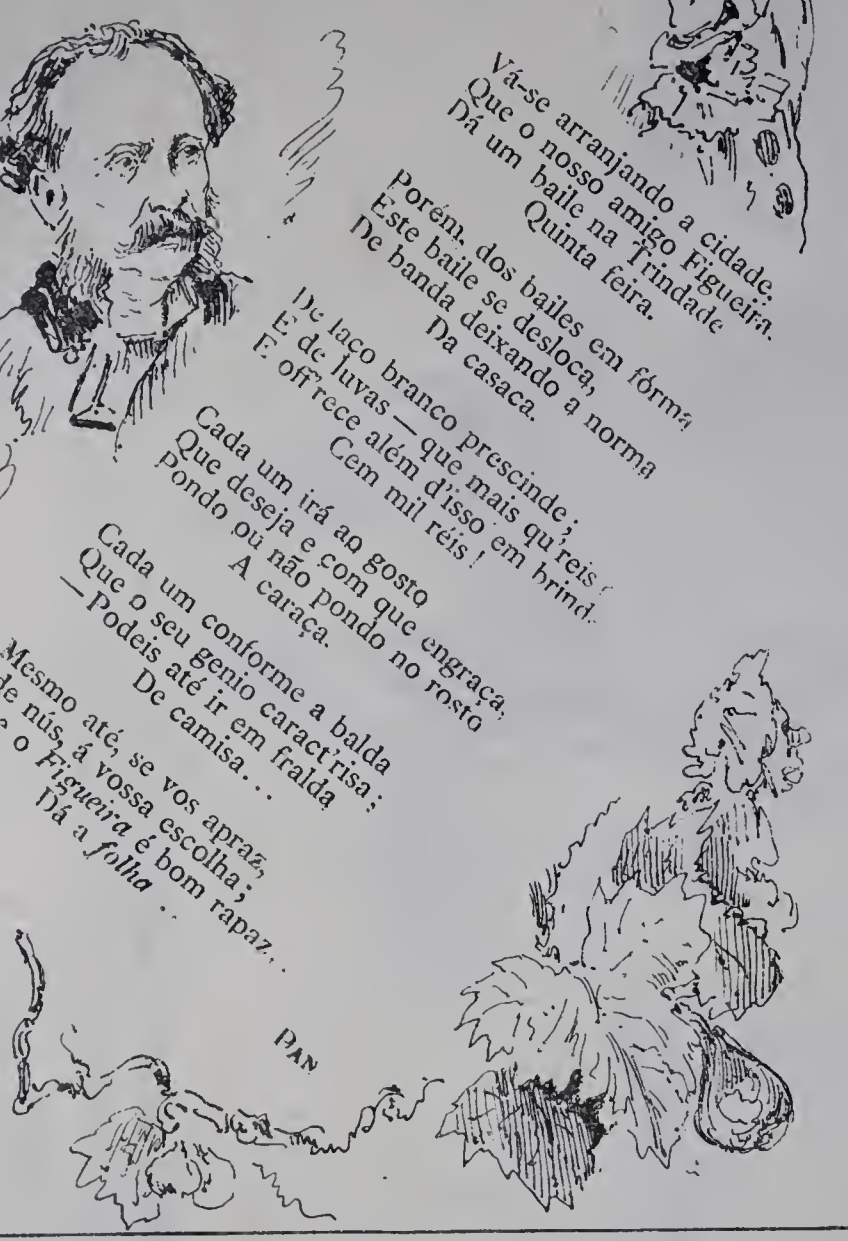
Porém, dos bailes em fórma
Este baile se desloca,
De banda deixando a norma
Da casaca.

De laço branco prescinde;
E de luvas — que mais qu'reis?
E off'rece além d'isso em brinde
Cem mil réis!

Cada um irá ao gosto
Que deseja e com que engraça,
Pondo ou não pondo no rosto
A caraça.

Cada um conforme a balda
Que o seu genio caract'risa;
—Podeis até ir em fralda
De camisa...

Mesmo até, se vos apraz,
Ide nós, á vossa escolha;
Que o *Figueira* é bom rapaz...
Dá a *folha*...



Ao auctor dos Realismos Carnavalescos

Recebi o exemplar
Das cheirosas piadinhas,
E muito t'as agradeço,
Amigo trez *estrellinhas*.

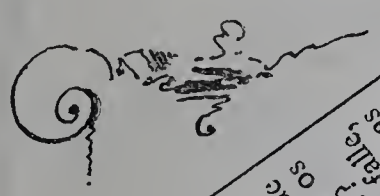
A obra é muito patusca,
Acata a santa moral,
E está mesmo a dizer ginjas
P'ra o tempo do carnaval.

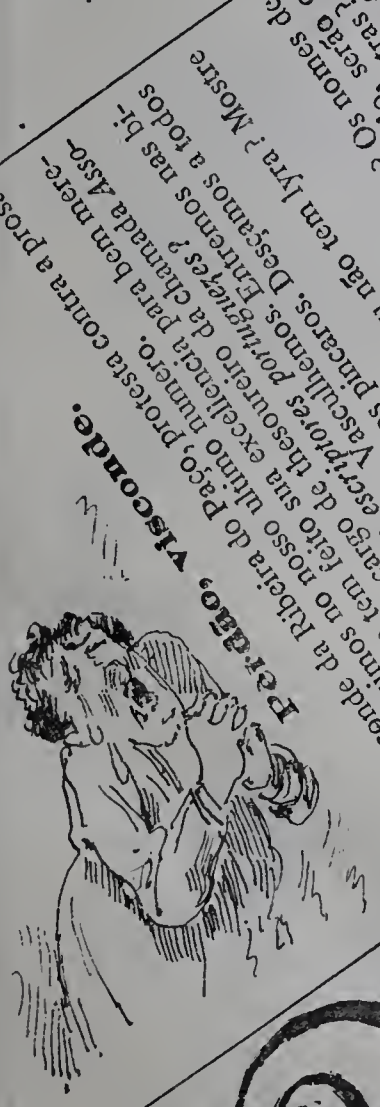
Podem lêl-a, com proveito,
Meninas, pandegas, grulhas,
Que inda choram á socapa
P'lo bello tempo das pulhas.

Pouças obras n'este gosto,
Com seus attractivos bellos,
Tem despertado a rizada
E feito gemer os prelos.

De comprarem o livreco
Todos hão de ter cobiça..
Aquillo esgota-se logo;
É fogo viste, linguiça.

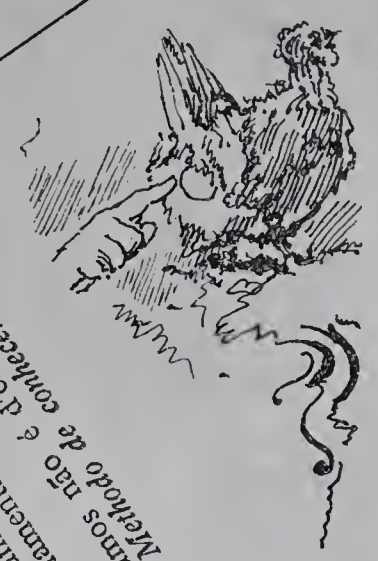
Demais, amigo estrellinhas,
Em tempo de carnaval,
Aquillo por seis vintens
É ovo por um real!





Padrão, visconde.

O sr. visconde da Ribeira do Paço, protege que lhe attribuimos no nosso ultimo numero. Mas, então, que tem feito sua excellencia para bem merecer este pomposo encarrego de thesoureiro da chamada Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes? Bateremos nas bibliotecas. Escobiemos os pincaros. Desgramos a todos os poços. Subamos a todos os vasculhemos os numeros a Ivra, visconde, que fez? Afinal sua excellencia tem lyra ou não tem lyra? Medicamos os seus poemas, sim, sim, a lyra do visconde, que é? Quem é o orador, que é? Será poeta? Será visconde, de João Antonio Candido, não nos com que viaja no mundo das letras? seus pseudonymos, expondo as suas obras, os seus triumphos, as Visconde, Querem mais corôa! Deus, valeu-nos! Que faz o visconde, onde escreve? Bom Dom Porbolem, a folha de Rosalino? Na Jornalista! Tem livros, peças, versos... Jornas, Guerra Junqueiro é como elle apresenta os seus sapos, elle responde, o visconde, o Sado, que jornaes tem escripto, visconde? Perdão, perdão, Dumas é como elle assigna os seus poemas, sim, sim... Tem livros, vamos passar por ahi, como um simples mortal, sem o deixavamos nos curvamos, nos humildes E nos que o distincto vate a vossa corrupiendente, do vossos sublimes meliores hymnos de letras... Fanfarras da posteidade, o grande homem cantadas divinas... Gloria, glorieae os grande sol... Que o visconde... Duvidamos, mas hoje arrependidos tubuno, locar-lhe a porta de lamas, corrua de flores sobre a cabeça do fama, como um sinfamoso ha entorna de vossa, o Gloria, glorpodem um grande erais apenas uma boa pessoa e afinal sois tambem a Perdão, visconde... Pensavamos que pessoa parte que tal filho tem... estamos. Que todas as vezes *pum!* em sua honra. *Pum!* E que em mil as bandas *pum!* Aquella prosa de lhesourero... Conservai-vos, visconde, no vosso posto não é d'elle, não. Conservai-vos com a sublime medalha da illustrada associação, que Lisboa o vosso nome a estas horas echoa por toda a parte de Lisboa ao Egypto, de Belem á povoa, do zenith ao artico ao anar- tico, do Rocio á franca e da Bitessa ao nadir, do Castello... quem por um momento Camões, tende a bondade de resuscitar e vinde compulsar o nosso amigo, o vosso mestre de Garrett, Castilho, Ribeira do Paço... A sua Patria, parte felizmente duvidamos. A prosa que apresentamos não é d'elle, não... *Methodo de conhecer se a galinha tem ovo.*



Perguntas enigmaticas

(AO LEITOR)

— Se offegante de canceira
Appetece uma cadeira,
Que não ha,
E um sofá se lhe apresenta,
Onde é que o leitor se senta?
— No sofá!...

— E depois de farta ceia
Se o leitor de pança cheia
Abarrote,
E exp'rimente horrivel dôr,
Onde se senta o leitor?...
— .....!...

— Do rosal entre os perfumes,
Vendo girar em cardumes
Mariposas,
A que é que a brisa fagueira
Quando perpassa lhe cheira?
— Cheira a rosas!...

— E quando, n'um quarto estreito,
A qualquer vaso suspeito
Tira a tampa,
Quando o cheiro ao teto assoma,
A que lhe cheira esse aroma?
— .....!...

(Á LEITORA)

— Se Armando um beijo lhe pede
Sem que vocencia se azede
P'lo desejo,
Se Armando adora a leitora,
O que lhe dá a senhora?...
— Dou-lhe um beijo!

— Mas se analogo pedido
Lhe dirige um atrevido,
Um basbaque,
Se tal insulto a desgosta
Que é que lhe dá em resposta?
— .....!...

— Se a leitora, fraca e pêca,
Soffre uma dôr de enxaqueca
Que a caustica,
Onde é que manda a receita
Que á saude lhe aproveita?
— A botica!...

— E se uma tia ricassa,
No testamento que faça
A desherda,
Onde é que a leitora pia
Manda a memoria da tia?...
— .....!...

PAX.

As coristas dos Recreios

Dize-me cá, Salvador,
Onde arranjaste esses mimos..
Tu não calculas a dôr...
Que, ao vêl-as, todos sentimos.

Nunca vi deusas tão bellas
Como eu vi n'essa Revista...
O Carlos Bento ao pé d'ellas
Té fica a perder de vista.

Quando as vi todas marchar,
Qual d'ellas a mais catita,
Estive para gritar:
Por favor, oh, Costa... apita!

Dize-me cá, Salvador,
Sem que com isto te offenda..
Nymphas com tanto primor
Foram feitas d'encommenda?

Dize-me onde é o mercado
D'essas formosas sultanas;
Um grupo tão delicado...
Decerto são todas manas.

Ha lá uma, que é baixinha,
De corpo tão... definido,
Que eu julguei ser, palavrinha,
O Arrobas encolhido.

.....

Quanta luz no seu olhar...
Não tem o sol mais fulgor!
Aquillo... é vêl-as passar
E ficar doido de amor.

Dos seus labios sensuaes
Cae a terna serenata...
Ai, quem me dera, vestaes,
Fazer-vos... bichinha gata.

RIGOLETO.

HIPPODROMO DA TRINDADE

Realisou-se na terça feira ultima a corrida em beneficio de Justino Soares. Eis o resultado do certamen

1.ª — Corrida de velocidade para egoas hespanholas de 22 annos. Chegaram todas ao mesmo tempo.

2.ª — Corrida de fundo para cavallos nacionaes de todas as idades. Sairam dois da pista.

3.ª — Corrida de saltos altos — para poldras peninsulares. Saltou apenas uma.

4.ª — Corrida de consolação — no botequim.

A estampa carnavalesca do nosso ultimo numero

Os logares de fructa não tiveram mãos a medir.

Os limões encareceram quatro vintens em duzia.

Houve quem prescindisse d'aquelle desenjoativo na carne de porco só para o applicar á nossa estampa!

A partida da bisca foi substituida pela operação dissolvente.

A esponja das lavagens semanaes, dividida em talhadas, passou embebida em agoa quente sobre a primeira pagina do *Antonio Maria* com a subtileza cuidadosa com que momentos antes passára sobre o pescoço da dona da casa...

As filhas-familias, fechadas no seu quarto, *engommavam-nos* com a perfeição com que nunca foram capazes de engommar os colleirinhos do papá.

O ferro, no estado rubro, reduzia o papel a carvão, e o assignante corria solicito ao nosso escriptorio a comprar outro exemplar para que a collecção lhe não ficasse truncada.

Os nossos vendedores emagreceram dois kilos a subir e descer escadas.

Na administração do jornal receberam-se centenares de bilhetinhos em papel velinho, com caracteres microscopicos, irregulares, traçados por mão femenina, pedindo *um numero do Antonio Maria que traz a estampa só para homens!*

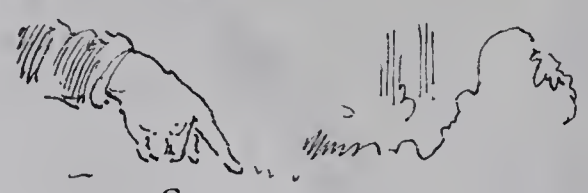
A nossa escripturação accusa uma venda de mais vinte mil exemplares de que nas semanas precedentes!...

E o leitor ingenuo, rogando-nos, depois da infructifera operação, a mais tremenda das paulinas, protesta contra a pulha, chorando os tres vintens que perdeu, e apodando-nos de insulsos, insipidos e semsaborões, porque lhe démos uma pagina immaculada e branca como as azas d'uma pomba, em vez de lhe proporcionarmos um desenho fresco e emporcalhado como a aza d'um...!!!

Pois não tens razão, leitor amigo; a pagina que te offerecemos encerra, como todas as nossas estampas, sob essa apparencia frivola, insignificante e galhofeira, uma fina observação e um conceito sapientissimo do que vale e do que é a imaginação e o espirito nacional n'uma semana carnavalesca.....*nihil!*...

Pan.

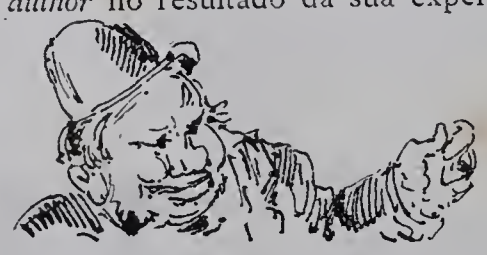
Tendo-se recebido na administração d'este jornal algumas cartas referindo-se á nossa estampa carnavalesca do ultimo numero, pede-nos a cortezia que façamos a seguinte



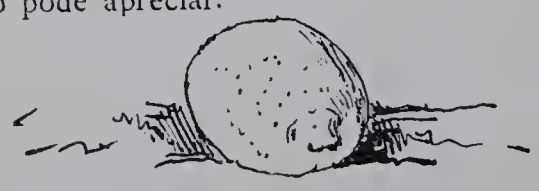
CORRESPONDENCIA

Um cidadão provinciano. Damos a explicação que pede, na primeira pagina; leia com attenção, matute com recolhimento e, se não perceber ainda, engomme tambem este numero, que temos muitos exemplares á sua disposição — pelo mesmo preço.

Lourenço Custodio. Agradecemos a explicação do seu processo para fazer transparecer o nosso modesto desenho, e o premio de tão importante descoberta encontrou-o o proprio *author* no resultado da sua experiencia...



Pancracio Zé. Aconselhamol-o a que fixe a estampa com um olho apenas aberto, e no effeito optico, assim concentrado, descobrirá coisas extraordinarias, que á primeira vista não pôde apreciar.

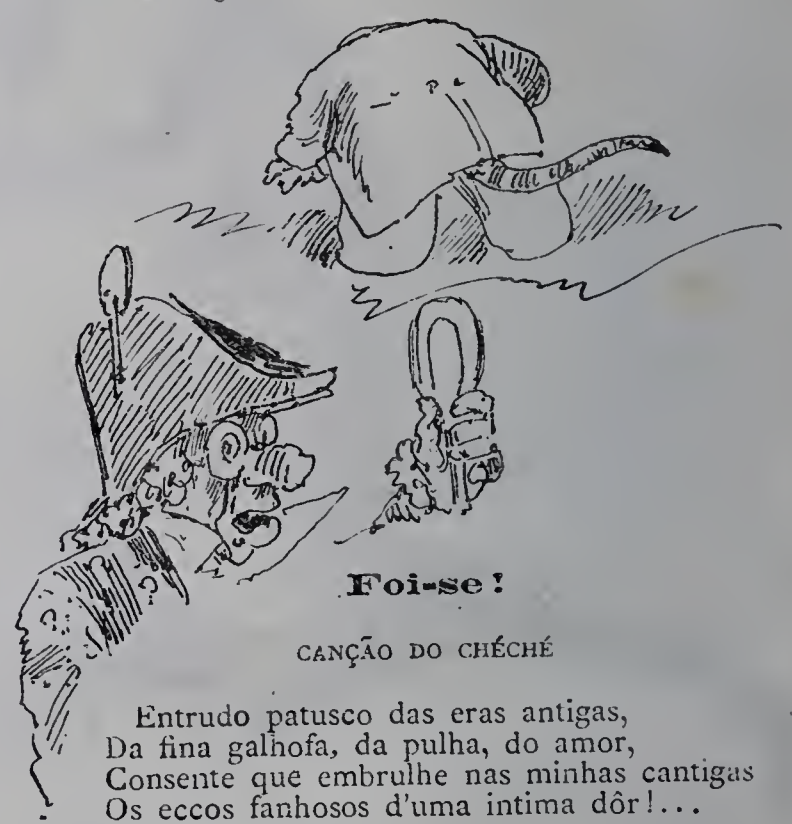


Assignante da Feira. Sentimos immenso que a operação não désse resultado; é a primeira pessoa a quem tal acontece! Talvez na Feira os limões não sejam bons, por isso tomamos a liberdade de lhe mandar um do logar da Vicencia: applique-o, e verá como descobre o desenho picaresco, exactamente como o sr. de Brazza descobriu o Congo.

Quem dá o pão dá o ensino, diz o rifão, e nós que temos por missão apepinar, devemos pela inversa prestar o elogio a tudo que o mereça.

O procedimento da policia, durante os dias de carnaval, tão contraposto ás suas proezas em igual epocha do ultimo anno, foi o mais accentuado titulo da cordura e do bom senso do actual governador civil.

Sendo a policia a mesma e os actos diversissimos, torna-se evidente que o mal partia da cabeça e não dos pés, o que em verdade não podia extranhar-se durante o consulado de um tigre sem pés nem cabeça.



Foi-se!

CANÇÃO DO CHÉCHÉ

Entrudo patusco das eras antigas,
Da fina galhofa, da pulha, do amor,
Consente que embrulhe nas minhas cantigas
Os eccos fanhosos d'uma intima dôr!...

O entrudo d'agora
Não presta p'ra nada...
Morreu a gebada,
Não ha laranjada,
Nem agua entornada
Por cima dos fatos!...
Quem hoje namora
Com terno carinho
Náo póde ao bemsinho,
Ao som d'um risinho,
Sujar o focinho
Com pós de sapatos!...

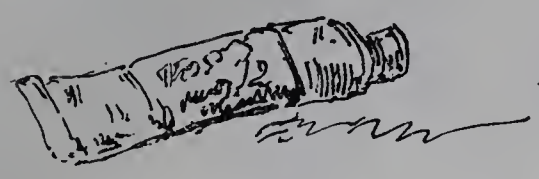
O entrudo d'agora — se entrudo nós temos —
Apenas o vemos
Na atroz reinação
Do coio patusco dos paes da nação!...

Ali varias vezes atira *laranja*
A gente da *Granja*...
Ali não é raro
Achar-se quem caia nas pulhas do *Caro!*

Ali o Arriaga, com mão alentada,
Deu muita *gebada*...
Penantes e quicos
De *fôrmas* diversas fazendo em fanicos!

Portanto, meu povo, se lá em S. Bento
O entrudo inda *ginga*...
Com pós e seringa
Corramos lá todos mais leves que o vento.

O CARNAVAL



Depois de mim virá quem bom me fará, doutrinava um velho proloquio, e nada como proverbios para ensinamento da vida!

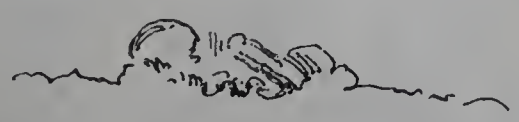
Prostrar-se-hão abatidos ao peso esmagador d'esta pujante verdade os que, ainda não ha longos annos, invectivavam injurias contra a graça sediça do *chéché* e despejavam aleives sobre o espirito tasqueiro do gallego carnavalesco.

O *chéché!* Ó sonho auriluzente da minha doce mocidade, como eu vos amo e vos deploro, ao vêr-vos resvalar no tumulo do ostracismo!...

O *gallego!* Ó veneranda reliquia de entrudos antepassados, como eu vos cobrira de beijos se vós podesseis voltar a illuminar-nos com as scentelhas do vosso espirito!...

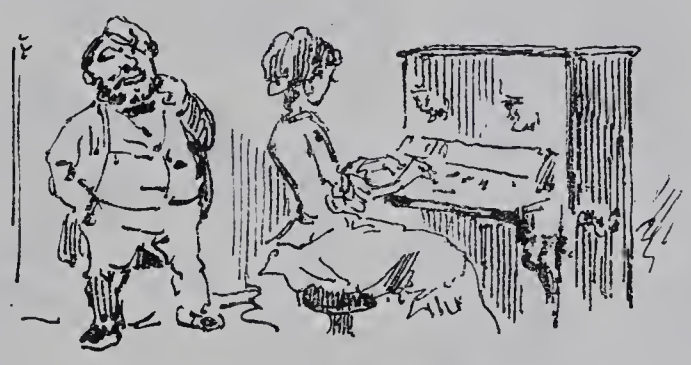
Vejo-vos ainda, *chéché* e *gallego*, cobertos de trapos multicores, as caras besuntadas de azarcão e pós de sapatos, os pés escondidos n'umas chancas enormes, e as mãos, enegrecidas do cerol do officio, quer brandindo a bengalla retorcida, com castão de corno de carneiro, quer agitando as castanholas asperrimas, saltando alegremente, á patada, por essas ruas fóra, dirigindo chufas para as portas, empulhando para as janellas e proferindo obscenidades para as trapeiras!

O progresso e o governo civil cortaram-vos as azas, e a graça morreu comvosco, porque vós constituieis o morgado, significaveis o filho unico do chiste nacional!

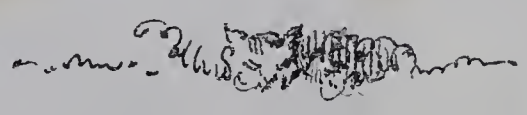


O *salcifré* em familia veio substituir, na escala das diversões carnavalescas, o *chéché* e o *gallego* moribundos. O burguez conspicuo, que no decurso do anno enthesourou dia a dia o peculio grosso do seu suor, arrecadado pataco por pataco na arca chapeada, que no quarto de cama usurpa o logar da banquinha de cabeceira, permitte-se na semana de entrudo a larga extravagancia de ordenhar á gorda burra algumas gottas do sôro precioso que elle costuma receber ao balcão por libras sterlinas.

Logo á boquinha da noite, invade-lhe os aposentos estreitos e angulosos uma aluvião irrequieta de mascaras divertidos, avidos de folia e perú cozido, que percorrem em bicha todos os compartimentos da mansarda, desde a sala de visitas até ao quarto das pseudo-lavagens, soltando guinchos extravagantes, cochichando segredos extraordinarios e bifando de cima do aparador as tangerinas e os figos passados que a propria dona da casa dispozera por suas mãos em pratos da India, com uma igualdade symetrica e uma precisão arithmetica, depois de consultar o rol dos convidados.



Pouco depois ouve-se na sala os primeiros acordes d'uma quadrilha francesa espremida ao piano pelos dedos euterpicos da menina mais velha e todos se lançam inebriados aos braços do praser, esquecidos d'este mundo e lembrados apenas da ventura ideal que os aguarda na polka e do lombo de porco assado que os espera na casa de jantar...



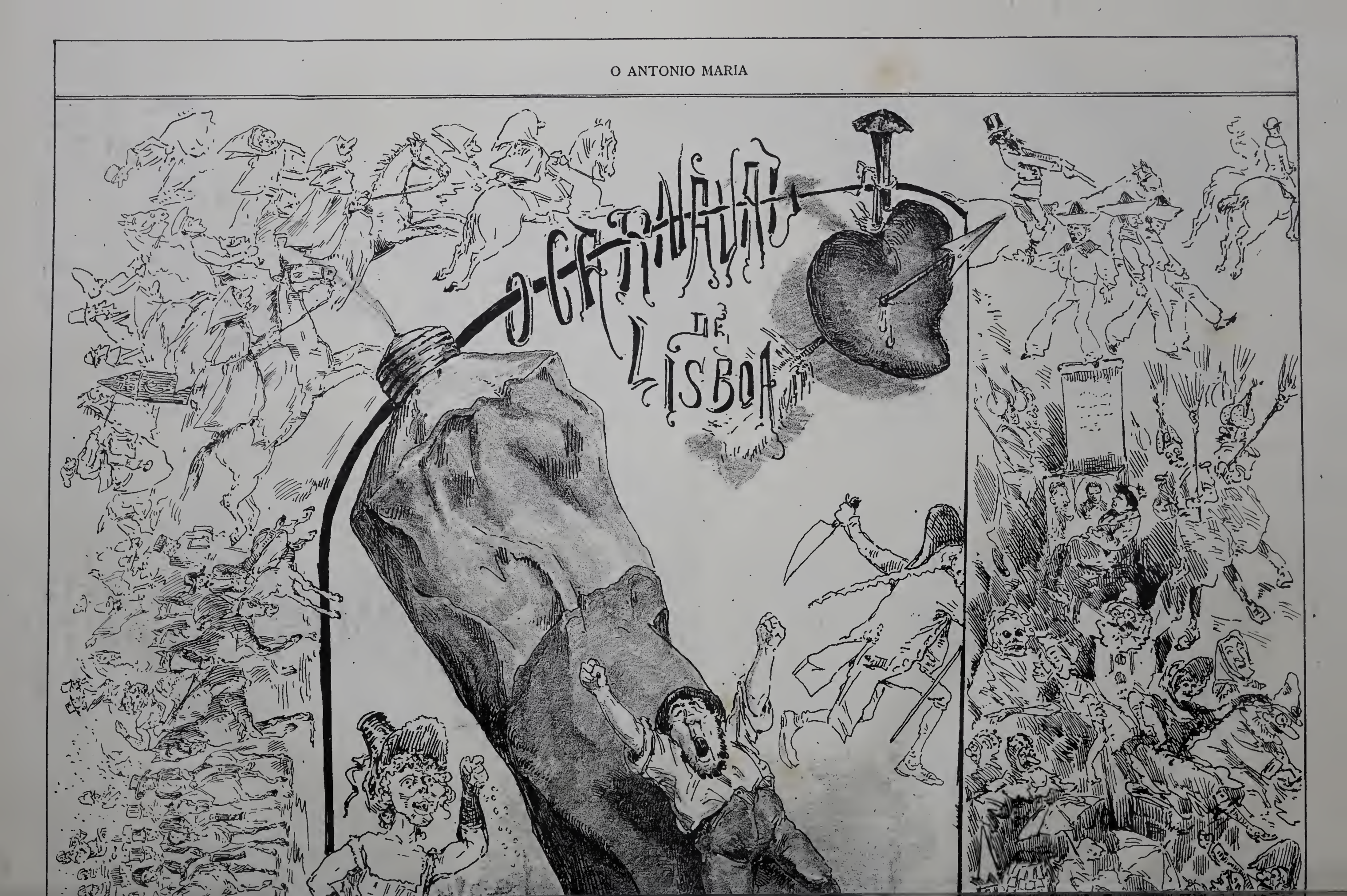
Mas o burguez começa um dia a madurar cordamente nos inconvenientes do *salcifré* em familia, que o faz passar uma noite em claro, que lhe põe a casa n'um inferno, que lhe mette os namorados das filhas de portas a dentro e que não lhe custa menos de nove ou dez moedas, e resolve sabiamente abolil-o, substituindo-o por outro genero de passatempo mais em harmonia com os seus habitos patriarchaes e com as suas medidas economicas. Um camarote na Trindade ou em D. Maria, na noite de domingo gordo, com o prato de meio de uma comedia meio seria e o desenjoativo de uma farça que dê uma pançada de riso, constitue um soberbo divertimento e é, relativamente, ovo por um real...

É assim que o burguez sensato, abjurando da soirée gaiteira, invade hoje os nossos theatros durante as recitas do carnaval.

Com o augmento da procura cresceu o movimento do negocio; e o espirito da ganhança, apertando n'um mesmo elo empresas e contratadores, fechou as portas do theatro áquelles que, tendo visto uma peça quatro ou cinco vezes, a seis tostões por noite, não desejam mais uma exhibição — com o dispendio de meia libra. De forma que, se um actor galhofeiro ou uma artista jovial ousam interromper o andamento regular do espectaculo com uma facecia innocente ou uma surpreza inofensiva, o espectador insurge-se, manifestando o seu desagrado com *schios!* e patadas, porque esse espectador adventicio, annual, que as empresas preferiram ao que lhe frequenta o theatro noite a noite, lhe applaude os pastellões dramaticos e lhe elogia as comedias insossas, quer gosar o espectaculo socegadamente, pacatamente, regradamente, pela forma porque se dançam em sua casa as masurkas a compasso — como manda a Santa Madre Egreja, e o sr. Justino Soares!...

PAN.

TREMOÇO
ESPIRITO
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO


O GRANDE
DE
LISBOA

CARTEIRA DE BERTRAM

II

FERIAS

Vae ser affixado em esquinas de ruas e praças mais transitadas, um edital em grossas letras d'ouro, assignado, ao que se diz, por todas as auctoridades competentes — e incompetentes, no qual entre outras medidas sabias e memoraveis se constata bem alto e claramente:

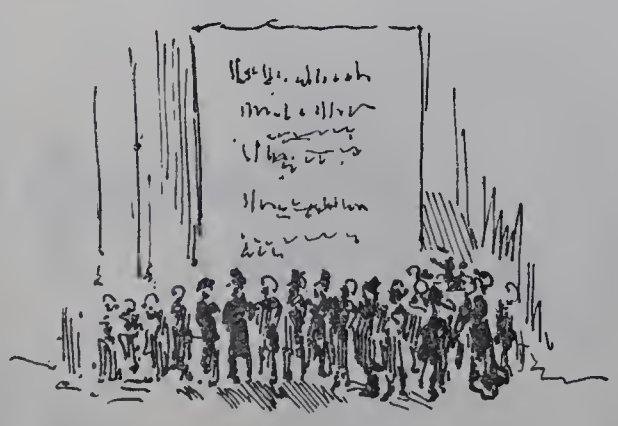
1.º—Que actualmente o mais prestante cidadão portuguez, é o fadista lisboeta, — pois que desgraçadamente acabaram os bons antigos bandoleiros d'estrada, de chorada recordação e prestimo só hoje devidamente aquilatado.

2.º—Que sendo Lisboa, especialmente, uma terra povoada de discolos que ás nove horas tomam chá, e ás dez se vão deitar com suas consórtes ou cosinheiras, daria uma vergonhosa amostra da civilisação nacional se não fosse elle, o fadista dedicado e nobre, que a olhos estranhos se encarrega felizmente de patentear quotidianos estendaes de bebedeiras chulas, amaveis facadas, amores de viella, fados lyricos e zangarreadas bulhas de guitarras.

3.º—Que, portanto, o fadista é o grande monumento nacional, junto do qual se deve depositar — toda a estimação publica.

4.º—Que como esse monumento precisa de viver, a nação vae em breve conceder-lhe uma retribuição justiceira,—para o que se creará um novo e pesado imposto, sobre todas as criminosas pansas dos discolos supra, que a qualquer hora da noute sejam encontradas sem signal de facada.

5.º—Que, finalmente, para que cesse toda a confusão sobre essas entidades indistinctas e tão ternamente ligadas, todo o fadista é declarado policia civil, e vice-versa.



Parece que, apezar da gloriosa existencia dos bem conhecidos quinze mil heroes, que ainda restam d'esse bando homerico, os sete mil e quinhentos bravos do Mindello vão ser qualquer dia mandados resuscitar, guapos e têsos, para o fim de nunca se extinguir calamitosamente nas entranhas da patria agradecida, — a tenia dos liberalões.

A Zé povinho

O entrudo já deu ás trancas
Co'as folgazãs influencias;
Saltam-nos agora ás ancas
A quaresma e as penitencias.

Zé povinho, amavel *tanço,*
Manda salgar dois atuns;
Dá aos peccados balanço
E desunha-te em jejuns.

Quando um pataco recebas,
A tua vida regula;
Um dicilitro não bebas,
Mas vae comprar uma bula.

Em te cheirando a sermão
Baba-te, como eu me babo;
Presta-lhe toda a attenção,
Escuta-o de cabo a rabo.

Se achares no mealheiro
Um vintem, ou mesmo dois,
Contempla os santos primeiro
E os pobresinhos depois.

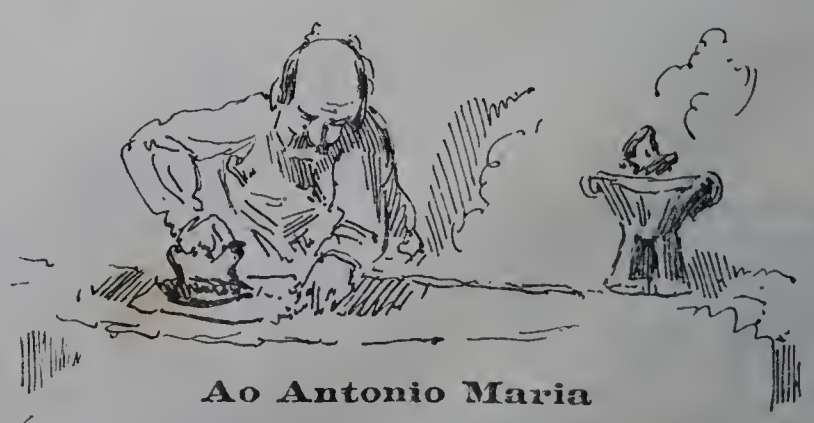
Quando fôres ao confesso
Põe collarinhos lavados;
Sacode e vira do avesso
O alforge dos teus peccados.

Beijando ao padre a mão benta,
Limpa o bedum do bigode;
O padre Deus representa,
Bem ou mal, é como pode.

Aguenta, sem fastio,
A penitencia mais gorda;
Resa-a de fio a pavio
Depois de comer a assorda.

E vê bem não te atrapalhes
Na conta d'aquelles nabos...
Um padre nosso em que falhes
É caso de mil diabos!

Adeus Zé: — eu não te peço
Pelos conselhos dinheiro;
Mil venturas te appeteço
E vou partir p'ra o Sameiro.



Ao Antonio Maria

Sendo a esperteza a principal divisa
Com que sempre brilhei...
A pagina *engomei*
Como faço ao peitilho da camisa!

Na sua pulha teve graça aos montes,
Pois soube embarrilar
Quem não cae em votar
Nem no illustre Cócó, nem no heroe Fontes,

Nem na dona Patrulha,
Nem nos da Granja fortes e birrentos!...
Confesso que foi bem pregada pulha
E lavre lá dois tentos.

S. Carlos

Muita gente ficou pasmada quando no nosso ultimo numero dissémos que o critico musical do *Economista* tocava cornetim... Pois toca... E como elle toca!.. Que embocadura de rapaz... Parece que elle se fez para o cornetim ou o cornetim se fez para elle.

Não ha Arban que lhe ponha o pé adiante... Qual Arban, nem qual diabo...

Que as philarmonicas dos Terremotos, do Timbre dos artistas, da Incrivel Almadense e dos Prussianos do Seixal mandem a concurso os seus melhores musicos de cornetim e verão, verão como elle os confunde...

Quando elle toca, os rouxinoes agachando-se nos troncos dos arvoredos... callam-se atemorisados...

Os gatos miam supplicas ao Altissimo e todos os cães do universo ladram, a tremer, o acto de contricção...

Se toca cornetim? Pois inda o duvidaes?.. E como elle toca...

Quando em *trinta e tres* elle apparecia de instrumento em punho as damas mais circumspectas arregalavam os olhos e preparavam-se anciosas...

Teve os melhores applausos na Assembleia da rua da Horta Secca... Ha muito tempo, sim... Mathusalem acompanhava-o ao piano muita vez... D. João VI quiz nomeal-o cornetim da real camara...

Ai, como elle toca... Agora vae enfraquecendo nos baixos... Mas foi bom, bom de lei... Fez furor... E ainda perguntaes se elle toca cornetim? Mas, decididamente, não conheceis nada da historia patria... E esfalfaram-se Herculano, Latino, Chagas para uma tal ignorancia...

Lêde os periodos aureos das nossas dynastias, e lá encontrareis as grandes aventuras d'este cornetim e seu senhor... Lêde as paginas eloquentes da historia de Affonso Henriques e lá achareis os primeiros triumphos do critico do *Economista*...

Se toca cornetim? Mas mette raiva que se desconheça uma gloria que nos dá tanto orgulho...

Que firmeza de sons, que agilidade em variações... Com que vontade a *União e capricho* o teria nas suas fileiras... Com que phrenesi o Gaspar lhe lançaria a mão e o faria assentar praça na municipal.

E então sim; então valia a pena ir todas as tardes ao Passeio applaudil-o e victorial-o... nas variações do *Carnaval de Veneza!*

OS MASCARAS

Um deputado-escriptor-geographo-campino-triste. Não toma posições de dança por causa da sua posição official.

Um Othello que foi á barrella e encolheu.

Um *pierrot*-manga-de-alpaca

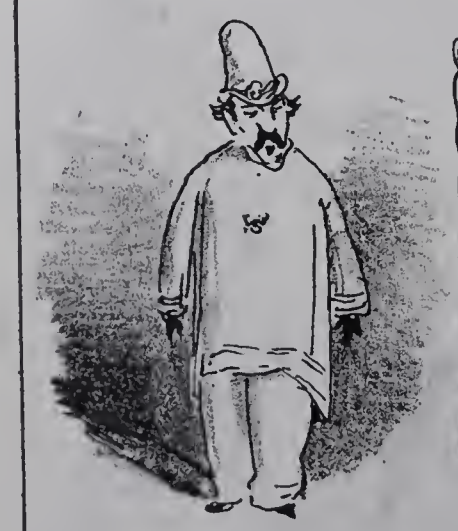
Muito attencioso para com as damas.

Proprio para frequentar casas de conselheiros.

Bom chefe de familia

Que leva trouxas de ovos para os pequenos.

Que dança com toda a circumspecção;



E que não pula,

Nem dá cambalhotas.

Que vigia as vellas das serpentinas e previne o creado quando os côtos vão no fim.

Um *pierrot* que á saida diz para a *madama*:

— Tomára já que se acabe o entrudo!

— São dias de desordens, de desmandos e de borracheiras.

Um *pierrot* que usa palito de prata e traz lencinho de tres pontas para limpar os bigodes da gordura das sandwiches.

Em summa: um *pierrot* que tem habito de Christo.

E CALÇA DA SAPATARIA LISBONENSE.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O PEIXE QUE PRESIDE AOS DESTINOS DA MARINHA

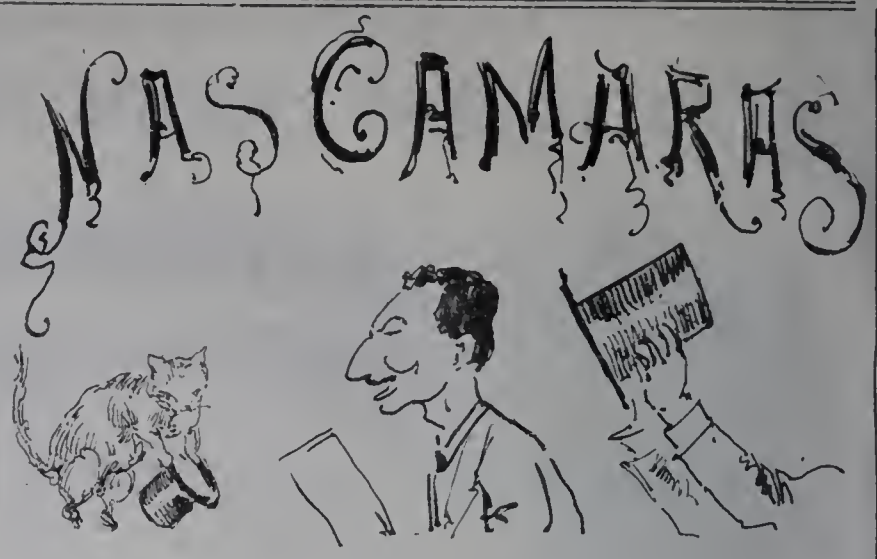
Por emquanto..... *nada*

NOTA: Collorindo-o com o almagre com que pinta os tijolos da chaminé, terá o leitor um bonito adorno para a sua casa de jantar.

Raphael Bordallo Pinheiro, com a medulla spinal em arco de pipa, tanto quanto lh'o permitte a sua tibia convalescente, mas de todo sarada, ogradece por esta forma — em quanto o não faz por maneira diversa — a todas as pessoas que se interessaram pelo estado de saude da sua referida tibia, já mandando-lhe cartões de visita, já apalpando-a pessoalmente, não podendo deixar de especialisar os distinctos clinicos e ex.mos srs. Alves da Cunha, Portella, Sousa Martins, Ignacio Duarte, Ferrer Farol e Mattos Chaves, que a puxaram, que a espremeram, que a emplastraram e que a descascaram, ao ponto de lh'a deixarem como nova.

E uma vez em maré de agradecimentos, envia outro, sim um cordeal aperto de mão aos *aspirantes de pharmacia e empregados do commercio de Vizeu*, de quem acaba de receber, por mão do sr. Antonio Cantos, uma formosa caneta de prata, que está exposta na ourivesaria de Pedro Moreira, rua Aurea 103, e de que o *agraciado* só terá infelizmente occasião de servir-se n'algum quarto do Limoeiro, attento o chuveiro de querellas que os tribunaes lhe estão despejando em cima.

Reune na segunda feira proxima a commissão encarregada da organisação d'um jardim zoologico em Lisboa. Sendo certo, como parece, que a commissão não assentou ainda sobre a escolha de local apropriado para a execução d'aquella ideia, ousamos lembrar aos seus illustres membros o pateo do palacio de S. Bento, que allia ás condições de central a conveniencia de facil acquisição dos mais curiosos exemplares, nos dominios do proprio edificio. Com um gradamento lateral e a sabia classificação do dr. Wan-der-Laan, na discriminação das especies, teremos um jardim zoologico a rivalisar com o que no genero houver de melhor nas principaes cidades da Europa.



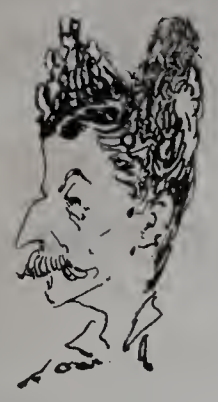
O deputado Gonçalves, com industria de chapellaria na cidade do Porto (não é reclame) apresentou no parlamento o projecto para a creação d'um Banco Nacional, que provavelmente fica em agua de bacalhau, por isso mesmo que representa uma ideia util, do mais levantado alcance socialista, alem d'um formidavel chimbaláu na agiotagem indigena. Um verdadeiro projecto de se lhe tirar o chapeu, com o que o proponente muito lucrará, visto como quantos mais chapeus se lhe tirarem mais lhe cairão no estabelecimento a pôr abas novas...

Em vista da cabula descommedida a que se entregavam ha tempos os alumnos da escóla de S. Bento, teve o prefeito Bivar de fazer ante-hontem uma allocução pedagogica aos seus discipulos, intimando-os a que de futuro compareçam no collegio ás horas da aula, portando-se durante esta com a conveniencia e o decoro proprios de meninos bem educados, e ameaçando-os, no caso contrario, com a menina dos cinco olhos e a carapuça de orelhas de burro.

Alguns alumnos declararam que a carapuça lhes não servia — provavelmente por terem cabeça muito grande...

O sr. Hintze Ribeiro está muito oriental. Logo depois de jantar bebe os seus dois decilitros de opio, e entrega-se ao prazer dos sonhos phantasmagoricos; a sua visão predilecta é as linhas ferreas: sonha com botões cosidos a linhas ferreas, com enguias pescadas á linha ferrea, com cartas principiando assim: muito estimarei que ao receber estas linhas-ferreas... Murmura por entre dentes que o sr. Fontes é um grande estadista, que tem a fórma, que tem o cunho, que tem a linha-ferrea...

Em summa, Deus queira que aquillo não lhe cáia no peito...



Cypriano Jardim arranjou para as sessões parlamentares um penteado original: dois pincaros frizados e um vale profundo, aberto a pente de alisar; deixou de ser um jardim Cypriano, para se mostrar um jardim de Babylonia. Quando se cobre, o chapeu parece o colosso que em tempo se viu á entrada do porto de Rhodes. Foi para a cabeça de Cypriano que alguem escreveu algures:

Em seus agrestes princaros
O homem vive e sente
Mais longe d'este mundo,
Mais proximo dos céos...

No caso de Cypriano já teriamos apresentado em côrtes o projecto para o estabelecimento d'uma ponte pensil nos proprios bandós.

Disse um jornal que o Moita e Vasconcellos, quando descia a escada da presidencia, ha dois dias, vinha dizendo Bazorra por entre dentes; nós não lhe ouvimos isso, mas, por outras phrases que apanhámos no ar, o Moita e Vasconcellos fez-nos lembrar o ultimo numero carnavalesco do *Antonio Maria*...

Raivinhas

Vendo que já da agua benta
Se não esgota o barril,
Muito padre encrespa a venta
Contra o registo civil.

E n'isto as caras afeiam
Por modo tão reinadio,
Que quem as pintasse, creiam,
Não lhes perdia o feitio.

Uns, os olhos lacrimosos
Vão esfregando co'os dedos,
E soltam ais lastimosos
Que racham duros penedos.

Outros, sentindo no peito
Morder-lhes da raiva a pua,
Dão pinotes de tal geito
Que quasi chegam á lua.

Mas todos, nos seus abalos,
São comicos tão diversos...
Que se eu soubesse pintal-os
Rasgava já estes versos!...
.....
Tu que a manejar canetas
Não és ahi qualquer broma,
Desenha-me essas caretas
Para exportar para Roma!...

Fazes um bello negocio
Em bençãos e em dinheiro...
Quem me déra ser teu socio,
Senhor Bordallo Pinheiro!...

Carteira de Bertram

A hydra faz mal em ter medo das cousas infernaes; digo-lh'o eu, velho diabo desenganado e sceptico! Depois que lhe foi descoberta essa triste mania da camara electiva sei eu que se prepara para lhe pregar tamanho susto, que a hydra espantadiça ha-de transpôr a fronteira, e nem mesmo no alto dos Pyreneus, empoleirada no Pico do Meio-dia, se julgará completamente segura.

Com effeito, desde que foi aberta a camara, ha mysteriosas sessões nocturnas, a deshoras, em que activamente se ensaia o tal susto estupendo. Imaginem que a salla é allumiada sinistramente por fileiras de brandões que ardem em correnteza pelas galerias; em baixo, aos cantos da salla, abriram-se cóvas d'onde sahem labaredas ondeantes e rubras, como abrazadas linguas de vulcões; e por toda a salla afogada em luz mortiça e lugubre, onde as lavaredas alastram reflexos inconstantes e demoniacos, os srs. deputados entregam-se á mais pandega extravagancia infernal, doidamente, todos mascarados de diabos, diabos altos e baixos, azues e vermelhos, diabos magros e gordos, amarellos e pretos, e furta-côres, e côr d'enxofre ardente, diabos nús cabelludos e repellentes, diabos chavelhudos, diabos desrabados e diabos de longas caudas como serpentes.

E tudo isto salta, canta, ri, guincha, imita animaes conscienciosamente; emquanto que um presidente, diabo á laia de Sileno, toca lá no seu alto um pandeiro de latão rachado, secretarios assobiam furiosamente em flautins agudos e zingaros, espectros de senadores romanos fazem na tribuna largos gestos e berrarias latinas, e por baixo, os tachigraphos em febre zurzem samfonas roucas.

zig, zig, zig, zig, zig!

Por vezes, certos bandos de diabos transformam-se em esqueletos nús com olhos de braga, que desatam a dançar desengonçadamente n'uma convulsão; e lufadas sonóras da *Dansa macabra* passam então pela sala, erriçantes, lugubres:

Zig, zig, zig, zig, zig!

E entretanto, em tyrannica *pose* de Plutão, sentado sobre um dos fogões da camara, o sr. Fontes bate o compasso com o seu sceptro dourado, ensaiando tudo aquillo gravemente. Ora quando os phantasticos eleitos chegarem emfim a um *ensemble* estupendo de terror, a Hydra será apanhada e mettida n'uma jaula, e assistirá irremissivelmente a uma d'aquellas sessões infernaes!

Ah! pobre e querida Hydra! D'esta vez, ou morres, ou deixas-nos para sempre. Mas Zilu enroscar-se-ha ao seu Caro, n'um abraço abafador de infinito reconhecimento!

Não vás lá de noite, á camara,
Ó Hydra não vás, não vás!

ROBERTO.

Horror! Horror!

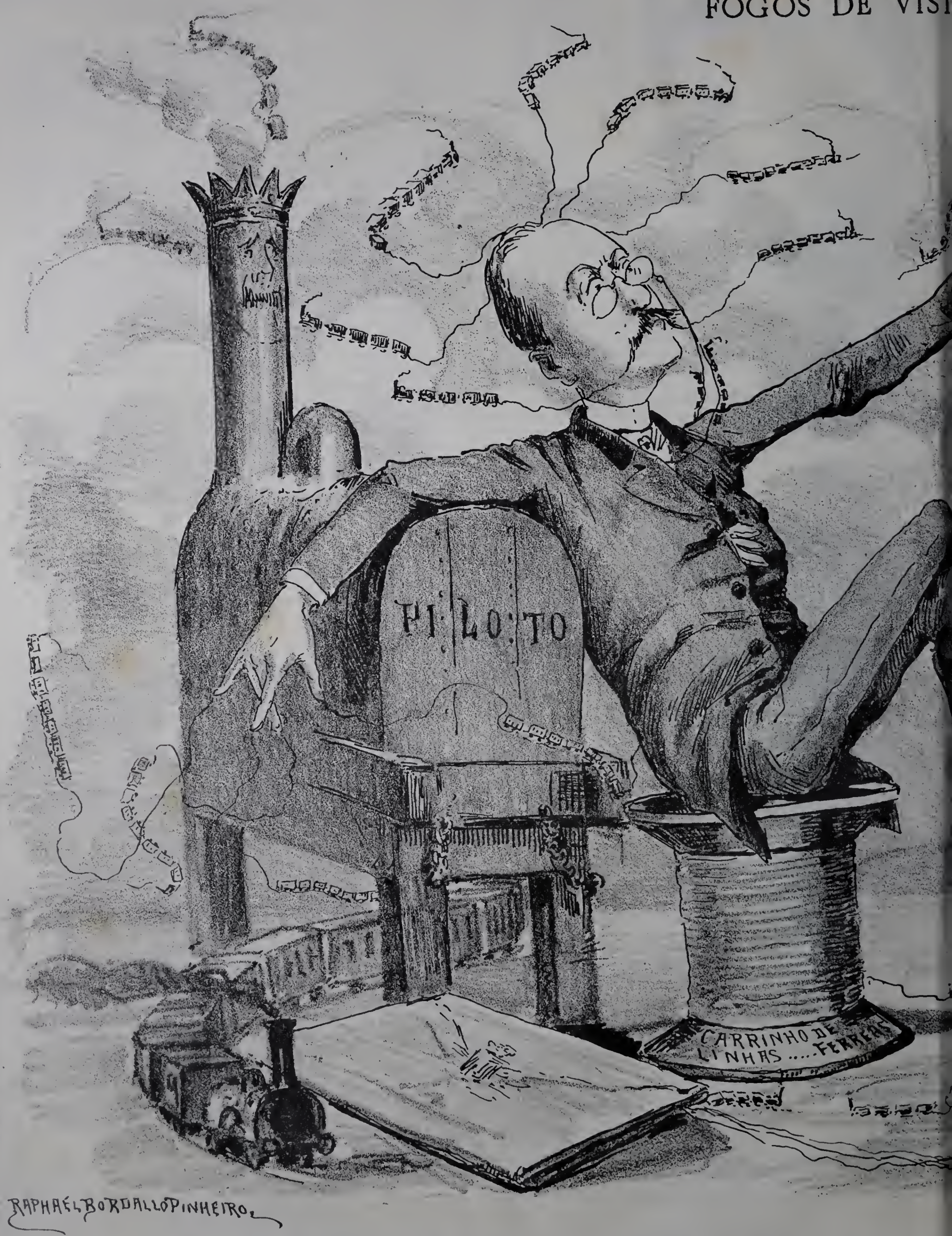
Que fazes, oh Fontes guapo?
Estás em maré de azares!...
Queres ferrar um sopapo
Na velha cam'ra dos pares?...

Treme da arrojada empreza
Que nem se vence a zarguncho!...
Vê que morres, com certeza,
Engasgado no caruncho!

Aquillo, se lhe tocares
Apenas co'um dedo só,
Escurece logo os ares
Com fartas nuvens de pó!

Fontes, deixa em paz bucolica
Viver os môchos de agoiro...
Poupa a Zilú uma colica
E á sua fama um desdoiro!

FOGOS DE VIST



O MINISTRO: — *Ahi tens rasgados os novos horisontes...* — ZÉ POVINHO: — Póde ser; mas por ora não vejo rasgados
— Ora o tolo! então não queria caminhos de ferro?!... Contente-se com o fogo de vistas que não vae mal... — ZÉ Po

DO SR. HINTZE

sapatos... E o peior é que sou eu quem paga os taes horisontes, para afinal andar á pata e descalço... — O MINISTRO. — Mas eu gosto mais de *fogo preso*...

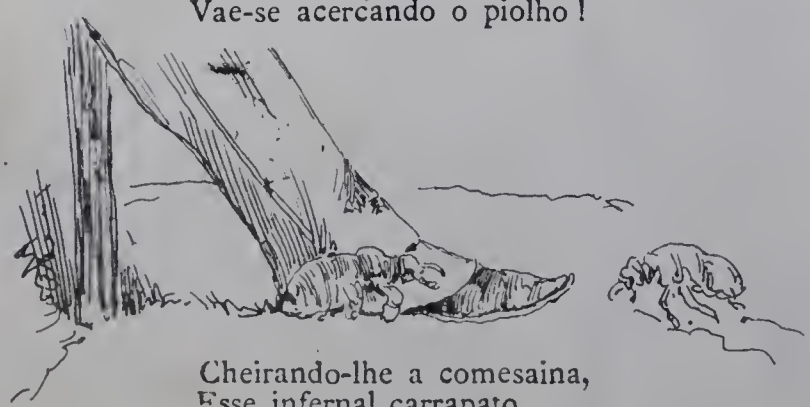
NO TRIBUNAL

(Pagina suja)

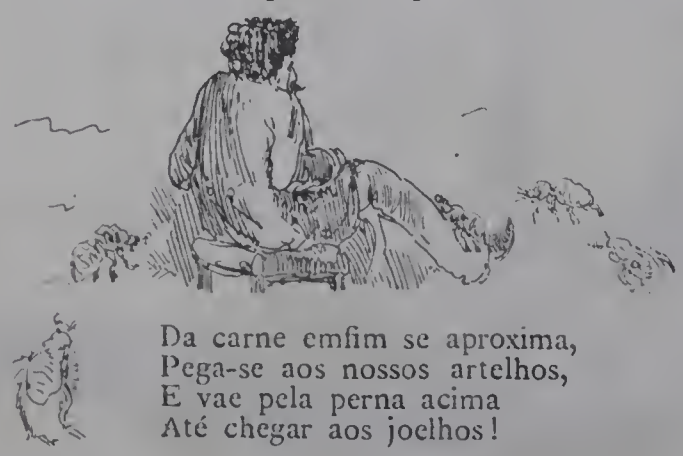
Á hora em que o leitor folga,
Lendo este *Antonio Maria*,
Um peso atroz nos amolga
A consciencia sombria!...

A Boa Hora, cruenta,
Sobre nós lança os harpeus,
E uma vez mais nos assenta
No porco banco dos reus...

O sangue já não nos pulsa,
Vem-nos a lagrima ao olho,
Da nossa perna convulsa
Vae-se acercando o piolho!



Cheirando-lhe a comesaina,
Esse infernal carrapato
Entra roendo a polaina,
Salta depois no sapato!



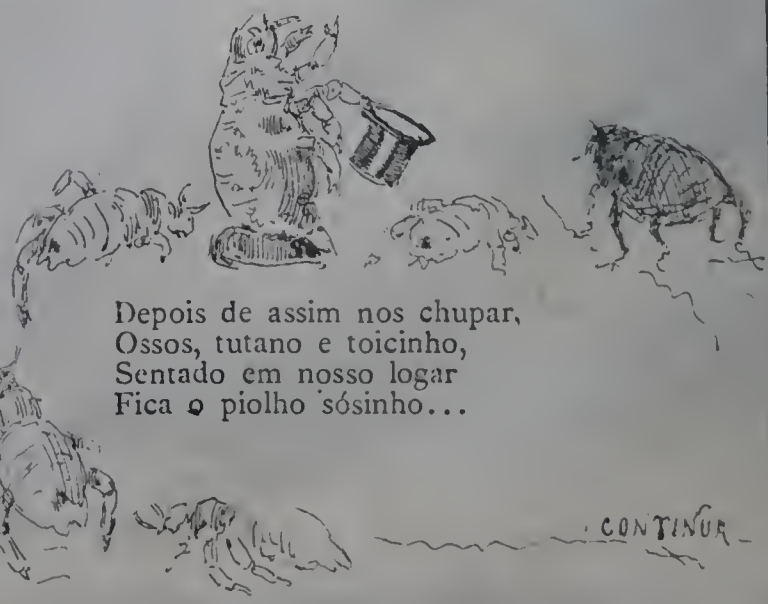
Da carne emfim se aproxima,
Pega-se aos nossos artelhos,
E vae pela perna acima
Até chegar aos joelhos!

Sempre audaz e resoluto
A caminhar não afrouxa,
E apoz um breve minuto
Chega aos dominios da coxa!

Alguns momentos descança,
Mas sem estorvo ou encalho,
Sóbe os rochedos da pança
Sem se deter no trabalho...

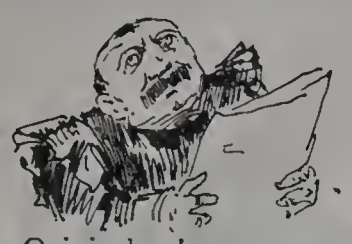
Os antros do imbigo occupa,
Galga as montanhas do peito,
Sorve tudo, suga, chupa,
Sem se mostrar satisfeito!

Co'um appetite modelo
Toma a cabeça de assalto,
Devora coiro, cabello,
Bandolina... e chapeu alto!...



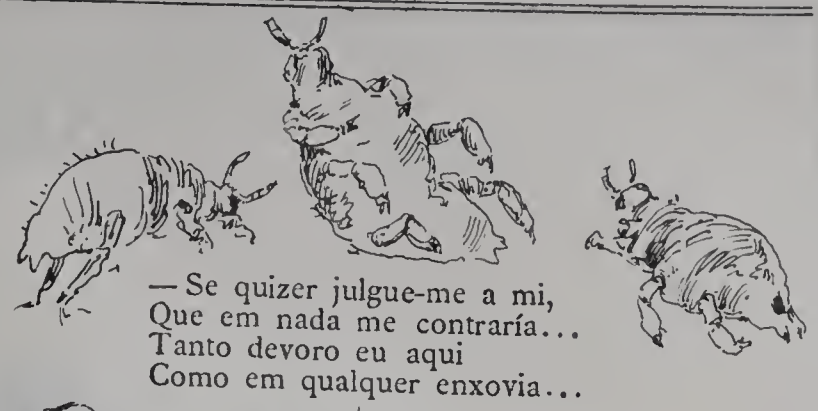
Depois de assim nos chupar,
Ossos, tutano e toicinho,
Sentado em nosso logar
Fica o piolho sósinho...

CONTINUA

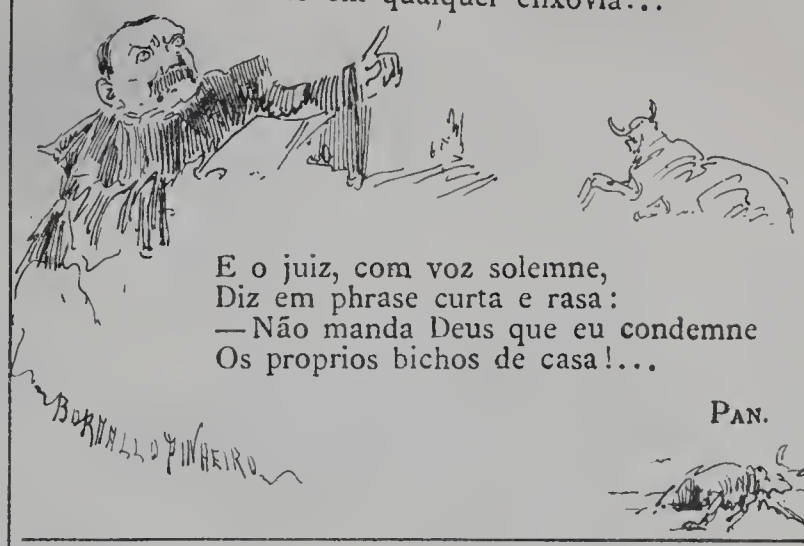


O juiz lendo a sentença
Levanta os olhos ao ceu,
Ao vêr na sua presença
O piolho em vez do reu.

Diz o piolho, limpando
Os beiços ao guardanapo:
— O reu que estava julgando
Já cá me canta no papo...



— Se quizer julgue-me a mi,
Que em nada me contraría...
Tanto devoro eu aqui
Como em qualquer enxovia...



E o juiz, com voz solemne,
Diz em phrase curta e rasa:
— Não manda Deus que eu condemne
Os proprios bichos de casa!...

PAN.

Revista commercial

Segundo dados officiaes, foram importadas e exportadas no reino, durante o anno de 1882, as seguintes mercadorias:

IMPORTAÇÃO

Material para caminhos de ferro: 743 contos.

N'um paiz onde o ministro das obras publicas semêa linhas ferreas, como quem semêa vasos de mangerico para o S. João, 743 contos de material parece-nos uma miseria.

Algodão em rama: 805 contos!

N'uma terra onde as bailarinas vão escaceiando, afigura-se-nos espantoso!

Pelles e coiros: 610 contos.

Esta verba é que justifica a precedente; quem importa 610 contos de *pelles e coiros,* além dos productos nacionaes, não é effectivamente muito que necessite de tanto algodão em rama...

Manteiga: 478 contos.

Genero quasi exclusivamente consumido pelo senhor Fontes, dando-o pelos beiços dos seus correligionarios politicos...

Taboas: 261 contos.

Mercadoria adquirida em bruto pela camara dos pares; imagine-se o que será do principe Antonio quando os proceres resolverem dar-lhe com tanta taboa...

Aduellas: 423 contos.

Artefacto destinado a conservar em bom estado a cabeça do presidente do conselho. É uma importação de vulto, mas por mais que lhe ponham hade ter sempre aduella de menos.

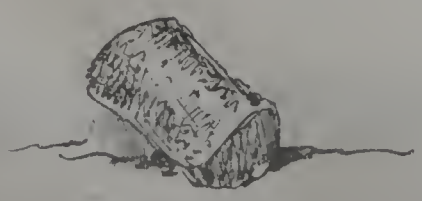
Cera amarella: 98 contos.

Representa o mais leviano dos desperdicios comprar no estrangeiro semelhante porção de cera quem tem para as bandas de S. Bento uma fabrica tão bem montada!

EXPORTAÇÃO

De notavel, exportámos apenas 400 contos de rolhas.

Foi uma exportação importante, mas não attingiu o decuplo sequer das *rolhas* que podiamos mandar pela barra fóra.



Diz o *Diario de Noticias* que foi preso um sujeito que estava sentado no passeio da Estrella, e interrogado sobre o que fazia ali declarou estar esperando um discipulo porque elle era professor de inglez e francez: averiguado o contrario foi para a Boa Hora e d'ahi para a cadeia.

Ora vejam o que é a justiça cá na terra: um sujeito senta-se no passeio da Estrella: perguntam-lhe o que faz:

— Espero um discipulo, responde elle; sou professor de inglez e francez.

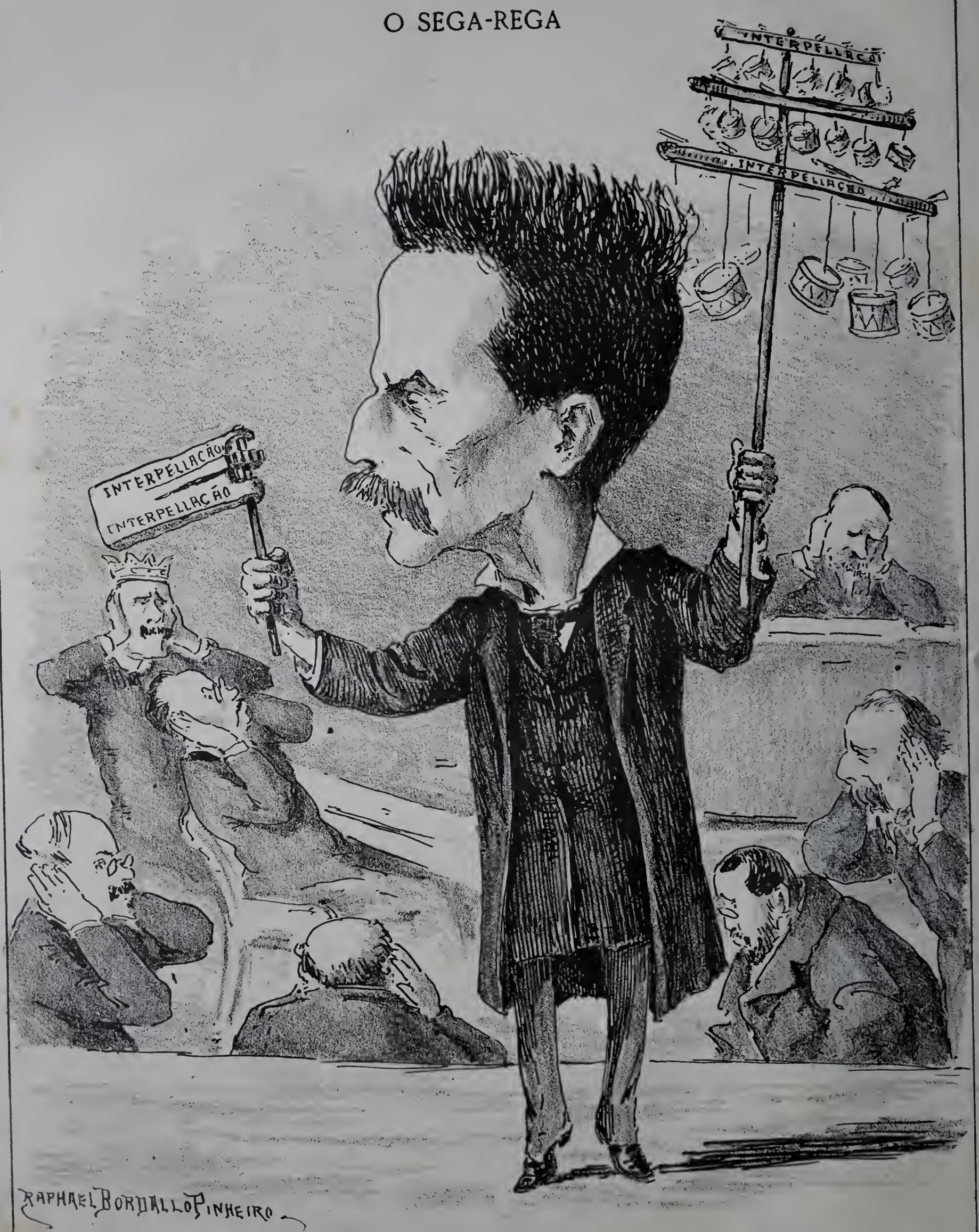
A policia *averigua o contrario,* isto é, que se trata d'um simples discipulo, que está esperando o seu professor de inglez e francez, de quem por um momento se quiz adornar com as pennas de pavão, e ferra com o pobre diabo no Limoeiro! Mas, n'esse caso, já deviam tambem ter catrafilado o sr. Fontes, que é tão velho como o Silva Pereira e anda a fingir que tem apenas setenta annos.

Theatro do Gymnasio

A PRINCEZA GEORGE

Furtado Coelho, no papel de principe de Birac, parece filho da mesma postura d'onde nasceu o principe Antonio; a mesma voz clara, o mesmo bigode preto, as mesmas disposições para a extravagancia e os mesmos habitos libertinos; só traz a mais um anel no fura-bolos. Diga-se comtudo, em abono da verdade, que o principe Antonio é muito mais galante, muito mais bem feito e muito mais galhardo de que o principe de Birac.

O SEGA-REGA

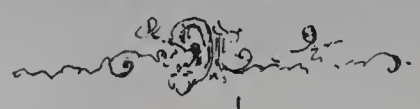


Cada sega-rega representa uma interpellação e cada interpellação tem o valor d'uma sega-rega. O sr. Fontes lastima a ausencia no ministerio do sr. Andrade Corvo: para dominar uma sega-rega, não ha nada como uma pipía...

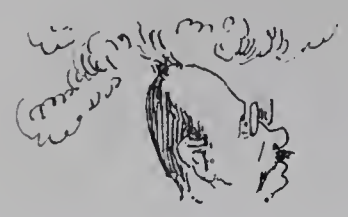
DOIS MORTOS ILLUSTRES

A morte, que ainda ha poucos dias levára á França um dos seus artistas mais notaveis, acaba de roubar á Allemanha um dos seus musicos mais distinctos. As duas nações irreconciliaveis sentem-se irmãs na dôr, em presença dos crepes que envolvem as frontes de Ricardo Wagner e de Gustavo Doré.

Notas parlamentares



Durante a ultima semana não fez explosão de nenhum caminho de ferro o vesuvio do sr. Hintze; a cratera conserva-se fumegante, sentem-se uns rumores estranhos que assustam as povoações limitrophes, mas a lava diminuiu de ebullição. Ainda bem.



Talvez, no fim de contas, que aquillo não passe de um ataque de lombrigas que de quando em quando lhe sobem á garganta e, n'este caso, aconselhamos-lhe muita restea de alhos e muita moderação com as comidas doces.

E purgue-se todas as semanas.

* * *

O Julio dos Santos, em despique com a introducção dos chapéos baixos *á Gayarre*, acaba de inventar o *chapéo alto á Hintze Ribeiro*; a fôrma é a mesma dos antigos chapéos á marialva, com a differença de que as abas occupam o logar da copa, sendo um pouco recurvadas para cima e interiormente guarnecidas de algodão em rama, fingindo rolos de fumo, o que dá ao chapéo a apparencia d'um canudo de locomotiva.

O sr. ministro das obras publicas já comprou um d'aquelles exemplares, e parece que a maioria da camara vae adoptar o mesmo distinctivo.

* * *

Em vista da difficuldade permanente de obter a horas numero legal de deputados, para a constituição da camara, parece que a presidencia resolveu pôr em pratica o sensato expediente de mandar buscar a suas proprias casas os deputados da nação, conduzindo-os collectivamente ao parlamento em *char-a-bancs* do Fomenica, como se usa para com os eleitores em dia de votação. Achamos a medida acertadissima, e lembramos que, se lhe addicionasse o complemento do carneiro com batatas, o resultado nada deixaria a desejar.

* * *

Foi requisitado um guarda de policia para vigiar que junto ao monumento de José Estevão não estacione pessoa alguma, durante o tempo em que os senhores deputados se apeiam das suas carruagens.

Segundo consta, costumava juntar-se ali grande numero de mulheres que se entretinham a ver as pernas dos senhores deputados quando ss. ex.as saltavam do estribo; affirma-se até que um membro da camara alta, cujo nome occultamos por decencia, se encorporava todos os dias n'aquelle grupo libertino...

A medida policial foi tomada a requisição do senhor Alberto Pimentel.

* * *

N'um dos ultimos dias, a camara dos deputados apanhou um susto que a ia deixando sem falla. Tinha-se aberto a sessão, quando assomou á porta uma barriga immensa, que avançou rapidamente em direitura á presidencia.

— O que é isto, santo Deus?! exclamou o senhor Bivar levantando-se d'um salto.

— É o Antonio Maria de Carvalho que vem impanzinado de interpellações, gritou o sr. Julio de Vilhena.

— Salve-se quem puder!...

E a camara aterrorisada, marinhando pelas paredes, refugiava-se nas galerias para escapar ao perigo tenebroso.

Mas atraz da barriga enorme entrou um nariz pequeno e a camara serenou.

Era o sr. Cócó.

* * *

O trabalho admiravel dos Bozza, no Coliseo, despertou no espirito do sr. Fontes uma idéa luminosa, que vae estabelecer no parlamento uma perfeita *harmonia* durante as discussões.

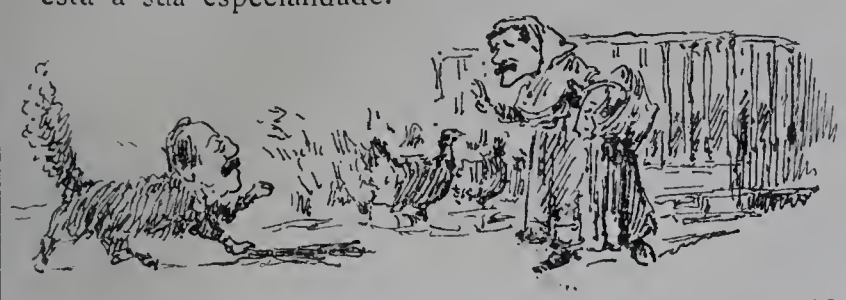
S. ex.ª já se entendeu com o Vianna & Motta, da rua da Horta Secca, e em breve será collocado na sala das sessões um grande apparelho electrico, que unirá por uma infinidade de fios as linguas dos deputados da maioria com os dedos do excelso ministro. Assim, o sr. Fontes executará a seu contento e do respeitavel publico, tanto a *valsa dos caminhos de ferro*, como as *variações da Carta*, como a *Maria Cachucha das refórmas eleitoraes*.

* * *

A camara dos deputados tem dois systemas curiosos de assistir ás prelecções. Se o orador pertence á opposição, a parte do auditorio que tem cadeira longe vae para o seu logar escrever cartas aos amigos e tomar apontamentos para as necessidades caseiras, e a que tem assento proximo sae precipitadamente da sala para tomar a sua fumaça, beber o seu copo d'agua, ou accudir a qualquer

outra urgencia; se, pelo contrario, é um correligionario, ou sobretudo um ministro, que falla, a camara acerca-se-lhe em torpel, pisando-se, acotovelando-se e empurrando-se, como um bando de gallinhas a quem a feitora, de cabaz de milho no braço, acaba de abrir a capoeira para a refeição da manhã.

Aqui expomos um pequeno esboço d'essa scena pastoril e recommendamos o assumpto ás tintas do Gyrão, por ser esta a sua especialidade.



Pode dar-lhe um bonito quadro, se distribuir ao Marianno o papel de *raposa* e ao presidente do conselho o de *feitora*, com a seguinte phrase nos labios, que constituirá o titulo do quadro:

NÃO ME VAS AO GALLINHEIRO...

PAN.

Ao gato de Bordallo Pinheiro

Diz muita gente que o cão
É mais nobre do que o gato:
É um dizer pouco exacto
Cá na minha opinião.

— Oh!... o cão tem acções bellas
De pura fidelidade.
Sim senhores, é verdade,
Mas vae mordendo as canellas.

Muitas vezes, limpo ou sujo,
Lambe essa mão que o desanca.
E fica, de perna manca,
A ganir como um sabujo.

É certo que ao dono estima
Que lhe faz luzir a pelle...
Mas, mesmo nas barbas d'elle.
Pela decencia não prima.

É mais brioso o *bichano*;
O dono ou dona festeja;
Mas mostra o que quer que seja
De pensar republicano.

Se o rabo lhe aperta alguem,
Inda que seja o seu dono,
O gato não é um *mono*,
Arranha... e faz muito bem.

É facil que o cão descambe
Em servir um vil banana;
O gato nunca se engana,
Bem sabe que barbas lambe.

E tu que tens unha e lapis
E não te falta pachorra,
Salta-me em todo o Basorra,
Não faças caso dos *sapes*.

Carteira d'um bohemio

Bertram perdeu a sua carteira exotica, mas achou-a felizmente um bohemio. — Se já acham safado e rôto este ouropel de *Bohemio*, queiram ter a bondade de definir melhor o estravagante sujeito, que desde hoje se decide a encher as paginas da sua carteira frivola, unicamente com certos casos de litteratura e arte. — Então? Bem vêem que tal capricho raro e d'alto arrojo é só permissivel a bohemios, lunaticos eternamente indifferentes ao supremo somno, merceeiro, philistino. E fica tudo em casa do diabo, pois que um bohemio, tendo costella mephistofelica, é parente de Bertram.

Aqui tenho eu sob os olhos, justamente, a effige serena e altiva de Gambetta, entre burgueza e bourbonica, com esse galante nariz vigorosamente arqueado, que fez d'elle, á vista turva dos intransigentes, o typo de Numa finalmente desenhado pelo ironico e meigo Daudet. Esta physionomia franca e attrahente vem á frente d'um livro; e esse livro chama-se *Obras politicas de Gambetta*.

São prefaciadas e traduzidas pelo sr. Emygdio d'Oliveira, que n'este primeiro volume traça tambem um valente perfil do orador titanesco, perfil enthusiasticamente lançado a largas linhas e manchas de carvão, com aquelle escrupulo e vigor impetuoso que é natural n'um discipulo e admirador francamente apaixonado, — servido por uma frisante prosa. O sr. Emygdio, se me permittem a phrase grave e vulgar, é um dos mais decididos sapadores do pequeno batalhão revolucionario, que no Porto escava phreneticamente os alicerces da monarchia. Agora, pretende fazer uma obra de luz, corajosamente para que o ignaro povo leia os discursos faiscantes de Gambetta; mas, com franqueza amiga e leal, parece-me que n'esse intento revelase o distincto jornalista um tudo nada visionario, ou então muitissimo ingenuo.

Vejamos, meu caro; o que se requer indispensavelmente para que um livro seja lido? — Que o leitor... saiba ler. Pois muito bem...

... — e então vem o sr. Emydio d'Oliveira offerecer as *Obras politicas* ao povo, o grande e soberano e generoso animal? A mim ainda me não constou que esse excellente pachiderme soletrasse, a — não ser por *cartilhas* catholicas, e pelo celeberrimo *Manual encyclopedico*. E, desenganemo-nos, emquanto elle se deixar andar, submisso e bronco, bailando pelas feiras politicas aos berros de commando dos Lucianos e Thomazes, que nos mostram como inimitavel habilidade, elle saber de longe em longe tartamudear o *A b c*, é escusado, esteril, atirar-lhe discursos de Gambetta, — como perolas...

Já vêem que não é réclame!

Soneto

Por ter peccados de causar espanto
Um certo sujeitorio, um tanto brôma
Foi dar o seu passseio até a Roma
Para se confesssar ao Padre Santo.

A cidade correu por todo o canto
E de vicios diversos fez a somma;
Lembou-se várias vezes de Sodoma,
E ha quem diga vertêra amargo pranto.

Dos peccados vasou o sacco inteiro
E, absolvido a trôco d'uns patacos,
Disse ao papa: — Ha por cá muito bregeiro!...

Este lhe respondeu: — Tens miolos fracos...
Pois não sabes que á porta do oleiro
É sempre onde ha maior porção de cacos?!

A LE

(E

A PARTURIENTE : — Meu Deus ! que laboriosa operação !
Os ESCULAPIOS : — Pois tenha paciencia que isso ainda está para peras.
A PARTEIRA : — Tragam um fogareiro com alfazema e assucar...
O RECEMNASCIDO : — Não faça caso ; isto são *sons que passam.*
Zé POVINHO, Á PORTA : — Não ganhei muito com a troca... Hão de sempre levar-me co

LEITORAL

o difficil)

do de Torres e a malga de feijão branco, em quanto me não derem... feijão encarnado.

D'um jornal da manhã transcrevemos a seguinte carta, que muito deve interessar ao leitor carola.

«Sobre a semana Santa no sumptuoso templo dos Jeronymos em Belem.

N'este *Diario Popular*, em abril do anno passado no numero 5:451, fallei eu a respeito de não se fazer semana Santa n'aquelle sumptuoso templo dos Jeronymos como leitores andem estar lembrados, até que este anno o sr. prior de Belem como vejo no *Diario de Noticias* de hontem anda fazendo a diligencia pelos seus parochianos de Belem, a fim de ver se pode obter o auxilio d'elles para fazer as festividades da semana Santa na sua egreja em Belem.

Louvo muito ao sr. prior de Belem de andar fazendo essa diligencia em Belem, que é de esperar que todos os parochianos de Belem não se neguem a prestar o seu auxilio ao reverendo parocho da sua freguezia para a solemnidade das festas da semana Santa em Belem, pois antes que sejão a orgão n'aquelle sumptuoso templo de Belem é sempre tudo magistoso; pois o orgão é tambem um instrumental e presta-se muito nos officios funebres pelos baixos que tem; e o orgão que está deteriorado apesar de ser mais pequeno é tambem bom orgão.

É de esperar se houver as festividades a orgão da semana Santa em Belem grande concorrencia de povo; pois o sumptuoso templo dos Jeronymos em Belem presta-se para que todos gosem as festividades a orgão sem estarem incommodados com calor em Belem.

16 de fevereiro de 1883.

O popular author dos differentes originaes opusculos de moral e hygiene.

Jayme José Ribeiro de Carvalho.»

Avó

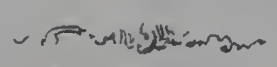
Menino, deita esmola na bandeja
Do bom Senhor dos Passos milagreiro,
Para que elle co'a santa mão proteja
A teu pae, que anda falto de dinheiro.

Neto

Minha boa avósinha, escute lá,
Diz-lhe a creança, que não era tola:
Como hade elle valer ao meu papá,
Se está no caso de acceitar a esmola?!

Sacristão

Já não se engrolam com quaesquer *lampanas*
As creanças que nascem hoje em dia!!...
Aos tres annos já são republicanas...
Nunca se viu maior patifaria!!



Referiu uma folha terem sido presas duas raparigas porque abusando da credulidade de uma pobre senhora, lhe ministraram, a titulo de feitiços, «umas bebidas e uns clysteres celestiaes para a realisação de certos desejos». Conhecemos perfeitamente a receita, de que temos colhido os mais lisongeiros resultados, e não comprehendemos o motivo porque a policia impoz a sua interferencia a um medicamento tão *celestial*, que até os proprios anjos o podiam tomar.

Piada lyrico-mythologica

Euterpe

Sob'rano pae da harmonia,
Credor de eterno vivorio.
Empresta-me o cavallorio
Que quero á terra descer.

Apollo

Manasinha amada e bella,
Teu pedido ordens encerra:
Mas tu queres ir á terra!?
Que diabo vaes lá fazer?

Euterpe

Vou ao Thomaz da *Delfina*
Inspirar, por novas normas,
O doce hymno das reformas,
Todo *mystico* e pimpão.

Apollo

Que nob'lissima tineta
Se encaixou na tua testa!...
Salta p'ra cima da besta,
Filha do meu coração!

E Euterpe, a musa formosa,
Dando um pulo resoluto,
Salta p'ra cima do bruto
E corta os ares veloz.
Abrem-lhe as nuvens caminho.
Incha Zephiro as bochechas,
Ondeiam-lhe aureas madeixas,
E o ecco diz — catrapoz.
.....
Do cantor da *Delfina* á morada
Chega a musa radiante de luz;
Galga em largos pinotes a escada,
Bate á porta um sonoro — *truz truz*.

Vem de dentro a criada *Belmira*
E pergunta: — Que quer a senhora?
— Que me entregue ao patrão esta lyra,
Dá-lhe a lyra, e depois vae-se embora.

A criada a lyra entrega,
Na lyra o cantor dedilha;
Que surdirá?... Maravilha
Já na idéa, já no som.
— Leitor, se a nata dos versos
É p'ra ti qual mel de abelhas...
Esgaravata as orelhas...
Que vaes ouvir o que é bom!

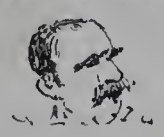
(Continúa.)

* * *

Ha dias que no largo da Abegoaria começaram uns trabalhos que suppozemos fossem para a construcção de um monumento mandado erigir pela camara municipal em nossa honra, mas vemos hoje com espanto que se trata simplesmente d'um jardim de infancia, systema Frœbel, que funccionará de dia e de noite. Apezar do nosso natural despeito, não deixaremos de visital-o umas vezes por outras.

Os tribunaes de Paris condemnaram Jeronymo Collaço de Magalhães da Gama Moniz Vellasco Sarmento Alasão Bulhões de Sande Mexia Salema, fidalgo e nobre cavalleiro na corte de Portugal, secretario de embaixada em disponibilida e descendente do celebre nauta Magalhães, a tres mezes de prisão. Foram benignos os tribunaes: tres mezes de prisão para uma leva de presos d'aquella importancia é uma penna insignificante e não chega a tocar duas horas de cadeia a cada delinquente.

Os protectores do calçado



Figueiredo benemerito,
Louvo-te o soberbo invento
Que nas solas do calçado
Poupa mais de mil por cento.

Póde a gente andar a pé
De Carrazede a Beirolas,
Que ao descalçar os sapatos
Não acha rombo nas solas.

Póde a gente ser Bargossi
E em carreiras divertir-se,
Que ao tirar em casa as botas
Não encontra a sola a rir-se.

Póde o Fontes, dos impostos
Lançar-nos nova fatecha,
Que nos deixa sem camisa
Mas sem botas não nos deixa...

Na Boa Hora

Decididamente temos de abrir secção especial. Todas as semanas lá vamos, como o *Pé Leve* e o *Barbas d'Alho.*

Mas diga-se comtudo que aquillo agora está muito mais aceiado; ou então já nos costumámos... Tem vassouras, esfregões, tijellas da casa... Não funccionam, mas lá estão...

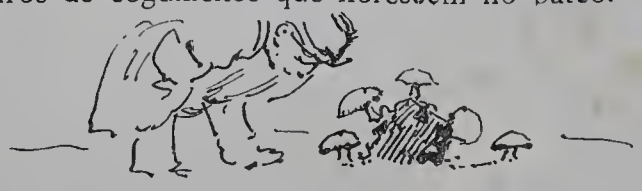
No pateo, o rheumatismo trepa pelas canellas acima como o piolho na sala da audiencia.

O Ramalho Ortigão, apesar de ter arregaçado as calças mais dois palmos de que o costume, lá apanhou tal carga que se anda friccionando com pomada Dumont e traz batata na algibeira.

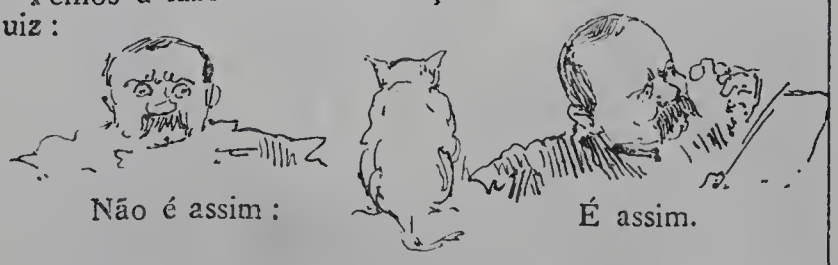
O homem da perna de pau, *habitué* do estabelecimento, é o enlevo da policia. A um guarda lhe ouvimos nós a apologia: — Aquillo é que é um gajo fino...

A banca do escrivão está pedindo oleado em segunda mão, para decencia do pinho e conveniencia das mangas de alpaca.

Recommendamos ao Cavalleri da fabrica de conservas os canteiros de cogumellos que florescem no pateo.



Temos a fazer uma rectificação á cara do meretissimo juiz:



Não é assim: É assim.

Lavramos um protesto contra as injurias que nos attribuem no quadro incriminado; não foi feijão da Palestina que servimos na *ceia de Zé,* foi feijão de Sacavem.

E agora comprehendemos porque a policia nos autoou: como se tratava de uma ceia e o caso se passou no tempo em que as ceias eram prohibidas depois da uma hora, o governo civil, que só alta noite viu o *Antonio Maria,* descobriu n'elle motivos para querella.

Do digno delegado não fallamos; começamos a ter medo d'elle. E' fino como o torçal da nossa lunêta; e tem argumentos de escacha pecegueiro... Ao nosso advogado respondeu elle *que segundo a lei não pode admittir-se que a opinião dos peritos seja superior á opinião do juiz !!!* (*sic*). Por isto já podem fazer ideia...

Se nos indispomos com elle, é capaz de pedir, evocando a lei, que nos appliquem a pena de oito dias... de costa d'Africa...

A QUESTÃO DO HOSPITAL DE S. JOSÉ

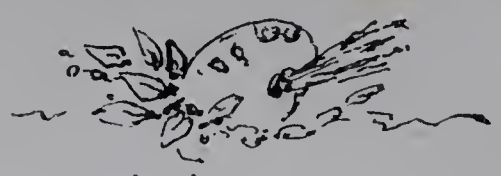
Daniel na cova dos leões

Quem o mandou metter-se lá?...

MIGUEL ANGELO LUPI

A mão por elle educada no trabalho, consagra-lhe hoje, a traços mal firmes, este ultimo testemunho do seu affecto e da sua infinita saudade.

Carteira d'um bohemio



Hoje, é uma pagina lutuosa.

Ainda estremeço da funebre surpreza que me causou a morte quasi repentina de Miguel Angelo Lupi, — o nosso primeiro e bello pintor de historia, que se não tinha a pujança herculea e genial e extravagante do seu grande homonymo florentino, aureolado de famas universaes e seculares, possuia ao menos a força de talento luminosamente blindada, para resistir ao atrophiante meio em que viveu e produziu, todo feito d'odios ignobeis e perfurantes como hervadas laminas, e d'uma indifferença consanguinea da patriarchal burrice portugueza, que repudia sempre um cultor d'arte, quando elle casualmente lhe passa pela vista embaciada e defendida por teias d'aranhas resistentes, — com o inexoravel nojo, imaginem, que lhe causa então o despeito de não vêr gulosamente n'esse quidam artista — um bom mólho de feno.

Lupi trabalhou opiniaticamente, e mesmo em vida, pôde ter a consolação rara de vêr frescos ramos de louro, dourados de sol que amoravelmente se inclinavam para elle, de longe, em longe ao passar decidido no seu barrancoso caminho de lucta; tambem, é preciso observar as poderosas paginas de bôa arte, que elle na sua passagem ia semeando com um phrenesi de creador violento, — e que agora devem justamente florescer n'uma reputação ridente e duradoura para o seu nome honesto.

Succumbiu, porém, cedo demais. Lupi ainda tinha em si um fogo laborioso de vida, do qual haviam de sem duvida, explosir ardentemente algumas scintillas preciosas, para illuminarem a nossa obscura arte pobre. Não conseguiu infelizmente realisar o seu sonho emprehendedor e ha tanto tempo affagado, — pintar uma tela vasta com o assumpto *Partida de Vasco da Gama* para o descobrimento da India, — do que fez ainda um bello esboceto; e não teve a satisfação soberba de pôr os ultimos toques no quadro de magnifico valor, que estava acabando — *O Marquez de Pombal*. Entretanto, esta obra por não ficar acabada não é imperfeita, e um artista menos atormentadamente meticuloso do que Lupi, orgulhar-se-ia já de a ter lançado tão vigorosamente na tela.

O numero dos seus quadros é grande, e notavelmente significativo, pelas suas valentes qualidades em que se revela bem um talento, enroscado de preconceitos e com certo archaismo classico, mas naturalmente largo e robusto; e sobretudo por vermos que Lupi, entre nós, saiu do cahos d'uma fabulosa arte, e juntamente com mais dois ou tres, deu-se ao extenuante trabalho incompensavel de abrir caminho á luz, derramando-a já elle proprio. Era um apaixonado da arte, — comquanto um pouco impaciente e perseguidor; e demorando-se de preferencia no cultivo esmeroso da pintura historica, passou tambem, e não muito indifferentemente pela pintura de genero, — e, como accessorio accidentario, pela paysagem.

Como retratista, então, havia n'elle o german d'um Bonnat, a que faltou o bom meio creador de Paris, para se tornar luxuriantemente fecundo; ainda assim deixa retratos soberbos. Mas eu não pretendo esboçar aqui, a tão desalinhavados traços, o perfil artistico do eminente pintor, cuja morte inesperada, deve-se dizer, produziu sensação no nosso pequeno mundo artistico, e em certas *regiões* do litterario; a mim produziu-me dór, e para que ella me não leve a adormecer o leitor faminto de cousas alegres, termino já.

E não desejarei, para remate sentimental, — que a *sua alma descance em paz*, como é de lacrimejante uso nos noticiarios serios; apenas ergo este voto sincero, justiceiro, e vagamente prophetico:

— Que o seu nome fique

Na ultima e recente sessão solemne do *Club Henriques Nogueira*, a assemblea quiz fazer-nos a honra de uma saudação immerecida, para a qual o nosso reconhecimento não encontrou uma palavra de resposta, o que n'este momento explicamos pela fórma seguinte:

Em primeiro logar, n'uma sessão onde havia socios inscriptos para usarem da palavra e não sendo nós d'esse numero, seria inconveniente atorpellar taes direitos mettendo o bedelho onde não eramos chamados.

E, secundariamente, confessamol-o, em assumpto de discursos só nos sentimos fortes n'um unico ponto: — pedir o copo d'agua...

Hymno das reformas

(Continuação)

Em voz suave, angelica toada,
Desembucha o cantor tal versalhada

Á carta velha uma assanhada bicha
Ha muito esguicha venenoso fel;
Nem pôde o *Tigre*, que é pimpão d'arromba,
Prender-lhe a tromba com feroz cordel!

— «Já não se esmaga, disse o *Caro*, rouco,
Um bicharôco de tamanho assim!»
E elle, que sabe do *pagode* as normas,
Nas taes reformas matutou por fim.

E das reformas duvidar não finjas,
Que dizem ginjas, se não dizem mais;
Poderão mesmo emmudecer as pragas
Dos Arriagas e dos seus eguaes!

Aceita, aceita estas sonoras labias,
Oh das Arabias o pimpão maior!...
E aceita o canto, sem fazer cer'monia,
Minha Parvonia a quem dedico amor.

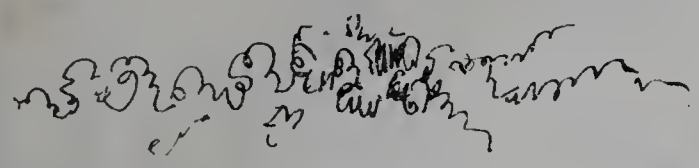
. . . . . .

E a musa declarou-se constipada,
Pois da noite cantára entre as cacimbas;
E o Zé tomou d'ouvido esta toada,
Para estafar pianos e marimbas.

. . . . . .

E nunca os *negros melros*, nem os tangos
Foram mais estimados dos lacraus...
E nunca pirolitos, nem fandangos
Deram mais que fazer a berimbaus.

Cancans theatraes



Vae por ahi uma bulha infernal desde o theatro de S. Carlos até ao theatro do Rato. Por toda a parte grandes epistolas e grandes massadas. Pessoas de bons pulmões teem desfallecido no meio dos periodos mais rhetoricos. Encontram-se nas viellas varios cadaveres agarrados ao *Illustrado*, onde a peleja se trava. Muita gente foge da cidade. Fazem-se preces a ver se a epidemia acaba.

Pinto de Campos, sem ser o monsenhor, tem escripto cem volumes á sua parte; é a obra mais grandiosa depois do *Rocambole*.

Já fallou do Rosa grande, do Rosa pequeno, do Rosa pae, dos Rosas filhos, da rosa de cheiro, da rosa chá, mas, apesar de tanta rosa... a questão já fede.

Enormes caravanas passam a pedir a Pinto de Campos e ao theatro de D. Maria para que se calem, que a cidade está em alarme, o commercio paralysado, a municipal a postos e as nações visinhas enviam ao governo notas diplomaticas para se informarem da magna polemica.

Á porta do *Diario Illustrado* param, constantemente, padiolas enormes levando epistolas requintadas.

O sultão de Zanzibar mandou offerecer os seus serviços a Pinto de Campos; por seu lado o theatro de D. Maria espera a protecção de Angoche e Pungandongo.

O sr. governador civil vai multar os illustres contendores por terem dado ao badalo por mais de cinco minutos. General Macedo aguarda ordens terminantes para trepar pelo sr. Pinto por ter sido elle que declarou a guerra.

A Santa Sé tem mandado comprar todos os dias o *Illustrado*.

Inglezes caprichosos e endinheirados querem comprar os manuscriptos.

Philarmonicas desharmonicas percorrem as ruas entoando hymnos de paz.

As potencias alliadas vão intervir na questão Pinto-Rosa.

Receia-se o cholera. O governo vai distribuir Labarraque e alfazema.

As aranhas da Boa Hora

SONETO

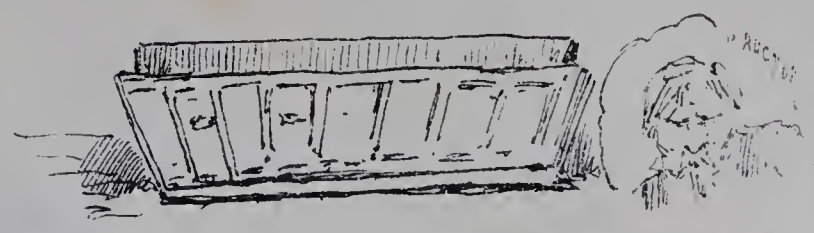
Na Boa Hora, collossaes e feras,
Chupando moscas, vão criando banhas,
Fartas, enormes legiões d'aranhas
De tenebrosas, arredadas eras!...

Tarantulas medonhas as disseras
Ao ver-lhes negras, accendidas sanhas...
Se bem lhes estudasses várias manhas
Talvez por escrivães mesmo as tiveras!...

Pois estes aranhões, vendo o Bordalo,
Pae da caricatura e da chalaça,
Faziam-se com terra de chupal-o!

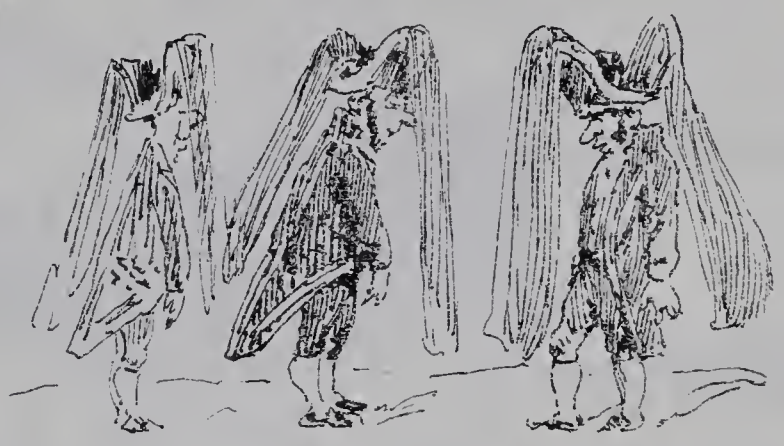
Escapaste, rapaz, de atroz desgraça!...
Faze o teu busto em cêra e vae leval-o
(Mas vae descalço) ao Bom Jesus da Graça.

Notas da cerimonia



Todos os domingos costumamos metter-nos n'uns caixões similhantes, que ha no estabelecimento de banhos, a S. Paulo.

N'este, porém, a serradura aromatica que o enchia, dava-lhe egualmente o aspecto d'uma grande caixa de rapé, onde o beaterio podia ir tomar a sua pitada.



Os creados do morto, de véus negros sobre o rosto, pareciam outras tantas viuvas inconsolaveis. Pena é que não fizesse parte do cerimonial sujeitaram-n'os á mesma prova a que se submettiam as viuvas dos radjhas.

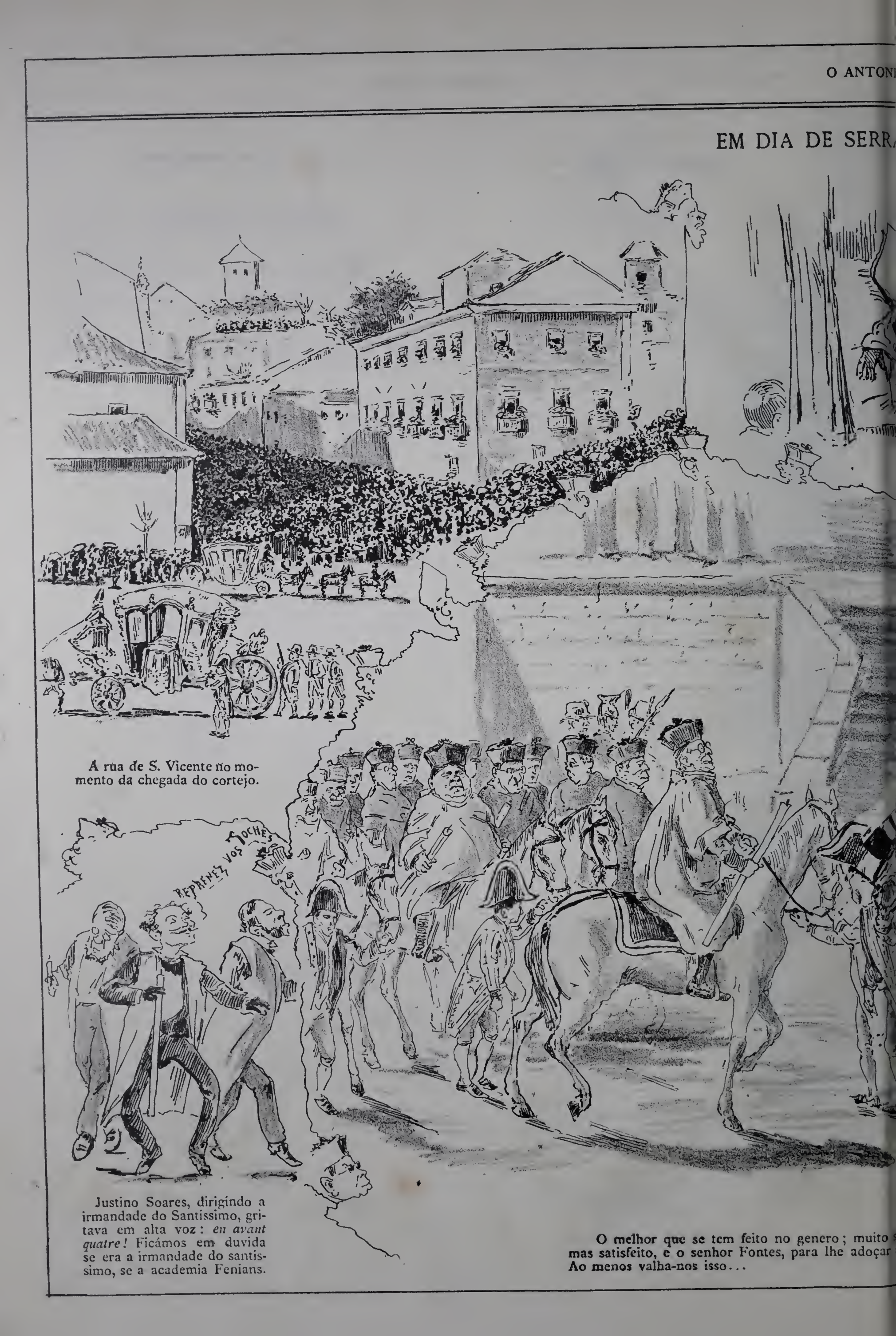
O senhor infante condestavel mostrou tal firmeza de calção e *pose* tão correcta, que bem podia, em caso de necessidade, substituir qualquer dos conegos.

A élite das sacristias.

Um coronel que pelo monoculo parece nosso collega mas que é muito mais feio do que nós.

CONTINUA

EM DIA DE SERRA



A rua de S. Vicente no momento da chegada do cortejo.

Justino Soares, dirigindo a irmandade do Santissimo, gritava em alta voz: *en avant quatre!* Ficámos em duvida se era a irmandade do santissimo, se a academia Fenians.

O melhor que se tem feito no genero; muito s
mas satisfeito, e o senhor Fontes, para lhe adoçar
Ao menos valha-nos isso...

ÃO DA VELHA

A eça e a tribuna diplomatica.

Irmandade de capas pretas encarregada de esgaravatar o nariz durante a cerimonia.

á *despedida de Sarah Bernhardt.* Zé povinho bate as pal-
promette matar um patriarcha pelo menos em cada anno.

O padre Amado, que usa chinó de inverno por causa do nordeste e de verão por causa das moscas.

O padre que não podia apeiar-se do cavalio. Reconheceu-se finalmente que o animal fôra por engano apparelhado com a sella de S. Jorge, e foi necessario accudir o Costa Pinto para tirar o reverendo por cima.

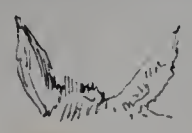
O padre que não bebeu vinho na festa da chegada do Alviella foi encarregado de montar a mula branca; mas sua reverendissima declarou que não tinha firmeza nas pernas para andar escarranchado e que, mesmo a pé, só de maromba, de fórma que foi necessario deixal-o ir montado n'um burro... de canastra.

De volta a casa:

— O' Anacleta, vê se me fazes uma formentação com aguardente canforada e se me pões uns fios com arnica, que tenho as cruzes que as não sinto...

Antonio Duarte apresentou-se como candidato ao patriarchado, e em verdade bastante direito tinha a elle, em vista das commendas, habitos, medalhas, crachás, registos e amuletos que lhe cobrem o peito, que lhe assentam nas espaduas e que lhe tapam o umbigo, mas o sr. Fontes, para não criar inimizades com preferencias, resolveu fazer-se nomear para o logar vago, juntando assim a sua corôa de principe mundano á corôa de tonsura de principe da egreja

A mula branca



Do Rocio a Villa Franca
Nas cocheiras mais idoneas,
Não se encontrou mula branca
P'ra o mestre de cerimonias!

Visto assim mostrar-se o fado
Tão teimoso e tão casmurro,
Foi proposto e combinado
Reduzir a mula a burro.

Mas surgem novos barrancos,
Existe o mesmo embaraço...
— Não se encontram burros brancos
Por ahi a cada passo...

Telegrapham p'ra a Chamusca.
Escrevem p'ra Santarem,
E debalde fazem busca
No poço do Borratem.

Todos co'a mesma vontade
A procural-o andam milhas,
Entre os burros da cidade,
Entre os burros de Cacilhas.

Alguem se atreve a dizer
Que o serviço se atamanca,
Tomando um burro qualquer
E pintando-o a tinta branca.

Depressa um burro se pinta;
— Fôra um recurso assisado —
Mas se acaso estala a tinta
Lá fica o burro malhado...

Com manchas brancas e pretas,
Par'cera d'essa maneira
Que ía o padre ás cavalletas
Sobre uma vacca leiteira...

Desesp'rando de encontral-o,
Quer nas villas, quer nos montes,
Lembram-se emfim do cavallo
Em que monta o senhor Fontes.

Esse formoso animal
Não encontra sol que o tisne;
Elle é branco como a cal,
Elle é branco como um cysne!

E sendo o cavallo em vista
O recurso que lhes resta,
Vão ter co'o grande estadista
Que de prompto o bicho empresta.

Mas o bruto, que em côr branca
A nenhum mais se assemelha,
O que tem de mais em anca,
Tem de menos em orelha...

Sendo pois caso de urgencia
Disfarçar esse corcel,
Dão-lhe de burro a apparencia,
Com orelhas de papel.

* PAPEL SELLADO PARA DAR CARACTER OFFICIAL

.....

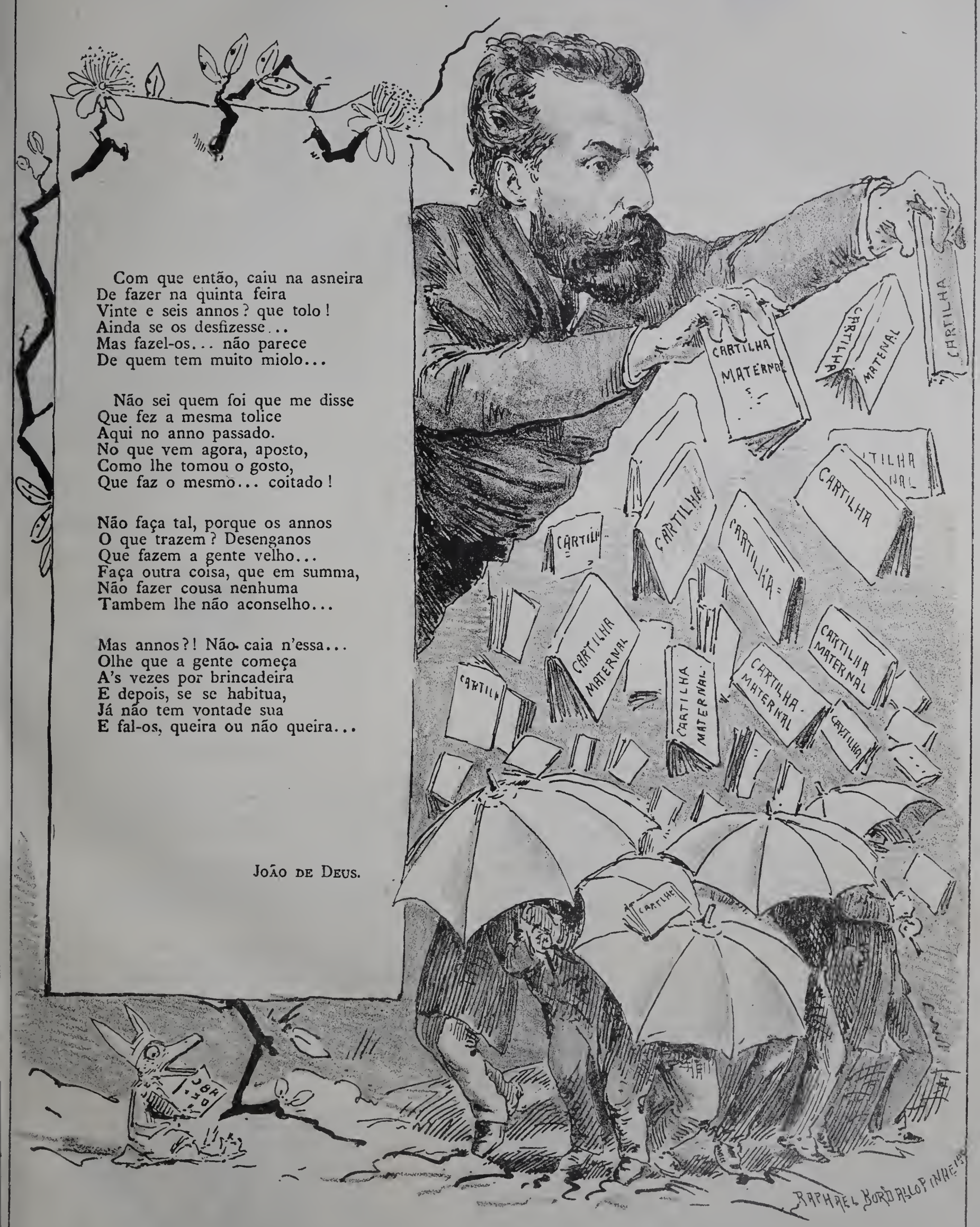
E o povo, apertado, aos montes,
Ao vel-o diz em sussurro:
— Este cavallo do Fontes
Vae de cavallo p'ra burro!...

PAN.

AO CLUB HENRIQUES NOGUEIRA

Todos te aconselhamos a que cures essa chaga, mas tu és como os doentes pusillanimes, que por medo da operação guardam sempre para «ámanhã» a cura da molestia, até que a ferida um dia lhes gangrena...

AOS ANNOS DE JOÃO DE DEUS



Com que então, caiu na asneira
De fazer na quinta feira
Vinte e seis annos? que tolo!
Ainda se os desfizesse...
Mas fazel-os... não parece
De quem tem muito miolo...

Não sei quem foi que me disse
Que fez a mesma tolice
Aqui no anno passado.
No que vem agora, aposto,
Como lhe tomou o gosto,
Que faz o mesmo... coitado!

Não faça tal, porque os annos
O que trazem? Desenganos
Que fazem a gente velho...
Faça outra coisa, que em summa,
Não fazer cousa nenhuma
Tambem lhe não aconselho...

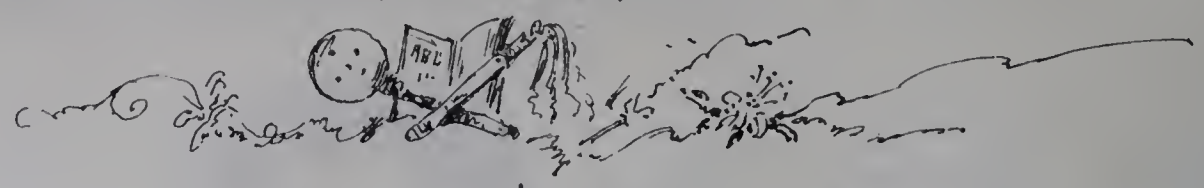
Mas annos?! Não caia n'essa...
Olhe que a gente começa
A's vezes por brincadeira
E depois, se se habitua,
Já não tem vontade sua
E fal-os, queira ou não queira...

JOÃO DE DEUS.

Podes cançar-te, que os não ensinas. A leitura produz-lhes o effeito do granizo: obriga-os a abrir os chapéos de chuva.

A INSTRUCÇÃO

(A João de Deus)



Em quanto o Japão, que nós conhecemos apenas pelas talhas barrigudas que nos dormem ao canto da sala e pelos pratos de figuras singulares que nos servem de mosqueiros nas paredes da casa de jantar, inicia nas suas praças o novo systema de illuminação a luz electrica, nós, para quem o moderno producto da sciencia representa unicamente uma invenção phantasiosa de contos orientaes, cá nos vamos passeiando alegres aos lumes crepitantes do gaz da companhia, felizes e vaidosos porque a mão omnipotente do progresso demoliu dos cunhaes dos predios os velhos, lampeões de azeite de purgueira. Como os pobres da portaria, que recolhiam a caramunha e retiravam silenciosos logo que o guardião lhes provava que o caldeirão mostrara o fundo, assim nos contentamos com o que ha e não pedinchamos mais, pela certeza em que estamos de que o não teem para nos dar.

E quando assim pensamos com referencia a luzes materiaes, é de facil dedução o corolario das nossas aspirações no que respeita a *luzes* espirituaes.

* * *

João de Deus, um philosopho, um utopista, um visionario, um doido varrido, pensou na elaboração d'um methodo facil, simples, intuitivo e com que as escolas pudessem, a troco de poucas duzias de lições, desvendar ao espirito dos discipulos o segredo inicial das primeiras letras, furtando-os aos somnos de philonio em que os lançava o sorna do *b a ba,* repisado durante annos em acordes de cantochão.

E como, para aquelle genero de monomaniacos, pensar é querer e querer é poder, João de Deus estudou, trabalhou, barafustou e produziu o seu methodo!

Pensava elle provavelmente, o ingenuo, que os povos iam acclamal-o, a historia eternisal-o, os governos applaudil-o e a regia munificencia presenteal-o com algum habito de Christo... Fóra, lambareiro! Venda o seu methodo ás capellistas para cartuchos de simonte e mande arrancar os colchetes da banda da casaca porque não apanha o crachá! Se quizer fitinha não perca o seu tempo a puxar pelo carro do progresso, metta-se antes aos varaes do carro da governança...

* * *

E os governos, sensatos, coherentes e assisados, como sempre que se trata de uma ideia util ou d'uma descoberta proveitosa, acolheram o philosopho com o sorriso benevolente que se dispensa aos maniáculos e não lhe prohibiram a publicação do methodo porque pensaram cordamente:

— É melhor não o contrariar, que lhe póde dar alguma furia...

D'ahi, a iniciativa particular, que por vezes se permitte acompanhar e auxiliar, se bem que restrictamente, as emprezas arrojadas com que se assustam os governos, lembrou-se ha pouco de promover o desenvolvimento da instrucção publica pelo methodo do philosopho e assim fundou a *Associação das Escolas Moveis*, a que o governo se dignou conferir o seu beneplacito — levado sempre pelo mesmo pensamento piedoso:

— É melhor não os contrariar, que lhes póde dar alguma furia...

Nos seus considerandos sobre o assumpto, expõe aquella associação que Portugal se acha ao nivel da Turquia no artigo instrucção publica. É uma felicidade para nós esta semelhança e só falta, para que a illusão seja completa, que nos permittam usar turbante...

Mas a *cartilha maternal* do philosopho-maniaco, posta em acção, trouxe a evidencia de que os analphabetos se habilitam, em pouco mais de cincoenta lições, a ler, escrever e contar, e o governo, se lhe consta o resultado da iniciativa da *Escola,* vae por força exclamar enternecido:

— Coitados! Estão todos doidos varidos e é necessario alargar mais o hospital de Rilhafoles!...

* * *

E, terminando, transcrevemos um soneto que nos parece o melhor dos remates.

Pan.

A monarchia

Andava a dizer mal da monarchia,
Mas sem rasão, fallemos a verdade;
Porque aos bons ninguem dá mais garantia
Nem pune os máus com mais severidade.

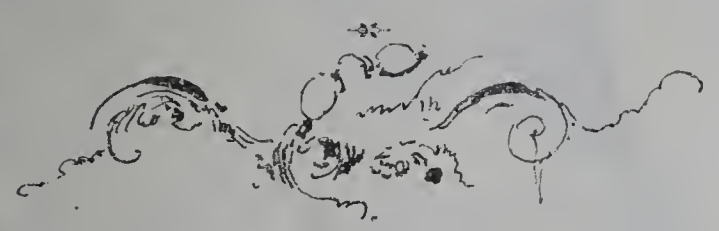
Nunca paixões de certa qualidade
Prevaleceram contra o que cumpria,
Nem consta que inspirasse a iniquidade
Despacho, lei, decreto ou portaria.

Ha setecentos annos simplesmente
Que este systema nos governa e, vêde,
Commercio, industria, tudo florescente.

Os caminhos de ferro é uma rede!
E quanto a intrucção, toda esta gente
Faz riscos a carvão n'uma parede.

João de Deus.

S. Magestade el-rei houve por bem, ouvida a opinião do conselho de estado, de mandar escarranchar luneta no seu regio nariz. Segundo parece, S. Magestade está com a vista muito cansada... do sr. Fontes. Sentimo-nos exactamente como el-rei, com a differença de que não é só a vista que temos cansada, é o corpo todo...



PARODIA

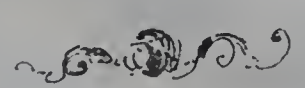
(FALLA O MACEDINHO)

A teus pés, minha velha monarchia,
Estendo a portentosa minha espada;
E emquanto ella não 'steja enferrujada
Não temas do Arriaga a gritaria.

Se alguem quizer tirar-te essa fatia
Que mastigas em paz na patria amada,
E' mandar-me chamar, só, e mais nada...
Verás o que é ferver pancadaria!

Para te defender da frandulagem,
Marte, o deus da chacina e deus da lança,
Por um canudo sopra-me a coragem.

E os protestos que faço de chibança
Dizem-te, grande rei, que com a aragem
N'unca se ha de *tingar* tua pitança.



Colchêa

Lá vae um que cheira a vinho,
E que já foi patriarcha.

GLOSA

Torcendo um pouco o focinho
E abrindo as portas dos ceus,
Diz S. Pedro a S. Matheus:
Lá vae um que cheira a vinho.
Salta de lá S. Martinho.
Que é santo de boa marca,
E diz para o arraes da barca,
Que começava aos arrotos:
E' mais um dos meus devotos...
E que já foi patriarcha.

Nós somos decididamente um povo de macacos e foi de certo estudando-nos que Darwin determinou as suas extraordinarias theorias. Se não, veja-se:

Veiu a Lurline e appareceram logo cincoenta portuguezes peixes: chegou o Bargossi e surgiram immediatamente seiscentos andarilhos; apresentam-se os Bozza, e annunciam-se já concertos electricos no theatro dos Recreios; descobre-se lá fóra uma associação denominada *Mão Negra* e funda-se logo em Lisboa um club chamado o *Bigode Negro!...*

Olhem para esta!...

S. Pedro, oiço dizer eu,
Que é um dos santos mais graves:
E é elle que tem as chaves
Com que abre as portas do ceu.

Pensar n'isto um pouco importa;
— O corpo vae para a valla,
A alma do corpo abala
E vae ter do ceu á porta.

O S. Pedro, sim ou não,
Dá a volta á fechadura:
— E' conforme a catadura,
Depende da occasião.

Mas... a uma alma a porta abrir
E' que me parece peta,
Quando ella por qualquer greta
Podia entrar e sair!

Se no caso penso um tanto,
A convencer-me logo entro,
Que entram almas p'lo ceu dentro
Contra a vontade do santo!...

Não posso crer que elle possa
Vedar ás almas a entrada...
Quando por porta fechada
Entra a poeira... e é mais grossa.

OS PAPAGAIOS

O aborto *Antonio*, phenomeno politico de trez corpos e uma alma apenas (se é que a tem), está de posse
ticou a guita, que o papagaio se rasgou. — O *Antoninho dos Estrangeiros* contenta-se com um papagaio de pape
aborto Antonio — O *Julio Cotó* está á espera que o vento lhe chegue lá abaixo para largar tambem o seu. — O
Divirtam-se, rapazes, mas cautella não mude o vento e que tudo isso se esfrangalhe...

AS REFORMAS

agaios mais vistosos, e o vento sopra-lhe de feição — O *Rodolpho Masombo* deitou tambem o seu, mas tanto es- O *Thomaz das Musas* tem muito cordel na massaroca, e protesta que hade subir mais alto que os papagaios do *Peixinho* amuou ao canto porque só elle não tem papagaiosinho.

Ora não ha!...

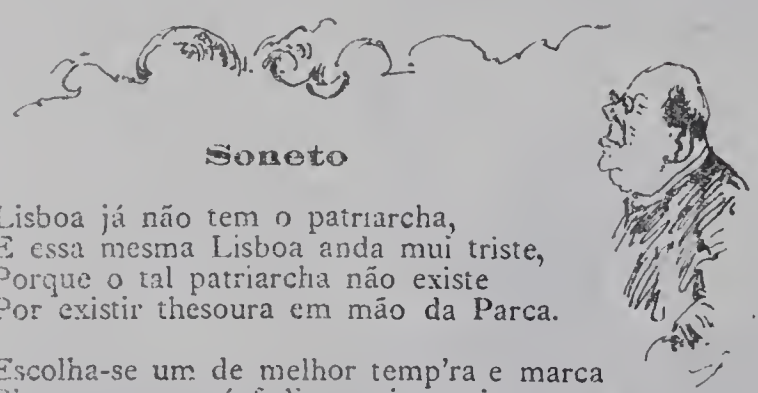
Dizia-se que a republica
Em França estava mui frouxa;
Mas os *deuses*, é voz publica,
Vão abalando co'a trouxa!

Poem-se na perna os catitas
Chorando seus tristes fados...
A' laia dos jesuitas,
Inda ha pouco impandeirados!...

Se olhos não arrazam de aguas
As puras almas beatas,
Não ha penas, nem ha maguas,
O que ha no mundo... é batatas!...

Se o mundo não desabou
Por causa d'estes marotos...
E' porque Deus se deixou
De pensar em terramotos!

Se o ceu não pune as maroscas
D'aquelles impios garraios...
E' que no ceu 'stá ás moscas
A officina dos raios!



Soneto

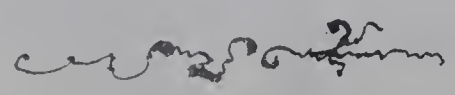
Lisboa já não tem o patriarcha,
E essa mesma Lisboa anda mui triste,
Porque o tal patriarcha não existe
Por existir thesoura em mão da Parca.

Escolha-se um de melhor temp'ra e marca
P'ra vermos se á fadiga assim resiste
A nossa salvação n'isso consiste
Que é sempre a fé a salvação da barca.

E' preciso que a escolha seja bella,
Pois se vão escolher algum *pastel*
Darão prova de falta de aduela.

Lembrem-se d'um... que nem feito a pincel.
—E' elle que nas festas do Alviella
Fez interessantissimo papel.

Um discipulo de
Jayme José Ribeiro de Carvalho.



Á actriz Virginia

Que mau foi ver lhe os cabellos
Sobre as espaduas redondas...
Cabellos são como as ondas
E eu sei que é perú lo o mar...

(E. VIDAL.)

Virginia dos meus encantos,
Dos meus sonhos côr de rosa,
Entre as formosas formosa
E entre as bellas a mais bella!
Eu trago um vulcão no peito,
Deliro, morro por ti,
Desde a noite em que te vi
Na *Princeza d'Arrentella!...*

Era eu então bem criança
Ao sentir-me assim concusso,
Pois mal me apontava o buço
Em tenues pellinhos loiros;
Tinha a idade dos idilios,
Das grandes paixões immensas,
Das illusões e das crenças,
E das esperas de toiros!

Tu, como eu, de curtos annos,
Mimosa como o junquilho,
Tinhas nos olhos o brilho,
A casta luz d'uma aurora!
Ao ver-te os cabellos negros,
Espessos, sedosos, bellos,
Prendi-me n'esses cabellos
Como em calabres de nora!

A tua voz tinha as notas
Do doce canto das aves,
As meigas formas suaves
Dos trilos do rouxinol.
Nutri desejos ardentes
De te chamar a attenção
Fazendo-te uma canção
E uma polka em si be mol...

Mas afogando no peito
Esses desejos risonhos,
Do teu amor nem por sonhos
Ousei colher as primicias
Não delatando um só gesto
Que de amor fosse prenuncio,
Nem sequer botel annuncio
No *Diario de Noticias!...*

Tem passado largos annos
Sem que me affrouxe este affecto
E a velhice em torvo aspecto
Já sobre nós se avisinha...
Tu engordaste, hoje pesas
Mais dez kilos bem pesados,
E eu por mal dos meus peccados
Já mostro pés de gallinha...

Custa a crer que n'este peito
De amor aberto ao effluvio,
Exista o mesmo Vesuvio
Que eu tive quando rapaz!
E entretanto, podes crel-o
Por mais coisas que te contem,
Tive por ti até hontem
Sempre o mesmo fatacaz!

Mas hoje, Virginia, odeio-te,
Inda que amor me assegures!
Por muito que tu me jures,
Por mais lerias que me contes!...
Ao ver-te o cabello loiro,
O amor fundiu-se-me em gelo!...
Tu pintaste o teu cabello...
E' que és da raça do Fontes...

Pan.

THEATROS

Gymnasio

O Visconde de Valdomar é um drama burocratico, escripto debaixo da arcada do Terreiro do Paço; tem todas as phrases sacramentaes do estylo official: *beneplacito; ill.mo e ex.mo sr.; tenho a honra de remetter a v. ex.a; Deus Guarde,* etc., etc., etc. Até parece mal ir para lá sem manga de alpaça enfiada no braço e papel mata borrão mettido na algibeira... Uma só coisa não comprehendemos: é o motivo porque a actriz Jesuina se apresenta de bengalla na mão; a ter de trazer alguma coisa, era mais proprio um chapeu de chuva.

D. Maria

O grande industrial é inquestionavelmente uma excellente peça, do que podémos assegurar-nos exclusivamente pela audição, por isso que os brilhantes da sr.a Rosa Damasceno e do sr. Silva Pereira por tal fórma nos deslumbraram, que não conseguimos ver nem a pintura do pano de fundo. O sr. prior da Lapa lá estava na platêa, mettido a um canto, corrido, envergonhado, com o grande brilhante do seu annel mais triste e mais mortiço de que os reflexos de uma candeia de nicho.

Lembramos á empresa a conveniencia de mandar substituir os brilhantes d'aquelles artistas pelo lustre da sala e este por aquellas pedras, para que o publico se não veja constrangido a ir para o theatro de luneta fumada ou de oculos azues.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

A VIDA DAS FLORES

As flores de que se trata, e de que David Corazzi vae editar uns explendidos volumes, não são propriamente as flôres que damos á estampa; teem a vida mais curta mas encantam muito mais o espirito e saem muito mais em conta.

LOHENGRIN POLITICO

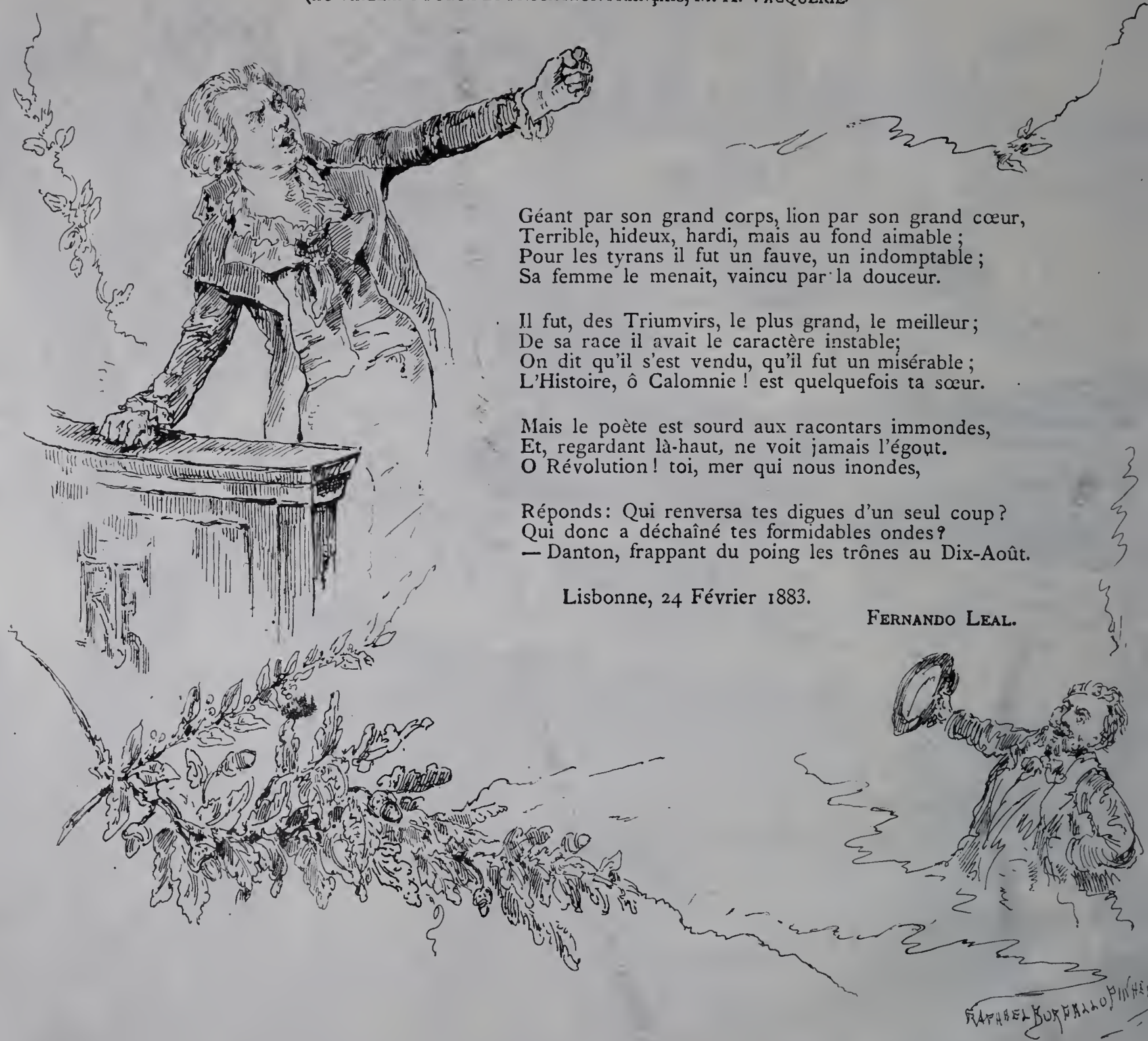
... E os rios serão engulidos; e depois dos rios as arvores; e depois das arvores as casas; e depois das casas as gentes...

As figuras luminosas, os cysnes, os patos, tudo, tudo correrá para o ventre protector!...

... E nós gritaremos sempre que os hespanhoes é que nos querem *papar* e nos mandam esquadras que veem servir de *papões*...

Danton

(AU VAILLANT POÈTE ET PROSATEUR FRANÇAIS, M. A. VACQUERIE)



Géant par son grand corps, lion par son grand cœur,
Terrible, hideux, hardi, mais au fond aimable;
Pour les tyrans il fut un fauve, un indomptable;
Sa femme le menait, vaincu par la douceur.

Il fut, des Triumvirs, le plus grand, le meilleur;
De sa race il avait le caractère instable;
On dit qu'il s'est vendu, qu'il fut un misérable;
L'Histoire, ô Calomnie! est quelquefois ta sœur.

Mais le poète est sourd aux racontars immondes,
Et, regardant là-haut, ne voit jamais l'égout.
O Révolution! toi, mer qui nous inondes,

Réponds: Qui renversa tes digues d'un seul coup?
Qui donc a déchaîné tes formidables ondes?
— Danton, frappant du poing les trônes au Dix-Août.

Lisbonne, 24 Février 1883.

FERNANDO LEAL.

Depois da representação do Lohengrin

Agora é que eu começo a gostar...

Pois eu já não gosto...

Considerações d'uma bêsta

As bêstas teem idéas no toutiço...
E ha muitos homens que jejuam d'isso!
Assim o affirmou sabio d'Alverca,
Que por falta de nome aqui não perca.

Montou-me ha pouco um padreca
De barriga como um bumbo;
E, confesso... com a bréca!
Julguei-o um padre de chumbo.

Ao pôrem-me aquella carga,
De ir ao chão tive suspeitas;
Ia cahindo de ilharga...
Pois eu sou macho ás direitas!...

Quanto a pensar nos obrigas
— Jejum — nos milagres teus...
Dando tamanhas barrigas
A'quelles servos de Deus!

O jejum não atormenta,
Não torna a pessoa fraca...
Dá boa côr, alimenta
Melhor do que a mão de vacca!

O cilicio não macera
Com seus agudos espinhos;
Mas ao padre que o tolera
Dá luzidios toucinhos!
.....
Prefiro ser carregado
Com vinte arrobas de nabos....
Porque um padre é mais pesado
Do que seiscentos diabos!

O governo portuguez comprometteu-se com a Inglaterra a não mandar ao Zaire nenhuma esquadra. Perguntado o sr. Fontes sobre quaes seriam as *esquadras* que lá mandaria se não fôra o compromisso, respondeu s. ex.ª muito ancho:

— Ora essa! Podia mandar a *esquadra* do Largo da Paschoa, a da travessa da Parreirinha, a da calçada da Pampulha e a do pateo de D. Fradique, que ainda me ficavam cinco de sobrecelente, para me fazerem guarda á porta em noites de *salcifré*...

Annuncios amorosos em Francisco

(françois)

(Am. e saud.)

Hier j'ai vous écrit par le journal, malheureusement l'annonce n'a pas sorti, naturellement par le manque de lieu; il sorte demain. Je vous demande á m'accepter une lettre après les 5 heures.

Am. e saud.

Oh! comme je suis heureux de vous voir!! Je vous demende la bonté de m'adresser votre letre apres les 9 heures du matin que je serais vis-a-vi (16—1—83).

Palavras de um professor primario a seus discipulos

Rapazes, orelha fina
Prestae todos, um por um,
A estas lições de doutrina
Do professor em jejum.

Amae dos christãos o Deus
Inda que estaleis de fome...
E, mesmo, vendo aos judeus
Ter muito do que se come.

Amae ao Papa, Senhor
Que é segundo Deus em Roma...
E — como este professor —
Já não tem nada que coma!...

Amae ao rei que nos paga
As lições que vos impinjo
N'estes suburbios de Braga...
Onde não sou o que finjo!

Amae ao Fontes, o *caro,*
E a outros do seu feitio,
Por quem o progresso (é claro)
Anda ha muito em corropio.

Amae co'o mais santo empenho
A Senhora do Sameiro,
Que deu trambulhão tamanho
Do pedestal milagreiro!

Jejuae! ou dareis em vão
No inferno pulo de corça!...
Jejuae por devoção...
Como eu jejuo por força!

THEATRO D

Primeira represen

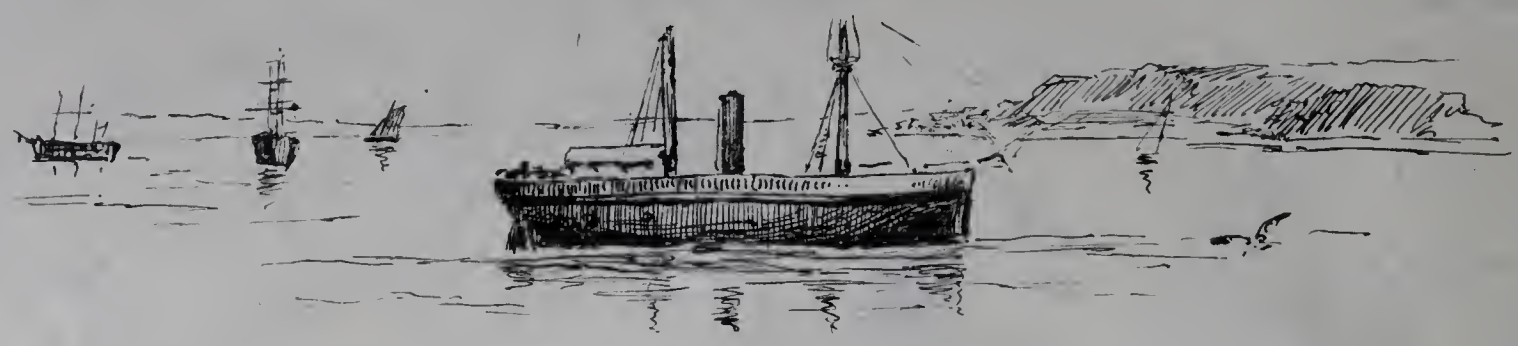
É uma peça magistral! Produziu-nos o effeito que devêra despertar no espirit

CARLOS

o do Lohengrin

bimaus a leitura da melhor poesia de Victor Hugo: não percebemos, mas gostámos!...

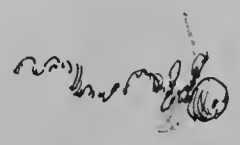
O MAYRINK



A bordo do *Mayrink*, — vapor d'arribação que por dias poisou nas aguas do Tejo, fazendo ondular ao sol portuguez o pavilhão auriverde, — houve ante-hontem um jantar, offerecido pelo commandante Costa a alguns convidados felizes, e no meio de uma grande animação de brindes, foi especialmente e calorosamente saudado o proprietario do *Mayrink*, o nosso amigo João José dos Reis Junior, do Rio de Janeiro. Nós, que lamentamos a nossa forçada ausencia, associamo-nos aqui a essas saudações, — ainda que tardiamente e a secco.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Antigamente, quando desembarcava a guarnição d'alguma esquadra ingleza, era dia de festa na cidade; a laranja attingia o preço do ananaz e o cascarrão do Samôco vendia-se por Porto generoso. Tudo apanhava a sua chelpa graúda, desde o cicerone amavel que levava o official á casa de batota até o garoto obsequioso que conduzia o marujo ao Caes do Sodré, perguntando-lhe delicadamente:



Mas com o tempo mudaram os usos e presentemente é o inglez quem come e Lisboa quem se deixa comer. Elle quebra e não paga; elle joga não paga; elle embebeda-se e não paga!

A unica entidade que lhe vê as cruzes ao dinheiro é a justiça — porque a Boa Hora é como a barca de Charon: ninguem passa sem deixar a esportula...

Foram presos na Pampilhosa dois sujeitos, por trazerem nos bolsos... um macinho de cigarros! Attentos os assisados rigores do fisco, vamos substituir a nossa charuteira por uma pistola de dois canos, passando a fumar polvora, como o general da *Gran-Duqueza*.

A casa da Moeda, tendo concluido a cunhagem dos novos vintens, mandou affixar sobre a porta do edificio a seguinte taboleta:

RECEBEM-SE PATACOS VELHOS, TROCANDO-OS POR VINTENS NOVOS, QUE VALEM DEZ RÉIS ANTIGOS.

Conta o *Pimpão* que no dia da *mi-carcêne* foi presa em Paris uma cosinheira que se mascarára de soldado e a quem um official tomára por um verdadeiro filho de Marte; e acrescenta que egual *qui-pró-quó* podia dar-se com Gabriel Claudio se este se lembrasse de adoptar o mesmo disfarce... É que o *Pimpão* ainda não viu Gabriel Claudio de perfil...

Por denuncia d'um jornal do Porto chegou ao conhecimento da policia que a celebre seita da *Mão Negra* já tem ramificações em Portugal, pelo que se effectuaram capturas importantes em algumas povoações do norte.

A policia de Lisboa, posta egualmente em campo, conseguiu tambem lançar os harpeos a um afamado sectario d'essa terrivel associação, no momento em que, para disfarce, elle pretendia lavar as mãos no chafariz da Esperança. Conduzido ao governo civil, fez declarações importantes, encontrando-se-lhe no bolso alguns papeis pardos muito compromettedores!

Depois da representação do Lohengrin

Protesto

O cysne do Vouga, o cysne de Gonta e o cysne das Matinées Hespagnols, protestam contra o cysne do Lohengrin que é muito mais bonito de que os declarantes e tem além d'isso a vantagem de não fallar nem escrever.

Conversa entre barões medianamente assignalados

A

Aquillo lá por França não se entende,
E vae de catrapuz de mal em mal...
Mas n'aquella lição o mundo aprende
Como em um livro aberto!...

B (sentenciosamente):

É tal e qual.

A

Tirar aos reis o mando soberano!...
É só proprio da infima relé,
Trinta furos abaixo do guano...
Trezentos... muito mais!...

B (como quem entende d'horta):

Pois já se vê.

A

Quem espanca os bondosos jesuitas
Bem merece soffrer egual castigo...
Pois aquellas alminhas são bemditas
Do Senhor Pae do ceu!...

B (coçando na anca):

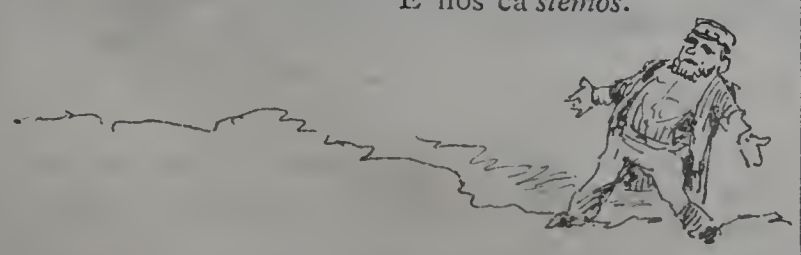
É o que eu digo.

A

Aquillo qualquer dia cae por terra,
E nós com estes olhos o veremos!...
Depois de muita fome e muita guerra
O sceptro hade vencer!...

B (esfregando as mãos):

E nós cá'*stémos*.



O chinó do Bazorra

Bazorra, o judeu das tamaras,
Por lhe faltar o topete,
Quer em casa, quer nas camaras,
Toda a vida usou barrete.

O tal barrete de lã
Dava-lhe um tom de padreca,
Mas do frio da manhã
Punha-lhe a salvo a careca.

Até que afinal agora,
Vendo apertar o taró,
Deitou o barrete fóra,
Poz no toitiço um chinó.

Basorra, que por esperto
Entre os mais espertos campa,
Lá viu que é ditado certo:
Não ha vasilha sem tampa...

PAN.

OS BAILES DO PRINCIPE

No cobiculo do bengaleiro, um continuo de secretaria serve aos convidados mangas d'alpaca, para lhes dar tom official, e joelheiras de coiro, para lhes poupar a casimira das calças quando tenham de ajoelhar aos pés do idolo.

Na copa, o cosinheiro vae-se atraz das bebidas e tem de ser chamado á pressa, para o substituir, um antigo cosinheiro de s. ex.ª, hoje official de secretaria e que já se achava na sala... Porque é preciso que se saiba que o excelso principe tem cosinheiros até no supremo tribunal...

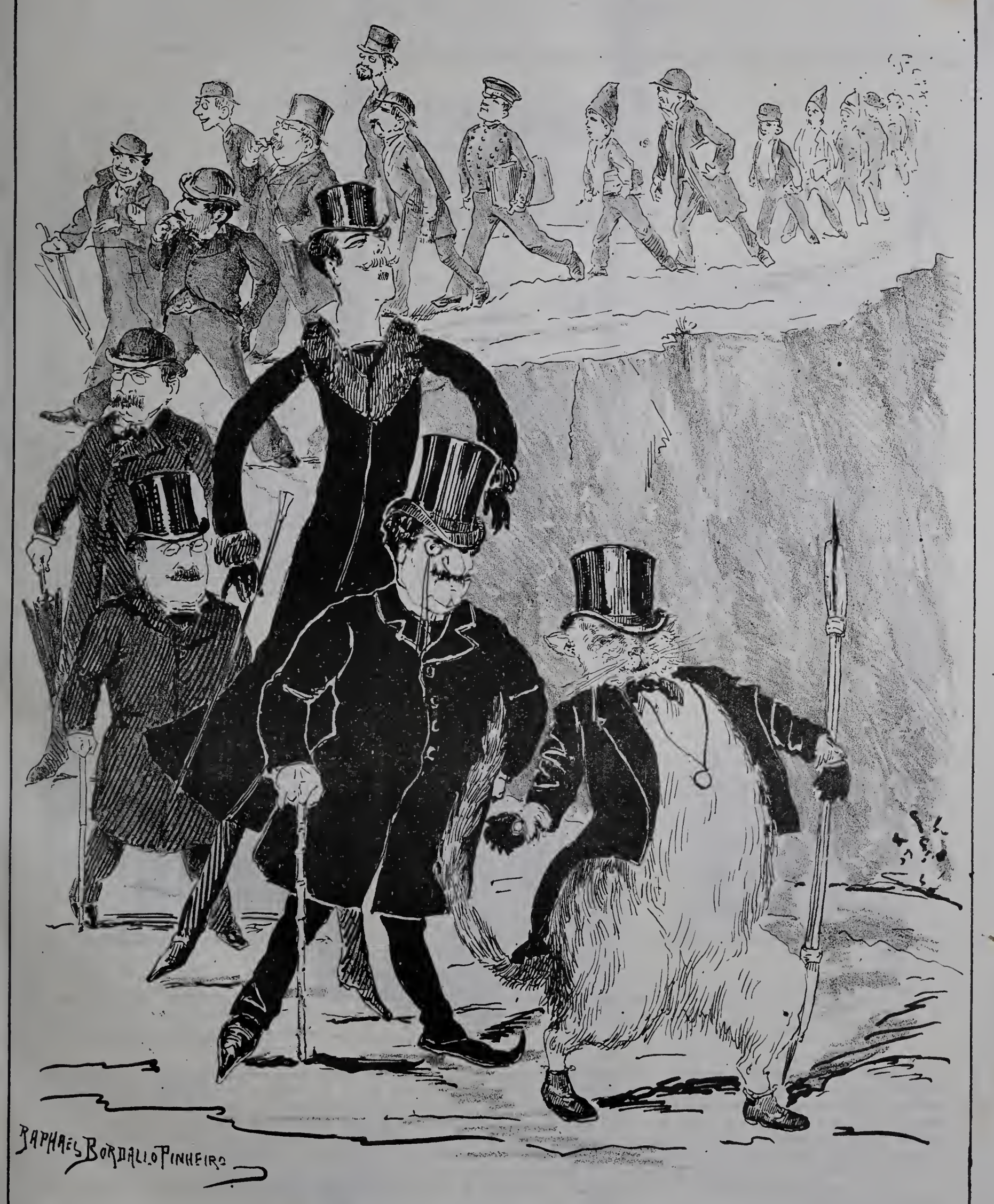
Na saleta, Pinheiro Chagas ensaia ao piano, tocado por Macario, a celebre aria *a união faz a força,* que no dia seguinte tem de executar no parlamento.

Na casa de jantar, serve-se aos convidados meios *grogs* de empregos publicos de facil deglutição, e *sanwichs* de syndicatos, de comer e chorar por mais.

Na sala de baile, as *toilettes de petições*, as casacas *de memoriaes*, os chapeus de pasta *de requerimentos* e os *puffs de receberá mercê,* excedem tudo quanto a moda haja inventado em seus caprichos levianos.

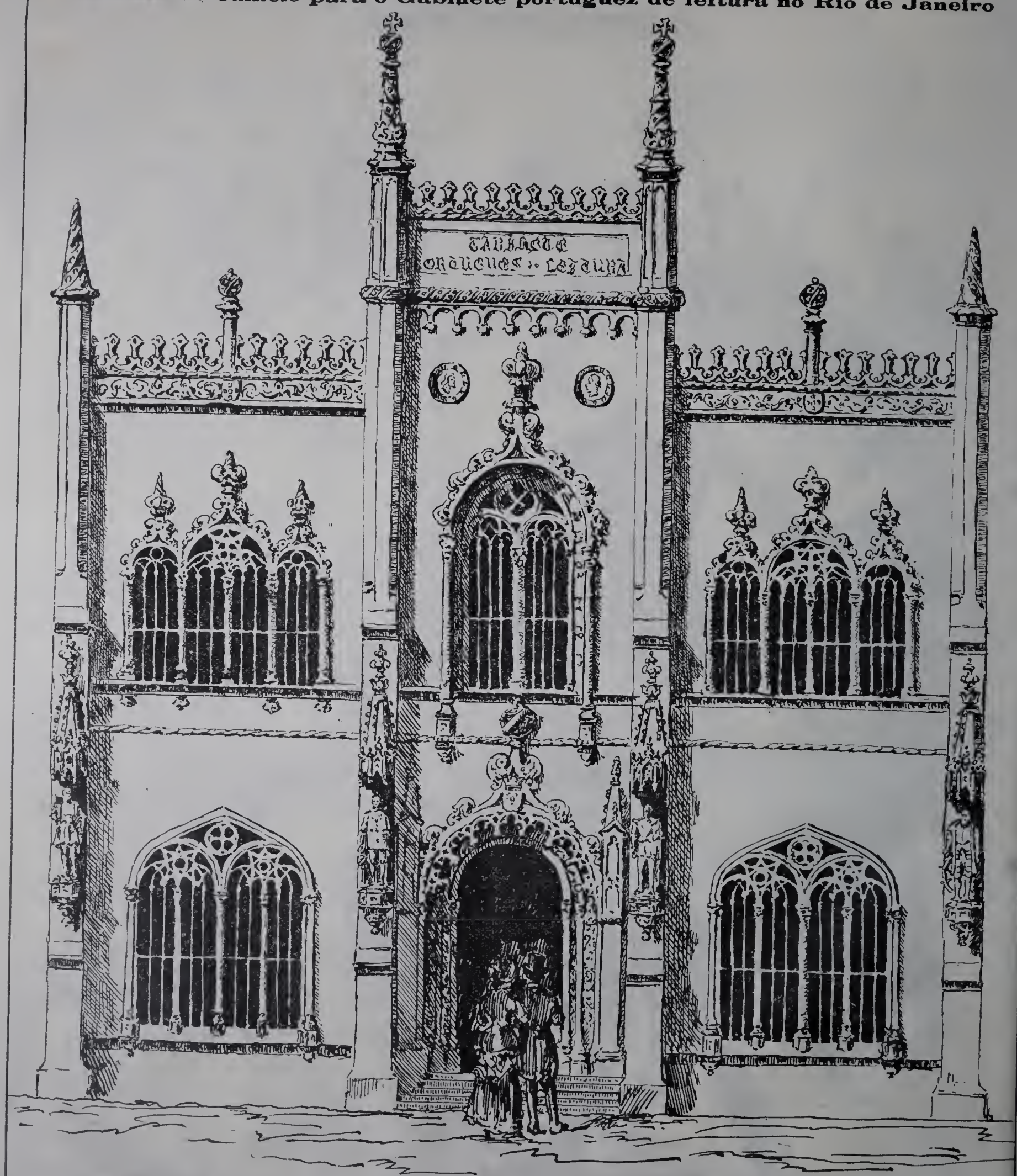
E afinal, de todos os convidados, o que mais se locupieta é o patrão dos pretos, que consegue comer *mais meio por cento.*

EM QUINTA FEIRA SANTA



Hoje não damos *Antonio Maria* porque vamos visitar as egrejas.

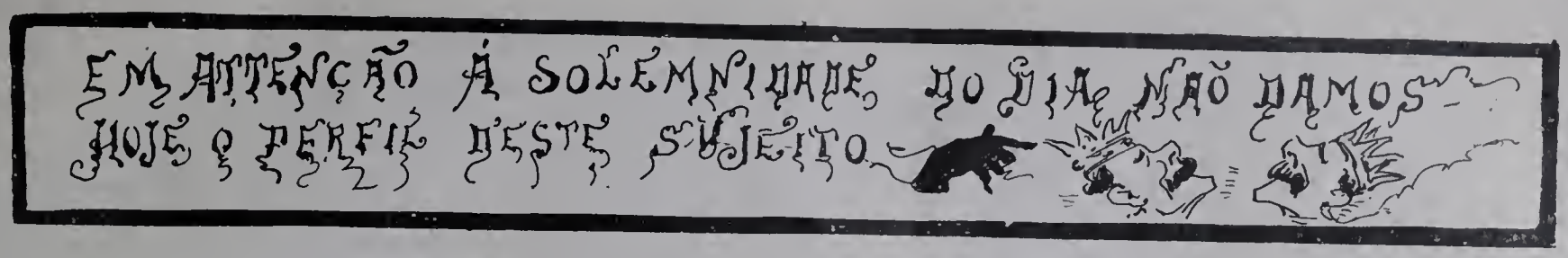
Fachada do edificio para o Gabinete portuguez de leitura no Rio de Janeiro



Alguns portuguezes benemeritos, em honra do centenario de Camões, estão construindo no Rio de Janeiro um edificio para o *Gabinete portuguez de leitura,* que deve inaugurar-se em junho de 1884. A construcção, em dois pavimentos, mede 22 metros de largura e mais de 25 metros de elevação no corpo central; o plano é do architecto Raphael de Castro e a fachada, toda de pedra lioz, é executada em Lisboa, nas officinas de Germano de Salles. Adornam-a quatro estatutas de 2m,20 de altura, obra do esculptor Simões d'Almeida, representando o infante D. Henrique, Camões, Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral, alem de outros tantos medalhões com os bustos de Fernão Lopes, Gil Vicente, Garrett e Alexandre Herculano, devidos ao cinzel de Pedro Reis.

Esta construcção sympathica e relativamente grandiosa, é obra exclusiva de emigrantes portuguezes, orçada em 400 contos de réis.

O Antonio Maria registra gostoso o notavel emprehendimento, não podendo deixar de citar, como os mais dedicados operarios d'essa obra. o visconde do Rio Vez e Eduardo de Lemos.



Como o *Diario de Noticias* começava ha dias o seu boletim parlamentar:

«Só tarde appareceu hontem o governo na camara. Alguns deputados pediram a palavra para illudir o tempo e fizeram discursos que eram verdadeiros verbos de encher...»

O *Diario de Noticias* escreve ás vezes umas coisas que parecem copiadas do *Antonio Maria*...

Vae fazer beneficio no theatro dos Recreios um filho de João Maria dos Anjos, que apesar da sua tenra idade já toca alguns sete instrumentos na perfeição. Publicamos-lhe o retrato para que o publico, por aquelles predicados, o não confunda com o sr. Fontes.

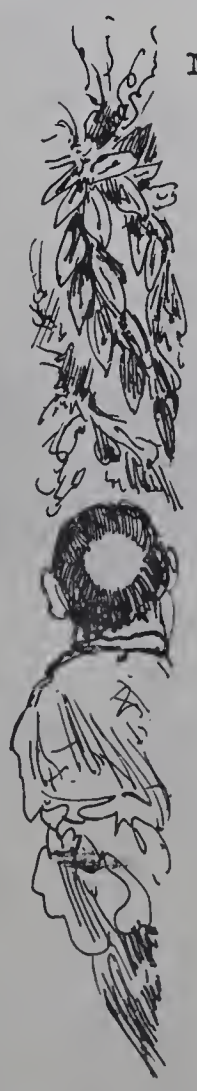
Conta um jornal de Elvas que o sr. general Jorge Candido Furtado, ao passar ha dias revista ao regimento de infanteria n.º 4, foi tão minucioso que analysou, por suas proprias mãos, se as botas dos soldados estavam bem conservadas. O mesmo jornal informa que o general recebe por dia a gratificação de 6$000 réis.

Pois não lhe invejamos o petisco ao general Furtado. Seis mil réis por dia é uma continha redonda, mas examinar *com as proprias mãos* se as botas dos soldados estão em bom estado, além de requerer o uso escrupuloso e ameudado do sabão Moutinho, deve dar ao pobre general, no momento da operação, a apparencia pouco grave d'um Pinaud exhibindo as suas habilidades...

Importaram em mil contos os *arranjos* das cocheiras reaes. A muitos parecerá extranho que não havendo cinco réis para a construcção d'uma doka de abrigo se gaste tanto dinheiro no arranjo d'umas cavallariças; e não ha comtudo nada mais coherente do que prescindir das dokas e não dispensar as cocheiras n'um paiz em que os navios vão desapparecendo ao passo que as alimarias se multiplicam.

O Mundo Artistico é uma publicação musical recentemente ensaiada e que junta á perfeição e elegancia do trabalho lythographico a originalidade de *pôr em musica* as nossas primeiras notabilidades artisticas. O primeiro numero publica o retrato e a *biographia musical* de Lucinda Simões, que a estas horas está sendo executada ao piano por meia Lisboa. No caso da gentil actriz preferiamos a *execução* da guilhotina á dos pianos da rua dos Fanqueiros.

O maestro Frondoni acaba de publicar um folheto sobre a influencia da musica. Da influencia da lua sabiamos nós que, alem de outras, tem a propriedade de fazer crescer o pepino; da influencia da musica porem, conhecemos apenas os somnos catalepticos e isto só depois da primeira audição do *Lohengrin*.



Muito bem se canta na Sé

Ardendo qual uma ascua,
Erguem-se todos de pé,
Os partidarios da Pasqua,
Os campeões da Reszké.

Quebram lanças na contenda
Em honra das teimas luzas,
E vae uma bulha horrenda
No templo das semifusas.

Eu, tambem pimpão de Euterpe,
Nem por Pasqua nem Reszké;
Qual *cavalleiro da serpe*
Defendo os padres da Sé.

Vozes puras como aquellas
Nem na Italia eu as agarro!...
Saem todas de guélas
De rouxinoes sem pigarro!

Quem déra que um emprezario
De S. Carlos, homem recto,
Os livrasse do breviario,
Mettendo-os no Rigoletto!

Como não causára encantos,
Se um Brito levasse a cabo
Fazer cantar a taes santos
O Roberto do Diabo!

Ganhára a empreza um thesouro;
E veria o bem que calha
Cairem c'rôas de louro
Sobre as feitas á navalha!...

CEIA D

Está n'esta meza um que me l

Declaramos solemnemente que esta ceia não é copia nem da tela de L

TONIO

e outro que me hade vender.

ce nem da casa de pasto do Pinxa; é simplesmente copia da Boa Hora.

Da redacção do *Pimpão* recebemos o seguinte certificado, que copiamos gostosamente:

Certifico que vendo o L.º dos Assentos d'esta freguezia vi ella a folhas 377- v.º incontrei o assento do theor seguinte: = Aos quinze dias do mez de Febreiro de mil oitocentos e trinta e um, n'esta Igreja da Concição bapisei e puz os Santos oleos a uma crienca do seco feminino, digo masculino, a quem dei o nome de [illegible] digo — Françisco filho de etc ... — . . . . . — — —

. . . . . — . . . . . — . . . . . — .

O incendio

Pancracio chega ao Atterro;
Vendo o fogo na Margueira,
Abre os olhos, solta um berro
E falla d'esta maneira;

— Que enorme clarão a prumo
N'aquella margem se atiça!
Pelo cheiro e pelo fumo
Deve ser fogo em cortiça...

Na cortiça não me importa,
Não me afflige ou sobresalta...
Porem nas rolhas, vae torta!
Que me fazem muita falta...

Como heide agora rolhal-o,
Ao bello sumo da uva?
Sem tampa, quanto gargalo!
Quanta garrafa viuva!...

O fogo, que tudo prostra,
Sem haver nada que o tolha,
D'esta feita nem p'ra amostra
Deixa ficar uma rolha!...

(Basorra p'la rectaguarda:)
— Pancracio, não se apoquente...
Hade haver *rolhas* em barda...
Cá fiquei eu p'ra semente...

PAN.

L'Arpa, periodico musical que se publica em Bolonha, escreve, fallando de Borghi-Mamo, o seguinte interessante periodo:

«La Borghi, con gentile pensiero offrì fiori a tutti i principali artisti, e alla celebre Tuborda, la Ristori portoghese, una stupenda corona con nastro dai colori nazionali.»

Pedimos desculpa ao actor *Tuborda* por lhe termos sempre escripto o nome com *T a Ta*, e por nunca o havermos dado á estampa com as saias que de direito lhe pertencem.

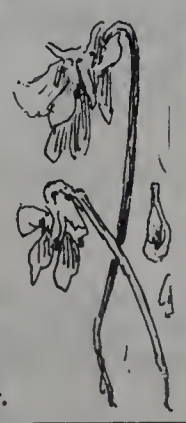
21 DE MARÇO

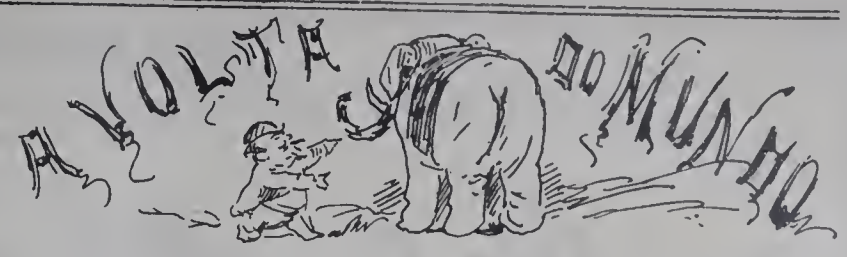
Ao primaveral anniversario natalicio de Raphael Bordallo Pinheiro

Quando as papoilas,
Quando as boninas,
Pelas campinas
Brotam a flux,
Co'a primavera,
Feliz, jocundo,
Tu n'este mundo
Vieste á luz!

Oxalá passes
— Eu bem quizera —
Co' a primavera
A vida inteira...
Saude e pintos
E felicidade,
Até a idade...
... Do Silva P'reira.

PAN.





É definitivamente no sabbado da alleluia que sóbe á scena no theatro da Trindade a *Volta ao mundo*.

O elephante que entra n'esta peça tem sido causa de sérias emulações em varios artistas, que receiam vêr prejudicados os seus creditos com a apparição do formoso bicho. Alguns d'elles chegaram até a pedir ao Francisco Palha que suspendesse o elephante, mas o Palha transigiu apenas cincoenta por cento, mandando *suspender* o animal na urdidura logo que termina o primeiro acto.

As bailarinas requereram tambem que lhes deixassem substituir as pernas pelas do elephante e vice-versa, o que igualmente lhes foi concedido.

Ao começo, dizia-se que o Palha mandára vir o elephante de Paris, mas depois descobriu-se que não fôra tal: quando o elephante caminha, ouve-se-lhe distinctamente pronuncia a compasso: *um! dois! um! dois!* e pela inflexão descobre-se facilmente que é de S. Thiago de Compostella.

DE VOLTA A CASA

Já cá cantam sete!...

THEATRO DE S. CARLOS

Lohengrin

Para os que sabem da poda, a musica do Lohengrin é um cacho artistico cujas bellezas musicaes se contam pelo numero de bagos; para nós, pobres leigos no assumpto, o que deveras nos surprehendeu e nos encantou foi o explendor do scenario e do vestuario. Os sabios que façam a apologia da musica, que nós limitamo-nos ao elogio da *mise-en-scene*. Cada qual no seu officio.

BONITA POSIÇÃO...

O requerimento da Associação Commercial de Lisboa

A associação protestou dar no ministro uma escovadella mestra e deu-lh'a effectivamente... nas botas.

Energicamente!

A Associação Commercial de Lisboa resolveu ha pouco representar *energicamente* contra a parcialidade manifesta com que o sr. ministro das obras publicas se propõe despejar sobre o commercio do Porto a cornucopia das suas graças, ao passo que ao commercio de Lisboa concede apenas a ponta da mesma cornucopia.

O conselho directorio, a cuja solicitude importa o mandato d'aquella corporação, curtiu largas insomnias na descoberta da fórma mais adequada a frisar o caracter positivamente *energico* d'essa representação.

Assim, todos os seus membros, unidos em conclave, discursaram largamente, pretendendo descobrir, até ás raizes etymologicas, a verdadeira significação e o peso exacto d'esse adverbio estupendo, que no vocabulario portuguez se denomina ENERGICAMENTE!

— É effectivamente preciso mostrar energia! bradava um; nós representamos uma corporação valiosa, isenta, independente, e não devemos assim render-nos como bolonios aos caprichos do estado... *L'état c'est moi,* como dizia o grande rei Luiz XIV...

— Pois está bem de vêr! exclamava outro; mas o que tem a ser *energia,* não me dirão?

— *Energia,* explicava um terceiro, trazendo tambem á baralha palavras d'um grande rei — o rei Caramba 27, quando Vasco lhe perguntava o que era metaphora — *Energia?...* energia... é uma coisa!!!...

E, compulsado o diccionario de Lacerda, o melhor, o encyclopedico, e evocados os manes de João de Barros, e trazidos á consulta os mais idoneos manuscriptos de sabios gregos e latinos, a direcção da Associação Commercial de Lisboa acordou por unanimidade, que *representar energicamente* ao governo, era procurar o sr. Hintze, de cabeça descoberta, fallas humildes e adocicadas, gestos cuidados e submissos, e entregar-lhe timidamente um elegante memorial, escripto em papel velino e aromatisado a espirito de rosas, um primor de estylo elegiaco, onde o corpo do commercio de Lisboa implora que se lhe conceda *por favor* o que de direito tinha razão para exigir — como o marçano que solicíta servilmente dos patrões a entrega das mensalidades que lhe devem!

E aqui está como a direcção da Associação Commercial de Lisboa se desempenhou *energicamente* da missão que lhe confiaram os seus committentes...

Póde limpar a mão á parede, e bem deve fazel-o, porque é impossivel que na febre do salamaleck se não dobrasse a ponto de tocar com as mãos no chão.

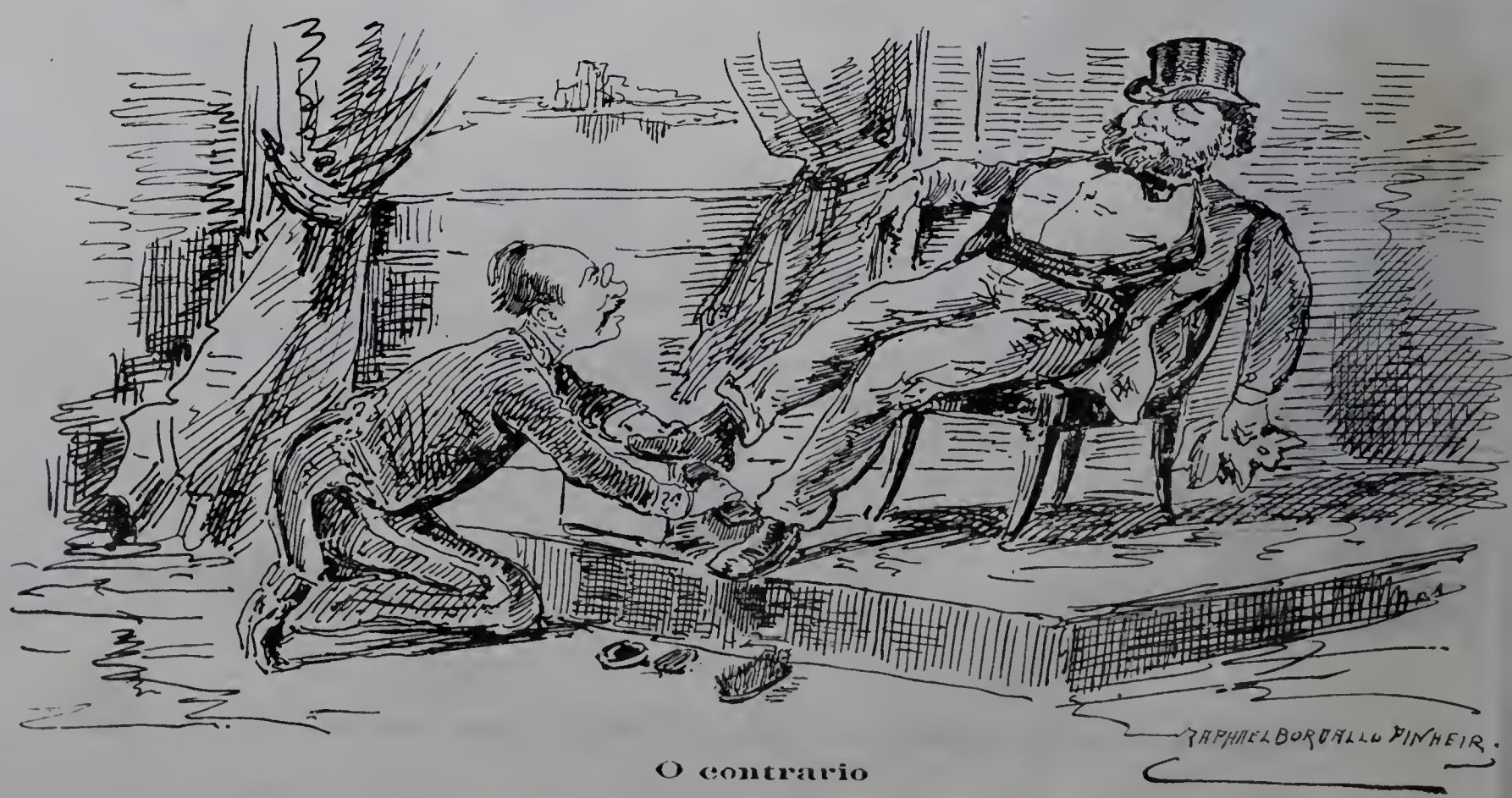
Em contraste com o commercio de Lisboa, a Associação Commercial do Porto não deu voto de *energia,* mas deu voto de confiança aos seus procuradores; e o ministro, que presta culto á rhetorica e se impressiona vivamente com um peditorio bem choradinho, mas em cujo animo cala mais profundo aquillo a que o povo chama *fallar mal e depressa,* achou tão rasoaveis as *determinações* da Associação Commercial do Porto e tão concludentes os seus argumentos, que a tudo accedeu gostoso, tomando por seu turno a posição reverentemente grotesca, que mais tarde devêra tomar junto da sua alta personalidade a commissão da Associação Commercial de Lisboa.

E chamam-lhe *tripeiros...*

Aquillo não é *tripa,* é *nervo!...*

PAN.

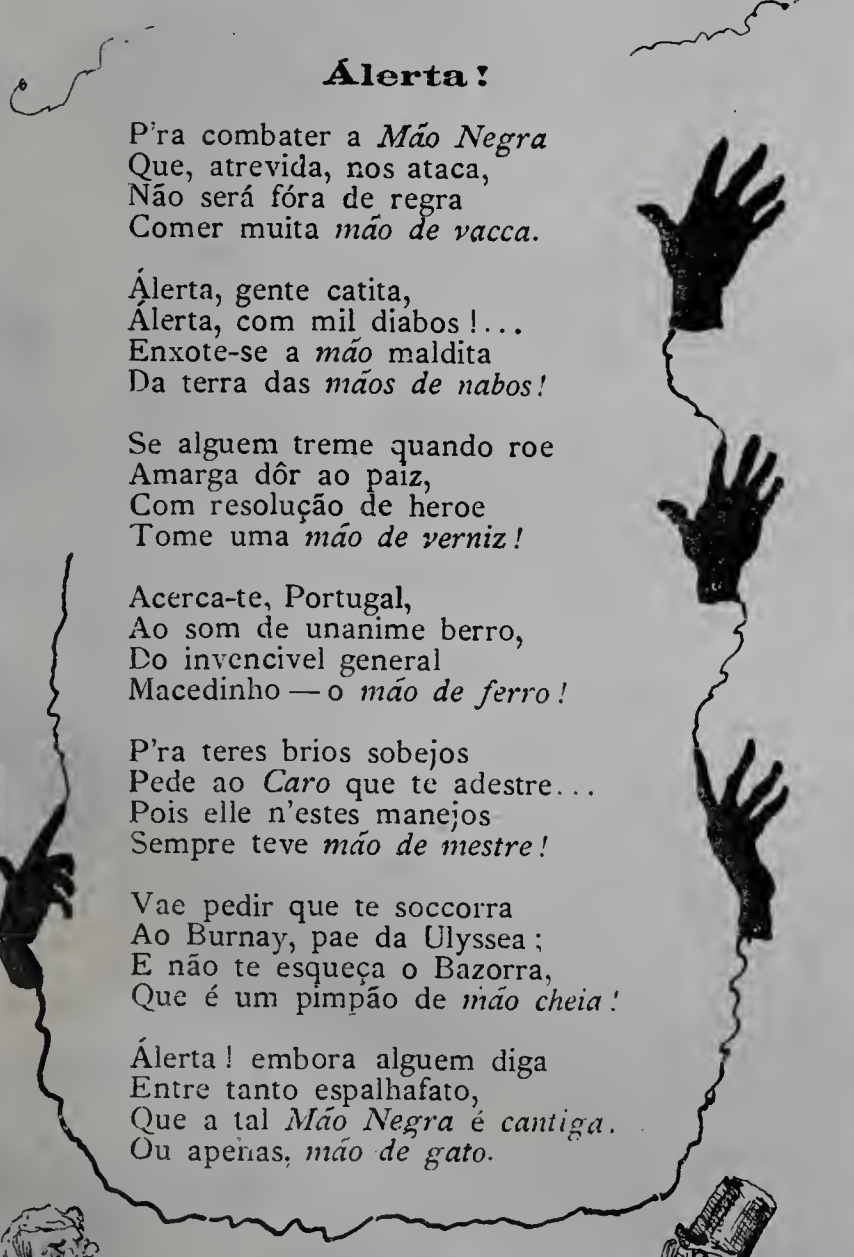
Associação Commercial do Porto



O contrario

Ha dias, proximo da casa do sr. Fontes, um pobre cocheiro caiu da almofada do trem, ficando bastante magoado. O policia n.º 84, que faz serviço permanente á porta de s. ex.ª, só ao cabo de algum tempo se resolveu, naturalmente por curiosidade, a tomar conhecimento do caso. Faz muito bem o policia em duvidar affastar-se do palacio do excelso principe sempre que algum serviço do publico que lhe paga reclame a sua presença, porque a *Mão Negra* podia aproveitar a occasião e enfarruscar as bochechas de quem nos rege.

Em todo o caso, parece-nos acertado
Que se acaso o famoso ministro
De *Mãos Negras* em casa tem medo
Prevenindo algum caso sinistro
Compre o cão do Ferraz de Macedo.



Álerta!

P'ra combater a *Mão Negra*
Que, atrevida, nos ataca,
Não será fóra de regra
Comer muita *mão de vacca.*

Álerta, gente catita,
Álerta, com mil diabos!...
Enxote-se a *mão* maldita
Da terra das *mãos de nabos!*

Se alguem treme quando roe
Amarga dôr ao paiz,
Com resolução de heroe
Tome uma *mão de verniz!*

Acerca-te, Portugal,
Ao som de unanime berro,
Do invencivel general
Macedinho — o *mão de ferro!*

P'ra teres brios sobejos
Pede ao *Caro* que te adestre...
Pois elle n'estes manejos
Sempre teve *mão de mestre!*

Vae pedir que te soccorra
Ao Burnay, pae da Ulyssea;
E não te esqueça o Bazorra,
Que é um pimpão de *mão cheia!*

Álerta! embora alguem diga
Entre tanto espalhafato,
Que a tal *Mão Negra* é *cantiga.*
Ou apenas, *mão de gato.*

THEATRO DO GYMNASIO

Beneficio do actor Valle — *O Macaco Azul*

Consta que a *Associação 1.º de Dezembro* vae pedir ao auctor da peça que amplie o titulo, ficando de futuro *O Macaco Azul e Branco,* para lhe dar caracter mais nacional.

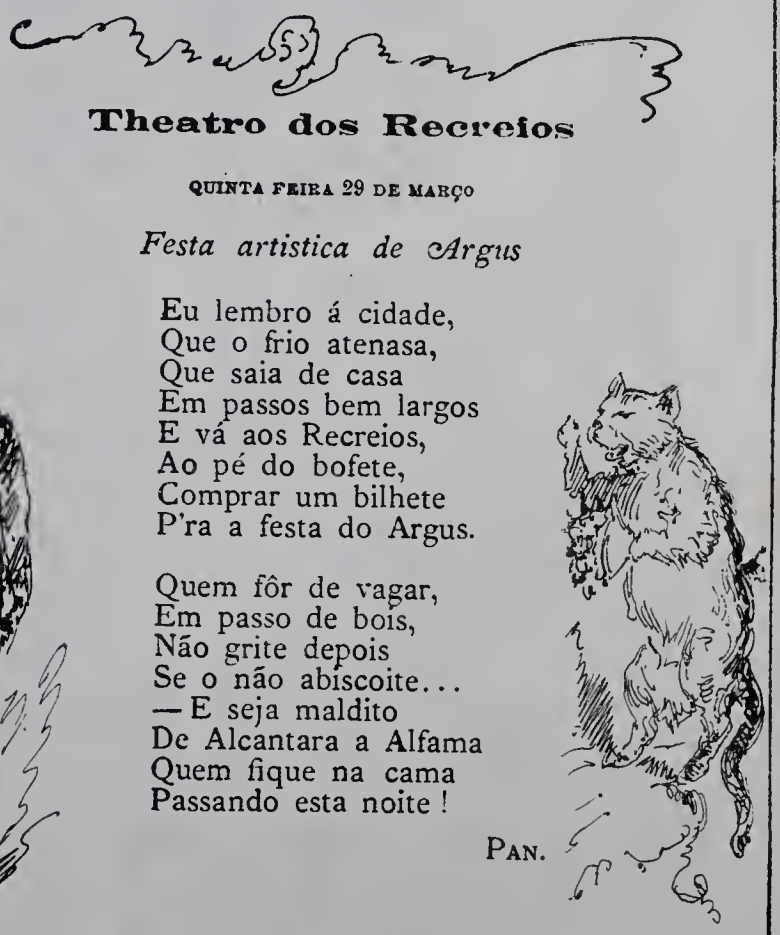
O Zum-zum

Ha bons tempos que o Taborda cantava no Gymnasio:

«*Corre ahi um* zum-zum *que eu não gosto*
E decerto não gosta ninguem;
Vou contar o zum-zum *mas aposto*
Que é chalaça que fundo não tem...

Mal pensava o Taborda, que uns poucos de annos depois, havia de *correr ahi* outro *zum-zum,* mas de que elle havia de gostar, como nós gostamos e como gosta toda a gente, porque o *zum-zum* de que se trata

Francamente, é zum-zum de que eu gosto
Porque á troça não poupa ninguem;
Ha de ter longa vida, eu aposto,
Pois tem graça e só custa um vintem.



Theatro dos Recreios

QUINTA FEIRA 29 DE MARÇO

Festa artistica de Argus

Eu lembro á cidade,
Que o frio atenasa,
Que saia de casa
Em passos bem largos
E vá aos Recreios,
Ao pé do bofete,
Comprar um bilhete
P'ra a festa do Argus.

Quem fôr de vagar,
Em passo de bois,
Não grite depois
Se o não abiscoite...
— E seja maldito
De Alcantara a Alfama
Quem fique na cama
Passando esta noite!

PAN.

A António de Menezes (Argus)
Pedro Mynerva (103)

O maior prazer que eu sento
É me fazer pular o pé —
Meu Argus, autor distincto
Queres saber qual elle é? —
É ver hoje nos Recreios
Os lugares todos cheios
De gente fina e corter
Dêsta que do High-life é nata
E que só compra ouro e prata
Na m. Aurea 104.

THEATRO

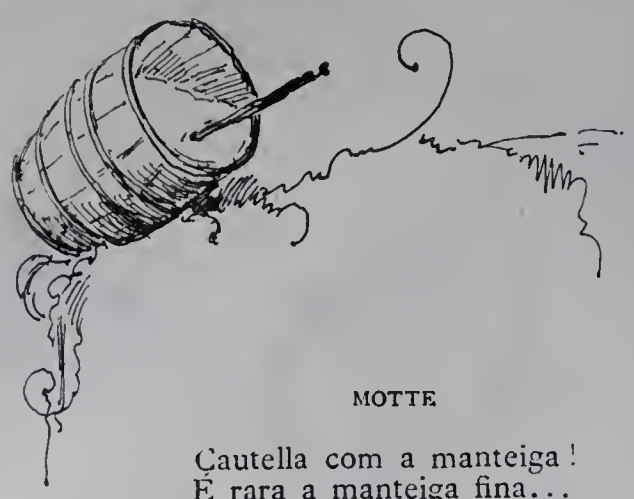
Festa artisti

Navios, caminhos de ferro, tiros, explosões, selvagens, naufragios, cobras e coristas, elephantes e bailarinas, horas, revo
panhia do gaz, desempenho magnifico, scena do naufragio surprehendente, unica, vestuarios extravagantes, originaes, elega
Nota. — SS. Altezas os principes ainda não faltaram uma unica noite e os ecclesiasticos são assim

TRINDADE

ector Queiroz

mericanos vivos, radjahs mortos, navios que se desmancham, pharóes illuminados em allusão á com-
emfim, um *charivari* continuado e delicioso, a que concorre clero nobreza e povo.



MOTTE

Cautella com a manteiga!
É rara a manteiga fina...
A manteiga que nos vendem
É feita de margarina!

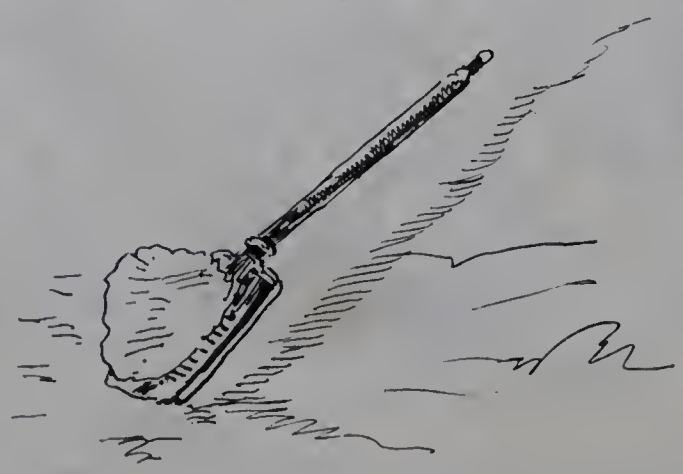
GLOSA

Lindas damas de Lisboa
Que amaes torradas e chá,
Tento na boia, olhae lá
Que a manteiga não é boa.
Certo chimico de prôa,
Para encher d'oiro a taleiga,
Impingiu á gente leiga
Uma nova *brezundella*...
Meninas, haja cautella,
Cautella com a manteiga!

Tambem o Fontes mil vezes
Os seus meritos realça,
A impingir *manteiga* falsa
Aos pacovios parvonezes!...
E não lhe faltam freguezes
Para a sua *margarina,*
Que, mestre em alicantina,
Sabiamente a arruma ás ventas...
Sahida de unhas tão bentas
É rara a *manteiga* fina!

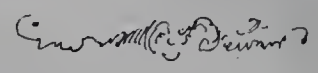
Que ama a quem lhe dá a *china*
Zilú nos diz em voz meiga...
Isto, além de ser *manteiga,*
É da tal de margarina!...
Das leis na santa officina,
Esses que da *póda* entendem
Nossa *ventura* emprehendem
Entre muita arenga e zanga...
Mas é da tal *berundanga*
A *manteiga* que nos vendem!

Manteiga livre de borra,
Mas de gosto delicado,
É a que a todo o afilhado
Dá por 'hi qualquer Bazorra!
Comida esta á tripa fôrra
Nunca faz nausea mofina...
É *manteiga* papa fina,
Sabe a *queijo*, adoça o *pão*...
Esta, com certeza, não,
É feita de margarina!



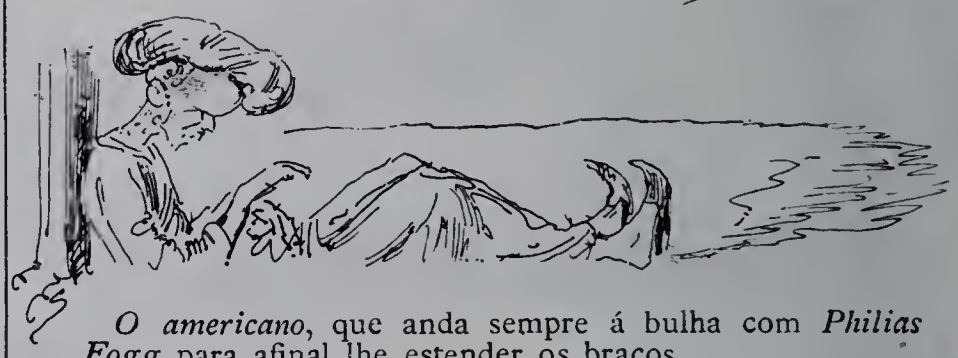
A volta do mundo

Francisco Palha, que não quer na Trindade *revistas do anno*, por causa das allusões politicas, acaba de pôr em scena a mais insidiosa das revistas, onde as allusões são transparentes, sem que as physionomias se pareçam. Senão, vejamos:



Philias Fogg; o homem que vence todas as difficuldades—com o dinheiro alheio.

O Radjah morto;



O americano, que anda sempre á bulha com *Philias Fogg* para afinal lhe estender os braços.

Passepartout; serviçal obdiente que até no meio do naufragio pergunta submisso: — *Vossa Honra chamou ha muito tempo?*

As *ondas* que tomam parte no naufragio são todas de agua doce; foram escolhidas escrupulosamente entre os *habitués* do chafariz do Carmo.

Muita gente chega a convencer-se de que são ondas verdadeiras, pelo cheiro a maresia que se espalha no momento do naufragio.

Todas as noites se dão scenas originalissimas com estas *ondas*. Hontem o Palha mandou uma para a tabella porque não se mechia bem!

Outra *onda* recolheu ao hospital a deitar sangue pela boca; mandaram-lhe dar oleo de figado de bacalhau.

Duas outras altercaram com o Palha, que se viu em risco de ser engulido pelas ondas, se não lhes manda abonar mais um pataco em cada noite.

E uma ultima *onda* deixou-se dormir de fórma que parecia uma *onda* do Mar Morto!

As *horas vivas* do ultimo acto lembram ao espectador, que ali vae passar as horas mortas, a cançoneta do Valle: *São horas, vou-me raspando.*

O elephante está destinado a collocar a empreza em serias difficuldades. Mais dia, menos dia, veremos affixado na sala de entrada o seguinte aviso:

«Tendo adoecido repentinamente uma das pernas do elephante, com uma pinguita que lhe subiu á cabeça, previne-se o respeitavel publico de que aquelle animal tem hoje de entrar a pau e corda.»

Elle...

Elle era um pequeno rei,
Altivo, heroico, bem posto...
Da moda é quem dava a lei,
Quem dava o tom no bom gosto.

Tinha as mais ricas farpellas
Quer em linhos quer em lãs,
Era o sonho das donzellas,
Era o terror das mamãs...

Tinha as mais finas roupagens
Desde as meias aos peitilhos,
Sem costuras, sem passagens,
Sem remendos, nem fundilhos!

Tudo do bom e moderno,
Do melhor e mais catita;
Camisas brancas de inverno,
De v'rão camisas de chita!

Se a moda ali não vivia
Não sei onde ella se acoite...
Gravata branca de dia
Gravata preta de noite...

Badine curva, de anzol,
Charuto, boquilha e luva,
Sapato em dias de sol,
Galocha em dias de chuva...

De colleirinhos lustrosos,
Sempre direito, aprumado,
Era o leão dos *gommosos*
Era o leão do Chiado...

Era um elevo o Barata
Sobre a extranha traquitana,
Co'o seu chapeu côr de rata,
Com fumo de tarlatana...

Em summa, de tudo tinha,
Do melhor e do mais chic,
Tinha a forma, a *pose*, a linha,
Porém faltava-lhe um tic...

Que prazer, que extranha gloria,
Se aos brasões do seu castello
Pudesse juntar a historia
D'uma lucta, d'um duello!

Dito e feito; mãos á obra!
N'esse alto empenho se anima,
De audaz coragem redobra,
Vae tomar lições de esgrima!

Ao rebolo a espada amola,
Põe o florete aguçado
E dá tiros de pistola
Sobre os pardaes do telhado!

Toma banhos de alfavaca
N'um bidet de durindanas,
Corta as unhas co'uma faca,
Faz a barba co'as catanas.

E' fugir que elle se zangue
Pois que por hi se divulga
Que co'a atroz sede de sangue
Já tem morto muita pulga!...

PAN.

A QUESTÃO DO ZAIRE

— Então você sempre manda a esquadra?!
— Palavra d'honra que não mando... O' Andrêza; leva a esquadra lá para dentro e podes vasal-a...

Os Andrades, cantores portuguezes em Italia

Nós, que não apreciamos nem louvamos senão o producto estrangeiro, exportamos de quando em quando uma ou outra notabilidade, que lá fóra applaudem e celebram e que nós deixámos escapar porque *santos de casa não fazem milagres...*

Os habeis

A julgar pelo que se lê todos os dias nos jornaes, a policia de Lisboa é a flor das policias de todo o mundo bem policiado. Londres e Paris, são verdadeiros antros de criminosos, que a policia apezar de numerosa e cuidadosamente organisada não tem a *habilidade* de descobrir. A propria Russia fica a perder de vista. Se fosse em Lisboa que houvesse sombras de nihilismo, os *habeis* tinham logo dado com o fio de todas as conspirações, posto em pratos limpos todas as tentativas de Zilucidio, descoberto todos os planos e machinações tenebrosas dos inimigos da ordem. Haja vista ao que succedeu com a *habil* policia do Porto e a *Mão Negra*. Foi a *Mão* apparecer e a *habil* policia agarrar-lhe logo o braço pelo sangradoiro. Foi tão grande a *habilidade* com que procedeu, que da *Mão Negra* não ficou sequer um dedo para metter na boca dos papalvos.

Em Lisboa os *habeis* ha muito tempo que occupam o primeiro logar na salvaguarda dos direitos do cidadão e da segurança do estado. Os *habeis* procedem e a imprensa louva-os. Ainda que elles quizessem hoje deixar de ser habeis, já não podiam, porque uma reputação tão bem feita pelos jornaes mais serios não pode voltar para traz.

Os expedientes dos nossos habeis, as traças de que elles se servem para o descobrimento dos criminosos, os inexgotaveis recursos da sua imaginação, não davam para uma pagina de Capendu, Zacone ou Ponson du Terrail, em qualquer dos seus romances urdidos sobre processos judiciaes. Mas ahi é que está o engenho dos habeis; nada ha mais bello do que a simplicidade e é esta que os jornaes celebram com a simplicidade que os caracterisa.

Quando em Lisboa se pratica algum roubo mais grande e se suspeita de que o ladrão não é dos que exercem exclusivamente essa profissão, os habeis, vão a um de fundo, uns agarrados aos outros, mysteriosos, terriveis, ameaçadores, percorrer as casas de *prego* para saberem se lá pára o objecto roubado. Se encontram o *cardanho*, a imprensa acclama-os e os prelos gemem com louvores.

Se o roubo é pequeno, feito por *artista* de profissão, os habeis desfarçam-se com o maior mysterio, de chapeus desabados que só a elles tiram a vista e não a quem os conhece, e vão numerosos e terriveis crusar á noite no *Mar Negro, vulgo* Rocio, em cata dos *bufos* — ladrões que accumulam o officio de denunciarem os collegas, para elles desencantarem em que mãos de receptador ou de preso do Limoeiro pára o *grilo* roubado. No dia seguinte gemem os prelos e a imprensa entôa os louvores dos habeis.

Apenas em toda a Lisboa se sabe que dois homens nomearam padrinhos para resolverem um caso de honra, os habeis levantam as cabeças, tomam ventos e começam a farejar. Uma hora depois sabe toda Lisboa a hora do duello, o sitio, quem são os padrinhos, quem são os medicos e até de que freguezia ha de acudir a extremaunção se fôr necessario. Então os habeis separam-se, correm, cercam as casas dos padrinhos, dos duellistas, dos medicos e até a do padre que ha de dar a extremaunção, guardam as sahidas da cidade, põem trinta carruagens em movimento e chegam ao sitio do duello meia hora depois de elle terminar, quando não recebem a noticia em primeira mão pelos jornaes.

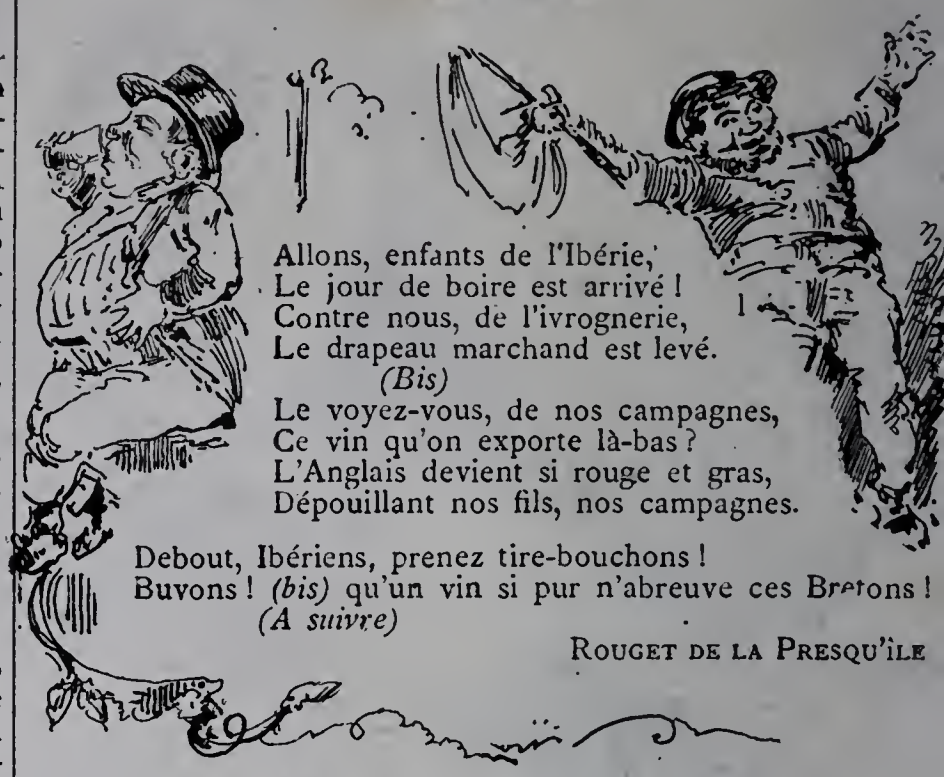
E a imprensa honra os habeis e os prelos gemem com os elogios á perspicacia e ao engenho com que elles descobriram o que todos sabiam.

É tudo isto um louvar a Deus. Talvez estes habeis fizessem melhor serviço se tivessem menos habilidade para inculcar o pouco que fazem e a imprensa menos condescendencia em lhes flautear os raros merecimentos.

LA LISBONNAISE

Chant de guerre Hispano-Portugais

CONTRE LES ANGLAIS, BUVEURS DES MEILLEURS VINS DE LA PÉNINSULE



Allons, enfants de l'Ibérie,
Le jour de boire est arrivé!
Contre nous, de l'ivrognerie,
Le drapeau marchand est levé.
(Bis)
Le voyez-vous, de nos campagnes,
Ce vin qu'on exporte là-bas?
L'Anglais devient si rouge et gras,
Dépouillant nos fils, nos campagnes.

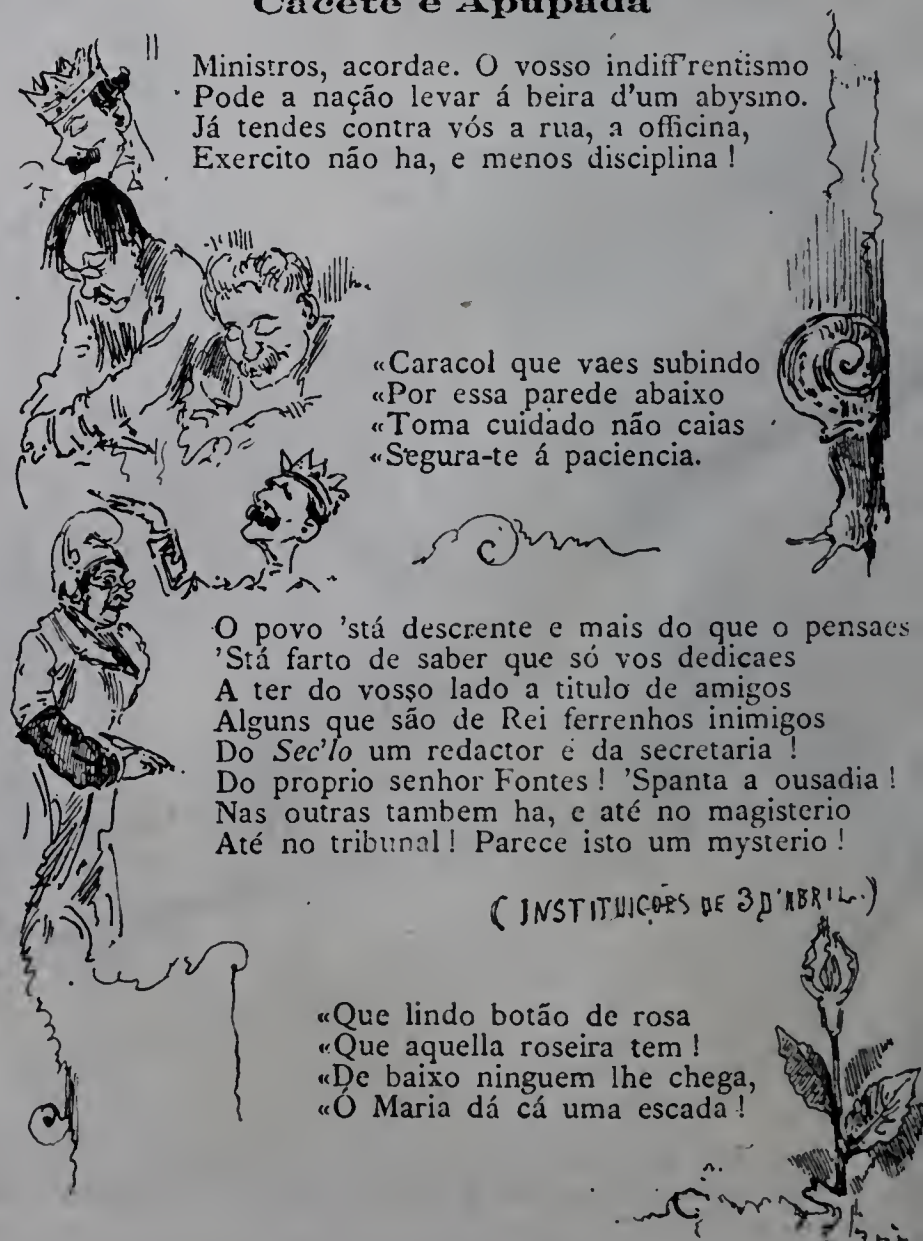
Debout, Ibériens, prenez tire-bouchons!
Buvons! *(bis)* qu'un vin si pur n'abreuve ces Bretons!
(A suivre)

ROUGET DE LA PRESQU'ÎLE

Artigo de fundo, em verso, das «Instituições»

Como o artigo é longo, damos hoje apenas algumas estrophes e começamos pelo meio, visto que não tem pés nem cabeça.

Cacete e Apupada



Ministros, acordae. O vosso indiffrentismo
Pode a nação levar á beira d'um abysmo.
Já tendes contra vós a rua, a officina,
Exercito não ha, e menos disciplina!

«Caracol que vaes subindo
«Por essa parede abaixo
«Toma cuidado não caias
«Segura-te á paciencia.

O povo 'stá descrente e mais do que o pensaes
'Stá farto de saber que só vos dedicaes
A ter do vosso lado a titulo de amigos
Alguns que são de Rei ferrenhos inimigos
Do *Sec'lo* um redactor é da secretaria!
Do proprio senhor Fontes! 'Spanta a ousadia!
Nas outras tambem ha, e até no magisterio
Até no tribunal! Parece isto um mysterio!

(INSTITUIÇÕES DE 30 D'ABRIL)

«Que lindo botão de rosa
«Que aquella roseira tem!
«De baixo ninguem lhe chega,
«Ó Maria dá cá uma escada!

As Bolachas do Eduardo Costa

Não conhecemos da primitiva a historia geneologica das bolachas e d'essa ignorancia nos penitenciamos agora aqui. Sabemos apenas que o culto pela bolacha tem fundamento em remotas eras e que o proprio Abrahão, quando resolvido a sacrificar Isaac, lhe perguntára compadecido:

— Sentes-te fraco, meu filho? queres uma fatia de pão com manteiga?...

E que a victima respondêra:

— Não, papásinho; preferia antes chá e bolachas...

D'ahi para traz, a historia da bolacha perde-se na noite dos seculos...

Nos nossos tempos a unica bolacha conhecida em Portugal, como coisa fina, era a de farinha de araruta, industria ingleza, golosamente saboreada aos domingos á noite em todos os primeiros andares da rua dos Fanqueiros.

A industria nacional conhecia apenas a afamada bolacha de taboleiro, ou bolachinha da Lapa, como queiram, caprichosamente recortada em gallos de crista de baeta ou em saloios de mão na ilharga e olhos de pimenta em grão.

Eduardo da Costa acabou de quebrar os escudos bolorentos d'essa potestade decrepita, hasteando sobre as ameias do castello da rua dos Retrozeiros o pavilhão da republica da bolacha.

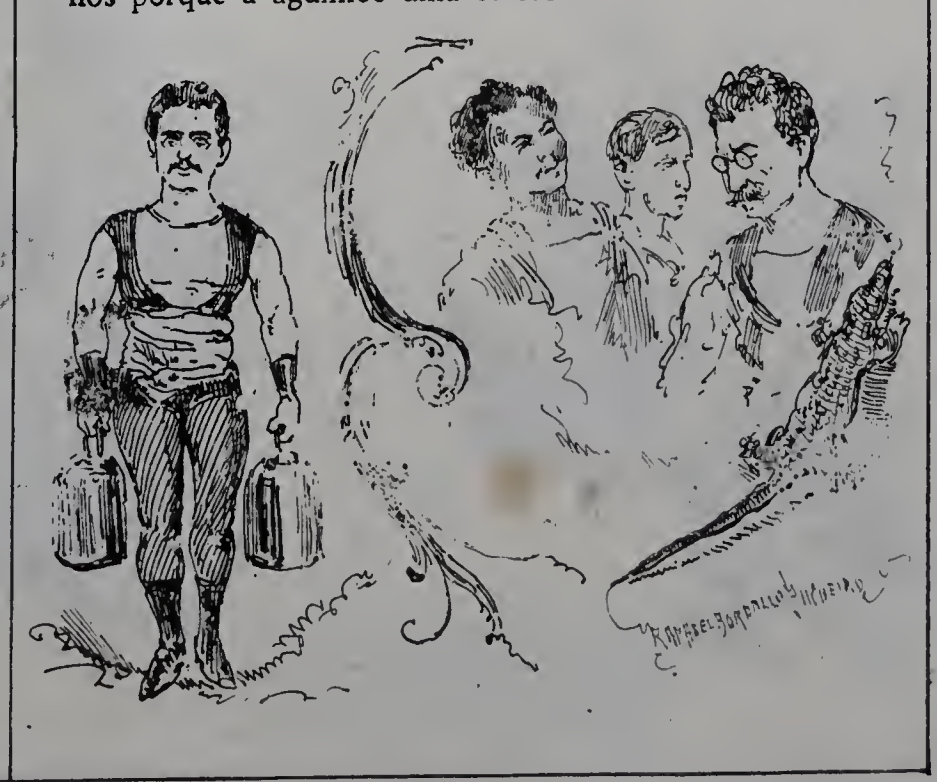
Os productos estrangeiros fogem espavoridos ante a superioridade do novo contendor e a patria agradecida acclama com vivas enthusiasticos o grande reformador, escrevendo-lhe o nome na historia do futuro em letras de bolacha!

Se a Fortuna não fosse tão calva na nuca como o Eduardo Coelho é no alto da cabeça, toda a gente lhe deitava as unhas. Mas a pérfida escanhoa-se todos os dias e passa por nós tão subtil e tão velloz, que quando pretendemos segural-a pelos cabellos, não nos deixa nas mãos nem o cheiro da bandolina!

O Alves Martins, um privilegiado, um felizão, conseguiu ha dias, quando a Fortuna dançava o *cotillon* no baile do sr. Fontes, agarral-a traiçoeiramente pela cuia postiça. Lá a tem na loja, em exposição, e cada um poderá, sem grande difficuldade, lançar mão da famosa deusa, advertindo que para tal resultado todas as *cautelas* são poucas...

Club Gymnastico

N'uma terra onde a apathia se afere pelo numero de habitantes, é devéras extraordinaria a festa que o *Gymnasio Club* nos offerece segunda-feira proxima no circo do Coliseo. A cidade não deixará de concorrer áquelle espectaculo, senão porque a influa o orgulho nacional, ao menos porque a aguilhôe uma curiosidade nunca vista.



A COROA D

Toda a gente, todo o mundo,
Sabe que o Fontes egregio
Sobre o toitiço fecundo
Usa o distinctivo regio.

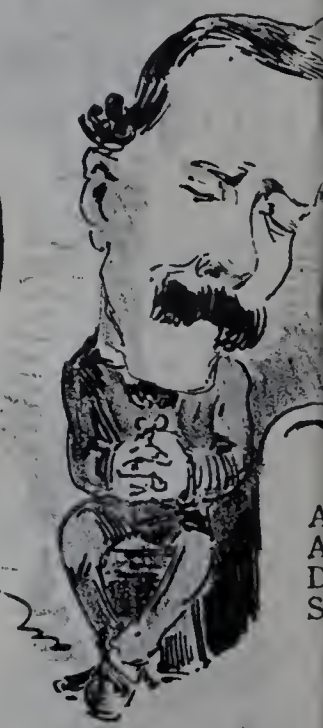
Mas de Faro até Lisboa
Ninguem sabe, como eu sei,
Porque o Fontes usa c'rôa
Sem ser padre nem ser rei.

O Corvo é sabio a valer,
Não tem outro que o afume;
Mas não poude inda dizer
Como a c'rôa veiu a lume.

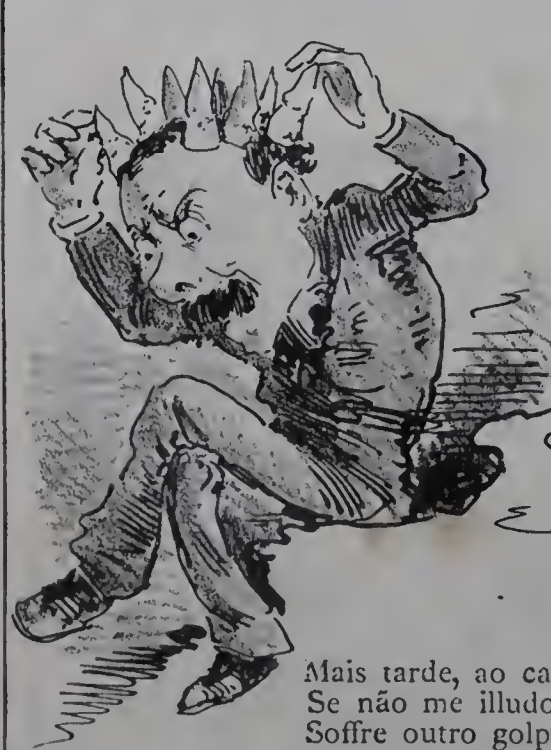
O B
— B
Mas
Com

Um dia o Fontes soberbo
Deu um grito de repente
E viu com pesar acerbo
Que tinha abalado um dente.

Teve uma dôr do diacho,
Porem, notando se anima,
Que o dente em vez de ir a baixo
Lhe ia trepando p'ra cima!



Ao
A
De
Sol



Mais tarde, ao cabo d'um anno,
Se não me illudo nas contas,
Soffre outro golpe tyranno,
Nascem-lhe mais quatro pontas!

D'outra vez, indo em viagem
Da Figueira a Celorico,
Sente as dor's na carruagem,
Nasce-lhe ainda outro biço!

E
N
Qu
No
..

PRINCIPE

é muito esperto,
ne seja judeu... —
be bem ao certo
al c'rôa nasceu.
O Latino, em doutorice
É vasto immenso, profundo,
Mas não sabe, inda não disse
Como a c'rôa veiu ao mundo.
Eu de sabio não presumo,
Não sou doutor de capello,
Mas vou contar em resumo
Como a c'rôa deitou grelo...
um quarto d'hora,
ente agudo
onta de fóra
ro cabelludo!...
E o Fontes, inda dorido,
Por toda a parte apregôa
Que já lhe tinha nascido
Um dos biquinhos da c'rôa..
Passado um mez, pouco mais,
Outra dôr o desconsola,
E d'esta vez dois queixaes
Surgem de novo na tola!
im, finalmente,
nte harmonia,
faltava um dente
e nascia...
.....
Aprendei, ó brutamontes,
E sabei, ignaras gentes,
Como é que o principe Fontes
Ficou com c'rôa e sem dentes.
E pois a c'rôa dilecta
Que o Fontes costuma usar
Uma queixada completa
Posta de bicos p'ra o ar...
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
PAN.

Chronica theatral

Não temos dado a critica da *Viagem á roda do mundo,* porque o chronista do ANTONIO MARIA ainda não viu aquella peça. Assim, teremos de soccorrer-nos ás criticas das outras folhas periodicas, pondo de banda a fraudulage da imprensa noticiosa, e transcrevendo apenas a opinião do *Diario do Governo,* que tem um excellente chronista junto do theatro da Trindade.

Eis o artigo da folha official:

«D. Luiz I, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, etc.

Tendo chegado ao conhecimento de S. M. a fórma sumptuosa com que se acha posta em scena a *Viagem á roda do mundo,* por modo a despertar no animo da Sua Real Pessoa uma pontinha de ciume, comparando essa *viagem* com as suas viagens ás provincias do norte;

Attendendo a que a *scena da neve* é uma allusão delicada á sua Real Chaminé, quando o Preto das Reaes Cosinhas Lhe imprime a segunda demão de cal;

Attendendo mais a que o *caminho de ferro,* pela sua grandeza e magnificencia, se não é primo co-irmão, tem pelo menos o ar de familia do caminho de ferro do *Principe Real;*

Attendendo outrosim, a que o elephante de papelão, pela sua corpulencia e respeitabilidade, significa outra graciosa referencia ao *Tigre Real,* que Lhe vigia a Porta e Lhe defende as Reaes Costellas;

Attendendo finalmente, a que a resolução da empreza, de dar duas recitas aos domingos, merece o elogio dos povos e carece de ser ampliada;

Ha S. M. por bem determinar que a referida empreza seja publicamente louvada, prescrevendo-se-lhe para de futuro o seguinte horario das representações:

Ao toque da alvorada: récita a meios preços para crianças recemnascidas, militares sem graduação e accionistas dos Recreios.

Ás 8 horas da manhã: récita para meninos de meia edade, frequentadores das escolas primarias e do ex-baile infantil.

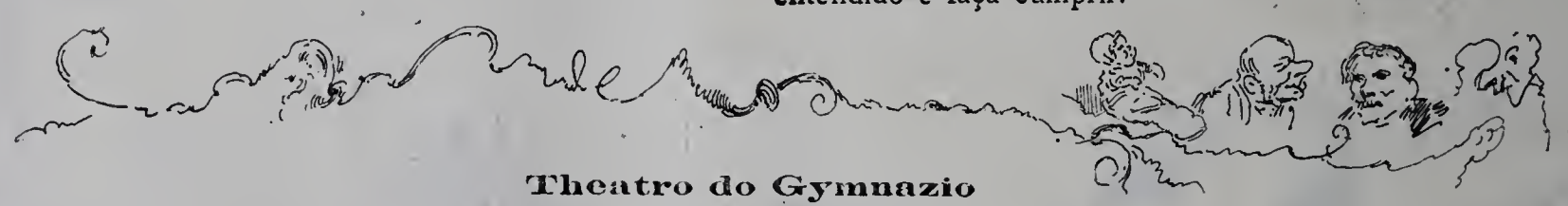
Ao meio dia: récita para adultos.

Ás cinco horas da tarde: récita para pessoas maduras de ambos os sexos.

Ás nove da noite: récita para macrobios.

Á meia noite: récita para individuos terciarios.

O Meu ministro dos negocios do Reino assim o tenha entendido e faça cumprir.



Theatro do Gymnazio

NO BENEFICIO DE VALLE

A terrivel associação da *Mão Branca* invadiu subrepticiamente a habitação do distincto actor na noite do seu beneficio, transformando-lhe os aposentos n'uma loja de mercearia em sabbado de alleluia. Os presuntos de Chaves, os paios de Arraiolos, o bacalhau da Noruega, as passas de Corintho e o vinho do Cartaxo, semelhavam nas trevas da dispensa outros tantos punhaes ameaçadores suspensos sobre a cabeça do locatario. O Valle, que não tem nada de peco, armou-se da faca da cosinha e n'uma lucta titanica de seis dias conseguin reduzir todos os presuntos ás proporções de Sarah Bernhardt. Louvamos o esforçado artista pela sua coragem e se precisar d'uma ajuda conte que *nós cá estemos*...

NO BENEFICIO DE LUCINDA DO CARMO

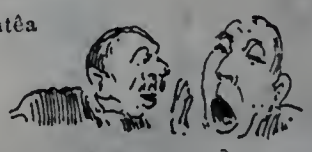
A Lucinda do Carmo

Inda ha poucos dias
Me lembro que ouvi
Fallando de ti
Meu primo Procopio:
— Aquella pequena,
Meu caro Basilio,
Só vista ao auxilio
D'um bom microscopio.

— D'acordo, confesso;
Em quanto a estatura
Tem fraca figura;
Porém como artista,
Embora nas formas
A gente convenha,
Não ha quem se tenha
Por curto da vista.

PAN.

Na platêa



Segismundo — O' aquelle, que tal te parece a peça?

Bonifacio — Muito bem, é exactamente o Lohengrin...

Segismundo — Mas não achas que o titulo não assenta bem?

Bonifacio — Porque?

Segismundo — Porque não parece o *primeiro beneficio* da Lucinda, parece a *primeira peça* do Ennes...

Historia do cão do doutor Ferraz de Macedo

O doutor Ferraz de Macedo acaba de publicar um folheto proclamando a boa indole do seu cão. Segundo a propria phrase do doutor, o pobre animal não é cão, *é simplesmente um cão,* que podia comer-se com batatas, como o mais innocente dos cordeiros...

Segundo a opinião da pessoa mordida, o bicho tem direitos a figurar no jardim de acclimatação que se projecta estabelecer em Lisboa...

Não se póde dizer que o doutor Ferraz de Macedo seja o homem que tem a faca que corta o queijo... mas é inquestionavelmente o homem que

Tem um relogio
Com cem ponteiros,
Marca os segundos,
Marca os terceiros,
Anda sem corda
Mezes inteiros!
Horas, minutos,
Tudo gradua,
Phases do tempo,
Marés e lua...
Mais um brilhante,
Auriluzente,
De mil reflexos,
Que é o espanto,
De toda a gente
De ambos os sexos.
Mais um rafeiro
Docil e manso
Como um cordeiro
Que mostra a todos
Maneiras ternas,
Que não tem manha,
Mas salta ás pernas
De quem apanha.
Mais um deposito,
Em subterraneos,
De trez mil craneos
Que elle analysa,
E com que á noite
Se banqueteia,
Como quem ceia
Na Basalisa.
Mais uma bolsa,
Que recheiada
Paga a dentada
Que o seu cão vibra,
Mas que espremida
Não espectora,
Não deita fora
Mais d'uma libra...

E, ainda assim, o doutor não foi unhas de fome... Quem compra craneos a doze vintens, procede generosamente pagando uma perna por quatro mil e quinhentos... Se bem que muitos protestem:

Que quem faz tal prejuizo
Tão pouco não desembolsa.
— O doutor tem *cão e guizo?...*
Meta dinheiro na bolsa!...

Anus de Cilva Pereira em 6 d'abril

(EM ORTOGRAFIA SÓNICA)

Não póde a jente ter anus
Nêste perdido país
Cem que venhão uns cenhores
Metterem niço u narís.

Ando aí por toda a parte
Cuasi mustrado a pataco...
Vejo que descubrir anus
E' para muitos um fraco.

Que vou agora fazer
Cecenta e nove, se dís...
Pois querem çaber ao certo?
Cecenta e nóve... já fís.

Nésta tal questão dos anus
Não ácerta inda nenhum;
Dizem uns que tênho mil,
Otros dizem que tênho um.

E comtudo se este numero
—Cecenta e nóve—não tenta,
Pódem contar muito em breve
Que os cirvo com o setenta.

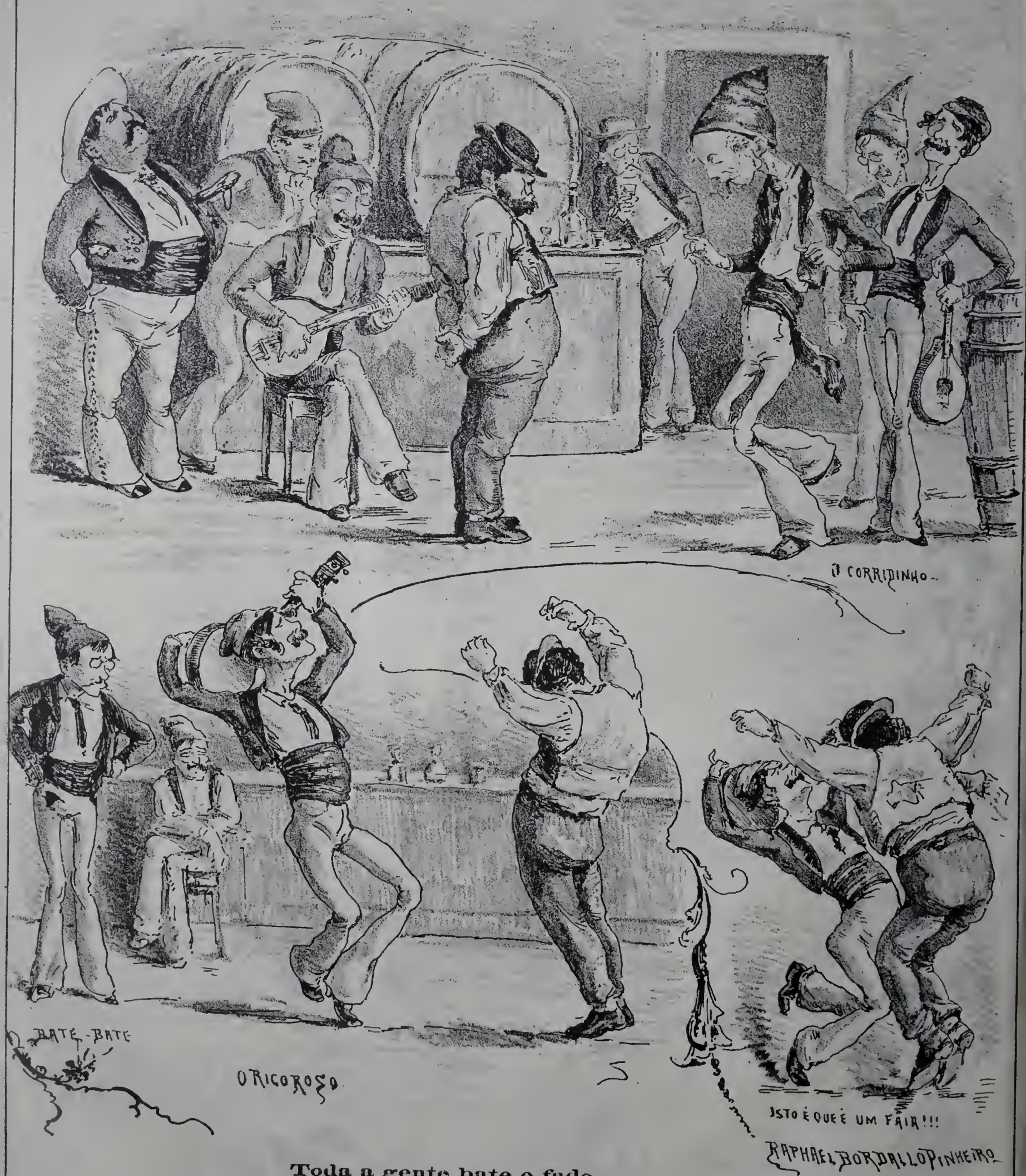
Está conforme.

RIGOLETO,
discipulo de Barbôza Lião.

Theatro da Trindade ás 11 1/2 da noite

Acaba de se romper uma onda, saindo d'ella um corista vestido de selvagem, que se offerecera para substituir a *verdadeira onda,* raptada á ultima hora por uma das coristas mais graciosas d'este theatro. Panico geral a bordo.

O FADO DA POLITICA



Toda a gente bate o fado,
Todos fazem «escovinhas»
Mas é sempre o Zé, coitado,
Quem apanha as «pancadinhas»...

A TROUPE FAVART

Varias edições de Sarah Bernhart

Favart é um talento. — Bastante *maduro*, dirão muitos; mas que tem isso? Mais *maduro* é o sr. Fontes, e ainda não lhe vimos fazer nenhuma *Serge Panine* com geito.—A mesma distincção observamos entre Jane May, uma primavera alcatifada de corôas de loiro, e os senhores ministros da justiça e das obras publicas, duas primaveras tambem alcatifadas, uma de corôas de padres e a outra de corôas de jazigo.

Duellos

D'um sapateiro se conta que, eximio em botar tombas e recortar meias solas, se mettera um dia em brios de tambem tocar rebecão, nas prosapias de que, facil seria com um simples arco de sedas, arrancar accordes celestes d'umas tripas enceradas a quem com tão levantada mestria puxava o lustre a uns tacões de sola com o cebo do bisegre.

Enganou-se o mestre, e em bem pouco lhe veiu a convicção de que nem as cravelhas do instrumento se manejam como o martello do officio, nem nas cordas se dá a resina como ao barbante se applica o cerol.

D'ahi o dichote: *quem te manda a ti sapateiro tocar rebecão...*

Ora estes casos de duellos entre nós, lembram — com o devido respeito — o conto do sapateiro. Nós somos, segundo o parecer de varios analistas, e mesmo segundo a nossa propria opinião, um povo pacato, mettido comsigo, que não gosta de bulhas, que não quer desaguisados, que não póde vêr sangue, senão em choiriços moiros — um povo manso, é a phrase. Mas, com a breca, se somos *mansos* para que demonio andamos então a inculcar-nos de *bravos* e presumindo da magna posse de coisas em que na verdade não somos avantajados?

Ha longos annos, nos tempos das cavallarias, quando o duello vigorou entre nós, era estabelecido, para os incidentes vulgares, que o combate terminaria ao primeiro sangue, advertindo que esse *primeiro sangue* representava uma sangria valente, como ao tempo as sabiam dar os esgrimistas de então e os barbeiros das famosas eras. Não seria raro surprehender o medico que devera presidir ao duello atarefado em casa, na vespera do combate, a reduzir a tiras de tres pollegadas de largo um lençol de linho, de dois pannos, destinado a estancar o sangue vermelho que no dia seguinte devera esguichar pelo peito dos duellistas.

A moda, porém, que tudo tem modificado e alterado, desde a tisica galopante até á cabelleira de rabicho, limitou um dia que esse *primeiro sangue* se devera entender a primeira esfoladella ou a primeira arranhadura, o que quer dizer o primeiro beliscão ou o primeiro piparote. D'ahi, seguindo as leis naturaes do progresso, a moda entendeu que o piparote era ainda demasiado rijo, e simplificou o caso á *primeira detonação*. *Le monde marche,* dizia Pelletan, e não virá tarde o dia em que a moda resuma o duello aos cumprimentos preliminares do combate, e por ultimo á exclusiva publicação das actas, redigidas á noite, em familia, entre o rol das despezas diarias e a torradinha de pão com manteiga.

N'esse dia sim; n'esse dia comprehenderemos o duello, e não haverá luva que se nos lance, que de prompto não levantemos — especialmente se ainda estiver em bom uso. — Até então, entendemos que o duello em Portugal é precisamente como o queijo: o melhor é o saloio... Cuspo nas mãos e carrasquênho nas unhas, e toca a vêr quem sabe do jogo e quem é mestre no pincho... Ali ao menos, não ha *primeiro sangue* que não represente uma cabeça aberta, um braço partido ou uma costella arrombada. E uma vez que do duello, com as restricções de assalto, o contendor tem de voltar a casa *amolgado* e não *ferido*, como quem apanha uma sova de saccos de areia e não uma estocada a fundo, parece-nos mais coherente que o combate haja de realisar-se com objecto contundente e não com instrumento perfurante...

E depois, evita-se um grande ridiculo e uma grande responsabilidade: o nosso povo não acredita na seriedade dos duellos; se nos batemos á pistola e ninguem se fere, é porque as balas eram de cortiça; se esgrimimos ao florete e nenhum se estripa, é porque as armas estavam emboladas; se gladiamos ao sabre e apenas conseguimos arranhar-nos, é porque já nos feriramos em casa com um canivete; e se, finalmente, algum fica estatelado, é porque o vencido foi *arrastado,* e o vencedor era um *assassino*!... É por isso que preferimos o cacete ferrado: demais, tem o carimbo nacional; de França já importámos o gallicismo e a *tournure*, para que diabo precisamos do duello? Expulsemol-o, como a associação dos pharmaceuticos lhe pretende expulsar os unguentos, e tenhamos sobriedade na lingua, ou então, sangremo-nos a valer, quando mais não seja, para provar que não sahimos de casa para o campo da honra sem pinga de sangue... na algibeira...

PAN.

Fala Zé Grigorio

Eu, que sem grandes rodeios
Tudo por hi desempedro,
Vou revolver os passeios
Que ha na praça de D. Pedro!

Em passeios como aquelles
Como se hade andar á larga?
Eu nunca passo por elles
Que não caminhe de ilharga...

— Que triste espectaculo, vede!
Que figura tão faceta,
Co'o trazeiro p'ra a parede
E a barriga p'ra a valeta!

Usando das regalias
Do meu elevado cargo
Ordeno que em poucos dias
Fique o passeio mais largo.

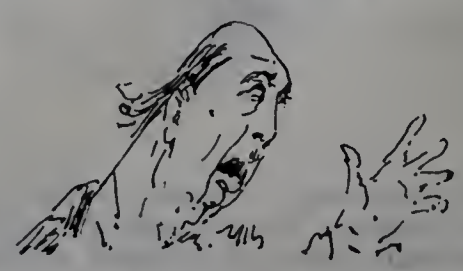
Com este melhoramento
Nem tudo emfim concilío
Pois se o passeio acrescento
Faço pequeno o Rocio...

Mas a praça aformoseio
Com este pequeno furto;
Ficando largo o passeio
Que importa o largo mais curto?

A praça pois que se encolha,
Embora fique uma nesga...
— Se um dia me der na bolha
Metto o Rocio na Bitesga...

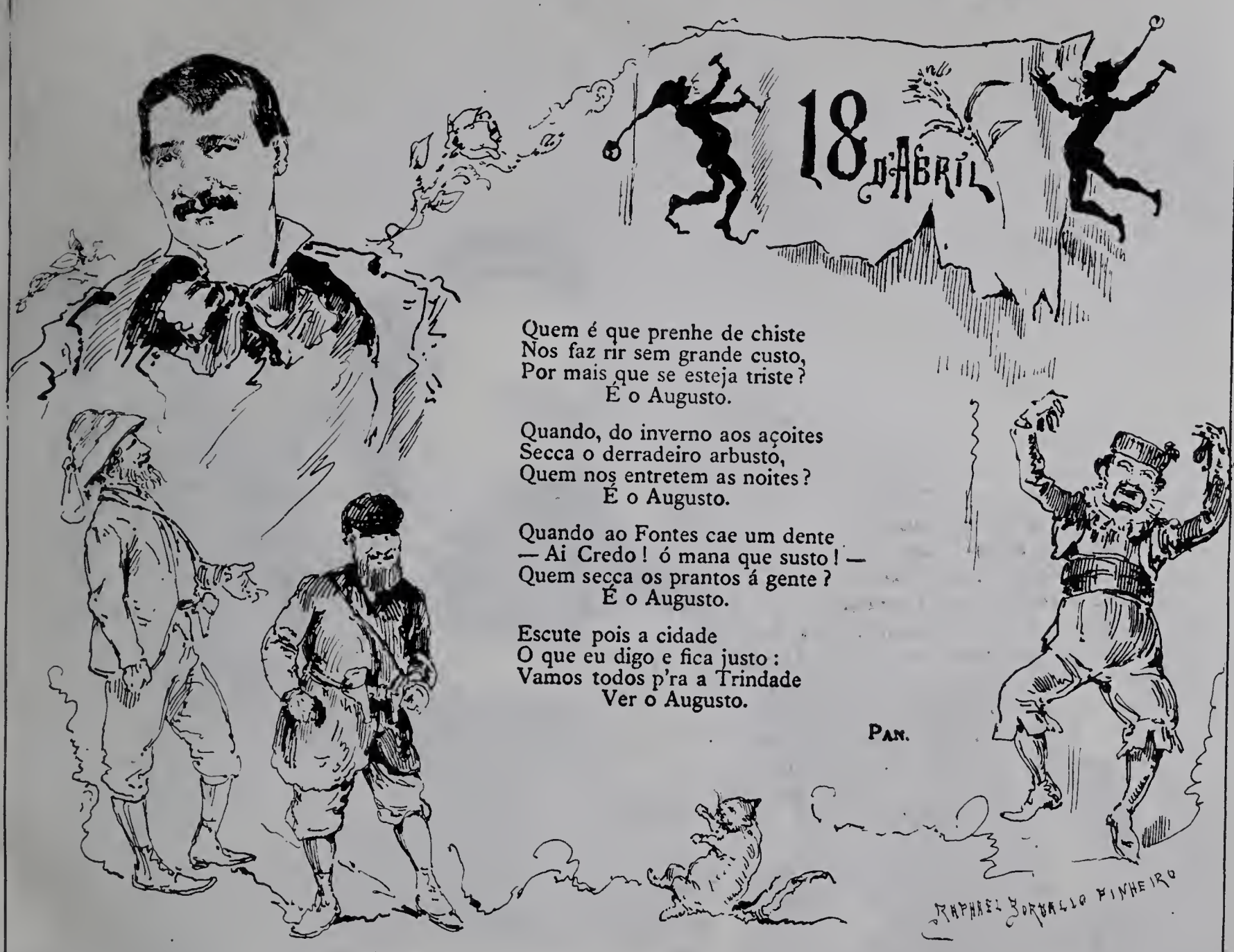
Pan.

Traducção portugueza de Madame Favart



THEATRO DA TRINDADE

Quarta feira 18 de abril, festa artistica do actor Augusto



Quem é que prenhe de chiste
Nos faz rir sem grande custo,
Por mais que se esteja triste?
É o Augusto.

Quando, do inverno aos açoites
Secca o derradeiro arbusto,
Quem nos entretem as noites?
É o Augusto.

Quando ao Fontes cae um dente
— Ai Credo! ó mana que susto! —
Quem secca os prantos á gente?
É o Augusto.

Escute pois a cidade
O que eu digo e fica justo:
Vamos todos p'ra a Trindade
Ver o Augusto.

PAN.

A febre typhoide continua a dizimar Manteigas e as *manteigas* continuam a envenenar o resto da população. Os trópos nacionaes teem soffrido nos ultimos tempos sensiveis modificações; já ninguem diz lambendo os beiços:

— Esta pescada está fresca como manteiga...

E ninguem pragueja:

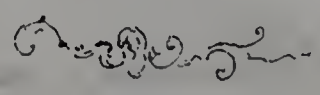
— Má peste te mate!

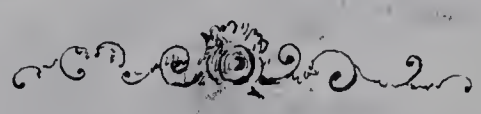
Hoje diz-se simplesmente:

— Má manteiga tu comas!

E o governo que felizmente nos rege e que tanto se importa com a febre que devora Manteigas como com as manteigas que nós devoramos, contenta-se em nos offerecer uma vez por anno a *manteiga* do discurso da corôa, que Zé Povinho engole satisfeito comendo-a com o pão que o diabo amassou.

E nós a estafarmo-nos todas as semanas, n'esta faina improficua, sem nos lembrarmos de que bradar aos surdos é o mesmo que guardar manteiga em focinho de cão.





Foram mandados louvar o superintendente do arsenal de marinha e varios commandantes de navios de guerra, pelos valiosos soccoros que, por sua iniciativa, prestou o pessoal do referido arsenal e as guarnições d'aquelles navios no incendio ultimamente occorrido n'umas estancias de madeira ao Atterro.

A isto é que se chama pôr o ramo n'uma parte e vender o vinho na outra... Os que accarretaram barris de agua, brandiram o machado, ou carregaram com salvados, apanharam apenas *um calor;* os que cruzaram os braços e gozaram o incendio de perna traçada, como quem disfructa um fogo preso do José Hosti, apanharam portaria de louvor e artigo nas folhas sérias...

Depois d'isto arrasoado
Mais se prova e reconhece
Que é certo o velho ditado
«Quem mais faz menos merece».

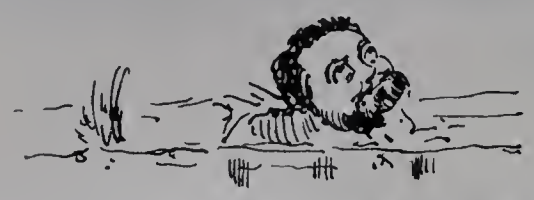
Se o povo, a criança eterna,
Não tivesse a *bola* romba,
Nos fogos traçava a perna
E os *outros* dessem á bomba...

A ENSABOADELLA

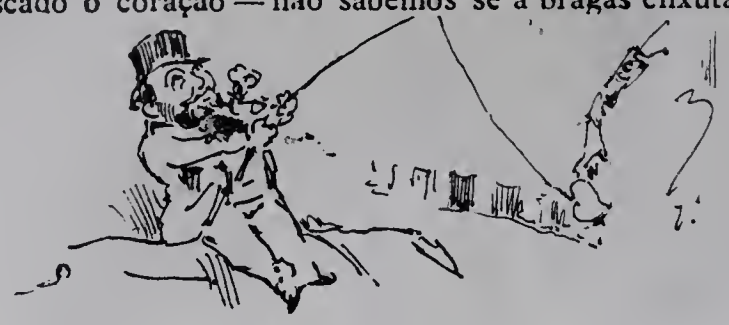
Já lhe appliquei sabão de potassa, côco e areia mas isto é o mesmo que ensaboar cabeça de preto.

DESPRESIVEIS!...

O que nós somos e como nos tratam no parlamento d'uma *fiel alliada*



O Raio é um tubarão insaciavel. Não ha peixe miudo que lhe escape pela malha. E depois tem a monomania do *peixe* estrangeiro; nos *rios* de *S. Carlos* e da *Trindade* não ha *trutas* a que o Raio não tenha piscado o olho e pescado o coração — não sabemos se a bragas enxutas...



E a estas horas, iamos apostal-o, está elle sentado na praia de *D. Maria*, de cana firme e anzol preparado, a espera que o peixe pique...

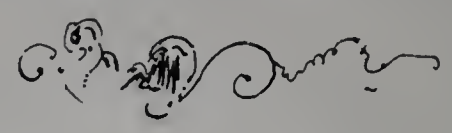
A não ser que elle se deixe
D'essa atroz perseguição,
Foge de cá todo o peixe
Com medo do tubarão.

Só resta um estratagema,
Que devem metter a ensaios:
Entre o peixe todo em scena
Munido de *pára-raios*...

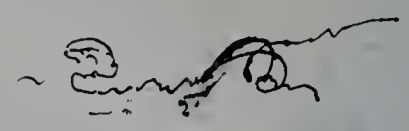
Alfredo Keil fez publicar a musica da excellente canção que o actor Portugal executa na *Volta do Mundo* e cuja letra principia assim:

«Odio eterno aos imigos da patria
«Que tyrannos, terriveis, fataes,
«Vem roubar-nos o lar... etc...

Estes versos devem effectivamente ser cantados por *Portugal* e podem muito bem intitular-se: *A Canção do Congo*.



O tribunal condemnou um afinador de pianos a tres dias de prisão por offensas á moral publica. Pois nós antes queriamos o afinador a desafinar-nos ao ouvido todo o reportorio da Praça da Figueira de que os instrumentos que elle afina a executarem-nos por baixo do quarto de cama a partitura do Lohengrin.



Como ellas se armam

(a proposito da demissão do governador civil do Porto)

Guardado está o bocado...

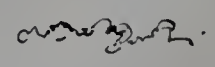
SONETO

Já tudo por ahi se mette em pressas
P'ra vêr do Augusto a festa apregoada,
P'ra na Trindade vêr representada
A mais brilhante e a melhor das peças.

Vem gente de Belem e de Caneças,
Cacilhas, Caramujo, Alfeite, Almada,
Barreiro, Porcalhota, Alter, Bairrada,
Despovoam-se ruas e travessas!

Vem gente de Madrid e de Alicante,
Gente do Panamá e de Suez,
E gente de Marrocos e Trudante!

E até lá hão-de vêr vossas mercês,
Phrenetico a dar palmas, delirante,
O Pedro da rua Aurea 103.



Theatro da Trindade as 11 ¼ da noite.

Ha pouco, uma *onda* embravecida, rebelde ás admoestações do contraregra, galgando por cima de tudo, ameaçava topetar com o ceu das bambolinas. Sabidas as contas a *onda* perdera um pataco, ou antes, roubara-lh'o outra *onda*, e andava á procura d'elle. Afinal, interveiu a auctoridade e lá foram as duas *ondas* para a esquadra entre dois policias civis.

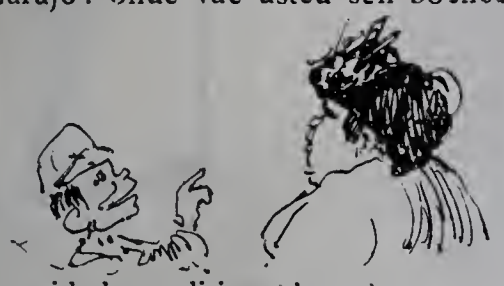
Atravez de Madrid

Gabriel Claudio está em Hespanha. De companhia com o seu amigo predilecto, o barão de Stock, e graças á alta cathegoria diplomatica do barão, Gabriel Claudio tem mettido o seu nariz *mignon* e com elle os seus quadris *dodus* em todas as festas realisadas por occasião do enlace de D. Paz.

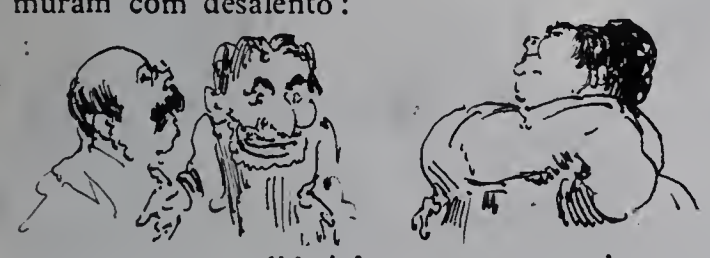
A apparencia exuberantemente volumosa de Gabriel Claudio tem sido alvo da geral estupefacção. Ao desembarque, os guardas do fisco quizeram detel-o e revistal-o miudamente na convicção de que tinha fundo falso para a acommodação de candonga.

O rapazio ao vel-o passar, tomando a calle de Alcalá de banda a banda, exclama escancarando os olhos:

— Carajo! onde vae usted sen bochechas?!...



As sumidades politicas do paiz que sonham com o iberismo, ao contemplar aquelle formoso specimen da nossa nacionalidade, abanam as orelhas descoroçoadas e murmuram com desalento:



— Tudo es perdido! Los portuguezes tienem mucho patriotismo...

Na cerimonia do casamento, Gabriel Claudio teve um logar reservado na tribuna do patriarcha das Indias, de forma que um dos assistentes dizia baixinho para o companheiro do lado:

— Mira, hijo, como és ancho lo iminentisimo!

— Es verdad; pero tiene valientes bigotes!!!

Para a recita de gala recebeu Gabriel Claudio um convite especial, com esta nota extravagante no fim:

«De uniforme ó etiqueta.»

Gabriel Claudio scismou muito sobre o caso:

— *Uniforme ó etiqueta*... que diabo de uniforme será este?...

E pela mente do nosso compatriota passaram em revista todos os *uniformes* nacionaes, desde o de cabo de policia até o de general de divisão.

De repente, tomou uma resolução energica e vestiu-se de soldado do 2. A farda ficava-lhe ao pintar mas Gabriel

Claudio recebeu pelo telegrapho a noticia de que um illustre marquez ia caminho de Hespanha e poz-se outra vez em camisa murmurando receioso:

— Nunca fiando...

Ensaiou ainda o uniforme de bombeiro municipal mas esse trajo cosmopolita não lhe dava o tic nacional.

Finalmente teve uma inspiração luminosa, e apresentou-se no theatro vestindo o uniforme de archeiro da real camara.

O effeito foi seguro; Madrid em peso exclamava ao divisar-lhe as formas:

— Caramba! que pantorrilhas!

— Como este niño es *Cócó*...

Em resumo, Gabriel Claudio tem sido a um tempo o encanto e a admiração do povo visinho, que lhe tem dispensado as attenções que se devem, não a um simples Gabriel Claudio, mas a uma verdadeira rainha... claudia...

PAN.

A M.me Favart

Dans la pointe de la langue
Tous vos papiers vous savez.
Franchise franche, madame,
Que bien vous représentez!

Troisième foire passée
O' belle, ó gentille Favart!
Avec une maison pleine
J'ai gouté de vous voir.

— « Si j'avais cela avec
Qu'on achète les melons! » —
J'exclamai à l'autre jour
Seul, avec mes boutons;

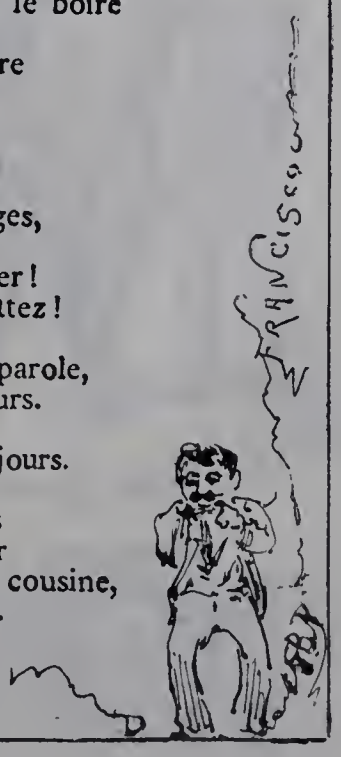
Je vous portez pour manger
Les pâtés de Zé Grigoire,
Et un panache du bon blanc
Que est un goût la gent le boire

Fréne d'Épée au Ceinture
Et Plat de Done Marie,
Avec Lisbonne en poids
De vous voir ont envie.

La notre Emile des Neiges,
Aujourd'hui reformée,
Dans un savate, ó que fer!
Grande Favart, vous mettez!

Pour vous comprendre, parole,
Au cerveau je donne tours.
Et j'étude le français
Il y a plus trois quinze jours.

Ainsi pour tuer le temps
J'ose, ó dame, vous offrir
Ces vers, fruit et œuvre cousine,
Des mes heures de loisir.



A recita do Real Gymnasio Club

Enchemo-nos de vaidade ao vêr que aquelles sympathicos rapazes tomaram o conselho que lhes demos por occasião da sua penultima festa, apresentando-se n'esta recente com os trajos proprios de amadores e não de artistas de profissão.

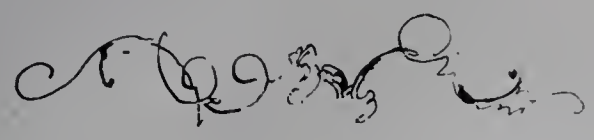
Não nos permitte este curto espaço fallar de cada um dos notaveis amadores de per si, e por isso notamos apenas Alfredo Anjos, Antonio Infante, Xafredos, Holbeche Simas, Ornellas, Bravo e Martins de Queiroz, que consegue com o seu calção o mesmo que o sr. Fontes conseguiu com a sua politica: sujeitar *O animal* a todos os seus caprichos, sem que elle atire com a albarda ao ar...

LEANDRO DE SOUSA BRAGA

Apresentamos a Zé um grande artista. Assim como nos encarregamos de lhe mostrar os typos que o incommodam e aborrecem, assim lhe apresentamos aquelles que o honram e que vivem do seu trabalho sem subsidios nem ajudas de custo. Tivemos occasião de collaborar com elle, e podémos bem avaliar toda a elevação do seu talento e a força do seu trabalho.

Desenho da capa do album offerecido a Giuseppina Pasqua por uma commissão de admiradores

Obra de talha de Leandro de Sousa Braga.

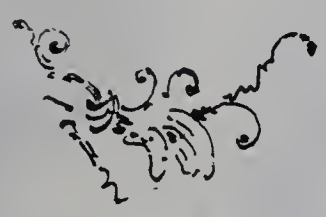


Diz um jornal que no concelho de Santa Cruz, na ilha das Flores, estão funccionando duas camaras municipaes simultaneamente e cada uma em sua casa. Ha ali dois paços do concelho e duas edilidades. O collega censura o caso tachando-o de immoral; queria provavelmente que as duas camaras vivessem em familia, gozando commummente de casa, cama, mesa e pucarinha, como os melhores dos esposos, ou como as camaras hereditaria e electiva...

Sempre o collega é muito ingenuo! Deixe lá as camaras viverem divorciadas á vontade e não se amofine ao vêr um municipio gerido por partidas dobradas, visto que da concorrencia nasce a melhoria do serviço...

Pena é que em Lisboa se não adopte o mesmo systema, servindo, em vez de duas, tres camaras municipaes, para o que teriamos presidentes de sobejo

Se o Gregorio presidente,
Mer'cedor de todo o gabo,
P'ra poder servir a gente
Da pell' quizesse dar cabo,
Partindo-se unicamente
Em posta, cabeça e rabo...



A *Gazeta de Franckfort* fazia n'um dos seus ultimos numeros o seguinte annuncio:

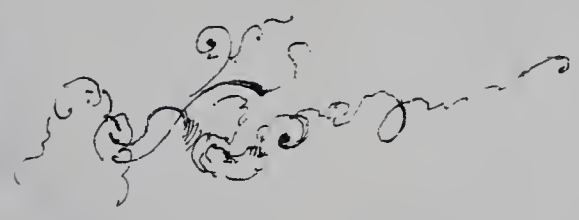
«Correcção do nariz.

Os narizes demasiadamente largos, grossos, achatados ou arrebitados são reduzidos a proporções convenientes pelo *Instituto Cosmetico* de Baden-Baden.

Á hora a que escrevemos consta-nos que os srs. Pequito, visconde do Rio Sado, Alves da Fonseca e um corista da Trindade, cujo nome ignoramos, já escreveram para Baden-Baden, resolvidos a sujeitar os respectivos narizes ao tratamento do *Instituto*.

O *Jornal da Noite* começava assim um dos seus artigos de fundo: «É fóra de toda a duvida que Portugal atravessa uma das quadras mais serenas, mais pacificas e mais animadoras da sua existencia nos ultimos annos.» Ao menos valha-nos isso; já que este pobre diabo, que nos primeiros annos da sua existencia teve uma vida tempestuosa e violenta, fazendo dar agoa pela barba aos que hoje lhe puxam as abas do capote disfructa agora os *ultimos annos da sua existencia*, como o collega serio confessa, é justo que atravesse uma das quadras mais serenas, mais pacificas e mais animadoras de que ha memoria na chronologia das *quadras* nacionaes, incluindo aquella da cantiga popular:

«Zai que noite tão brilhante
Que inté brilham nas estrellas!
Deus do ceu sabe fazel-as
Que é o auctor mais circumstante...»



Obra na forja

Na famosa officina onde o pae Fontes
Forja e tempéra de Zilu as armas,
Uma velha pedia aos bons *artistas*
Recheiasse... de *bombas* de bom lote
O arsenal do sobredito augusto.

Eia, socios, mãos á obra,
Toca, toca martellando.
Obedeça-se ao que mando
Eu, primeiro mandador:
Bata o malho na bigorna,
Tome o *ferro* varias fórmas,
Surjam limpas as *reformas*
Caldeadas a primor.

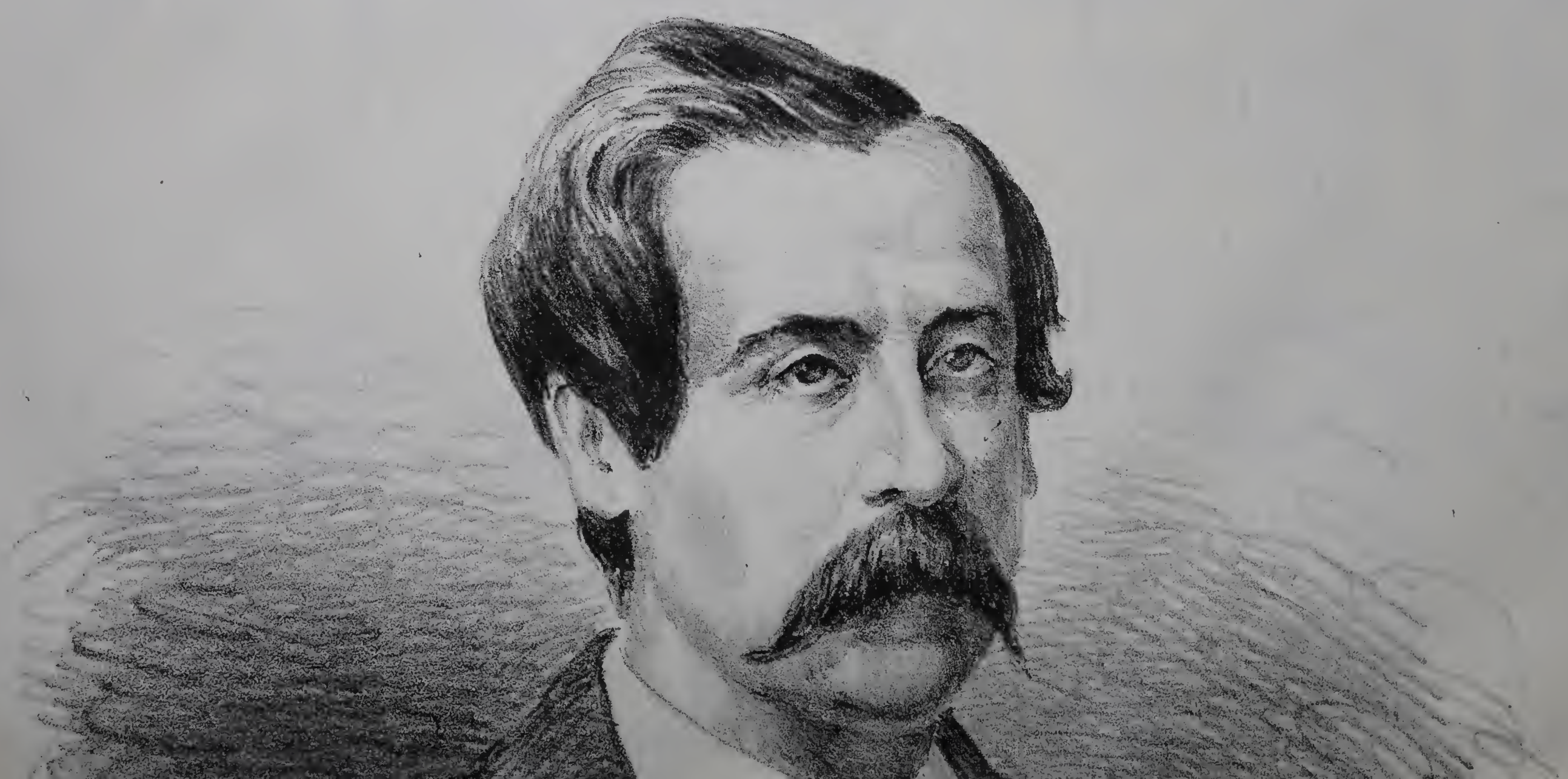
E os *artistas*, animados,
Mettem todos mãos á obra,
E não param na manobra,
Bumba, bumba, zás que traz
E verá quem tiver olhos
Como breve surdem frescas
As reformas pepinescas
Contra a féra hydra voraz.

O governo tinha votado a somma de cinco contos de réis para a compra d'um pote etrusco que foi á praça no leilão Bermundes, mas o visconde de Daupias, que sabe da poda, atravessou-se no lance e comprou o pote por mil e quinhentas libras! Não se desconsole o governo por ter ficado a chuchar no dedo com o olho no pote, e se quer dispender os cinco contos falle comnosco.

Porque temos cá em casa,
Herdados de nossa avó,
Potes de mais d'uma asa
E potes d'uma asa só...

Nos tempos que vamos atravessando, de relachada indifferença por tudo que devera estimular-nos o brio, a acção patriotica do major Quillinan afigura-se-nos uma segunda edição da proesa de Magriço, a que presentemente damos o credito que nos merece uma historia para meninos.

O MAJOR QUILLINAN



Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme...

Camões — C. VI — EST. LXIV.

O *tal* inglez bem um dos taes *parece,*
Que ante cerveja e Porto jamais *treme:*
A caixa dos miolos lhe *estremece;*
Da cortezia as leis violar não *teme:*
Sua lingua ousada a vituperios *desce*
Quando sente o toutiço andar sem leme;
Com murro nacional arromba bancas,
E aos brios portuguezes salta ás ancas.

Mas alguem entendeu d'alli ao *somno*
Muito breve seria o *intervallo,*
E que quem das acções já não é *dono,*
Se dorme, não dá coices de *cavallo:*
Inda assim, na soberba erguida *em throno,*
Um portuguez finfou brioso estalo...
Que não é bom escapem pela malha
Os insultos d'um *beef* que farfalha.

Contar da nossa cortezia *extremos,*
Ou das nossas accões assignaladas,
É coisa que tu sabes, qual *sabemos,*
E vês não serem fabulas *sonhadas.*
Basta que te digamos — e dizemos
Á face das nações mais *afamadas,*
— Que antes da tua Albion cantar *victoria,*
Ornavam Portugal laureis de *gloria.*

Atravez de Madrid

Gabriel Claudio continua deslumbrando Madrid, e a capital do reino visinho continua por seu turno deslumbrando o nosso compatriota.

O distincto escriptor, como lhe chamou um folha hespanhola, e elle proprio transcreveu para o *Illustrado*, mal tem tempo de lavar o pescoço e aparar o bigode. Logo que salta da cama mette os pés nas chinellas bordadas e a mão na sacola dos prazeres, d'onde extrahe, encadeadas como cerejas, as distracções que devem tomar-lhe o dia e em cuja descripção Gabriel Claudio perde algumas horas, *chronicando* — permitta-se-nos o verbo — para o *Diario de Noticias* e *Illustrado*. E elle tudo observa, de tudo faz relação, de tudo nos dá conta minuciosa!

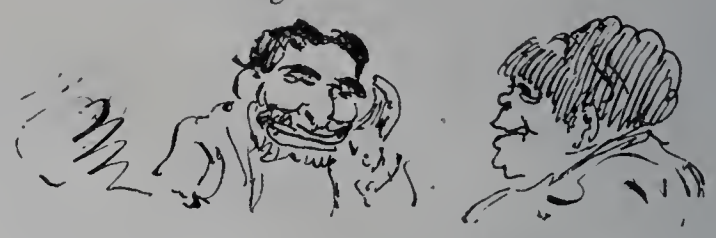
Ha dias, descrevendo um sumptuoso festim em casa do seu amigo predilecto, o barão de Stock, fazia-nos impressionado a descripção dos guardanapos.

Aquillo é que foi banquete... Até guardanapos!

Todas as notabilidades politicas, scientificas e litterarias do reino visinho prestam homenagem de admiração e respeito á pessoa de Gabriel Claudio.

Castellar dá-lhe o braço.

Sagasta dá-lhe ouvidos.



Echegaray dá-lhe *manteiga*...

Emfim, todos lhe dão alguma coisa...

O proprio patriarcha das Indias, uma pessoa tão respeitavel e veneranda, tanto pelos seus habitos mundanos como pelos seus habitos talares, — dá-lhe *corda!*...

O que vale é que entre o patriarcha e Gabriel Claudio não ha differença de sexos, quando não o que diria o mundo em desabono do eminentissimo...

N'uma das suas ultimas correspondencias, Gabriel Claudio relata-nos que foi apresentado á rainha Izabel, com quem manteve animada cavaqueira, tu cá, tu lá, como se usa entre as grandes rainhas e os grandes Gabrieis Claudios.

Pelo enthusiasmo com que o nosso compatriota se refere a Izabel de Bourbon vê-se claramente que sua magestade, apezar de madura, ainda está muito *frescalhota*...

Gabriel Claudio passou horas infinitas a namorar-lhe a mão fina e assetinada, considerando afinal com os seus botões que parecia impossivel que aquella mãosinha branca e aristocratica houvesse assignado tantas sentenças de morte! Gabriel Claudio é um moço muito innocente e muito ingenuo e por isso não sabe que todas as mãosinhas, por mais fidalgas e delicadas, podem ser perniciosas ao genero humano, desde as mãosinhas reaes que nos mandam cortar a cabeça, até ás mãosinhas de carneiro que nos produzem uma indigestão...

Gabriel Claudio não nos diz nas suas correspondencias se tenciona voltar em breve á patria do berimbáu ou se projecta pegar de estaca na terra das castanholas, mas tudo nos leva a crer que o notavel escriptor nos appareça por ahi em poucos dias coberto de gloria genial e de poeira pardacenta — que não devem ser poucas, gloria e poeira, para cobrir tão avantajado vulto...

Tanto mais que Gabriel Claudio pouco terá ainda que ver na patria de Cervantes.

Tem visto tantas coisas...

Tem visto coisas immensas.

Tem visto todas as coisas...

PAN.

A CRISE

Parece que começa a dôr de dentes...

Chronica de S. Carlos

A cidade já não pode com tanta festa.

No domingo, festa de Barbacine; na segunda, festa da De Reszké; na terça, festa da Pasqua; na quarta, festa de Aldighieri!

A festa de Barbacine, sendo aliáz uma festa notavel, não teve nada de ultra-extraordinaria.

Desculpem a *mayonnaise* do *extra-ultra* e

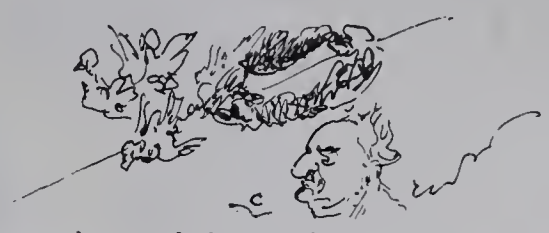
Saltemos por cima de Barbacini.

A festa da prima-dona De Reszké foi uma coisa estupenda.

Coichas da India nos camarotes;
Incriveis Almadenses no hotel;

Cavalleiros com archotes pelas ruas;

Corôas de loiro, *por arames,* a descerem do *paraizo* sobre este vale de lagrimas e sobre as calvas dos espectadores...



Parecia o ensaio geral da procissão da saude.

O que notámos é que sendo a procissão da saude feita por artilheiros, no caso sujeito foi promotora a *cavallaria,* passando a *artilheria* para a festa da Pasqua...

Para complemento, a distincta prima-dona foi agraciada com o titulo de *cantora da Real Camara.* Este systêma de conferir ás cantoras aquella distincção no momento da partida, leva a crer que um bello dia, quando a sua magestade apeteça ouvir a missa do gallo cantada, tenham de chamar-se as artistas a toque de cornetas, assopradas aos quatro ventos por archeiros, como no Lohengrin.

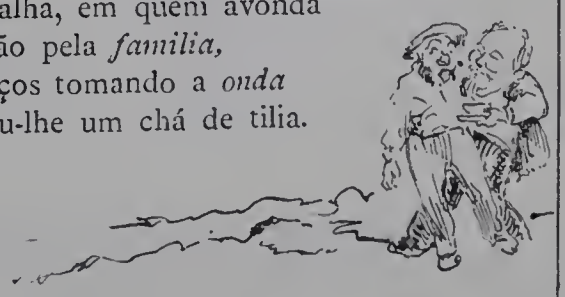
Giuseppina Pasqua teve muito mènos corôas, muito menos philarmonicas, muito menos colchas e muito menos archotes, mas muito mais delirio. Isto de delirio é como a cerveja no verão: o caso está em beber o primeiro copo...

Em resumo, os frequentadores de S. Carlos, com tão successivas festas, já não teem braços para applaudir. Foram-se-lhes gastando a pouco e pouco, no enthusiasmo das ovações e quem quiz festejar o Aldighieri teve de pedir os braços emprestados ao visinho do lado ou fazer uso da *Galactokrene Bensabat,* que faz crescer tudo de repente, até os côtos dos braços!

Theatro da Trindade ás 11 1/2

Uma *onda* que se estreiou hoje não estava costumada a sair fóra da barra e assim que se apanhou no mar alto enjoou de tal maneira que deixou o mar coalhado de mais de meio alqueire de feijão branco com cabeças de nabos.

Chico Palha, em quem avonda
A affeição pela *familia,*
Nos braços tomando a *onda*
Ministrou-lhe um chá de tilia.



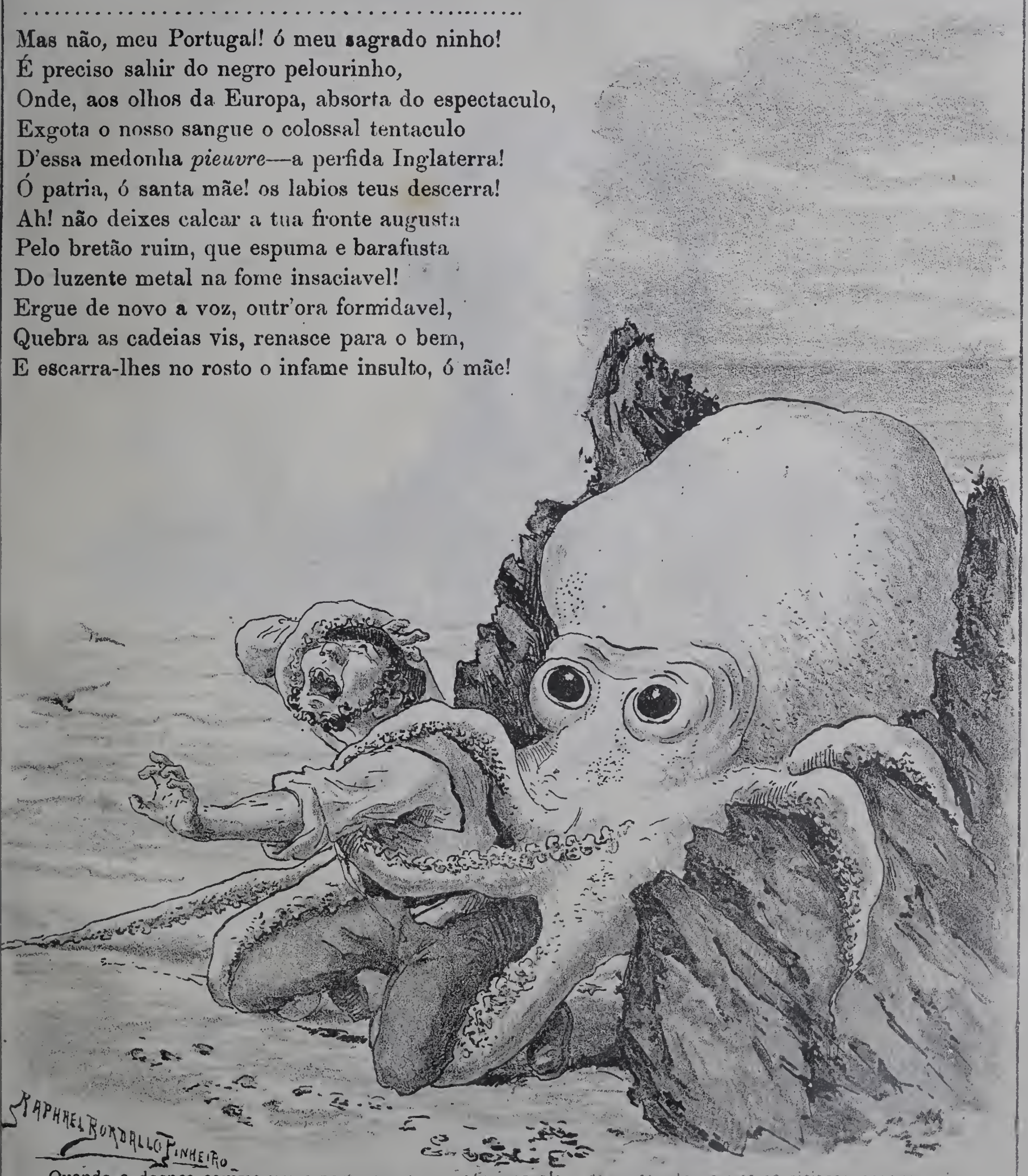
O GATO E O RATO

Só fugias da ratoeira, na presumpção de que o gato francez não apanha ratos, até que afinal lhe caiste nas unhas... Está brincando comtigo para aguçar o appetite, e não tarda que te engula d'uma assentada.

DELENDA ALBION!

.....

Mas não, meu Portugal! ó meu sagrado ninho!
É preciso sahir do negro pelourinho,
Onde, aos olhos da Europa, absorta do espectaculo,
Exgota o nosso sangue o colossal tentaculo
D'essa medonha *pieuvre*—a perfida Inglaterra!
Ó patria, ó santa mãe! os labios teus descerra!
Ah! não deixes calcar a tua fronte augusta
Pelo bretão ruim, que espuma e barafusta
Do luzente metal na fome insaciavel!
Ergue de novo a voz, outr'ora formidavel,
Quebra as cadeias vis, renasce para o bem,
E escarra-lhes no rosto o infame insulto, ó mãe!



Quando a doença assume um aspecto grave, os paliativos, alem de inuteis, tornam-se perniciosos, porque mais relaxam a debilidade do enfermo.

N'este caso a sciencia preceitua o caustico, o medicamento doloroso mas energico que, por vezes, ainda consegue reabrir as portas da vida áquelle para quem já se havia aberto a tampa do caixão. Nós somos um pobre enfermo no estado perigoso da molestia. *Delenda Albion,* um interessante poemeto, repleto de versos cheios, sonoros e alevantados e que viu hoje a luz da publicidade, é o vesicatorio imposto por mão decidida, que não receia lacerar as carnes do doente, com tanto que o estirpe da molestia que o corróe. Tem talvez muitas cantharidas aquelle *caustico,* mas não importa, porque é precisamente d'isso que nós estamos mais necessitados...

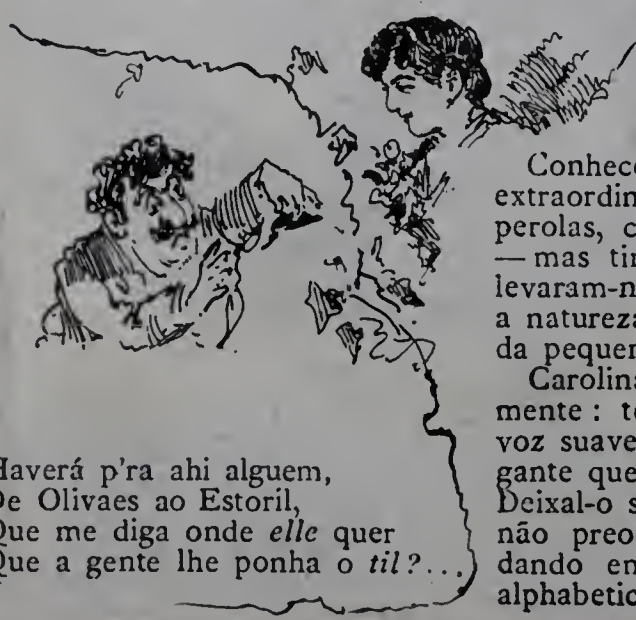
O *Diario da Manhã*, transcrevendo um escripto de Gabriel Claudio, termina com os seguintes periodos:

«Todos os jornaes fallam do brilhante jantar da redactora das *Matinées* e todos na forma do costume estropiam o meu desventurado nome.

Idioma de Cervantes que não tens um til sobre um A —(onde demonio quer Gabriel Claudio que lhe ponham o til?) eu te amaldiçôo!»

Ha dias que temos sobre a mesa do trabalho um pequeno livrinho intitulado o *Frontão Municipal* e ao qual por um susto inexplicavel nos não atreveramos ainda a lançar as vistas. Hoje porém enchemo-nos de coragem e aventurámo-nos a deitar-lhe o rabo do olho. Por tal fórma nos encantou o extraordinario folheto que não duvidamos aconselhar o leitor a que lhe conceda não só o rabo mas toda a pupilla do seu olho perspicaz para depois nos dizer se o nosso conselho não vale bem mais de que o do advogado mais sabido na materia.

Não porque a memoria nos fosse ingrata, mas porque o lapis nos atraiçoou, errámos no nosso ultimo numero o retrato de Leandro Braga. Fazemos-lhe hoje esta rectificação, quasi com vontade de errarmos outra vez, para tornar a fallar d'elle.



Haverá p'ra ahi alguem,
De Olivaes ao Estoril,
Que me diga onde *elle* quer
Que a gente lhe ponha o *til?*...

Theatro dos Recreios

Festa artistica de Carolina Pereira

Conhecemos em tempo uma rapariga de uma formosura extraordinaria; cabellos de oiro, labios de rubis, dentes de perolas, cutis de prata, — uma verdadeira loja de ourives — mas tinha um defeito: padecia de strabismo. Um dia levaram-n'a ao Mascaró e a sciencia endireitou-lhe o que a natureza lhe havia entortado. Pois ficou feia, o demonio da pequena!

Carolina Pereira é uma artista que começa auspiciosamente: tem talento, tem uns olhos melancholicos, uma voz suave e umas feições gentis, mas tem um *r* extravagante que, segundo os mestres, é prejudicial á declamação. Deixal-o ser, mas dá-lhe um *tic*... Que a gentil actriz se não preoccupe com semelhante ninharia e que nos vá dando em criações artisticas o que lhe falta em letras alphabeticas.

Dizei, formoso mancebo,
Dizei, senhora gentil,
Em que sitio pretende *elle*
Que a gente lhe ponha o *ti*

A Jayme de Seguier

Apollo desfez-se em lagrimas,
A musa quedou-se triste,
Quando tu de nós fugiste
Sem promessa de voltar;
E as virgens de rostos pallidos,
Soltando as negras madeixas,
Gemeram carmes e endechas
Nos seus pianos de Erard!

Chamaram-te ingrato e perfido
Pois que prival-as tu ias
Das tuas doces poesias,
Da tua musa gentil.
Não mais sorriram de jubilo,
Não mais sairam á rua,
Não mais fallaram co'a lua
Nas brancas noites de abril!

Mas tu emfim condoêste-te
De tanto peito dorido,
De tanto acerbo gemido,
De tanta e tamanha dôr;
E á patria voltando rapido
Mil soffrimentos acalmas,
Fazendo em cinco mil almas
Brotar esp'ranças de amor!

As castas virgens rodeiam-te
No mais selecto conclave,
Pedem-te um canto suave
De mãos erguidas aos ceus...
E tu, de amor meigo e tremulo,
Recitas, branco de gesso,
Um relatorio do preço
Do nosso vinho em Bordeos!...

PAN.

Temos á vista a publicação recentemente incetada que se intitula o *Mandarim*; é um folheto elegante, que ainda não lemos por absoluta falta de tempo mas que de antemão apreciamos fiados no proloquio de que *pelo dedo se conhece o gigante*...

Eu adorava a De-Reszké
(Como cantora e artista)
Dei-lhe sempre muitas palmas
Apesar de ser *pasquista*!...

E quer saber o High-life
O que *pasquista* me fez?
— Vender sempre pela Paschoa
Mais brindes o *103*.

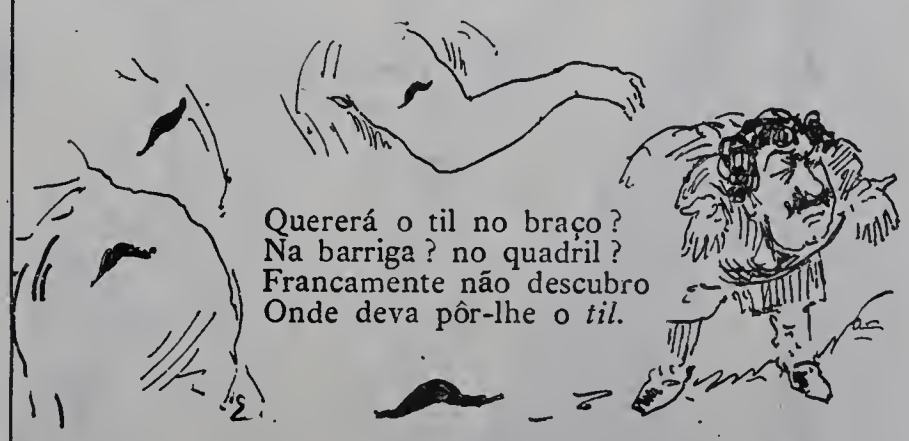
Ha de findar a semana
Vae-se embora o mez de abril,
Sem que eu saiba onde elle quer
Que a gente lhe ponha o *til*...

SYNOPSE

DOS ACONTECIMENTOS A QUE DEU CAUSA A ÉPOCA PASCUÓ-RESZKISTA

Familias completamente arruinadas		14
Relogios no *prégo*		127
Letras descontadas		87
Pugilatos:		
Murros	46	
Dentes partidos	7	
Bengallas idem em diversas costellas (genero masculino)	18	
Ventas esborrachadas, pares	17	
Pequenos *tabefes*	59	147
Divorcios		5
Duellos		1
Topas a Tudo & C.ª		1
Pares de luvas estragadas		999
Lunchs		1
Ceias		1
Crises ministeriaes		1
Archotadas		5
Descomposturas:		
De rachar	49	
Mansas	125	174
Casacas alugadas ao Cruz		97
Termos, taes como, distincta, grande, rouxinol, sereia, etc., etc.		2:725
Borrachos		27
Poesias em diversas linguas, incluindo a lingua bunda		11
Total		4:423

N. B. — Ha duvida sobre a origem da crise ministerial, mas tudo leva a crêr que foi por causa d'aquellas cantoras.



Quererá o til no braço?
Na barriga? no quadril?
Francamente não descubro
Onde deva pôr-lhe o *til*.

Soneto

Quem tem vagar faz colheres

Por causa de umas inclitas cantoras,
Talvez da solfa as pimponescas musas,
No templo das famosas semifusas
Estoiraram crueis *metralhadoras*.

Os nobres campeões das taes senhoras
— Que não eram nenhuns pimpões de blusas
Para gloria immortal das teimas lusas
Façanhas mil fizeram berradoras!

Ao barulho estupendo e nunca visto
Uivaram muitos cães, tremeram loisas.
Estremeceu o mundo... e mais do que isto!

.....

Oh, miolo, nos *cacos* não repoisas!...
Oh, meu bom Pae do Céo, meu santo Christo,
Quem não tem que fazer... sempre faz coisas!..

AYE

Escre

«A not
jubilo os
triumpho
vantagem
Stanley
agora un
missão d
correspon
o que di
outra par
Angola,
da canho
nho na lu
O que
linguager
lencia con

Entre *casta*

HOY...

da Manhã!

elegramma do governador de Angola encheu de ezes. Vêem na occupação da Ponta Negra um sr. de Brazza, que assim tirou a Stanley-Pool a ção mais rapida com o mar. Accrescentam que à sua vontade, porque o sr. de Brazza não é o, mas um official francez, encarregado de uma e que tem meios para se fazer respeitar. Os em Paris, communicando para os seus jornaes francezes, rejubilam se ao mesmo tempo com na do sr. Ferreira do Amaral. O governador de le mais navios e mais tropas. O commandante otestou, logo o sr. Stanley não se achará sósi- n os francezes.

estas noticias resultou nos jornaes inglezes uma la com relação a nós, na proporção da sua vio- ancezes.»

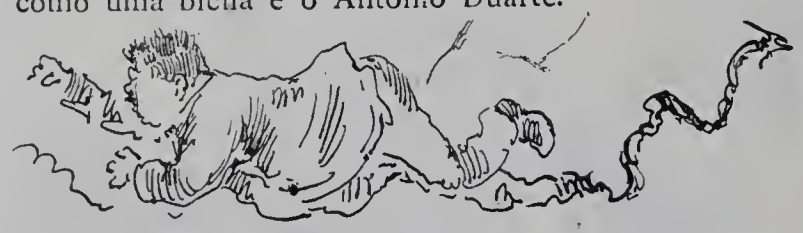
ga... mon cœur balance...

Desenho polygloto para uso e escarmento de todas as nações civilisadas.

Os concertos a grande orchestra

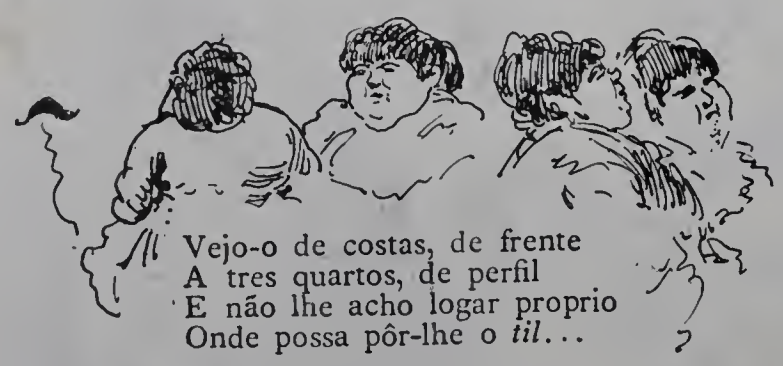
Enrique Arbós é um violinista distinctissimo; não terá ainda o nervo accentuadamente artistico de Sarasate, mas demonstra bem que é d'aquella massa que elles se fazem.

Posser, como explicador de musica, leva as lampas ao Moraes gordo como explicador de nautica; foi uma grande revelação para a arte e para a rua dos Fanqueiros, que descobriu em Carlos Posser um interprete valioso para o *enredo* de todas as mazurcas de Carlos Braga. Quem está como uma bicha é o Antonio Duarte.

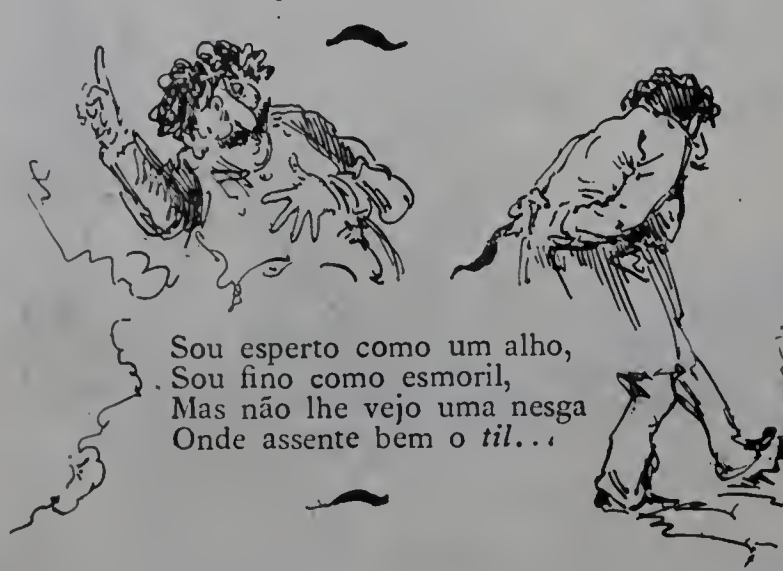


A ode-symphonica *Le Desert,* de Felicien David, é uma composição escripta para todas as cordas de voz, o que nos leva a crer que foi concebida e executada a pedido do celebre Gaspar da viola. O enthusiasmo pelo *Deserto* não chegou a tomar o espirito dos espectadores mas é de suppor que, se apertarem muito com elle, o Deserto chegue a tomar os logares dos mesmos espectadores...

De resto, é um *deserto* bem acabado; inflammam-se-nos as carnes com as chicotadas do simoun abrasador e affigura-se-nos por vezes que até destinguimos ao longe as caravanas de camellos...



Vejo-o de costas, de frente
A tres quartos, de perfil
E não lhe acho logar proprio
Onde possa pôr-lhe o *til*...



Sou esperto como um alho,
Sou fino como esmoril,
Mas não lhe vejo uma nesga
Onde assente bem o *til*...

D'estes é que elles querem!

Umas pessoas mui graves,
Cheias de amor verdadeiro,
Foram levar umas traves
A' Senhora do Sameiro.

A tão santa carolice
Não nega a santa as mercês;
Ha quem affirme que disse:
Contem comigo vocês.

Ora, esperam sacerdotes
Outra funcção de mão cheia:
Á procissão dos barrotes
Segue a procissão da areia.

E se na tal devoção
Não fôr entrando o gorgulho,
Temos uma procissão
Para cada pedregulho.

E comigo penso, eu cá;
Que gentinha tão devota,
Até procissão fará
Dos pregos de galiota!...

Oh, santinha de pau, como tu *chimpas*
Um divino fervor nas almas *limpas!*...

.....

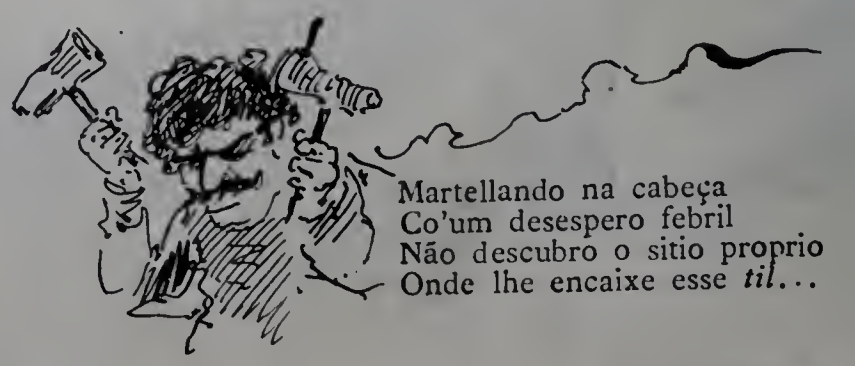
Oh, santa devoção, a quanto obrigas
Para encher dos masmarros as barrigas!

Atravez de Madrid

Gabriel Claudio já transpoz os umbraes do seu parnaso da rua de S. Bento e ainda as folhas da manhã publicam artigos de trez columnas descriptivas da sua viagem por terras hespanholas!

Gabriel Claudio é mais de que um repucho litterario; é um verdadeiro *chafariz do rei* a espirrar descripções pomposas pelas suas nove bicas... Sua artigos, o demonio do rapaz!

E depois, com que espiolhada minuciosidade elle observa os factos, os incidentes, os promenores mais insignificantes de tudo que nos descreve! É impossivel que Gabriel Claudio disponha apenas de dois olhos: elle vê para a direita, para a esquerda, para cima, para baixo, para traz, para deante.., Tem mais de dois olhos, com toda a certeza!



Martellando na cabeça
Co'um desespero febril
Não descubro o sitio proprio
Onde lhe encaixe esse *til*...

(CONTINUA)

A descripção feita por elle das riquezas accumuladas no palacio do seu amigo o barão de Stock deixa-nos atordoados : chega uma pessoa a persuadir-se de que está ouvindo um d'aquelles empresarios de cosmoramas ambulantes, cuja verbosidade extraordinaria nem nos dá tempo de examinar um decimo das maravilhas ennumeradas :

— Lá está a grande cidade de Napoles que é a terra dos caldeireiros e a sumptuosa capella do Vaticano com o padre santo a dizer a missa instrumental com musica surda que não se ouve nem se sente e a sanguinolenta batalha de Waterloo grandes perdas houve n'este combate mortos feridos e moribundos uns foram para o hospital outros para o outro mundo ! ! !

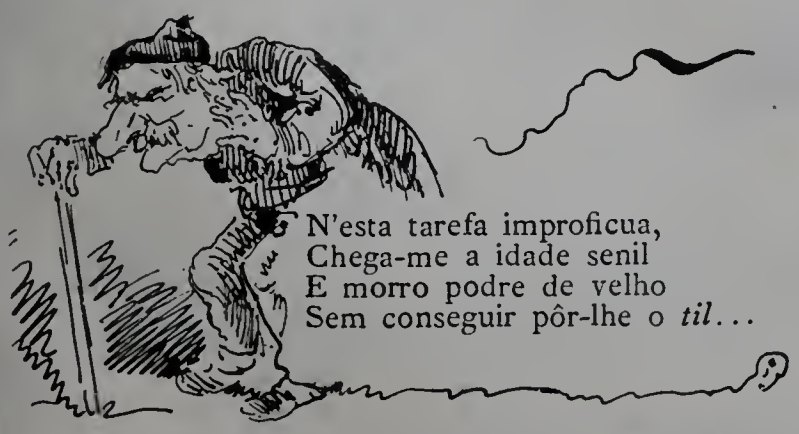
É assim que o nosso compatriota nos faz a narração circumstanciada das bellezas que se empilham em casa do barão de Stock, dando áquella habitação a apparencia de um palacio encantado, que mette n'um chinello, reduzindo-o ás condições de reles mansarda, o sumptuoso palacio habitado por Lucullos!

Não podemos infelizmente referir aqui um centessimo que seja d'essas curiosidades valiosissimas desde as *etageres* de agata até os vasos etruscos, que Gabriel Claudio encontrou no proprio quarto de cama, e por isso nos limitamos a transcrever a descripção do nosso compatriota que diz respeito aos aposentos que lhe foram distinados; oiçamol-o :

«...os meus quartos, mobilados com estofos de setim azul e moveis doirados, fogão, pendulas, espelhos, lustres, mesas cobertas de velludo azul, leito azul e oiro com docel, etc...»

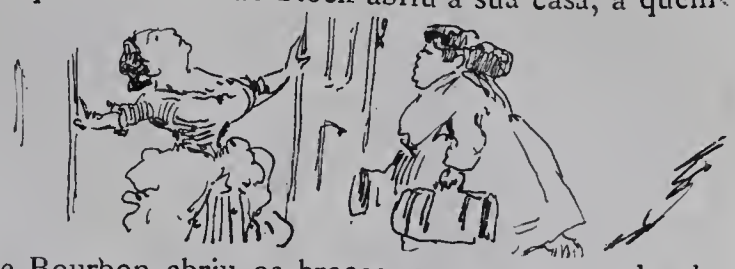
Está bem de ver que o *etc* de Gabriel Claudio esconde muitas coisas mais, que por demasiado extensas entendeu não dever ennummerar...

Assim, vê-se claramente que os quartos do illustre escriptor eram em tudo muito superiores ao basár do Casimiro da Cunha ; moveis doirados, fogões, pendulas, espelhos, lustres, e até o bello leito azul e oiro com docel ! É de uma pessoa se levantar da cama com o corpinho consolado...



Foi por isso que Gabriel Claudio deixou a patria de Cervantes trazendo nos labios não o sorriso feliz de quem regressa á patria de Camões, mas o sorriso melancholico de quem deixa atraz de si uma vida prinsipesca com casa cama e meza, roupa lavada e engommada e dinheirinho para cigarros, para se vir encafuar junto ao mercado de S. Bento, onde as galinhas cacarejam ao romper do dia e as collarejas apregôam : merca alface repolhuda !...

Elle, a quem o barão de Stock abriu a sua casa, a quem



Izabel de Bourbon abriu os braços, a quem os grandes de

Hespanha abriram o coração, a quem os banqueiros abriram a bolsa, a quem os *salcichons* abriram o appetite, a quem todos abriram tudo, finalmente, elle o celebre, o laureado, o immortal, a abrir agora a porta ao moço que lhe dá agua e lhe traz a carne do açouque e que, por supina ironia da sorte, tendo nascido em Hespanha, se não appellida Echegaray ou Castellar, para se chamar simplesmente *Chuan de Bigas* e que não lhe falla do *Grande Galeoto* mas da *Volta á Roda do Mundo*, onde desempenha a primor o papel de *onda* vitalicia ! ! !

Horror ! ! ! ! ! ! ...

PAN.

Gabriel Claudio na sua excursão a Madrid teve occasião de admirar o teto de uma sala, cuja pintura deslumbrante e maravilhosa é devida ao pincel de Yborra. Não tinhamos o gosto de conhecer nem de nome este celebre pintor, mas d'elle tomamos nota e já não nos escapa quando tivermos de fazer versos ao Bazorra.

REFORMA NA CASA

A ESTENDER A MASSA

A estender a massa, é uma phrase moderna e popular que veiu substituir no calão nacional o *dar manteiga* e o *largar cantigas* com que a dialectica pittoresca do povo costumava designar os habitos dos que tudo promettem e tudo aplanam para nada dar nem resolver.

A ESCAMAÇÃO

A Sociedade de Geographia está escamando o peixe *Iborra* até o deixar na espinha, para lhe dar uma idéa do estado do Congo.

Espigas

Da antiga apanha da espiga
Vae minguando o enthusiasmo:
A muito pasmo isto obriga,
Mas eu, confesso, não pasmo.

Tantas são ellas, tamanhas,
Que nos deixam a *apitar*...
E não precisam *apanhas,*
Antes nos vem apanhar.

O tributo sobre o sal,
Para quem tem salgadeira,
Foi espiga e espiga tal,
Que o sal lhe pôz na molleira!

Ouvir o inglez, que desfecha
Contra nós arrotos *pios,*
É espiga — e que nos deixa
A todos a vêr navios!

(E que espiga!... é de tremer!
Pois que os grandes estafermos
Nos obrigaram a vêr
Navios... sem nós os termos!)

Aturar varios Mazellas,
Caro, Bazorra, Cócó,
É uma espiga... e d'aquellas
Mesmo de X. P. T. O.!

Da tal viajata a Madrid
Ter que pagar as despezas,
Espiga é que, só por si,
Vence as espigas mais tezas!

Soffrer reformas do *Caro,*
Nas quaes a poupança *foi-se,*
Tal espiga é, que a comparo,
Á de apanhar um bom coice!

.....

Zé povinho vê-se em talas
Por causa de espigas *bellas*...
E em logar de ir apanhal-as,
Vê-se apanhado por ellas!

Informa um jornal que no primeiro do mez, em consequencia de ser o dia do pronome de el-rei, os ministros foram todos ao paço cumprimentar sua magestade. Ora como o monarcha tem mais nomes, pronomes e cognomes que tubos capilares desde o alto da cabeça até á unha do dedo grande, ou foi esta a primeira vez que os ministros cumpriram com o seu dever ou teem andado na carreira da Ajuda do dia de anno bom ao dia de S. Silvestre.

Recebemos um formoso trabalho typographico, obra dos artistas portuguezes Pedro d'Oliveira e Manuel Augusto de Sousa, dedicado ao partido republicano. É um magnifico retrato do dr. Manuel d'Arriaga, orlado de delicadas vinhetas a côres, e que muito honra os que o emprehenderam e executaram.

Do commendador Peres recebemos a carta que em seguida publicamos. Damos egualmente o retrato do benemerito commendador, que offertamos á *Gazeta de Noticias*. Esfregue-o com sumo de limão e verá como apparece por baixo o voto de agradecimento dos *herdeiros*...

Eu mi zanguei seu Bordallo,
Mi escandalisei bástanti,
Com a nóticia mássanti
Da *Gazeta* aqui do Rio.
Qui dibiqui! Qui bobage!
Qui môços pouco dêcentis!
Mi dando por morto, gêntis!
Quando istou vivo,—já vio?!

Bem sei qui foi caçôada
Di alguns môcinhos da Côrti,
Mas não brinca-si co'a morti
Qui é muito seria a qúestão.
E com testamento feito!
Ué!! Qui masso! Qui inguiço!
Nhónhósinho, não faz isso,
Basta já di xingação!

Istou vivo, e muito vivo,
Apezá di isbodêgado,
E móro até n'um sobrado
Saco do Alféris 1, placa —
A respeito di iscriptoris
Como não sou nenhum gira,
Leio sómenti o Caipira,
Qui é tão doci como jaca.

E tenho ganho algum cóbri
Com uma quintanda e um frégi.
Não ando nunca di ségi,
Mas di bôndi e a pé tambem.
Quanto á *Gazeta das Ditas*
Nenhum caso d'ella faço,
Porquê já passa di masso
Tantas bándálheiras, eim?

Rio, 27 d'abril —
1, placa, Saco do Alféris.
Passar bem. — O seu ámigo
Commendadô — SILVA PÉRIS.

Diz o *Diario de Noticias* que hoje, dia da espiga, apresenta o florista Miguel da Silva lindos *bouquets*... com a sua competente espiga. É uma fórma delicada esta de cada um impingir a sua espiga rodeada de flores, mas não prima por original. O florista Antonio Maria ha muito que é primoroso em disfarçar a espiga dos impostos nos seus *bouquets* de flôres de rhetorica.

PANACÉA UNIVERSAL

Elle é o nosso mais que tudo. É elle que dispõe dos caminhos de ferro e dos chefes de repartição, do credito predial e das promoções no exercito, da cotação na bolsa e dos logares de continuos, dos dias chuvosos e da padaria militar, do supremo tribunal e dos quartos de lua.

Elle é a nossa agoa de Lourdes, a nossa revalenta, o nosso oleo de bolota; toda a gente que requer, que supplica, que impétra, que demanda, que pretende, por toda a parte escuta a mesma phrase, o mesmo dito, as mesmas palavras, o mesmo conselho:

— Porque não arranja você um bilhetinho do sr. Fontes?

Um bacharel anda atraz do logar de amanuense nos proprios nacionaes; tem a protecção do influente eleitoral, fez um concurso brilhante, exhibiu a folha corrida, é vaccinado, está em boas relações com a ama do prior, entregou um memorial a sua magestade, mas nada consegue:

—Porque não arranja você um bilhetinho do sr. Fontes?

Um enfermo perdeu a esperança de curar-se; tomou a Revalesciére du Barry, fez uso da Peptona, consultou o Alvarenga e o Assis, applicou vesicatorios, soffreu operações, levou bichas baixas, recorreu para a agua de Loeches, e nada!...

— Porque não arranja você um bilhetinho do sr. Fontes?

Um calvo esgotou a panacêa capilar; ensaiou o oleo do Egypto, a Pomada Florestal, a folha de couve, a Galactokrene Bensabat, o tutano de vacca, o oleo humano, e nem um cabellinho para amostra:

— Porque não arranja você um bilhetinho do sr. Fontes?

Um lavrador vê a sementeira perdida irremessivelmente se a secca continua; fez preces, resou a magnifica, cantou uma novena, prometteu duas arrobas de cera e nem pinga de agoa...

— Porque não arranja você um bilhetinho do sr. Fontes?

Um dramaturgo foi infeliz na sua estreia; o publico pateou-o, os actores descompozeram-n'o, o emprezario despediu-o, o rapazio assobiou-o e a imprensa correu-o a pontapés...

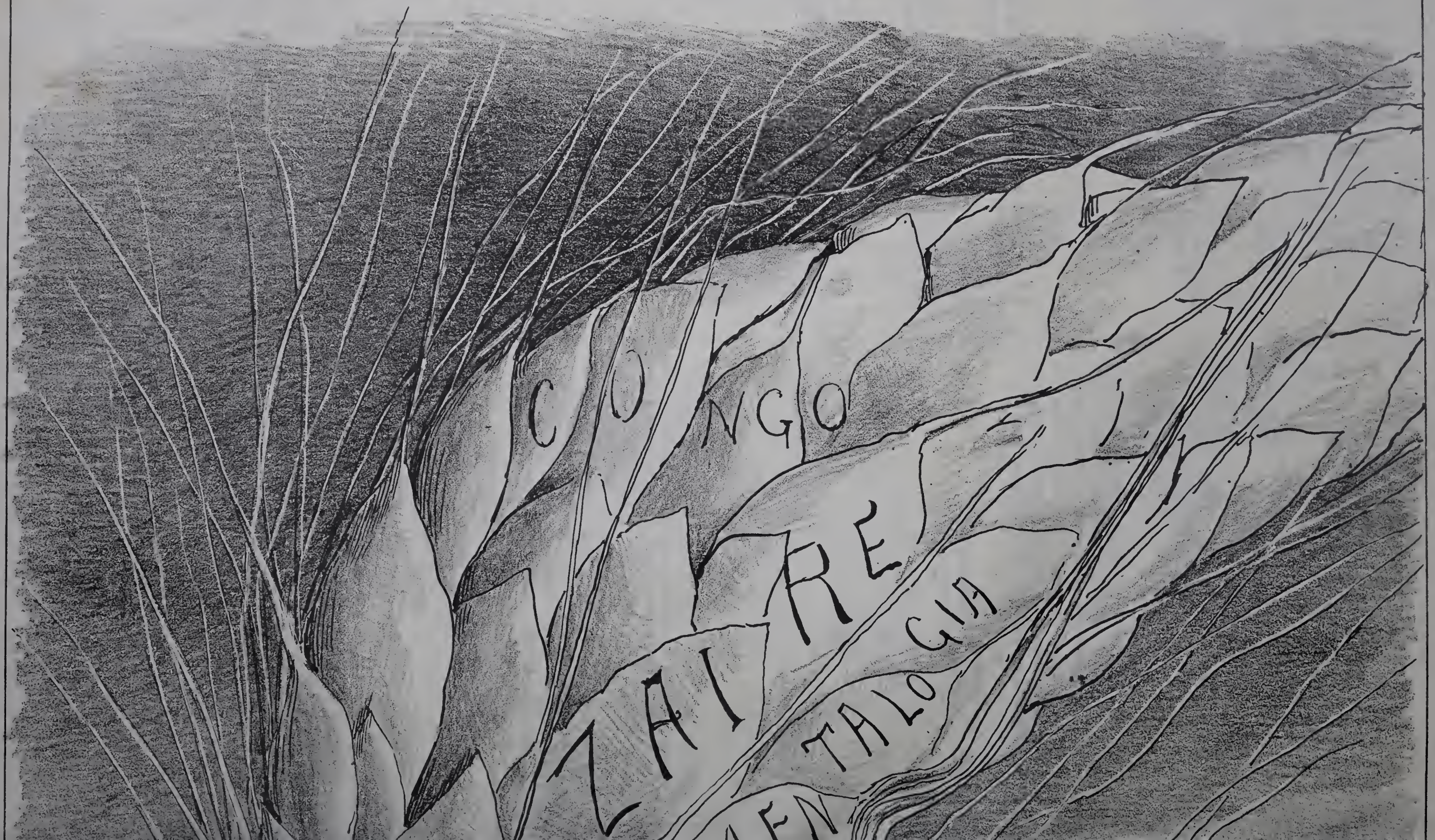
— Porque não arranja você um bilhetinho do sr. Fontes?

Um marido anceia por ver a sua raça propagada; consultou os homens da sciencia, fez promessas a Santo Antonio, comeu grosas de ostras, metteu um primo em casa, deitou escarros de sangue e nada...

— Porque não arranja você um bilhetinho do sr. Fontes?

Sempre correcta e augmentada, não a damos toda d'esta vez, para não alterar o formato do jornal. Para o anno, se Deus quizer e o sr. Fontes não desanimar, esperamos apanhal-a de tal tamanho que não possamos dar senão um grão.

A ESPIGA D'ESTE ANNO



Enrique Arbós deu ante-hontem o seu ultimo concerto no Coliseu dos Recreios. Tocou magistralmente, o extraordinario do rapaz! Desconfiamos até que aquillo era o effeito do jantar no *Antonio das Caldeiradas*... E se isto constituir, como pode succeder, uma revelação preciosa para as artes, desde já pedimos privilegio de invenção, reclamando como unica recompensa que todas as pianistas da rua dos Fanqueiros e circumvisinhas sejam postas á prova da sopa de ostras: se resistirem, é porque são mais impermeaveis de que as botas do Rosa... Pela nossa parte protestamos fazer a experiencia um dia d'estes a ver se conseguimos tirar da lyra

Um canto sonoro, eoleo,
De rimas alevantadas,
P'ra mandar ao Capitolio
O *Antonio das Caldeiradas.*

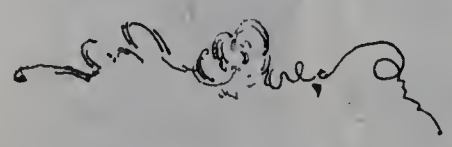
Um annuncio amoroso do *Diario de Noticias:*

22 — 4 — 83

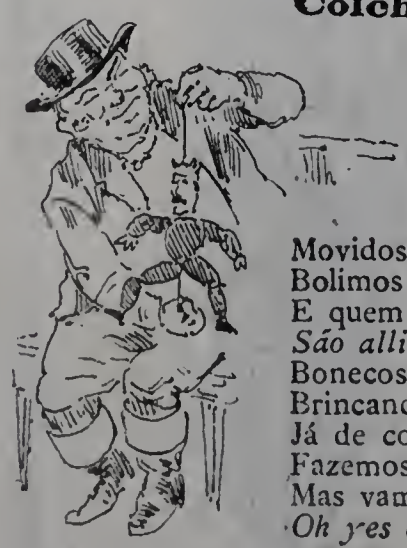
C. Não posso definir a anciedade com que desejo saber se v. ex.ª recebeu C. M. no dia 27. Resposta, passo todos os dias mas não a vejo.

Seu A. X.

Este annuncio é do Assis de Faro, que assigna pelo systema sonico para não dar tanto nas vistas.



Colchêa



São alliados fieis,
Oh *yes* com batatas.

GLOSA

Movidos por uns cordeis
Bolimos pés, mãos, toitiço;
E quem nos põe em serviço
São alliados fieis:
Bonecos de trinta réis,
Brincando que é *umas natas,*
Já de coc'ras, já de gatas,
Fazemos um papel fino...
Mas vamos mesmo *n'um sino,*
Oh yes com batatas.

Uma das coisas que mais deu no goto de Gabriel Claudio na sua visita domiciliaria em casa do barão de Stock, de que nos dá desenvolvido relatorio, foi a *hermaphrodita* de Bartolini, primorosa esculptura que o barão tinha no proprio quarto de cama. Sabemos por informação de pessoa fidedigna que não é aquelle o local usualmente occupado pela notavel esculptura, que o barão fez collocar no seu quarto durante a visita de Gabriel Claudio, por uma d'aquellas gentilesas graciosissimas tão peculiares ao espirito delicado do barão.

Ill.mo Sñr.

Tenho um Tio Commendador e minha mulher e eu, fommos despedirmos-nos d'elle e não da Snr.ª Pasqua.

Já isto disse a S. Senhoria, o redactor do «Jornal da Noute» e o mesmo peço a V. Snr.ª que diga no seu jornal «Antonio Maria».

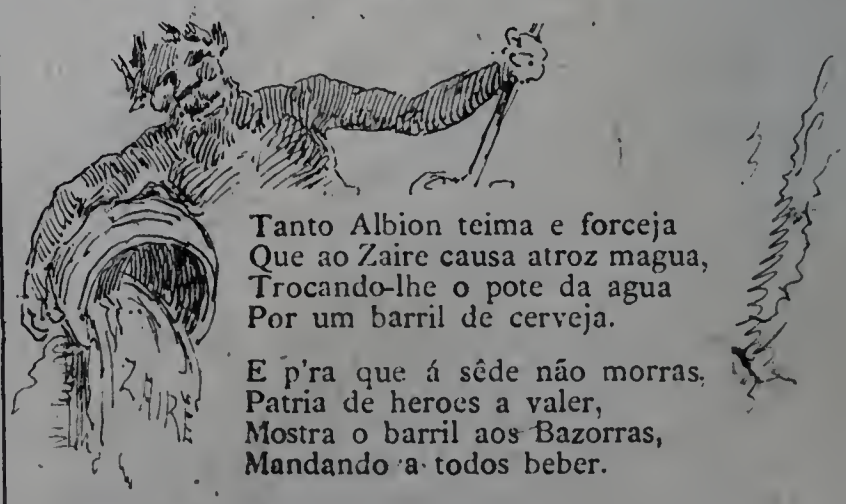
Pode quem tem Tios Commendadores, se ir despedir-se d'elles, sem que nada tenha com as Snr.as Primas Donas, sem ter parentesco nem mutivos, que nos levem a despedirmos-nos de ellas, como pretende S. Senh.ª, o redactor do «Jornal da Noute».

Agradeço desde já a publicação d'esta carta e sou

De V. Senh.ª
Venerador e Creado obrigado,

S. / C.
Lisboa 29 de Abril
de 1883.

A camara municipal pensa em decorar as suas salas com os retratos de algumas portuguezas celebres, como Filippa de Vilhena, Marianna Alcoforado e outras. E' pena que o Gabriel Claudio não possa, pelo seu sexo, fazer parte d'essa galeria illustre, para o vermos passar á posteridade a tinta d'oleo, como o mais fidalgo Alcoforado.



Tanto Albion teima e forceja
Que ao Zaire causa atroz magua,
Trocando-lhe o pote da agua
Por um barril de cerveja.

E p'ra que á sêde não morras,
Patria de heroes a valer,
Mostra o barril aos Bazorras,
Mandando a todos beber.

Segundo dizem, o infante general vae partir para a Russia, levando por secretario o sr. Barata Loira, para assistir á coroação do czar.

A este proposito tivemos a noite passada um sonho, que pode muito bem tornar-se em triste realidade, o que nos daria um diploma de vidente muito superior a Emma Zanardelli.

... A cerimonia vae no fim; o imperador tem a corôa na cabeça sem que o nihilismo fizesse estalar nem uma caixinha de fosforos de cêra. De repente o sr. Barata Loira quer dizer um segredo ao sr. infante e puxa-lhe pelos berloques; sua alteza curva-se em arco de pipa para nivelar o ouvido pela boca do seu secretario e — oh!! fatalidade! — vae bater com a presilha das calças na testa do czar, que deixa cair a corôa e exclama assaralhopado:

— *Serskinvlork toffsch kenesdelporski!!!*

O que em portuguez significa:

— Irra! que grande bomba!

O sr. infante e o seu secretario são presos como nihilistas, emquanto o povo murmura retirando para suas casas:

— *Trefllotshist erdskti tsorts allmski lotikflihtoptki gistfegrt porkivistki!!!*

Cuja traducção é a seguinte:

— Malditos nihilistas! O que inventarão elles mais?... Ora vejam onde aquelle trazia escondida a dynamite...

Dores de dentes

Ha dias que um grande susto
Causa terror em Lisboa:
Constou que Fontes augusto
Sentiu picadas na c'rôa!..

Corre a noticia nefaria
Do Castello á Madragoa,
Diz-se que é volta de caria
N'algum dos dentes da c'rôa!

Temendo ver por desfecho
Alguma atroz macacôa,
Fontes já fez um bochecho
De altêa e malvas na c'rôa.

Mostra a c'rôa muito inchada
E a coisa assim não vae boa...
Diz-se que é presa furada
Que lhe causa a dôr na c'rôa.

No mais cruel phrenesi
Os dentes amaldiçôa
E pede e quer que o Vitry
Lhe venha chumbar a c'rôa.

Chia, berra, chora e grita,
Co'essa dôr que o aguilhôa,
E traz um lenço de chita
Cingido em volta da c'rôa.

Não ha coisa que não faça
A ver se a dôr atordôa;
Já poz papas de linhaça
Sobre o inchaço da c'rôa.

Munido de mel rosado
E d'uma zaragatôa
Tem besuntado, coitado,
Todos os dentes da c'rôa.

Mas antes que o mal persista
E os outros dentes corrôa,
Não era bom que um dentista
Tirasse o dente da c'rôa?

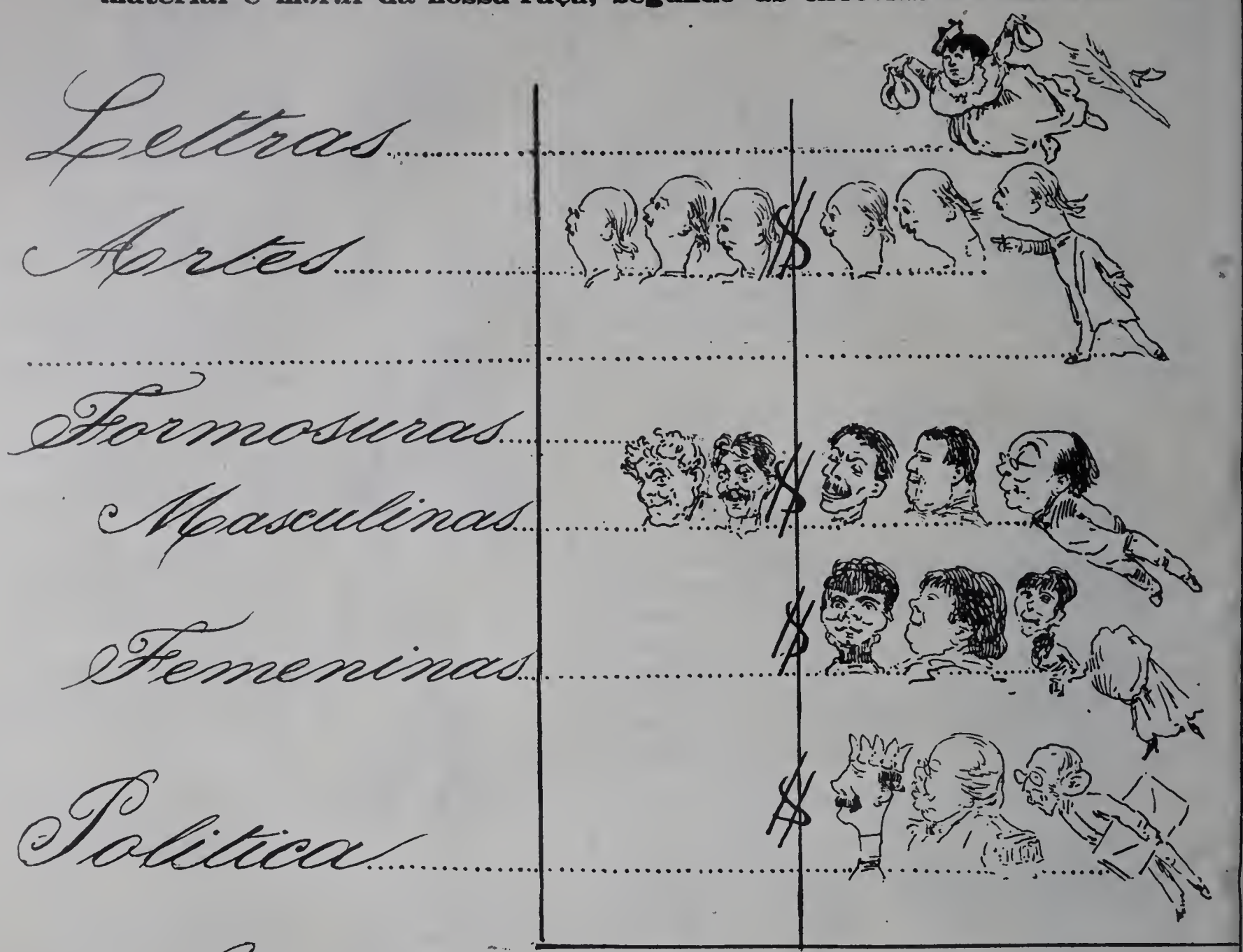
Se esse mal se communica
E os dentes todos arpôa,
Lembre-se o Fontes que fica
Só de gengivas na c'rôa!...

PAN.

Bordallo: eureka! alleluia!
Fez-se-me luz n'esta bola...
Afasta-lhe o *til* da cuia,
Põe-lhe antes o *til* na *tóla*.

RELATORIO

Das expedições a Madrid, por onde se prova o desenvolvimento material e moral da nossa raça, segundo as theorias de Darwin

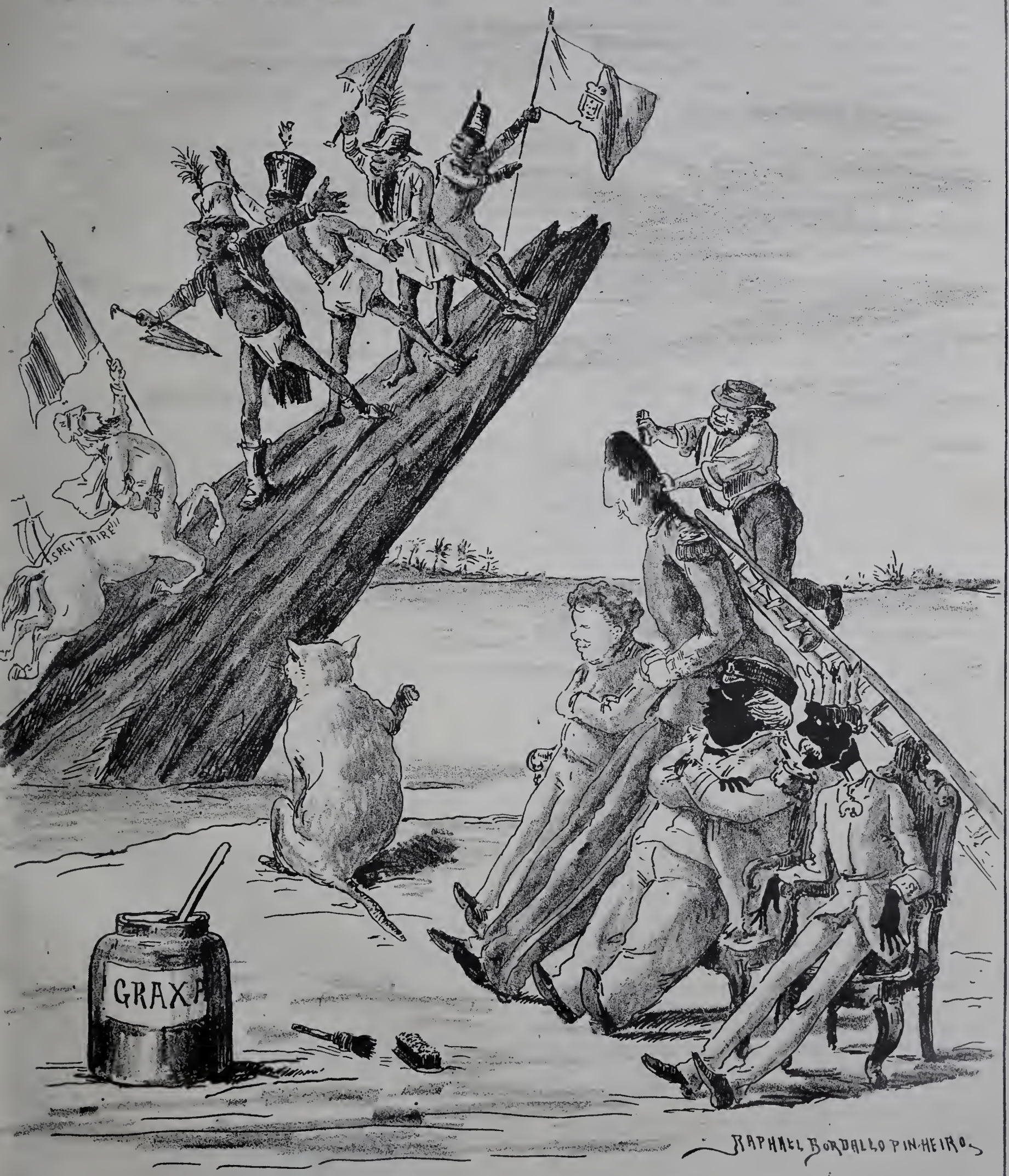


Um e dois tres e dois cinco e quatro nove e quatro treze e cinco dezoito noves fora — nada —

Francamente, se isto é o aperfeiçoamento da minha especie, sinto-me feliz por me ter conservado no primitivo estado de gorilha...

A OCCUPAÇÃO DA PONTA NEGRA

Segundo noticias do ultramar, os francezes tomaram posse da Ponta Negra mas os principes indigenas não estão resolvidos a entregar a Ponta Negra ás mãos dos francezes e protestam contra a occupação.



Pelo que se vê, os principes pretos teem a pontinha dos brios mais aguçada de que os principes brancos, o que leva a crêr que não seria mau se mandassemos engraxar estes.

Carteira d'um bohemio

A proposito da estridulosa *questão da Sebenta,* lembro-me d'um velho mestre-escóla que em remota era passada eu conheci, e que, quando um seu pobre discipulo camponio, mais dado á malvada procura dos ninhos em dias ridentes de primavera, do que ao calculo mathematico-metaphysico da quadratura do circulo, ou mesmo ao estudo não menos transcendente da imbecilitante soletração do *P' h,* quando esse discipulo, não nos tresmalhemos, não sabia a sua lição, chamava-o para o seu lado carinhosamente, roçava-lhe mesmo velhacamente uma festinha dôce e paternal pela face pennujenta e ruborejante de saúde, e abrindo, — sempre com grande amor bonacheirão, — o livro do pobre diabo, já desconfiado de tanta festa, justamente na pagina não estudada, pegava de explicar-lhe attenciosamente, com muita lentidão e sorrisos, tudo o que o tremulo discipulo devia saber, — e no fim, transformando o risonho carão bondoso n'uma visagem tenebrosa, agarráva herculeamente na grossa palmatoria, e malhava nas tristes mãos do desgraçado uma duzia de retumbantes *bôlos,* — para terminar a serie das suas doçuras. E ahi desatava o rapazóla a berrar endiabradamente, meio atordoado n'uma convulsão de dôr, que lhe punha nas mãos friccionadas o peso bruto d'algumas arrobas, sem allusão ao *Tigre.*

Comquanto Deus-nosso-senhor me defenda de comparar Camillo Castello Branco ao mestre-escóla supradito, apraz-me comtudo vêr certa similhança do seu modo d'esmagar tôlos com aquelle systema d'ensinar ignorantes, se bem que Camillo tenha de fazer estas duas cousas estopantes ao mesmo tempo.

Tem-se visto n'esta questão gloriosa e *sebenta,* como elles, os tôlos, vão ter com fero polemista de valentia transmontana, — que caçava gatos bravos na Samardam, zagalotêa agora javalis academicos de Coimbra, todos chibantes de farfalhices criticas imbecilmente ironicas, todos empoados d'erudições *orientadas* d'uma pedanteria aladamente burrifica, — e tem-se visto tambem como o paciente grande escriptor lhes annota, com o seu perfido socego sobranceiro, os arrazoados sábios, e como serenamente os váe mostrando muito chagados d'ignorancia elles, os orientados! — , e como amavelmente lhes váe certificando a sua pavorosa toleima requintada...

Depois, assim que o leitor está já a espantar-se de tanta brandura, d'onde só de longe em longe desponta agudamente uma ironia que desfecha risos engatilhados, Camillo abandona as longas explanações historicas, enoja-se razoavelmente da fraqueza dos contendores muito suinos — que apparentam hypotheticas ferocidades de porcos selvagens, — e lançando mão valente do cipó de carvalho rijo e teso, acaba por applicar nos malaventurados tamanhas sóvas impiedosas, com acompanhamento tripudiante de motejos e gargalhada rabelaisianamente triumphal, que a gente não tem remedio senão condoêr-se dos miseros ossos dos Callistos e Rodrigues!

E eis aqui está por que a questão da *Sebenta* me lembra o velho mestre-escóla.

A historia de Jesus, por Gomes Leal

O Gomes Leal virou a casaca.

Tanto o apodaram de *satanico,* que o Gomes Leal sentindo-se um dia muito Magdalena poz o gibão de fogo e os calções de labaredas no prego e envergando a tunica de tarlatana e as azinhas de jaspe dos cherubins, fez-se alado ás regiões mysticas e dedilhou na lyra de aureas cordas as seguintes quadras todas *mysticas:*

«Ó pombas que andaes voando
sobre as nuvens, e as bandeiras,
regatos! que ides regando
os verdes pés das roseiras,

«Evangelistas da Egreja!
nos vossos ninhos sosinhos,
em cujas Biblias adeja
o vôo dos passarinhos,

«Ó creanças pequeninas!
com olhos cheios de luz,
romanzeiras purpurinas
como as chagas de Jesus!

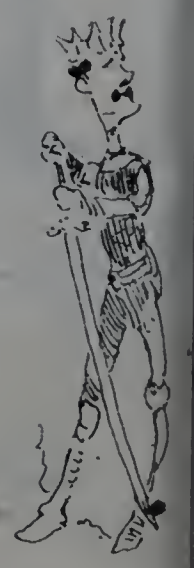
E por aqui adiante, n'um frouxo de lyrismo sentimental que é de levar as lampas a um trappista de nascença, deitou cá para fora o magnifico volume de versos doces, suaves, melancholicos, que temos á vista e que, francamente, nos encanta bem mais com o seu perfume de rosmaninho de que aquellas tiradas em alexandrinos nos agradavam com o seu cheiro de polvora.

Deus queira que o Gomes Leal se não arrependa da conversão e continuemos a vel-o trilhar no caminho direito do ceu em vez de se perder nos labyrintos do inferno. Amen.

Uma espada de cortiça
Para matar a carriça

GLOSA

O Quillinan não cubiça
A espada de honra ... hom'essa!..
Pois a toda, a toda a pressa
Uma espada de cortiça
Mui primorosa se faça;
E offereça-se com graça
(Se é que o brio em nós se atiça
A roçar no estardalhaço)
A D. Caro, peito d'aço,
Para matar a carriça.



Quem comeu?

Sob esta epigraphe, publica o *Correio da Noite* uma curiosa carta precedida de algumas palavras explicativas, por onde se mostra que a importancia de 1:329$250 réis, que figura na relação dos delegados da commissão de inquerito industrial a quem foram pagas ajudas de custo e transportes, processada em nome do sr. Oliveira Martins, por toda a gente terá sido comida menos por aquelle distincto cavalheiro. Achamos curioso este systema official de pôr o ramo n'uma porta e vender o vinho na outra. Se uma circumstancia casual não tivesse trazido a lume aquelle innocente equivoco burocratico, d'aqui a meia duzia de annos, sendo difficil senão impossivel averiguar a verdade dos factos, era provavel que o sr. Oliveira Martins sentisse nos intestinos os effeitos da indigestão produzida pelos acipipes que outros enguliram.

Foi por um engano muito parecido com este que o innocente *Parada* por um triz não apodreceu na enxovia do Limoeiro...

Hymno da caliça

Eh, rapazes! vá lá! de pagode!
Toca, toca a beber do Cartaxo;
Hymno excelso com laivos d'uma ode
Toca a erguer ao Cócó — bota abaixo!

Zé Povinho, tu viás-te em pancas
Para a renda pagar do teu nicho;
Senhorios saltavam-te ás ancas,
E faziam-te, ás vezes, ver bicho!

Mas eis se ergue Cócó; eil-o atiça
Contra os predios mil raivas d'estucha!
E de pé, nos montões de caliça,
Estes brados do peito repucha!

— D'esta feita, meus caros patuscos,
A vós todos defendo na brecha;
E a crueis senhorios labruscos
Vou pregal-a—vel-o-heis—na bochecha!

Condoido das vossas berratas,
Entendeu meu bestunto—que é macho!
Que p'ra termos as casas baratas
O melhor é deital-as abaixo! —

Vêde vós, que lhe destes o voto,
Se um Cócó não é mais do que um bruxo;
Se quem tem um tão bello piloto
Pôz a barca nas mãos d'um galucho!

Deve ser cantado este hymno
Por artistas, nada rombos,
Ao som d'uma gaita, um sino,
Dois berimbaus e tres bombos.

Vae publicar-se em Coimbra uma revista quinzenal, litteraria, que se intitulará *Coimbra em fralda;* não sabemos se esta publicação será illustrada com alguma gravura allusiva ao titulo, mas, sendo assim, se a estampa representar Coimbra na pessoa de um dos seus mais illustres cidadãos, o dr. Pedro Penedo da Rocha Calhau, deve ser de uma pessoa se babar todo pelo peitilho da camisa.

O *Diario de Noticias*, depois de nos dar conta minuciosa de todas as versões que correm por ahi com respeito, ás differentes viajatas da real familia, e de emittir mesmo a sua opinião sobre qual d'essas versões tem mais visos de verdade, conclue por esta fórma:

«Apezar de dentro em poucos dias, ter de se saber a inteira verdade, que decerto ao paiz interessa conhecer, ella está por emquanto, veláda nos veus mysteriosos de um meio segredo. Não sejamos pois indiscretos...»

Faz lembrar aquella *senhora visinha* linguareira, que depois de ter posto em pratos limpos os podres de cada um fechava sempre o aranzel com esta sensata declaração:

— Que isto é conversar... Deus me livre de me metter lá nas vidas alheias...

O espirito da economia já fez com que a empresa do theatro da Trindade prescindisse dos serviços de quatro ondas na *Volta do Mundo*. Se o Palha continua a engulir as ondas com aquella sofreguidão, d'aqui a meia duzia de semanas tem de pedir licença á Sociedade de Geographia para mudar Liverpool para as proximidades do *Mar Morto*.

O QUE

Uns dizem-lhe que entre *com o pé dir*
e tanto puxam cada um para sua banda

SUCCEDER

s aconselham-lhe que esteja *de pé atraz*.
deixam-n'o como o aniz... *escarchado*...

I ferocci romani, que se está dando no Coliseu, é uma parodia engraçadissima. Os jornaes serios apregôam e muita gente anda persuadida de que aquillo representa uma critica á escola italiana mas quem vê claro facilmente descobre que a espirituosa *charge* é um remoque mordaz a um dos nossos partidos politicos; a scena em que tenor chama os seus valentes guerreiros, em numero de tres, para ir conquistar o mundo em peso, não pode ser mais frisante nem mais explicita...

Os jornaes do Rio de Janeiro, contam que houvera, no mez passado, grande sarrabulho na camara municipal d'aquella cidade, a ponto dos vereadores chegarem a vias de facto.

Cautella Juca Grigorio,
Com a pélli, gêntis! ué!
Qui si os vereador's di cá
Méttem o páu em você;

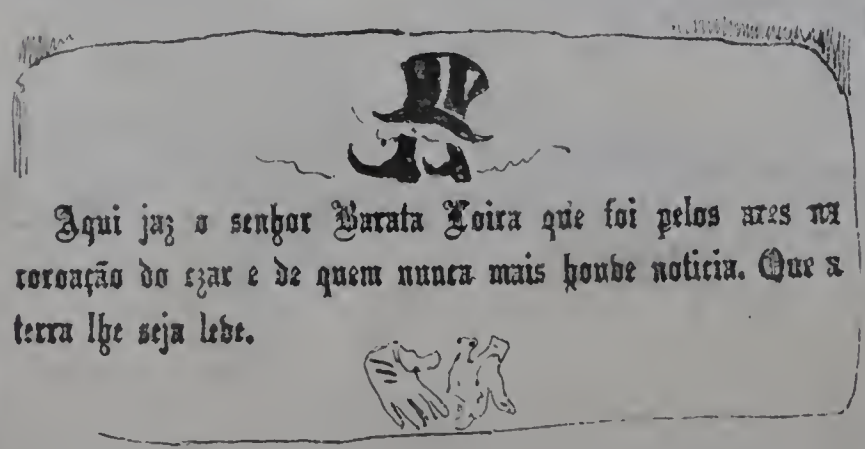
Si êllis para a cam'ra levam
Capangas, como os di lá,
Qui ao enxergar-lhi, seo Juca,
Lhe começam a xingá;

Si vão dipois iscórár-lhi,
—Qui susto você mi métti!—
Lhi passam uma rasteira,
E pintam o pádri, o seti;—

São cápáxis di um bátuqui
Sobri o seo ventri dansá!
Juca, seo negro, cautella
Com os capangas di cá.

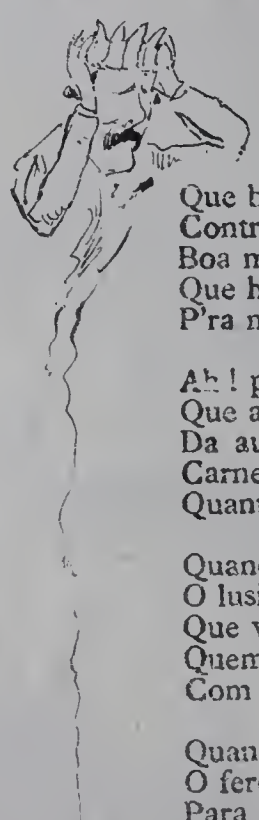
FRANCISCO.

O sr. Barata Loira acaba de pôr positivamente em evidencia o seu genio extravagante e o seu espirito originalissimo. O excentrico *gentleman*, que brevemente vae partir para a Russia a assistir á coroação do czar, onde tem todas as probabilidades de ser partido em postas por uma bomba de dynamite, quiz perpetuar a sua memoria na terra que lhe foi berço e, n'este proposito, mandou construir no cemiterio dos Prazeres um mausoleu em pedra lioz, com a seguinte legenda em lettra gothica.



Aqui jaz o senhor Barata Loira que foi pelos ares na coroação do czar e de quem nunca mais hoube noticia. Que a terra lhe seja leve.

Reflexões sensatas — (falla o Caro)



Que barulho por'hi vae
Contra a nação, nossa amiga,
Boa mãe e melhor pae,
Que ha bons annos se afadiga
P'ra não soltarmos um ai!

Ah! portuguezes d'um dardo,
Que a mão amiga mordeis,
Da audacia fazendo alardo...
Carneiros, que não sabeis
Quanto deveis ao leopardo!

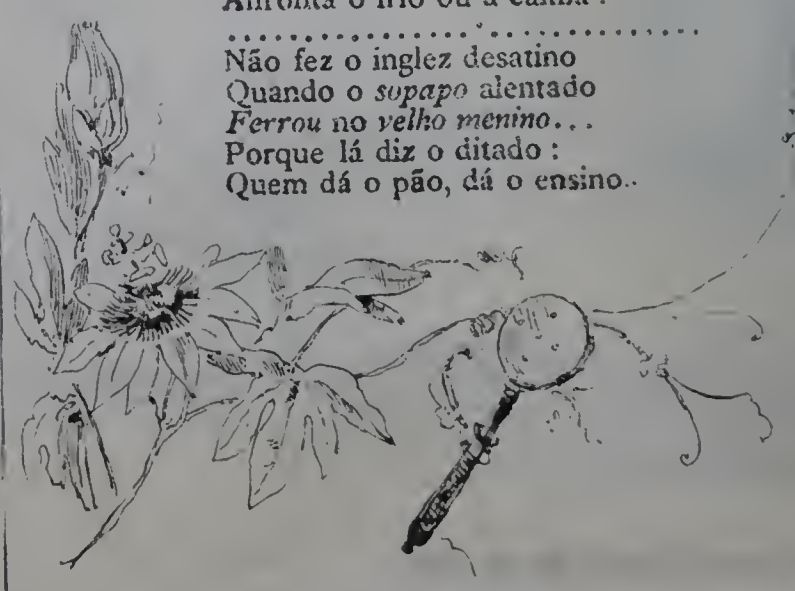
Quando as finanças vê chatas
O lusitano *pagode*,
Que vive de pataratas,
Quem, quem é que nos acode
Com suas libras *baratas?*

Quando, por velho capricho,
O fero leão da Hespanha,
Para nos fazer em fixo,
O dente nos arreganha,
Quem é que tem mão no bicho?

Quando um pimpão nos empalma
Um *Charles George* qualquer,
Quem se levanta, com alma,
E para nos proteger
Affronta o frio ou a calma?

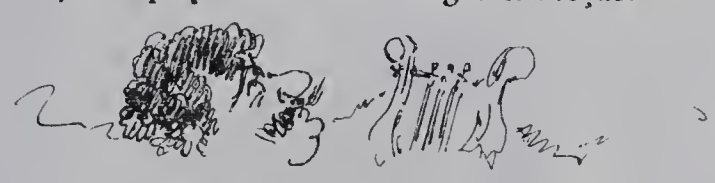
.....

Não fez o inglez desatino
Quando o *sopapo* alentado
Ferrou no *velho menino*...
Porque lá diz o ditado:
Quem dá o pão, dá o ensino.



ANTES DA PARTIDA

No intuito de offerecer ao publico alguma variedade nas suas producções, resolveram as redacções artistica e litteraria do *Antonio Maria* trocar os respectivos papeis, do que fazem hoje um pequeno ensaio na seguinte secção.

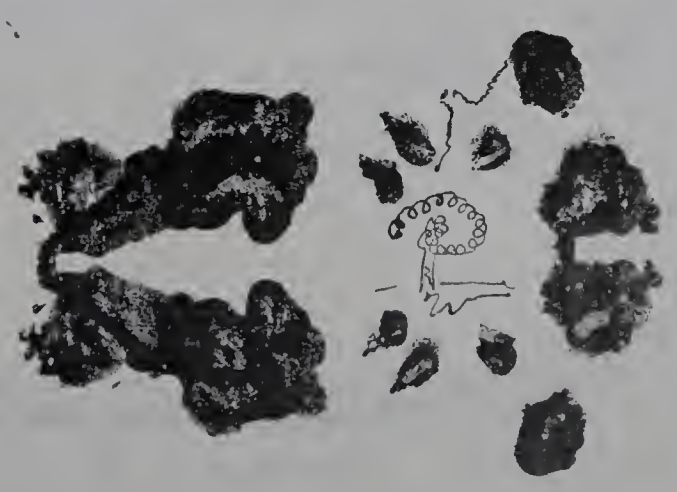


Ensaios litterarios
a que procede a redacção artistica, sob a direcção dos senhores Florencio Ferreira e Forte Gato.

Ouves alem, no retumbar da serra
O som do bronze que nos causa horror?
É mais um anjo que sae cá da terra
É o Fontes que vae para Hespanha fazer seja lá o que for!...

D'um grão nasce a floresta;
De dois grãos nascem os montes
De tres grãos nasceu a lua mesta
De quatro grãos nasceu o senhor Antonio Maria de Fontes!...

Ensaios artisticos
a que procede a redacção litteraria,
copiando um quadro do celebre pintor Iborra,
sob a direcção de Gabriel Claudio.



A PARTIDA

Tu não queres atirar com *ella* ao ar... cada vez t'a carregam mais...

PAGINA DEDICADA AO «CORREIO DA NOITE»

O throno: — Ora esta! Fazem-me vestir as ceroulas e afinal dão-me com a taboa na taboa das costas!...

O principe Carlinhos, batendo o pé: — Nan quéo thonos de pinho! Quéo um thono de papé doiado comó do pimo Affonso...

O principe Antonio: — Não quer o *thono?* pois quero-o eu para quando voltar de Hespanha dar beijamão ao pé do José Estevão.

Lithographia Guedes, rua do Oliveira ao Carmo, 12

A Bazorrada

Os Bazorras ha muito assignalados,
Que, graças á burrice lusitana,
Têm empregado esforços desusados
P'ra dar co'as nossas cóisas em pantana;
Que depois de anicharem afilhados,
A apalpadeira, o primo, o mano, a mana,
São capazes de pôr bem empregados
Toda a casta *d'amigos*, mais *banana*,
Pois para a sua *troupe abiscoitaram*
Este reino que tanto esfrangalharam:

E tambem as memorias *gloriosas*
Dos que andaram por'hí galopinando,
P'ra dar a fôfos, barrigudos Rosas
A farda, o espadim, o brilho e o mando;
E outros mil, que por tricas milagrosas
Da Boa Hora, a rir, vão-se esgueirando,
Cantando assobiarei por toda a parte
Se a tanto me agudar o Antonio Duarte.

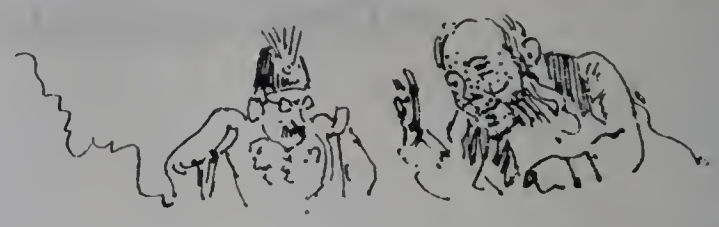
Cessem do grande Ulysses, o magano,
As façanhas que em verso se pozeram,
E ao som da banza, á falta de piano,
De lés a lés a Cotovia encheram;
Que eu canto esses *gajões*, que d'anno a anno
Mais altos nas maroscas se fizeram.
Cesse tudo que a antiga musa berra!
Que para mais me faço hoje com terra.

E vós nimphas do Tejo *prateado*,
Meu estro envernizae burlescamente,
Dae-me agora um tom alto e apepinado
Como requer o assumpto ultra excellente:
A deixar meio mundo embasbacado
Repenicae-me o estylo heroicamente;
E que me possa erguer hoje, solemne,
E dar mais que fallar do que o Bazaine.

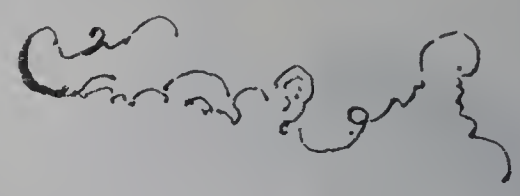
(Continúa).

O chronista tauromachico do *Jornal da Noite*, referindo que os bois da ultima corrida não eram lá grande coisa, diz «que é necessario o maior escrupulo na escolha dos toiros, materia prima das corridas e *sem a qual* o divertimento hade forçosamente descair.» Como se vê, o chronista admitte a possibilidade de se executar toiradas sem toiros, o que as fará descair um pouco, não impedindo comtudo que se realisem.

É uma revelação que, não obstante extraordinaria, nos não surprehendeu demasiadamente; já sabiamos que se fabricava o pão ministrando-lhe gesso por farinha; que se fazia o vinho applicando pau de campeche em logar de uva, e não nos parece por isso muito que se deem agora toiradas substituindo os toiros por outro qualquer *ingrediente*.



Diz um jornal que o Shah da Persia não torna a viajar pela Europa, porque tem a saude seriamente compromettida ao ponto de os aulicos se preoccuparem com as difficuldades possiveis na successão ao throno. Ainda bem que o sr. D. Luiz já tem garantida a sua successão, aliás seria conveniente evitar-lhe a proxima viagem a Hespanha porque, como se vê, vão-se tornando muito perigosos os passeios dos monarchas pelo estrangeiro.



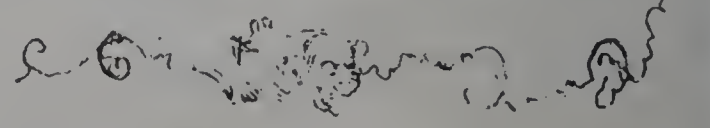
Colchêa

Tem no escudo seu Britania
Um bicharoco velhaco

GLOSA

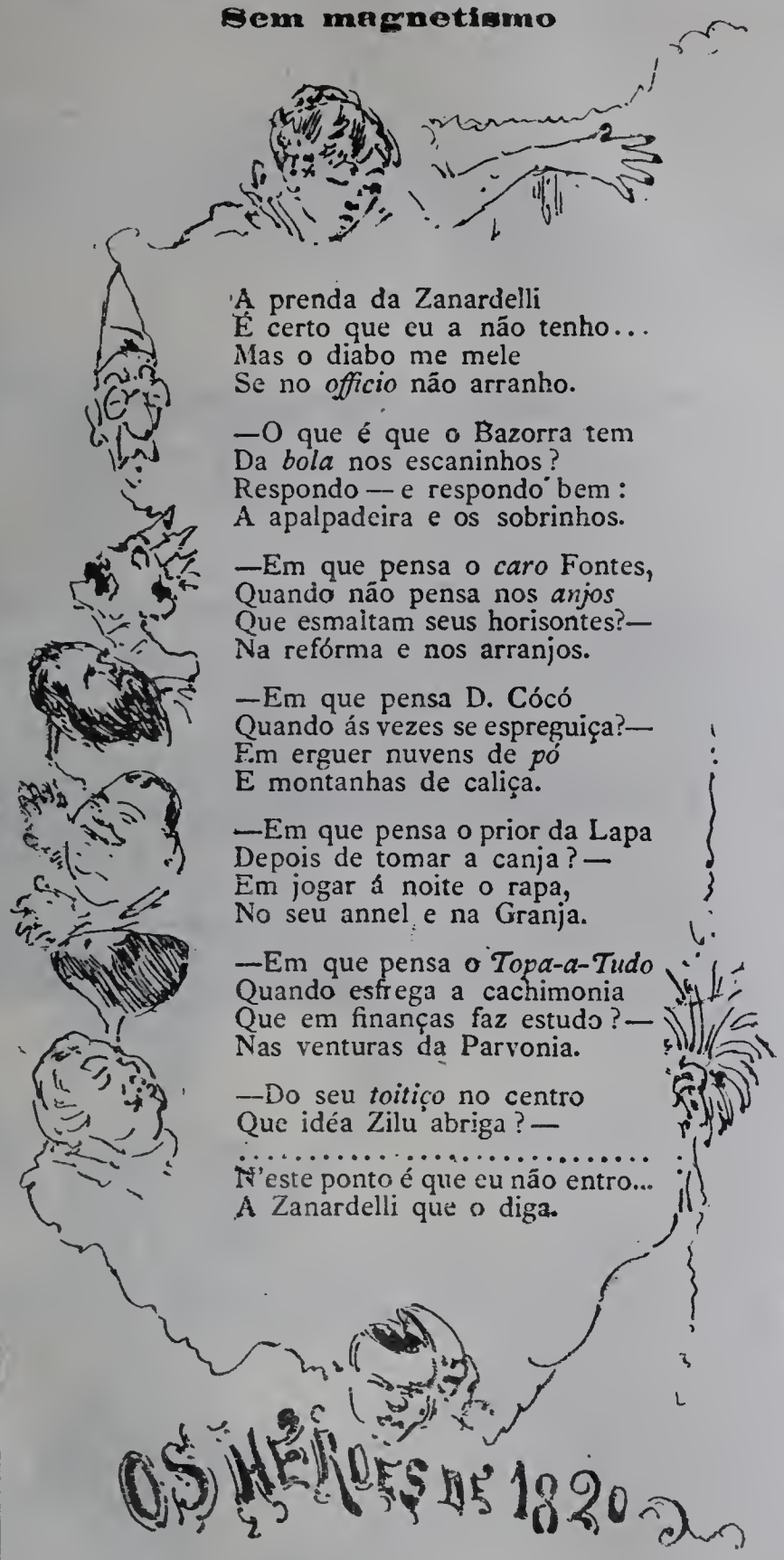
Disse ao barão de Catanea
Um creado, que era pardo;
Porque que será um leopardo
Tem no escudo seu Britania?
Responde o doutor: — Que insania
Se apoderou do teu *caco!..*
Não vês que ella chama ao sacco,
Por força ou por manha, tudo?!..
Diz mesmo *ginjas* no escudo
Um bicharoco velhaco ...

O Marggiochi, no seu relatorio sobre a sociedade de casas d'asylo, falla do luxo exaggerado de vestuario a que se entrega grande numero das classes menos abastadas e lembra a conveniencia de reprimir quanto possivel esse cancro de fichus e polonnaises que envolve os hombros e mais partes do corpo da sociedade, em prejuizo da barriga da mesma sociedade, que necessita furtar á bocca o que tem de consagrar á roupa. Ora aqui está uma *questão de barriga* que nós applaudimos com toda a sinceridade, e para a qual estamos promptos a prestar a nossa adhesão ainda que tenhamos de substituir as modas de Paris pelos figurinos do largo do Pelourinho.



Sentimos que a escacez do espaço nos não deixe dar o desenho do armario construido para a companhia portugueza das minas de Huelva, um trabalho valioso devido ao labor do insigne artista Antonio Joaquim da Silva, com officina na rua do Outeiro n.º 15, e primorosamente encimado com obra de talha de Leandro de Sousa Braga.

Sem magnetismo



A prenda da Zanardelli
É certo que eu a não tenho...
Mas o diabo me mele
Se no *officio* não arranho.

—O que é que o Bazorra tem
Da *bola* nos escaninhos?
Respondo — e respondo bem:
A apalpadeira e os sobrinhos.

—Em que pensa o *caro* Fontes,
Quando não pensa nos *anjos*
Que esmaltam seus horisontes?—
Na refórma e nos arranjos.

—Em que pensa D. Cócó
Quando ás vezes se espreguiça?—
Em erguer nuvens de *pó*
E montanhas de caliça.

—Em que pensa o prior da Lapa
Depois de tomar a canja?—
Em jogar á noite o rapa,
No seu annel e na Granja.

—Em que pensa o *Topa-a-Tudo*
Quando esfrega a cachimonia
Que em finanças faz estudo?—
Nas venturas da Parvonia.

—Do seu *toitiço* no centro
Que idéa Zilu abriga?—
. . . . . .
N'este ponto é que eu não entro...
A Zanardelli que o diga.

OS HEROES DE 1820

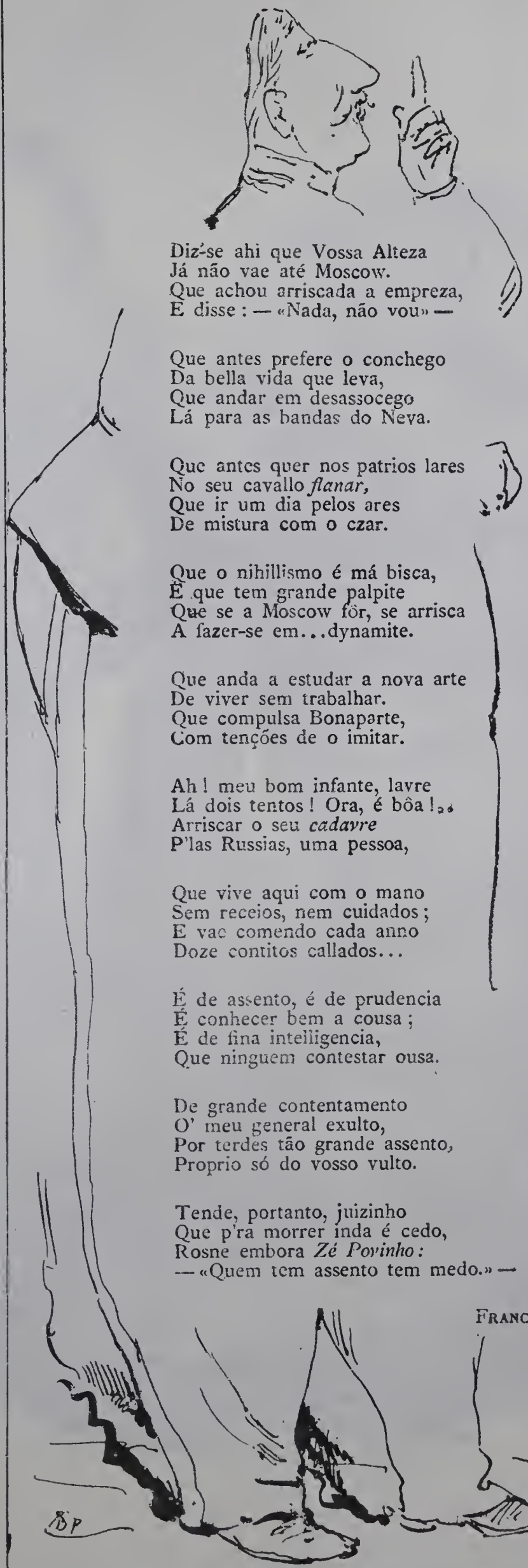
Recebemos o primeiro numero de uma interessante publicação intitulada os HEROES DE 1820, acompanhada d'uma amabilissima dedicatoria que muito nos lisongeia. Apertamos cordealmente a mão aos edictores dos *heroes de 1820*, a quem tomamos a liberdade de chamar collegas, visto como tambem publicamos *os heroes de 1883*.

Phrases galanteadoras, em espanhol, que Antonio o Caro, aprendeu com Gabriel Claudio, afim de poder dirigil-as ás damas de Madrid, se a occasião o proporcionar, quando alli fôr com o seu collega d'Ajuda.

N. B. A traducção em francez, é do mesmo distincto escriptor.

—«Que guapa niña, Dios mio! — Que brave petite fille, Dieu mon! — «Sol de mi vida! — Soleil de ma vie! — «Viva la gracia, caracoles! — Vive la grace, escargots! — «Niña de mis ojos! — Petite fille des mes yeux! — «Te quiero mucho! — Je te veux beaucoup!»

Ao Condestavel



Diz-se ahi que Vossa Alteza
Já não vae até Moscow.
Que achou arriscada a empreza,
E disse: — «Nada, não vou» —

Que antes prefere o conchego
Da bella vida que leva,
Que andar em desassocego
Lá para as bandas do Neva.

Que antes quer nos patrios lares
No seu cavallo *flanar*,
Que ir um dia pelos ares
De mistura com o czar.

Que o nihillismo é má bisca,
E que tem grande palpite
Que se a Moscow fôr, se arrisca
A fazer-se em...dynamite.

Que anda a estudar a nova arte
De viver sem trabalhar.
Que compulsa Bonaparte,
Com tenções de o imitar.

Ah! meu bom infante, lavre
Lá dois tentos! Ora, é bôa!..
Arriscar o seu *cadavre*
P'las Russias, uma pessoa,

Que vive aqui com o mano
Sem receios, nem cuidados;
E vae comendo cada anno
Doze contitos callados...

É de assento, é de prudencia
É conhecer bem a cousa;
É de fina intelligencia,
Que ninguem contestar ousa.

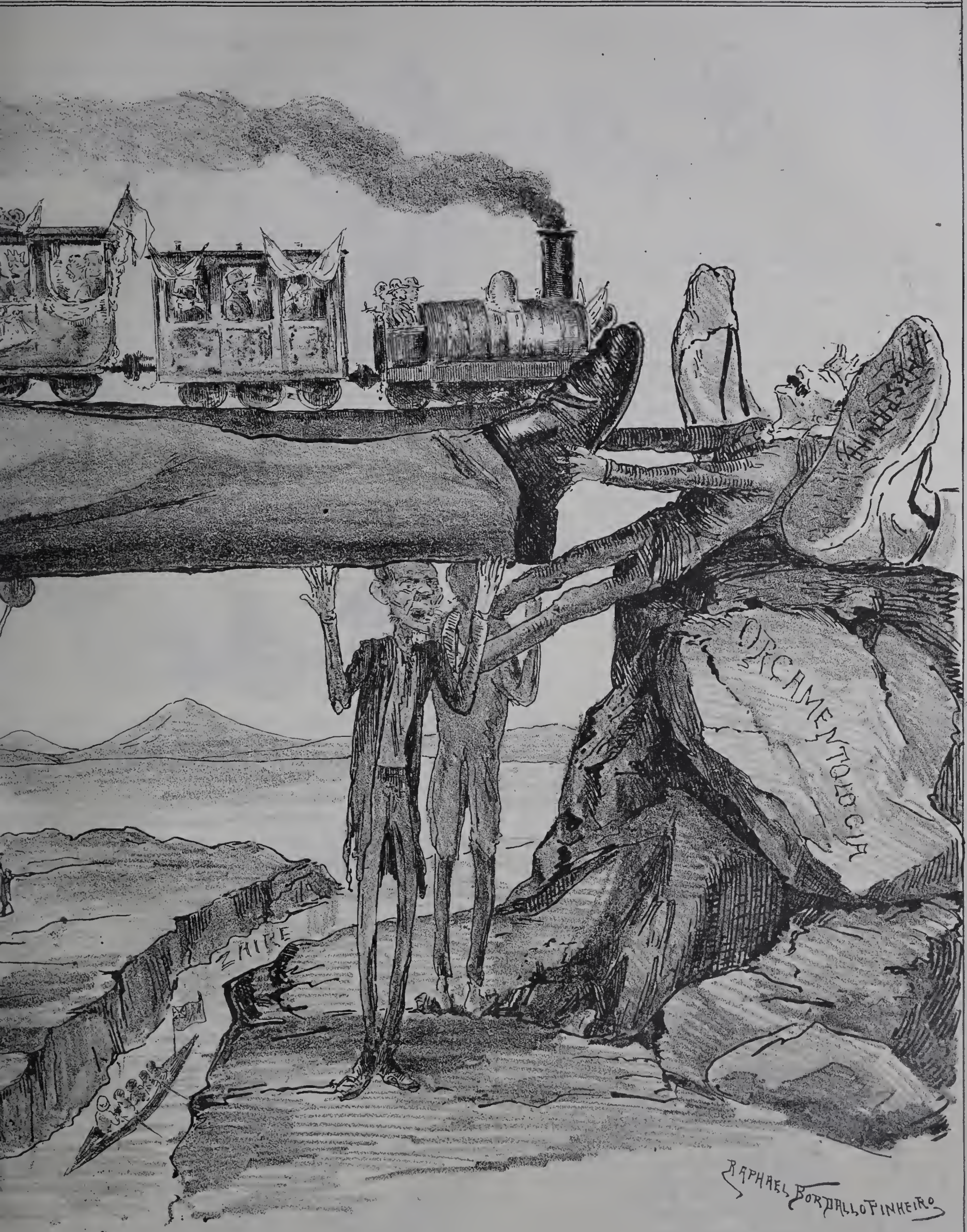
De grande contentamento
O' meu general exulto,
Por terdes tão grande assento,
Proprio só do vosso vulto.

Tende, portanto, juizinho
Que p'ra morrer inda é cedo,
Rosne embora *Zé Povinho:*
—«Quem tem assento tem medo.» —

FRANCISCO.

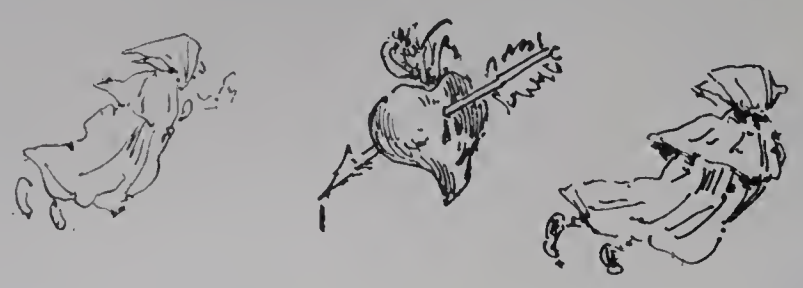
A

Estacas carunchosas, taboleiro pôdre, mas ainda a



aguentandó com o peso da grande caranguejola.

Um annuncio amoroso do *Diario de Noticias:*



(13 — 5 — 83)

«Não exijo que nos correspondamos; mais sim uma só, (ainda que o mais singela possivel.) Creia que será o segredo mais sagrado para mim.»

Não atinamos com o que seja o que este apaixonado Romeu pede á sua Julietta, mas visto que é *uma só* e o mais singela possivel e que isso será para elle o segredo mais sagrado, não vemos inconveniente em que se lhe defira o requerimento, para descanço d'aquella alma que padece e com tão pouco se contenta...

Deus o leve em bem

Dom Zilu vae viajar
Maila sua fidalguia:
Sempre fez bem tomar ar;
Se eu podesse tambem hia.

Temp'rado com malagueta
Chupára muito pitéo,
Obra mesmo de chupeta...
Palavra — tomara-os eu!...

E o Zé Povinho cá fica
A viver conforme pode;
Ora a estalar com *larica*
Ora a aguentar o pagode.

Zilu verá, em revista,
Mil batalhões resolutos;
O Zé cravará a vista
No *desfilar* dos tributos.

Dom Zilu assistirá
A um brodio de cem talheres...
(Deus permitta que por lá
Não levem cresta as colheres).

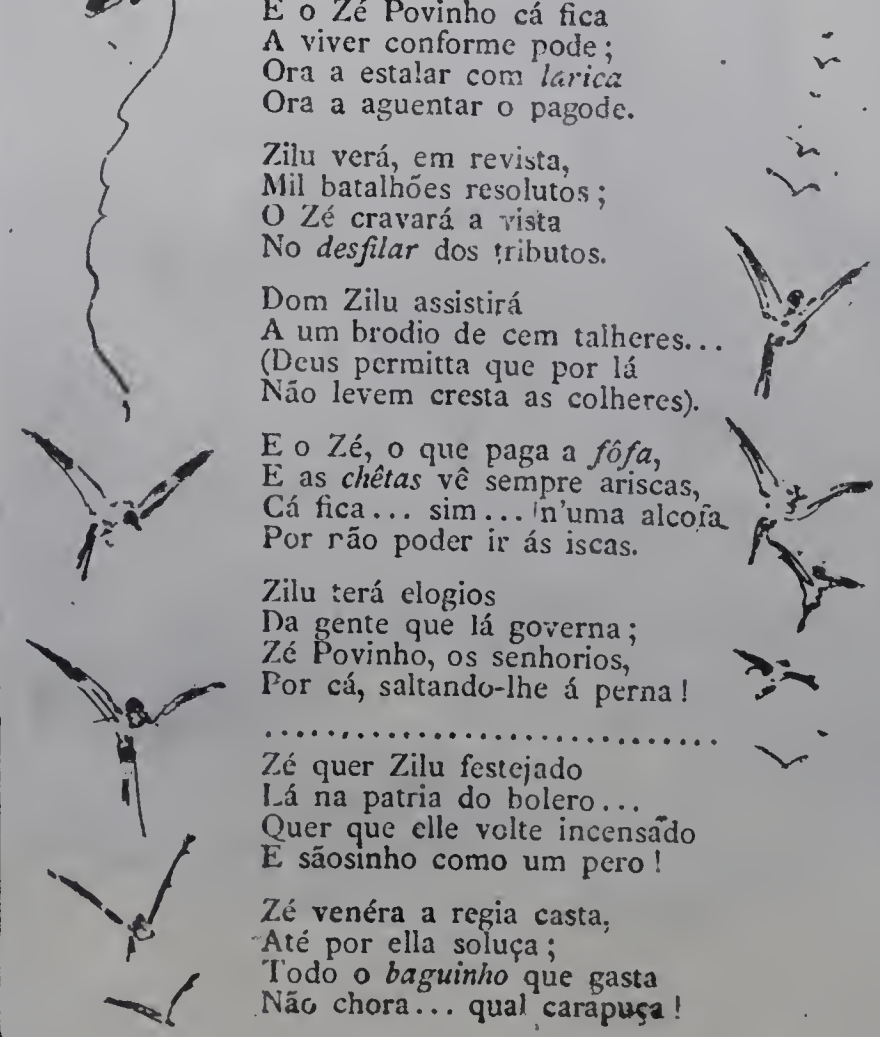
E o Zé, o que paga a *fôfa*,
E as *chêtas* vê sempre ariscas,
Cá fica... sim... n'uma alcofa
Por não poder ir ás iscas.

Zilu terá elogios
Da gente que lá governa;
Zé Povinho, os senhorios,
Por cá, saltando-lhe á perna!

.....

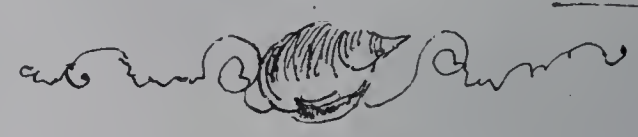
Zé quer Zilu festejado
Lá na patria do bolero...
Quer que elle volte incensado
E sãosinho como um pero!

Zé venéra a regia casta,
Até por ella soluça;
Todo o *baguinho* que gasta
Não chora... qual carapuça!



O parto de «D. Maria»

Está para toda a hora...



O Antonio Duarte anda asafamado com a *musica dos peixes* para o *Dramx no fundo do mar*.

Todos os peixes estão muito bem ensaiados, excepto o camarão, que não dá rego e o caranguejo que já lhe declarou não poder andar nem para traz nem para diante.

Foi tambem entregue ao sr. commissario geral de policia o seguinte requerimento:

Ill.mo Ex.mo Sr.

O abaixo assignado vem mui respeitosamente queixar-se a v. ex.ª de que a senhora *D. Maria* da Praça de D. Pedro lhe anda subornando e desviando subrepticiamente as *ondas* de que o supplicante faz uso e são propriedade sua, tendo já conseguido, com promessas de casamento e quejandas fallas doces, raptar ao signatario as seis mais formosas *ondas* que se mechem na Trindade e jantam por traz de S. Domingos. N'estes termos, o supplicante.

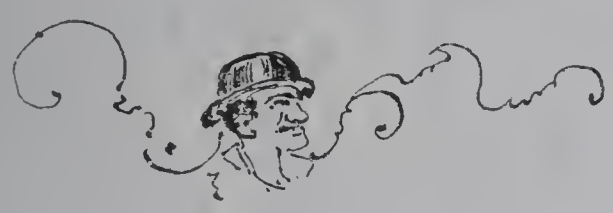
P. a v. ex.ª se digne, pelos meios suasorios ou pela força, convencer as referidas ondas a que voltem ao seio da familia, onde as espera o osculo do perdão e um tachinho de feijão e nabo.

E. R. M.cê

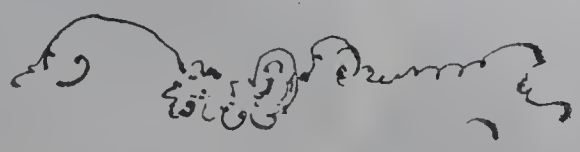
Um industrial hespanhol acaba de requerer privilegio de invensão para um liquido que torna incombustivel o papel, a madeira e os estofos. O sr. Fontes ha tres dias que faz uso do famoso descobrimento tomando semicupios d'aquelle liquido afim de se tornar incombustivel e resistir assim facilmente ao fogo dos olhares madrilenos.

O *Jornal da Noite,* fallando do acto de licenciado do sr. Arroio, diz que alguns professores de direito e pessoas versadas n'esta sciencia disseram que fora tão completo e brilhante que fez lembrar o do sr. Hintze Ribeiro.

Felicitamos o illustre academico por tão auspiciosos principios, desejando-lhe muito do coração que essas parecenças lhe não ponham suspensa sobre a cabeça a espada de Damocles de alguma pasta de obras publicas como barbicacho d'um *Topa a Tudo.*



O *etc. e tal* do Argus tem feito no Porto uma revolução muito parecida com a da Maria da Fonte. De dez em dez minutos chegam telegrammas firmados ora por Candido ora por Lopes, que provam o estado de excitação em que se encontra aquella cidade: «Porto 12, ás 10 e 20. Começou symphonia. Delirio no auge, tudo bisado, enchente enorme hoje e amanhã». Deve ser d'um effeito maravilhoso o theatro a deitar por fora com a enchente do dia intsegue.

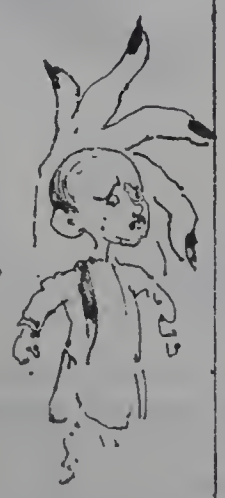


Mais dôres nos dentes

A coisa está muito torta,
Tudo anda fora dos eixos,
Bateu-lhe a desdita á porta,
Agravou-se a dór nos queixos!

Inflammou de novo a cutis
No sitio em que a dor o achaca,
Que o Valbom passou-lhe os butes,
Virou de novo a casaca!...

Co'a falta assim — pelos modos —
Do senhor de Pinus Puentes,
Se não chumba os dentes todos
Fica-lhe a c'roa sem dentes.



Co'a dor fumando de raiva
Tal como ardentes chamiços,
Requer o auxilio do Paiva
P'ra lhe pôr dentes postiços.

Se, de ver perdida a c'roa,
Tem desventura tamanha,
Como hade deixar Lisboa
E entrar em terras de Hespanha?

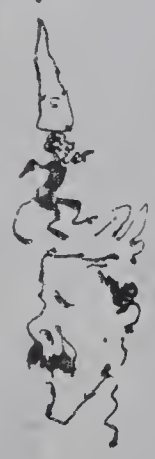
Um rei da mais fina casta,
Um grande estadista idoneo
Hade ir mostrar-se ao Sagasta
Com c'roa de Santo Antonio?

Pois não seria desdoiro
Um em'lo do rei Bobeche
Pôr uma c'roa do loiro
Com que se faz o escabeche?

Seria acaso decente
Pedir á velha comadre
Que co'a tesoira e co'o pente
Lhe abrisse a c'roa de padre?

Não de certo! E d'esta fórma
É de rasão que padeça
Ao ver que assim se defórma
A c'róa sobre a cabeça.

Mas, afinal, qual a causa
D'essa doença exquisita,
Que ora caminha, ora pausa,
E os dentes todos lhe agita?



Ha pouco, afirmou-me o Soisa,
Á porta da Boa Hora,
Que anda por força ali coisa
Que empurra os dentes p'ra fóra...

Parece o dito tolice,
Porem de tal não tem nada...
E tanto, que até lhe disse,
Sorvendo a minha pitada:

— A causa que tu apontas,
Já varias pessoas notam...
E aquillo no fim de contas
É macaquinhos no sótão...

PAN.

Á saída

Corre, anda, vòa,
Malas apresta,
Dá-me essa c'ròa
Toma lá esta.

Das etiquetas
Salta o tapigo,
Calça as palhetas
E vem comigo...

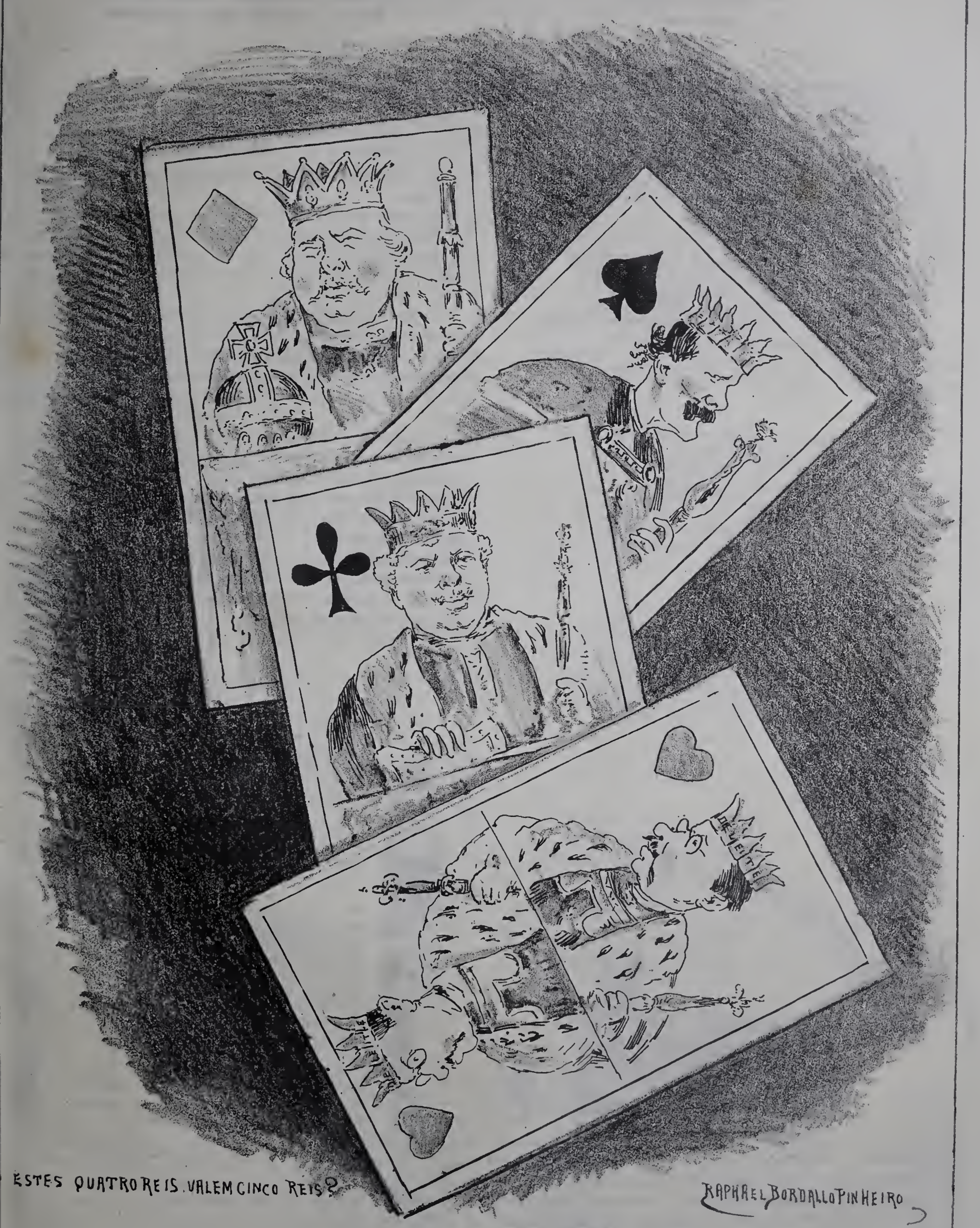
A «LA BROMA» PERIODICO DE MADRID

Passêo de la cuadrilla

(traducção) **O passeio da quadrilha**

Aí tienen *ustedes* los nuestros matadores.

CHRONICA BATOTEIRA



O jogo do rebimbaumalho

Os primeiros já *sairam*
E os outros 'stão no *baralho*...

A Bazorrada

(Continuação)

V

Dae-me uma grande *bôlha* estrepitosa,
Que *pancada na mola* aqui não *gruda*,
Uma *bôlha* poetica assombrosa,
Que os *macaquinhos* para o *sotão* muda;
Dae-me uma alta cantiga sonorosa
Que do Rocio vá soar na Ajuda:
Que se cante e se espalhe no universo,
Pois para isto é que se fez o verso.

VI

E vós, nobres pimpões da governança,
Que não sabeis despir manha de frade;
E nem mesmo o amor pela pitança,
Que um dia *indigestão* trazer-nos hade:
Sois vós que sempre a impar trazeis a pança,
Embora com *larica* o *Zé* vos brade;
Sois vós, sois vós os que pimpaes á grande,
Embora a pelintrice entre nós ande!

VII

Vós, Zilu, meu raminho florescente
Da arvore que dá sombra abençoada,
E que ides empurrando para a frente
Esta caranguejola desgrudada:
Um rancho *desprezivel, indecente,*
Chamaram vossa gente assignalada...
Porém nem isso o somno vos tirou,
Louvado seja Deus que vos creou!

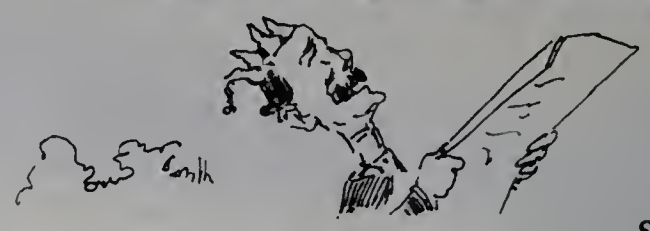
VIII

E vós illustre *Caro* (caro a sério,
Pois nos haveis custado bom dinheiro)
Por quem nosso progresso alarga o imperio
E anda n'um corropio verdadeiro:
Graças ao vosso immenso e são criterio
De nós anda a tremer todo o estrangeiro...
E, quando chega á Torre do Bugio,
Encolhe logo o rabo, e não dá pio.

(Continua)

Começou a publicar-se em Aveiro um novo periodico intitulado a *Locomotiva,* de que temos recebido regularmente todos os numeros, em que collaboram bastantes dos nossos mais festejados escriptores. Desejamos á *Locomotiva* uma feliz viagem no paiz de prosperidade, onde chegará por certo mais depressa de que as nossas locomotivas chegam ao Poço do Bispo, attenta a capacide dos machinistas que a dirigem.

Discurso que D. Antonio o «Caro» levou d'aqui estudado para o que fôr preciso



Señores!

No terminaré mi discurso sin haber dicho algunas palabritas.

El reyno de Portugal está cada vez mejor.

La deuda fluctuante vá creciendo siempre y engordando á ojos vistos; mientras que los profesores de instrucion van muriendo de hambre. Pero despues hablaremos de eso.

El *Zé Pueblecillo* está en la misma: tonto, tonto y tonto. Nada mas. Pero despues hablaremos de eso.

He prometido mundos y fondos al pobresito *Zé;* mas primero quiero quitarselos de sus proprias costillas; para eso le doy dedadas de miel. Pero despues hablaremos de eso.

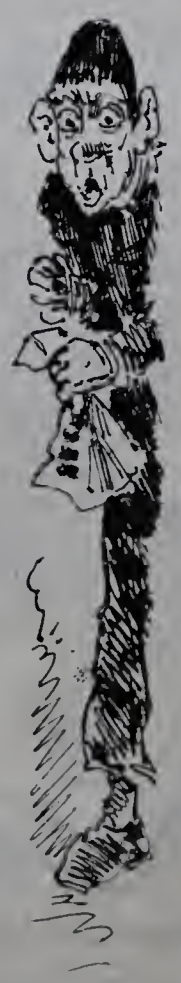
El Zaire, mas dia menos dia, se nos marcha para el poder de los inglezes, de los francezes, de los antropófagos, ó del diablo. Pero que hacer? Despues hablaremos de eso.

Los republicanos me quieren tomar el pelo, por las tonterias que yo he hecho. Ellos tienen razon. Pero despues hablaremos de eso.

Finalmente, señores, yo tenia muchas cosas á decir, que me han quedado en el tintero; como, por ejemplo: hablar en la publica administracion, en el bien del país, pero despues hablaremos de eso.

He dicho.

Nunca as mãos lhe dôam!



Um exemplar presbytero,
Ardendo em raiva divina,
Em um vendedor de Seculos
Ferrou muita *lamparina.*

E os jornaes, onde a republica
Contra a monarchia ralha,
Em attitudes heroicas
Devotamente esfrangalha.

Oh padre Grainha bellico,
Na acção, embora saloia,
Foste a columna de marmore
Em que a santa fé se apoia!...

Vingaste o brilho monarchico
Que o tal papel embacia;
E á hydra, que se ergue rábida,
Finfaste larga sangria!...

Foste mais que o hippopótamo
Arrobas, que já não chiba,
Mas que ha tempos se ergueu, tragico,
P'ra lhe pôr a pata em riba!

Mais que o Caro, o Thomaz lyrico,
O Bazorra e a parentella,
Que se vêem n'uma azafama
Sem poder dar cabo d'ella!

Salvè! Beijo-te as camandulas,
E vou, por ver que te *calha,*
Pôr-te uma c'rôa seraphica
Sobre a outra aberta á navalha!

THEATRO DE D. MARIA

Um drama no fundo do mar

O gosto pelo theatro, que nos ultimos tempos decahia entre nós a olhos vistos, começa a erguer-se convalescente com o tonico das scenas maritimas; as sciencias dramaticas estão aconselhando agoa salgada ás emprezas theatraes como as sciencias medicas receitam agua de Vidago aos estomagos dyspepticos.

Foi o theatro da *Trindade* o primeiro a experimentar o uso e a colher os resultados da moderna panacêa e tão lisongeiros foram estes que o de *D. Maria* lhe seguiu logo as piugadas mandando vir do estrangeiro uma peça que mettesse *ondas*. Apenas discreparam entre si na materia prima do *medicamento*, porque *D. Maria* comprou as *ondas* n'uma estancia de pinho e a *Trindade* arrebanhou-as no chafariz do Carmo. O *Drama no fundo do mar* contentou-se com *ondas de pau* e a *Volta do mundo* exigiu-as de *pau e corda*...

De resto, tudo são *ondas*...

Mas deixemos a *Volta* e voltemos ao *Drama*.

Se em vez de uma peça de espectaculo fosse uma casa de habitação, tinha todas as condições para manter elevada renda: vista de campo e mar, gaz da companhia e americano ao pé da porta. Do campo não fallamos, se bem que, tão palpitante de verdura e uberrimo de perspectiva, o leitor o não visse ainda nem na varzea de Collares. Saltaremos igualmente por cima do gaz e dos americanos, um e outro de todos nós conhecidos para desconto dos nossos peccados...

Resta-nos pois a vista de mar e é d'essa que vamos occupar-nos.

Dizia um grande calaceiro que era pena não se ter ainda inventado um systema para estar sempre a comer sem o trabalho de dar aos queixos; o terceiro acto do *Drama no fundo do mar* offerece-nos uma commodidade um tanto parecida com aquella; o espectador atravessa tremulo de emoção todas as zonas submarinas, devassa os segredos magestosos da grande vegetação aquatica, penetra nos arcanos mais reconditos da vida intima dos tuburões e das corvinas, sem que tenha o incommodo de se metter em agua, o que para o *alfacinha* constitue o maior e o mais completo dos ideaes...

Ante os nossos olhos esbogalhados de espanto passam successivamente as differentes raças dos habitantes do mar, desde a baleia, de cujas barbas se guarnecem os espartilhos das senhoras, até o busio, com cuja casca se enfeitam as caixinhas de papelão. E' tal a profusão de peixe, que o Costa Pinto já metteu requerimento á empreza de *D. Maria* para que os pescadores de Caparica possam lançar ali as suas redes sempre que o vento esteja palmelão!

E depois, aquella scena constitue, alem d'um passatempo curiosissimo, uma preciosa lição de historia natural. Como a peça não foi exclusivamente escripta para a colonia ovarina de Lisboa — as unicas pessoas que podem fallar de cadeira na classificação dos varios peixes — a empreza encarregou o Antonio Duarte de fazer uma nomenclatura-

musical de todos os peixes, de forma que o espectador, á proporção que se desencadeiam na orchestra os acordes das rebecas e deslisam no palco os cardumes de differentes raças, vae dizendo para consigo:

— Lá fugiu um peixe espada!

— Lá passou uma pescada do alto..

— Lá vae um grande tubarão!...

Consta que alguns donos de casas de pasto já adoptaram este systema em substituição do velho aranzel do moço de cosinha de maneira que se o freguez pregunta:

— O que ha ahi de peixe que coma?

Responde-lhe o servente tocando á viola:

— *Não te esqueças de mim que te adoro*...

O que quer dizer:

— Postas de cherne á fragateira com môlho de colorau...

Ou então, soprando á flauta:

— *Pirolito que bate que bate*...

O que significa:

— Lulas de caldeirada *au sauce de crevettes*...

E agora, deixemos sobre a mesa o lapis dos humorismos e a pena das facecias, porque precisamos das mãos livres para levantar um applauso estridulo ao pincel maravilhoso de Manini, que conseguiu crear em poucas semanas um mar tão perfeito e tão completo como esse que o grande Jeovah creou em vinte e quatro horas.

— Bravo, Manini! bravissimo!...

PAN.

Seguidilla

Dios echó en una olla
Segun se cuenta,
Mucha tinta y cebolla
Ajo y pimienta;
Y andando a montes
Salio d'aquella mescla
El *Caro* Fontes.

Yo tengo al Tajo um *Pimpom*
Como no tiene Madrid
Con un letrero que dice
Yo me estoy podriendo aqui.
A la catapum
Me mira el francez
A la catapum
Me mira el inglez.

Diz o proloquio que do vivo ao pintado vae muita differença e o scenario do *Drama no fundo do mar* assim do 4.º quadro são mais verdadeiros de que os fabricados em casa de Vulcano; os peixes do 5.º, mais authenticos de S. Miguel.

Um bravo enthusiastico a toda a companhia e um *bravissimo enthusiasmadissimo* a Manini e a Augusto Rosa,

E D. MARIA

ra, mas pela inversa, visto como o *pintado* ali é muito mais perfeito de que o *vivo* cá de fóra. Os relampagos da Ribeira Nova; as nuvens do 7.º, que andam tanto como o Bargossi, mais completas de que as dos picos

ande alma se deve em grande parte aquella grande maravilha.

Na segunda feira, quando tentavamos entrar em S. Bento, para occuparmos o logar que nos competia na tribuna da imprensa, foi-nos declarado por um continuo de farda bordada que, attenta a solemnidade do acto, a camara resolvera correr o jornalismo a pontapé, fazendo occupar a tribuna respectiva pelas senhoras da familia d'ella camara.

Achámos a substituição muito lisongeira para comnosco e a idéa muito delicada para com o principe regente, mas como tinhamos de fazer a chronica da sessão e a entrada nos era defesa, pedimos a uma d'essas senhoras que fizesse a citada chronica por nossa intenção, o que obsequiosamente nos foi deferido, como se vê do original que temos presente e de que publicamos este fragmento:

«Cronica da çesão de 21 de maio no palaçio das cortes.

.....

Áz 5 óras da tarde já eu istava fervendo em pulgas com a demora do Princepe; fartei-me de obeçervar todas as tuálétes das çenhoras que istavão munto réles cuaze todas. u trono tamem me fêz ispécia porque istava cu berto com 1 pano incarnado com istrelas Doiro; aquilo foi coisa que le puzerão pra varrer a casa e despois isqeçeu im çima... Ó prinçipio parciame 1 camapé commo 1 que Eu tanho lá in casa; despois quando o distaparão é que Eu vi que herão duas polintronas ó fauteilhes; não sei pra que foi aqilo de pôr duas sendo o Princepe só 1; ó principio julguei que hera o D. Augusto que tinha de se çentar, porque pra eçe é que herão preçizas duas ó talvez 3...

Az 5 e meia introu o Princepe que já tem a fala munto groça e trazia uma bunita tuáléte: Vestido de setim gri com infeites côr de irvilha; pufes côr de grão, fixu côr de pimenta e polonéze de rendas castanhas com vidrilhos de presunto.»

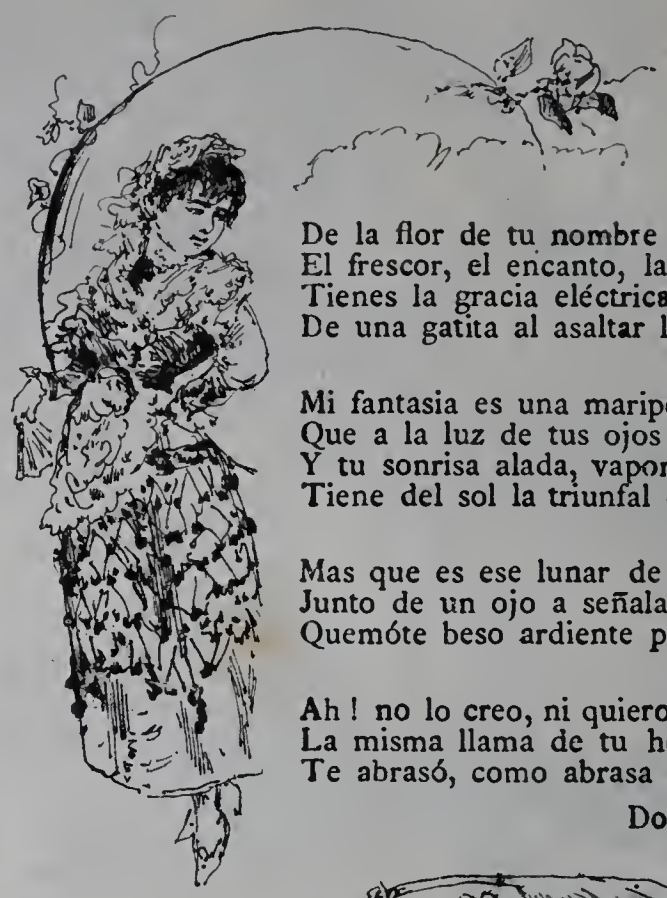
.....

Pela descripção da nossa obsequiosa *collega*, vemos que o principe ía muito parecido com a dobrada da rua da Prata, 80...

PAN.

Recebemos uma publicação scientifica intitulada *Os grandes males e os grandes remedios.* Deve ser um livro interessantissimo e de grande utilidade para a humanidade enferma. Pela nossa parte, confessamos que depois da leitura da primeira caderneta e da contemplação da estampa que reproduzimos experimentámos logo, a despeito do fastio mortal que ha dias nos opprime, um appetite invencivel de comer dobrada com batatas no caramanchão da *Horta das Tripas.*

A la señorita Rosa Vila



De la flor de tu nombre tienes, Rosa,
El frescor, el encanto, la belleza;
Tienes la gracia eléctrica, nervosa,
De una gatita al asaltar la presa.

Mi fantasia es una mariposa,
Que a la luz de tus ojos vuela, presa;
Y tu sonrisa alada, vaporosa,
Tiene del sol la triunfal clareza.

Mas que es ese lunar de quemadura,
Junto de un ojo a señalar tu faz?
Quemóte beso ardiente por ventura!...

Ah! no lo creo, ni quiero ser mordaz;
La misma llama de tu hermosura
Te abrasó, como abrasa a los demás!

DON QUIXÓTE.

Dois homens de ferro

O do dia 24.

O do dia 25.

O sr. Thomaz Ribeiro andava muito afflicto com os specimens da litteratura patria, mandados a Madrid pelas diversas redacções dos jornaes portuguezes, e exclamava a meudo fallando com os seus decretos:

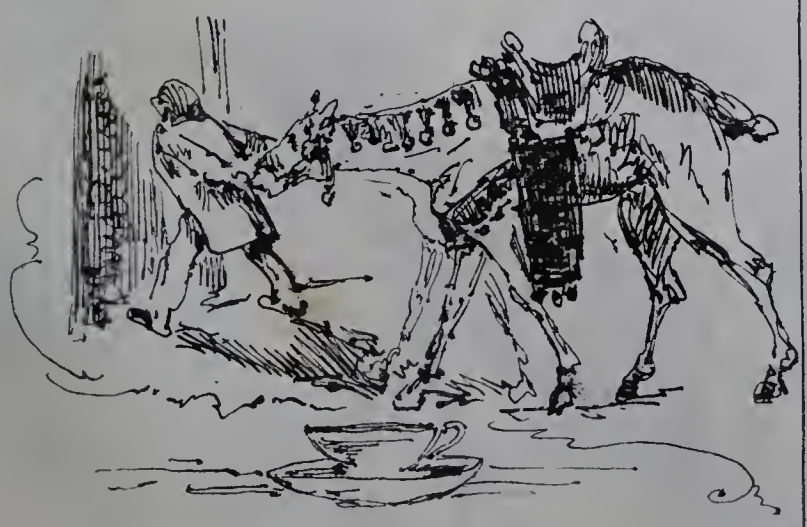
— Diabo! Quem ha de responder ao Castellar? E ao Canovas? E a todos os outros, emfim?... Começo a receiar seriamente que mandassemos Tacitos a mais... É necessario que vá tambem um Cicero para suavisar o effeito de tantos Tacitos... Mas quem ha de ser? Se fosse aqui ha dois mezes atraz, mandava-lhes o Gonçalves Vivas que é bem bom para a coisa... mas os diabos dos hespanhoes mal ouviram representar um acto pela companhia do Gymnasio, ficaram sabendo o portuguez como o padre Antonio Vieira, de fórma que é preciso escolher um Cicero dos quatro costados...

O Manuel da Assumpção, logo que ouviu fallar em Cicero, pôz-se á disposição do sr. ministro do reino e mandou, para o que désse e viesse, apparelhar todos os *cavallos brancos* da sua rhetorica domingueira. Mas o sr. Thomaz Ribeiro deitou-lhe o luzio inspeccionador e murmurou por entre dentes:

— Ora tire lá o cavallo da chuva, seu Cicero Manuel... Manuel por Manuel, prefiro mandar o Pinheiro Chagas, que é muito mais Cicero e muito menos Manuel de que você...

E aqui está como o sr. Pinheiro Chagas foi a Madrid e o sr. Manuel da Assumpção tornou a recolher os *cavallos brancos* dos seus tropos na estalagem dos Camillos da sua rhetorica...

PAN.



A primeira coisa que os jornalistas hespanhoes offereceram aos representantes da imprensa portugueza foi um chá. É de crer que os nossos collegas se não deixem ficar atraz na craveira dos brios e aproveitem todos os ensejos, que não devem ser poucos, para igualmente dar *chá* aos jornalistas da nação visinha.

Telegramma

DE

D. Antonio o «Caro»

Llegamos hoy á Madrid
Ay Dios! que guapas chiquitas!
Estudie dos palabritas
Para hablarles con salero
Pues soy de todo babieca
Con las niñas españolas
Hasta toco castañolas
Hasta yá bailo un bolero.

Me gusta mucho el Reyecico
Que tiene cara de tieso,
Y no me olvido del beso
Que D. Sagasta me dio
A la bartola! Que vida
Voy a gosar! Caracoles!
Ya! Vivan los españoles!
Viva Zilú! Viva yo!

Enigma

O sapato da Georgina.

Lamentações de S. Jorge

Fontes ingrato
Que assim me deixas
Em desatino
Soltando endechas
Contra o destino
E a sorte amara!
Do rico pallio
Que alem se arvora
Quem hei de agora
Metter á vara?...
Se estás na Hespanha,
Se n'esta festa
Ninguem te apanha,
Se não te pilho,
Quem ha de então
Manter o brilho
Da procissão?
Ai quem me dera,
P'ra ter-te ao lado,
Que hoje podera
Ver-te furado
Desde a cabeça
Até aos pés,
Co'esta tarracha
Que me atravessa,
Que me tortura,
E assim me fura
De lez a lez...
Que então alegre,
Vendo-te o rombo,
Fingira um pombo,
Pomba arredia
Fingindo tu,
E eu dir-te-hia
Dando ao bandulho
N'um doce arrulho:
Ro pu te cu...

PAN.

EL JOVEN TELEMACO

Mentor **Telemaco**

TELEMACO

Me gustan todas (3 vezes)
En general
Pero Sagasta (3 vezes)
Me gusta mas.

MENTOR

Chiquillo no digas esso
Que te voy a pegar

TELEMACO

A mi no me pega nadie
Porque digo la verdad.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

OS SURIPANTAS DA CORTE

A alusão não prima por original mas tem sempre novidade.

O APRENDIZ

«Sapateiro do largo da Graça
Com solas e viras e o coco da massa...»

Apanhou-se de tripeça, com o mestre fóra da loja e poz-se logo a *estender a massa* da popularidade; mas a coisa não pega porque a sola da bota nacional está secca e rija como uma fasquia de pau bucho.

A Bazorrada

(Continuação)

IX

Tombae um poucochito a magestade
Para mim, que basbaque vos contemplo,
E me sinto azoinado da vaidade
De o nome vos guindar ao eterno templo:
Ouvi-me a *botar* verso em quantidade
Para ao mundo apontar-vos como exemplo
De amor á patria coisa — coisa honrosa,
Que não deixa de ser appetitosa.

X

Vereis amor da patria (isto entendido,
Não é aquelle do frontão moderno,
Que por lei dos Cócós, alto subido,
No estio apanha sol, chuva no inverno:)
Amor da patria, nobre, agradecido,
Que aos parvonezes serve de governo;
E sabereis qual é mais excellente,
Se ser pae de leitões, se de tal gente.

XI

Ouvi; não ouvireis armar patranhas,
Da carochinha historias mentirosas,
Mas dos vossos Bazorras sabias manhas
Louvar n'estas *piadas* palavrosas:
Ellas são de assobio, são tamanhas
Que excedem as antigas façanhosas
Com que soube aguentar-se no poleiro
O Cabral que era um *alho* verdadeiro.

XII

Por este vos darei Arrobas féro,
Que a matar hydras fez limpo serviço,
Mil Homens, um resumo de Espartero,
Heroe na alma, na figura enguiço;
O Topa-a-Tudo, esse alveitar sincero,
Que em valer e prestar nunca é remisso
Á burra velha, e farta de dar mama
Aos *meninos lambões* de eterna fama.

(Continua)

A seguinte carta, que recebemos do Rio de Janeiro, dispensa-nos de fazer commentarios sobre a tal «Gallegada»:

«*Seo Bordálo.* — Lhi rimêtto um fólhêto qui aqui na Côrti publicou-si e qui cháma-si a «Gallêgáda». Mi perdôe o átrêvimento, istá vendo?; e não xingui-mi di sáfádo, não.

Um ámigo meo qui é cápanga i phósphoro é qui istêve no xadrez por tê iscórado um portuguez, na rua do Ouvidô canto da rua da Quitanda, óbrigando o portuguez a mettê o páu n'êlli, é qui lembrou-si di publicá o tal fólhêto, di collaboração cómmigo, eim?

I si o sénhô ápánhá alguma indigéstão de feijaõ preto ou di roupa vélha, di qui no Rio gósta-si muito, leia á êlli, qui lhi fárá o effeito di um pouco di mágnesia.

Passar bem.

Rio Maio 1883.

CASTRO URSO.

A GALLEGADA

Recebemos do Rio de Janeiro um excellente papel pardo com aquelle titulo.

Nós deveramos responder-te — ó benemerito inventor d'esse suave e macio producto — e podiamos para isso molhar a penna nas pustulas do hospital do Desterro.

Podiamos estender-te de costas e calcar-te a barriga com a carda miuda dos nossos butes de viagem para te obrigar a repuchar pelos beiços os restos de mosto azedo e cachaça represada que porventura te sobrassem nas tripas depois d'aquelle volvo litterario, mais fedorento e mais negro de que os refolhos do ventre mulato para onde te cuspiu á mangedoira do curral a volupia viciosa d'algum bode concupiscente.

Mas, por isso mesmo que o esterco nos fede e nos enoja, evitamos sujar as solas com o receio de que, virando-nos o trazeiro, nos proponhas sacrificio mais atroz de que o de aguentar-te os coices...

Demais, estamos comtigo sobre um ponto:

Maldito Alvares Cabral que te descobriu! Se não fora elle, a lingua com que nos mordes occupar-se-hia ainda hoje apenas em lamber cuidadosa a chaga que te fez o cardo no teu rabo de gorilla.

Maldito seja elle, porque o perverso bem devera saber que descobrindo-te *descobria* coisa peior do que nós costumamos *tapar* quando saímos da alcova secreta...

PAN.

Soneto

Vae, misero cavallo lazarento

TOLENTINO

Vae, triste professor, meu lazarento,
Pedir por essas portas livremente,
Já que dado não é metteres dente
Nas migalhas que caem do orçamento.

As postas que dão farto nutrimento
São só para os que tem grau eminente,
Compadres, bazorrinhas e outra gente
Que trabalha do Fontes a contento!

Pede aos do Syndicato algum dinheiro,
Invoca do Burnay o santo nome,
Sempre em faltas de *bago* milagreiro;

E se á dor que te rala e te consome
Responderem virando-te o trazeiro...
Roe n'um chavelho p'ra matar a fome.

O ultimo numero das *Matinées Espagnoles* abre com uma explendida caricatura do principe Caro a quem o barão *Stock* chama simplesmente Antonio Fontes.

Copiamos gostosamente esse retrato e confessamos sinceramente que tão perfeito, com tanto cabello e tão bem penteado, jámais elle saiu do nosso modesto lapis que depomos reverente aos pés de madame Rattazi.

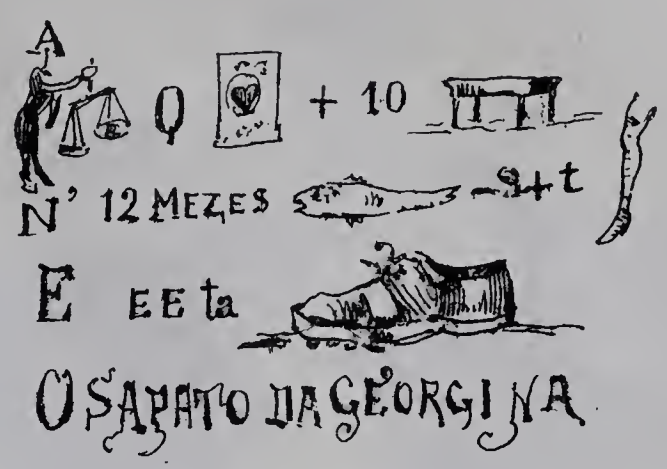
Foi finalmente descoberta a utilidade da sala do risco, cuja existencia muitos reputavam inutil no arsenal da marinha. Aquelle enorme casarão está presentemente transformado em sala de risco de roupas brancas e é ali que se talham as ceroulas que cobrem as nobres pernas do senhor infante D. Augusto.

O *Figaro* lisbonnense resolveu dar aos seus assignantes medico de graça. O *Antonio Maria* tambem vae offerecer aos assignantes, casa, cama, meza, roupa lavada e en-

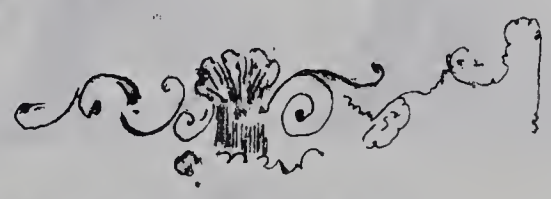
gommada e dezreisinhos para cigarros, o que começa a vigorar desde este numero.

Encetámos no nosso ultimo numero uma nova secção de enigmas pittorescos, dedicada ás familias honestas, mas com tanta infelicidade que logo a primeira experiencia foi victima d'um erro de composição pelo que temos de repetir hoje o enigma mutilado.

Eil-o.



As decifrações devem ser remettidas para a administração d'este jornal e a empresa offerece como brinde ás pessoas que tiverem a prioridade: o seu retrato (d'ellas pessoas) publicado no *Antonio Maria*.



Conselhos que Zilu deu ao pequeno, antes de se pôr na perna

Rapaz, eu vou ver o primo
Que manda na hespanholada
E tu ficas sendo arrimo
Da minha Parvonia amada.

Invoca a sombra do Antonio
P'ra salvação da chalupa,
Se o granjola do demonio
Quizer ver se te engazupa.

Se a hydra, para tragar-te,
Abrir fauces côr do almagre,
Busca o que foi Bonaparte
Na campanha do vinagre.

Co' estes dois, qual mais experto,
Já tu tens quem te soccorra...
Porém, em caso de aperto,
Chama tambem o Bazorra.

Ora espera... e mau não é,
Se o *bago* levar sumiço,
Chamar á falla o Burnay,
Que é quem entende mais d'isso.

Do Thomaz ouve os harpejos:
Não brinques c'o o Zé Gregorio;
Acceita lá quatro beijos
E haja por cá regalorio.

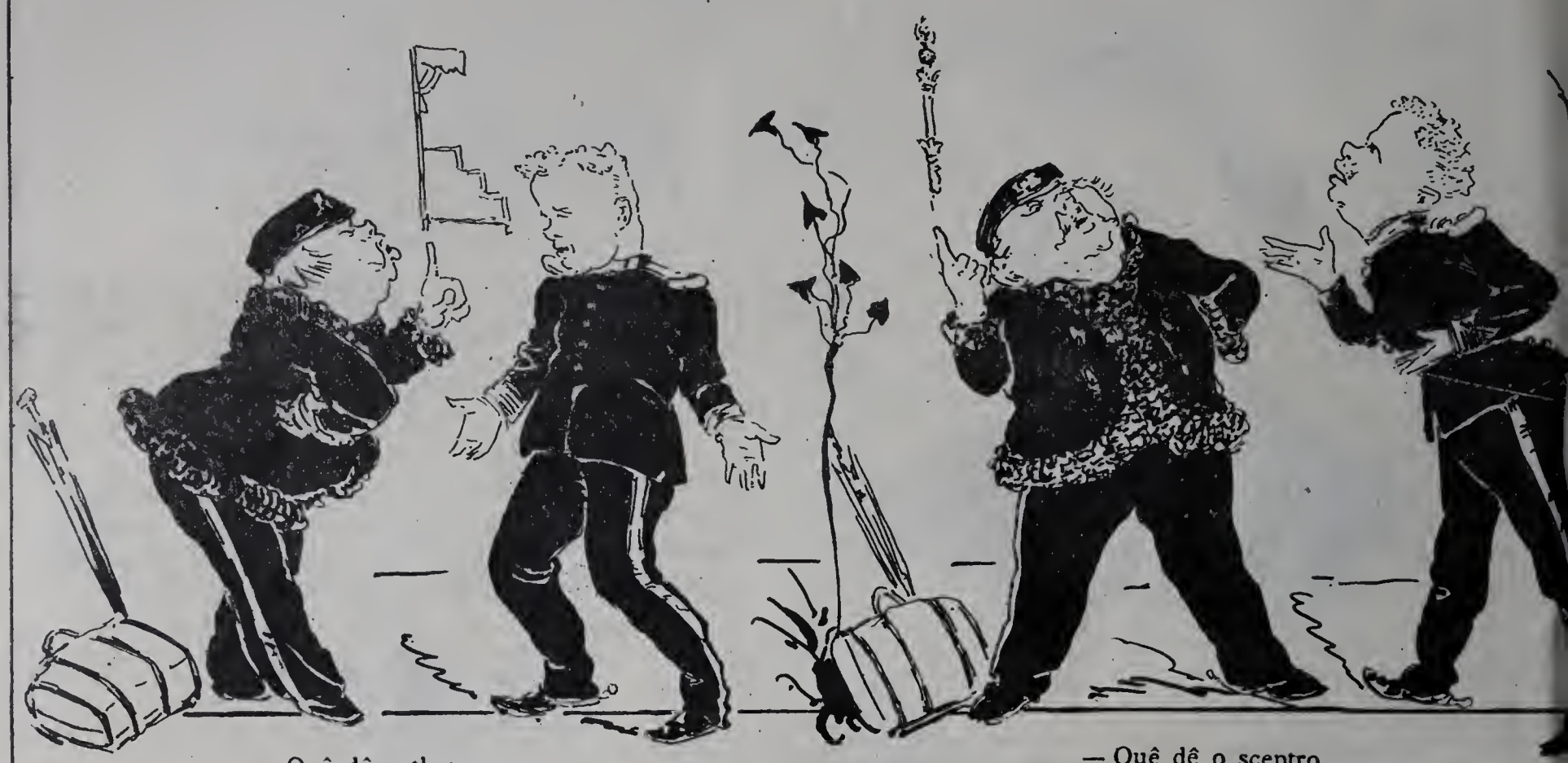
.....

E Zilu, nosso senhor,
Foi a rir, voltou contente;
Comeu bem, bebeu melhor...
Então que mais quer a gente?

Fallou co' o priminho rei
Sobre estes pontos e aquelles:
O que disseram não sei,
Nem me importa... é lá com elles.

NA

Quê



— Quê dê o throno
Que te dei para guardá ?
—'stava cheio de caruncho
Não me pude lá sentá !

— Quê dê o sceptro
Que te dei co'a mão direita ?
— Fui hoje pol-o no prego
P'ra comer meia desfeita...

— Quê dê do Hintze
Que eu deixei no ministerio ?
— Tinha cara de coveiro
Mandei-o p'ra o cemiterio...

— Quê dê o bago
E mais tudo que tu tens ?
— Gastei bago e gastei tudo
No bazar dos tres vintens...

— O que tens
Da mesada qu
— Tenho-a ga
Bebendo o me

LTA

nave...

— Quê dê a c'roa
Que te dei co'a a mão canhota?
— Fui hontem jogar o monte
E perdi-a na batota!

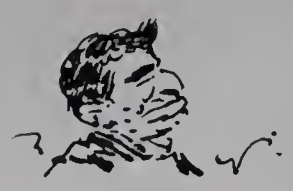
— Quê dê o manto
Que te dei de seda fina?
— Tinha nodoas *que te parto*,
E mandei-lhe dar benzina.

o?
orga
.

— Que mais tens feito
Tão longe das minhas vistas?
— Tenho ido p'ra a Trindade
Vèr as pernas ás coristas...

— Fiz mal já vejo
Em deixar-te o throno e o paço
Porque tu no fim de contas
Fizeste o mesmo que eu faço.

PAN.



Os jornalistas portuguezes foram apresentados a Sagasta em seguida ao banquete offerecido pelo notavel estadista do reino visinho, que depois de os ver e, sobretudo, de os ouvir, não poude conter a seguinte exclamação de desafogo:

— Hombre! como san preciosos los jornalistas portugueses! El Pinero Chagas, eso no dudo que seya oriundo de lo Rio de Janero... pero los demas se me figuran hijos de Angola, pues ablan tanto como la gaiola... Se lo que escriben es tan eloquente, por gusto se puede lerl-os...

O sonho

Depois de ter bem jantado
Com Sagasta, lautamente,
El Gran Hombre se ha marchado
Para casa bem contente.

Mal chega põe-se a despir
Até ficar em fraldoca;
E o barrete de dormir
Sobre o toutiço colloca.

Com tão singular *farpella*
Não se esquecendo de orar,
Deitou-se, apagou a vella
E eil-o logo a ressonar.

E sonhou. Mas ha! que sonho!
Que terrivel pesadello!
Foi tão negro tão medonho
Que inda não poude esquecel-o.

Como a parca deshumana,
E seus decretos fataes,
Matou, durante a semana,
Quatro ou cinco generaes;

Elle, o caro, elle o querido
De Zilu de Portugal
Sonhou que tinha morrido
Por ser tambem general.

Quasi o cobre a campa fria
E p'ra cumulo de praga,
Quem, rindo, a cova lhe abria
Era o Manuel d'Arriaga!

N'isto acorda. Um pesadello
Era tudo. Estava vivo.
Cada vez mais moço e bello,
Mais seductor, mais activo.

— «Não morri, consta que disse,
«'Stou vivo e são como um pero.
«Sonha-se cada tolice!...
«Vamos á vida! *Salero!*» —

FRANCISCO.

Pinheiro Chagas, a quem foi incumbida a ardua tarefa de representar em Madrid o jornalismo portuguez, tem andado ali com mais cuidados na sua saude de que uma primadonna do theatro de S. Carlos; toma gemmadas todos as manhãs, não recolhe para casa sem pôr a capota e dorme de noite dentro d'uma redoma de vidro calafetada de algodão em rama.

Todos os cuidados são poucos, porque se o illustre orador espirra algum dia não pode a festa realisar-se, e seria exquisito ter de affixar contra-annuncio.

Dias Ferreira não o larga e quando elle falla — o que succede sempre que falla algum ornalista portuguez — diz n'uma expansão de vaidade:

— Ouviram-n'o? Gostaram? Não é bom?... pois é propriedade cá da pessoinha.

E o Pinheiro Chagas confirma muito modestamente:

Ès verdad! Esto, és mui duerro...

O sr. Hintze vae ser nomeado nosso ministro em Madrid. A escolha não podia ser mais acertada; como s. ex.ª é o homem mais triste de Portugal, mandam-n'o para a terra do salero a vêr se o espertam.

Noticiaram varias folhas que o principe regente tem uma soberba voz de tenor. O Araujo de theatro Chalet já offereceu escriptura a sua alteza e este anda fazendo ensaios d'aquellas coplas: «*por detraz, por detraz*», da *Salsa de Aniceta*.

OS FESTEJOS EM MADRID

Os nossos compatriotas ainda por lá se acham, n'aquella frescata ininterrupta onde as proprias pulgas têem tirado o ventre de miserias, visto que as festas se encadeiam e multiplicam por fórma tal que, naturaes e forasteiros, nem tempo têem para se coçar.

O sr. Fontes tem sido, como nós previramos e era naturalissimo, o alvo de todas as attenções palacianas e de todos os olhares incandescentes; s. ex.ª já declarou, na sua qualidade de *alvo*, que os *olhares incandescentes* lhe acertam todos na *mouche*, e por tal fórma o têem tisnado lá por dentro, que não será muito para espantar que em breve deixe de ser *alvo* para se tornar mais *preto* do que a *indestructivel do Fonseca* com que o grande estadista presentemente engraxa o seu bigode. Esta supposição é tanto mais para admittir-se, quanto é certo que o senhor Fontes n'estes ultimos tempos tem feito tantas festas ao sr. Pinheiro Chagas e dado tantas marradinhas ao sr. Vaz Preto, que já vae cheirando a catinga a dez passos de distancia...

Mas voltemos a Madrid.

As magestades, os jornalistas, os artistas, e as proprias auctoridades hespanholas, têem andado com os portuguezes *santo Antoninho onde te porei*. Na recita offerecida ao jornalismo portuguez, o distincto actor Fernandez improvisou esta delicada quintilha:

Hermanos, brazos abrid.
En figura, génio y trato,
Lisboa és como Madrid:
Sí Espana ha tenido un Cid
Portugal tuvo un Viriato.

Para um caso d'estes é que nós deviamos ter mandado o Forte Gato, que não deixaria de responder, recitando:

«Bendita la mano que llevanta
Una rosa de entre a aréa...»

Para o baile no paço foi dispensado aos jornalistas portuguezes apresentarem-se de calção e meia, mas esta concessão só muito tarde chegou ao conhecimento do maior numero, de fórma que, uns não foram, e os que foram apresentaram-se em canellim. Ao senhor Fontes agradou muito este incidente, que lhe proporcionou pôr em evidencia as suas *pantorrillas*, confrontando-as com as do nosso collega Gervasio Lobato.

Por occasião da visita do senhor Fontes a Toledo, o alcaide publicou um bando convidando a população a receber o augusto viajante com demonstrações de affabilidade. O bando ia quasi tão bonito como o nosso antigo bando dos toiros, e os programmas distribuidos pelo *anjo* eram do theor seguinte:

«Toledo 26. Mañana gran recepcion del principe Fuentes. Se convida el pueblo a miral-o, admiral-o e remiral-o, pero que ninguno lo aça sen oculos, y tan poco lle bula, porque el principe es de fuego como el sol, y nos puede ciegar los ojos y queimar-nos los manos!»

Segundo informa o correspondente do *Diario de Noticias*, fazia a guarda de honra uma companhia de cadetes com musica, tocando o hymno portuguez. Se não fôra a insuspeita seriedade do Albino Pimentel, iamos jurar que não passava de uma *blague* insidiosa esta recepção de *cadetes*— com musica, de mais a mais...

O sr. Fontes, grato a tantas provas de deferencia e consideração da parte do povo hespanhol, resolveu pagar bizarramente tão affectuosas recepções e, na occasião da ascensão dos balões grotescos nas festas do Pardo, o notavel estadista, que já se achava sufficientemente *inchado* com os favores recebidos, começou a inchar ainda mais, a inchar muito, a inchar despropositadamente, e a bambolear-se ao sabor do vento, e a encher-se de gazes, até que por fim principiou a elevar-se lentamente e foi subindo, subindo, subindo por esses espaços fóra — com a mesma gravidade e circumspecção com que tem subido na sua carreira politica— entre os applausos e acclamações da multidão enthusiasmada, que confessava, sem rebuço, nunca ter visto em sua vida um balão grotesco tão elegante e desempenado...

PAR.

Mais outro telegramma de D. Antonio o «Caro»

Caramba! Viva la gracia!
Se realizó mi antojo,
Padre Paulino tiene ojo,
Y yo soy Paulino a valer.
Me ostenté en la parada,
Guapo, gentil y tunante,
En mi caballo brillante,
Lleno de goso y placer!

(Dija a Manoel d'Assumpcion,
Y al hablarle sea franco,
Que mi caballo no era
El cel'bre caballo blanco.)

Las madrileñas me llaman,
Por mis muchas seducciones,
Matachin de corazones,
Y grande conquistador.
Se algunos dias mi tardo,
Por aqui haciendo el oso,
Me tornaré tan baboso
Que — ay Dios! — me muero d'amor!

De Sagasta hoy la comida
— Que opiparo comedero!
Mañana baile hectuiero
Un *salsifré* divertido.
Ya las corridas de toros,
Ya el paseo a Toledo.
Por Belcebú! Que me quedo
Con el cuerpo muy molido!

Acabamos de receber de Madrid o seguinte telegramma:

«Começou jantar de jornalistas; damas em todos os camarotes; portuguezes muito envergonhados; alguns atrapalham-se por vêr damas ao pé e comem á mão.

Jornalista muito comprido comeu por engano olho de dama julgando comer olho de pargo.

Peixes muito contentes com presença de Antonio Duarte; pescada cosida pede que lhe ensine musica de *Drama no fundo do mar*; maestro accede e pescada *canta no bucho* de convivas.

Brindes enthusiasticos por mimica.

Damas fogem espavoridas tapando nariz com abanicos e julgando assistir a banquete de selvagens sem lingua — murmuram por entre dentes:

— Los pobresitos volveram con la habla al bucho...

CÁ E LÁ

En palacio

El Sagasta

Martos el democrata

En la calle

Una maja

Gentes de bronze

Un maragato

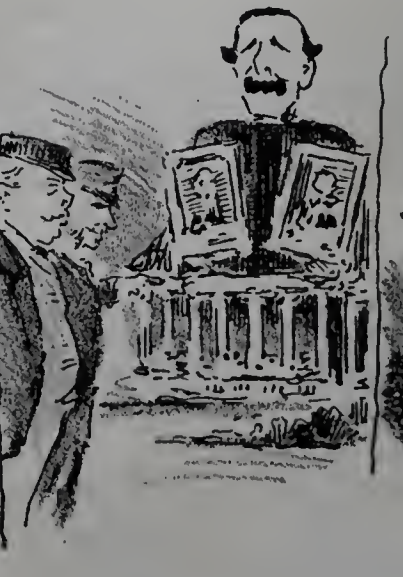
Un palito

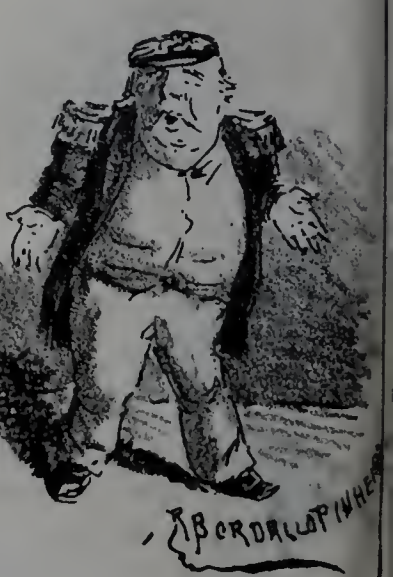
Un picador

Un guarda civil

Un carabinero joven

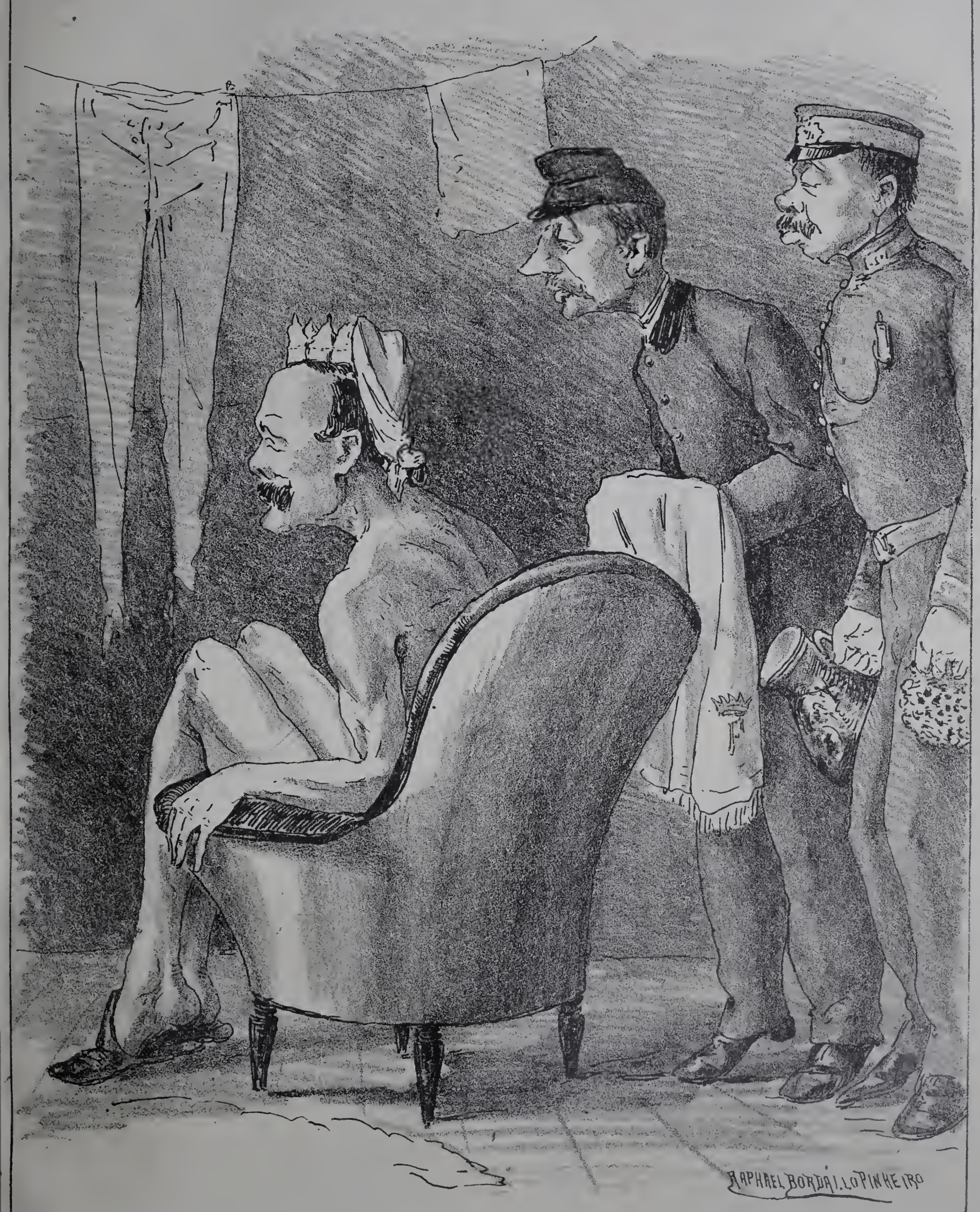
Los leones del congreso





El museu de pintura — Ya veyo que todo son Fuentes.
Cá e lá *mas* Fontes ha.

RECUERDOS DE MADRID



— Depois de cinco quartos d'hora sustentados a galope n'uma parada em que a poeira nos poz o bigode branco e o selim nos deixou o resto negro, existem apenas dois recursos: agua circassiana e semicupios de alfavaca de cobre... Deus queira agora que não me engane applicando a alfavaca por cima e a circassiana por baixo...

A basorrada

(Continuação)

XIII

Pois se a trôco de heróes da antiga *dança*
De eleições, que ficaram de memoria,
Quereis vos ponha de outros a chibança
Não menos patriotica e notoria;
Vêde o tal das Lezirias, cuja pança
Póde ser que inda um dia vá a historia;
Outro, o prior da Lapa *granjoleiro*,
E muitos mais que deixo no tinteiro.

XIV

Não deixarei *(pois nana)* escurecidos
Aquelles galopins, que lá por fóra
Co'as listas dos contrarios seus partidos
Tem feito muita sorte empalmadora:
Uns *melros* em Mangualde conhecidos
Pois quem a costa d'Africa ainda chora;
E outros mil, a qual d'elles o mais forte,
Credores de ir p'ra lá sem passaporte.

XV

E em quanto eu estes canto, e a vós não posso
Por não me achar com barbas para tanto,
Tomae as redeas do *burrinho* vosso,
Dareis materia a estardalhaço em canto:
Comece elle a dobrar mais o pescoço
(Do muito que elle o dobra já me espanto)
Á força de sentir os calcanhares,
A falta da *palhada* e outros manjares.

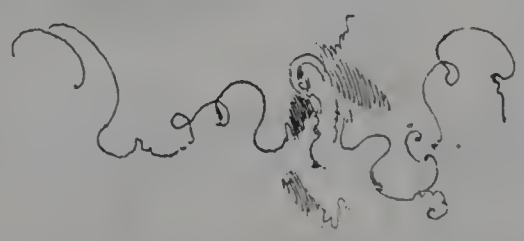
XVI

Em vós o *luzio* tem o *beef* frio
Porque muito vos é afeiçoado;
Só com vos vêr sentir um calafrio
Fica logo deveras escamado;
Elle tudo vos dá, porque é bom *tio*,
Conforme muita vez o tem provado...
Embora esteja um pouco menos *terno*
Por lhe fugir *Lourenço* do caderno.

(Continua).

A Villa da Feira vae de foz em fora no caminho da posteridade; agora até já tem uma *Miscellanea Musical!* E o mais notavel é que a existencia de tal *miscellanea* chegou ao nosso conhecimento por intermedio d'um amigo residente no Rio de Janeiro! Vejam o que ella tem andado, a *miscellanea!...* Que o Deus da solfa a avivente e todos os pianos de Lisboa a estropiem, é o que nós lhe desejamos e ella merece na verdade.

PAN.



Um notavel homem de sciencia do reino visinho, tendo apanhado a geito um jornalista portuguez, acaba de fazer-lhe a autopsia e de publicar no *Jornal de Sciencias Medicas* o resultado dos seus estudos, que é o seguinte:

INTERIOR D'UM JORNALISTA PORTUGUEZ

Intestinos grossos		7
Figados		5
Moelas		2
Corações	Para amar	57
	Para o resto	1
Pulmões		1
Estomagos		35
Linguas	Para fallar	0
	Para dar volta á comida	93
.....		

Em vista d'esta revelação, ficam perfeitamente explicados tanto o silencio como o appetite da maior parte dos nossos collegas durante os festejos de Madrid.

O rei D. Affonso mandou pagar a conta de todas as armas compradas pelos nossos compatriotas na visita á fabrica de Toledo, o maior numero das quaes tinha sido escolhido por officiaes do nosso excercito. Foi uma galanteria em tudo digna dos bisarros sentimentos de sua magestade o rei de Hespanha, mas que pode trazer graves complicações, admittida a hypothese pouco provavel d'uma segunda edição do 1.º de Dezembro.

Effectivamente, na hypothese sujeita, não sabemos se a nossa officialidade cairá sobre o inimigo com as armas pagas pelo bolsinho do mesmo inimigo, o que seria uma ingratidão inqualificavel, ou se irá depor a espada aos pés do rei presenteador, o que seria coisa muito peior...

Segundo noticiam de Madrid, a actriz Lucinda Simões representou ali, na noite do seu beneficio, em tres linguas differentes: hespanhol, francez e portuguez. D. Guiomar Torrezão já tivera occasião de evidenciar em Hespanha a sua disposição para os acentos estrangeiros, fallando alguns sete idiomas quando esteve hospedada em casa da senhora de Rute e Lucinda Simões acaba de firmar agora os creditos de polyglotas das senhoras portuguezas, que o menos que fallam é quatro linguas, como aquelle cicerone que dizia para os forasteiros:

— *Ai sé monsiú! sente-se ósté!*

Popularidade e instrucção

Sua alteza o principe D. Carlos começou a sua viagem de instrucção pelo estrangeiro. Se o principe tiver para a instrucção uma queda tão decidida como revelou para a popularidade, embem poucos mezes o veremos regressar mais sabio de que o sabio conselheiro Viale, como em bem poucos dias o vimos tornar-se mais popular de que o popular José Augusto. A coisa toda está na forma a seguir para o fim proposto. Um systema em tudo parecido áquelle por cuja adopção tão bom exito resultou a sua alteza na conquista da popularidade, affirmar-lhe-ha necessariamente resultados lisongeiros — não demandando sobre tudo graves complicações de cabeça...

Em busca da popularidade, visitou o principe alguns dos nossos mais imponentes vasos de guerra e alguns dos nossos mais disciplinados quarteis, previamente avisados de vespera, para que a officialidade houvesse tempo de fazer a barba e a soldadesca de se escovar convenientemente. Sua alteza encontrou sempre as casernas bem arejadas, os corredores limpos da teia de aranha, o caldeirão do rancho com mais olha de toicinho e os fachinas de serviço firmes no seu posto para que o *bispo* não entrasse com as marmitas — ao menos n'esse dia. Sua alteza escutou attencioso da bocca dos Ciceros commandantes os succolentos discursos profusamente recheiados de protestos fidelissimos e de primores gramaticaes, respondeu com a allocução do ritual — exactamente como os namorados que se correspondem virando a folha do *Correio dos Amantes*, — e voltou para o throno que lhe deram a guardar, declarando-se satisfeito, completamente satisfeito, a aborrotar de satisfeito, como se tivesse ingerido uma gamella de fava-rica — em summa: *muitissimo satisfeitissimo*...

As escolas e as officinas, essas dispensou-se sua alteza mui sabiamente de visitar porque, ainda quando a pervenção corresse a tempo, nem nas primeiras os collegiaes teriam barbas para escanhoar, nem nas segundas os serralheiros agua e sabão para lavar a cara mascarrada pela hulha da fornalha.

Demais, sua alteza tinha-se tornado tão popular escutando os discursos dos Ciceros, ouvindo os tiros das metralhadoras e declarando que estava satisfeito, que um pouco mais de popularidade podia cair-lhe na fraqueza originando-lhe alguma *popularite aguda*...

Por tal fórma essa popularidade se identificou em sua real pessoa que o povo o cognominou de *Popular*, e o proprio partido regenerador se descobre reverente quando falla no *Popular*, a despeito do odio que lhe inspira o Santerre do largo de S. Roque...

Em popularidade pois, temos a coisa perfeitamente determinada como em escriptura assignada e reconhecida...

Em quanto á instrucção, estamos certos de que sua alteza não irá desmerecer dos justos creditos adquiridos em tão lisongeiras primicias... Mal chegado a Madrid, logo sua alteza teve ensejo de encetar o seu brilhante noviciado na estrada da civilisação, assistindo a uma corrida de toiros á hespanhola... Foi abrir com chave de prata a sua viagem de instrucção, presenceiando como se estripa cavallos, o que nos leva a crêr que o esperançoso principe fechará essa viagem com chave de oiro, terminando por assistir ás festas do rei de Dahomé e tomar parte n'um banquete de antropophagos, saboreando golosamente um bife da alcatra do seu proprio preceptor...

E depois d'isso que venha tomar as redeas d'estes reinos, na convicção de que, se saiu *popularissimo*, não volta menos instruido nem menos civilisado...

PAN.

La Broma, excellente periodico illustrado que se publica em Madrid, dirige-nos n'um dos seus ultimos numeros algumas palavras tão agradaveis quanto immerecidas. Não nos permitte nem a nossa natural modestia que transcrevamos aquelle lisongeiro favor, nem a nossa veia galhofeira que o agradeçamos em phrase declamatoria, nem o nosso desenvolvido abdomen que nos curvemos em arco de pipa, como a cortezia determinava; limitamo-nos por isso a apertar cordealmente a mão ao espirituoso redactor de *La Broma*, recommendando este periodico aos nossos assignantes e leitores, porque emfim, nos tempos de passeiatas a Madrid que vão correndo, não é de todo mau que uma pessoa se habilite a *hablar un ratito de español*...

Lá vão

Lá vão elles, os pimpolhos,
Lá vão elles de longada;
Com as lagrimas nos olhos
E a bolsinha rechêada

Vão gastar bastante *téca*
Co'o suor do nosso rosto.
Vão correr por Seca e Meca,
A' custa de novo imposto.

D. Carlitos lá se arranja,
D'alegria em si não cabe.
Vae estudar para a *estranja*
Mas o que, ninguem o sabe.

Por seis mezes (um semestre)
Esse estudo ha de durar.
Pois se elle é já padre-mestre
Que diabo lhe hão de ensinar?

Que dias tão memoraveis
Os dias que elle reinou!
Que de factos perduraveis
O pequeno praticou!

O povo ante elle prostra
Cheio de crença e de fé.
Vejam por aquella amostra
Se elle é grande, ou se não é!

Deixem-n'os, pois, pandegar
Que ha muito *bago* no erario.
Que ensinal-o é ensinar
O padre — nosso ao vigario.

FRANCISCO.

A LAGRI

«..... **chorae, p**
Choraram mui

De quantos se debulham em pranto no momento da cruel separação, é Zé Povinho o unico que chor
Se não acode o reverendo, com o seu escaphandro salvador e o seu anel de luz electrica, lá ficava t

LOMATICA

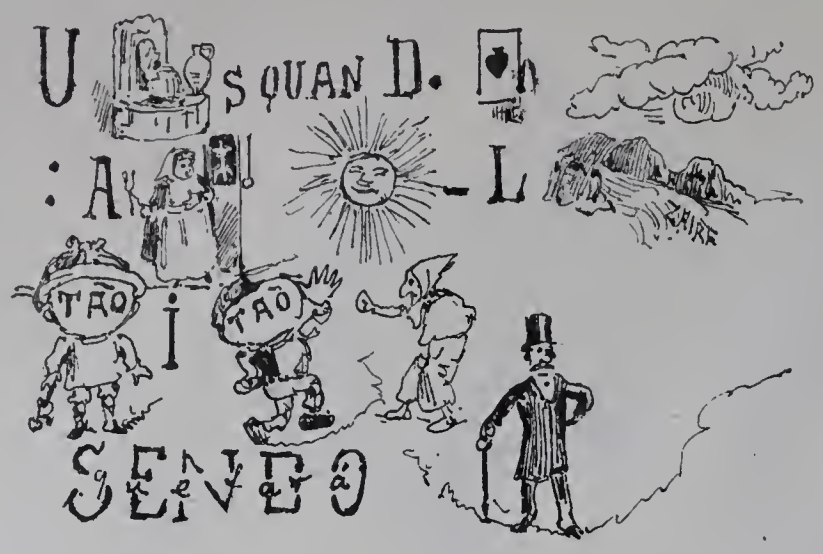
orae, senado!...
muito obrigado...»

FRANCISCO PALHA.

s lagrimas de sangue. Só elle sabe quanto essa partida lhe *custa* e quanto lhe vae *custar* ainda de futuro...
o n'aquelle profundo vale de lagrimas...

SECÇÃO PITTORESCA

Enigma



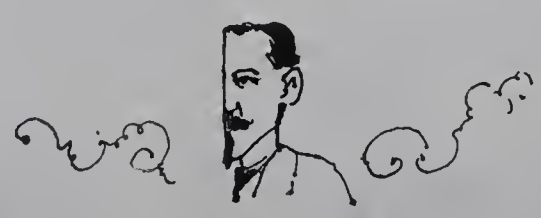
Decifração do enigma publicado no n.º antecedente:

«Apezar que ás mais desbanca
Na notavel perna fina,
E' maior de que esta chanca
O sapato da Georgina.»

Recebemos do sr. K. a seguinte decifração:

«Aquillo que ás mais desbanca
N'uma notavel meia fina;
E' esta grande chanca
O sapato da Georgina.»

Apezar do mau conceito que o sr. K faz (não confundir com caifaz) da fita metrica com que costumamos medir o nosso verso, não lhe queremos mal por isso e, uma vez que adivinhou em parte, em parte tambem lhe adjudicamos o brinde promettido, publicando metade do seu retrato.

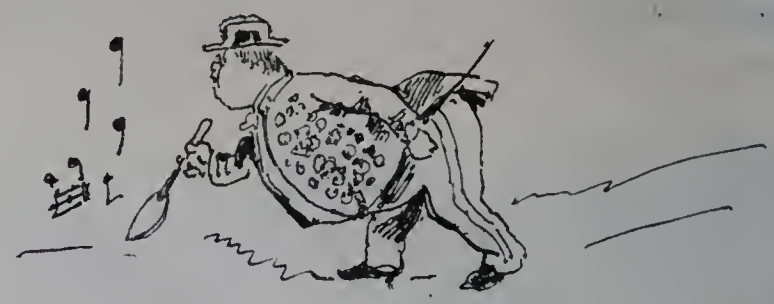


Disse o *Diario Illustrado* que sua alteza o principe D. Carlos, quando foi esperar seu augusto pae á estação dos caminhos de ferro, vestia meio uniforme de segundo tenente de marinha. O *Diario Illustrado* não explica se o *meio uniforme* era da cintura para cima ou da cintura para baixo, mas é de crêr que o natural pudor do joven principe o levasse a escolher este ultimo — se bem que um pouco bolneavel — mais de accordo com a seriedade do acto. Em todo o caso, tomamos a liberdade de aconselhar sua alteza a que, pelo menos em quanto viaja no estrangeiro, se abstenha de fazer com os uniformes o mesmo que nós fazemos com os jantares de *restaurant* — serviço por meias dozes.

O correspondente do Porto para as *Instituições*, referindo-se ao ultimo numero do *Antonio Maria*, sobre quem descarrega o seu anathema, diz «que ha entre nós liberdades que são na verdade bem mal comprehendidas.» Assim o entendemos tambem; se tal não fôra, não *trabalharia* o correspondente *em liberdade* quando andam por ahi tantas trelas á bôa vida.

Echos de Madrid

Consta que de todos os portuguezes o que maior sensação produziu em Madrid foi o nosso dilecto Antonio Du...



Oradores, poetas, dramaturgos, que iam na caravana, o que valiam elles, miseros mortaes, ao pé d'aquelle heróe de farda bordada a ouro, scintillantes crachás, chapeu armado, sangue azul a serpentear-lhe nas veias e talento a espinotear-lhe no cerebro?

Por isso elle protestou por não ter um dos lugares de honra á meza do banquete.

E realmente nós que o conhecemos, que sabemos quanto elle peza e quanto elle vale, que encontramos o nome dos seus antepassados em cada pagina da historia patria, que ouvimos as suas operas popularizadas pelo assobio democratico, que lemos boquiabertos, os seus artigos de polemista, elle que é ao mesmo tempo Wagner, Castellar, Sampaio, que toca, compõe, discursa, escreve, elle emfim, que é *tudo e muito mais*, teve toda a razão em protestar por não se lhe ter dado logar á esquerda do sr. Villalva.

Que o governo proteste tambem! e se troquem notas diplomaticas e se mande armar o exercito e se vigiem as fronteiras e se declare a guerra até que Antonio Du... tenha o assento no lugar que lhe compete.

Elle, só *elle* e sempre *elle*.

No Theatro Real. Recita de gala.

Sobre as aveludadas butacas reclinavam-se as mais adoraveis muchachas.

Portuguezes quentes espalhavam os olhares luxuriosos. Aquella atmosphera de luz e aromas convidava ao peccado.

Era preciso amar.

Um dos mais galantes — a creme do jornalismo — começou... a atirar-se a uma señorita que estava proximo d'elle.

Ella aceitava... elle sorria...

Pela mente do portuguezito passaram mil planos e o idyllio estabeleceu-se...

Olho para cá, olho para lá... E chegaram-se á falla.

Ella sorria... ella córava. A *mamã* que acompanhava a deusa dormia; elles dois chilreavam o seu amor...

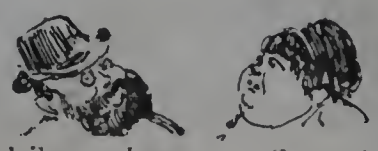
—É encantadora... Amo-a... Diga-me quando a poderei ver, quando lhe poderei fallar...

E ella segredava-lhe:

Si, si... pero... son tres duros...

Tableau.

Vá lá o mais fino livrar-se de uma d'estas...



Um jornal madrileno chamou a Gervasio Lobato — *capitan general*.

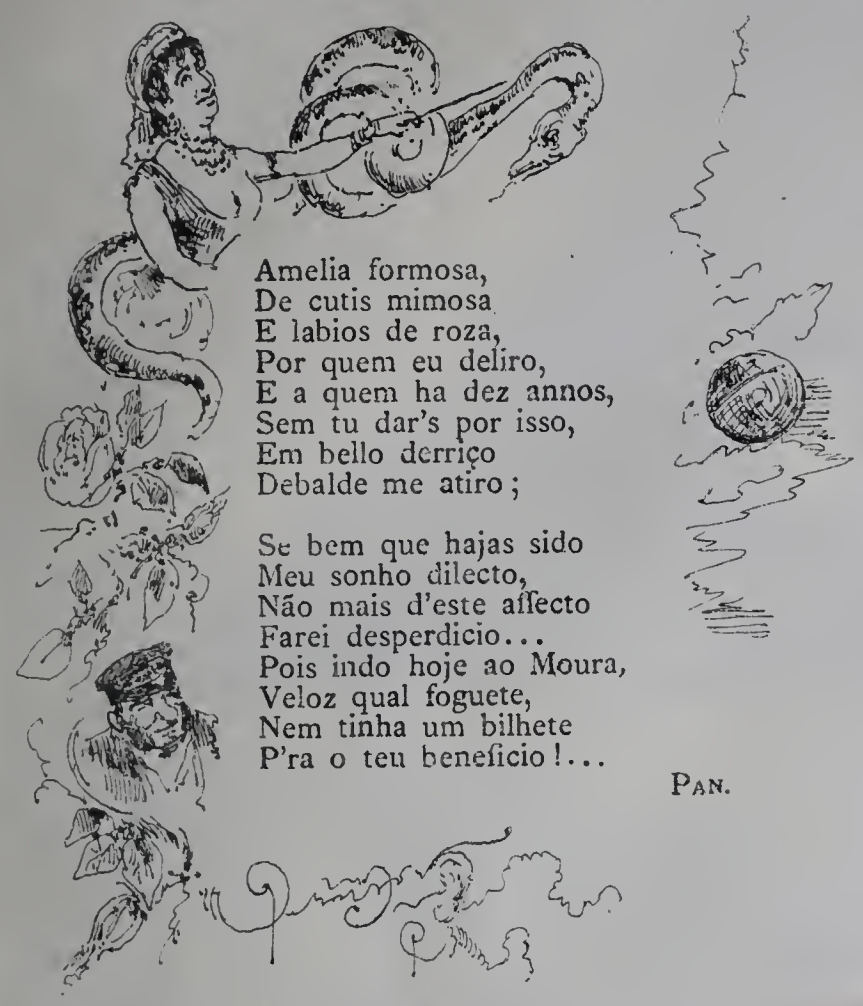
Suppomos que o confundiram com Gabriel Claudio.

ASSUCARILLO.

Theatro da Trindade

Sexta-feira 8 de junho

FESTA ARTISTICA DE AMELIA BARROS



Amelia formosa,
De cutis mimosa
E labios de roza,
Por quem eu deliro,
E a quem ha dez annos,
Sem tu dar's por isso,
Em bello derriço
Debalde me atiro;

Se bem que hajas sido
Meu sonho dilecto,
Não mais d'este affecto
Farei desperdicio...
Pois indo hoje ao Moura,
Veloz qual foguete,
Nem tinha um bilhete
P'ra o teu beneficio!...

PAN.

Com a devida venia, transcrevemos do *Diario de Noticias* o seguinte communicado:

«O ex.mo sr. José Maria Lourenço Junior e sua ex.ma esposa festejaram hontem na sua casa de Lisboa o anno do

seu afilhadinho Carlos. Foi uma pequena festa de familia na qual tive a dita de ser chamado tambem como familia.

Em honra ao seu afilhadinho a ex.ma sr.a D. Carolina Lourenço quiz apresentar em Lisboa um dos seus discipulos e philarmonico da Avante Canecense, de que é distinctissima maestra.

Foi uma surpreza, que daria paginas e paginas se eu tivesse recursos para poder descrever quanto vale tal acto! Sim ver a sr.a D. Carolina com a sua presença de artista

e affabilidade de mãe, sentar-se ao piano, tendo a seu lado um rapaz do campo, com um baritono na mão, em frente

de uma estante com musica e a um signal da sua maestra o discipulo tocou em seu baritono a romanza para baritono d'ell opera um ballo in Maschera, acompanhado de piano pela sua maestra. Foi admiravel! não tenho phrases para descrever o enthusiasmo com que eu e todas as pessoas que se achavam presentes, ouvimos não um camponez, não um rapaz que pouco sabe ler, não um curioso, não um rapaz que tem apenas 18 ou 19 mezes de estudo, mas sim um artista, pois ouvimos tirar sons de baritono que só de um artista, e de um artista que toca com toda a mestria, pois não faltavam os pianissimos, os fortes etc. etc. parece impossivel, porém eu juro que vi e ouvi, e affirmo que nos delirou tal surpresa. Foi por muitas e muitas vezes bizado e mais seria se não receiassemos incommodar mais a bondosa maestra a quem peço desculpa de vir com este apontuado para o jornal, mas entendo que casos d'estes não devem ficar só em familia. Parabens ao discipulo e o que lhe desejo é em breve tornal-o a ouvir tirar lindos sons como tira do seu baritono.»

Lisboa, 2 de junho de 1883.

A. R. Ferreira.

Lucta .·. titanica .·.

De raiva arreganha o dente
O *Grão-Mestre* .·. que catraia
O club do Grande Oriente .·.
Que ha na rua da Atalaia!

E ardente, audaz, diabolico,
A' liça acode tambem
O *Grão* .·. do *Rito Symbolico* .·.
Do poço do Borratem!

O da Atalaya, possante,
Da lucta enceta as primicias,
E ao contrario lança o guante
No *Diario de Noticias!*...

O do Borratem, valente,
Sem tremer nem vacillar
Responde ao golpe de frente
No *Diario Popular!*

A golpes de fina adaga,
Brandidos á molleirinha,
Um rito ao outro se esmaga
A tres vintens cada linha!...

Erguem-se em pleito plutonico
Qual mais se irrite e mais zangue,
E o *camartelo maçonico* .·.
Já mostra pingos de sangue...

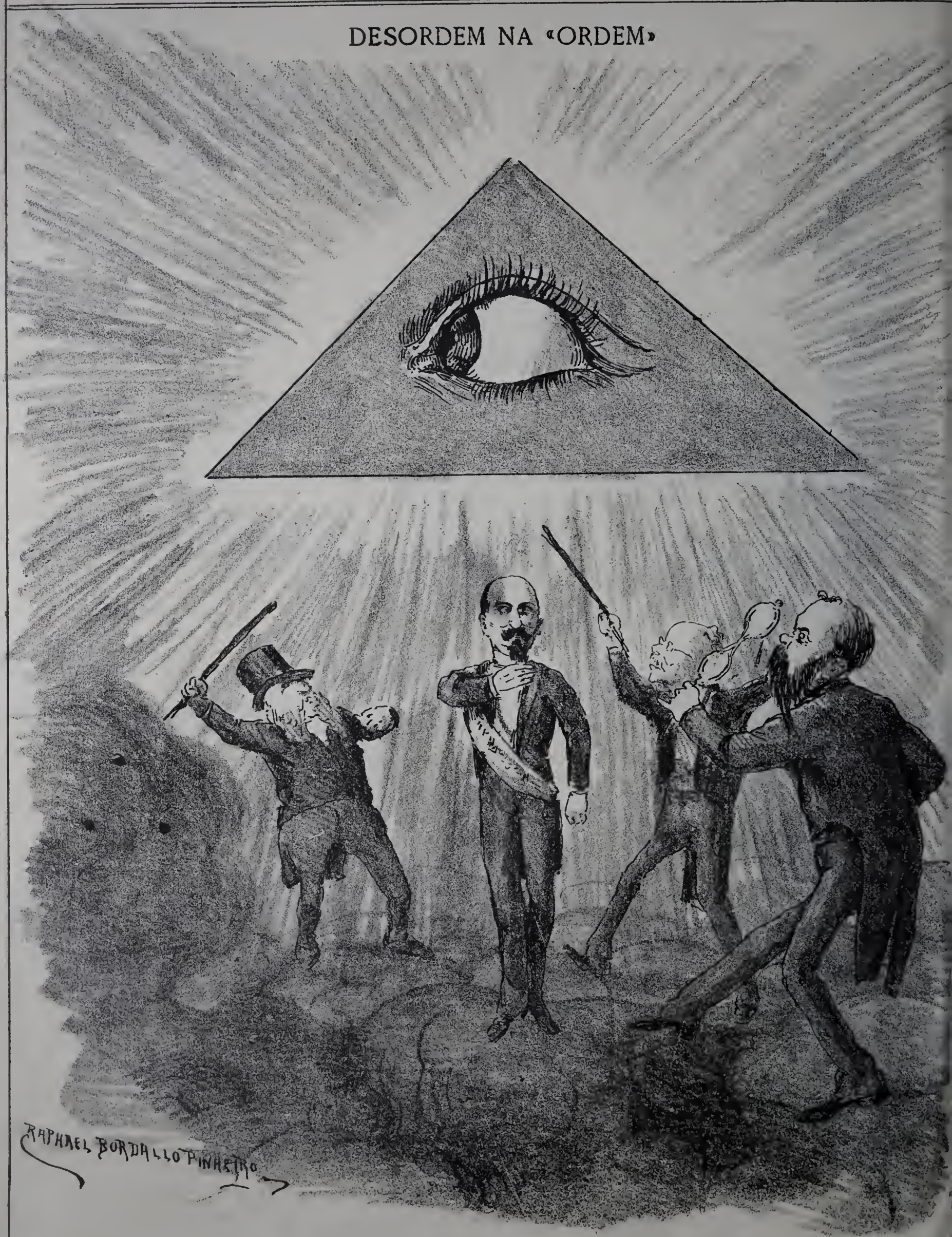
Se não termina a pendencia
De sangue o mundo se alaga,
E o *Olho da Providencia* .·.
Fica de todo zanaga...

Que Deus lhe dê uma ajuda
Evitando o cataclismo,
E o Mascaró que lhe acuda
Co'a operação do strabismo...

Que os *Grão-Mestres* que se odeiam
Não cheguem um dia ás mãos,
Pois se no solo baqueiam,
Esborracham-se os dois *Grãos* .·. ...!

PAN

DESORDEM NA «ORDEM»



Quando os mestres da *Ordem* se desancam sendo *irmãos*, o que faria se fossem sogras...

GONÇALVES CRESPO

O que podiamos — melhor de que os seus versos — escolher, para o saudar no seu transito derradeiro?

«No momento do *adeus* succede que os amantes
Se abraçam, a chorar, com vozes soluçantes,
Força, é força partir; a mão prende-se á mão
E uma infinda tristeza inunda o coração.»

«Para nós, meu amor, n'essa hora de agonia
Não houve o padecer que as almas excrucia:
Foi grave o nosso *adeus* e frio, e só agora
É que a Dôr nos subjuga, e a Angustia nos devora.»

Nocturnos, de Gonçalves Crespo.

UM ARRANJOSINHO

Anda a opposição levantada em celeuma porque a maioria, que abandonára a camara logo apoz a recente reabertura, ao ponto de em tres dias successivos se não abrir a sessão por falta de numero, acudiu um dia solicita ao toque do badalo da presidencia, para approvar de gangão uma patifaria qualquer que na pia baptismal das regiões officiaes recebeu o nome de *reforma da engenheria*. Decididamente, a opposição, apesar dos creditos de raposa esperta com que a distinguem, só do finorio quadrupede se assemêlha no decantado caso das uvas... Ingenua até ali!

De tudo se colhe lição, dizem os velhos, e não ha como velhos para estas sentenças philosophicas... Se a opposição consagrára algumas horas dos seus ocios domingueiros, que não devem ser poucos, ás soberbas corridas que se dão na praça do Campo de Sant'Anna, teria occasião de aprender como o Peixinho, esperando o boi á porta da gaiola e figurando a queda sobre a direita, corre depois sobre a esquerda, deixando no cachaço do bicho o traiçoeiro pár de bandarilhas. Chama-se a isto uma sorte de *cambio*. Pois foi exactamente uma sorte de *cambio* o que a maioria acaba de fazer á opposição parlamentar...

O sr. Fontes, que é um estadista tão grave que leva as lampas ao mais *pintado* e o sr. Hintze, que é um politico tão serio que a pessoa alguma mostra os dentes, tinham concertado entre si um planosinho innocente que tem por mira um arranjosinho mais innocente ainda, de que logo daremos conta, e a opposição, a quem os passeios ao ar livre agradam bem mais de que as discussões parlamentares e por isso se furta sempre que póde á estopante occupação, teve ou fingiu ter a ingenua sinceridade de acreditar que o serio politico e o estadista grave lhe mandariam de vespera um bilhete postal prevenindo-a da representação, como se usa geralmente nas sociedades de recreio familiar!

E foi assim que a opposição recebeu no cachaço o par de garrochas e o projectosinho passou a fronteira da camara que de popular só tem o nome, apenas com o protesto d'alguns membros da propria maioria a quem o animo faltou para a sancção do escandalo, ou porque um phenomeno de pudor lhes revoltasse a bilis no seio dos intestinos, ou porque um movimento de interesse lhes contrahisse a bolsa na algibeira do collete...

O caso é que passou e, porque á ultima hora lhe faltasse o relator—e os projectos são como os neophitos, que não podem baptisar-se sem padrinho—*ad hoc* se offereceu obsequioso sacristão, que do serviço relevante abiscoitou logo a propina generosa d'uma commissão no estrangeiro, com fortes gratificações e gordas ajudas de custo, pela missão de estudar lá fora o quer que seja que muito bem podia estudar cá dentro, mas que vae tomar á fonte, por que isto de estudar é precisamente como as aguas mineraes de que se colhe mais proveito bebendo-as na nascente do que ingerindo-as em casa ás garrafinhas...

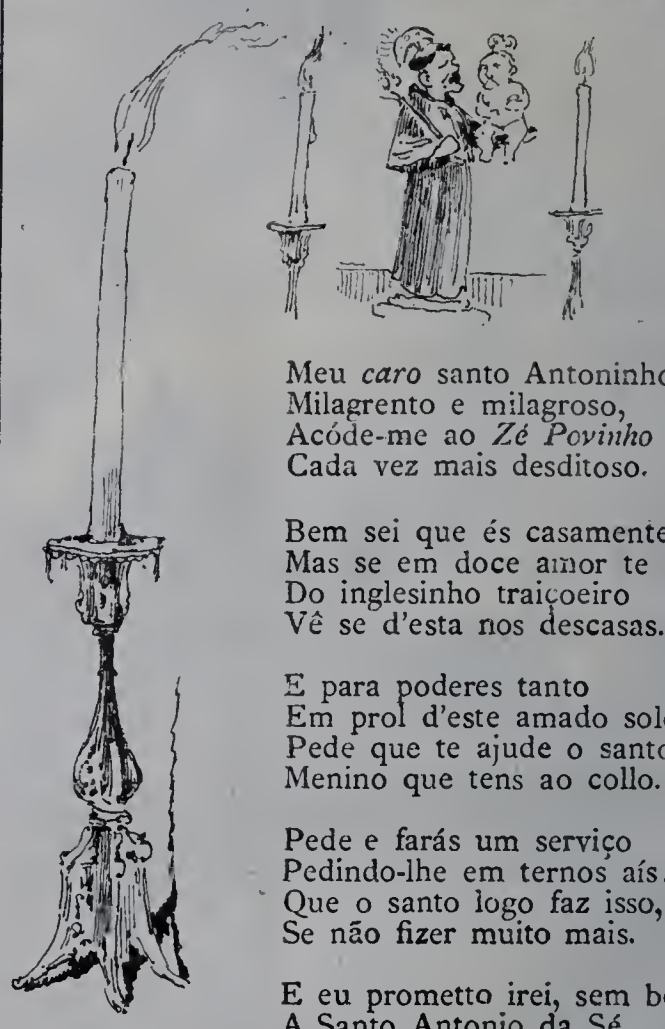
Falta apenas o veto da camara alta e é ahi exactamente que está o busilis do *arranjosinho* a que acima nos referimos... Ou a camara approva e n'este caso os *afilhados* gaudiosos encherão as barriguinhas e criarão callos na lingua de cantar lôas ao *padrinho*, ou a camara regeita e então o *padrinho* despeitado e ferido nos seus brios — porque os brios do tal padrinho teem o mimo da sensitiva — dá a sua demissão de ministro de estado... para acceitar a nomeação de ministro no estrangeiro, ou outra qualquer posta graúda que o console do desastre padecido e lhe assegure o descanso de espirito de que a sua cabeça tanto precisa e a dotação monetaria que a sua barriga tanto reclama...

Em qualquer dos casos, como o jogo é de pau de dois bicos, algum *afilhado* entrará pela porta do orçamento e alguns contos sairão pela janella do erario.

O povinho que se entretenha a assistar á representação, já que a opereta tanto lhe agrada, e diga-nos depois se entre outras virtudes que a nossa modestia põe de parte não possuimos tambem a de ser um poucochinho Isaias...

PAN.

Oração a Santo Antonio



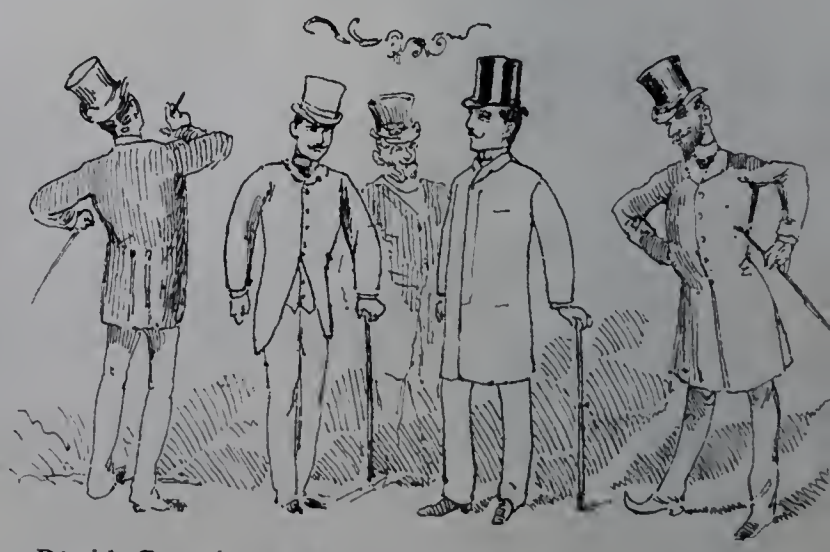
Meu *caro* santo Antoninho
Milagrento e milagroso,
Acóde-me ao *Zé Povinho*
Cada vez mais desditoso.

Bem sei que és casamenteiro,
Mas se em doce amor te abrasas,
Do inglesinho traiçoeiro
Vê se d'esta nos descasas.

E para poderes tanto
Em prol d'este amado solo,
Pede que te ajude o santo
Menino que tens ao collo.

Pede e farás um serviço
Pedindo-lhe em ternos aís...
Que o santo logo faz isso,
Se não fizer muito mais.

E eu prometto irei, sem botas,
A Santo Antonio da Sé
Rezar-te orações devotas
Que me ensinou o Burnay.



David Corazi, o grande emprehendedor de publicações litterarias, acaba de dar á estampa um curioso jornal illustrado, que se denomina *O Elegante*, destinado a desenvolver no sexo feio o gosto pelas *toilettes* garridas.

Graças a Deus que tambem nos chega a vez de termos por onde escolher o córte das nossas casacas, e por onde consultar o feitio das nossas polonnaises...

Emygdio de Oliveira, o valente *Spada* do *Seculo*, veiu apagar as glorias cynegeticas de Julio Gérard. A sua arma impiedosa, uma penna brilhante e nobilissima, perseguiu durante uma vertiginosa carreira de 200 e tantas paginas, a fera mais astuta e mais voraz dos tempos modernos — o leopardo bretão. Não é de crer que conseguisse livrar a humanidade de tão ameaçadora visinhança. Não é com as balas da philosophia, do direito e da justiça que se subjugará o monstro. Para ellas é invulneravel a sua mosqueada pelle, curtida nos banhos de sangue e nas chuvas do ouro. Só é permittido esperar que se afogue n'um d'esses banhos abominaveis ou que a chuva terrivel o esmague.

Até então, visto não apparecer domador, cá estão as victimas promptas para o inevitavel holocausto.

Em todo o caso, a caça emprehendida por *Spada*, com a sua cartucheira provida dos mais solidos projectis que fornece uma logica cerrada e sã, e dos mais brilhantes explosivos que prodigalisa a linguagem patria, é digna da attenção e sympathia de todos os portuguezes, e tem direito á consagração suprema do odio britannico.

LUSUS.

Podéra!

Banhou-se o *Caro* em agua de Colonia
Quande lhe disse o grande Castellar,
Que havia liberdade na Parvonia,
Mesmo a empanturrar.

E, ouvindo a *piadinha* sabichona
Com que, meu pobre *Zé*, não te conformas,
Disse comsigo: — E fui eu tão *sánona*,
Que imaginei reformas!

Pois se este, que percebe bem da póda,
Vê que não falta guita ao pagagaio,
Heide eu pôr a *adorada* mais á moda?
Lá n'essa é que eu não caio.

Quando o *piteo* está bem temperado,
E até faz gosto de o cheirar no tacho,
Mais cebola deitar no refogado?!
Quem cae d'ahi abaixo!

.....

E o *Caro* na refórma já não bole,
Visto que ao rei e á patria assim convém;
Póde pôr mais albardas no *Zé Molle*,
E fará muito bem.

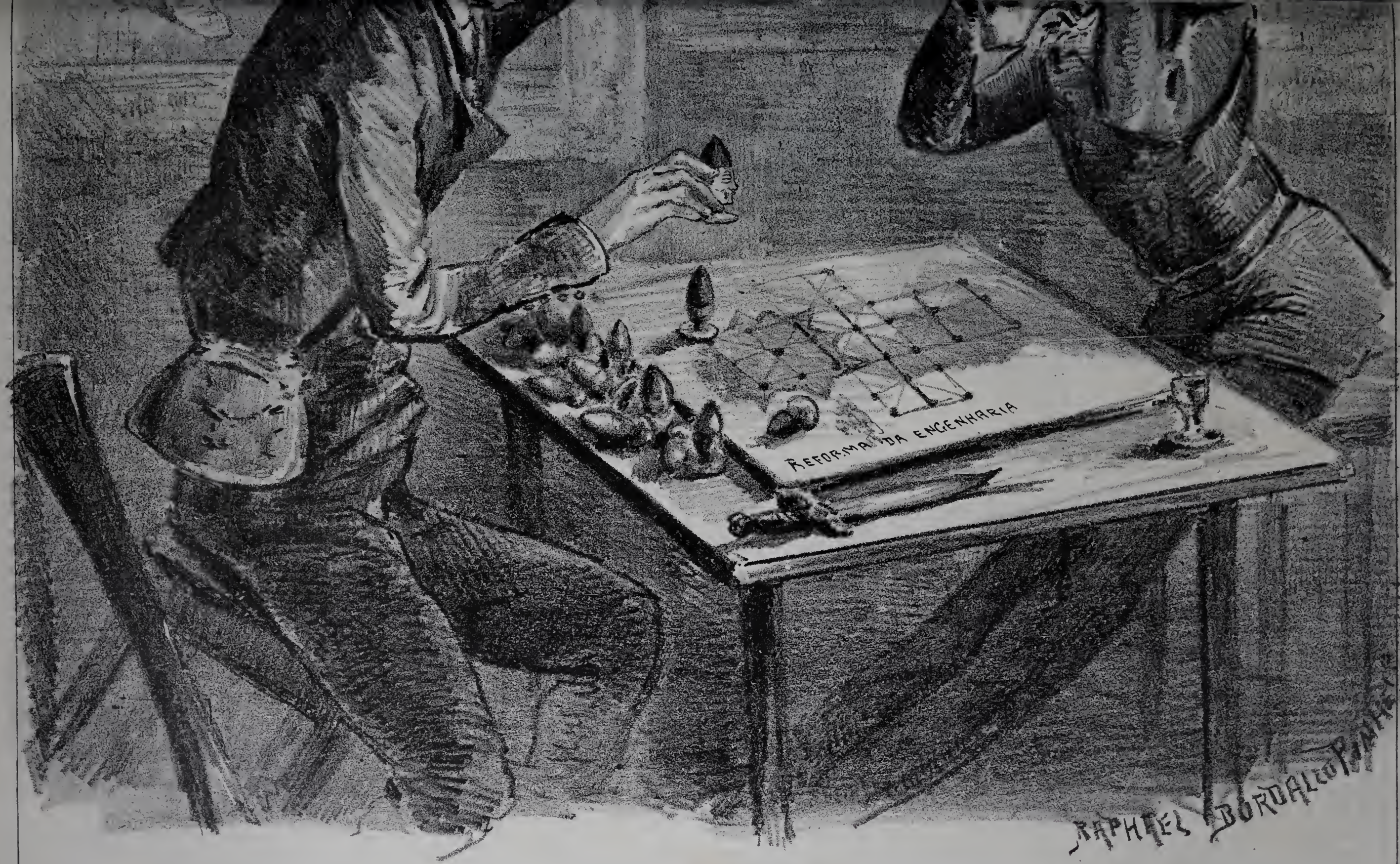
CARTEIRA D'UM BOHEMIO

É sempre tempo de fallar das obras primas; por isso eu venho hoje trazer, sob um vexame rubro de retardatario, o meu pequenino tributo de enthusiasmo ao grande romance de Camillo, a *Brazileira de Prazins*.

Os senhores forçosamente já leram todos aquelle encantador livro e viram como elle interessantemente gyra na sua acção principal, em torno d'um caso burlesco de historia patria, e em torno d'um original caso de commovedora hysteria amanthetica; viram como os episodios de singela vida aldeã, ou comicamente guerreiros, ou galantemente amorosos, ou de selvageria rude e montesinha, ou de religiosidades torpes, se succedem e atropellam quasi impetuosamente, arrastando comsigo a attenção encantada e fixa do leitor; e viram n'aquellas paginas o redomoinho incessante de typos, esboçados velozmente com traços furiosos á Goya, e que vão desfilando e sarabandeando n'uma como que acceleração de vida, a que os força fatalmente o impeto d'aquella singular prosa sobranceiramente corredora com fluencias caudalosas de grande rio em cheia. Viram, e admiraram, por certo. Pois bem! Façam o favor de me dizer, abertamente, se acham a *Brazileira* uma perfeita obra *realista*, no sentido acanhado d'esta palavra afamada e tolerada? Não acham! Nem eu, porque o bello romance de Camillo é certamente todo feito de naturalidade e de impeccavel rigor na observação de caracteres e costumes e feitios e paysagens, como acontece mais ou menos accentuadamente em toda a sua grande obra romantica, — mas tem primeiro que tudo o *quê* pessoal e unico, o sello do seu creador que em toda a parte se distingue excepcionalmente. — E deixemo-nos de contos, essa pretenção de fazer de Camillo um submisso enthusiasta do realismo, — ponho sempre esta boa palavra no sentido chato porque a tomam humildemente e de cócoras os mesmos que cultivam a pretenção supradita, — equivale á offenbachiana supposição de que um titan rebellado e indomito e truculento se convertesse um dia prasenteiramente em docil recruta, fazendo conscienciosamente o seu exercicio á voz dos processos!

Demais, este romance encanta e domina pelo incomparavel estylo do mestre. Camillo, quando se não levanta n'aquelles seus vulgares impetos leviathanescos, e não faz paginas d'um estylo que é todo uma ondulação maravilhosa de bronze, flexivel sob o seu rijo pulso, e tornando por vezes os aspectos mais trabalhados d'uma obra prima de Benevenuto, ou tendo, pelo contrario, accidentações sobranceiras de morros que negrejam sob o immenso azul — e que tantas vezes projectam em róda uma sombra mortifera de sarcasmo, ao mesmo tempo que n'aquelles rendilhamentos de phrase metallica a ironia tambem desponta em luminosas agudezas de diamante percuciante,—usa deixar ir derivando lentamente a sua prosa, como uma levada murmurante cortada de espaço a espaço por um espomoso cachão do riso, que repuxa inexoravelmente da singular organisação do seu talento. Então, essa prosa tem uma genial singeleza, potente e muscula, que talvez dê a algum leitor a lisongeada velleidade de se julgar capaz de escrever assim, se lhe aprouver. Ora, o escriptor que consegue dar taes pruridos estonteadores a qualquer lojista ou a qualquer burocrata, attinge a quinta essencia da arte, como insinua o velho Pascal e os senhores sabem perfeitamente.

... Emfim, emfim, a *Brazileira de Prazins* é uma obra diamantina, uma obra de mocidade, mesmo, porque o genio, mau grado do principesco sr. Fontes, continua a operar certos romoçamentos consoladores mais facilmente e primorosamente do que a milagrosa *agua circassiana*.

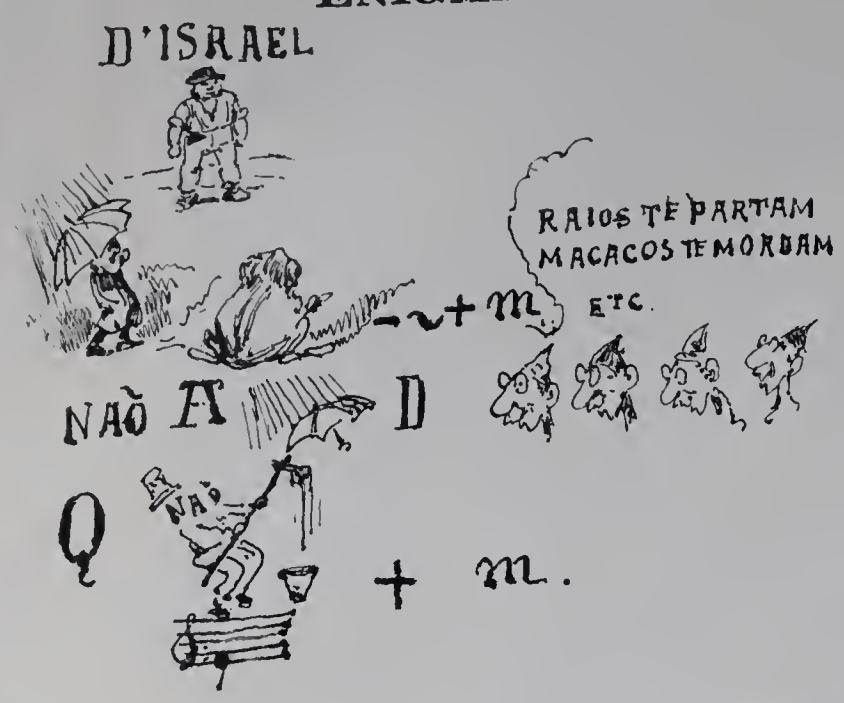


—Com dois *generaes-Eugenios,* já consegui comer-lhe todos os soldados; tenho o penacho quasi nas unhas e não tardará que lhe apanhe tambem a corôa, para realisar o meu sonho, que é ver-me *coronado*...

O ASSALTO

SECÇÃO PITTORESCA

ENIGMA



Decifração do enigma publicado no numero antecedente:

O Fontes quando nasceu
Para a parteira sorriu;
Tão pequeno e tão bregeiro
Que fará em sendo homem...

Recebemos uma decifração quasi completa, mas não conferimos o brinde ao seu auctor, porque não sabemos quem é; e outra do theor seguinte:

«U fontes Quando Deu a lùz do Sol o zaire tão e tão Velho já era sendo que tu dizias ser novo.»

S. C.

Não temos igualmente o gosto de conhecer o senhor *S. C.*, aliás não duvidariamos publicar-lhe o retrato, porque a sua decifração, como enigma, tem muito mais merecimento de que o proprio enigma que lh'a inspirou.

PAN.

Diz o ***Jornal da Noite*** que no Porto uns guardas civis encontraram em differentes logares duas partes do mesmo craneo, que se suppõe ter pertencido a algum estudante da escola medico-cirurgica, que d'elle fizesse uso para estudos anatomicos.

Sabemos á ultima hora ser bem fundada a supposição do *Jornal da Noite* e que o corpo do estudante suspeito se apresentára a reclamar o craneo que lhe pertencia no governo civil do districto, onde é de ha muito conhecido como useiro e veseiro em fazer estudos anatomicos na sua propria pessoa.

O senhor Manoel Augusto dos Santos expoz á venda uns pratos dedicados ao major Quillinan, tendo no fundo o retrato do brioso official, e nas bordas dois versos de Camões, ampliados da fórma seguinte pelo auctor dos pratos:

«Digno feito de ser no mundo eterno»
Que pela patria é decerto o mais moderno.
Com «A lealdade d'animo e nobreza»
Congratula-se a familia portugueza..

Quanto ao producto ceramico, não temos que fazer ao auctor senão elogios pelo seu aproveitavel trabalho; quanto ao producto poetico é que nos parece que Camões não faria peores pratos, se o grande epico se tivesse lembrado de fazer pratos.

No paiz do Syndicato

Visconde de Guedes tomou conta do governo civil e foi para Lamego. O seu predecessor, Moreira da Fonseca, nas horas vagas do serviço governativo, fazia as malas, descia do seu pombal de Campanhã e ia para Lamego. Com todos os diabos! Lamego que foi famigerada na prehistoria nacional pelas suas côrtes; que concorreu mais tarde brilhantemente para as omelettes saborosas com as lascas dos seus presuntos, embirrou agora comnosco em fornecer-nos governadores civis. Pois, franqueza, franqueza: antes as lascas.

Ultimamente a primeira auctoridade do districto fez uma visita de surpreza ao hospital de Santo Antonio e, chegando á cosinha, provou os caldos que achou muito bons. Não sei se esta surpreza ás cosinhas do hospital tem ainda alguma relação com os presuntos de Lamego, mas em todo o caso, um funccionario superior que limita todo o seu furor governativo ao exame das cosinhas hospitalares não me parece bem escolhido nos mirabolantes centros da politica. O restaurant do Palacio de Crystal, o hotel do Porto, ainda o Reimão ou o Sentieiro estavam muito mais na conta.

Eduardo Falcão, o nosso S. Marçal das bombas, instado pelo sr. Correia de Barros, que só pôde ser grande homem no Paiz do Syndicato, apresentou uma lista de bombeiros dignos de serem lembrados á munificencia régia. São 12 pelo menos as condecorações que a munificencia tem de mandar para o Porto! Afinal como pirraça! só para derrotar os aguadeiros.

Guilherme Fernandes lembrou-se um dia de ser jornalista. Foi a Madrid. No emtanto o Falcão apresentava a sua lista. Pagou caro a aprendizagem, o Guilherme.

Desordem no *progresso* e guerra nas colcheias. Adriano Machado diz que é d'elle o centro; o digno par Cardoso diz que o centro é d'elle. A contenda não se resolveria dividindo pelos dois o centro do meio?

Quanto ás colcheias, o debate fere-se a golpes de batuta entre Moreira de Sá e Miguel Angelo. Faz-nos lembrar aquella burlesca batalha ferida ás portas de Bragança entre duas philarmonicas dos suburbios. O saxophone vence sempre. Que dirão sobre tudo isto o bandolim do Nicolau d'Almeida e o copophone do sr. Benjamin?

A nota terrivel foi dada pelo sr. Ernesto Maia, em carta publicada no *Commercio do Porto* do dia 7. Miguel Angelo é cavalheiro galante. Faltar *áquillo* porque é certo não nos parece muito conforme ás leis galantes, posto que, verdade, verdade — a gente tem uma grande birra sempre pela figueira do visinho. Mas doutrinas d'aquellas levadas ao seio das familias pelo morigerado *Commercio*... é até onde póde chegar a devassidão.

Ao prestito civico organisado pela Associação Liberal, tambem concorrerá a Associação Funebre Familiar, segundo vemos nos jornaes. Certamente levará os carros da casa, acompanhados por todos os gatos-pingados na actividade. Não hade ser feio.

O *Commercio Portuguez* noticia que n'um desastre em Lisboa, morreram 15 pessoas, não havendo, felizmente, desgraças pessoaes a lamentar. Se o quizerem melhor chamem o Castanheira da *Vida Moderna*.

Porto, 11 de junho.

João Broa.

Telegramma do Hyppodromo

N'este monte que o sol doira
E de varias cor's esmalta,
O senhor Barata Loira
Não faltou — pois nunca falta.

Mil cavalleiros chibantes,
Cavallos de fina raça,
Muitas damas elegantes,
Varias tipoias de praça...

Ninguem se estendeu de costas,
Os jogos tem 'stado fracos;
P'ra o serviço das apostas
Tem feito falta os patacos...

Pois co'as moedas meudas
Que o mercado agora tem,
As apostas mais taludas
Não passaram d'um vintem...

Refere a *Folha da Tarde*, do Porto, que está no hospital militar d'aquella cidade um soldado com seios de mulher. A coisa de começo causou uma tal ou qual surpreza porque ninguem comprehendia como o brioso filho de Marte tinha conseguido occultar tudo aquillo aos olhos prespicazes da junta revisora; chegou até a aventar-se que o soldado em questão não era outro senão aquelle soldado da revista *Etc. e tal*, que nós conhecemos pelo denominativo de *corista gorda* e cujo extraordinario patriotismo o levára a fugir da companhia do theatro para assentar praça na companhia do regimento. Afinal, descobriu-se que o rapaz é o nosso talentoso collega Gabriel Claudio, a quem o *Antonio Maria* ultimamente apresentára vestido de farda e que por tal fórma sympathisou com aquelle trajo que se resolveu a abandonar o campo das lettras para se internar no campo da batalha. É certo que as lettras muito perdem com a resolução do nosso collega, mas não é menos certo que as armas muito lucram, porque Gabriel Claudio tem um bigode muito rasoavel para a coisa e a respeito de patriotismo ninguem é capaz de lhe pôr o pé adiante...

Virando a casaca

Bazorra, perdendo a fé
No Fontes e sua gente,
Ao partido passa o pé
E ao Vilhena vira o dente.

Ao Fontes rachando em quartos
De atro furor se encarniça
E diz cobras e lagartos
Do ministro da justiça!

De viseira carrancuda
O ministerio condemna;
O Fontes já não lhe gruda,
Já não lhe gruda o Vilhena!...

Ferra o dente curvo e rombo
Qual dente de mastodontes,
Do Vilhena ora no lombo,
Ora no lombo do Fontes,

Contra os dois cruel se inflamma,
Qual d'elles mais espatife,
Ao Fontes patife chama,
Chama ao Vilhena patife...

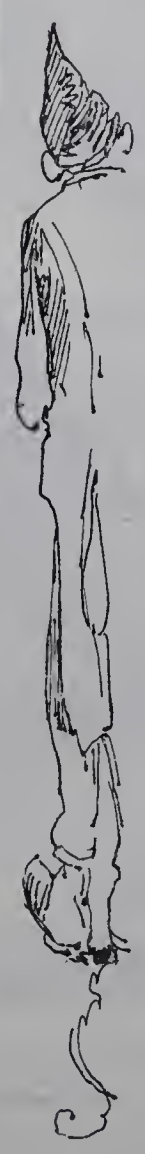
Falla, grita, chia e berra,
Aos dois de ladrões alcunha,
No Vilhena a unha ferra
E no Fontes ferra a unha!

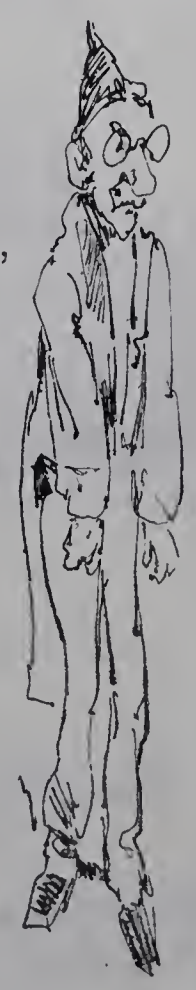
Diz que razão já não ha
Que no partido o conserve;
Fontes não lhe serve já,
Vilhena já não lhe serve!

É mister p'ra tal fugida
Que um grave motivo occorra,
Se ao partido faz partida
O partidario Bazorra...

Se ao Vilhena vira o dente
E se ao Fontes manda á fava,
É que lhe viu um parente
Com que elle já não contava...

Da renhida discussão
O motivo agora bispo:
P'ra o tal parente em questão
Quer o logar de arcebispo...





Pan

O MAGRINI DOS CÃES

Era de prever a *partida* do cão palhaço; quando o Magrini o julgava muito quietinho no seu logar, saltava elle por cima d'um dos criados do circo...

Un, dos, tres, quatro, cinco, seis, sete..... Mi manca un can ! ! !...

MARIANNO CORDEIRO FEIO

Um benemerito homem que se votou com enormes sacrificios á educação dos outros, auferindo por isso limitadissimos interesses, um amigo de uma dedicação como não pode haver outra egual, de uma illustracção tão vasta como pouco commum entre nós os portuguezes, e que elle punha sempre á disposição de todos que o consultassem com o maior desinteresse. Patriota ao ponto que preferio viver na obscuridade para educar os outros a servir logares rendozos que poderia facilmente occupar pela sua muita illustração.

Este homem com o seu pouco dá um exemplo precioso, creando com os seus fracos recursos uma pensão ao alumno que mais se distinguir na cadeira que tão dignamente regia, e ainda auxiliando uma escola liberal. Quanto vale mais isto do que as enormes quantias deixadas por tantos ricos para irmandade e procissões inuteis...

Portugal perde um dos seus cidadãos mais desinteressadamente uteis, nós perdemos o amigo mais dedicado.

DOIS MORTOS NOTAVEIS

Thomaz Soller

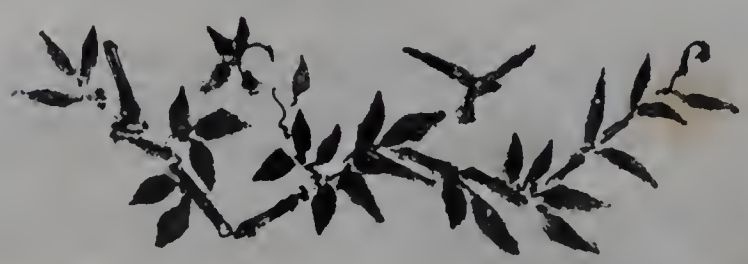
O fallecimento de Thomáz Soller deixou no espirito dos que o conheciam a impressão que fica sempre quando vemos apagar-se um talento robusto de cuja actividade resoluta havia ainda bastante a esperar, além do muito que já nos havia dado.

Para que nada faltasse á sua individualidade de artista perfeitamente accentuada, Thomaz Soller legou aos seus as duas unicas coisas que constituem geralmente o espolio dos verdadeiros artistas: um bom nome e o recurso d'uma subscripção publica.

Marianno Feio

Marianno Feio era o homem mais extraordinariamente original a quem temos apertado a mão. Quem o conhecesse superficialmente suppunha-o uma nullidade, e era um talento; quem o observasse assistindo a uma discussão com o olhar indifferente e a placidez muda dos ignorantes, ou aventando apenas umas proposições ligeiras, julgava-o um insignificante, e era uma illustração! Quantas vezes, depois de encerrada a discussão em que se conservara calado, elle destruia em cavaco intimo toda a argumentação dos mais acalorados oradores... Na sua vida particular, não tinha regra para coisa alguma: deitava-se a qualquer hora, passeiava a qualquer hora, almoçava ou jantava a qualquer hora; uma fatia de pão com mostarda e um copo de agua fresca constituia para elle uma das mais soberbas refeições de que a culinaria possa ter-se lembrado!

Foi ainda uma originalidade, mas uma originalidade benemerita, que o levou á cova. Por occasião do fogo na Margueira, Marianno Feio, que já se achava doente bastante, levantou-se da cama, saiu para a rua, atravessou o Tejo debaixo d'uma corda d'agua formidavel, e lá passou horas e horas n'aquelle trabalho violento cuja paga devera ser alguns palmos de terra no cemiterio dos Prazeres... Foi ahi que o deixámos ha pouco, viuvos da sua amisade preciosa e do seu bello talento modestissimo que tantas vezes apreciámos invejosos...



A RECUSA DO PAPA

De quem chegando ao cabo de uma empreza não consegue ver-lhe os fructos se diz que *foi a Roma e não viu o pápa.* Não suppomos que a viagem de sua magestade a rainha tivesse por fim exclusivo esse piedoso intento, mas o que temos por certo é que elle fazia parte do itenerario da real forasteira, visto como se não solicita o que não se deseja e sua magestade solicitou, e solicitou com empenho, uma audiencia do santo padre. Mas sua Eminencia, que de mundano tem apenas o feitio exterior, e como tal não lê pela cartilha de João Felix Pereira que nos manda receber com agrado quem nos procura em nossa casa, respondeu redondamente que NÃO, como o credor desapiedado que se recusa a fallar ao devedor para não conceder mais moratorias.

Parece que sua magestade tentou ainda um ultimo esforço appellando para as prerogativas não de rainha nem de mulher, mas de *anjo da caridade,* o que devia garantir-lhe o accesso junto ao procurador da corte do ceu; o Eminentissimo porém, contando-lhe que o *anjo* não tinha azas, ou, se as tinha, trazias por commodidade no saco de viagem, de envolta com as camisas de dormir; declarou terminantemente que não recebia anjos sem azas e deixou ficar a rainha á porta da rua!

Ao passo que o santo padre recusava audiencia em sua casa á primeira personagem d'um paiz, parecendo insinuar que esse paiz se achava banido pela sua impiedade da lista dos catholicos, o mesmo paiz, mais catholico de que nunca, reunia na sua corte associações religiosas onde a fina flôr devota das mais illustres matronas ia ouvir dos labios nacarados de padres diamantinos e seraphicos doutores a apologia das fogueiras inquisitoriaes e a excommunhão das operetas de Fransisco Palha...

Não comprehendemos pois muito perfeitamente como foi que sua Eminencia, a quem tão farta copia de adeptos venera n'este cantinho do occidente, teve animo de desconsiderar o citado cantinho na pessoa da sua regia representante, mas acreditamos que para tal desconsideração houvesse motivos de sobejo, vista a attitude indifferente do governo que felizmente nos rege e o silencio sepulchral da imprensa que o mesmo governo advoga.

Isto posto, e uma vez que as bôas relações com a egreja e com o pápa valem aos olhos dos que entendem da poda bem mais de que o brio de uma nação e a dignidade de uma rainha, só nos espanta que sejamos nós quem venha á liça quebrar lanças por tal rainha em quanto os caudilhos officiaes das tropas reguengas se deixam ficar em casa mettendo a viola no sacco...

PAN.

Gritam os jornaes de Braga e de Guimarães, indignados porque a senhora D. Maria Pia offereceu á Virgem das Capuchinhas um vestido de que sua magestade já fizera uso em bailes da côrte.

Não podemos garantir a veracidade do que affirmam aquelles periodicos, mas, a ser verdadeiro o que dizem, parece-nos bem fundado o devoto borburinho. Uma princeza que usa presentear as suas criadas com vestidos apenas saídos da modista, só porque um *puff* não estava bem no seu logar, ir agora offerecer á Virgem das Capuchinhas um vestido ainda rescendente ao sovaquinho das contradanças francezas!!! Talvez que o caso não brade aos ceus, mas brada com certeza ás lavadeiras de Caneças...

Santa gente!...

Em pagode reunidos
Os catholicos da gemma,
Sem que um só desmaie ou trema,
Nos seus brios conhecidos,

Preparados com jejuns,
E vendo a fé ás aranhas
Botam arengas tamanhas
Como as orelhas d'alguns.

Este, atreve-se a dizer
Que onde ha frades tudo medra
E que na patria os quer ver,
Sem excluir os de pedra.

Aquelle diz que ergue a grimpa
A impiedade na nação,
E que seria obra limpa
Pôr de pé a Inquisição.

Aquell'outro se esganiça
Em razões de muito preço,
Para mostrar que o progresso
Resulta de muita missa.

.....

E até uma alma singella
Teve a lembrança guapa
De mandar chamar o Papa
Para benzer o Alviella.

Em vista da infinidade de cães damnados que ultimamente percorre as ruas da cidade, sem que a policia se dê o trabalho de tomar providencias, porque a policia é muito respeitadora do proloquio de que os lobos não se comem uns aos outros, o *Antonio Maria* trata de descobrir o unico meio de passeiar em segurança pela cidade de Ulisses, e offerece-o como brinde ás canellas ameaçadas dos seus leitores de ambos os sexos.

Grande tio!

Da terrivel durindana
O féro Bazorra saca
E aos seus amigos ataca,
Porquê?! — Já corre um Zum Zum
De que elle, com a catana,
Pretende abrir os caminhos
Para dar aos seus sobrinhos
Um bispado a cada um.

.....

Que pena que elle não possa
Com suas sanhas guerreiras,
Erguer as apalpadeiras
A tão subido logar!...
Sim... porque (livre de troça)
Pelas *barreiras* da egreja,
O contrabando sobeja...
E não falta que apalpar!

SECÇÃO PITTORESCA

Enigma

Recebemos do anonymo *L. P. A.* um bem desenhado enigma que a nossa comprovada modestia nos impede de publicar, mas que cordealmente agradecemos.

Recebemos igualmente um numero infinito de decifrações do enigma publicado no numero antecedente, sendo as primeiras de *Antino Vigas* do *Pimpão*, de *Vampiro* do *Jornal da Noite*, de *Claudio* (não sabemos se é o Gabriel...) de *Zangado*, que confessa dever-nos os poucos momentos alegres da sua vida, o que nos fez inchar mais do que a rã da fabula, de *Sybillante*, do *Fradinho do Carmo*, que pelo retrato que nos mandou desconfiamos ser descendente do *Fradinho da mão furada*, de *Choraalto e Luiz d'Azambuja* que teem uma calligraphia muito superior á de fora de portas de *M. R*; e, finalmente, de *Micromegas*, cuja decifração vem glosada e por isso a publicamos em seguida:

MOTE

Sobre o povo d'Israel
Choveram pragas sem fim;
Não ha chuva de Bazorras
Que não caia sobre mim.

GLOSA (DO FONTES)

Fui-me deitar tão zangado
Que de mim fugia o somno;
Pois só pensava no throno
Em que me qu'ria sentado.
Emquanto estive acordado
Foi meu tormento cruel;
Eis me vem do somno o mel,
Eis principio a dormir;
Sonhei co'o que 'stá p'ra vir
Sobre o povo d'Israel.

Foi meu prazer augmentando,
Oh! quanto é feliz quem sonha!
Com astucia e muita ronha
Cá me fui empoleirando;
Fui os degraus apalpando

(CONTINUA)

JOVEN LILIO

Solitario e delirante passeiando em seu jardim.

POR DIANTE E POR DETRAZ

Por diante, o ceu aberto das melodia de Schubert, por detraz... o que se está vendo...

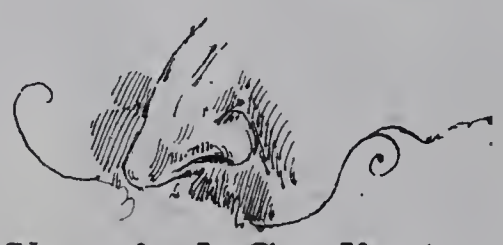
Do mais polido marfim;
Mas chegando ao galarim,
Que... raiva! a pino voltei!...
No mesmo instante acordei...
Choveram pragas sem fim!

Raios parta os da patrulha,
E todos que me perseguem!
Que os demonios te carreguem
Meu Bazorra, porco e grulha!
Que os da Granja, malta pulha,
Morram em fundas masmorras,
Que sejam feitos em borras,
Vão p'r'os quintos dos infernos...
Onde os calor's são eternos,
Não ha chuva de Bazorras!

Inda hei-de achar n'este mundo
Um sceptro e c'rôa sem dono,
Sentar-me depois no throno,
Gesto irado e não facundo.
De Bazorra, porco, immundo,
Farei Roberto pim-pim;
E tendo chegado alfim
Das honras ao apogeu,
Não haverá bem do ceu
Que não caia sobre mim!

Em vista pois da alluvião de decifrações, resolvemos fazer com o brinde promettido o mesmo que o monte-pio geral tem feito com as pensões estipuladas, reduzindo-o ao ponto de não publicarmos senão os narizes dos sagazes caçadores, o que será bastante para que o publico os conheça por isso como, se pelo dedo se conhece o gigante, mais facil deverá ser o reconhecimento pela penca...

PAN.



No paiz do Syndicato

Na associação liberal vae uma azafama de todos os diabos. Trabalha-se de dia. Trabalha-se de noite. D'esta vez sempre a hydra da reacção entrega a alma — se é que a tem — a Belzebuth. Esfregam-se as antigas e heroicas espingardas de pederneira. Esfregam-se as altas barretinas emplumadas. Esfregam-se os sacca-trapos, as durindanas, os boldriés. Tudo se esfrega.

Opéra-se um renascimento no arsenal de Lordello. No seu furor malhadiço os veteranos da Liberdade, os defensores da Patria — upa! upa! — os esteios da casa de Bragança pretendem derrotar o presente com o espectaculo das passadas grandezas bellicas.

E tanto assim que até já ha fortes pedidos de hydrangeas azues e brancas.

Isto não dá força, mas dá côr historica. E a côr historica é tudo. O que seria dos veteranos se não fosse a côr historica? Fazia-lhes mais falta do que o Castello do Queijo. Assim a direcção liberal, em preparação para o grande prestito civico do dia 9 de Julho, trabalha de dia; trabalha de noite.

Já não corre senão pela antiga *casta* do Covello e das Guellas de Pau. Um telegramma das avançadas do Reimão, dizia, concisamente: «Mayonnaise derrotada; em toda a linha vence a caldeirada de sardinhas com tomates. Nicolau d'Almeida ainda resiste; mas Zé Guilherme, o canhoto, prepara-lhe uma empreza triumphante: o hymno da Carta em bandolim com acompanhamentos de birimbáu.»

É mais uma victoria alcançada pelos valentes da Terceira sobre o espirito moderno em Portugal. E fallam com desprezo dos nossos homens e das nossas coisas, quando se dignam pôl-as em confronto com as *instituições* e os salvadores que saltaram no Mindello. A artilheria moderna, toda ella, não vale um caracol, comparada com o *Paulo Cordeiro*. Do castello de Gaya — pum! pum! — alcançava até ás baterias da Torre da Marca. O Antonio Candido, por mais rhetorica que queime e por mais bifes que absorva, é lá alguem ao pé do padre Marcos, que abandonava a meza do rei-soldado para beber e comer á farta, na meza dos herejes!

E — aqui para nós — em exercito flamante que por ahi vemos, fazendo namoro ás criadas de todo o serviço, fumando cigarro com ares conquistadores, póde metter-se de paulha com os malandrins das hostes de D. Pedro que encheram de freiras, na Terceira, as suas tendas de campanha? Maganões.

Pois é verdade: o dia 9 de julho d'este anno vae ser um dia de reinação completa. O Bernardino Pratti, que fazia lamparinas e que agora é o escriptor laureado da Associação, já o disse no seu communicado annual: é preciso que os nobres habitantes concorram todos para a celebração de tão grandiosa data.

Por estas razões, como dissemos no numero antecedente, todas as associações portuenses notificaram que tomariam parte no prestito. A *Associação Timbre Familiar* já vimos que tambem se fará representar.

Agora apparece outra que de modo algum quer ver postos em duvida os seus sentimentos liberaes: é a *Sociedade Parturiente Timbre Familiar*. É coisa averiguada que tambem fará parte do cortejo, segundo consta do seu officio de tantos do corrente. Todas as parteiras, de mantilha de lapim, seguirão atraz do carro symbolico, representado por um grande biberon, cheio de geleia envenenada.

Alguns membros da direcção queriam que o biberon, fosse cheio de leite com assucar, partindo do bojo diversos tubos de gutta-percha nos quaes iriam chupando todos os veteranos graduados: mas o presidente n'um bem elaborado discurso, provou com documentos que a sociedade não era apenas *parturiente*, mas tambem *funebre*. A geleia envenenada foi votada por grande maioria.

Ladeando o carro symbolico, irão duas das parteiras mais desastradas da cidade, levando na mão grandes porrões de vidro, com as fitas da Liberdade e do Senso Commum conservados em alcool.

As outras, na mão não levam nada.

Deve ser uma grande festa uma grande e digna festa.

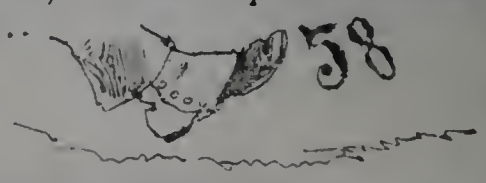
Porto, 19 de junho.

JOÃO BROA.

O Herodes de Belem, logo que lhe constou a recente vaga na redacção da camara dos pares, foi ter com o senhor Fontes, exigindo a *posta* em remuneração dos seus serviços. O senhor Fontes consultou a conta corrente dos compadres e disse para o Herodes:

— Por ora não póde ser; você é o numero 58, por consequencia tem de esperar a sua vez...

Mas o Herodes recalcitrou e taes empenhos arranjou para o capataz Barjona que este fez batota no chafariz e lá metteu o barril do Herodes á bica com prejuizo dos dos companheiros. D'ahi, a celeuma que reina entre os agoadeiros preteridos...



Oh... quem déra!

Diz alguem que o pae dos Russos,
O que lhes dá as venturas,
Parte co'as mãos ferraduras
Como eu nozes com os dentes!
Parte moedas de prata
Com os seus dedos sem calos...
E até levanta cavallos
Entre os joelhos valentes!

Que ventura para um povo
Que da guerra affronta as lides,
Ter por monarcha um Alcides
Capaz de a todos rachar!...
Ah! que se o mudo de Alcantara
Co'o sceptro na unha *gimbrára*,
Outro gallo nos cantára...
Lá essa posso eu jurar!

Quem déra que Dom Zilu
Partisse á mão ferraduras...
Pois de erguer *cavalgaduras*,
Lá d'isso é elle capaz!...
Não sei se o pimpão da Russia,
Sempre em taes emprezas prompto,
Será capaz n'esse ponto
De desbancar o rapaz!

Salão da Trindade

Com a estreia da *Companhia hespanhola de canto e baile* parece que se mudou para ali o paseo de Rilhafoles, na ausencia do doutor Craveiro.

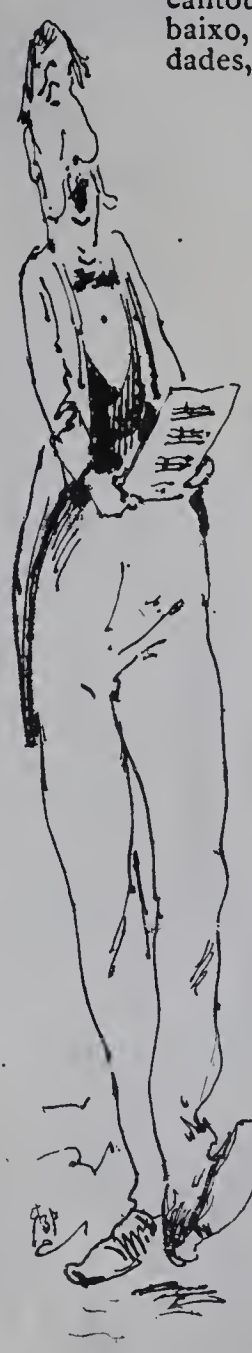
E' um inferno de todos os diabos!

Mas ao menos é um inferno appetitoso onde ninguem se daria de representar o papel do proprio Belzebuth...

Na impossibilidade de darmos o esboço de toda a companhia, damos comtudo o retrato da *niña mas hermosa, mas graciosa, mas garbosa y mas salerosa* d'aquella *troupe* espaventosa.

Jesu Nazareth

Traducção ao pé da lettra, d'este romance de Gounod, que sua alteza o sr. infante D. Augusto cantou com a sua bella e formosissima voz de baixo, no concerto dado no Paço das Necessidades, quinta feira passada.



Que vida passo!
Jesu! que faço
Aqui no Paço
Cantando assim!
Sei que sou testo,
Porém, de resto,
P'ra nada presto...
Zum! Zum! Zim! Zim!
Ah! (*nota prolongada.*)
O' Bonaparte,
Quero imitar-te
Se não na arte,
No nome só.
P'ra que esta gente
Conserve em mente
Que sou valente...
Zum! Zum! Zó! Zó!
Ah! (*idem se faz favor*)

Este arreganho,
Este tamanho,
Este ar estranho
D'alvar será?
Não é decerto,
Mas d'um esperto,
De olhinho aberto...
Zum! Zum! Zá! Zá!
Ah! (*mais uma vez por obsequio*)

Ninguem sabia
Que ainda um dia
Eu cantaria
E então, *Jesu?!*
Bem sei que tenho
Um grande engenho.
Sou *pão?* Convenho.
Zim! Zim! Zú! Zú!
Ah! (*é só esta vez e disse*).

FRANCISCO.

Os novos uniformes da engenheria militar-civil

O FACA DE MATTO, COMPANHEIRO DE JOÃO BRANDÃO

Devido á extrema amabilidade do doutor Agostinho Duarte da Cruz, que muito nos penhorou e a quem agradecemos cordealmente, acabamos de estar cara a cara com esse homem a quem a voz publica attribue os mais horriveis crimes e que segundo as apparencias indicam parecia querer entrar no caminho da regeneração.

HOSPEDES ILLUSTRES

Arthur Napoleão: A artena ponta dos dedos; quando corta as unhas caem-lhe no chão fragmentos de melodias de Schubert; quando passa os dedos pelo teclado faz-nos esquecer e perdoar a todos os pianos da rua dos Fanqueiros; seria capaz, se se mettesse n'isso, de fazer vibrar a tecla do sentimentalismo no coração empedrenido d'um senhorio! Infelizmente partiu já, não chegando ao menos a aquecer o logar do banco de piano.

O doutor Sobral: Uma população enferma chama-lhe *o seu anjo salvador;* de anjo não terá elle cara, mas tem-n'a de bom homem que é bem melhor de que isso; os que elle trata sentem ao curar-se a saudade de não ver mais debruçado á cabeceira do leito aquelle rosto de expressão rasgada e suavissima que lhes fôra balsamo em momentos de agonia.

O capitão Salvi: Quando nasceu, grudaram-n'o a um cavallo e largaram-n'o por esse mundo fóra; nunca mais se despegou e tem dispendido em calções de malha o decuplo do que nós gastamos em sapatos de sola e vira

Os Andrades: Conta-se d'elles uma lenda maravilhosa: deixaram a patria e andaram lá por fóra, a correr terras, espalhando e fazendo crer por toda a parte que em Portugal se estuda, se trabalha e se tem talento!

Francisco Michel: Um chimico notabilissimo que veiu a Portugal exclusivamente para fazer experiencias sobre generos falsificados e que tão farta copia de exemplares encontrou para os seus estudos que resolve necessariamente acabar os os seus dias entre nós.

AS FARPAS

Saiu o n.º 3 da 4.ª edição d'esta publicação interessantissima. Furtamos-lhe um bocado, poupando-nos a considerações porque fazel-as seria deitar sal na comida bem temperada.

A corrupção do mestre pelo alumno tem sido por vezes vantajosamente intentada, com resultados satisfatorios para a razão e para a humanidade.

Cumpre-nos sobre este ponto referir á vossa alteza o que succedeu com a educação do fallecido marquez de Niza, um dos raros e derradeiros homens de espirito que produziu a aristocracia portugueza para encanto do mundo elegante na Europa e para horror o escandalo da côrte gêba e caturra dos paes de vossa alteza. A velha e veneranda senhora marqueza de Niza, avó do actual conde da Vidigueira fidalgo da casa de vossa alteza, tinha sobre a educação do seu filho os mesmos preconceitos lamentaveis que affligem o coração amantissimo da mãe de vossa alteza. Para dirigir a educação do joven marquez veiu expressamente de Roma para o solar dos Nizas, auctorisado por um breve pontificio, o mais sabio o o mais veneravel dos monges toscanos. A presença austera do abalisado pedagogo, a sua fronte pensativa e pallida, a sua longa barba negra esparsa no escapulario do habito, a compostura das suas maneiras, o recolhimento singelo do seu porte, a alta e preciosa cultura do seu espirito encyclopedico e a sua extremada devoção, puzeram em todos os velhos parentes da familia um sentimento profundo de respeito, de veneração e de confiança illimitada.

Nos intervallos dos exercicios litterarios e dos exercicios religiosos, quando o monge depois de haver feito a sua lição de musica, tomava elle mesmo a rebeca do seu alumno e acordava n'elle os primeiros sentimentos estheticos, tocando por sua mão um *nocturno* ou um *tremolo*, era tão viva e tão pungente, sob a vibração do seu arco magistral, a voz do violino, que não só o pequeno marquez impallidecia, tocado de uma nova e extranha commoção mysteriosa, mas a propria senhora marqueza chorava, docemente enternecida, subjugada pela expressão penetrante da melodia que o grande artista, humildemente occulto sob a roupeta d'esse frade, espargia em torno de si n'um lento soluço orvalhante de perolas.

Terminada a educação theorica, era preciso completal-a na pratica por meio de uma viagem na Europa, e o marquez de Niza, abençoado por sua mãe, purificado pela eucharistia e pela confissão geral, partiu para Paris com o seu preceptor.

Durante os primeiros mezes correu tudo n'uma serenidade e n'uma ordem verdadeiramente claustral. O preceptor escrevia por todos os correios. O menino, cada vez mais comedido, mais respeitoso e mais temente a Deus, parecia disposto a passar, sem solução de continuidade, da innocencia de um cherubim para a santidade de um doutor da egreja. Depois, a pouco e pouco, foi successivamente diminuindo o numero das cartas e augmentando o numero das contas. Os dois poços do santidade tinham-se convertido em dois sumidouros enormes de dinheiro. A senhora marqueza queixava-se repetidamente com severidade cada vez mais acrimoniosa. Chegou afinal uma carta do padre. Explicações evasivas, e razões debeis, com um perfume fortissimo de *patchouli*, que era então o cheiro da moda, o cheiro *selected*, o cheiro *v'lan*, segundo o termo com que mais tarde o galante rei da Hollanda tinha de enriquecer o vocabulario precioso do cocodettismo. Depois do que, nunca mais o ecclesiastico escreveu. Acabou-se, em ultimo recurso, por suspender toda a remessa de numerario para Paris. Mas nem esta suppressão violenta dos meios determinou uma mudança sensivel em tão lastimoso estado de coisas. Para obter noticias positivas do marquez de Niza e do seu aio foi preciso mandar de proposito a Paris o procurador da casa, e só então se veio no conhecimento do occorrido.

O veneravel monge, depois de ter sido uma noite rebaptisado a champagne n'um gabinete do café inglez, esqueceu-se do barel pendurado no cabide d'esse gabinete, e fez cavalheirosamente presente d'elle ao *maître d'hotel* quando este lh'o quiz restituir na noite immediata. Depois, por um louvavel sentimento de respeito pela inviolabilidade sacerdotal, deitou abaixo inexoravelmente as suas barbas d'asceta, profanadas á traição pelos beijos de varias bailarinas que o adoravam, e guardou unicamente, como symbolo da rigidez dos seus principios, um severo e implacavel bigode.

Mais tarde, quando chegou a noticia terminante que de Lisboa lhes não enviariam nem mais dez réis, o marquez tremeu. O padre então ralhou, fazendo observar que seria preciso que elles fossem ambos dois pulhas indignos para precisarem para alguma coisa do dinheiro da senhora marqueza; que seria preciso ainda que essa senhora houvesse sido miseravelmente roubada durante todo o tempo que durara a educação do seu filho, para que tanto elle como o seu mestre não estivessem perfeitamente habilitados a ganhar a sua vida pelo trabalho em qualquer parte do mundo onde a senhora marqueza se dignasse de os abandonar.

E em seguida, mettendo as caixas das rebecas debaixo do braço e acendendo uma cigarrette, foram ambos apresentar-se ao director de um theatro que os escripturou como violinos.

Depois do espectaculo, um tanto ebrios da commoção capitosa da musica que tinham feito ao lado um do outro, sahiam juntos, offereciam o seu braço com a galanteria do meridionaes as duas actrizes que por ventura se encontrassem n'essa noite ainda mais pobres do que elles, o iam juntos beber a sua *chope* em *partie carrée* na calmante frescura dos boulevards.

RAMALHO ORTIGÃO.

No paiz do Syndicato.

O Porto possue uma região de sombras e mysterios, ta qual como os poemas de Milton e do Dante.

Eu não sei se no Palacio de Crystal Portuense perpas sam, nas longas avenidas silenciosas, os vultos austeros do grandes homens, mas a phisionomia concentrada e melan cholica das cegonhas, que andam alfinetando philosophi camente as varzeas arenosas, (estylo cheio), póde muit bem mascarar a solução de profundissimos mysterios, tra duzir os problemas insondaveis da idade do ôsso. Os por tuenses procuram o Palacio do Crystal com a gravidad com que se visita um cemiterio illustre; a alma confrange se assoberbada pela negrura d'aquella vegetação; os olho vogam por aquelles panoramas callados como se perco ressem uma charneca desolada do Alemtejo; a voz em mudece nos labios, e os raros solitarios que alli vão toma aquelle banho de *spleen*, exprimem apenas por gestos a sombras ideiaes que se levantam no cerebro, como a rendas do nevoeiro matutino se vão alando vagarosamen pelas colinas arriba. O frequentador d'essas regiões, tard ou cedo, vem a morrer suicidado. O Palacio é a ante camara da Eternidade; lá em baixo — o golfo, o abysmo isto é — a rua da Restauração. E nada ha de mais cru para a alma humana; nada mais angustioso, mais amarg mais dilacerante, do que vêr o sr. Vieira da Cruz, com um urubù de mau presagio, caminhar caladamente e tri temente pelas ruas sombrias de tão tristonha morad Vendo passar por diante de nós aquella figura *de neg vestida*, vêm-nos á ideia o *Noivado do Sepulchro*, histori de almas penadas, um discurso do sr. Adriano Machad o *Diccionario de Frei Domingos Vieira* e o espectro d sr. Hintze Ribeiro, que é o *Manfred* da situação. Depo d'isto a ideia do suicidio é logica, é fatal, é inevitavel.

Na semana passada percorremos, cheios de tristeza e lagrimas, a Penitenciaria Recreativa que deixamos desc pta.

O silencio absoluto, a quietude funebre dos jardins, d bazares, dos escriptorios, o piau-piau dos pavões, a que soporifera da agua dos chafarizes, a marcha compassa e aborrecida dos guardas não desdiziam das tradições a gustas do seu passado. Todavia, em diversos jornaes s rios, no dia seguinte áquelle em que eu estive a d dedos do precipicio, li com assombro:

«A gerencia do Palacio de Crystal em vista dos inn meros pedidos que tem recebido do reino e do estra geiro, e não lhe sendo possivel dar cumprimento de pro pto aos mesmos, resolveu addiar a grande loteria.»

A companhia de zarzuela que tem feito as delicias publico do Baquet, tem dado margem a finezas de pa a parte, que é mesmo um louvar a Deus. O sr. Henric Marinho até já deu soneto em gallego, perdão! em cas lhano, e o pretinho Ricardo Bartol, *por amor á sua patr* tem tapetado de flores aquella estrada da arte. Em co pensação, D. Eulalia e D. Francisca dispendem uma quantidade de sorrisos pela platéa, que até fizeram ren çar o joven ancião Soares de Meirelles, elle, o victori e pudico luctador de tantos combates lyricos! Para mulo de gloria, o homem da empreza offereceu um es ctaculo em beneficio da Associação dos Jornalistas, mandou para o palco uma mensagem de agradecime tocantissima. Um dos periodos dizia:

(CONTINUA)

O tecto do tribunal de justiça, por Malhôa e Cotrim

É um trabalho magistral e por onde se revela que as bellas artes em Portugal ainda encontram, uma vez ou outra quem as cultive com proveito. Cansa-se o pescoço, sem se cansar o espirito, de contemplar aquelle formosissimo trabalho, chegando-se por vezes a invejar a sorte das moscas, a quem é dado passar um dia inteiro agarradas áquelle soberbo tecto...

LA COUR I

(De Notre I

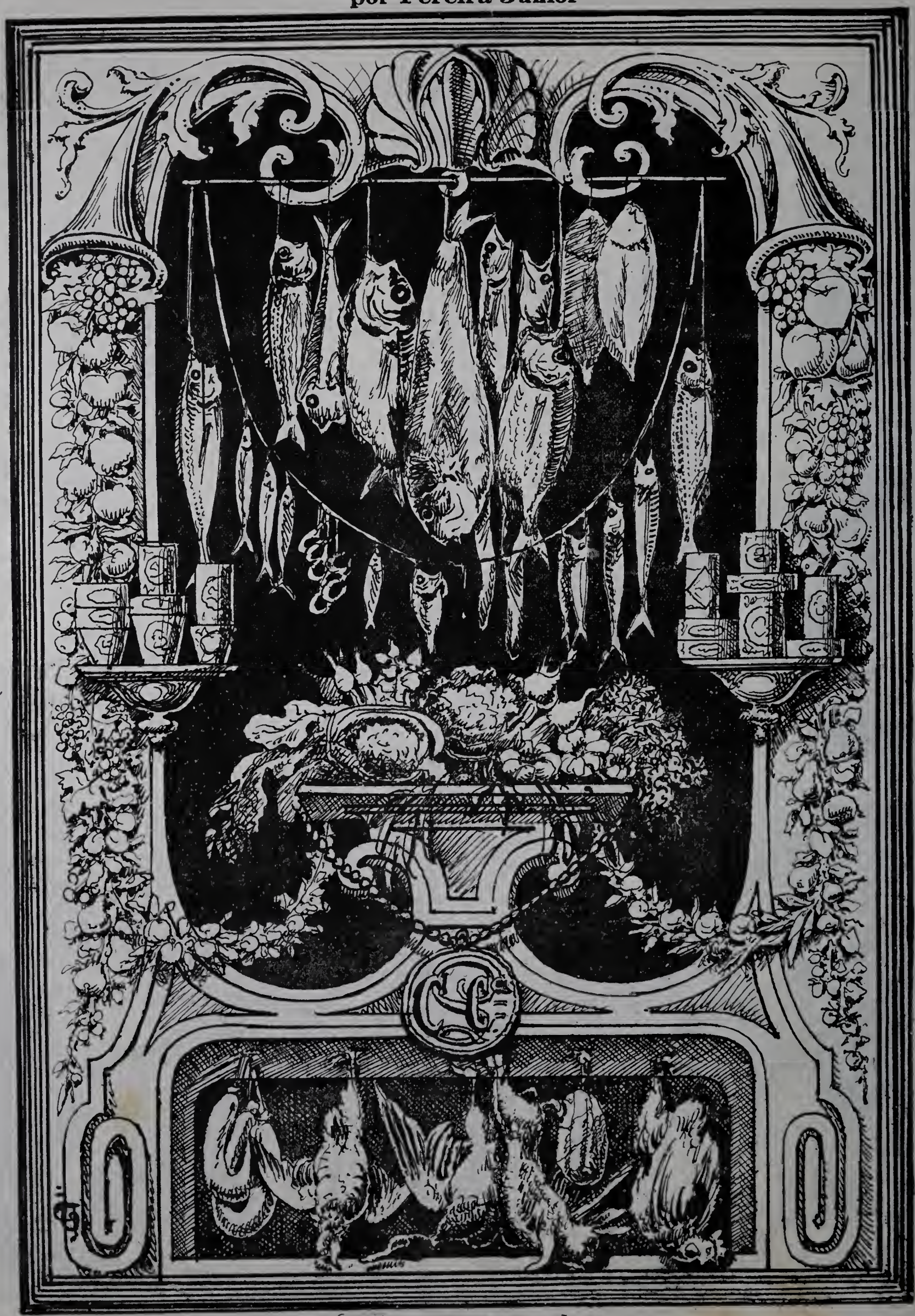
Em vista dos recentes roubos de inscripções, emboscadas politicas, letras falsas, reformas de engenheria, e os representantes de todas as classes sociaes se exercitam a tirar a bolsa da algibeira do *boneco* sem fazer tocar

RACLES

Paris)

ntilezas de que a policia tem tomado conta, não duvidamos affirmar que existe em Lisboa uma *cour des miracles* onde

A taboleta para a fabrica de conservas de Leal Costa, & Comp.ª por Pereira Junior



Chega a illudir o frescor d'aquellas hortaliças e resalta a vida d'aquelles peixes; está a gente á espera a cada momento que elles agitem as barbatanas e se ponham a passeiar pela taboleta como qualquer por sua casa... Se Leal Costa os temperasse n'aquella soberba conserva que só elle sabe fazer, apostamos em como todos os comiam como verdadeiros peixes de carne e espinha...

«Vós outros, os que trilhaes as sendas da civilisação, espalhando as flores do agrado (?), reconheceis assim e affirmaes a intima união que vos prende *aos que vamos* na vanguarda das conquistas do espirito humano.»

N'este ponto da leitura o sr. Apolino dos Reis olhou para o seu collega Castanheira e sorriu victoriosamente.

O sr. Egydio de Azevedo, ex-famulo do ex-arcebispo de Braga, tem traduzido no *Commercio Portuguez* renhida controversia com a ex.ma sr.a D. Olivia Telles da Silva Menezes, sobre o thema *A vaidade do homem,* que terminou pela derrota posthuma... sabem de quem? de Sansão!

«E que applicação, diz a sr.a D. Olivia, teem as lições de correctivo á vaidade applicadas á joven de Thamuata? Vaidosa, porque ella enfeitava de magnolias os seus cabellos, em quanto que os de Sansão se lhe estendiam sem enfeites? Se querem, tirem-lhe essas flores e colloquem-n'as na cabeça de Sansão.»

Tem razão a sr.a D. Olivia. Sansão com flores de magnolia na cabeça devia fazer, pouco mais ou menos, a figura do commendador Carneiro, coroado de rosas-chá.

O sr. José Caldas, que me dizem ser redactor politico de um jornal regenerador, escreveu na *Bibliographia Portugueza e Estrangeira* um artigo em que diz que «a sociedade moderna se aluga na politica.»

É terrivel este sr. Caldas! Principalmente quando falla da sua pessoa.

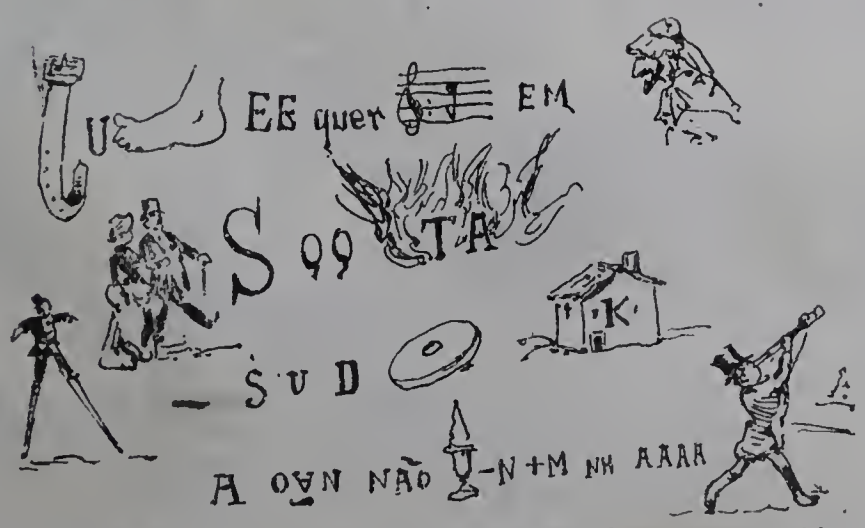
Porto, 26 de junho. João Broa.

Salão da Trindade

No proximo domingo, 1 de julho, realisa-se ali um concerto extraordinario promovido pela sociedade *Concertos de musica de Camara.* Para evitar equivocos, prevenimos os nossos leitores de que o senhor *Camara que saiu* não entra nos Concertos de Musica de Camara.

SECÇÃO PITTORESCA

Enigma



O enigma publicado no numero antecedente era um pocochinho mais duro de roer de que os que o precederam, de forma que só recebemos decifrações *quasi certas* de *Zangado* e de *Claudio* (que já mostrou documento comprovando não ser o Gabriel) e apenas deu no vinte o nosso collaborador *Francisco,* cuja decifração e respectivas glosas publicamos em seguida.

MOTE

N'este paiz de compadres,
E d'eleitoraes engodos
Basorra emprega as comadres
E o Fontes é pai de todos.

GLOSA

N'esta patria das boninas,
N'este solio abençoado,
N'esta terra das *cardinas,*
N'este torrão encantado,
N'este berço tão preclaro,
N'este lar d'Antonio o Caro,
N'este céo de tantos padres,
N'esta nação das arabias,
N'este reino de mil sabias,
N'este paiz de compadres;

E de ministros d'estado,
E de vates trovadores,
E de tocador's do fado,
E de casas de penhores,
E de grandes orçamentos,
E de namoros aos centos,
E de *parvonezes* todos,
E de cem milhões d'alferes,
E de homens que são mulheres,
E de eleitoraes engodos;

Bazorra emprega dois fetos,
Bazorra emprega o criado,
Bazorra emprega alguns netos,
Bazorra emprega um cunhado,
Bazorra emprega a parteira,
Bazorra emprega a *sopeira,*
Bazorra emprega cem madres,
Bazorra emprega o seu cabo,
Bazorra emprega o diabo,
Bazorra emprega as comadres,

E o Fontes é o pai da guerra,
E o Fontes é o pai do *Topa,*
E o Fontes é o pai da *berra,*
E o Fontes é o pai da tropa,
E o Fontes é o pai da gracha,
E o Fontes é o pai da tacha,
E o Fontes é o pai d'engodos,
E o Fontes é o pai do entrudo,
E o Fontes é o pai de tudo,
E o Fontes é o pai de todos.

Recebemos tambem, á ultima hora, as seguintes decifrações, assignadas por *Chuan de Bigas,* e que pela sua originalidade não podemos deixar de publicar:

«Anselmo quer o poder,
Fontes não o quer largar,
Zé povinho não sabe
A qual ha-de confiar e votar»

«Basorra vira a casaca
Araujo não está contente
O prior já todo alegre
Dá vivas á sua gente.»

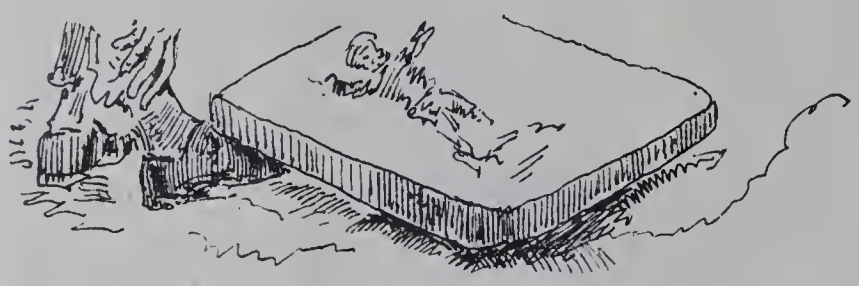
Isto é que se chama vêr os objectos dobrados... Nós fizeramos apenas uma quadra, e *Chuan de Bigas* viu logo duas; e não viu vinte ou trinta, porque o bilhete postal de que se serviu não tinha espaço para mais... *Argus* tinha cem olhos; *Chuan de Bigas* tem cento e um, e vê por todos elles...

Pan.

O SEGUNDO DESASTRE DO PÉ

Apesar de havermos entrado *com o pé direito* no caminho das quebradellas, nem por isso temos sido mais felizes...

Ainda mancavamos do direito, quando uma pedra, do tamanho da Pedra de Alvidrar, nos desabou sobre o sapato do esquerdo, curando-nos radicalmente de todos os callos. Agora é que ficámos a valer *com a pedra no sapato...*



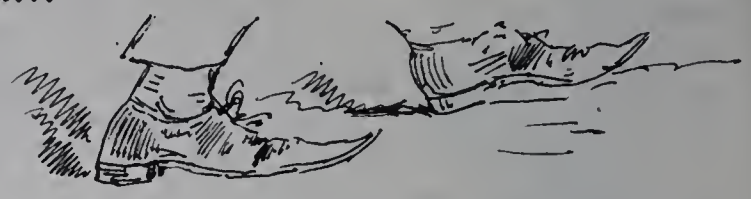
Felizmente, não temos *pé de gallo,* aliás ainda nos restava um pé para amachucar...

Mas temos *pés de gallinha* e mais dia menos dia verão o que é chuva *de pedra* em cima de nós...

Em *tête-à-tête* com Alfredo Tinoco, temos-lhe ensinado como se quebram pernas a fazer bonecos e aprendido como se esborracham pés a fazer sortes de gaiola.

Em todo o caso, elle sempre foi mais feliz de que nós porque partiu o pé quando estava *em sorte.*

Nós é que ficámos de *pé atraz* com *a sorte* dos nossos pés, que já duas vezes nos pozeram *com os pés para a cova...*



Por motivo de força maior, temos de *passar o pé* a todos os derriços para quem nos faziamos de *pés de lã* e a quem não podemos continuar a fazer *pé de alféres,* porque o trambolho do pé nos tem preso em casa como o doutor Agostinho tem o *Pé Leve* no Limoeiro...

E aqui estamos mettidos, como o outro que diz *em pé de castello,* estatelados na poltrona, como qualquer *pé de boi* da rua dos Bacalhoeiros, e sem nos atrevermos a andar *de pé* com medo de que nos atire ao chão o mais leve *pé de vento...*

O que nos desconsola, é que muitos se persuadam de que estamos de pé de molho para termos o *pé de cantiga* de nos intitularmos *pés frescos...*

E uma vez que o travesseiro nos serve mais para descançar o pé de que para repousar das lides do trabalho, declaramos terminantemente que passamos a trazer a almofadinha nos pés e os sapatos á cabeça...

OS SIAMEZES DA POLITICA

O melhor é não os separar, porque se o *mais alto* estica o pernil, logo o *mais gordo* espicha a canella. Lembrem-se de que estão unidos pelo estomago, que representa actualmente um orgão mais importante de que o proprio coração.

Não mais Bazorrada

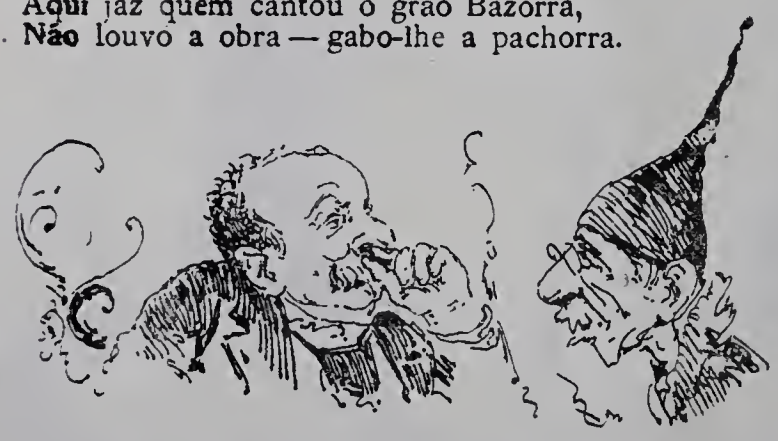
(Conclusão)

Camões salvou das ondas porcelosas
O canto dedicado á patria amada,
Eu das unhas d'um gato furiosas
Salvar não pude a minha Bazorrada!
Bellas estancias fabriquei ás grosas
E a obra consegui ver acabada;
Mas o *bicho* invejou-me os louros ricos,
E a minha gloria fez toda em fanicos.

Quantas noites velei, junto á candeia,
P'ra desvendar da musa altos segredos!
Quantas vezes me vi, depois da ceia,
As syllabas contando pelos dedos!
Com que pitadas puz a venta cheia
Na obra *gigante* a trabalhar sem medos...
Para ver tanto estudo e tal capricho
Esmigalhados no barril do lixo!

E não chora ninguem!!! Oh dôr! Oh magua!
Já não ha corações, é tudo muella!
De meus olhos rebente um jorro d'agua
Que vá matar de inveja o proprio Alviella;
Arda meu peito na mais dura fragoa!..
Té que eu seja tornado em cabidella;
E quem souber fazer letra capaz
Vá-me pôr sobre a campa este — aqui jaz.

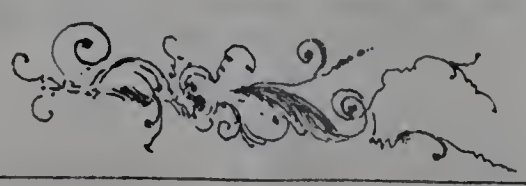
Aqui jaz quem cantou o grão Bazorra,
Não louvo a obra — gabo-lhe a pachorra.



Na 6.ª vara civel d'esta cidade foi mandado instaurar processo contra a camara municipal do concelho de Belem. pelo facto de ter a mesma camara arrendado uma parte dos terrenos banhados pelas aguas fluviaes, sem auctorisação do governo.

Já houve em Lisboa uma companhia denominada do *olho vivo* que se accupava de negocios semelhantes: arrendava os predios e cobrava as rendas sem auctorisação dos respectivos senhorios. Com a differença de que os *socios* do *olho vivo* de Lisboa tiveram um processo *crime* e lá foram pela barra fora n'um *cavallinho de pau*, e os *membros* do *olho vivo* de Belem teem apenas um processo *civel* e continuarão a passeiar pelas ruas da cidade nos seus *cavallinhos* de carne e osso...

Acabamos de ler alguns trechos — porque o falta de tempo nos não permittiu ainda mais — d'um bello volume intitulado *A dominação ingleza em Portugal*, por *um compatriota de Gomes Freire de Andrade* Pelo que vimos, pareceu-nos, alem d'um livro interessante, um soberbo carrasquenho para costellas britanicas. Que seja bemvindo, porque quantos mais tanto melhor.



No paiz do Syndicato

Um d'estes dias passei pela rua das Flôres. Raras vezes os meus passos tropegos se encarreiram por aquelle *El-Dorado* dos lavradores da Maia, onde scintillam burguezmente todas as fascinações rudes dos grossos anneis de pedras coloridas e dos grilhões ôcos, mas portentosos. Ai! quantas innocencias, quantas flores das campinas teem ficado por alli penduradas áquellas riquezas ruidosas, a troco de qualquer *lembrança*, de folha doirada e rubim falso? Por aquelle caminho afóra ha todos os encantos rutilantes do oiro e da juventude cheia de gomma. Nas vitrines os thesouros das Iucas; ás portas os formosos rapazes conquistadores, dizendo larachas ás moçoilas e arrastando tyrannicamente os chinellos garridos pelo passeio, mostrando a meia de côr, comprada no Alminhas.

Mas apezar de todo aquelle pittoresco aspecto, eu poucas vezes passo pela rua das Flores. Não receio vêr preza a minha flor de laranjeira a qualquer botão de peito com um pequenino diamante casto; nem tão pouco me seduzem e me fascinam as meias coloridas da casa do Alminhas; mas eu gosto de beber os grandes haustos do ar livre e puro; de ficar pasmadamente a olhar pelas grandes verduras do occeano ou das campinas.

A pouco mais do meio da rua havia outr'ora uma grande taboleta branca, dizendo singelamente em altas letras negras — **FREITAS**. A casa era antiga; tinha uns bicos de granito, a que o sr. Manoel Maria Rodrigues já chamou ameias, e, depois de ter visto passar por alli seis gerações de homens, restringia-se agora ao modesto papel de vender aparos e folhas de almasso. A tragica taboleta foi agora retocada e diz: — «PAPELARIA FERREIRA, *successor de* FREITAS!...

Um poema!...

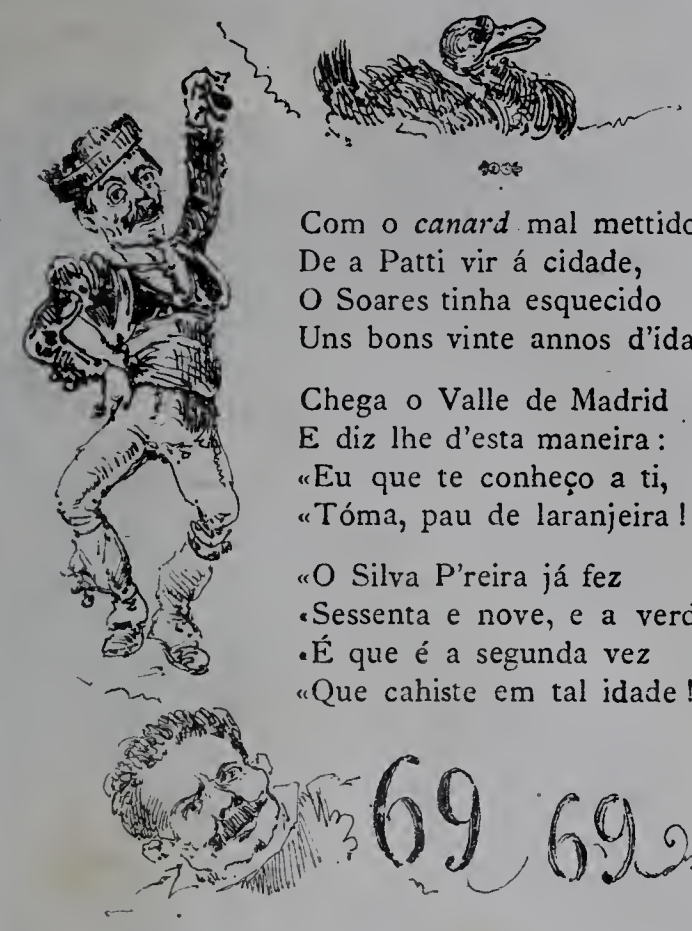
O jornal que o sr. Apolino dos Reis, brilhantemente redige com o seu cooperador Cesar, augusto, diz n'um dos seus ultimos numeros:

«A Patti só por muito dinheiro canta hoje em qualquer theatro, e o Porto não póde pagar o luxo de taes artistas, embora por um numero *limitado* de representações. Haja vista o que aconteceu á empreza que contractou o celebre tenor Gayarre, que *com essa especulação ruinosa cavou a sua ruina*.»

Isto de cavar uma ruina já é um tanto extraordinario; *mas cavar* uma ruina com uma especulação ruinosa é ainda mais extraordinario. Faz-nos lembrar a tal pescada que já o era antes de o ser.

Vivemos no seculo da calvicie. No Porto já se não póde ir a um theatro; parece que se entra n'uma chocadeira artificial de ovos de avestruz. Um careca emerito, ainda

mais despellado que o Alfredo Bastos, dizia-me um d'estes dias:—Para tu saberes até que ponto chegou a minha pobreza capillar basta dizer-te que depois de ficar absolutamente careca até me cahiu hontem o cabello do relogio!



Com o *canard* mal mettido
De a Patti vir á cidade,
O Soares tinha esquecido
Uns bons vinte annos d'idade.

Chega o Valle de Madrid
E diz lhe d'esta maneira:
«Eu que te conheço a ti,
«Tóma, pau de laranjeira!

«O Silva P'reira já fez
«Sessenta e nove, e a verdade
«É que é a segunda vez
«Que cahiste em tal idade!

O *Commercio do Porto*, depois da tentativa em litteratura pornographica a que deu margem a prosa artistica do sr. Eduardo Maia, resolveu continuar no genero com um ardor todo juvenil. Serão achaques de velho, mas vão dando cuidado aos paes de familia, que costumavam embrulhar as suas encommendas n'aquelle grave periodico.

Em um *Communicado*, no dia 26 do passado dizia aquella folha:

«Quando os conjuges teem por norte a amizade, por modelo das acções a virtude, e por leme entre os dois o mais subido...» Basta! O *Antonio Maria* de modo algum póde acompanhar o collega por aquelle caminho.

Os estudantes das escolas, do Lyceu, da Academia e da Escola Medico Cirurgica fizeram saber á Associação liberal de que não tomariam parte no prestito liberalengo do dia 9.

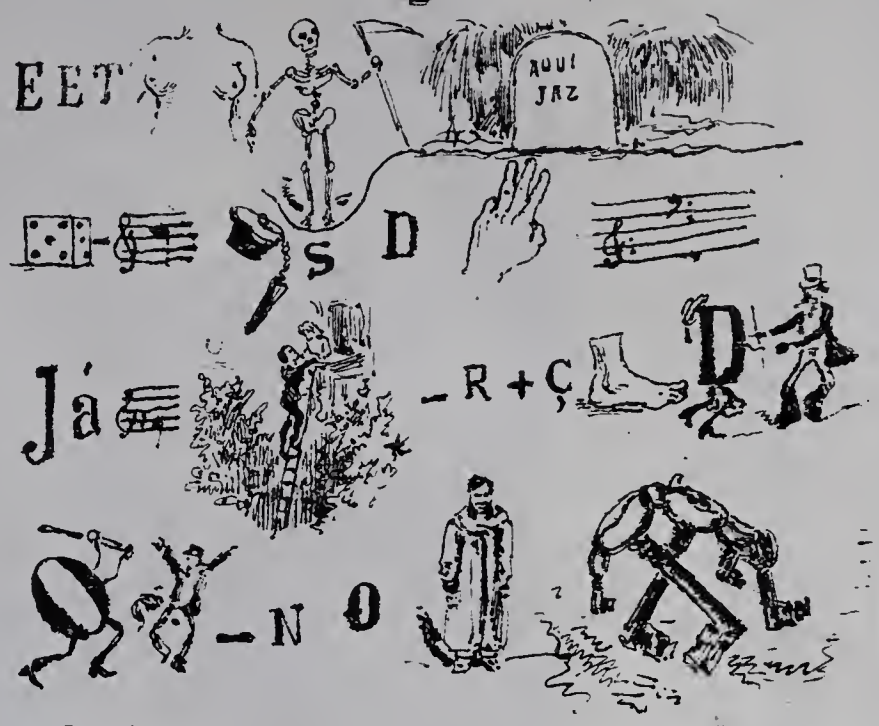
Andavamos á procura de uma manifestação de bom senso para fecharmos a chronica d'esta semana.

Porto, 4 de julho.

JOÃO BROA.

SECÇÃO PITTORESCA

Enigma



Recebemos pelo correio e por mão de moços de recados, creados particulares, ordenanças de cavallaria, correios de ministros, creadas de meio, continuos de secretaria e archeiros da real camara, trezentos e sessenta e cinco mil quatro centos e noventa e seis bilhetes, cartas, officios e despachos contendo decifrações do enigma publicado no nosso ultimo numero. Isto é, quasi uma quinta parte dos nossos assignantes e leitores conseguiu achar — não sabemos se no fundo do bahu — a chave do citado enigma, o que nos leva a crer que, ou os nossos leitores são espertos como o alho, ou os nossos enigmas inocentes como a agua do pote...

Como nem quatrocentos *Antonios Marias* seriam bastantes para a publicação de todos os nomes recebidos, resolvemos fazer uma loteria em familia e publicar apenas os nomes mais premiados que são os seguintes:

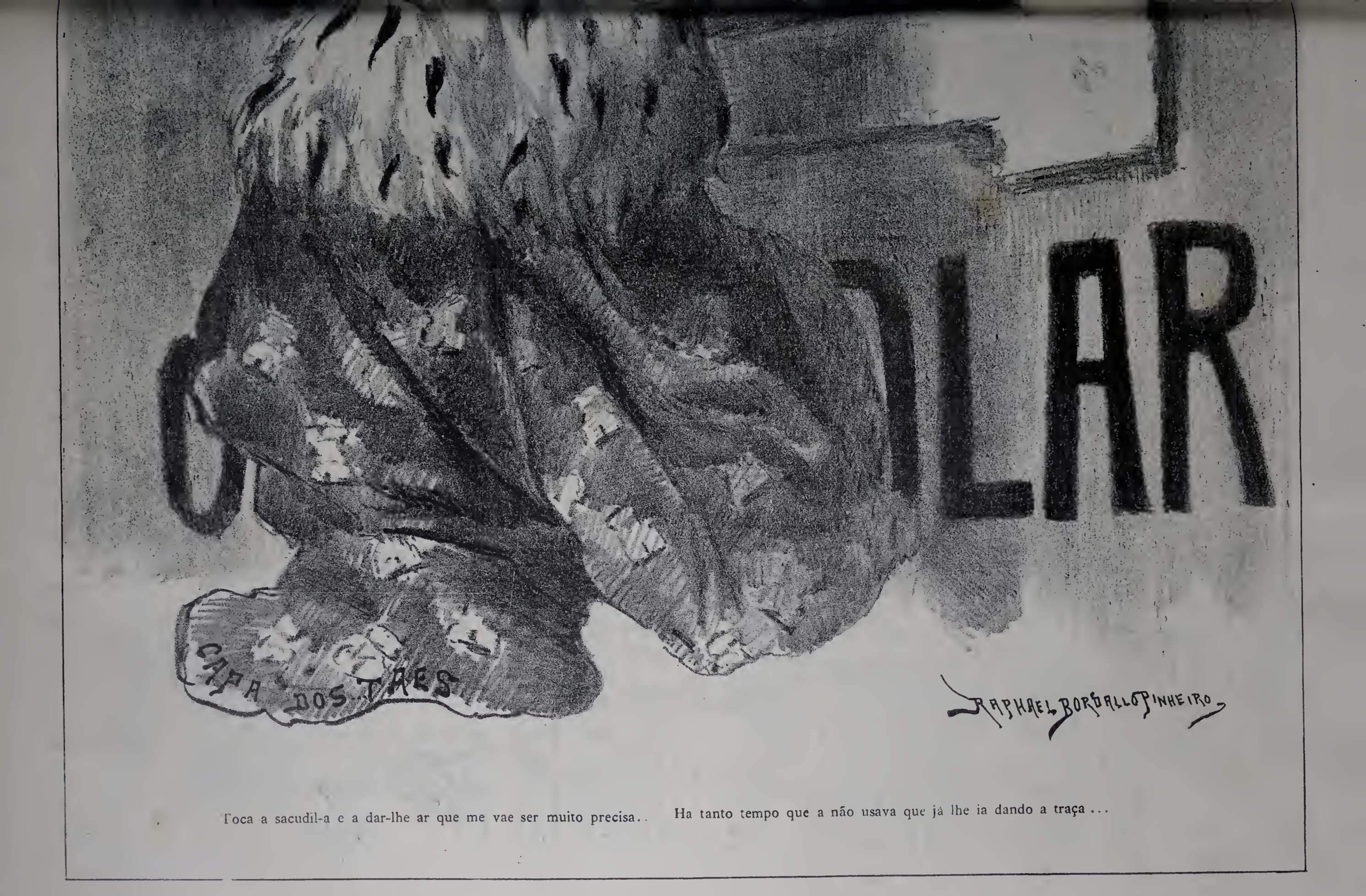
Mendou, Marçal, d'Abrantes, *Jonhn Rosvland, B. du Bucage, A. E. F. M., Incognitus, Claudio 2.º, Victorino.* do Porto, *prima Chaves, A. S., Fantoche, Seraos, Sojau, Salamanca, primo Pardulho, Basorra Senior, Herophilo, S. M. Satanaz, Eduardo Araujo, João Alegre, Nostradamus, Bronco Banana, Zangado, Quintella, Basorrinha, Tabacaria Capricho, A. M. F. P. M., L. P. A., Temistocles. Eleitor do Fratel, Fibra Nacional, Gabriel, Stanley, Carlos Costa. Pae Roque, Nitoano Tosca, Zero, Ordaz, Zé diabo, A. A. C. Martins, R. Costa e Eduardo Fernandes.*

Grande numero das decifrações recebidas vinha acompanhado de *glosas*, mas na maioria tão *glosas* que trasminavam a *agua doce*. A nomeação do sr. Carrilho para redactor da camara dos pares, fundada nas suas aptidões poeticas, tem desenvolvido muito, entre os naturaes do paiz, o gosto pela poesia...

Transcrevemos apenas as seguintes quadras de *Theresinha*, que d'esta vez nos preferiu ao *Diario de Noticias*, para a publicação dos seus annuncios amorosos. Eil-as:

«O peito vae-se-me em chamma
E é isto o que mais me atraza;
Tudo por dentro se inflamma
Sinto o pé esquerdo em braza.»

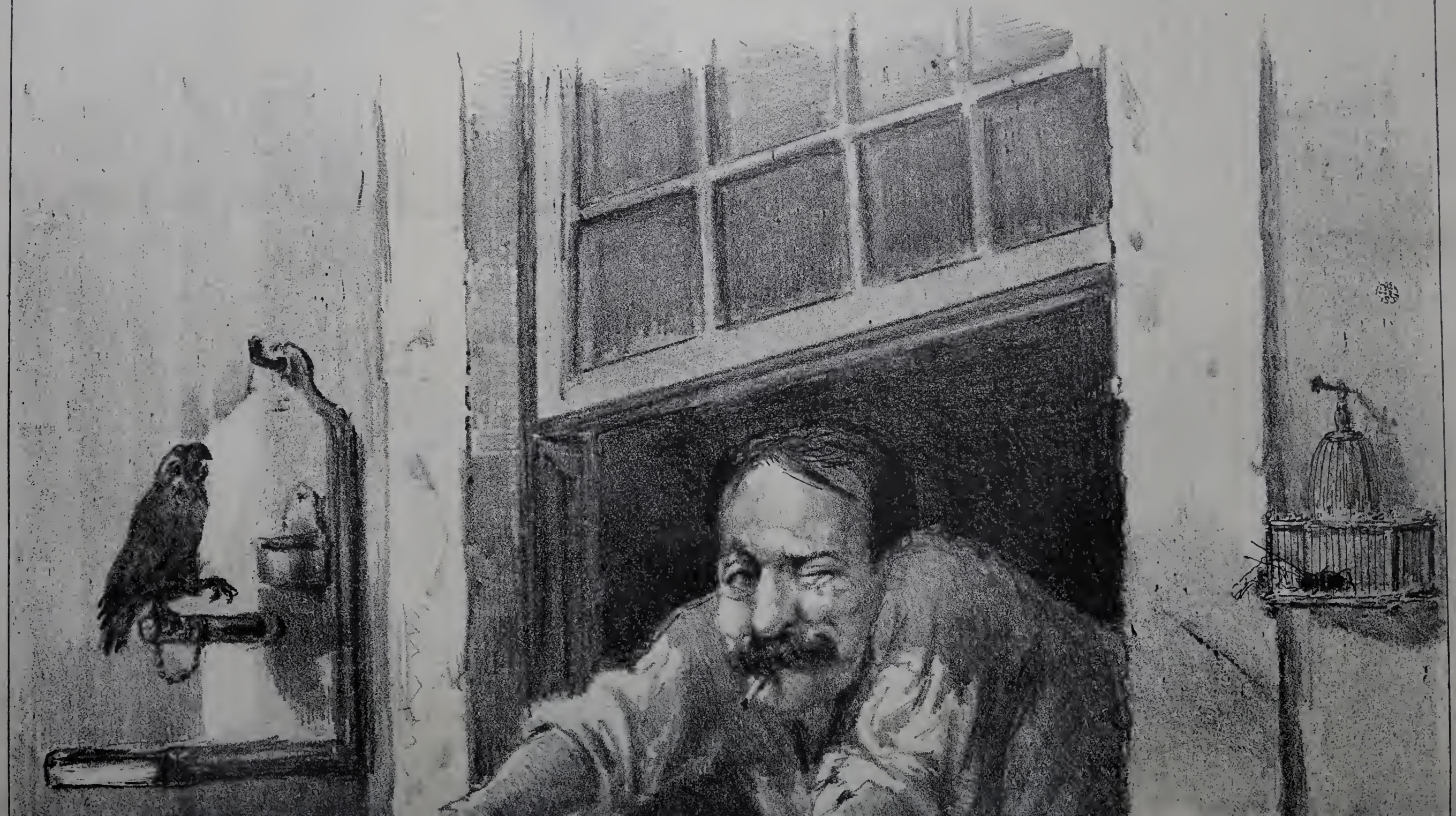
«Meu coração ancioso,
Pois era bem de prevêr,
Cada vez mais desejoso,
Parece que está a arder.»



Toca a sacudil-a e a dar-lhe ar que me vae ser muito precisa..

Ha tanto tempo que a não usava que já lhe ia dando a traça...

A HORA DO LIXO



«Minha avó vae ás do cabo,
Para não sair me empraza,
'Sta levada do diabo,
Anda o demo cá em casa!»

«Deixa pois passar uns dias,
Até que possa esquecer;
P'ra evitar semsaborias
Assim não me venhas vêr.

Concluimos accusando a recepção do bilhetinho que nos dirigiu o sr. *Capado*, de quem não publicamos o retrato *inteiro* pelos razões que facilmente comprehenderá — e, agradecendo-lhe o conselho que nos dá para que publiquemos enigmas mais difficeis, tomamos a liberdade de lhe offerecer a seguinte charada, que por não ser da nossa lavra nem por isso tem menos merecimento.

Ra — 1
To — 1
Está na dispensa

Veja lá... Será toicinho?...

PAN.

Adolpho Coelho, vulgo *Pisca Pisca,* foi nomeado inspector das escolas, mediante o patrocinio do Theophilo Ferreira. Não ha muitos annos que aquelle mesmo *Pisca Pisca* fez do referido Theophilo o bombo de feira dos seus rancores e das suas diatribes. Foi bom que o Theophilo lhe desse aquelle tachito de sopas para o Pisca Pisca retirar os dentes e estender a lingua lambendo a mão em que mordia ha tão pouco tempo.

Diz o correspondente de Italia para um dos jornaes de Lisboa que n'uma das festas ali realisadas em honra dos principes portuguezes «as duas rainhas trajavam *toilettes* soberbas e o rei vestia fato de manhã.» Como se vê, o rei de Italia á um avarento mais refinado de que todos os agiotas do universo! Apresentar-se em simples trajo matutino, de ceroulas e camisa, robe de chambre e sapatos de ourello, em companhia de duas rainhas que vestem *toilettes soberbas,* é, além do cumulo da inconveniencia, o requinte da avareza...

O que vale é que as rainhas, apresentando-se com *soberba,* justificam em parte a *avaresa* do rei, e pena foi que os principes não trajassem igualmente de *luxo,* para que esse complemento da *luxuria* explicasse em parte o justo escrupulo de Sua Santidade em admittir á sua presença os representantes de tantos peccados mortaes.

Em vista da correspondencia feita por um nosso collega de Lisboa para um jornal da provincia e transcripta no *Diario da Manhã*, em que se dizia que nós ficamos a trasbordar de *verve* sempre que quebramos alguma perna, tem a nossa casa estado replecta de visitantes, mais curiosos de nos escutar os ditos engraçados, do que de averiguar do estado do canelim. Attenta a revelação do collega, fica estabelecido que o *Antonio Maria* é o boletim sanitario das nossas canellas: quanto mais graça, mais pernas partidas; quanto mais saude, mais semsaboria.

E agora, responda o leitor:

— Como estamos nós hoje da perna?...

Sua magestade el-rei esteve ha dias na fabrica de tinturaria da Companhia Lisbonense, onde se demorou cerca de tres horas.

Parece que o augusto monarcha, descrente da infalibilidade da Agua Circassiana, quiz ir pessoalmente estudar o meio mais pratico e mais effectivo de applicar a tinturaria nacional ás suas reaes melenas, que o futuro ameaça branquejar. O que parece comtudo singular é que sua magestade tendo, a bem dizer de portas a dentro, na pessoa do senhor Fontes, um dos primeiros *tintureiros* da Europa, se desse o trabalho de passar mais de duas horas e meia a estudar fora de casa processos de tinturaria...

Verdade seja que lá diz o ditado que *tintureiros* de casa não fazem milagres...

No dia em que varios jornaes noticiavam a nomeaçoã do filho do senhor ministro da marinha para secretario e addido militar da legação de Berlim, vencendo o respectivo ordenado, e, a titulo de ajuda de custo, mais libra e meia por dia, referia o *Diario de Noticias*, boquiaberto de ingenuo espanto, que o benemerito doutor Sobral, durante a humanitaria campanha que tem sustentado em Manteigas contra as febres epidemicas, recebeu apenas como gratificação uma *cravella* de cinco tostões diarios.

Não nos cansamos de chamar ingenuo ao *Diario de Noticias:* pois como queria o collega que percebendo o filho d'um ministro d'estado apenas a gratificção mensal de duzentos e tantos mil reis pelo trabalho afanoso de passeiar nas ruas de Berlim, um reles cirurgião do exercito abiscoitasse mais de quinze mil reis por mez só pelo simples facto de arriscar a vida dez vezes em cada volta dos ponteiros d'um relogio?!...

Ora a ingenuidade do collega!

Tome café de Moka, que isso é volta de somno que lhe deu...

Chronica semanal

Começou com esta semana a decorrer para nós o primeiro mez das *vaccas magras* do jornalismo, que se prolonga até fins d'agosto — quando se não estende pelo setembro fóra.

Os ministros a ares e as camaras fechadas; o *high-life* a banhos e as casas fechadas; os actores pelas provincias e os theatros fechados! Tudo fechado, excepto a nossa bocca que se escancára mostrando a larynge n'um bocejo de crocodillo...

As agoas de Luchon esperam resignadas e com o rosto velado de pudor o momento crudelissimo em que as cuecas do sr. ministro da marinha lhes hão de macular os botões de laranjeira; e as aguas de Pedrouços abrem os braços de Messalinas para receber no seu seio palpitante de volupia as carnes esculpturaes do sr. presidente do conselho.

Dos outros senhores ministros não sabemos por ora quaes sejam os projectos digressivos, mas estamos certos de que, fartos de não fazer nada como devem estar, não perderão o ensejo das ferias para fazer o seu bocado de popularidade fóra de portas...

O theatro de D. Maria deu sueto ao *Drama no fundo do mar*, mandando remover para o cemiterio do Alto de S. João os cadaveres do paralytico e de sua virtuosa esposa que ao cabo de trinta e tantas noites de immersão começavam a tornar-se o ponto de reunião de todos os caranguejos do sitio. A requisição do delegado de saude e do fiscal da Ribeira Nova, foi resolvido que se polvilhassem de canfora, para os resguardar da traça, todos os peixes de papel que tinham *papel* no *Drama*, não se tornando esta prevenção extensiva aos outros *peixes*, por se reconhecer que são de qualidade em que a traça não costuma entrar, nem o caruncho fazer mossa.

No theatro da Trindade deu-se á ultima hora um incidente que Francisco Palha devêra ter previsto e que obrigou aquelle theatro a encerrar a epocha sem a *Volta do mundo em oitenta dias*. Foi o caso que, chegada a noite de 29 e estando o theatro já illuminado, quando o José Rapaz ia proceder á chamada das *ondas* viu com surpreza que nem uma se achava presente! Foi então que o Palha caiu em si, ao pôr os olhos no calendario, recordando-se de que n'esse dia e no seguinte todas as *ondas* são poucas para passeiar nas ruas da cidade os tarecos dos moradores... O adiantado da hora não permittia que se tentasse a acquisição de *ondas voluntarias* e o Palha teve de mandar fechar o theatro e içar outra vez o elephante que não podia entrar em scena porque as pernas tambem andavam a fazer mudanças!

Ainda bem que este caso coincidiu com o encerramento do theatro, porque, depois d'uma soalheira de quarenta e oito horas, é de presumir que as *ondas* refinassem em propriedades deleterias ao ponto do Queiroz não poder naufragar sem garrafa de Labarraque a tiracolo — salvo se o Palha mandasse as *ondas* á barrella...

O publico que accudiu no dia de S. Pedro á praça do campo de Sant'Anna retirou pesaroso porque os balões grotescos que a empreza havia encommendado á fabrica ingleza de James Pain e deviam n'essa tarde ser lançados ao ar não chegaram a entrar a barra ou se entraram ninguem mais deu noticia d'elles. Soube-se depois que o extraviu dos balões não foi mais de que uma cilada do partido regenerador; entre as figuras que aquelles aerostatos representavam notava-se um enorme peixe e um elephante descommunal e o governo mandou apprehendel-os ás portas da alfandega porque não quiz allusões politicas nem ao sr. ministro da marinha nem ao sr. barão do Pote das Almas...

PAN.

O Valido

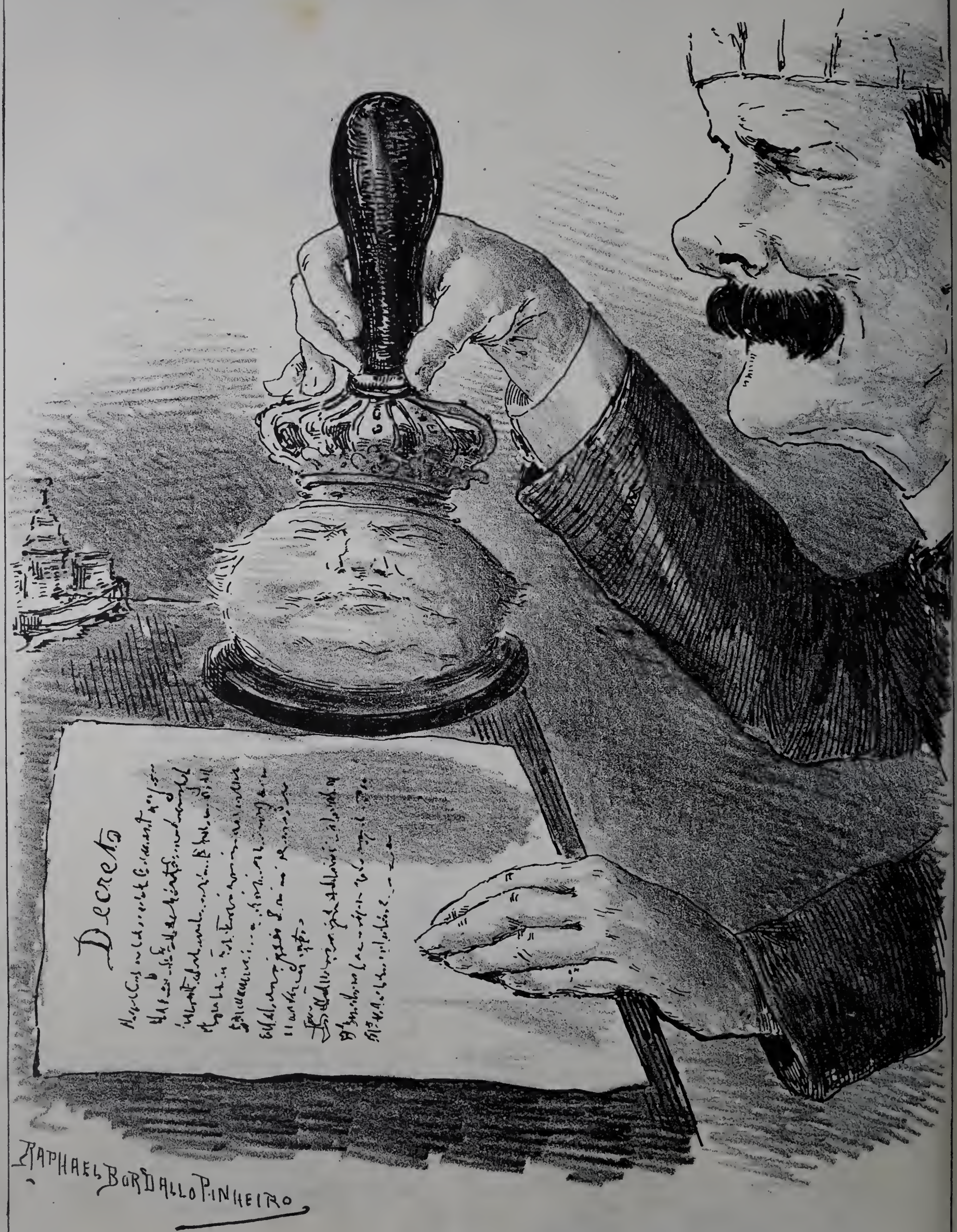
De tudo que ha bom; tem tido
Onde os seus caprichos farte;
Desde as victorias de Marte
Té aos amor's de Cupido;
De artista, sabio, e litt'rato,
No estrangeiro gosa a fama,
Tem casa, tem meza e cama
Lençóes de fino tecido,
Um bailio, e canhões d'aço
De carregar p'la culatra,
Armada, bifes da alcatra...
— Só lhe faltava um valido. —

Um exercito imponente,
Um *tigre allonso*, matuto,
Punhaes de Benevenuto,
E quadros do grande Iborra,
Um throno, um sceptro, uma c'rôa,
Um regio manto de arminhos,
A troupe dos Basorrinhos
E as graças do pae Basorra...
E apesar, em coisas bôas,
De se ver tão bem servido,
Inda quer ter um *valido!*
— Ora gabo-lhe a pachorra!...

Tem botijas de genebra
E garrafas de falerno,
— As primeiras p'ra o inverno
E as outras p'ra o tempo cálido —
Vae aos theatros de borla,
Come e bebe á barba longa,
Tem um Hintze songa-monga,
Cocotes de rosto pallido,
Mas, atacado de *spleen*,
Sente-se um dia aborrido,
Apetece-lhe um *valido*...
— E arranja um *valido*... invalido!

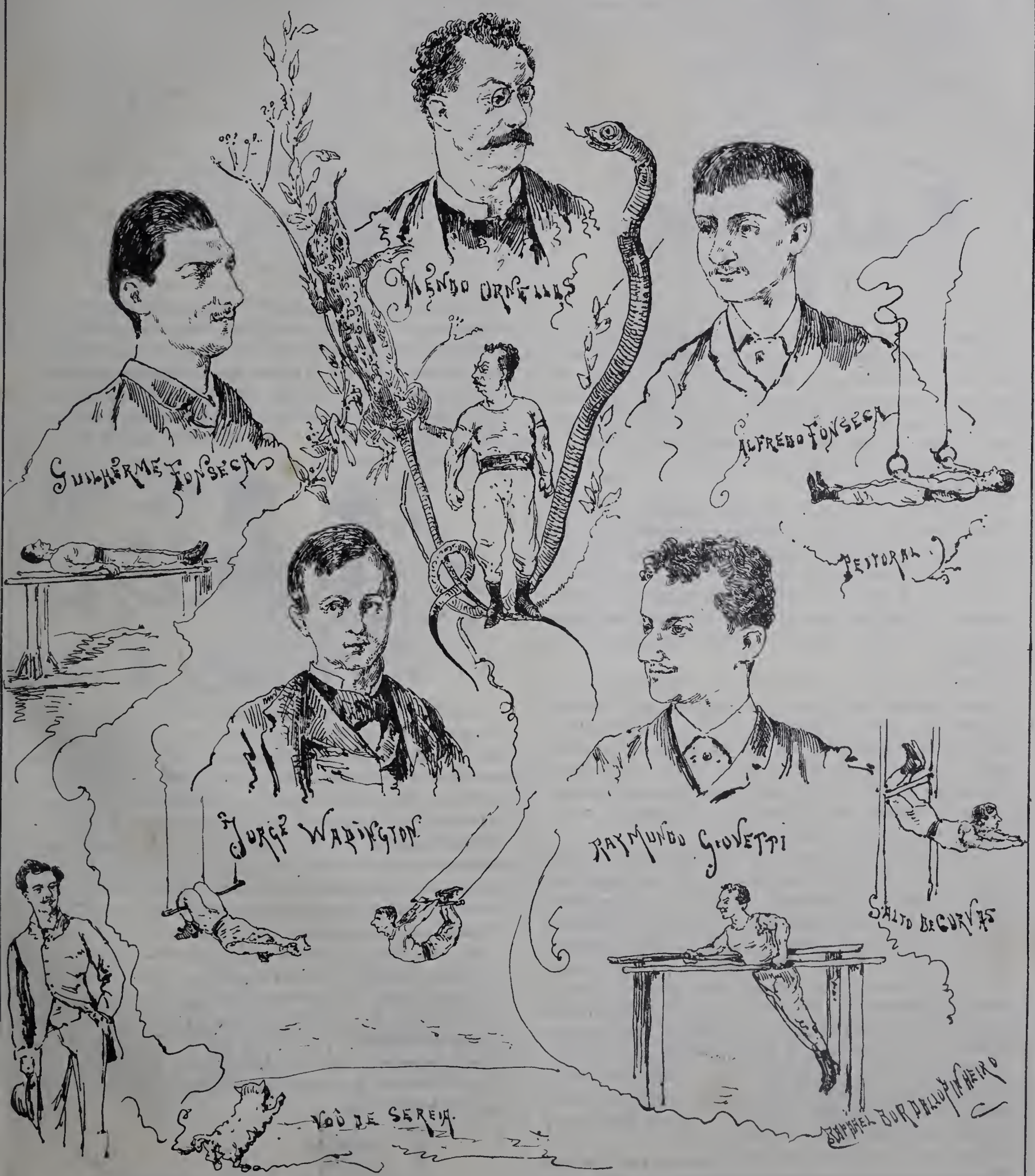
PAN

A CHANCELLA OFFICIAL



Um carimbo de borracha fazia o mesmo serviço e custava muito mais barato.

O CLUB GYMNASTICO DE LISBOA



Fundou-se recentemente o *Club Gymnastico de Lisboa*, composto na maior parte por um grupo de rapazes moços, cheios de vida e amor ao estudo.

Folgamos de ver que alguem se esforça por estabelecer entre nós o desenvolvimento muscular a par do desenvolvimento intellectual, porque isso nos deixa esperançados de que talvez de futuro tenhamos alguem que preste para alguma coisa.

CHRONICA SEMANAL

Durante a semana andou nos ares o que quer que fosse de bellicoso que trouxe estonteados os animos espantadiços. Fallava-se em offensas crudelissimas, d'essas que não se podem lavar senão com sangue, como quem lava piugas n'uma infundiça de cinza; corriam boatos assustadores, cochichavam-se em segredo revelações tenebrosissimas

«E o caso d'alta importancia,
Dominando outros assumptos,
A dez passos de distancia
Cheirava logo a defuntos...»

Parece que um alto personagem da politica militante se indispozera seriamente com um outro personagem, tambem alto, da politica que quer militar, por que este, em accesso de rancorosa indignação, lhe chamara um vocabulo extranho e degradante a que os proprios diccionarios da lingua se recusam dar entrada no seu gremio!

— Hetaira!!! Nem mais nem menos...

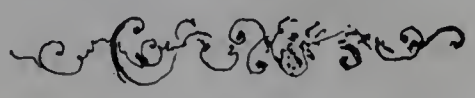
Ora façam idéa...

O primeiro dos altos personagens a que nos referimos fez-se rubro de indignada pudicicia e mandou immediatamente os seus padrinhos ao segundo personagem alto, que declarou terminantemente não retirar nem o pontinho do *i* emquanto a referida hetaira não mostrasse por documentos que era uma pessoa honesta e que não costumava frequentar os bailes campestres nem outros logares de depravação.

Postas as coisas n'este pé, não teve a supposta hetaira remedio senão recorrer para a auctoridade parochial afim de que lhe passasse attestado de bom comportamento moral, civil e religioso; não só o regedor da freguezia como o proprio governador civil do districto se prestaram da melhor vontade a lavrar pelo proprio punho os certificados requeridos apurando-se d'esses documentos o que segue, pouco mais ou menos:

«Attesto, em vista de informações fidedignas, que o requerente não é hetaira, ou, se o é, não tem coisa por onde claramente o denuncie; o supplicante rarissimas vezes frequenta a alameda de S. Pedro de Alcantara á boquinha da noite, e, quando o faz, é sempre acompanhado por pessoa respeitavel e insuspeita, que o não deixa pôr pé em ramo verde; o supplicante nunca foi surprehendido a transpôr os umbraes do templo de Priápo nem a entrar fóra de horas para os gabinetes reservados do Restaurant do Augusto, em noite de baile na Trindade; o supplicante tem os seus bilhetes de *desarrisca*; nunca acceitou ceias ao senhor Raio, não usa *cold cream*, ouve missa todos os domingos, não sae á rua sem calças e não entende uma palavra do hespanhol...»

Em vista de tão honroros attestados, ficou perfeitamente illibada a reputação da presumida hetaira, que não passa, como se vê, de uma honestissima costureira, e o agressor deu o dito por não dito e teve de voltar com a hetaira ao bucho...



Sua magestade foi para a cidade invicta assistir ás festas do dia 9, promovidas pela associação liberal portuense. Sua magestade vae-se manifestando um pandego dos quatro costados; não ha festa que lhe escape, o caso é convidarem-n'o; e como todos o convidam — porque el-rei é como aquellas meninas que possuc .. a prenda de tocar contradanças francezsas ao piano e por isso toda a gente as quer em casa em noite de *salsifré* — o monarcha não tem mãos a medir ha um tempo a esta parte e não lhe pesa o pé uma onça sempre que se trata de arejar o corpinho...

Como nós somos um pouco de manias, não tardará que o systema de convidar el-rei para todas as festas pegue por moda e assim teremos ainda ensejo de ver o monarcha nos saraus flamantes da rua dos Fanqueiros, dançando umas Fenians com a menina da casa e tendo por *vis-á-vis* a dona da referida casa e da referida menina, arrastada em *en avant quatre au côté* pela dextra genial do professor Justino Soares.

O que parece sobretudo positivamente averiguado é que sua magestade é homem para tudo, excepto para aquillo que o fizeram. No seu violoncello, um Stradivarius de nome universal, accorda as melodias celestiaes com que o propheta David fazia as delicias auriculares do desventurado Saul — se o homem effectivamente tocava tão bem como asseguram... — De carabina nas unhas, joga parelhas com o atirador Peine, se não lhe fôr superior, visto que o celebre americano já metteu uma bala na cabeça da mulher e sua magestade, felizmente que nos conste, ainda não está nos casos de casar em segundas nupcias... Com o lapis na mão attribuem-se-lhe desenhos e caricaturas que fazem morder-se de inveja o proprietario d'esta folha.

E, finalmente, com estas ultimas e successivas viagens, tem mostrado taes disposições para o que vulgarmente se chama *vida airada*, que faz desesperar de ciume todos os *commis-voyageurs* dos *Grands Magasins du Printemps*!

E' o que nós dissemos: tinha habilidade para tudo menos para uma coisa...

PAN.

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

O *Salustio Nogueira;* um bello volume do talentoso escriptor Teixeira de Queiroz.

O *Jornal do Domingo* e o *Occidente*, interessantes publicações illustradas e litterarias que se publicam semanalmente.

Uma collecção da *Broma,* jornal humoristico e illustrado de Madrid.

Rainhas de Portugal, por Benevides, uma das pennas mais distinctas da nossa litteratura.

Catalogo Lupi: bem elaborada resenha dos quadros do mallogrado e illustre pintor.

Acaba de publicar-se a quarta edição do magnifico mappa de Portugal por Perry Vidal. Ora como n'este paiz succede com os mappas precisamente o contrario do que acontece com os livros, por isso que se estes augmentam, aquelles diminuem de materia na rasão directa das edições, pelo motivo simplissimo de que a nação vae encolhendo a olhos vistos, aconselhamos todos os nossos leitores a que não deixem de fazer acquisição do excellente mappa do senhor Perry, para quando os Brazzas e os Stanleys nos tiverem reduzido á posse exclusiva d'um palmo de terra onde possamos cair mortos, nos restar ao menos a consolação de ver em casa, pintado no papel, o que nos faltar cá por fóra em dominios e possessões.

Apresentamos aos nossos leitores uma rival de Gemma Cunniberti. Chama-se Julieta dos Santos, conta apenas oito ou nove annos de idade e já tem causado o assombro de metade do Brazil. Em assombrando a outra metade tenciona vir a Lisboa assombrar os portuguezes; cá teremos occasião de a applaudir e de lhe encher o regaço não de corôas de loiro, que ainda não tem idade para isso, mas de *bonbons* do *Baltresqui* e *bébés* do Mattos Moreira.

Casanova deixa nos em breve; vae em excursão artistica ás terras de Santa Cruz, onde o illustre pintor encontrará modelos verdadeiramente dignos das suas formosas tintas. Um cordial abraço ao nosso amigo e parabens sinceros á patria do sabiá.

No paiz do Syndicato

Sem questão, o maior homem do Porto é o sr. Correia de Barros. Não quero dizer que seja o de maior formato,

mas os homens não se medem aos decimetros, postoque ha *varas* d'elles por esse mundo além. Medem-se pela sua grandeza social, pezam-se pela quantidade da massa cerebral, pela amplitude das suas aspirações, pela nobreza dos seus sentimentos. Assim é que o sr. Correia de Barros, presidente da camara, bacharel, ourives, engenheiro, vereador do pelouro dos incendios, presidente da Sociedade de Geographia Commercial, traductor de Sardou etc., etc., é o maior homem do Porto. Elle mesmo não poderia ser grande, verdadeiramente grande, senão no Porto, onde foram grandes o rei Carlos Alberto e o Martinho. O Martinho principalmente. E o logar estava vago. A' grandeza dos homens corresponde a gratidão dos povos. E o povo portuense é grato. Se pecca é por excesso. Veja-se a historia do visconde de Lagoaça, defuncto. Veja-se a historia dos *Lagoaças* de granito. A palma ao lado da gloria. Assim comprehende-se a virtude. Assim comprehende-se um povo nobre. Assim comprehende-se a fecundidade portuense em homens grandes. A gloria póde elle *aspiral-a*, como diz o sr. Augusto Vianna, no seu grande drama anti-grammatical — *A affronta*. Porque o coração do Porto é mais sensivel a estas coisas patheticas do que a muza do sr. Henrique Marilho. N'esta intelligencia, os habitantes do *clan* de Massarellos pediram á Camara, que é o sr. Correia de Barros, para que ella, que é elle, désse o nome d'elle, que é ella, á avenida que deve partir do cáes até Villar.

É uma nobre e generosa ideia que só poderia nascer sob os alamos de Massarellos ou na Fonte do Cavaco. Mas nós não paramos no caminho da nossa gratidão. Massarellos pediu o nome do sr. presidente da Camara para uma avenida. Nós reclamamol-o para todo um bairro. *Avenida Correia de Barros*, não é feio, mas que ha que dizer a estas denominações que propomos á apreciação dos homens de Massarellos: — *Rua dos Dez por Cento; largo dos Intimos; becco do Correia; calçada do Syndicato; travessa dos Melhoramentos; square do Emprestimo Municipal*? Parece-nos que Massarellos deve ficar satisfeito com todas estas provas de consideração pelo grande homem, maior que a Arrabida.

É coisa conhecida: vae ser traduzida para vulgar a mensagem que a Associação dos Homens de Lettras mandou lêr diante da Companhia de zarzuela.

E tanto assim, que o amigo Apolino já pediu ao amigo Castanheira um exemplar do seu *Diccionario Hespanhol-Portuguez*, que é uma obra prima, como se sabe.

Joven Lilio andava sufficientemente casmurro, abandonado em seu jardim. Lá pelas Italias umas festas de truz e elle alli, preso ao poleiro constitucional, como um papagaio real. — Vou-me até ao burgo do Porto gozar toda a minha popularidade, disse elle. E foi-se. Quadro dias antes de partir para a capital a commissão portuense, já

AS NOS

(Tra

VOCÊS NÃO SABEM QUE ESTOU NAQUINTA?
...AFFASTADA DOS NEGOCIOS?.....

— Custam-me os olhos da cara, intrujam-me todos os dias, mas só

ETAIRAS

livre)

dançar um *jaleo zapateado* sou capaz de deixar a camisa no prego.

o Palacio dos Carrancas tinha limpado as teias de aranha para receber o Gran-Carranca. Um delirio. E a tal ponto, que o grande homem, bacharel, ourives, engenheiro, mercador, etc., etc., publicou immediatamente um edital, dizendo: «a Camara convida os habitantes d'esta invicta cidade, a que dêem, tanto no dia da entrada, como no immediato, todas as demonstrações de jubilo.» E assim succedeu. O povo, que é muito bem mandado, foi para a praça nova manifestar o seu jubilo por todas as maneiras imaginaveis...

Finura: a Associação Liberal collocou no cortejo civico, em ultimo logar, a Associação Parturiente Funebre Familiar... Ella, que é quasi um Deus catholico, que ajuda a nascer e a morrer, que é mais ainda do que o padre Patricio, atirada para o couce do prestito!

Este anno faltou á festa liberal o gravador Mollarinho. O anno passado a coisa foi mais completa, porque o distincto artista concorreu com uma medalha commemorativa para o brilhantismo de tão ruidosa celebração. A medalha apresentara o retrato de Pedro IV de bigode e suissas, tendo por divisa *D. Pedro IV, rei de Portugal*, salvo o erro. N'esta gravura ha apenas dois erros: D. Pedro, quando entrou no Porto, usava barba completa, e não se denominava rei de Portugal. Ora folheie um poucochinho a historia, e verá.

Fallar de Lucinda em prosa, na linguagem com que fallamos a José Augusto Correia de Barros, não póde ser, Appellamos para a lyra das grandes commoções burguezas:

O Cyriaco ao volvel-a
A vêr, disse: «oh! natureza!
«Mas que delicto fez ella
«Para não nascer franceza!»

O Moutinho, enthusiasmado
Por esse deslumbramento
Dizia: «Estou assombrado
«Dos raios d'esse talento!»

Compare-se agora o pasmo
De Zilú em régio prol:
— O thermometro enthusiasmo
Marcou dois zeros ao sol.

Porto, 10 de julho.

JOÃO BROA.

Symbolo da associação portuense que fazia parte do cortejo de 9 de julho intitulada parturiente Funebre Familiar. Foi de chuchurribio!...

SECÇÃO PITTORESCA

Enigma

Decifração do enigma publicado no numero antecedente:

«Este peito emfim descança,
Dá suspiros de tres claves;
Já faço o meu pé de dança...
— Obrigado, ó Mattos Chaves...»

Recebemos decifrações exactas apenas de *Pae Roque, Eleitor do Fratel* e *Uma Besta;* todos os mais intrepidos caçadores dos numeros precedentes deram a borda d'esta vez.

Um anonymo do Porto brindou-nos com um complicado enigma que nos fez queimar as pestanas durante uma noite inteira de vigilia, mas que afinal decifrámos sobre a fresca madrugada.

E senão, veja:

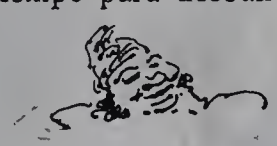
Aqui, na terra das tripas,
Lê-se o *Antonio Maria;*
Quando elle chega no sabbado
Reina no Porto a alegria!...»

Agradecemos a amabilidade mas prevenimol-o de que aquelle *mar ia ia* dando comnosco em Rilhafoles; e emquanto ao *taco*, por um triz não ficamos com elle atravessado na guella...

Em vista do minguado numero de pessoas de quem recebemos decifrações certas, resolvemos cumprir a nossa palavra publicando os retratos d'esses felizões, segundo as indicações por elles proprios fornecidas.

Eil-os:

A camara municipal de Lisboa, que entre outras expropriações chorudas vae agora gastar perto de 50 contos na cervejaria Maillard — não sabemos para que — bem podia tambem deitar o seu olho benevolente para os exoticos casebres estabelecidos no largo da Abegoaria e onde funcciona uma fabrica de gesso nas mais accentuadas condições de insalubridade. A expropriação d'aquellas reliquias anti-diluvianas já foi votada ha longo tempo, mas o proprietario mandou agora caiar de novo as menciona. das reliquias como quem se prepara para as fazer atravessar na vida outros tantos seculos. Ora deem-lhes um logarsinho no aterro da Boa Vista; deem-lhes um logarsinho que já teem tempo para descançar...



O scenario do quarto acto do *Nabuco*, no Coliseo dos Recreios, causou uma agradavel surpreza no espirito do publico. A acção, ao que parece, passa-se no largo de S. Domingos e o *Nabuco*, por conseguinte, não pode ser outro senão o senhor Nabuco José da Silva, com estabelecimento de picotilhos e pannos patentes n'aquella localidade. O romano que toca o bombo é um romano authentico, se bem que nos pareça já termos visto aquella cara desempenhando as mesmas funcções na banda de infanteria 7.

O *raio* que cae em scena é igualmente um raio verdadeiro, fabricado por Vulcano e arremessado por Jupiter (sem referencia ao sr. Fontes) e não, como muitos suppozeram, o *Raio* de carne e osso que costuma *flaner* todas as noites por entre os bastidores.

Escreve um jornal que Sua Magestade El-Rei foi ha dias de *surpresa* ao albergue nocturno e achou tudo na melhor ordem, devido ao zelo e actividade do regente, sr. Villela, a quem Sua Magestade já promettera, que lhe faria tão *inesperada* visita.

Na verdade, isto de prometter a qualquer uma visita e apparecer lá *inesperadamente* deve causar uma surpresa agradabilissima! Estamos a ver o senhor Villela, que já tinha a visita do monarcha como favas contadas, cahir das nuvens da surpresa ao dar de cara com a pessoa de El-Rei, como se ao destapar uma bocêta carnavalesca lhe saltasse lá de dentro o vulto do monarcha de barbas e chapeu de magico ou vestido de capote e lenço.

Lembramos comtudo a Sua Magestade a conveniencia de se cohibir de semelhantes surpresas, sobretudo com pessoas nervosas, porque pode de alguma vez tornar-se a causa innocente d'um funesto mau successo.

No intuito de lhe darmos a maxima publicidade, transcrevemos de varios jornaes a seguinte importante declaração:

CANEÇAS

Summamente penhorada, agradeço ás pessoas de Lisboa e de outras muitas localidades, que no dia 26 de junho do corrente, foram a Caneças abrilhantar com a sua presença os festejos do anniversario da phylarmonica Avante Canecences. Igualmente por este meio participo tambem ás pessoas que ainda se não dignaram ouvir a mencionada phylarmonica, e que desejem ir a Caneças para esse fim, que se não dêem por emquanto a esse encommodo, pois a Avante não toca estes domingos mais proximos, por me retirar para Lisboa a descançar, por me achar um pouco doente e bastante fatigada, não só de um aturado ensino a vinte e tantos rapazes, como bastante desgostosa e aborrecida por motivos que me obstenho de mencionar aqui.

A Avante não morre, porém, descança, e deixa por algum tempo o campo livre ás pessoas que tanto mal lhes desejam. Quando a Avante estiver para reapparcer eu participarei por este mesmo modo.

Lisboa, 4 de julho de 1883.

Carolina Julia Carneiro Lourenço.

A este respeito, recebemos os versos que seguem e que gostosamente publicamos:

Avante Canecenses!!!

D. Carolina Julia
deita *speech* no Noticias!
(Que tertulia!...
Que delicias!)
Pois não acha outros capazes
p'ra dirigir os rapazes?
Em Caneças
Pede *messas!*
D. Julia está bastante
fatigada dos ensinos,
Pois a *Avante,*
é composta de meninos!
Mas a D. Carolina,
quando a *Avante*
estiver para appar'cer,
n'um instante
D. Julia vem dizer
no jornal
qual o dia e o local!
D. Julia Carolina
mais Carneiro, mais Lourenço,
em Caneças é que ensina
(como penso)
pela orthographia sonica,
uns valentes machacazes,
mas rapazes
com a bossa phylarmonica!
Fiquem todos descançados
e de esperança,
(em letra redonda corre)
de que a *Avante* (Ceus!) não morre,
mas descança!
Esta noticia alto sôa
nas mais fagueiras promessas!
Folgue o povo de Caneças!
Folguem todos de Lisboa
que lá vão!
Brinquem todos, todos, todos!
Brinquem todos quantos 'stão.

BALTHAZAR MELCHIOR.

NO PORTO

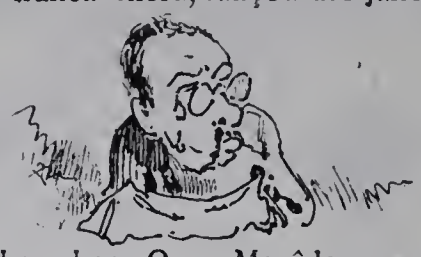
Faço d'elle tudo quanto quero... Agora até veterano da liberdade...

A POPULARIDADE

É uma planta muito mimosa, que no Porto tem a propriedade de se criar e desenvolver ao ar livre, mas que em Lisboa só se conserva em estufa e ainda assim rachitica e espigada como um mangerico com a vinda do outono.

No paiz do Syndicato

Como me são vedados os assumptos tristes, deixo de fallar no cortejo civico, promovido pela Associação Liberal. Aquillo arrancava lagrimas aos corações mais empedernidos. N'esse dia, o homem que nunca ri e que, por consequencia, nunca chora, lançou das janellas da Camara



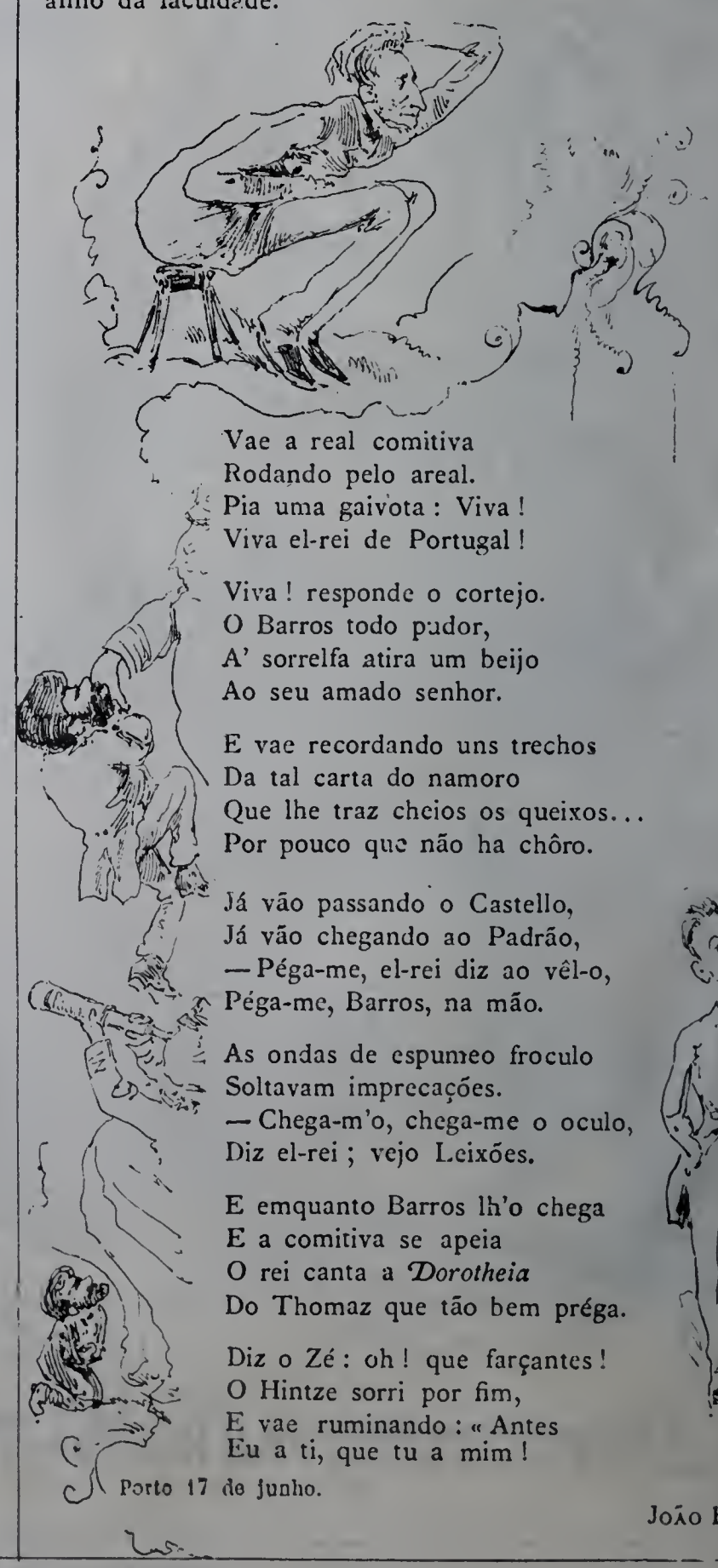
uma lagrima bem boa. O sr. Morêda que estava com os seus azeites tambem foi um verdadeiro chafariz de oleo de algodão. Com algumas velas de cera, o sequito teria sido coisa parecida com um enterro; com mais alguns padres dava uma procissão muito decente, com os seus commendadores, o bello anjinho, e os seus porta-machados heroicos, de avental de couro branco e grandes barbas

pretas de opera-comica. Guilherme Fernandes, Eduardo Falcão e Costa Santos que nós vimos todos garridos, commandando todo o bombeirismo das duas ribas do Douro ficavam a matar, vestidos de prophetas, de capacete, duplas azas de pasta algodoada e borzeguins de marroquim com borlas. Era de morrer. Assim, temos a certeza de que o sr. Correia de Barros, presidente da Camara, engenheiro, traductor, syndicateiro, vereador dos incendios, ensaiador dramatico, bacharel, ourives etc., etc. devia fazer uma bella figura, empunhando o guião de qualquer confraria de trampolineiros emeritos, não esquecendo alguns fundadores de bancos *nacionaes*.

A cidade da Virgem e do sr. conde de Samodães, virgem martyr, anda com a desordem no seu seio, por causa de uma questão, firmemente baseada em quatro pés, isto é, em quatro patas. Travou-se uma batalha entre os Americanos e os Ripperts. As opiniões dividiram-se, umas acompanhando a antiga companhia de mulas progressistas outras fazendo a apologia dos cavallos normandos, de modo que não é difficil ouvir-se a pergunta, extremando os campos: Tu és cavallo ou mulla? Assim, a Camara Municipal, incluindo o sr. Correia de Barros é toda mulla, havendo differentes cavallos no conselho de districto e no governo civil. Já é furor de resumo!

E a proposito: affirma-se que o sr. Joaquim de Araujo vae bater folha periodica em defeza do camareiro mór. Quando os barbaros do norte invadiram a França, no começo d'este seculo, diz um historiador que elles traziam tantos vermes que depois da sua passagem, as folhas seccas das florestas caminhavam atraz d'elles, levadas pela bicharia. Ainda havemos de vêr o tal jornal, seguindo a passo pela rua de Santo Antonio acima, atraz do seu redactor, como as folhas das florestas francezas.

El-rei, respondendo a um cavaco que lhe dirigiu a Camara Municipal, certamente elaborado pelo sr. Morêda dos Azeites, disse: «*Vinham dos rochedos heroicos dos Açores*... Rochedos heroicos! Certamente sua magestade referia-se ao sr. Pedro Penedo, que começou *a abrir* ao terceiro anno da faculdade.



Vae a real comitiva
Rodando pelo areal.
Pia uma gaivota: Viva!
Viva el-rei de Portugal!

Viva! responde o cortejo.
O Barros todo pudor,
A' sorrelfa atira um beijo
Ao seu amado senhor.

E vae recordando uns trechos
Da tal carta do namoro
Que lhe traz cheios os queixos...
Por pouco que não ha chôro.

Já vão passando o Castello,
Já vão chegando ao Padrão,
— Péga-me, el-rei diz ao vêl-o,
Péga-me, Barros, na mão.

As ondas de espumeo froculo
Soltavam imprecações.
— Chega-m'o, chega-me o oculo,
Diz el-rei; vejo Leixões.

E emquanto Barros lh'o chega
E a comitiva se apeia
O rei canta a *Dorotheia*
Do Thomaz que tão bem préga.

Diz o Zé: oh! que farçantes!
O Hintze sorri por fim,
E vae ruminando: «Antes
Eu a ti, que tu a mim!

Porto 17 de junho.

João Broa

REAL GYMNASIO CLUB PORTUGUEZ

Ao proprietario d'esta folha foi offerecido pelos membros do *Real Gymnasio Club Portuguez* um bello grupo photographico dos mais distinctos gymnastas d'aquelle Club, acompanhado d'uma agradavel dedicatoria; foi um brinde gentilissimo que muito o penhorou e que sempre conservará como testemunho da sympathia que cordialmente retribue.

A BROMA DE MADRID

O *Antonio Maria* associa-se intimamente á impressão de pesar produzida em Madrid pela condemnação do redactor principal de *La Broma,* a quem envia sentimentos por essa condemnação e parabens pelas causas que a determinaram.

Estava annunciada para a noite de sabbado ultimo a primeira exhibição da *Favorita* no Coliseu dos Recreios; quando ali chegámos, porém, um contra-annuncio qualquer fez-nos saber que aquella opera só se representaria na noite immediata. Voltámos para casa tristes e cabisbaixos e passámos uma noite de insomnia aguardando impacientes o alvorecer do dia seguinte; qual seria porém o nosso espanto quando de manhã, pegando no *Diario Civilisador*, se nos deparou a seguinte extraordinaria local:

«A bella opera de Donizetti, *Favorita* cantada hontem, conquistou calorosos applausos.

O seu desempenho foi muito regular, especialmente por parte da sr.ª Ida Ferni.

Hoje repete-se tão applaudida opera.

A enchente será completa.»

É pois evidente que o contra-annuncio era uma burla, que a *Favorita* se representou no sabbado, que o *Diario Civilisador* foi o unico a banquetear-se com a opera toda e que o senhor Brito nos deu no dia seguinte os sobejos do *Diario Civilisador*!

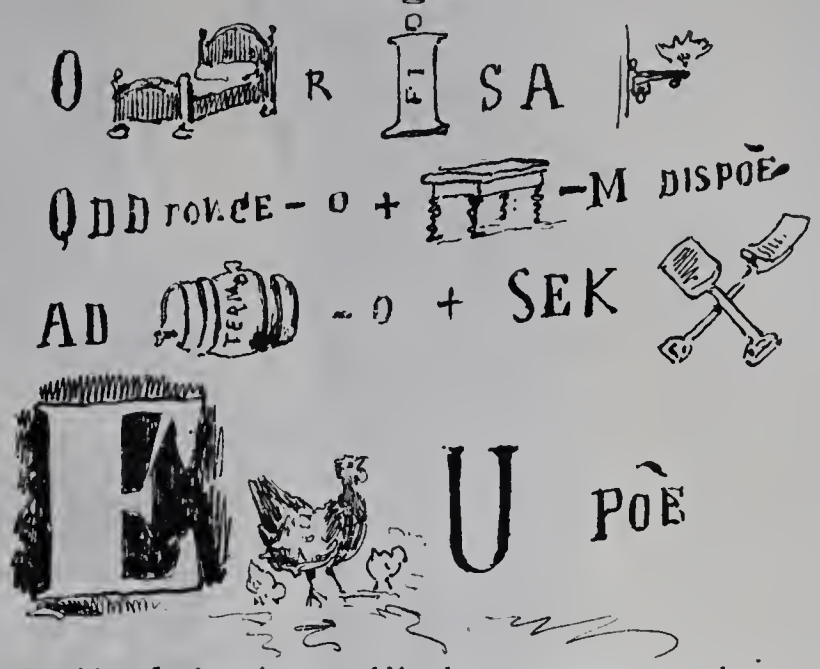
Se não foi assim, se o *Diario Civilisador* não está empanzinado com a *Favorita*, se nem a provou e só quiz comer o publico, então que ponha para ahi tudo em pratos limpos.

Antonio Caldeira, Jeronymo Condeixa e o senhor Barata Loira vão jogar uma partida de *dominó,* estando cada um dos parceiros em ponto diverso: um em Paris, outro em Londres e o terceiro em Lisboa.

Nos nossos tempos, as partidas de *dominó* só se faziam no restaurant do Silva, á saida do baile de mascaras, e não mettiam senão um parceiro e o respectivo *dominó*. Hoje a cousa mudou de figura e já podem figurar tres parceiros com o mesmo *dominó* partido em posta, cabeça e rabo. E' uma innovação muito aproveitavel e por ella se vê quanto pode o progresso de braço dado com a economia.

SECÇÃO PITTORESCA

Enigma



Decifração do enigma publicado no numero antecedente

Só versos de pé quebrado
Me dá o Pegaso chôcho
Que nas rimas desnorteia!
Bem resa o velho ditado:
Quem acompanha co'um coxo
Ao fim do anno coxeia

Recebemos apenas uma decifração do *Freguez da Loja da Fama,* o que sobre maneira nos ensoberbeceu, instigando-nos á composição do enigma que antecede e que, muito de proposito, fizemos dificilimo, afim de ver se conseguimos que nem um só leitor lhe metta o dente.

PAN.

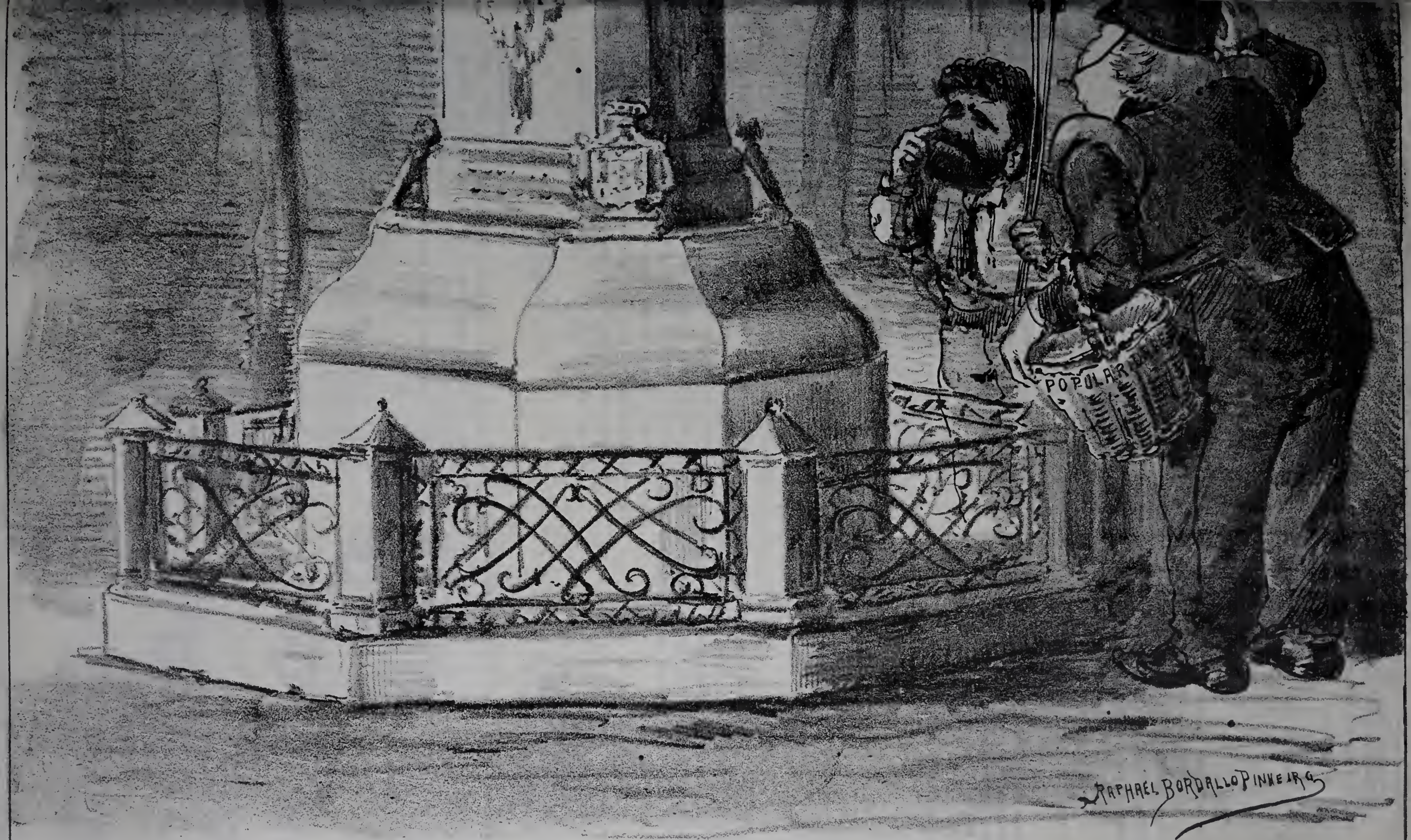
Batalha da Fonte Santa

A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.

CAMÕES.

P'ra tirar a ferruge' ás armas velhas
Uns soldados do exercito do *Caro*,
Depois de despejar varias botelhas
Mostraram em combate ardor preclaro:
Vermelho sangue as armas pôz vermelhas,
A metralha estoirou!... mas não é raro
Haver tal disciplina e tanto brio
Nos que tem general de tal feitio

Salvè, ó defensores do tal throno
Tão bem atarraxado que não ginga!...
Ninguem diga que a tropa cae com somno
Quando ella a quem lhe paga assim respinga!...
Zé Povinho, anda cá, não sejas mono,
Dá-lhe mais um vintem, dá-lhe uma pinga;
E canta na guitarra a toda a Europa
O disciplinador da nossa tropa!!!



NA PRAÇA DA BATALHA

EPILOGO DA IDA AO PORTO

O ANTONIO DAS CALDEIRADAS

Fallando do coelho da Porcalhota disse um dia Julio Machado que o pobre animal era esfolado, partido, lavado e guisado ainda vivo, vindo a acabar de morrer no estomago dos convivas. Com o peixe do Antonio das caldeiradas succede exactamente a mesma coisa, acontecendo até que o camarão, por ser mais vivo, só chega ás vezes a dar a casca no dia seguinte, apesar de já vir para a mesa muito bem descascado.

O nome de Antonio das caldeiradas começa a ser conhecido em toda a Europa como o de Fernando Lesseps; *Gastão de Metz* consagra-lhe duas columnas no *Correio Internacional* de Paris, nós offerecemos-lhe uma pagina no *Antonio Maria*; em summa, todos fallam d'elle, todos o applaudem, todos o exaltam e o homem vae direitinho para a immortalidade, com escala pela rua do Caes de Belem, que é o seu quartel de operações, e os anjos ao vel-o transpor os humbraes da celeste mansão saltam-lhe no tacho das caldeiradas e nunca mais são capazes de metter na bocca nem uma dentadinha dos proprios papos.

Publicações recebidas

Considerações sobre Ricardo Wagner e o seu Lohengrin, por Angelo Frondoni; um folheto de dezenove paginas que vamos ler presurosos a ver se conseguimos finalmente decifrar o Lohengrin.

Unheida, epopéa de benta unha cravada até á néga absoluta na reforma dos 35; um opusculo com trinta e oito paginas, ou outras tantas correias, que não deixou em sangue as bochechas dos da reforma de engenheria porque elles já não teem sangue que lhes possa subir ás faces.

Homenagem do jornalismo bracarense ao brioso major do exercito portuguez Luiz de Quillinan; uma serie interessante de artigos e poesias devidos ás mais illustres pennas de Braga e impressos em papel vellino com um elegantechromo na primeira pagina e vinhetas a oiro e azul em todas as outras.

Foi requerida á camara municipal permissão para estabelecer na cidade illuminação por meio de luz electrica. A camara, como era natural, mandou o assumpto á commissão respectiva afim de que esta, procedendo ás mais rigorosas indagações, se sirva informar se a luz electrica é effectivamente coisa que possa comparar-se com o excellente gaz da companhia. Consta que a commissão, attenta a circumstancia de nos acharmos no seculo das luzes, é de parecer que a luz electrica seria uma superfluidade manifesta, além d'um incommodo terrivel durante a estação calmosa, visto como, se cada foco tem o padrão de vinte velas, deve desenvolver um calor de nos fazer andar com a lingua de fóra.

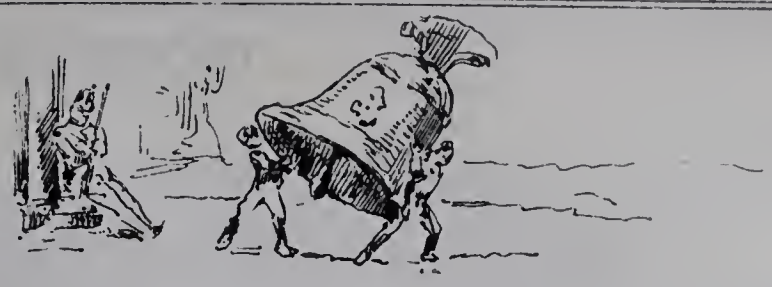
Somos perfeitamente da opinião da commissão: vinte velas em cada foco é muita vela junta; o melhor é continuarmos a andar a remos.

Já descobrimos o meio de livrar o largo da Abegoaria da fabrica de gesso terciaria a que nos referimos no numero antecedente, sem que seja necessario aniquilar aquelle monumento de architectura... de architectura...

— *Gothica, senhor capitão mór!...*

Com uma padiola, dois paus e umas cordas, e quatro *ondas* da Trindade, agora licenciadas, nada mais facil de que transportar tudo aquillo para o museu do Carmo que fica d'ali a dois passos.

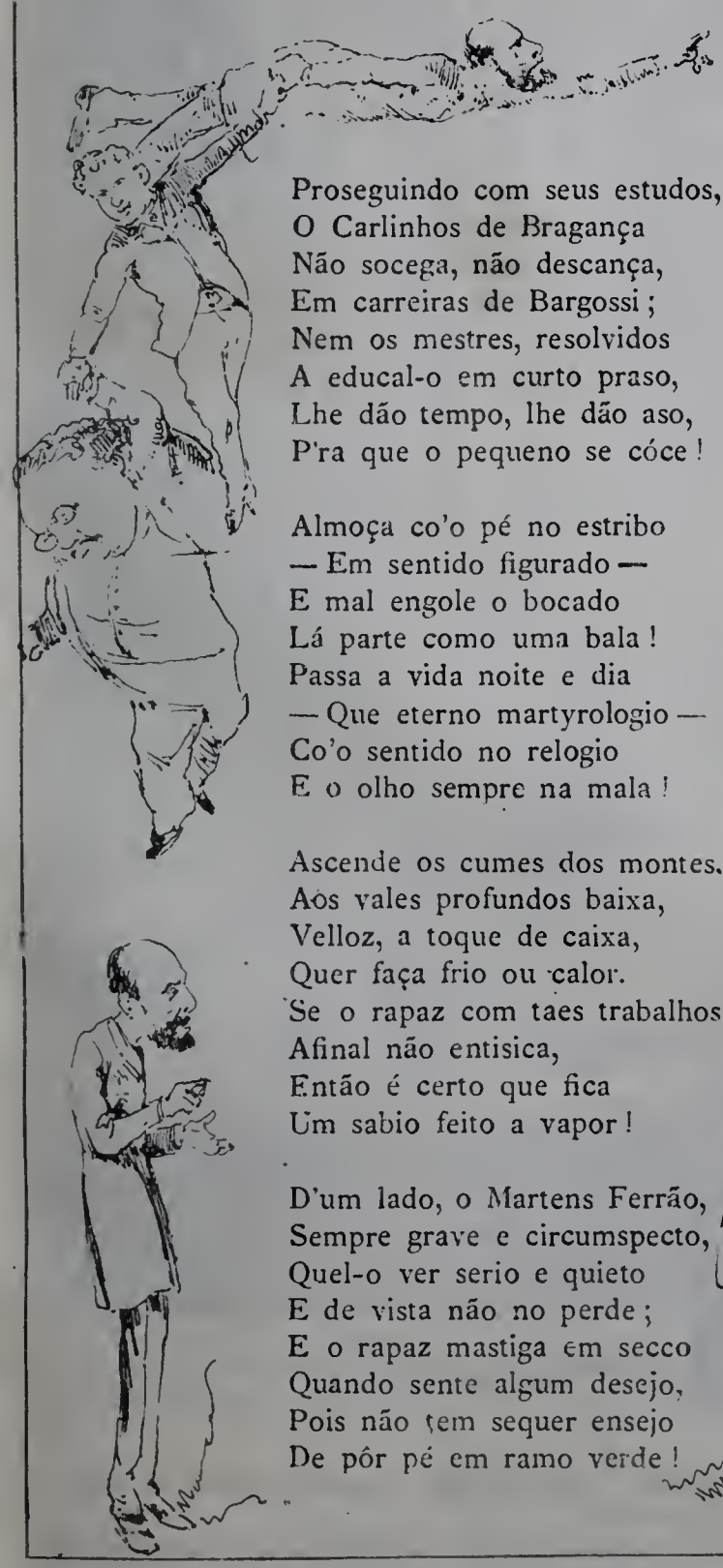
Ora vamos, senhor vereador do pelouro, faça essa generosidadesinha se quer embellesar a cidade e dar um alegrão ao Possidonio...



Segundo informa o *Diario de Noticias*, foi roubado da Torre de Belem um enorme sino de bronze. Provavelmente, o larapio não é outro senão o mesmo que subtrahiu tempos a sineta da camara dos deputados e que não passa com certeza d'um original colleccionador de badalos alheios.

Ainda bem que a mania lhe deu para ali porque se o homem se lembra de fazer collecção de fortificações era capaz de roubar a propria Torre de Belem sem que a guarnição desse por falta d'ella na algibeira do collete.

Entre Gabriel e Lusbel

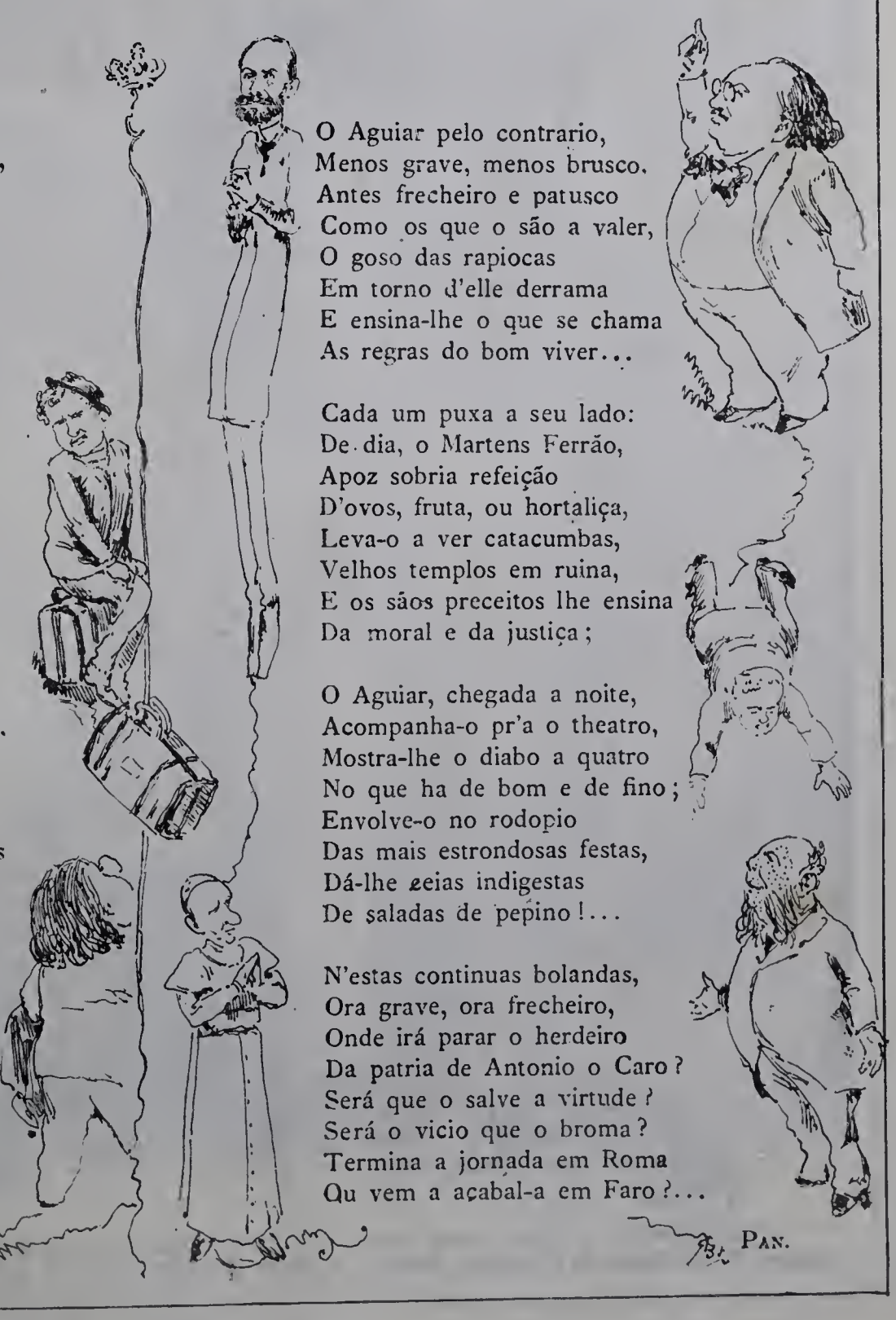


Proseguindo com seus estudos,
O Carlinhos de Bragança
Não socega, não descança,
Em carreiras de Bargossi;
Nem os mestres, resolvidos
A educal-o em curto praso,
Lhe dão tempo, lhe dão aso,
P'ra que o pequeno se cóce!

Almoça co'o pé no estribo
— Em sentido figurado —
E mal engole o bocado
Lá parte como uma bala!
Passa a vida noite e dia
— Que eterno martyrologio —
Co'o sentido no relogio
E o olho sempre na mala!

Ascende os cumes dos montes,
Aos vales profundos baixa,
Velloz, a toque de caixa,
Quer faça frio ou calor.
Se o rapaz com taes trabalhos
Afinal não entisica,
Então é certo que fica
Um sabio feito a vapor!

D'um lado, o Martens Ferrão,
Sempre grave e circumspecto,
Quel-o ver serio e quieto
E de vista não no perde;
E o rapaz mastiga em secco
Quando sente algum desejo,
Pois não tem sequer ensejo
De pôr pé em ramo verde!



O Aguiar pelo contrario,
Menos grave, menos brusco,
Antes frecheiro e patusco
Como os que o são a valer,
O goso das rapiocas
Em torno d'elle derrama
E ensina-lhe o que se chama
As regras do bom viver...

Cada um puxa a seu lado:
De dia, o Martens Ferrão,
Apoz sobria refeição
D'ovos, fruta, ou hortaliça,
Leva-o a ver catacumbas,
Velhos templos em ruina,
E os sãos preceitos lhe ensina
Da moral e da justiça;

O Aguiar, chegada a noite,
Acompanha-o pr'a o theatro,
Mostra-lhe o diabo a quatro
No que ha de bom e de fino;
Envolve-o no rodopio
Das mais estrondosas festas,
Dá-lhe ceias indigestas
De saladas de pepino!...

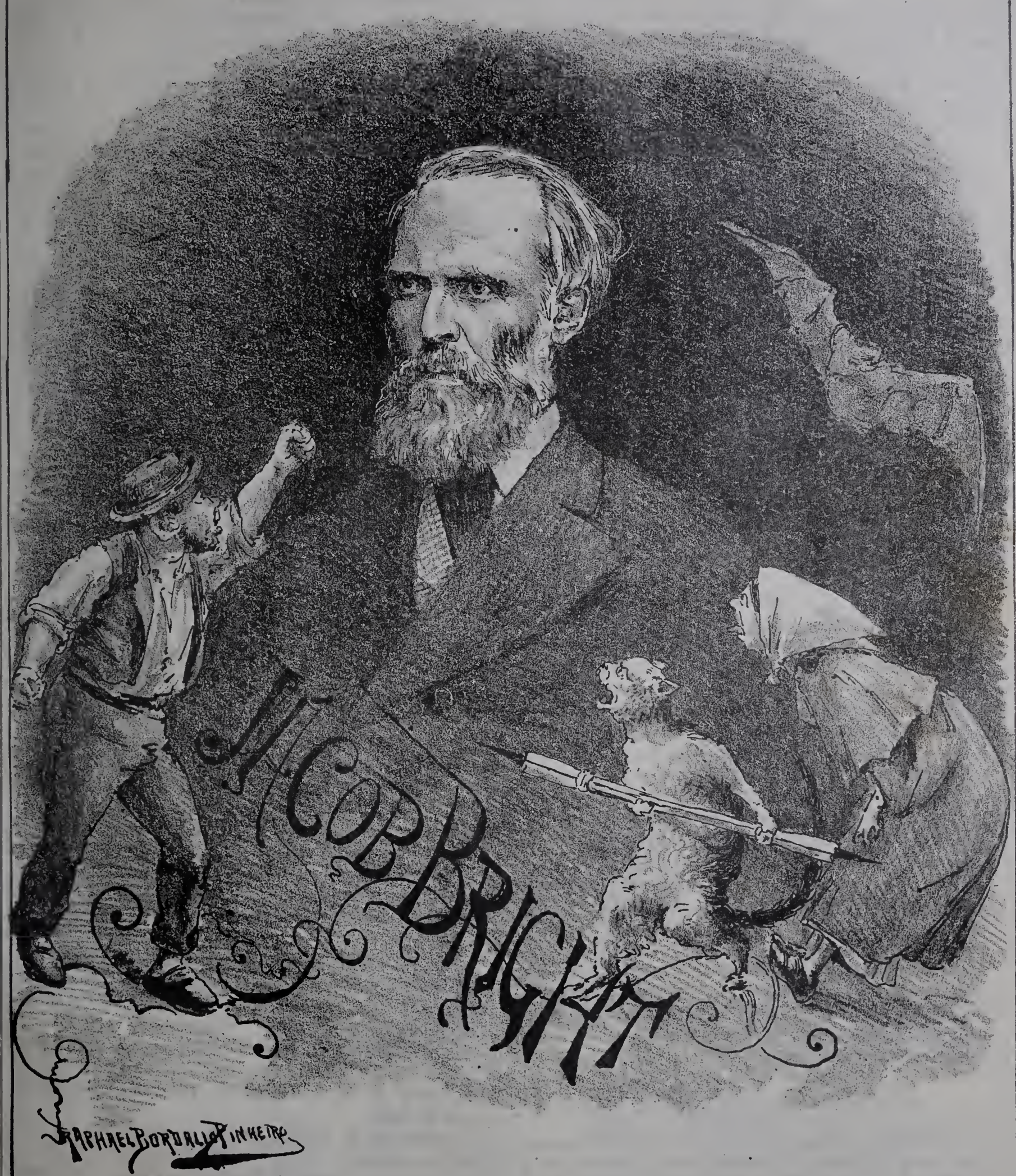
N'estas continuas bolandas,
Ora grave, ora frecheiro,
Onde irá parar o herdeiro
Da patria de Antonio o Caro?
Será que o salve a virtude?
Será o vicio que o broma?
Termina a jornada em Roma
Ou vem a acabal-a em Faro?...

PAN.

TROCA DE COROAS

— Voltando-lhe os bicos para baixo fica muito parecida com a minha e, francamente, assenta melhor na tua cabeça; estou capaz de t'a dejxar assim e arranjar a minha de bicos para cima...

O NOSSO AMIGO



Recebemos de Manchester e por intermedio de um obsequioso desconhecido, uma boa photographia do *nosso amigo*, tirada na casa de *Russell & Sons, 29 Union Road, Tufnell Park*. Apressamo-nos a tornal-o conhecido dos nossos compatriotas, o que, se bem que tardio, não vem contudo absolutamente fora de tempo. Tambem o *Faca de Matto* andou dezesseis annos a monte e quando lhe deitámos a unha ainda tinha actualidade...

No paiz do Syndicato

Escuso de lhes dizer, meus amigos, que as noticias da patria da Aïda são lidas por aqui com um certo interesse, aliás justificado, bem como tudo quanto diz respeito á epidemia que vae fazendo a sua peregrinação annual até ás cidades santas de Meca e Mina. (Como vamos longe da Praça de D. Pedro!) E notem que não adjectivamos o cholera com uma d'aquellas panelladas de qualificativos mal cheirosos, que devem, em verdade enfurecer o Ahasverus da legenda e sujar até a sola-e-vira das suas sandalias seculares. Por uma rasão muito simples, apesar do seu alto valor scientifico.

O *Antonio Maria*, com a sua boa gargalhada tolerante, póde prestar á hygiene publica serviços infinitamente superiores a todas as medidas dos Lazaretos e dos cordões sanitarios. Porque o *Antonio Maria*, apesar do sorrisinho malevolo dos nossos grandes homens da sciencia augusta e impeccavel, é o antiseptico mais poderoso do microcosmo peninsular, e as vantagens que o assignante aufere quando elle lhe entra pelo quarto dentro são muito superiores ás que lhe adviriam d'uma panella de alcatrão, ardendo á porta de casa, ou de algumas colheradas do xarope de violetas, recommendado pela velha medicina, fóra da moda.

Na sua marcha, verdadeiramente providencial, pela terra, elle tem anniquilado animalculos capazes de resistir ao acido thymico e, muito antes dos srs. governadores civis terem decretado o exodo dos cevados para longe dos centros habitados, já o *Antonio Maria* tinha expulsado do respeito publico todos os microbios que corrompiam a atmosphera do paiz. Hoje, como sempre, em face do judeu de Sue como em face do judeu Bazorra, o *Antonio* tem o seu logar perfeitamente definido e o seu papel claramente estudado, empregando para correr o monstro aziatico exactamente o mesmo processo que applicou ás monstruosidades da nossa politica. Para demonstrarmos a base scientifica da nossa tarefa, em que pese aos supramencionados sabios, nós vamos apresentar a prova mais concludente, a opinião mais auctorisada que conhecemos sobre materias d'esta transcendencia. O *Diario de Noticias*, que é a nossa pythonisa, dizia ultimamente: «Em primeiro logar é preciso que todos saibam que o medo e o desanimo predispõem para contrahir (iamos a escrever — *os sagrados laços*...) o cholera: a coragem e a confiança no aproveitamento dos preceitos hygienicos, tornam-nos muito menos aptos para a receptividade (estylo cirurgico) da causa morbifica (continúa) e difficultam a evolução da doença, porque contra ella reage então a natureza, expulsando de si (sabem o quê?) os principios deleterios. Nada de mêdo.»

Vêem? Nada de medo. É o *Diario de Noticias* que o diz: nada de medo! Ora assim como o antidoto que a pharmacia celeste applica a uma certa coisa bem boa é a castidade, assim o *Diario de Noticias*, com todo o pezo da sua auctoridade nunca contestada, acaba de proclamar contra o cholera o *Antonio Maria*. E verão se deixamos ficar mal o collega. Contra o medo a alegria, e nós cá estamos para applicar no ogre e gypciaco uma tal doze de pontapés no seu pouco respeitavel ventre que o ha de transformar em qualquer coisa de mais transparente e mais vaporoso do que o sr. Braamcamp.

Parece que deixamos provada, á saciedade, a superioridade da nossa folha relativamente á barrica de alcatrão e ao xarope de violetas, da medicina lyrica.

Sobre o momentoso assumpto fallou tambem esta semana no *Commercio do Porto* o novo fidalgo e illustre homem de negocios o sr. visconde de Moser. O neo-aristocrata entende e bem que a coisa é muito seria e «que ao governo pertence a direcção das medidas, entre as quaes de Moser entende que devem ser consideradas a remoção das estrumeiras e a limpeza do corpo. (Se s. ex.ª queria alludir ao sr. Joaquim de Araujo temos a avisal-o d'um pleonasmo desnecessario). Mas em verdade, como entende o illustre fidalgo que o governo poderá presidir á remoção das estrumeiras? Delegando para tão perfumado serviço o sr. visconde de Guedes Teixeira, governador civil? Encarregando a tarefa ao homem dos mil negocios e mettendo-o a fazer terrivel concorrencia com os lavradores de S. Cosme? E a limpeza do corpo? Fazendo uma parada matutina no campo da Regeneração, commandada pelo general Paulino, e em que entre toda a população de uma cidade, cujo horror ao sabonete é proverbial?

Nós pedimos ao sr. de Moser uma explicação necessaria. S. ex.ª depois do seu artigo enigmatico sobre o cholera já abrilhantou o mesmo jornal, com uma correspondencia das Caldas de Vizella, em que dizia que nas horas vagas se entretinha «a cultivar o espirito». É muito provavel que na horta cerebral de tão preclaro cidadão já a estas horas tenha germinado a couve penca das grandes locubrações humanitarias. Não basta apresentar ideias, embora ellas venham a ter uma grande influencia nos destinos d'um povo; é necessario dizer-se a maneira como ellas devem ser postas em execução. No entanto, emquanto esperamos os precisos esclarecimentos do sr. fidalgo, vamos apresentando a nota de algumas medidas hygienicas que o sr. Visconde de Guedes Teixeira de Lamego, deve mandar executar, sem perda de tempo para diminuirem as probabilidades do contagio. Nada de medo! Eu proponho que

1.º Sejam feitas fomigações de alcatrão e alfazema á porta da casa da Camara; caiada e barrada a sala das sessões, promovendo-se immediata remoção do sr. Correia de Barros para o Alto da Bandeira, em Villa Nova.

2.º A Alfandega do Porto será cercada por cordões sanitarios, e até cordas, sendo necessario, para que os seus empregados não possam d'alli sahir antes das horas do regulamento.

3.º Remoção do sr. Joaquim d'Araujo para Castro Laboreiro.

4.º Idem do sr. Soares de Meirelles para o conservatorio de Milão.

5.º Idem do sr. Augusto Vianna para uma aula de instrucção primaria.

6.º Idem do sr. Apolino dos Reis para Salamanca; pára as obras do caminho de ferro.

7.º Idem da Associação Liberal para Faro.

8.º Applicação aturada do permangonato de potassa ao Conselho de Districto.

9.º Idem de azotato de chumbo e de alumen ao Codigo das Liberdades Patrias.

Porto, 24 de de Julho.

João Bro.

Quem é?

Quem é que mata os *tótós*
Por modo tão deshumano?
É o francez do guano,
Os policias, os *cócós*?!

Serão os judêos da tamara?
Os homens do gergelim?
Os rapazes do *alecrim*?
O presidente da camara?

Com ferro ervado e agudo,
Quem é que fére (malvado)
O *tótó* matriculado,
D'açaime, colleira e tudo?

Será acaso o ratão,
Que faz a falsa manteiga?
Será o Leça da Veiga?
Será o Theophilão?

Será o Lorfas? O Rilhas?
Puniçoça? Masthodontes?
Acaso será o Fontes,
Ou o freguez das ervilhas?

Afinal, quem mata os cães?
Quem resolver *o fiasco*,
Recebe do *sôr* Nolasco
Um brinde...dos tres vintens!

BALTHAZAR MELCHIOR.

Queixa-se um correspondente da *Folha do Povo* de que tendo ido por instigação nossa ao *José das caldeiradas*, ali lhe foi servido, por *uma rapariga agil, de olhos hespanhoes e sorrisos provocantes*, apenas linguado de caldeirada demasiadamente apimentado tanto no molho como no preço. Ora sempre gostavamos que nos dissesse aquelle exigente o que é que elle queria que uma rapariga *de olhos hespanhoes* lhe servisse senão linguado apimentado... Não gostou do linguado?... Pois nosso amigo, quem quer linguado pacato, linguado trivial, linguado em familia, não deve passar da rua dos Fanqueiros nem pedil-o a uma rapariga de sorrisos provocantes...

E demais, se não gostou, a culpa não foi nossa; nós recommendamos-lhe o *Antonio*, o amigo foi ao *José das Caldeiradas*, por consequencia não temos absolutamente nada com as suas decepções.

Ora vá ao *Antonio* e diga-nos depois se não gostou... E, em todo o caso, se não gostar ainda, faça-lhe outra qualquer coisa, mas não lhe erre o nome pelo amor de Deus...

O *Costa apita* esteve ante-hontem á noite de cavaco á porta dos *Recreios* fazendo-nos as mais agradaveis ausencias; entre outras coisas com que nos fulminou, disse que eramos *muito espigado*. Temos pena de não estar n'essa occasião ao pé do *Costa apita*, porque, como elle é da marca de Judas, seria um famoso ensejo para lhe conferir o premio que costumamos conceder ás linguas obsequiosas...

O *Fausto* tem agradado extraordinariamente no Coliseo dos Recreios. Tambem não admira; a empreza tomando a resolução de dár ao scenario a côr local das ruas da Baixa conquistou justamente as sympathias do publico. Já o *Nabucudonosor* agradára immenso por causa da vista do Largo de S. Domingos e agora o *Fausto* passado n'um terceiro andar da rua dos Bacalhoeiros é de levar a cidade ao delirio do enthusiasmo. Apenas nos parecia acertado confiar o papel de Margarida áquella celebre corista gorda, porque Margaridas ediaes é coisa que não existe para as bandas da Ribeira Velha.

Nénia

Não riam, que é coisa triste.
BOCAGE.

Brote a inspiração aos moios,
Morda-me a poetica ténia,
Que nos meus versos saloios
Quero entoar uma nénia
Ao maluquinho de Arroios.

Bem sei que foste um maluco...
Ninguem tem culpa de o ser;
Mas cabeças de egual succo
Estou eu farto de ver
Comnosco jogando o truco!

Nunca ambicionaste a pasta
De ministro da Fazenda;
Mas, sem sciencia mais vasta,
Brincam muitos co'essa *prenda*
Sem ninguem lhes dizer — basta!

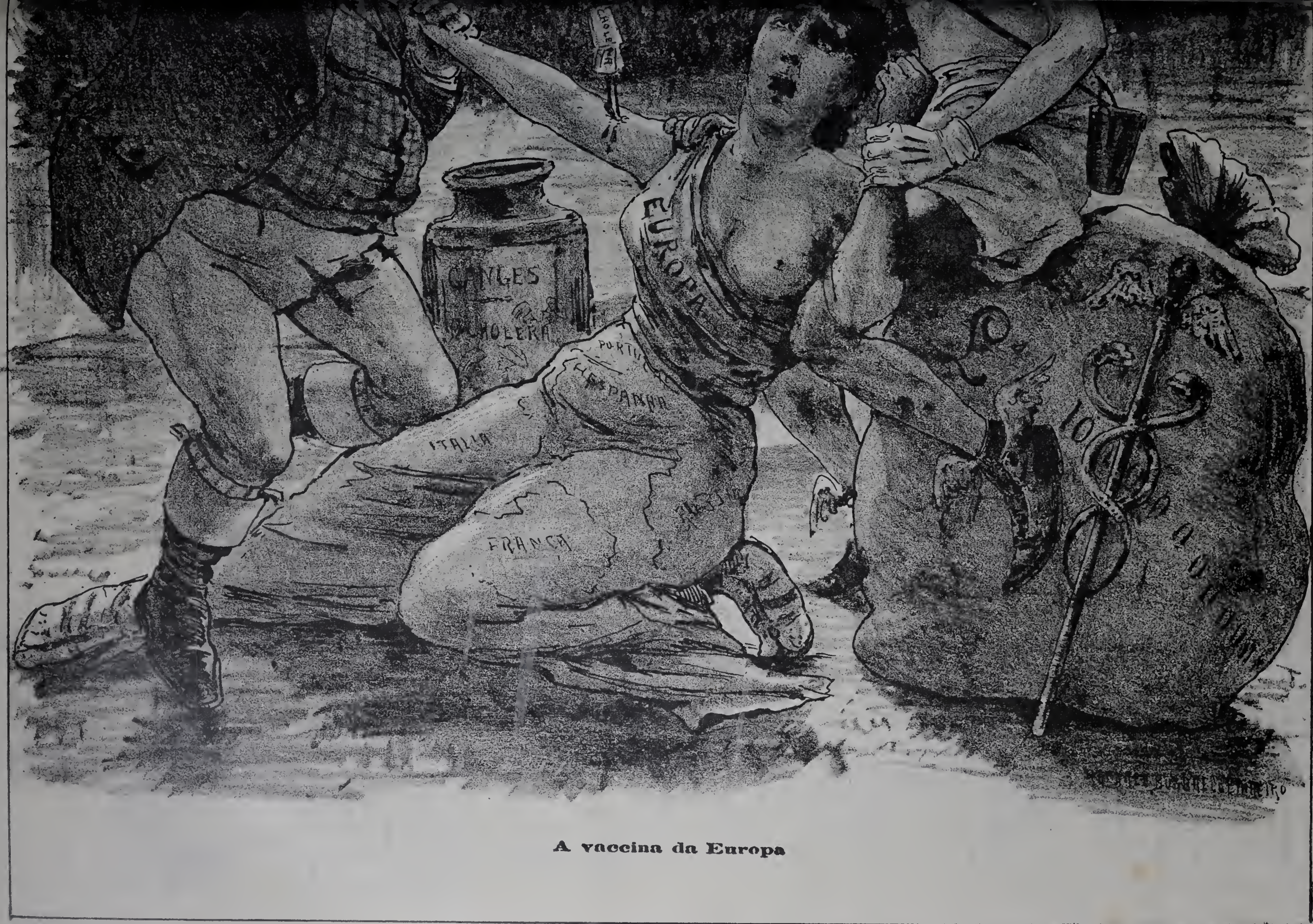
Tinhas grande vocação
Para ministro da guerra...
E quantos n'esta nação
De o ser se fazem com terra,
E pouco mais valerão!

Não sei se alguma obra escripta
Deixaste para os vindouros;
Mas é mister que se admitta!
Nem todos que *colhem louros*
A fariam mais bonita.

Não sei se tinhas paixão
De o mundo estafar com versos;
Mas se a tinhas com razão,
Não serias dos perversos
Mais dignos de punição!

Eras um maluco?... Eguaes
Muitos descobre quem pensa!...
São-o todos os mortaes:
N'este ponto o differença
Está no menos e o mais
.....

No chão que nos sorve á pressa
Descança da vida breve,
Que a chorar só se atravessa;
E a terra te seja leve
Como te foi a cabeça.



A vaccina da Europa

O CHOLERA

CHRONICA SEMANAL

A cidade está uma dona de casa muito saloia e muito pelintra.

Já não recebe com aquella affabilidade gentil que era o seu caracteristico mais distincto, antes se mostra grosseira e sacudida, como o outro que diz com cara de despedir hospedes. Nem menos de duas visitas de cothurno acabam de ser postas no olho do rua: *O cholera e o 24 de julho!*

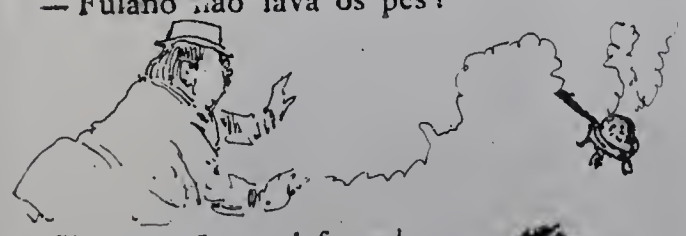
O cholera, que se fazia com terra de vir passar a Lisboa os trinta dias da canicula, pelo menos, foi despedido formalmente e já não vem;—não vem com toda a certeza, que o mandou hontem participar pelo telegrapho ao caneiro de Alcantara que é o seu correspondente n'esta cidade. E o sujeito tem rasão; — quem foi tão bem recebido, tão amimado, tão bem tratado, n'esta mesma casa, ainda ha meia duzia de annos, não devia agora sujeitar-se a que lhe batessem com a porta na cara, como quem despede um mendigo impertinente.

Porque é neccessario que se saiba que Lisboa está inconcussamente resolvida a não receber o cholera...

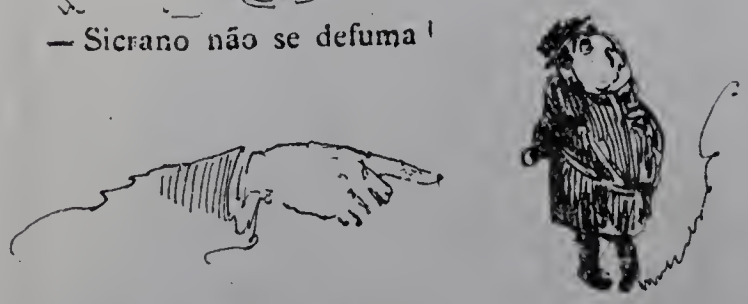
E é que se tem desenvolvido uma febre de lavar casas, caiar paredes, remover entulhos e beneficiar possilgas, que não hade haver pussilga, entulho, parede ou casa em que o flagello se atreva a metter dente!

Ha longa data que era costume entre nós trazer para a imprensa a roupa suja da politica, mas esse habito aperfeiçoou-se e desenvolveu-se e agora até está em moda trazer para o mesmo sitio a roupa suja dos visinhos. Os jornaes veem cheios de cartas, avisos, reclamações e correspondencias, delatando á policia os estabelecimentos insalubres e os focos de infecção que cada um tem ao pé da porta.

— Fulano não lava os pés!



— Sicrano não se defuma!



— Beltrano não tem siphão!

E não se lê outra coisa...

Ora o cholera que, como dissemos, projectára vir a Lisboa passar a estação calmosa, pegou ha dias no *Diario de Noticias*, afim de se inteirar sobre o numero de cazas com escriptos, e qual seria o seu espanto ao constar-lhe as providencias e os desinfectantes que a cidade anda tomando para o receber, ou antes, para não o receber!

— Eia! com os diabos! O que lá vae! pensou elle; e resolveu cortar as suas relações comnosco não nos mandando sequer um bilhete de visita...

O que succederia se o cholera soubesse que a fabrica do senhor Grangeon ainda não vendeu a mais um pataco de sabão, nem a companhia das aguas conseguiu abiscoitar o excesso d'um metro cubico...

Por outro lado, *o 24 de julho* foi igualmente corrido a ponta-pé e não torna a cá pôr o dito por estes annos mais chegados.

Como toda a gente sabe, o *24 de julho* foi sempre considerado como uma festa popular, feita pelo povo e para o povo; mas desde que o povo pareceu resolvido a tomar parte nas suas festas, foram estas abolidas, por inconvenientes e perigosas para as instituições que felizmente nos regem. O centenario de Camões e o do marquez de Pombal foram para os altos poderes do estado a revelação terrivel de que o povo queria metter o bedelho nas chamadas *festas populares*, e isso determinou a abolição de que vimos de fallar.

O partido legitimista sente-se penhoradissimo para com as pessoas do grande epico e do notavel ministro, a cuja intervenção deve tão lisongeiro resultado, e parece resolvido a convidar um e outro a que substituam o sr. Fernando Pedroso e o senhor doutor Pinto Coelho, tanto nos congressos da associação catholica como na direcção da companhia das aguas. Se tal se realisar, lembramos a conveniencia de fazer occupar por estes senhores os logares deixados por aquelles, mandando o senhor Pedroso para a memoria do Terreiro do Paço e collocando o senhor Pinto Coelho na da praça de Luiz de Camões...

As unicas pessoas que protestaram contra a extincção do *24 de julho* foram os fogueteiros e os empregados publicos: estes porque lhes ardia a pelle, aquelles porque não lhes ardiam os foguetes...

— Pouca vergonha! gritava um amanuense na arcada do Terreiro do Paço, desembarcarem 7:500 nas praias do Mindello e não termos nós hoje o direito de embarcar no vapor do Burnay para ir arejar o cadaver á praia de Pedroiços! Protesto em nome da minha manga de alpaca!...

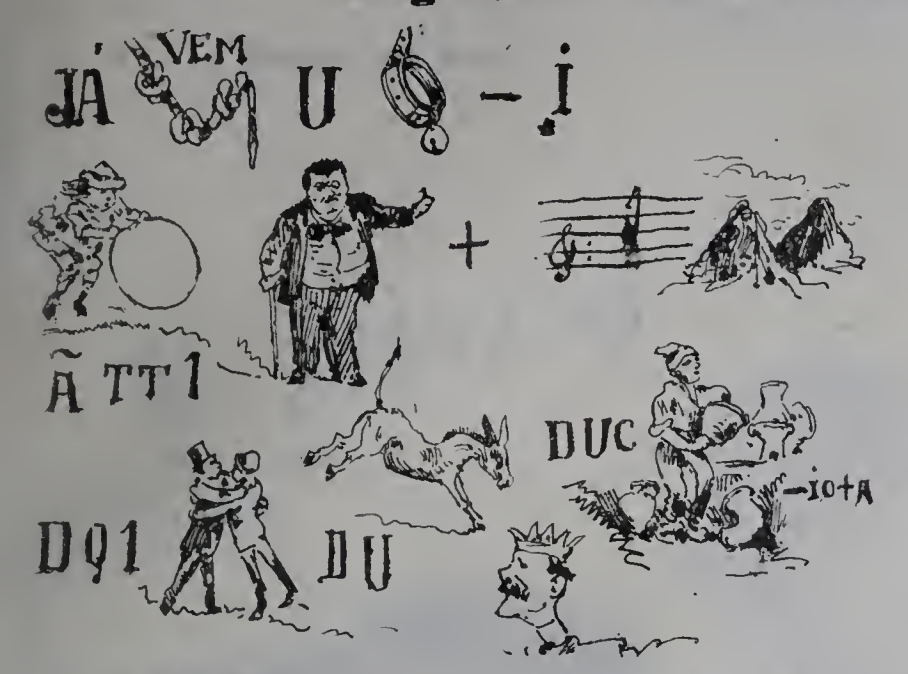
Os festejos publicos resumiram-se a meia duzia de foguetes queimados no largo das Duas Egrejas e a igual numero de luminarias expostas no frontespicio da egreja dos Paulistas; como se vê, foi tudo festas de egrejas, o que mais nos confirma na supposição de que o partido legitimista não cabia em si de contente.

O sr. Fontes não illuminou o seu solar. Pois se s. ex.ª avaliasse bem o que deve á causa liberal não só devia botar luminarias como até lhe cumpria embandeirar em arco...

PAX.

SECÇÃO PITTORESCA

Enigma



Decifração do enigma publicado no numero antecedente:

«O leitor fino e sagaz
Que de experteza dispõe,
Adivinhe se é capaz:
Branco é galinha o põe...?»

Caímos das nuvens de surpresa! Imaginem que nos pavoneavamos todo na esperança lisongeira de que nem um só leitor *metteria dente,* segundo a nossa propria phrase, com aquelle intricado enigma, e que nos entra pela porta dentro uma carroçada de bilhetes postaes contendo decifrações!!!

E' de perder a cabeça, pois não é?...

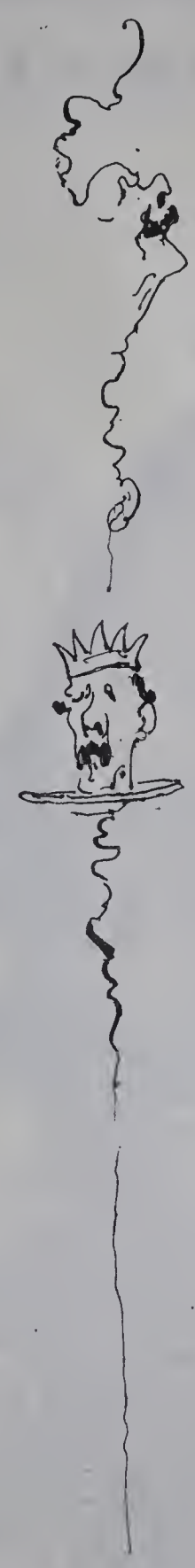
Os primeiros decifradores foram estes:

Ego, *Morsouin*, *J'aquim Man'el*, *Fanéca*. *Patin Manso*, *Claudio 2.º*, *Jayme José Junior*, *Antonio Maria de S. Pedro*, *M. R.* que manda umas bonitas quadras que não publicamos por falta de espaço, *Cócóricó*, *Comadre do Basorra*, *Tabacaria Capricho*, *Um ovo*, que segundo as informações que nos dá tem uma cara muito parecida com o que quer que seja nosso conhecido, *Iradier*, *Um Costa que não apita*, *Satanaz*, *Pirata*,... *guinchas*. *Pater*, *Regoa*, *Dois Gymnastas*, Um *ma* escripto no *L*, que nem pelo demonio fomos capazes de decifrar que nome seja, e *Choraalto e Chora baixo*, cujas estrophes não publicamos porque a maior parte dos versos é feita pelo methodo do *Capitão Mór* na *Morgadinha de Valflor*, que queria que os versos chegassem sempre ao fim do papel. Ainda assim, aconselhamos os esperançosos vates a que prosigam na carreira encetada, porque os seus versos, pela disposição que lhes vemos, teem posses para *chegar* até os confins da Europa...

PAN.

Como heide cosinhal-o?...

Do Fontes, cantado em verso,
Fazendo gato sapato,
P'lo frontespicio e reverso
Ha que tempo escarrapato...
—Nem tenho prato diverso,
Nem tenho diverso prato...



Não sei como hoje o tempere!
E ando tristonho, ando afflicto...
Por muito que considere,
Não sei, deveras, repito...
—O leitor como o prefere?
Cosido, guisado, ou frito?...

Do saber a cantoneira
Já tenho deitado abaixo:
Dei-o em fina petisqueira
Temp'rei-o em reles gaspacho,
Em bifes na frigideira
E em carne assada no tacho!

P'ra dar sempre novo almoço
Tenho obrado maravilhas!
Ou deixo-o ficar ensosso,
Ou lhe deito sal ás pilhas,
Ora o sirvo em caldo d'osso,
Ora o faço com ervilhas...

Dos segredos da cosinha
Não tenho um só de reserva;
Eil-o em canja de gallinha,
Mais esparregado de herva,
Mais *pastelão* de farinha
Mais cebola de conserva!

De fricassé, tijelada,
Com tutano e sem tutano,
Em mayonaise e salada
Com bello azeite Herculano,
De escabeche e caldeirada,
E até cru, se não me engano!

No forno, como os perús,
Como as sardinhas, na grelha,
Temp'rado com alhos crus
Como a gostosa savelha,
E em sopinha de cús-cús,
Com ramo de segurelha.

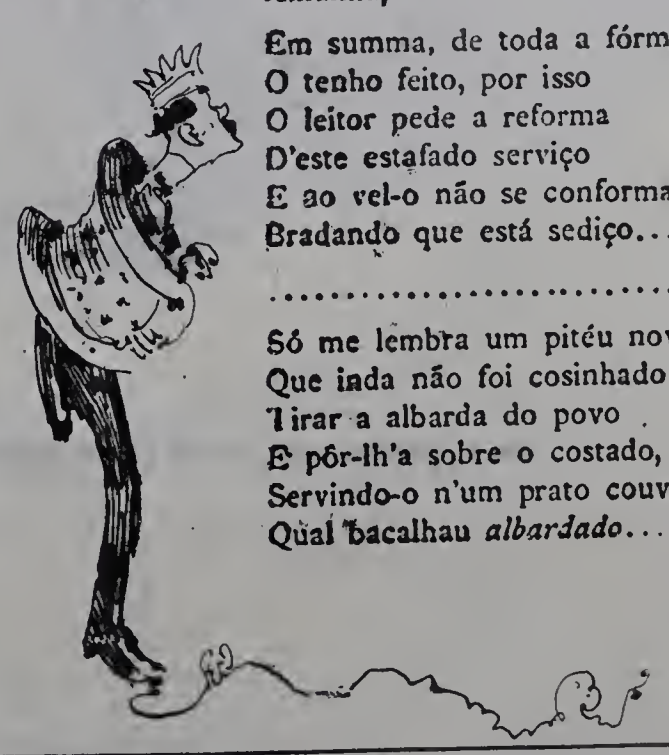
Hontem, co'a bella hortaliça
Cosidinho na panella,
Tomando o gosto á nabiça,
E o sabor á pimpinella,
Hoje, em paio ou linguiça,
Amanhã, de cabidella...

Em summa, de toda a fórma
O tenho feito, por isso
O leitor pede a reforma
D'este estafado serviço
E ao vel-o não se conforma,
Bradando que está sediço...

.....

Só me lembra um pitéu novo,
Que inda não foi cosinhado:
Tirar a albarda do povo
E pôr-lh'a sobre o costado,
Servindo-o n'um prato couvo,
Qual bacalhau *albardado*...

PAN.



PEDRO QUE RI E PEDRO QUE CHORA

9 de julho **24 de julho**

Um ri porque tem; outro chora porque não tem... Já se vê que é o syndicato...

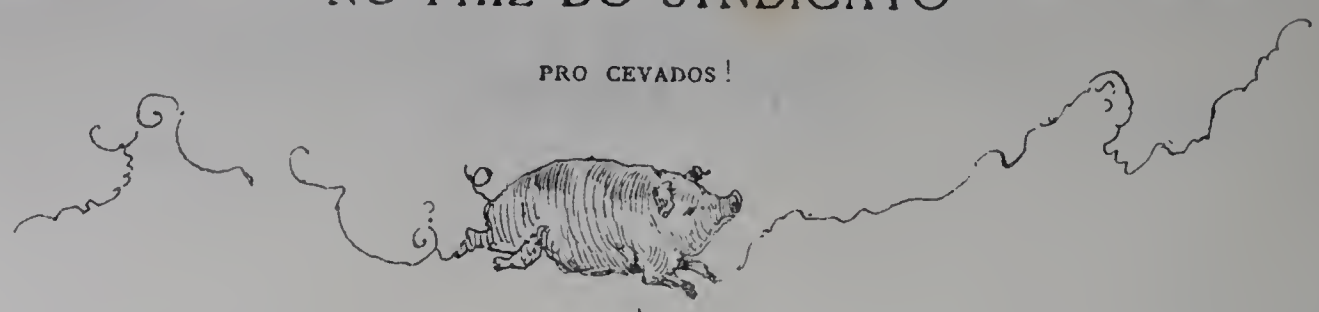
MEUS SENHORES...

Não faço hoje desenho na primeira pagina...

Cá por causa d'uma coisa...

NO PAIZ DO SYNDICATO

PRO CEVADOS!



Caminhamos para o Oriente. Tudo indica uma transformação nova da nossa sociedade para os costumes preguiçosos das regiões do Ganges. As hetairas estão fazendo furor na politica. Dentro do guarda-pó do funccionario que se retira para a sua casa de campo ha mais de um brahmane disfarçado, e se não fosse o sr. conde de Samodães e o sr. padre Patricio, já a estas horas a egreja dos Clerigos estaria transformada n'um pagode, como o illustre palacio das côrtes. N'este furor pela vida e pelos costumes das regiões do sol, que a ameaça do cholera não justifica, o sr. governador civil do Paiz do Syndicato acaba de decretar energicas medidas, que o collocam pelo menos, a par do Mahomet propheta. O sr. visconde de Guedes já não lê outro santo.

Os varões da egreja christã, não exceptuando o já mencionado conde de Samodães, foram postos de parte no governo civil. As ordenanças da Casa Pia são elaboradas segundo as formulas da Biblia Pagã, e na ancia pelo paraizo dos crentes, o sr. de Guedes decreta rigorosas medidas ottomanas, que muito devem lisonjear os figados do Propheta. Uma d'estas noites o illustre visconde lia, cheio de enthusiasmo, aquellas paginas bemditas do Koran.

O versiculo 168 do cap. II dizia-lhe: «Sois prohibidos de comer os animaes mortos, o sangue, a carne de porco e todo o animal sobre o qual seja invocado qualquer outro nome que não seja o de Deus.» O versiculo 146 do cap. VI dizia-lhe tambem: «Diz-lhes: Não encontro, no que me foi revelado, outra prohibição para aquelle que se quer alimentar, além dos animaes mortos, o sangue que correu e a carne de porco.» O versiculo 116 do cap. XVII dizia-lhe finalmente: «É prohibido alimentar-se com a carne dos animaes mortos, com o sangue e com a carne do porco, assim como com qualquer alimento sobre o qual se tenha invocado outro nome que não seja o de Deus.» [1]

Nem tanto era necessario para que o sr. visconde de Guedes fizesse baixar sobre a cidade as mais rancorosas ordenanças contra os porcos. De nada lhes valeu a interferencia supplicante dos presuntos de Lamego, conterraneos do sr. visconde; de nada lhes valeu a seducção mais appetitosa empregada pelas mais formosas porcas de Murça. Os cevados portuenses estavam condemnados.

Os cevados portuenses, dentro de vinte e quatro horas, seriam expulsos do seio da cidade da Virgem, ou mortos pela faca do porqueiro, ou lançados ao rio Douro com uma bala aos pés. Tarde ou cedo haviamos de saber para que serviam as nossas munições de guerra! Mas os grunhidos suavissimos e lacrimosos dos cevados deviam abalar os corações sensiveis: *Spada* fez no *Seculo* a defeza dos porcos, Joaquim d'Araujo fez, n'um soneto, a propria defeza, e eu, João Broa, segundo do nome, municipe orthodoxo, amigo e admirador da alta politica do sr. Correia de Barros, o mata-cães, lanço o mais terrivel repto contra visconde de Guedes, o mata-porcos. Fallemos a el-rei:

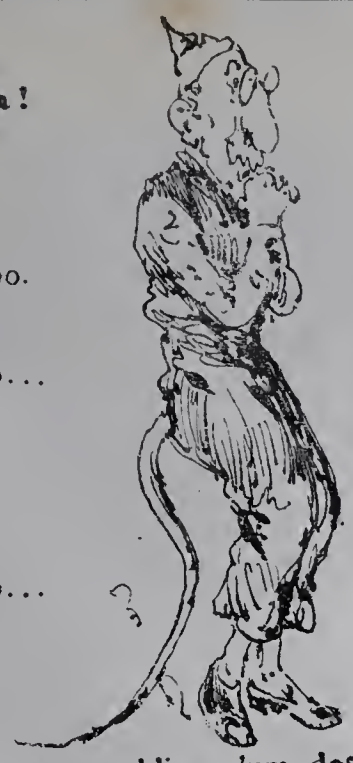
[1] Estas citações, feitas sobre a versão de Kasimirski não vão em hebreu porque não temos aqui á mão o sr. José Caldas, inspector do sello.

Senhor! Segundo o § 12.º do cap. VIII da Carta Constitucional a lei é igual para todos. Em nome da justiça e em harmonia com o § citado, eu venho reclamar contra o sr. visconde de Guedes, de Lamego, homem de prol e actual governador civil do Porto. V. Magestade sabe que o porco faz parte das nossas mais sérias instituições politicas. O porco tem direitos adquiridos, como as congregações religiosas, como a associação liberal, como o Aljube, como a Porta de Carros. Nós podemos viver sem o sr. Correia de Barros, posto que nos faça uma falta de todos os diabos, podemos ainda prescindir do sr. Adriano Machado, viscondes de Alves, de Guedes, de Rebello, das Hortas, de Monteiro, de Pacovio; podemos promover alegremente a remoção de diversos homens e animaes de bronze que occupam diversas praças da cidade; podemos mandar de presente ao diabo os srs. da policia, da administração, diversos coroneis e varios marmanjos da alta finança que só descontam letras ás raparigas bonitas e honestas; mas, como havemos de viver sem o porco, sem a porca, sem o leitão? A familia suina presta muitos mais serviços á cidade do que a familia dos Carneiros, á camara municipal. O porco que condemnamos á vida abjecta delega-nos com a sua morte os petiscos mais applaudidos por todos os estomagos ainda não arrombados. Desde a orelheira até ao chispe desde o seu respeitavel focinho até ao intestino grosso, o porco é um animal aproveitavel, util, manso, que só espera a faca do magarefe para o desfazer e chouriços, em rijões, em presuntos, em sarrabulhadas pantagruelicas. Separe V. Magestade o porco da historia de Portugal, e lá desapparece todo o encanto do prato classico dos nossos maiores: o cozido, com o bello paio e a imprescindivel talhada de presunto. O que é o restaurant moderno sem o salame? O que é o lar da familia sem o salpicão ao fumeiro? O que é o pescoço de uma rapariga chic, sem o *cochon* de oiro da ultima moda parisiense? O porco, creia V. Magestade, e apenas victima do seu nome. A lei é igual para todos, diz-se, mas a verdade é que, pondo fóra da cidade todos os cevados, não diminuirá o numero dos porcos que focinham á sombra da lei. Não ha cortelho que chegue ao tribunal de S. João Novo; não ha porco sujo que se approxime do illustre doutor encarregado habitual da inspecção da saude no paiz do Syndicato.

Isto brada aos ceos, Augusto Senhor! Isto clama vingança, Senhor Augusto! O meu collega do *Seculo* fez a defeza do porco, segundo a democracia; eu faço-a segundo a justiça, segundo a historia, segundo a religião. O porco é irmão gemeo do catholico romano. Mahomet promoveu tanta guerra a um como a outro, e o sr. visconde de Guedes, continuando a executar o Alcorão, é capaz de decretar amanhã o levantamento dos eunuchos! Mas s. ex.ª está enganado. Os portuenses poderão sacrificar ás theorias do governador civil a parte mais saborosa da sua alimentação; quanto á outra elles são muito capazes de lhe darem com ella.

João Broa.

Forte descoberta!



Alguem affirma que viu
(Mas não sei onde diabo
E' que isto se descobriu,
Uns homens que tinham rabo.

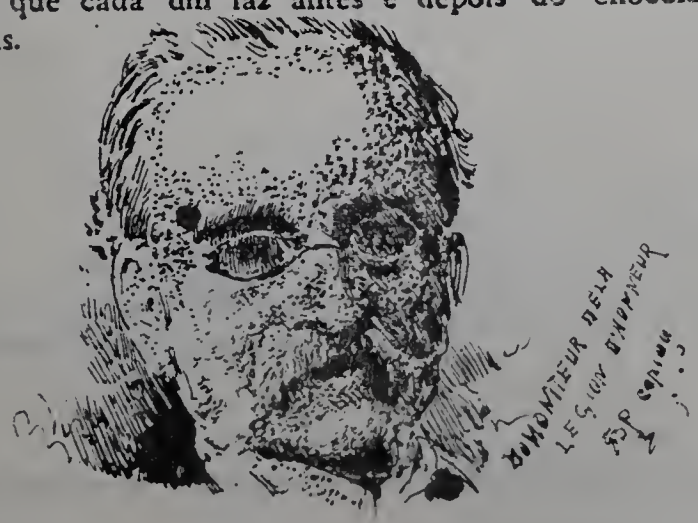
E d'isto fez-se alarido...
Fez-se um espanto mui serio...
Quando nós os temos tido
Mesmo até no ministerio!

— Homem, pelo teu serviço
Já ninguem te condecora;
Tambem por cá temos d'isso...
O tamanho é que se ignora.

O *Moniteur de la Legion d'Honneur*, publica n'um dos seus ultimos numeros o retrato lytographico e a biographia encomiastica do ministro de Portugal em Paris o senhor José da Silva Mendes Leal. Apressamo-nos a declarar, para honra dos redactores e dos artistas do *Moniteur*, que tanto o retrato como a biographia são da lavra do citado José da Silva. Não transcrevemos esta ultima, porque bem bastam as estopadas que ferràmos ao leitor na lingua do padre Antonio Vieira para que vamos agora trucidal-o com igual cilicio no idioma de Voltaire... Esse escripto não é uma simples biographia, é uma serie de kalendarios anotados e em numero equivalente ao numero de annos que hoje conta o inclito diplomata; é uma historia que o acompanha desde o momento em que lhe tiraram o cordão umbilical até á hora em que lhe deram a legação de Paris; ali se refere quanto o referido José da Silva tem feito n'este mundo tanto a bem da humanidade do seu paiz como em proveito proprio, não esquecendo até que o designado José da Silva conquistou o appellido de *Leal* por intermedio de um seu avoengo que no seculo XIV, durante a batalha de Aljubarrota, jogou parelhas com a decantada Brites padeira ao ponto de lhe ser concedido aquelle barbicacho de *Leal* ao *Mendes* que já trazia bem distincto.

O citado José da Silva, escrevendo a propria biographia, não teve por certo em vista plagiar o celebre Jayme José, unico que até o presente, que nos conste, ensaiou esse genero de litteratura, senão provar que n'esta terra os genios andam precisamente como andavam os frades — aos pares.

Quanto ao retrato que gustosamente copiamos, está parecidissimo e só dessejamos que o autor dê outro a publico quando voltar da excursão que certamente tem de fazer a Faro, a fim de reconhecernos cabalmente a differença que cada um faz antes e depois do chocolate do Assis.



Correspondencia

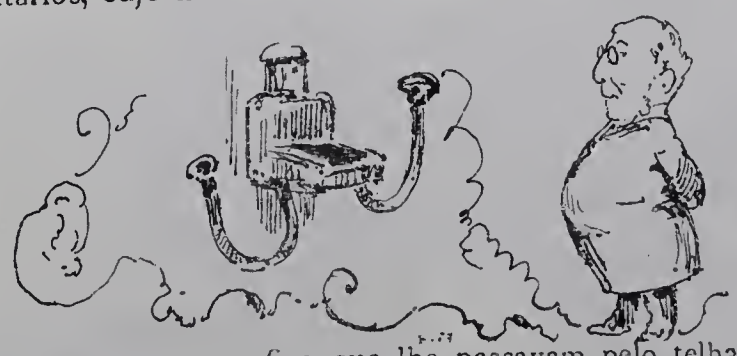
Amigo e admirador. Agradecemos a remessa, mas não fazemos uso porque não costumamos utilisar-nos das coisas achadas. Remettemos o *achado* para o quartel da guarda municipal, onde a *D. Ursula* poderá ir reclamal-o.

Mira Reo. A sua historia é muito interessante mas basta cheirar a defuntos para que se torne perigosa na presente occasião. Mandámol-a deitar ao Tejo com uma pedra ao pescoço, depois de previamente a havermos beneficiado com agua de Labarraque. Se quizer ver lettras suas no *Antonio Maria* escreva coisas alegres, porque, para tristezas, bem nos basta publicarmos de quando em quando o retrato do senhor Hintze Ribeiro.

Morador da Ribeira Velha. Fica-lhe muito bem o denodo e a gentileza com que vem á estacada em defeza das Margaridas da Ribeira Velha e dos *pacificos* da rua dos Bacalhoeiros a quem, por isso mesmo que são *pacificos*, insistimos em alcunhar de *pés de boi*.

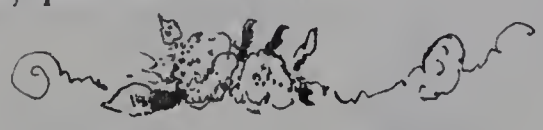
Quanto ao pedido que nos faz, para que não lhe dêmos ensejo de tornar a pegar na penna, perdôe-nos o sr. Magriço da Ribeira Velha tão rude franqueza, mas póde pegar na penna quantas vezes quizer, que não nos prejudica a digestão. Não pegue no saco, que no mais póde pegar em tudo.

A companhia dos telephones, recentemente estabelecida em Lisboa, navega entre Scylla e Caribdes; a camara municipal não lhe consente a colocação de postes para o assentamento dos fios; os proprietarios urbanos, tão urbanos como a camara, não permittem que as redes lhes descancem nas propriedades, a pretexto, de que a bulha produzida pela passagem do vento os não deixa resonar á sua vontade. Ainda não ha muito que um d'esses proprietarios, cujo nome não revelaremos aqui.



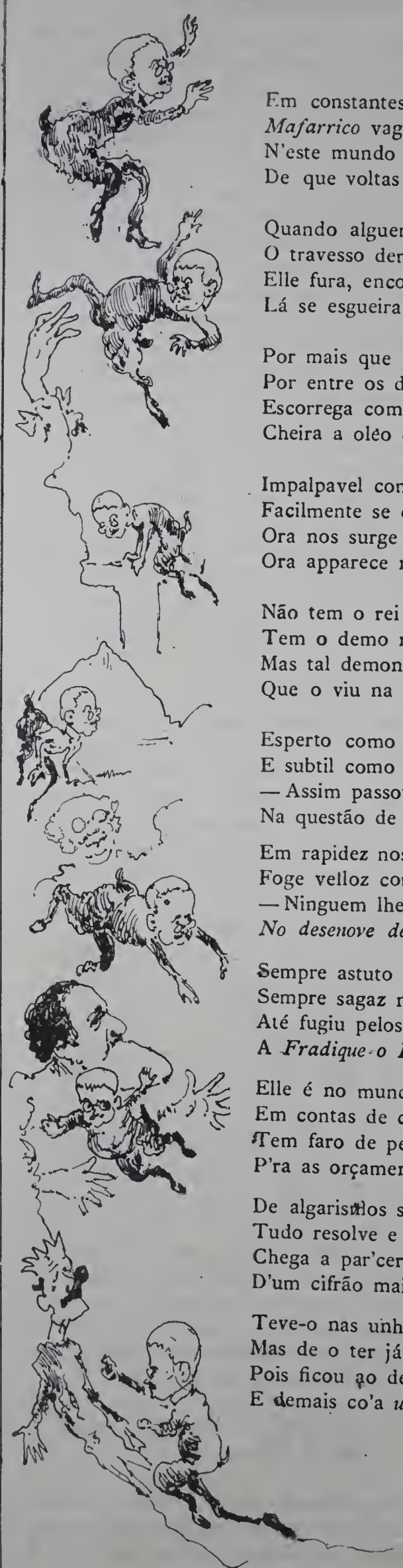
mandou cortar os fios que lhe passavam pelo telhado da casa e cujo ruido lhe não deixava á noite fazer de cabeça o rol dos gastos diarios.

Uma vez que o expediente é licito sempre que alguma companhia nos incommode, vamos tornal-o extensivo á companhia das aguas e quando sentirmos cá em casa, o *gru gru* do contador do senhor Pinto Coelho atiramo-nos a elle com a faca da cosinha e cortamos-lhe o canudo em dois, que o hade levar o diabo...



Varios jornaes teem elogiado, e não podemos deixar de louvar tambem, um admiravel trabalho typographico, composição do distincto artista Ernesto Justino Cordeiro, do *Diario de Noticias*. É tão nitido, tão perfeito esse trabalho, que mais se nos afigura uma excellente chromo-lythographia de que uma impressão typographica, a primeira por certo que tem saido dos nossos prelos.

AS VOLTAS



Em constantes viravoltas,
Mafarrico vagabundo,
N'este mundo dá mais voltas
De que voltas dá o mundo!

Quando alguem julga seguro
O travesso demonico,
Elle fura, encontra furo,
Lá se esgueira o Mafarrico!

Por mais que a mão se lhe deite,
Por entre os dedos perpassa,
Escorrega como azeite,
Cheira a oléo de linhaça!

Impalpavel como a morte,
Facilmente se escapul';
Ora nos surge do norte,
Ora apparece no sul!

Não tem o rei na barriga,
Tem o demo no bandulho;
Mas tal demonio, ha quem diga,
Que o viu na *Cruz de Sotulho*...

Esperto como as ginetas,
E subtil como as serpentes...
— Assim passou as palhetas
Na questão de *Pinus-Pueutes*...

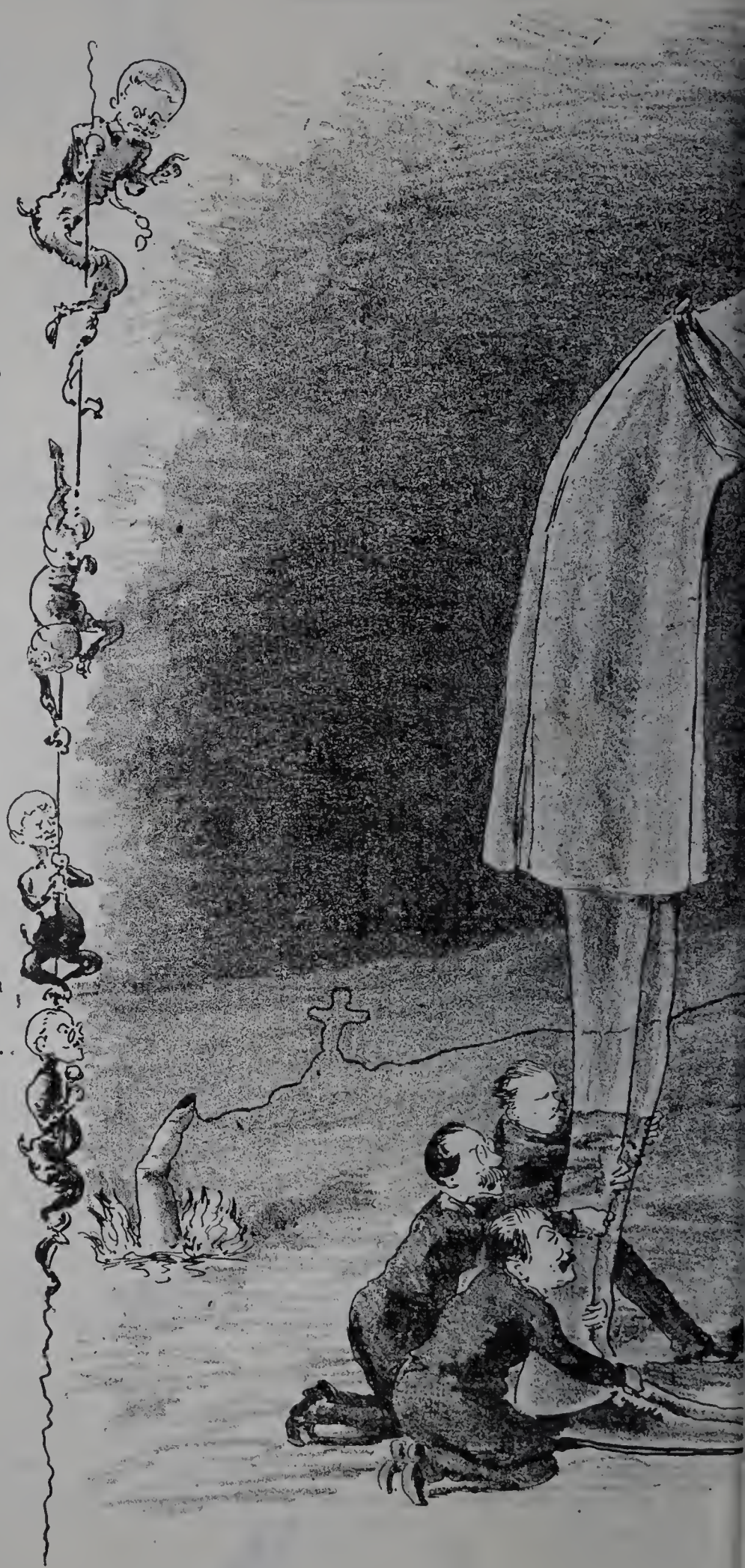
Em rapidez nos assombra,
Foge velloz como o raio...
— Ninguem lhe viu nem a sombra
No desenove de maio...

Sempre astuto nos enredos,
Sempre sagaz no desfecho,
Até fugiu pelos dedos
A *Fradique o Longo Queixo!*

Elle é no mundo o primeiro
Em contas de caixarias,
Tem faro de perdigueiro
P'ra as orçamentologias.

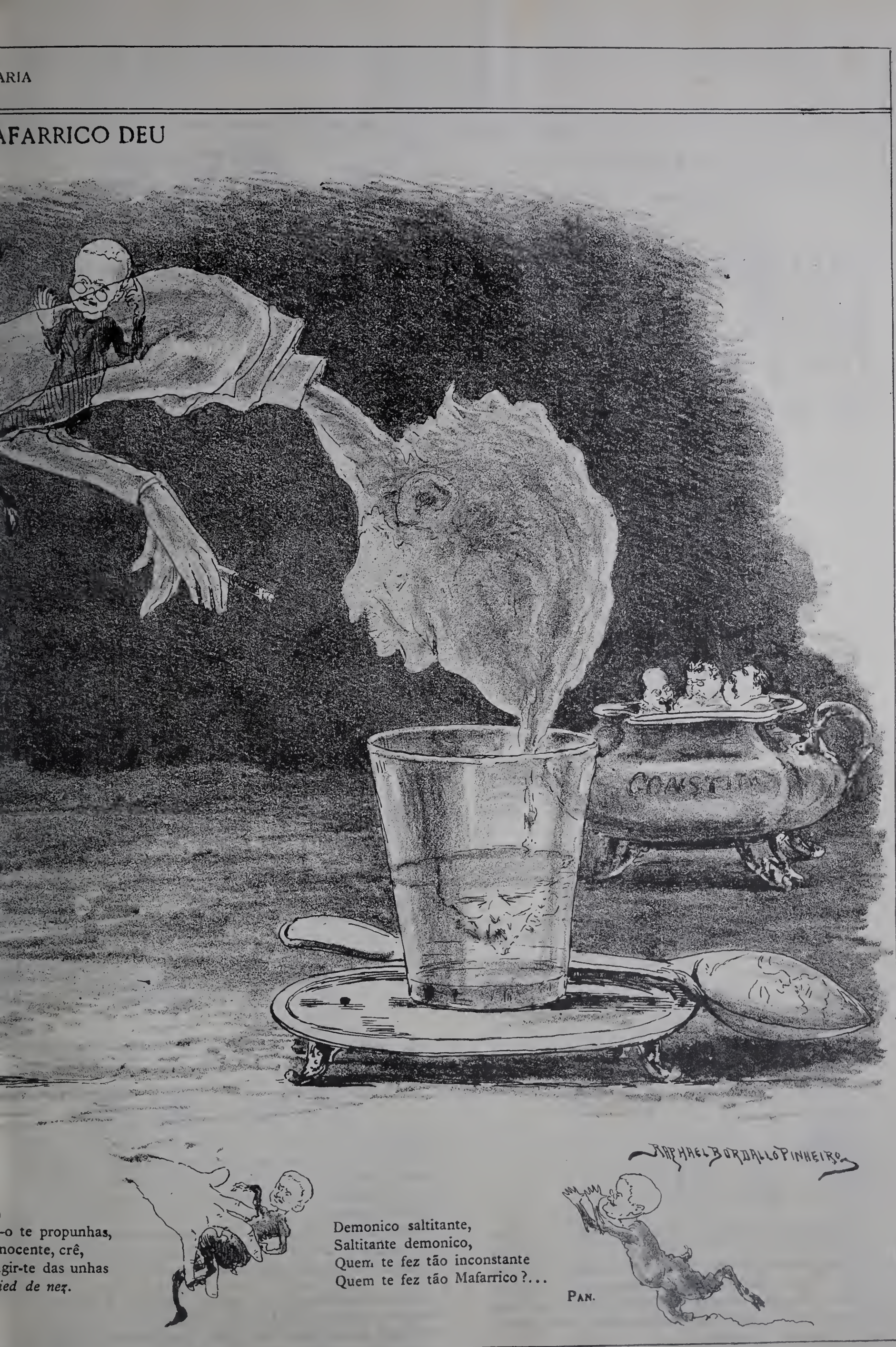
De algarismos sapiente,
Tudo resolve e decifra...
Chega a par'cer descendente
D'um cifrão mais d'uma cifra...

Teve-o nas unhas o Cáro,
Mas de o ter já não se alegra,
Pois ficou ao desamparo
E demais co'a *unha negra*...



O Mafarrico travesso
Em breve tudo revolve,
Vira o partido do avesso
E o Braamcamp emfim dissolve!

AFARRICO DEU



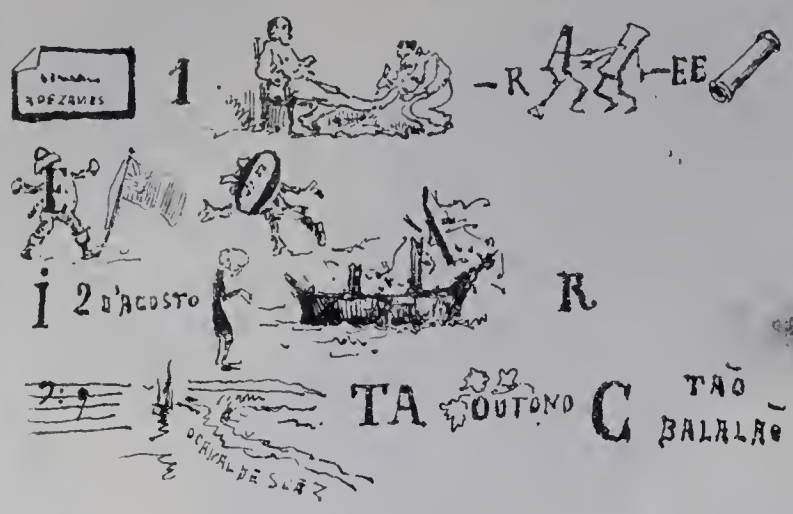
-o te propunhas,
nocente, crê,
gir-te das unhas
ied de nez.

Demonico saltitante,
Saltitante demonico,
Quem te fez tão inconstante
Quem te fez tão Mafarrico?...

PAN.

SECÇÃO PITTORESCA

Enigma



A decifração do enigma publicado no numero antecedente vae n'esta oitava que recebemos de *M. R.* do Porto;

Já vem sobre nós o cholera
Com seu cortejo maldito!
Ouço ha dias este grito
Correndo valles e montes...

.....

Antes um coice do cholera,
Soffrerei com mais pachorra,
De que um beijo do Basorra,
De que um abraço do Fontes.

Recebemos decifrações das seguintes pessoas: *Faneca, Engenheiro Ricardo, Um alho, Ricoquinha das Salas, Pater Regoa, Um Pateo, Fibra Nacional,* de Coimbra, *Cócóricó, Homem que não ri, Janota, Golias, Vomito Negro, Themistocles, Tamega, Canastro, Serapião, Rapaz elegante, Basorra Senior, Manuel, Dois gymnastas, Tradier, Costa que não apita, Pilaustro, François Zarolheano,* (com bons versos que não podemos publicar) *Pera, Pae Roque & Eleitor do Fratel, Bebri do Norte, Zero, Tabacaria capricho, João Alegre, Carlos Cadoin, Fernandes, João Basorra,* e *Sempre admirador.*

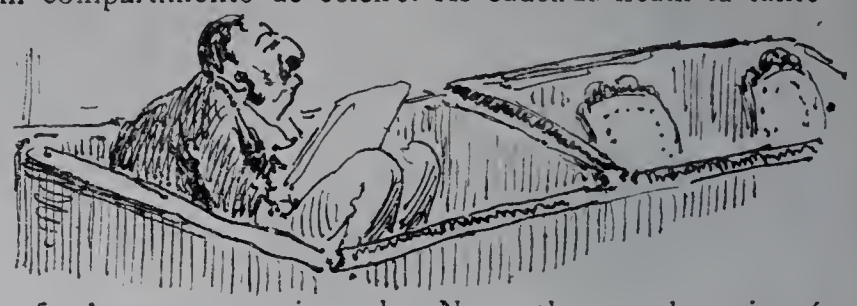
Recebemos igualmente um *nós abaixo assignados* da corporação dos carteiros, pedindo que puzessemos termo aos enigmas faceis, que os fazem andar n'uma dobadoira a conduzir decifrações para o nosso escriptorio. Temos em muita consideração o pedido dos senhores carteiros mas como preferimos as boas graças do leitor não podemos attender aquella petição e até publicamos hoje um enigma que é mesmo p a pa Santa Justa.

PAN.

Colisseo dos Recreios

O *Trovador* foi posto em scena seguindo-se em tudo as praticas já estabelecidas em as operas anteriores: côr verdadeiramente nacional. O *miserere* cantado no quintal do tio Lopes causou delirio na platéa; até as celebres *ameixas* do referido quintal pareciam verdadeiras! Pena foi que o tio Lopes não apparecesse, para assim completar o *ensemble* do quadro.

Já foram inaugurados no Coliseo dos Recreios os novos camarotes ao *rez de chaussée*. Francamente, preferimos os das *aguas furtadas;* parece que se anda em jornada de balão, mas antes isso de que ter a apparencia de legume em compartimento de celeiro. As cadeiras ficam lá tanto



no fundo que o proprio senhor Nazareth, quando assiste á representação do *Fausto*, mais parece que está no seu quarto a ler os jornaes do dia logo depois de saltar da cama...

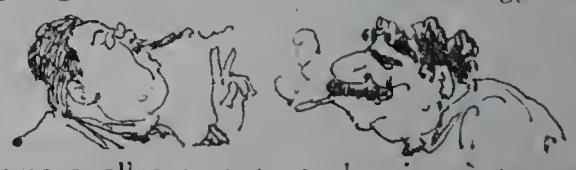
É impossivel que o senhor Luiz de Araujo não tenha já escripto a tal respeito alguma coisa parecida com isto:

Logar em tal camarote
Se o leitor quizer occupe-o,
Que eu por mim sou tão baixote
Que embirro co'o semicupio.

Da *Gazeta Musical di Milano* transcrevemos o seguinte trecho d'um artigo divido á penna do maestro Antonio Duarte:

«Lisbona, 8 luglio.

Gli spettacoli del Colisseo—La musica italiana trionfa—Concerti — La Gioconda *del Ponchielli.* — L'impresario del Colisseo, il signor Freitas Brito, lo stesso del teatro San Carlo, ha scritturato pel suo teatro in questi due mesi d'estate una compagnia d'opera seria italiana. Il Colisseo è un vasto politeama, dove, d'inverno, si danno spettacoli equestri e d'estate spettacoli d'opera e operette, o concerti; è il luogo di riunione, in questi mesi estivi, degli abitanti di Lisbona, che vi accorrono per la mitteza de'prezzi e per gustare della buona musica. Aggiungi che



vi si può fumare allegramente e che si può tenere, se si vuole, il cappello in testa. E non basta. La sala, bene

ventilata, è situata in una piccola collina, dove non si sofire il caldo insopportabile che afligge chi sta al piano. Sessanta palchi in una sola fila, mille sedie e tre mila posti d'anfiteatro (dove si paga una lira) sono a disposizione del pubblico.

L'impresario Freitas Brito ha voluto quest'anno educare i frequentatori al gusto dell'opera italiana e per questo va lodato. La compagnia non è di primo ordine, ma è buona.»

Si non nos assigurati personi fidedigni che questo articuli é della lavri di Antonio Duarte, iriamo iurari che il auctore era il mesmi che screvi il chronicchi del nostro collegi *Pimponi*, dove si assigni per il pseudonimi di *Cecilio Napolitani.*

CHRONICA SEMANAL

Os poderes publicos acabam de dar o *coup de grace* no terrivel flagello que ameaçava a população d'estes reinos. O pobre diabo ainda perneia alguma coisa mas está exactamente como a Carlota do *Barba Azul*, no dizer de Popolani:

— Se meche algum pé é porque o pé ainda não morreu...

No mais, está morto e bem morto.

E não vão lá persuadir-se de que os citados poderes realisaram tal *cholericidio* atirando todos os *Pisca-piscas* para o tribunal da Boa Hora, e o tribunal da Boa Hora para dentro do caneiro de Alcantara, e o caneiro de Alcantara para o fundo do Tejo de christal, e o Tejo de christal para as profundas dos infernos!... Nada d'isso.

Os poderes publicos foram muito mais longe, se bem que pelo caminho mais curto. Limitaram-se a envergar ao paiz o *choler-proof* dos conselhos officiaes, que já se anda distribuindo em grande copia pelas classes populares, a quem é especialmente destinado.

Não podemos furtar-nos ao dever de reproduzir aqui a synthese d'esses conselhos, afim de que elles tenham a maxima publicidade.

O opusculo, ou que seja, intitula-se modestamente:

Breves instrucções hygienicas

Que convém observar na presente occasião, redigidas pelo delegado de saude do districto de Lisboa, etc.

A primeira parte d'essas instrucções resume-se em considerandos mais ou menos bem cabidos sobre as probabilidades ou não probabilidades que a Europa tem de receber a visita do temivel forasteiro, a quem o illustre delegado de saude dá a denominação feminina de *a cholera* — não sabemos se porque o horrendo morbo asiatico tenha perdido com o andar dos tempos as qualidades musculas que o destinguiam...

Seguidamente a esses considerandos, veem as *indicações hygienicas fundamentaes a observar, que são as seguintes:*

«I — Evitar a influencia dos focos communs de insalubridade.»

«II — Evitar as excessivas influencias meteorologicas.»

«III — Evitar as causas de enfraquecimento geral do organismo.»

«IV — Evitar as causas deprimentes do systema nervoso.»

«V — Evitar as causas perturbadoras do apparelho digestivo.»

Como escripto dirigido ás classes ignorantes, nada de mais intuitivo nem de mais claro de que esses cinco capitulos... Por exemplo:

— *Evitar as excessivas influencias meteorologicas...*

Toda a gente sabe o que é...

E quem não sabe pergunta:

— Ó visinha, vossemecê *saberia-me* dizer o que vem a ser as excessivas influencias meteorologicas?

— Olhe comadre, eu agora não estou bem certa; mas assim pelo nome estrangeirado não podem ser outras senão aquellas hespanholas que moravam ali por cima do padeiro e que foram para a quinta o mez passado.

— Sim?... Ora Deus queira que se demorem por lá bastante tempo porque se vem por ahi *a cholera*, como diz o *seu doutor delgado*, que o Pae do Ceu nos livre de semelhante visinhança ao pé da porta...

Quanto a *focos communs, enfraquecimentos do organismo, deprimentes do systema nervoso* e *perturbadoras do apparelho*, é de suppôr que todas sejam egualmente as taes hespanholas que moravam por cima do padeiro, e assim a epidemia virá *barrada* logo que o regedor da freguezia tome a providencia de intimar áquellas locatarias um mandado de despejo...

Consagramos aqui um voto de louvor ao sr. delegado de saude pelo seu opusculo de hygiene, em tudo superior aos anteriormente elaborados por escriptor de igual pujança, e pedimos venia para lhe ajuntar um appendice a que daremos por titulo:

Breves instrucções hygienicas

Que convém observar na presente occasião, redigidas por nós

PARA O SEXO FRACO

É mister limpeza extrema,
Dos pés até ás pestanas,
Adoptando por systema
Defumar-se em alfazema
De quatro em quatro semanas!

De essencia de vergamota
Trazer no lenço alguns pingos,
Escovar a fatiota,
E, se o cheiro se denota,
Lavar os pés aos domingos.

No excessivo desmazelo
É que o *morbo* se alaparda;
Devereis pois combatel-o
Limpando bem o cabello
Nos dias santos de guarda.

Nas noites de salsifré
Em casa das primas Cunhas,
Se acaso houvesse *lolè*,
Não seria mau até
Usar a escova das unhas...

Trazer sempre as mãos lavadas
Quando se falla ao derriço,
Nutrir-se a carnes assadas,
Não comer muitas saladas
Nem abusar do chouriço...

PARA O SEXO FORTE

Nos homens inda é mais serio
E toda a cautella é pouca...
P'ra fugir ao cemiterio
É preciso ter criterio
Fugindo a excessos de bocca...

Deixar a cosinha tola
Que de *franceza* é chamada,
Tomar só canja de rola,
Nada que leve cebola,
Nada, emfim, de cebolada...

Cortar a hirsuta barbaça
De dois ou tres em tres mezes,
E, quando a pell' se coiraça,
Com côco, areia e potassa,
Fomentar-se algumas vezes.

Ir a Faro ver o Assis,
—Que é do que mais necessita—
Dar consumo ao chafariz
E tapar sempre o nariz
Quando encontre o *Costa apita*.

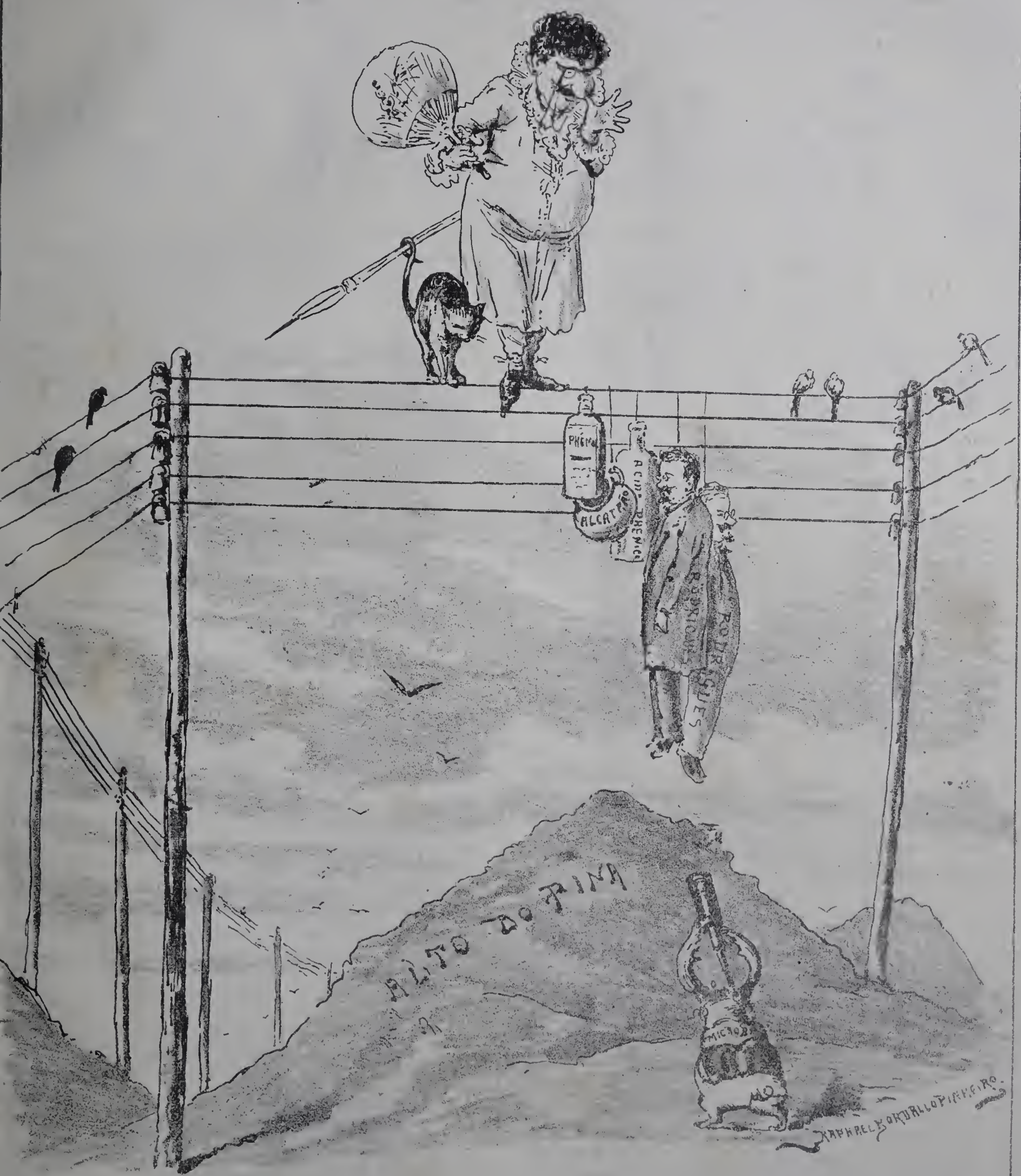
Haurir a doce fragancia
Do trevo e feno dos montes,
Tomar caldos de substancia
E viver sempre á distancia
De tres mil leguas do Fontes...

PAN.

COM O CHOLERA A' PORTA

Uma commissão de coisas sujas pede um *bilhetinho do senhor Fontes* para o Alviella

A MELHOR MANEIRA DE EVITAR O CHOLERA



Em vista das instrucções do senhor delegado de saude, que nos aconselham a residencia nos pontos mais elevados, resolvemos habitar provisoriamente, em quanto o microbio estiver com o olho em nós, um fio da rede telegraphica, onde passaremos a estação calmosa como a mais innocente das andorinhas.

CHRONICA SEMANAL

Como um perfeito cavalheiro, que é, o cholera retirou discretamente de scena, para ceder o logar á revolta de Badajoz. Durante vinte e quatro horas, a cidade, votando ao ostracismo o microbio assustador, passou como gato por brasas pelos telegrammas do Cairo, para devorar, palpitante de anciedade, n'uns grandes estremecimentos de pressa besbelhoteira, os despachos transmittidos de Elvas.

Porque em Elvas a coisa esteve muito seria... Capitães apoplethicos suavam cordas d'agua no esforço calligraphico

de epistolas de despedida a parentes e amigos, e soldados

transparentes limpavam as bayonetas no desespero febril de quem deseja a gloria quanto antes...

As proprias azeitonas, aquellas soberbas azeitonas de Elvas, que fazem as delicias dos que jantam no café Tavares, mudaram de côr com o susto, e de verdes que eram, como um limão, tornaram-se pretas como o bigode do senhor Fontes!...

Felizmente, o mesmo senhor Fontes, prevenido a tempo da revolta pelos telegrammas do *Diario de Noticias,* e tendo feito a sua *toilette* em menos de tres horas e um quarto, mandou tocar a conselho de ministros, e agora o vereis...

Ordenanças a cavallo crusavam a cidade á rédea solta, do ministerio da guerra para o quartel general, do quartel general para o paço da Ajuda e do paço da Ajuda para o ministerio da guerra, n'uma roda viva de cavallos e ordenanças, que parecera o *dia de juizo,* se a intervenção do senhor Fontes o não pozera a coberto de semelhante denominação!

Os commandantes dos corpos, arrancados de improviso ás delicias patriarchaes da *partida barata,* jogada em familia com o boticario do sitio na secretaria do quartel, e receiosos de que a *partida de assalto* tivesse o desfecho tenebroso de uma partida para Elvas, acudiam assarapantados ao ministerio da guerra, onde o senhor Fontes, do alto da sua auctoridade suprema e dos seus collarinhos indomaveis, lhes inqueria com voz atroadora:

— De quantos soldados dispõe v. s.ª?...

Ao que os commandantes respondiam titubiando e com o pensamento no *assalto* interrompido:

— Eu ha bocadinho ainda tinha uns dez, mas o boticario comeu-me quatro, de fórma que já não me restam senão cinco — salvo erro...

O senhor Fontes então, para se poupar o trabalho de contar pelos dedos, perguntava para o senhor Carrilho das *orçamentologias,* que fôra requisitado para fazer contas de cabeça:

— Será isso, senhor mathematico?...

E o senhor Carrilho respondia gravemente:

— Saberá v. ex.ª que está direito...

— Mas com os diabos! berrava o senhor Fontes, da côr dos barretes phrygios; é muito pouca tropa! Cinco soldados por um lado, e mais dez por outro, quatorze; e mais sete por outro, vinte e tres, noves fóra oito; e mais treze por outro... treze e oito, vinte e sete... Será isso, senhor mathematico?

E o senhor Carrilho respondia com a mesma gravidade:

— Saberá v. ex.ª que está direito...

— Mas é muito pouco! repetia o senhor Fontes; *Ventre sans gris!* como dizia um meu illustre antepassado! Um pé de guerra de vinte e sete soldados fica mettido n'um chinello ao pé d'um chinello do pé do conselheiro Arrobas!

E s. ex.ª extorcia-se em convulsões de colera e desespero, tão raivoso e tão colerico que parecia até que o microbio já lhe tinha entrado no corpo e ao ponto do sr. ministro da fazenda lembrar a conveniencia de o metterem no Lazareto!

De repente o senhor Hintze, batendo na testa, arrancou o senhor Fontes áquelle estado de excitação.

— Que temos? pergunta s. ex.ª; foi mosca?...

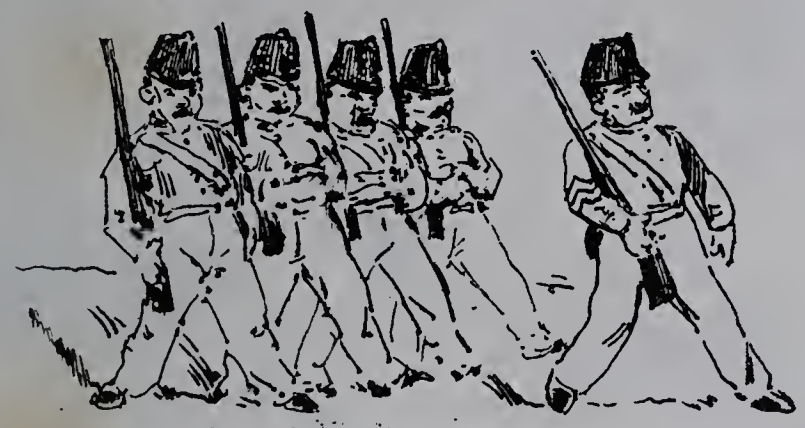
— Não senhor, foi uma ideia...

E o senhor Hintze cochichou ao ouvido do senhor Fontes.

— Estamos salvos! bradou o grande homem; e voltando-se para o general da divisão:

— Quantas praças temos nós em Beirolas?

— Quatro homens e um cabo, excellentissimo.



— Que marchem immediatamente para Elvas, não se esquecendo da prevenção:

«Se fôres a Elvas
Vae por bom caminho,
Vê lá não tropeces
N'algum barranquinho...»

— E agora, meus senhores, podem voltar a suas casas que está abafada a revolução. Abafei-a eu, com o cobertor de pápa da minha sabedoria e mediante uma prestimosa ajuda do meu discipulo dilecto,

A quem, por tão alto feito,
Digno dos tempos romanos,
Que ha-de cantar-se aos pianos
E dedilhar-se ás violas,
Hei-de fazer com que el-rei,
Quando reuna o capitulo,
Faça mercê d'este titulo:

Nobre Marquez de Beirolas!...

PAN.

Ao cholera o caneiro de Alcantara

Escripta com um palito
Mando esta a felicital-o,
Visto que alguem me tem dito
Que você trota a cavallo
Por essas terras do Egypto.

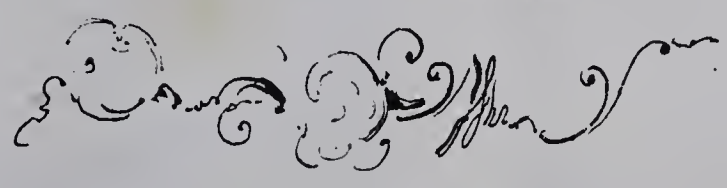
Este solo abençoado
Dispensa os serviços seus,
Pois é *negocio* apurado
Que onde estou, graças a Deus,
Sei dar conta do recado.

Tambem vivo no exercicio
De dar extracção ás campas;
E seria um maleficio
O querer levar-me as lampas
Em obras do meu officio.

A gloria do poder seu,
Com certeza não lh'a bifo;
Mas acredite, irmão meu,
Que para arranjar um typho
Ninguem se pinta como eu.

Deixando o mais no tinteiro
Dou prova de pouco geito
Para grande paroleiro;
E sou com todo o *respeito*.
Irmão e amigo

O CANEIRO.



Eduardo da Conceição e Silva acaba de expor á venda uma nova marca de bolachas denominada *Bordallo Pinheiro*. Comemo-nos, e confessamos ter gostado; nem sabiamos que eramos tão doce e que tinhamos tão bom gostinho de baunilha... Só a idéa de que fazemos todas as noites lamber os beiços ás mais formosas meninas da capital e seus suburbios, nos leva agora á comprehensão de que somos effectivamente um torrão de assucar, tanto nos sentimos derreter de contentamento e vaidade...

Effectua-se hoje, no *Chalet do Rato*, a festa artistica do professor Justino Soares. Pela nossa parte já nos estamos ensaiando para dar hoje á perna até ao Chalet e aqui pela visinhança não se ouve outra coisa senão cantarolar alegremente:

A menina vae ao baile
Ó vindima!
Leva capa e chapeu fino
Brinquem todos, todos, todos,
Agarrados ao Justino!

O PRONUNCIAME

Quem vê as barbas do visinh

DE BADAJOZ

r... deita as suas de molho...

A coisa está muito tremida...

NO PAIZ DO SYNDICATO

Na posta restante do correio do Porto, segundo aviso impresso, havia diversas cartas, sufficientemente salivadas e irregularmente estampilhadas para «*João Broa, collaborador do* Antonio Maria, *de Lisboa.*» Nós julgavamos que já não havia em Portugal *posta restante*. Todas as postas disponiveis e indisponiveis tinham sido distribuidas pelo sr. Fontes aos seus parentes e amigos, julgavamos nós. Mas enganámo-nos. Existia ainda uma posta restante para o collaborador do Antonio Maria. Fomos procural-a. O nosso criado levava a respectiva ceira para o peixe. De que diabo seria a posta? Se fosse de salmão! E um raio de alegria fuzilou atravez das profundidades eternamente tenebrosas do nosso estomago. A' entrada da praça da Batalha já o cheiro forte do peixe era de tombar. Tambem não admira: o sol tem bebido toda a agua dos tanques, aquelle terrivel Estabareda das fontes, que nos vae sugando francamente, como a divida publica. A posta restante que nos era relativa, compunha-se de varias epistolas assignadas pelas pequeninas individualidades que temos feito cabriolar n'estas leves chronicas. Fomos roubados; roubadissimos! Em vez do sonhado salmão, a posta restante era de ordinarissima raia avariada. O destino continúa a tratar-nos mal, mesmo nas curtas relações que temos com a praça da Ribeira. Quando estivermos de pachorra, daremos resposta á posta. Temos hoje a penna um pouco dura e arriscavamo-nos a responder com peixe espada aos filetes indigestos dos nossos commentadores pueris.

* * *

O canto do cuco,
O pio do môcho,
O espirro mais chôcho
D'um velho trabuco;
As coisas mais reles
Prefiro escutar;
Prefiro fugir,
Prefiro morrer,
Prefiro me méles,
A só me lembrar
Que tenho d'ouvir,
Que póde cantar
Soar's de Meirelles.

* * *

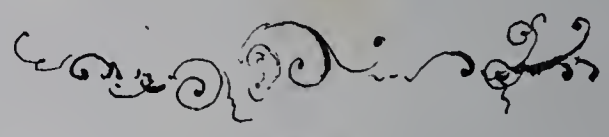
O sr. Real da alfandega, homem bravo, a avaliar pelo seu olhar sublime de aguia barbuda, annunciou uma arrematação, ou quer que fosse, assignando «O chefe do corpo, A. F. Real.» Assim como Deus escreve direito por linhas tortas, assim ás vezes os mais arduos problemas da humanidade encontram a sua solução no espirito dos individuos mais modestos (porque o sr. A. F. Real, embora tenha o tal olhar sublime das aguias, não passa da craveira mediana dos mediocres). Porque o sr. Real, declarando-se cathegoricamente *o chefe do corpo,* veiu lançar toda a luz n'uma questão que a philosophia, nos seus diversos ramos e pelos seus diversos processos, anda focinhando desde o tempo de Theophrasto. As opiniões dividiam-se, como as romãs maduras, em trezentos mil bagos vermelhos, e cada qual defendia a sua com todo o ardor empregado geralmente no combate pela vaidade. O chefe do corpo seria o cerebro? O chefe do corpo seria o coração? O chefe do corpo seria o estomago? Quem teria razão: os espiritualistas? Os psychologistas? Os physiologistas? De que lado estaria a verdade?

Tal era a interrogação legada até nós atravez dos seculos. Modernamente os campos achavam-se ainda divididos. O sr. Henrique Marinho era todo pelo cerebro. O sr. Joaquim d'Araujo todo pelo coração. O sr. Correia de Barros todo pelo estomago. O *Coração, Cabeça e Estomago* do nosso Camillo é, afinal de contas, uma terrivel carga de cavallaria sobre a trilogia, que o sr. A. F. Real acaba de resolver por completo. O chefe do corpo é simplesmente o sr. A. F. Real, Porto, 3 de agosto de 1883. Descartes dizia que, «a philosophia era como uma arvore, cujas raizes eram a metaphysica.» A philosophia fica agora sendo uma arvore, cuja raiz é o sr. Real.

* * *

Um collega do domingo ultimo publicou um annuncio de missa do setimo dia, assim concebido: «Os abaixo assignados rogam ás pessoas de sua amisade o obsequio da sua assistencia á missa que por alma de seu fallecido marido se ha-de rezar ámanhã na egreja de...»

Este documento publico era assignado por seis nomes emininos e doze masculinos. Não commentamos, porque nos prohibimos tocar em coisas serias.



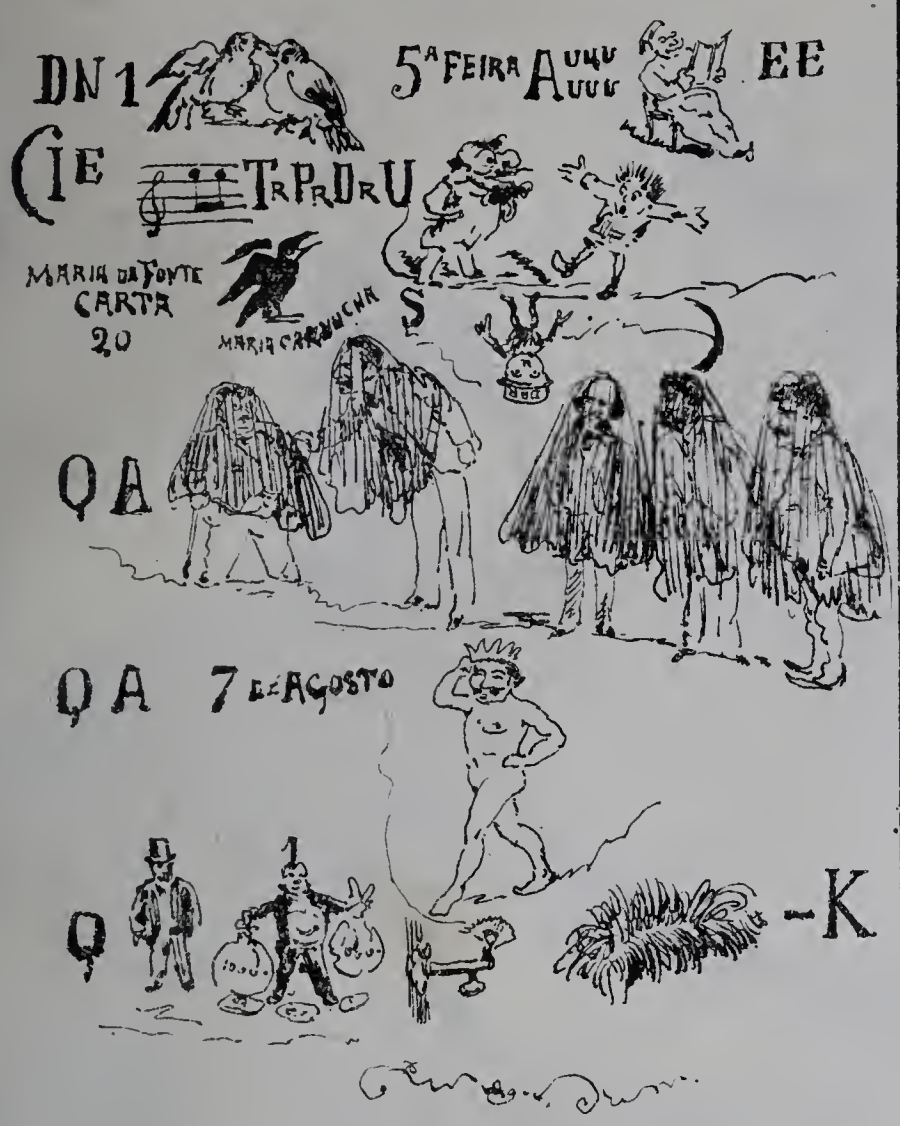
* * *

A ex.ma sr.a D. Maria do Pilar Bandeira Monteiro Osorio publicou no ultimo numero domingueiro do *Commercio Portuguez* um artigo philosophico intitulado *A Mulher*, e que principia pelo seguinte periodo: «Desde que entre verdes alfombras, matisadas flores, copados arvoredos e perfumados fructos, foi creado o par humano, os seculos volveram e precipitaram-se na voragem, que os tragou.» Pelo amor de Deus, senhora D. Maria, isto assim não póde ser! Pois V. Ex.a ainda hoje está convencida da creação do par humano entre perfumados fructos? V. Ex.a está compromettendo a causa de todas as *bas-bleus* do universo, que aspiram á independencia do sexo formoso. Juliette Lamber, Judith Gautier, Maria Amalia, André Léo, Clasisu Bader, Jenny Tourin, Olympe Andonarel e até Gabriel Claudio não deixarão de vir á imprensa a protestar contra similhantes ideias, que collocam *a igual do homem* parallelamente á igual do marmello de calda. Barbey d'Auverilly, o terribil, todas as vezes que se fallava em bas-bleus enchia-se de indignação e mandava-as para a cozinha. Sand, de Sael, de Girardin e todo o açafate de formosissimas celinas que offertamos acima, constitue um protesto ambré contra a ferocidade sopeira de Aurevilly; mas o artigo de v. ex.a, senhora D. Maria, é uma terrivel aggravante n'este prodigioso pleito moderno.

João Broa.

SECÇÃO PITTORESCA

Enigma



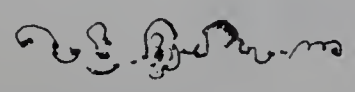
Decifração do enigma publicado no numero antecedente:

«Sinto um calor africano,
Ando co'a lingoa de fóra
E hoje para variar
Faço esta quadra sem rima.»

Quanto a decifrações, nem meia para amostra! A unica coisa que recebemos foi um bilhete de visita da corporação dos carteiros, agradecendo a nossa adhesão ao seu pedido, o que nos surprehendeu tanto mais quanto é certo que nem pela cabeça nos passou adherir a coisa nenhuma, como no nosso ultimo numero peremptoriamente declarámos.

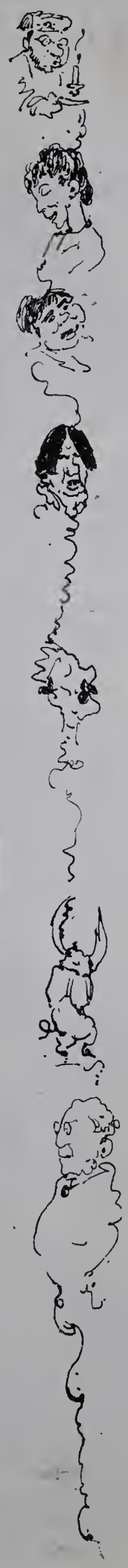
Assim, a unica explicação que encontramos ao silencio dos nossos leitores é que, ou acharam o enigma tão facil que nem quizeram a gloria de decifral-o, ou que passaram a semana tão preoccupados a pôr o microbio fóra de casa que nem tempo tiveram para nos escrever duas regras...

PAN.



O microbio

Toda a cidade se arrasa!
Do moço ao velho macrobio
Tudo em cuidados se abrasa,
Temendo que lhe entre em casa
O desalmado microbio!...



Burguez, que em susto se inflamma,
A adormecer não se afoita
Sem que haja dito á *madama*:
— Vê lá debaixo da cama
Se algum microbio se acoita...

Menina, cheia de enguiço,
Da janella do saguão
Não toma a carta ao derriço
Sem lhe dizer: — Vê lá isso...
Não traz microbio, pois não?...

Sopeira esvelta e formosa
Não vae fallar ao marmanjo,
Que diz que em breve a desposa,
Sem perguntar cautelosa:
— Não tens microbio, meu [illegible]?...

Velha e decrepita avó,
Temendo os bichos andejos,
Manda deitar no chinó
Umas pitadas do pó
Que ha p'ra matar persevejos.

E, de esperteza um portento,
Co' um grande tacto sisudo
Evita o bicho cruento,
Pois que só toma alimento
Chupando por um canudo...

Té o Fontes que se engraxa,
Sentindo suspeita estulta,
Já deitou fóra uma caixa
Por descobrir que na graxa
É que o microbio se occulta!

Lisboa não tem socego!
E eu mesmo pouco descanço,
Pois disse hoje o meu gallego
Que o vira ás Portas do Rego
Entrar com todo o ripanso!

Tudo emfim anda a afirmar,
Carpindo de extensa magoa,
Que o microbio hade chegar;
Uns dizem que anda no ar,
Outros que vem dentro d'agoa.

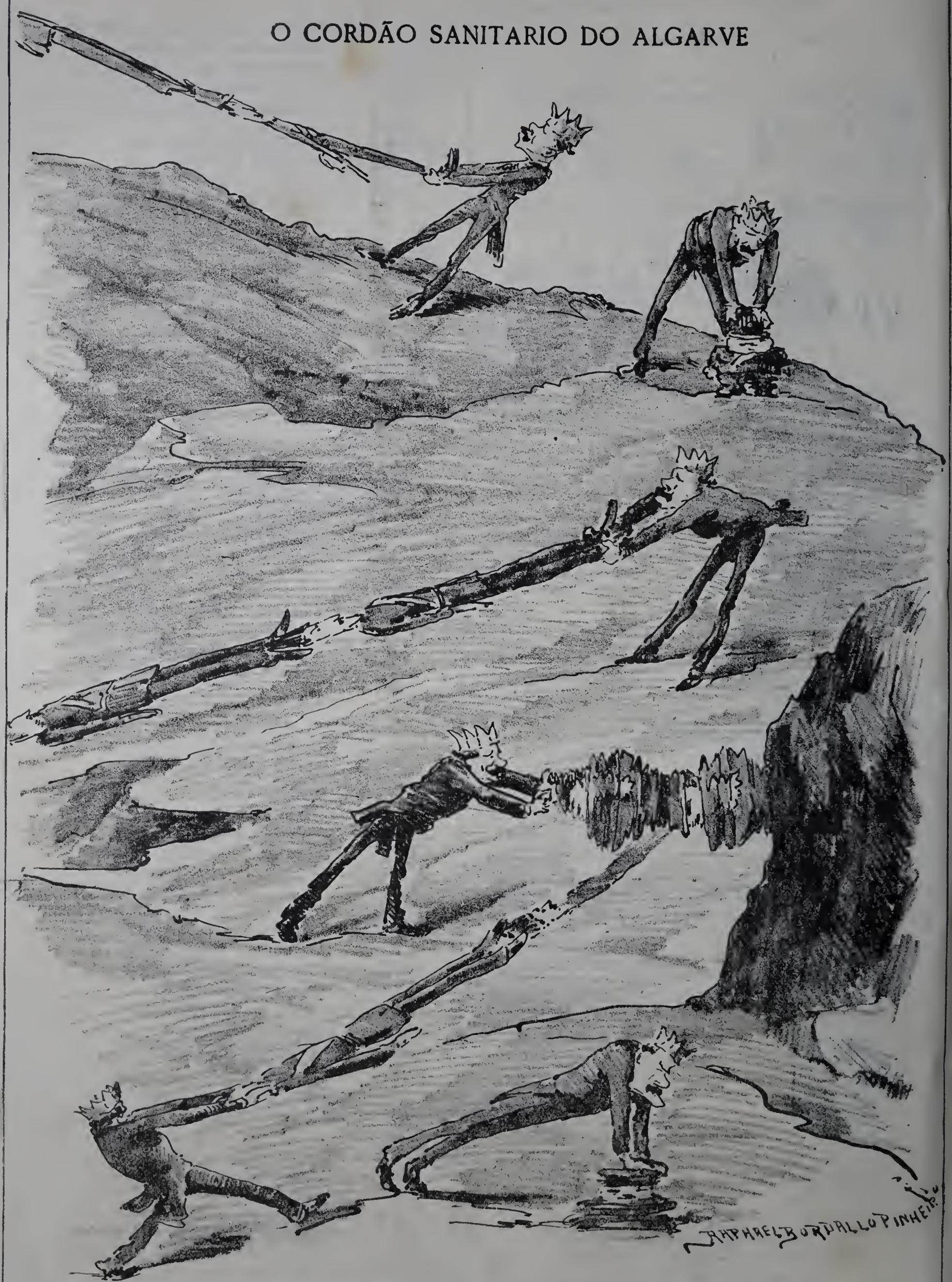
Se for nas agoas que corra,
Acceitem o meu conselho:
Peguemos na cachamorra
E vamos fazer em borra
O doutor Pinto Coelho!..

Tu, leitor, toma bons ares,
Defuma o barril do lixo,
Vae até Cintra ou Collares
E quando te levantares
Lava a bocca e matta o *bicho*...

E tu, leitora, á cautella,
Em recolhendo ao cenobio,
Corre o fecho da cancella
E põe trancas na janella,
Não te entre em casa o microbio...

PAN.

O CORDÃO SANITARIO DO ALGARVE



Vae um velho por aquella encosta acima a estender cordões, a encolher cordões, a estender cordões, a encolher cordões...

OS FUSILAMENTOS

El hijo de su madre!

UMA PROVINCIA HESPANHOLA

Disse uma vez Menendez Pelayo — a ultima apara de gente que Adão atirou para a academia de Madrid — que Portugal não era mais de que uma provincia hespanhola que andava a monte, como a cria desgarrada da mãe e que, mais tarde ou mais cedo, quer perseguida pelo lobo carniceiro, quer acossada pela fome, ha de voltar ao redil para acolher-se ás tetas maternas.

O *Antonio Maria* applicou por essa occasião, ás orelhas do fedelho impertinente, o sopapo correctivo que lhe merecem sempre as creanças mal creadas, não suspeitando sequer de que mais tarde os factos se encarregariam de revelar que muitas vezes no bestunto insignificante dos pequenitos se anicham verdades e decretos de que os sabios mal ousariam prevenir-se.

Foi o sr. Fontes que, pela fórma porque se tem conduzido para com os emigrados hespanhoes, na presente conjunctura, nos veiu suscitar a duvida sobre se Portugal é uma nação independente, como por ahi se diz e nós acreditávamos, ou se effectivamente Menendez Pelayo é um avisado e não um idiota e nos cumpre respeital-o como a um propheta venerando em vez de nos rirmos d'elle como d'um Bandarra de tripeça...

Depois do desastroso, senão desastrado pronunciamento de Badajoz, fugiram os insurgentes para Portugal certos de que os acolheria aqui o agasalho official e a intemerata protecção a que lhes dava direitos inquestionaveis a sua posição excepcional e a boa fé dos tratados. Não occorreu aos fugitivos que a boa fé dos tratados se posterga e viola quando ha má fé nos tratantes, e assim, fugindo da loba, vieram. como o outro que diz, metter-se na bocca do lobo.

Rodeados do apparato belico com que é uso conduzir prisioneiros e não vigiar emigrados, ahi teem andado, de Herodes para Pilatos, á espera de que a potestade que tudo pode e tudo ordena decida finalmente se deve apenas pol-os com dono pela barra fora ou antes mandal-os arcabusar, consoante a inspiração que lhe venha do governo hespanhol, a quem, sobre tal ponto, parece consultar a cada passo!

Ora quando, para procedermos sobre este ou aquelle assumpto, entendemos só dever fazel-o mediante consulta previa, é porque reconhecemos necessariamente a auctoridade do consultado e confessamos a propria incompetencia...

Assim, o sr. Fontes, obedecendo ás determinações do governo hespanhol, que lhe está prescrevendo a fórma porque devem ser tratados em Portugal os emigrados de Badajoz, tornou-se, com o governo que o rodeia, n'uma engraçada collecção de *fantoches* articulados, cujos cordelinhos se prendem aos dedos do rei Affonso para que este possa a seu talante fazel-os voltear no rodopio das mais extravagantes cabriolas...

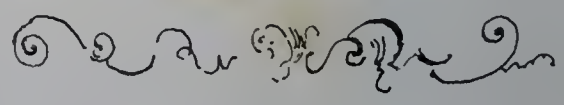
Assim tambem, tornou-se para nós evidente que Menendez Pelayo não era um visionario, que as suas profecias se vão realisar, se não se realisaram já, e que Portugal está occupando no mappa da Europa o logar d'uma provincia hespanhola sob o protectorado do sr. Fontes.

PAN.

Recebemos um precioso volume intitulado LE BRÉSIL A L'EXPOSITION INTERNATIONALE D'AMSTERDAM. É um trabalho importantissimo devido á penna illustrada de Ramalho Ortigão, com detalhes curiosos sobre o commercio e a exportação do Brazil, coordenados por Eduardo de Lemos. Para evitarmos o elogio banal com que geralmente é uso acolher-se toda a sorte de livros, e que n'este caso nos repugna empregar, diremos apenas que, alimentando um odio de morte contra as estatisticas em geral, acabamos de lêr todo esse volume, sem que nos escapasse uma lettra, tão interessante é tudo quanto n'elle se contém.

O commandante e a officialidade de cavallaria 6, para manterem a ordens do governo, que mandara retirar um regimento de Chaves contra a vontade unanime da povoação e só para attender ás solicitações de alguns influentes da politica dos arranjos, saiu para a rua de chicote em punho agredindo violentamente o povo, entre o qual se achavam as pessoas mais respeitaveis d'aquella terra, que na melhor ordem e cordura se dirigiam aos paços do concelho a protestar contra a absurda determinação.

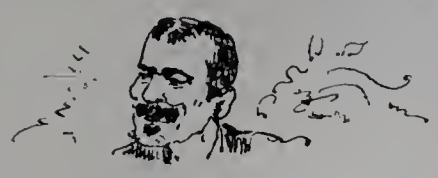
Commandante e officiaes que tanto honram a farda com que se vestem a ponto de arrancarem do chicote para manter o brio cavalleiroso, bem merecem que o respectivo ministro lhes conceda uma portaria de louvor e o paiz lhes faça erigir um monumento em pedra lioz tendo por symbolo o pingalim commemorativo



A proposito de Chaves

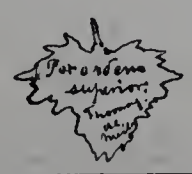
— *Quê* d'ella ás Chaves
Que te dei para guardar?
— Desconfio aqui p'ra nós
Que anda lá coisa no ar...

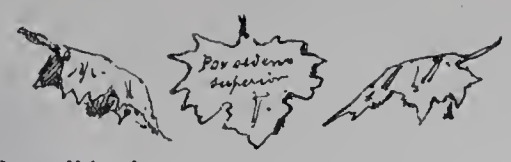
Moralidade... de parra



David Corazzi fez affixar ha dias, em varios pontos da cidade, uns cartazes chromo-lytographicos annunciando a publicação do romance *Os fantoches de madame Diabo* e cujas principaes figuras representam o citado diabo e a sua respectiva cara metade nos trajos pittorescos constantes dos jornaes de modas de além Caronte. O director d'esta folha, encarregado do desenho d'aquelle cartaz, entendeu e muito bem, que visto permittir-se aos estrangeiros, desde os embaixadores chinezes até os simples vendedores de tamaras, que trajem em Lisboa as modas do seu paiz, se não devia abrir uma excepção odiosa em prejuizo de *madame Diabo*, constrangendo-a a apertar á cintura um saiote de precaline e a cobrir a cabeça com um chapeu de palha da Italia. Vestir *madame Diabo* em casa de *madame Aline*, era, a nosso vêr, o cumulo do mau gosto...

Não o entendeu assim o senhor governador civil, inspirado segundo cremos no pudor côr de açafrão do senhor commissario geral de policia, e mandou que sobre as fórmas esveltas de *madame Diabo* fosse adaptado o calmante d'uma folha de parra, como preservativo moral e hygienico e como garantia ao socego das familias.





Esta medida, aliás innocentissima, veiu levantar a celeuma entre as adeptas da senhora D. Angelina Vidal, que trabalham pela emancipação do bello sexo, e que viram no procedimento da policia quanto os direitos da mulher são preteridos pelos do homem, visto como lançando-se a parra sobre *madame Diabo*, porque que é femea, se deixa o *frontão* sem parra, porque é macho...

Não commentando esta questão de direitos, onde nem de leve queremos tocar, concluimos lembrando á policia que anda por ahi muita coisa nas mesmas condições immoraes de *madame Diabo* e como tal em urgencia de parra e tomamos a liberdade de lhe indicar a breves traços algumas d'essas coisas mais necessitadas...

Parra com ellas, para que ao menos possamos dizer com orgulho

— Que este paiz das Arabias
Que anda sempre a pedir chuva,
Revella em medidas sabias
Muita parra... e pouca uva...

A' ultima hora

Soubemos agora que a primeira pessoa indignada com *Madame Diabo* foi o sacristão de S. Domingos, que lhe fez collocar em cima... um cartaz de chocolate!!!

De lapis em riste, vamos investir á valentona com o sacristão de S. Domingos e o commissario de policia, e todos emfim que se atrevam a pôr o que quer que seja em *Madame Diabo*, que é da nossa lavra e em deffesa de quem nos portaremos não como um simples Magriço, mas como um verdadeiro *Gordiço*, para o que temos valor e barriga á altura da gravidade.

É

Viaju, saca e endossa como um anjo...

Trabalha, sua e paga como um asno ..

Viva a ordem!!!

Consolidou-se, emfim, na velha Hespanha
o throno a D. Affonso!
Está morta e, para sempre, a Nova Idéia!
O ultimo responso
foi cantado p'las armas dos leaes
matando alguns sargentos... nada mais!

Foi facil a tarefa! Agora sim,
que o throno nada opprime!
E, matar uns miseriimos sargentos
de certo não é crime!
Quatro féras, de menos, que não mordem
nas velhas tradicções... e viva a Ordem!

Agora sim que tem seguro o sceptro
o filho d'Isabel!
O neto dos Bourbons, o successor
de Filippe... o Cruel!
Reconquistou emfim, antigos fóros
esse gentil paiz de... pan y toros!

Surgiu emfim, na patria de Cervantes
a luz d'um novo sol!
E é mais viva a purpura do manto
do monarcha Hespanhol!
Agora sim, de certo que progride
O berço dos Carmonas... e do Cid!

El hijo de su madre é coherente
n'este seu proceder!
A mãe era uma sancta! El casto pollo
segue-a... por dever!
Não póde ser a pomba mãe da féra...
porque, quem sae aos seus... não degenera!

Folgae, formosa Hespanha, o vosso nome
reconquistou a gloria!
Que importa que fusilem vossos filhos?!
Que importa essa memoria?!
Vibrae, nas castanholas, novos sons...
E que viva el salero... e os Bourbons!!!

Baltazar Melchior

NO PAIZ DO SYNDICATO

A cegonha do Palacio

(LEGENDA)

No Palacio ha uma cegonha
Que é p'ra casa um talisman,
Se apparece de manhã
N'um pé só, muito tristonha,
Toda a tentativa é van.

Se, pelo contrario, andar
Nos dois pés, muito altaneira,
Corre a brisa prazenteira
Toca logo a aproveitar,
Que a tentativa é fagueira.

A consultar o oraculo
Vae o Vieira da Cruz:
— Dois pés: — A festa é de truz!
— Um pé só: Mau espectaculo!
E só o guia esta luz.

Ora durante a semana,
Duas vezes cada dia,
O Vieira da Cruz ia
Ver a cegonha! E, ai mana!
Sempre em dois pés é que a via

Era de sorte um mau bote;
Para as festas dos de casa
Era a ave a negra aza,
P'r'os de fóra era Mascotte!
E jurou tolher-lhe a vaza.

Como pôde, disfarçado,
Usou da seguinte ronha,
Tomou a pose enfadonha,
E, como é um azangado,
Poz-se n'um pé *á cegonha*.

Mas esta que o viu de longe
Jogou-lhe logo a piada:
Não protesto! Surriada!
O habito faz o monge;
Tu é que és a engallinhada.

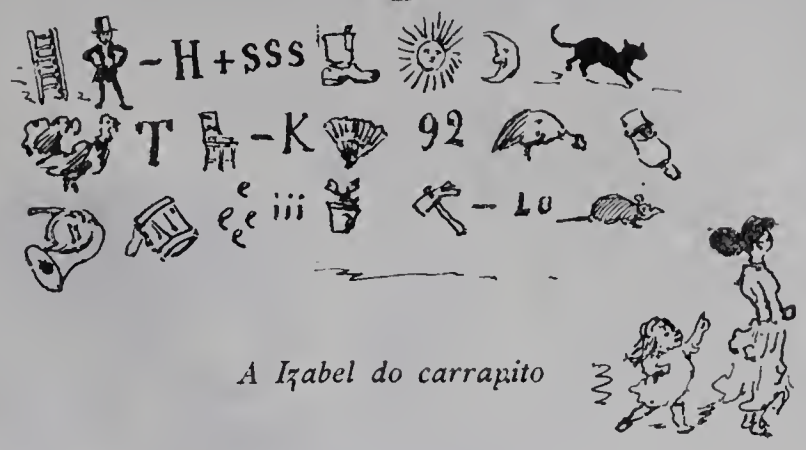
João Broa.

A proposito da catastrophe de Casamicciola, transcrevemos d'um jornal italiano o seguinte interessante episodio:

Pouco antes da catastrophe, o pintor Dumarteau desenhara á penna no fundo d'um prato a caricatura d'um padre que se achava á mesa na companhia d'aquelle artista. Na escavação a que mais tarde se procedeu foi encontrado o prato com a caricatura que é a que em seguida reproduzimos.

SECÇÃO PITTORESCA

Enigma



A Izabel do carrapito

Decifração do enigma publicado no numero antecedente:

Denuncio hoje aos leitores
(E é mister perder o susto
E nos *melros* dar p'ra baixo...)
Que ha cinco conspiradores
Que ás terças feiras no Augusto
Comem o rico gaspacho...

Com este enigma succedeu o mesmo que acontecera com o precedente: nem uma decifração! Ou nós estamos fazendo enigmas muito complicados ou os leitores já perderam o gosto por este genero de distracção.

Fazemos hoje a ultima tentativa, apresentando um enigma para creanças e se os leitores ainda não quizerem adivinhar encerraremos a secção por massadora.

Pan.

A estiagem

Lisboa aceiada
Que quer escascar-se,
Nem tem p'ra lavar-se
Dos pés ao joelho;
Pois 'stão prohibidos
Os banhos de tina
P'lo grande sovina
Do Pinto Coelho!

Lisboa sedenta
Lhe berra em alarme:
— Se não vens regar-me
Palavra que estico!...
E o Pinto avarento
As aguas lhe bifa
E só a borrifa
Como um mangerico!

Lisboa, coitada,
De lingua de fóra,
Debalde lhe implora
Que tenha dó d'ella;
Que o Pinto teimoso
Sustenta o capricho
Só dando um esguicho
Do farto Alviella!

Lisboa encaixada
Nos reles cacifos,
Já vê de mil typhos
Terriveis espectros,
E o Pinto indiff'rente,
Alheio a tal magua,
Só quer vender agua
Por conta, por metros!

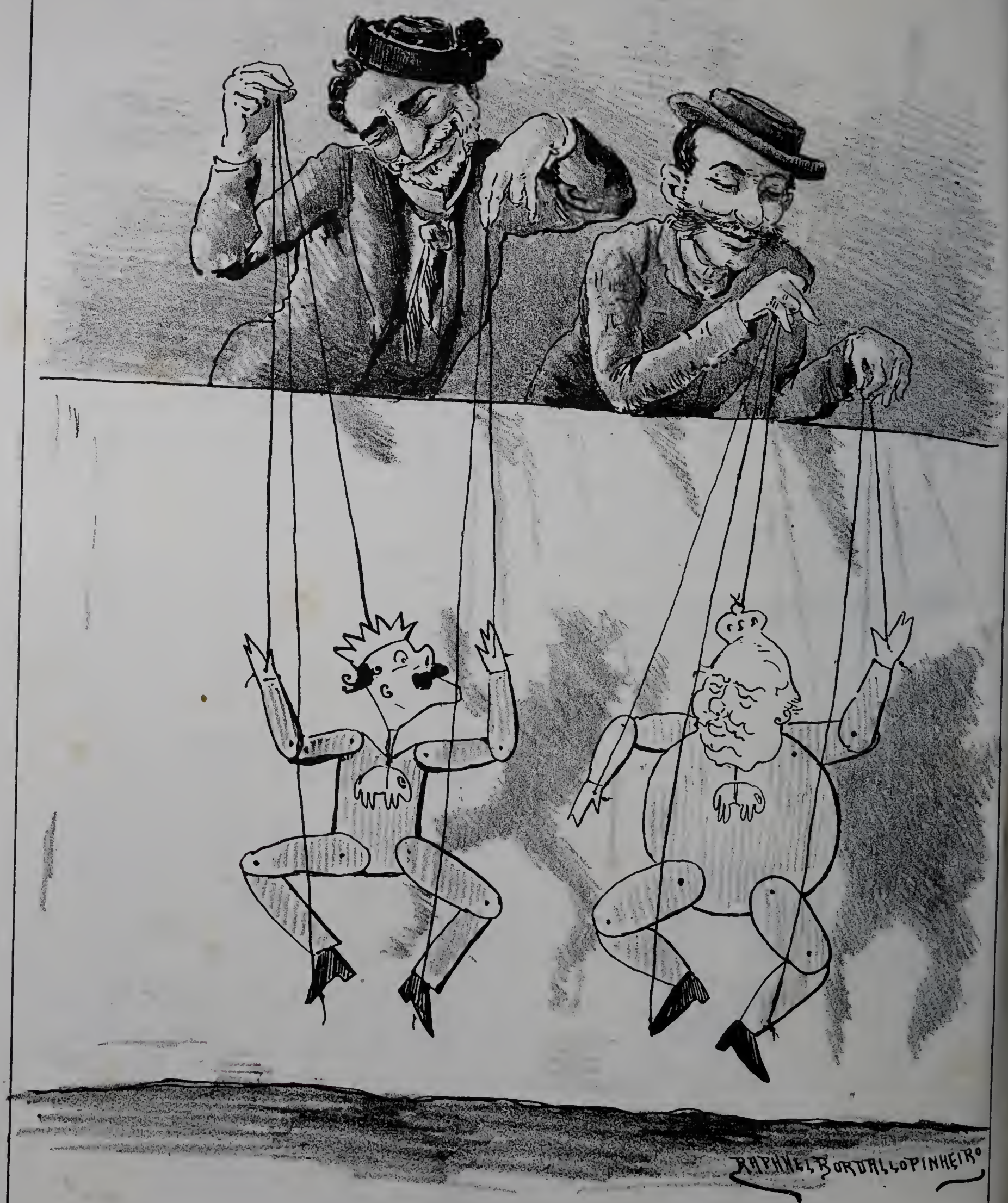
Lisboa notando
Que o cholera avança,
De balde se cança
Em vãs caramunhas;
Que o Pinto, mais duro
Que os duros tyrannos,
Tem todos os canos
Fechados nas unhas!

Lisboa uma gôta
De balde lhe pede
Ainda que a sede
Os labios lhe escalde;
Que o Pinto responde
Do seu throno augusto:
— Se tem sede, é justo
Que peça *de balde*...

Lisboa sentindo
Da sede o tormento
Não tem um momento
Sequer de socego;
E exprime o que soffre
N'um dito succinto:
— Em vez d'este Pinto,
Quem dera um gallego!...

Pan

DEPOIS DA PASSEIATA



Comeste?... Pois dança agora...

Com danças e pagode os brutos celebram a certeza de que vão ter um talher á mesa do orçamento... do Jardim Zoologico e um bocado de ração para a velhice.

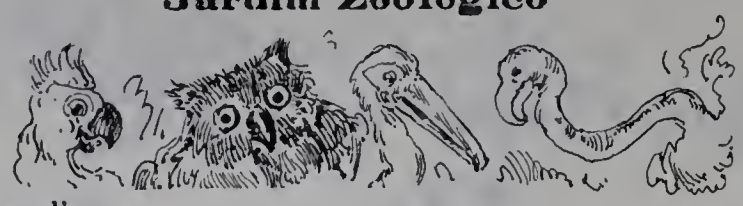
Um hyppopotamo. — Lá vae á saude do dr. Van der Laan!

Uma cegonha. — Eu hoje apanho um bico á saude de Sousa Martins!

Um gato. — Miau! Miau! por quem me dá carapau!

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

Jardim Zoologico



Vae, d'esta vez, ao que parece. Custou, mas foi a iniciativa particular e principalmente a bizarria de uma familia abastada e amante do progresso, que removeu todas as difficuldades. Antes assim.

Fallara-se em tempo no estabelecimento do Jardim Zoologico na Tapada da Ajuda; chegou quasi a estar resolvido que se começassem alli as obras; parece até que só faltava levantar-se a primeira pá de terra como signal de inauguração dos trabalhos; mas de repente as mais graves rasões de estado se interpuzeram para a conclusão das negociações, — os pombos que se espantariam com os urros das feras, os coelhos que fugiriam espavoridos, o Zé Povinho que revandijaria as sumptuosas alamedas e os parques maravilhosos, etc. etc. Deante de taes rasões toda a discussão seria inútil; os pombos e os coelhos bradavam mais alto que o bom gosto, e a profanação dos jardins maravilhosos pelo sapato razo do Zé Povinho não tinha replica possivel.

Foi preciso que a commissão, reverente e agradecida ás altas razões de estado, fosse calcurriando á cata de outro sitio para estabelecer o Jardim Zoologico.

Encontrou-o finalmente em S. Sebastião da Pedreira, onde lhe foi cedido generosamente por uma familia que não o disfructava por favor, mas sim por herança, de quem o ganhára com o seu trabalho.

Lisboa não ficará sem Jardim Zoologico e só faltará povoal-o. Passaros bisnaus não faltam por cá, se escasseiarem outros de fora. Quanto a feras é que estamos mal no continente, porque só temos a hydra e essa mesmo está velha e tropega.

A' MEO A'MIGO O HÉROÍ DA ÁMEIXOEIRA

João Tállone

Ué! Géntis! Esta lembrança
Eu lhi didico, nhónhó.
Mas não xingui-mi di prósa,
Nem tambem d'amolladó!

Você qui pintou o pádrí
A manta e o séti, não pensi
Qui eu mi isqueci, não seo môço,
Do grandi «*Ameixoeirensi*».

F si estas quadras didico-lhi,
Sómenti quero sabê,
Quem tem agora garrafas
Vasias para vendê.

A. Fava.

NO PAIZ DO SYNDICATO

A dupla batalha

Quando eu entrei na grande avenida já lá havia o tohu-bohu indefinido, que é a voz inarticulada das multidões, e todo um enxame de ladies, de donzellas mais ou menos candidas, de frei-frau mais ou menos ruivas, papagueiava sob a arcaria luminosa, ondulante, recortando em talhadas de gaz todo o zimborio faiscante da alameda. Feria-se no Palacio de Crystal, entre o chalet e o bosque, n'essa região mysteriosa, onde os poetas medem versos e os satyros medem abraços, uma reproducção da batalha de Inkermann, em que fatalmente havia victimas, porque as cegonhas punham por baixo dos arvoredos, como quem afixa programmas incendiarios, gritos dilacerantes de an-

gustias e de desespero. Cyriaco de Cardoso, no alto do tablado, tinha uns ares dominadores de semi-deus da batuta, commandando sem duvida as hostes alliadas para as quaes as victorias aladas andavam colhendo, para os lados da gruta, myrthos e loureiros-rosa. Os combatentes davam a ultima revista aos instrumentos de guerra. Fanfarras e clarins preparavam-se para romper o signal de alarme, e a concavidade das caixas fortes, a ponto de receber toda a carga da artilheria, abria-se ameaçadora e soturna, como um antro d'onde sahiriam coisas tetricas.

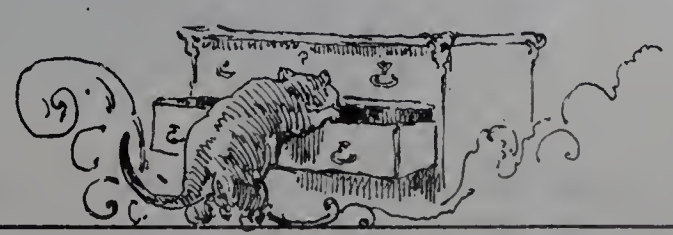
Apesar da lugubridade da acção, em que havia gemidos programaticos e terriveis soluços de oboé, pelas aleas do jardim o bando variegado das setinetas multicores chilreava e corria e gargalhava e mordia como uma batega de aves preciosas que cahisse abruptamente das nuvens, e, nas suas evoluções mirabolantes combatia a golpes sorridentes os pernaltas do Suisso e do Camanho, modestos atiradores que se confessavam vencidos antes mesmo de porem em jogo toda a baixela das suas seduções abotoadas. E serenos, olympico todo correcto na gomma dos seus collarinhos *irreprochables,* Cyriaco de Cardoso espalhava o seu olhar ordenador por cima de todo aquelle mar humano, como se estivesse seguro da gloria e do applauso. Em frente de mim, um eucalyptus torcia as folhas lanceoladas e parecia zombar — o histrião! — das tendencias sentimentaes, lyricas, choramingas que assaltam a macieza da minha alma logo que entro n'aquella região do progresso e do sonho. Por baixo do eucalyptus, n'aquella postura suave e melancholica em que os poetas traçam os seus ideiaes e as suas virgens da margem do Rheno, uma formosissima mulher, toda luz, e um

formosissimo olhar todo sombra, derramavam sobre a minha cabeça phantasista o philtro capitoso que transforma o triste ser humano n'uma erupção de genio ou n'um chafariz de idiotismo. Vista á luz viva do gaz parecia uma flor de magnolia, pousada por Mephistofles, por esquecimento, n'aquelle banco do jardim. Loura, capaz de causar inveja ás cearas, faiscante como o occeano phosphorescente dos tropicos, o braço de uma correcção digna de ser modelado no mais fino bloco de Paros, a minha purissima (ia jural-o!) visão, transportada das margens do Rheno para os alcantis do Douro por algum suspiro do ceu, na mais resplendente noite de luar, tinha condescendencias magicas na ondulação do olhar, no borboletear da ventarola, no sorriso indefinido e candido dos labios setinosos. E o eucalyptus, todo hirto, como um lord das terras altas da Escossia, tremia em convulsões de riso — o histrião! — e picava a onda luminosa d'aquelles cabellos de oiro com a finura agaçante das suas folhas lanceoladas.

No entanto travava-se a batalha. Rompia a madrugada d'aquelle dia de ha trinta annos; os conscriptos apertavam ao peito os medalhões preciosos, onde imagens predilectas espreitavam curiosas e interessadas pelas garridices do esmalte; os esquadrões avançavam para os reductos; brilhavam ao sol as fardas inglezas e o russo do Caucaso irriçava a sua enorme barretina de pelles por cima das muralhas dos fortes. O espirito da guerra alastrava-se de peito em peito, de quadrado em quadrado, e Cyriaco de Cardoso, perdendo com o cheiro da polvora o ar circumspecto dos semi-deuses, enfurecia-se contra as trompas que entravam tarde e arripiava-se contra as fifias dos metaes que botavam tudo a perder.

As tropas francezas subiam lentamente pela vereda do bosque. Ouvia-se o passo da guarda que esmagava cruamente os bracitos irritantes das urzes e os pequenos rebentos, todos verniz, dos carvalhos atrevidos; as cegonhas fugiam como velocipedes de aço luzidio e as chibatadas do vento na arcaria illuminada punham aqui e além soluções de trevas nas cordas picadas do gaz. A minha visão de além-Rheno, estatua cortada n'um retalho de ice-berg, parecia tòmar parte na peleja. O peito, n'aquella curvatura suavissima que nasce no coração das formosas e se vaè perder na profundidade azul do céo, agitava-se na conspiração tacita das almas superiores pelas grandes causas humanas, e eu seguia aquella exaltação divina atravez de todo um sonho embriagador. Todas as vezes que o clarim dos assaltantes recortava os ares com fustigações dominadoras, ella, a minha nevada flor de magnolia, tinha sorrisos de orgulho e gestos de vaidade, como se fosse uma rainha do oriente a cujos pés todas as potestades do universo iam ajoelhar e estender os seus tributos de oiro e de brilhantes. E eu, como o russo acoçado e batendo em retirada, arriava bandeira e submettia-me á generosidade do vencedor. Lá em cima, no tablado do chalet, Cyriaco de Cardoso na embriaguez da gloria avançava o collarinho já sem gomma, e eu, nas delicias da derrota, confessava-me vencido diante da minha walkyria vaporosa. Fez-se pouco depois a sombra e o silencio. Apenas no recanto da avenida o hirto eucalyptus lanceolado tinha ainda os ultimos motejos na sua cabelleira de histrião.

João Broa.



O Fado do Fontes

Inauguramos hoje esta nova secção, dedicada em especial ás nossas leitoras já maduras.

É justo que o *Grande Homem*, cujo nome anda apregoado lá por fora como a couve lombarda anda apregoada cá por dentro, receba n'este alevantado preito aos seus talentos a consagração do respeito popular e passe á posteridade assoprado pelas vozes aflautadas dos *habitués* da Mouraria.

MOTTE

Quem anda no triste fado
Nunca chega a ter bom fim;
Quem bem vive, mal acaba...
Ponham os olhos em mim!

GLOSAS

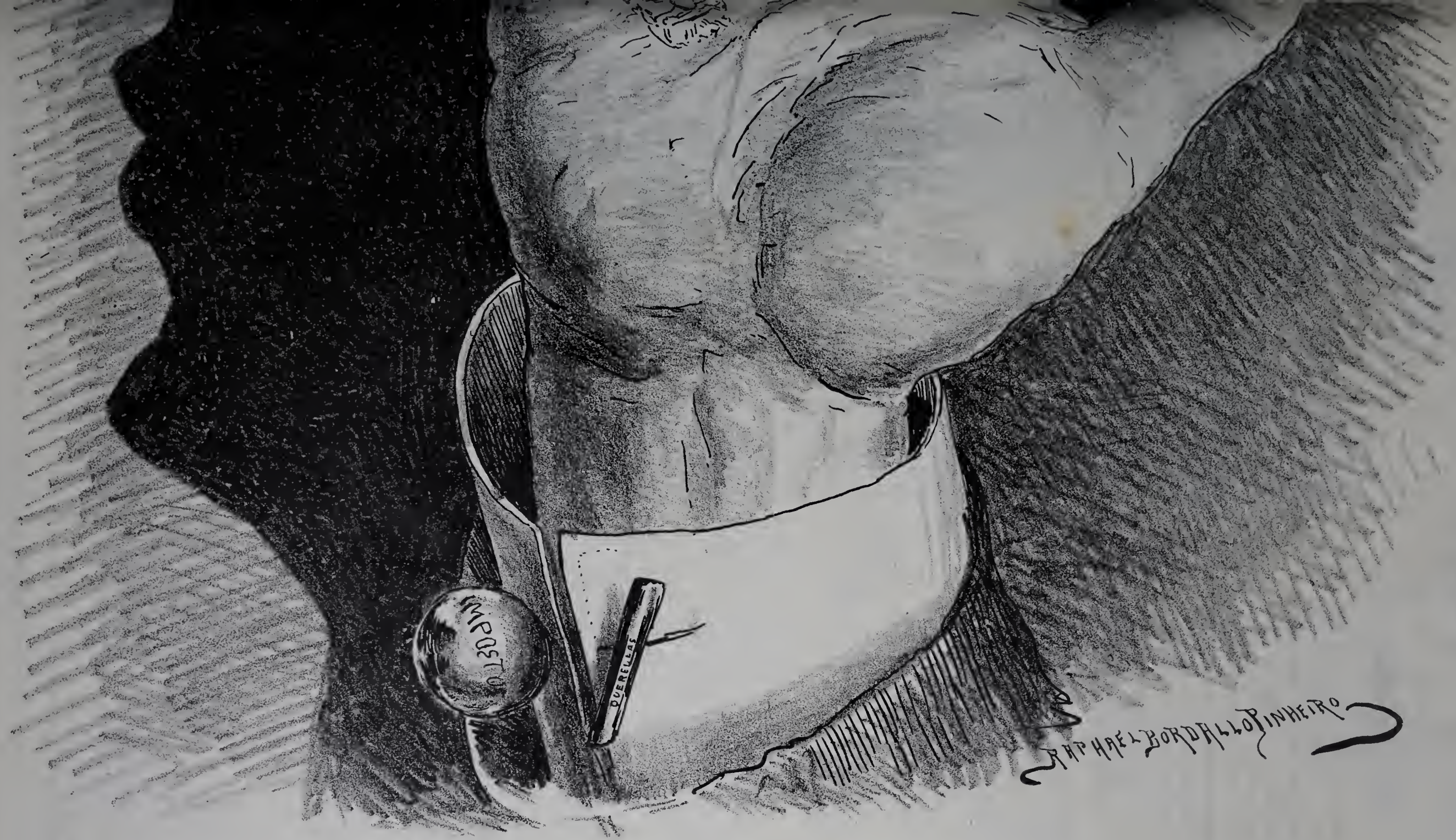
A fama d'este meu braço
Soou por valles e montes;
Hoje sou sombra do Fontes
E é que já d'aqui não passo!
A granja aperta-me o laço,
A vermelha eleva o brado!...
Vive sempre atomatado,
Nunca engorda nem repoisa,
De governar esta coisa
Quem anda no triste fado!

Dê-me a demissão, Zilu,
P'las cinco chagas de Christo...
Já não me entendo com isto
Nem á força do bambu!
Brigar contra o fado cru
É de cabeça ruim;
Entendo cá para mim
Que basta de mordeduras...
Quem teima n'estas alturas
Nunca chega a ter bom fim!

Até o proprio Bazorra
Que faz figas a toucinhos,
E pôz cento e dez sobrinhos
A comer á tripa forra
Descompostura cachorra
Me atira, e d'ella se gaba!...
Estou velho, cae-me a baba,
Já por'hi me chamam lesma!...
Mas a coisa é sempre a mesma,
Quem bem vive, mal acaba!

A chorar aqui me vêde
O meu fado rigoroso,
Porque o Zilu é teimoso,
Ferrou os pés á parede;
A graça não me concede
E o meu martyrio é sem fim...
Já enjoei o podim,
Emmagreço e cae-me a lã...
Se querem ver o Braamcamp
Ponham os olhos em mim!

Embelezamento do largo da Abegoaria, graças á iniciativa conservadora da camara municipal de Lisboa.



A mão, que nos rege, que nos protege, que nos tira o pó do fato, que faz de nós gato sapato, que nos sova, que nos escova, que hade pregar com tudo na cova.

A MÃO DO COVEIRO

COLISEO DOS RECREIOS

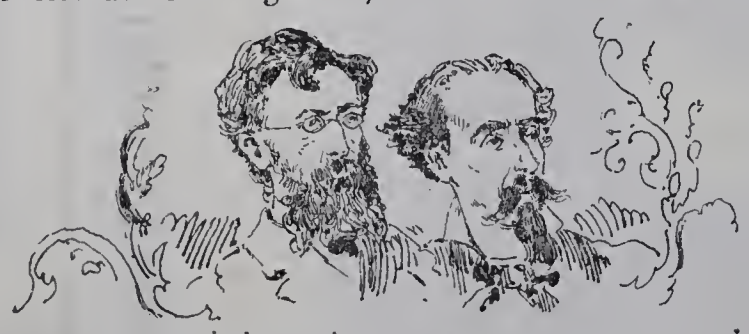
Chronica retrospectiva

As enchentes continuam a contar-se pelo numero de recitas; especialmente nas noites para accionistas a affluencia é enorme, porque o publico suppõe, e com razão, que por semelhante preço a empreza ha de por força perder dinheiro, e esta idéa basta para que acuda lá o poder do mundo, só pelo gostinho de prejudicar a empreza...

A *Sapho* conseguiu attrahir uma concorrencia extraordinaria. Toda Lisboa estava anciosa por vêr como *ella* daria o pulo e de que altura seria dado, affirmando muitos que era dos hombros do sr. conselheiro Nazareth, e contestando outros que não, que havia de ser de mais alto, para o que já se tinha armado o trapezio de onde as irmãs Vaidis costumavam saltar todas as noites. Afinal a Sapho recusou-se terminantemente a saltar pora a rêde, e em vez de dar o pulo tão ambicionado pelo publico, deu apenas uma enchente ao Coliseo, o que não foi decerto peior para o sr. Freitas Brito, senão para alguns espectadores que já lambiam antecipadamente os beiços á espera de a vêr cair na rêde, e que foram no fim de contas quem verdadeiramente caiu no logar d'*ella*...

*
* *

A *Aida* foi excellentemente, e deixem-nos aqui, por entre este humor de galhofa, dar um *bravo* muito sincero



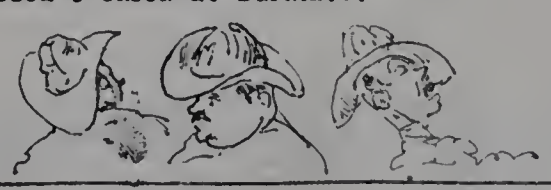
ao maestro ensaiador e á empreza, a quem, mesmo brincando, não podemos deixar de agradecer os bons momentos de distracção que nos proporciona durante esta aridez theatral.

A balaustrada do quarto acto é muito conhecida do publico de Lisboa, que já tem tido occasião de a admirar no atelier photographico do sr. Rocha, que bizarramente a emprestou para aquelle effeito.

O ultimo quadro parece um realejo de bonecos; falta só o sr. Brito a dar á manivella.

Do tenor da *Aida* é que, francamente, não gostámos; e não gostámos, porque nos pareceu egypcio de mais...

Aquella cara, aquelle gesto, aquella voz, aquelle modo de olhar para a gente, tudo nos leva a crêr que o homem tem o microbio mettido no corpo, — se é que elle não é o proprio microbio em pessoa, que anda passeiando pela capital disfarçado em cantor italiano, com o seu chapéo de aza de mosca e casca de barata...



E, já que fallámos no tenor, vem a pello lembrar á policia que nos parece indecoroso permittir que o citado tenor falle no amor da patria, mesmo em italiano e por musica, sem que se lhe tenha mandado pôr uma parra...

E, ainda a proposito, chamamos a attenção da policia para as allusões politicas que ha n'aquella peça; citaremos entre outras o Deus do primeiro acto, que não é outro senão o sr. Simões Carneiro doirado por dentro e por fóra e vestido em trajo de banho.

O que mais nos deu no goto foi a bailarina que traz na testa o projecto da Avenida da Liberdade. Não seria mau

que a empreza continuasse por aquelle meio a instruir o publico dos melhoramentos e saneamentos da capital, em recitas para accionistas — para sair mais baratinho.

*
* *

No *Ruy Blas*, a sr.ª Italia Giorgio é uma rainha dos quatro costados; tem, como geralmente se diz, *a linha*: tambem é o que lhe vale porque não tem mais coisa nenhuma, que nos conste... Perdão! tem ainda uma coisa: uma parecença extraordinaria com o Leoni da Trindade;

quando se fôr embora póde facilmente ser substituida por elle que ninguem dá pela troca: nem os proprios *admiradores*, iamos apostar...

*
* *

Da *Africana* só podemos dizer, de notavel, que o quarto acto é passado em frente do palacio do sr. José Ribeiro da Cunha, o que nos parece magnifico para estas noites

de calor, porque chega uma pessoa a persuadir-se de que está gosando o espectaculo de dentro do tanque da Patriarchal...

Na scena do segundo acto o tenor dorme de olhos abertos, o que nos leva a crer que elle é a hydra da fabula ou que padece muito de lombrigas, pelo que lhe aconselhamos a pevide de abobora com assucar...

* * *

As frisas do *rez-de-chaussée* continuam a ser muito frequentadas por todas as pessoas que já reconheceram no uso ameudado do *bidet* um poderoso preservativo contra a epidemia do cholera-morbus.

A este respeito, lemos ha dias no *Diario de Noticias* uma revelação importante publicada em artigo dedicado ao Coliseo e que termina por esta fórma:

«Hoje repete-se a *Aida* e ámanhã canta-se pela primeira vez o *Ruy-Blas*.

O *Earl Dumfries* conserva-se encravado na rocha.»

Este *Earl Dumfries* não póde ser outro senão o nosso collega Gabriel Claudio, que ali se conserva effectivamente *encravado* todas as noites, n'um dos taes objectos, a que o *Diario de Noticias* chama *rocha*, porque *elle* é naturalmente de pedra em vez de ser de lata como trivialmente se usa.

* * *

A explanada dos Recreios já foi aberta á circulação, pelo que damos os nossos parabens muito sinceros ás pallidas virgens, a quem os trabalhos da nova Avenida da Liberdade haviam deixado viuvas dos olhares incandescentes da escola do exercito em peso, e que podem ali novamente, ao compasso da fanfarra e tendo a lua por testemunha, proseguir no romance dos seus affectos, em cujo epilogo tomará parte activa o sr. prior da Magdalena, e mais tarde se Deus quizer, um ou dois formosos casaes das mais robustas e lambusadas creancinhas.

A explanada é um passatempo muito economico e sobretudo muito pacato; pode cada um dormir o seu somno descançado, que nem os mosquitos o importunam. Para maior commodidade do publico foi prohibida a entrada a estrangeiros, sendo-a apenas permittida aos naturaes d'esta boa terra, cujo socego e quietação são proverbialmente conhecidas.

A unica parte onde o indigena se mostrava folgasão e reinadio era no cemiterio occidental quando havia a festa da Senhora dos Prazeres, acabaram-lhe com esse regalorio, e o indigena recolhe-se a uma tristeza de cenobita, com que se passeia sempre nos divertimentos publicos, ao ponto de que com essa tristeza e a do sr. Hintze teriamos de sobejo para pagar todas as dividas, se tristezas pagassem dividas — e o sr. Fontes não puxasse tanto por ellas...

PAN.

SECÇÃO PITTORESCA

Enigma

Do enigma publicado no numero antecedente recebemos um sem numero de decifrações, que não citaremos por falta absoluta de espaço, não inserindo egualmente o texto d'aquelle enigma pelo julgarmos perfeitamente desnecessario.

Que pena!

O Nuncio Masella
partio quinta feira;
a turba gaiteira
correu á'stação,
em grande *ovação*
unisona e bella!
Partio quinta feira
o Nuncio Masella!!!

Padrecas, sacristas,
meninos do côro
pagaram o fôro
á tal *ovação*.
que bom cantochão!
que bellos *artistas!*
meninos do côro,
padrecas, sacristas!!!

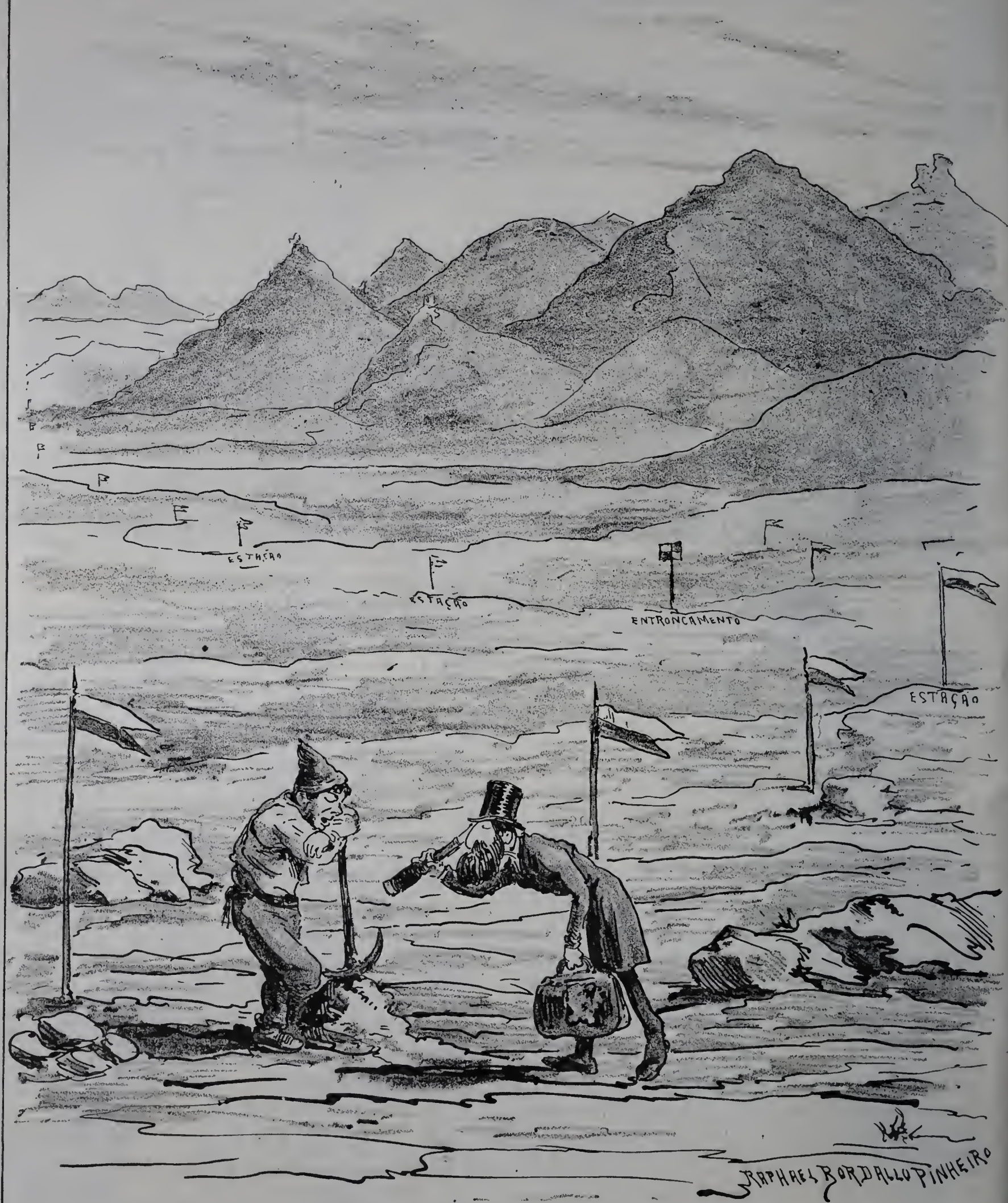
Segundo o «Noticias,»
que sabe da poda,
o que era da moda
encheu a'stação!
E o Nuncio então,
gozando em delicias...
pois sabe da poda,
segundo o «Noticias»!

Até de Cacilhas
vieram convivas,
e d'estes, p'los vivas,
tremeu a s'tação!
Que grã confusão
d'albardas e cilhas!...
Vieram convivas
até de Cacilhas!...

O Nuncio Masella
não fez papel d'urso;
botou um discurso
á tal multidão,
que, de mãos no chão,
ouviu a loquella!...
Não fez papel d'urso
O Nuncio Masella!

BALTHAZAR MELCHIOR.

INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DE TORRES VEDRAS



O *Diario Popular*, sempre faccioso e parcial, querendo amesquinhar a grande obra do caminho de ferro de Torres Vedras, devida á firma Sorumbatico Hintze Burnay Topa a Tudo & C.ª, disse que dez trabalhadores tinham cumprido a formalidade de inaugurarem os trabalhos da linha. No dia seguinte, com ar de grande sinceridade e como se lhe pezasse na consciencia ter faltado á verdade, rectificou a noticia, dizendo que não tinham sido dez, mas sim doze os trabalhadores.

Cumpre-nos a nós em desagravo da firma Sorumbatico & Topa a Tudo, esclarecer o publico, pintando-lhe com as melhores côres da nossa palheta a inauguração dos trabalhos, da linha ferrea de Torres Vedras, com o numeroso pessoal que alli anda empregado e que verificámos contando pelos dedos. Ficam assim rectificadas as noticias insidiosas da folha do largo de S. Roque.

OLIVEIRA MARTINS

O illustre operario da penna

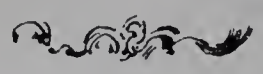
HOMENAGEM DO «ANTONIO MARIA»

Os operarios do Porto, n'aquella confraternidade sublime do trabalho e da honestidade, organisaram o *Premio Oliveira Martins* que será distribuido annualmente ao trabalhador mais distincto. Assim a columna das aguas, bebida pelo hausto purificador das nuvens, se derrama pouco depois pela superficie da terra, enchendo os rios de brilhantes e tapetando de flores vermelhas as planicies esplendidas.

JOÃO BROA.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

FUSILAO



Em virtude da suspensão de garantias *en toda la peninsula*, o *Antonio Maria* não pode transitar pelas Hespanhas sem risco de ser preso e tratado com a clemencia que mereceram os quatro sargentos de Numancia.

Fusilao, é a sorte que espera o pobre *Antonio Maria* se ousar pôr pé além da fronteira, que por vicio inveterado ainda se denomina portugueza, apesar da *Gaceta de Madrid* afirmar que é toda uma, sem divisões nem fronteiras, a peninsula onde estão suspensas as garantias constitucionaes.

N'este jardim da Europa á beira-mar plantado, como intitula Portugal o poeta do assucar candi, já nós eramos celebres, graças ao Tigre Arrobas, que Deus haja; na capital das Hespanhas começamos agora a gozar as delicias da fama, graças ao olhar iracundo que nos lançou o Tigre governador de Madrid.

Mas que fizemos nós, santo Deus! para merecermos as honras de passar a fronteira por contrabando, como qualquer paio ou vazilha de azeite?

Pois uma estampa, innocente como o carapau e candida como as ingenuas rolas, é mais subversiva do que os telegrammas da agencia Havas e milhares de jornaes que espalharam por todo o mundo a noticia dos fuzilamentos de Numancia?

Pois os periodicos mais serios do mundo, de todas as cores politicas, surprehendidos pela noticia do restabelecimento dos fuzilamentos em Hespanha, não deram largas ao seu desgosto e não fizeram com as 25 letras do alphabeto peiores commentarios do que nós com quatro traços de um lapis modesto e obscuro?

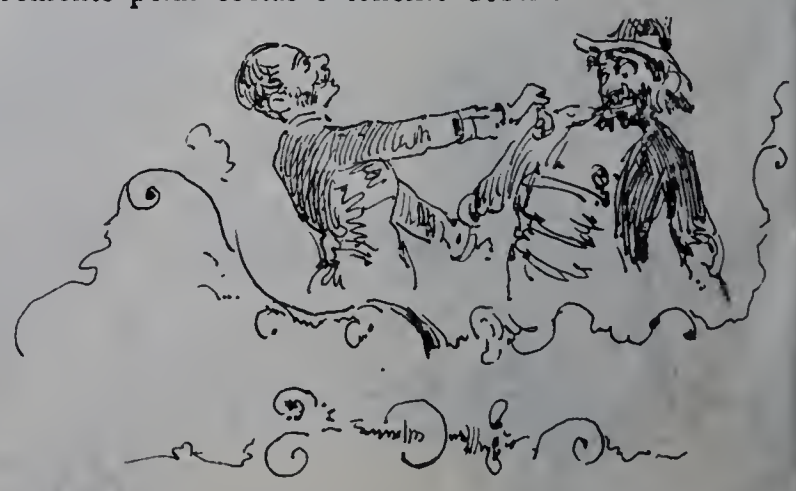
Pois a opinião publica de toda a Europa, a dos proprios monarchicos, não se sobresaltaria com aquella horrivel tragedia, em descredito das instituições restauradas em Hespanha, que á maneira da gata vestida de senhora que não tivera mão em si á vista de um rato, tambem se não puderam conter que não revelassem os seus instinctos sanguinarios, que o tempo e as lições da historia não conseguiram modificar?

Se somos nós os unicos delinquentes apague-se a estampa criminosa, queimem-se as folhas em que ella foi desenhada e lancem-se as cinzas aos quatro ventos, se tanto é preciso para aguar a furia do governador civil de Madrid e do governo que suspende as garantias *en toda a peninsula*; mas ao menos restitua-se a vida aos quatro sargentos fuzilados, para completa confuzão do nosso lapis atrevido.

Envenenem-nos com a nossa propria baba, obriguem-nos a morder a lingua calumniadora, provem-nos que em honra da civilisação e da apregoada longanimidade da restauração monarchica o exercito hespanhol não desempenhou o papel de verdugo, ou pelo menos o desempenhou interinamente, pois que os quatro sargentos de Numancia já foram restituidos á vida, para lição da leviana e precipitada indignação da Europa, que exclamara cheia de horror: — que tinham recomeçado os fuzilamentos em Hespanha.

Pela nossa parte, estamos promptos a penitenciar-nos. A' maneira de um portuguez antigo, que foi a Hespanha, de baraço ao pescoço, offerecer a sua vida e a de seus filhos como resgate da sua palavra, nós iremos de lapis em punho e pedra lytographica debaixo do braço, desenhar a ressurreição dos fusilados de Numancia e a apotheose do governo que suspende as garantias *en toda la peninsula.*

Depois d'isto esperamos que nos seja franqueada a fronteira, e nos seja concedida uma prova da regia munificencia, não inferior á que recebeu o soldado que matou nobremente pelas costas o tenente Cebrian.



Todos os dias um jornal dos mais dedicados á realeza publíca um apêllo á caridade a favor da irmã collaça do imperador D. Pedro IV, de uma pobre velha que, nos já distantes primeiros mezes da sua vida, teve a ventura e a honra de chuchar no mesmo bico de peito em que mamava o futuro imperador do Brazil, de chorar em dueto com o filho de D. João VI. De tanta grandeza passada, só resta á pobre velha o direito de pôr em evidencia a sua miseria actual, confrontando-a com a felicidade dos primeiros annos. Para ella não se tocaram os extremos; porquanto dormiu o seu primeiro somno em berço de oiro, ao lado do filho dos reis e provavelmente dormirá o ultimo na valla commum, ao lado de qualquer maltrapilho.

Nem ao menos a realeza de hoje conserva para com os seus familiares a tradições de outros tempos; nem sequer mantem a pragmatica de se fingir amoravel e protectora para com aquelles que são da sua conviencia. Outr'ora, todos os que se aproximavam dos reis partecipavam mais ou menos do caracter sagrado que os revestia; o palacio real era um logar de asylo e de protecção e se o serviço dos paços era tão abjecto ou mais do que hoje, tinha ao menos como compensação a boa sombra que cobria todos os que n'elle moravam. E' certo que os serviços ao estado eram pagos muitas vezes com as algemas ou o desterro, quando não com a propria vida, mas os serviços ao imperante, esses não eram esquecidos, nem os familiares dos reis abandonados á caridade publica.

A invocação feita diariamente á caridade a favor da irmã collaça de D. Pedro IV, não é do maior lustre para a familia do imperador. Podia-se perfeitamente appelar para a caridade portugueza em bem da pobre velha, sem se invocar aquelle parentesco de lactação com o imperador e a caridade, apesar de que nem todos são anjos, não lhe havia de faltar; mas desde que se invoca tal parentesco como reclame, ha o direito de se extranhar que a irmã collaça do imperador D. Pedro chegasse a tal extremo de miseria.

OS HUNGAROS

Acabamos de estar com elles.

Depois do que nos tinham dito a seu respeito, ferviamos em pulgas de curiosidade para os ver bem de perto, quanto mais de perto melhor; vimol-os, e voltámos para casa fervendo ainda em pulgas — não de curiosidade — e parecendo-nos até que os viramos mais de perto do que devia ser.

De resto, não lhes descobrimos nada de espantoso; não lhes descobrimos esse aspecto extraordinario com que por ahi nol-os tinham pintado; não lhes descobrimos absolutamente nada; mesmo porque seria perigoso descobrir-lhes qualquer cousa sem de ante-mão nos havermos prevenido com o desinfectante phenicado de *Rodrigues & Rodrigues* ...

Os homens, afinal de contas — os homens e as mulheres — não passam de umas creaturas triviaes como as que por ahi encontramos a cada passo; os hungaros apenas se differençam dos indigenas pelo volume de prata e pela exuberancia de cabello com que carregam aos hombros.

Não ha nada mais simples de que obter um hungaro; pega-se n'uma pessoa qualquer, entorna-se-lhe por cima tres ou quatro tijelas da casa de productos capillares, prata sem liga e cebo sem confeição, partes iguaes, e ahi temos um hungaro *comme il faut*...

Isto é para o caso da pessoa escolhida ser estrangeira, porque se for nacional, ainda o processo é menos complicado; bastará applicar-lhe o seguinte recipe:

Prata..... } a a 5 kilos
Barbas e cabellos }

O cebo é perfeitamente desnecessario...

Convem observar que em determinados casos a receita se póde simplificar ainda mais. Supponhamos, por exemplo, que é do sr. Adolpho Coelho que se pretende obter um hungaro: sendo assim, bastará mandar aviar á *botica* do Pedro Moreira:

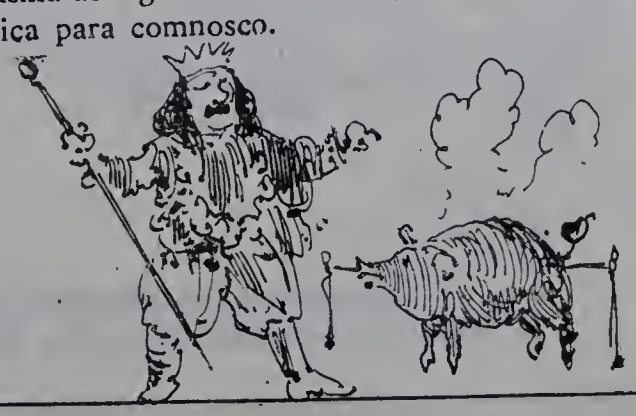
Prata..... 75 quintaes.

E ahi teremos o sr. *Pisca-Pisca* n'um hungaro dos quatro costados. Setenta e cinco quintaes de prata custam um par de vintens, isso é verdade, mas não se póde fazer por menos porque, como dissemos acima, os ingredientes de que se compõe um hungaro devem ser sempre ministrados em partes iguaes...

No acampamento por elles occupado nada encontrámos igualmente digno de menção: uma desordem pittoresca, uma ausencia completa de semicupios e um cheiro pronunciado de toicinho assado com azeite, bem bom para apanhar ratos; o aspecto, em summa, do sacrario d'uma familia da Baixa depois das dez horas da noite. Pareceu-nos simplesmente que aquelle acampamento é um pouco mais vasto e um pouco mais arejado de que o referido sacrario, mas no resto tem perfeitamente a linha...

Segundo elles proprios nos declararam, são todos eximios no officio de caldeireiros, de que comtudo, ao que parece, apenas se servem como simples distracção; aprenderam aquillo como o D. José I aprendeu a fazer peões e carapetas ao torno, simplesmente para passar as horas vagas; vivem de se mostrar a tostão por cabeça e do que podem ir apanhando por esse mundo de Christo, no que ainda se parecem extraordinariamente com muitas pessoas nossas conhecidas...

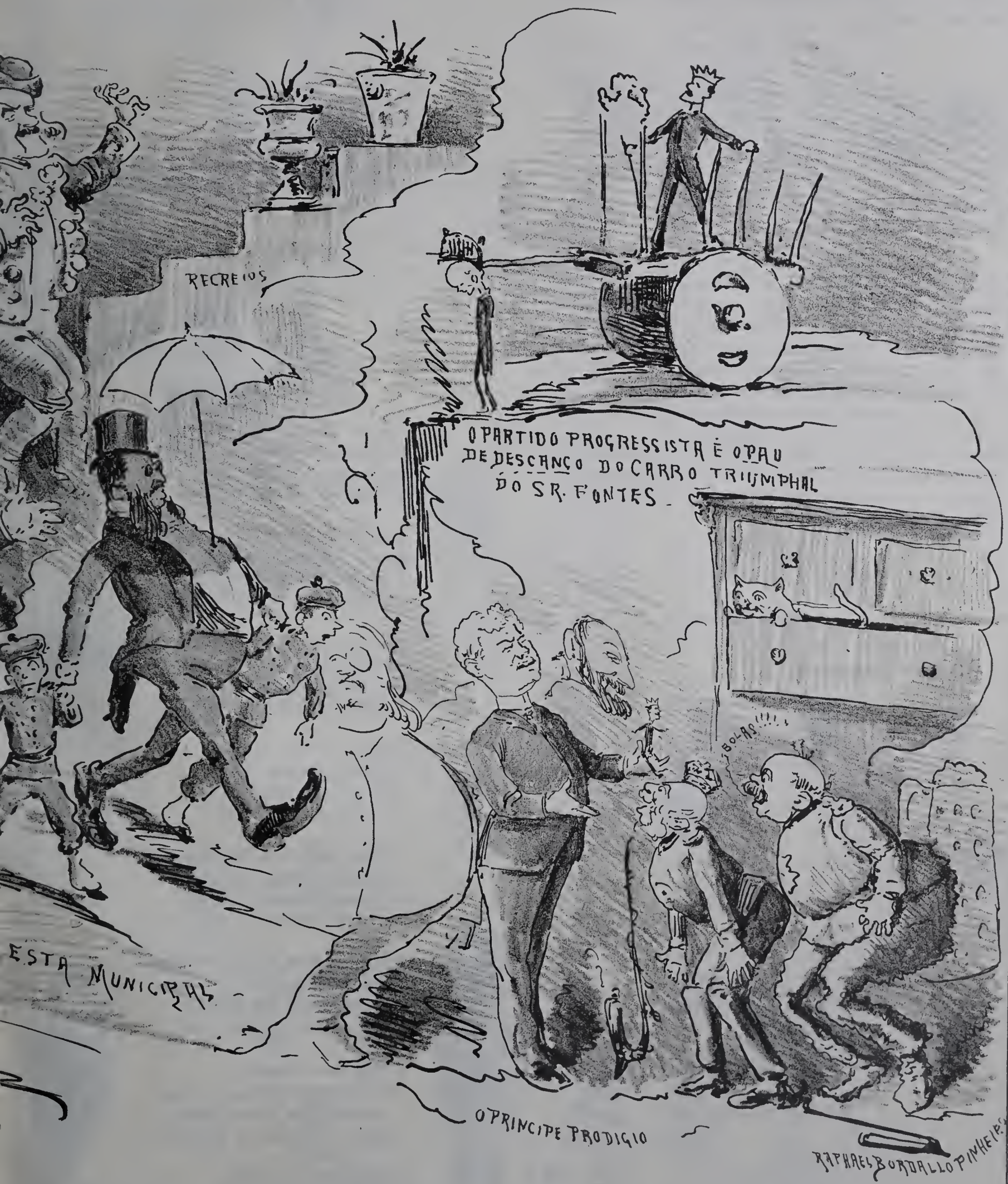
Viajam constantemente, sem destino certo ou roteiro determinado, e consoante, segundo crêmos, a indicação ou capricho do chefe que os dirige e que é uma especie de sr. Fontes caldeireiro, de bota alta e bastão de prata, que lhes ensina as regras do bom viver, exactamente como s. ex.ª pratica para comnosco.



OS ASSUMP

Hungaros, cães damnados, fedelhos de 13 annos nomeados para a alfandega, tomates podres, Luciano C
jolas, Nossa Senhora da Rocha, dialogos do principe Simão, questão Alberto Carlos, emfim, uma semana nova.

DA SEMANA



peza do Limoeiro, conferencias de Fontes, alegrias constituintes, facadas no Bairro Alto, esperanças dos gran-
coisas velhas, excepto o sr. Fontes.

A concorrencia de povo a visital-os tem sido enorme mas todos choram o tostãosinho dispendido, chegando alguns espectadores, para tirar bem o succo de tal gasto, a aproveitar os compassos da charanga que ali toca, lançando-se com as meninas da familia no delirio vertiginoso d'uma walsa puladinha! Ora vejam até onde nos póde conduzir o espirito diabolico que o Justino Soares nos metteu no corpo...

As mulheres hungaras são a miudo convidadas para a polka pelos *habitués* dos bailes campestres; ellas porém não querem dançar por musica; gostam apenas de bailar a secco ou simplesmente acompanhadas pelas vozes rouquenhas dos respectivos consortes, e, n'este caso, são capazes de dar á perna durante tres horas consecutivas sem que lhes seja necessario nem tomar uma chavena de café!

A este proposito temos uma ideia que passamos a submetter á apreciação de s. magestade o sr. D. Luiz I: diz-se por ahi que vão casar o principe herdeiro com uma princesa austriaca: pois casem-n'o antes com uma princesa hungara se o querem ver dançar polkas-masurkas com corda para quinze dias...

PAN.

De malla na mão

Os que chegam

Os que partem

Rey Collaço trouxe de Paris um chapeu tão extraordinario, que se não ouvissemos tocar Rey Collaço, poderiamos suppôr que quem tinha chegado era o Jeronymo o Collaço.

Mas depois de o ouvirmos convencemo-nos facilmente de que tinha regressado a Lisboa o mais illustre pianista portuguez e já um dos tres ou quatro mais notaveis que existem na Europa.

Perdoemos-lhe o extraordinario chapeu pelo seu extraordinario merecimento.

Já cá os temos!

Quando alguem, p'ra que se acabe
A microbia bicharia,
Nos obriga a metter pia
'Té onde a pia não cabe;

Quando da sciencia a mestrança
Requer pinturas, lavagens,
E trombeteia as vantagens
Da continuada caiança;

Quando já, sem um respingo,
O povo se capacita
De que fica mais catita
Lavando a cara ao domingo;

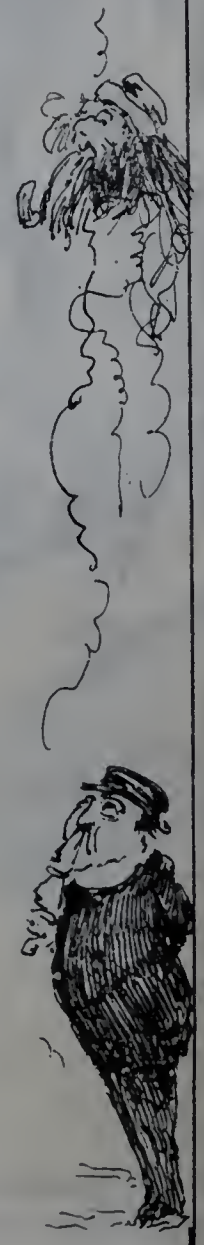
Quando a malta lusitana
Chega a acreditar de vez,
Não ser mau lavar os pés
Uma vez cada semana;

Quando alguem já determina
Traçar os precisos planos
P'ra tomar d'annos a annos
Um fresco banho de tina;

Dá-se prompta, franca entrada,
Humanitaria guarida,
A quem nunca em sua vida
Lavou a cara... nem nada!

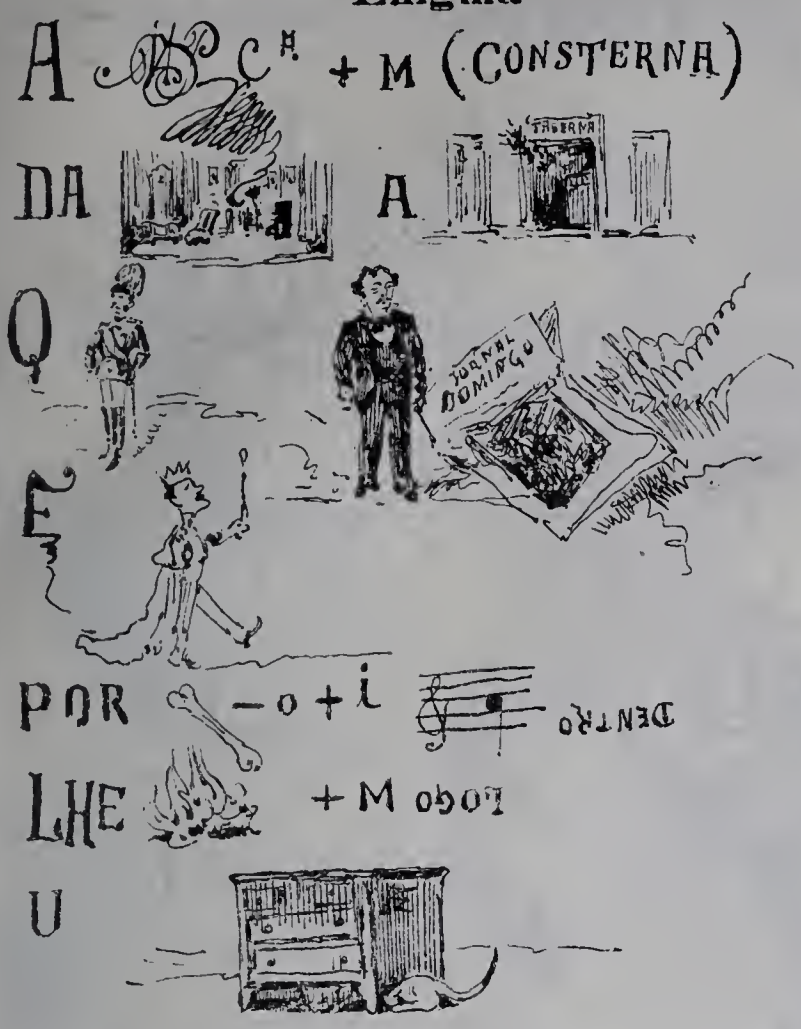
É p'ra fazer berraria,
Para exclamar em tom scenico:
— Venha cal e acido phenico
Contra o microbio da Hungria!

E para que nos ajude
Na coisa, que já vae torta,
Salte o Costa e apite á porta
Do Conselho de Saude.



SECÇÃO PITTORESCA

Enigma



Decifração do enigma publicado no numero antecedente.

«Mestre Fontes e Braamcamp
Fizeram uma patuscada;
Mestre Fontes comeu tudo
O Braamcamp ficou sem nada.»

Recebemos varias decifrações, que não publicamos para não offender a modestia dos seus progenitores.

Guerra aos tomates

Co'as hortalices e frutas
Andam em guerra os policias,
Segundo conta o *Noticias*
Da rua dos Calafates;
Dão caça aos nabos e couves,
Alfaces, pepinos, tudo,
Mas embirram sobretudo
Co'os desgraçados tomates!

O commissario, em procura
De tomates incapazes,
Mette o nariz nos cabazes,
Nos cestos, nos açafates;
E, farejando ligeiro,
Logo que os topa, que os acha,
Expreme, pisa, esborracha
Os miserandos tomates!

Não sei que motivos possam
Levar o tal commissario
A andar n'aquelle fadario,
Fazendo taes disparates;
Nem sei, attenta essa guerra
Que elle toma tanto a peito,
Que mal lhe possam ter feito
Os innocentes tomates...

Os desgraçados que soffrem
Tão duro martyrologio
Merecem que um necrologio
Lhes cantem sentidos vates...
— O meu freguez d'hortalice,
Um pobre velho, coitado,
Anda todo atomatado
Com tanta guerra aos tomates!

Não ha tomate que tenha
Signaes de pouco maduro
Sem que o mandem p'ra o monturo
Os sanitarios magnates;
Encontra-se a cada passo
O pobre tomate exangue
E correm ondas de sangue
Nos arraiaes dos tomates!

Dizia ha pouco uma velha
Suffocada em pranto afflicto:
— Ah! commissario maldito!
Prefiro até que me mates!
Podes ferrar-me uma multa,
Podes mover-me uma qu'rella,
Que eu não tempero a panella
Sem lhe deitar dois tomates...

As vendedeiras da praça
Ao ver ao longe um *gendarme*,
Dão logo o signal de alarme
Em destemp'rados rebates;
E pondo á vista de todos
A alface, a salsa, o coentro,
Escondem bem lá p'ra dentro
Os perseguidos tomates!...

PAN.

OS SETE TRABALHOS DE HERCULES ASA DE MOSCA

Muito custa a chegar a general de divisão, honradamente, sem vergonha do mundo e ganhando os postos com o suor do proprio rosto! Uf! é para morrer esfalfado, chegar a general de *divisão*, depois de tão grande *somma* de serviços, *diminuição* de saude pelo bem da patria e *multiplicação* dos cobres da dotação.

Não lhe falta nada para ser um general das quatro especies.

Errata n.º 1 onde se lê *comestivel* leia-se, *combustivel*.

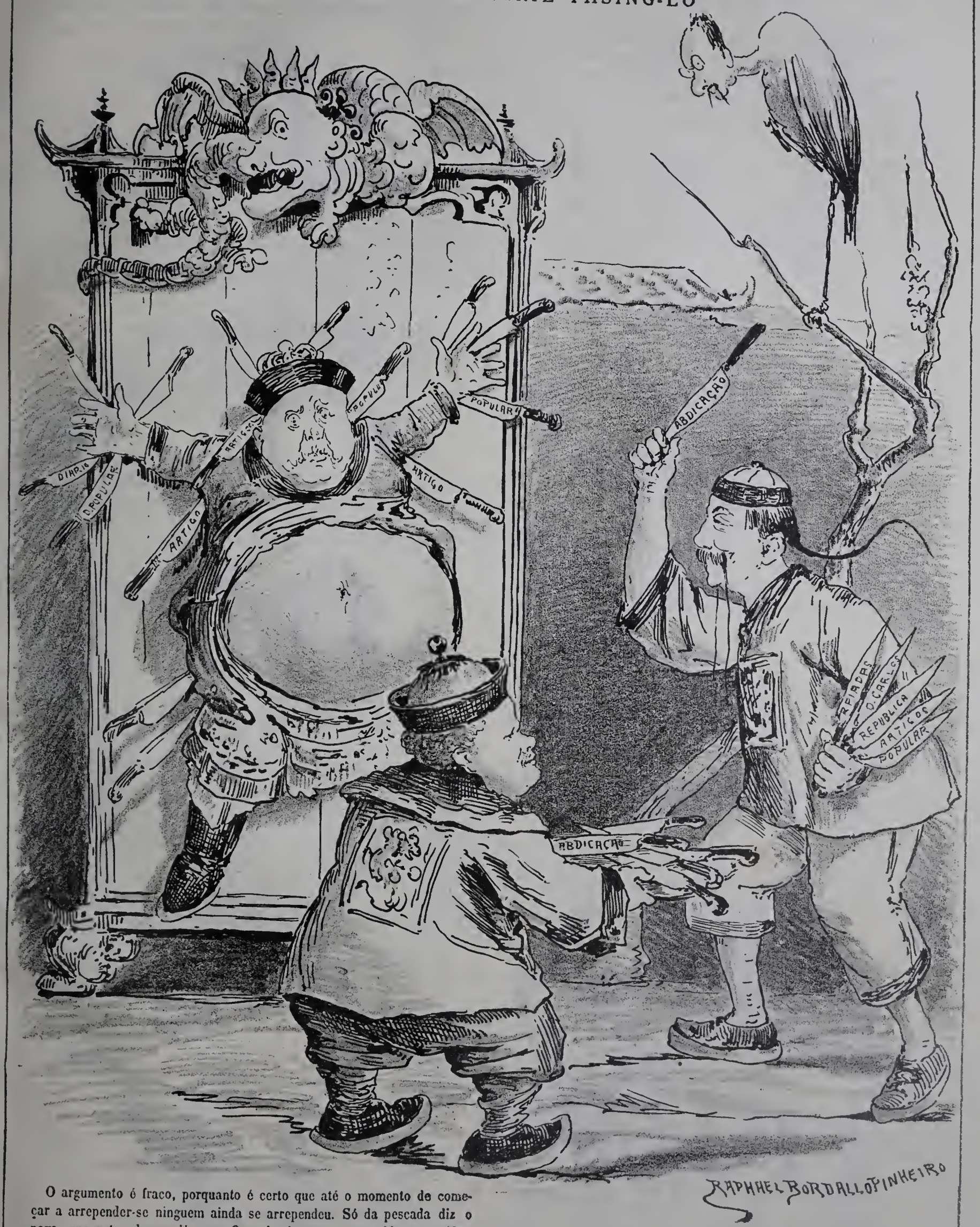
Errata n.º 2, Na errata n.º 1 onde se lê *combustivel*, leia-se *condestivel*.

Errata n.º 3, Na errata n.º 2 onde se lê *condestivel* leia-se *condestavel*.

O JOGO DAS FACAS

PELO PROFESSOR

MARIANANG-FÓ-CYRIL-THSING-LO



O argumento é fraco, porquanto é certo que até o momento de começar a arrepender-se ninguem ainda se arrependeu. Só da pescada diz o povo, que antes de ser já era Ora el-rei sempre tem sido mammifero terrestre, e não consta que manifestasse nunca a minima propensão para o peixe que tão bem arranja o Reimão do Porto.

(Palavras cabalisticas do professor Marianang, pronunciadas ao atirar as facas).

Se não te emendas dou-te uma facada em cheio no vazio.

NO PAIZ DO SYNDICATO

A Associação Liberal depois de dar cabo dos jesuitas, como a respectiva commissão phylloxerica deu cabo do bixo, resolveu dar cabo de si mesma para bem d'ella propria e da liberdade.

Toda a gente sabe que a Associação era o mais valente sustentaculo da dynastia.

Os bravos do Mindello e os herdeiros da coragem d'esses bravos fundaram aquelle gremio para continuarem a sustentar a carta, que o braço de D. Pedro da Praça Nova ameaçava deixar cahir na lama do mozaico. Na ausencia, porém, da illustre magestade de Paredes, que vive de paredes meias com a corôa e com o visconde de Guedes, alguns novatos das tricas liberaes, julgando que a liberdade era patrimonio de todos, propozeram o sr. Marianno de Carvalho para socio honorario, em consideração do seu discurso anti-jesuitico.

Chega de Paredes a magestade e... ai! pae! *que é da liberdade que eu te dei para guardar?* Responderam-lhe que a tinham dado ao maior inimigo da monarchia, segundo a prosa do illustre soberano.

Houve gritos, houve exclamações, houve arrancos de indignação, que terminaram pela sahida do Camara... perdão!... pela sahida do sr. José Guilherme.

E com elle sahiram diversas pederneiras heroicas, que nunca tinham feito fogo nas linhas do Porto, nem occupado o logar de secretario da Associação Catholica, como a mencionada magestade.

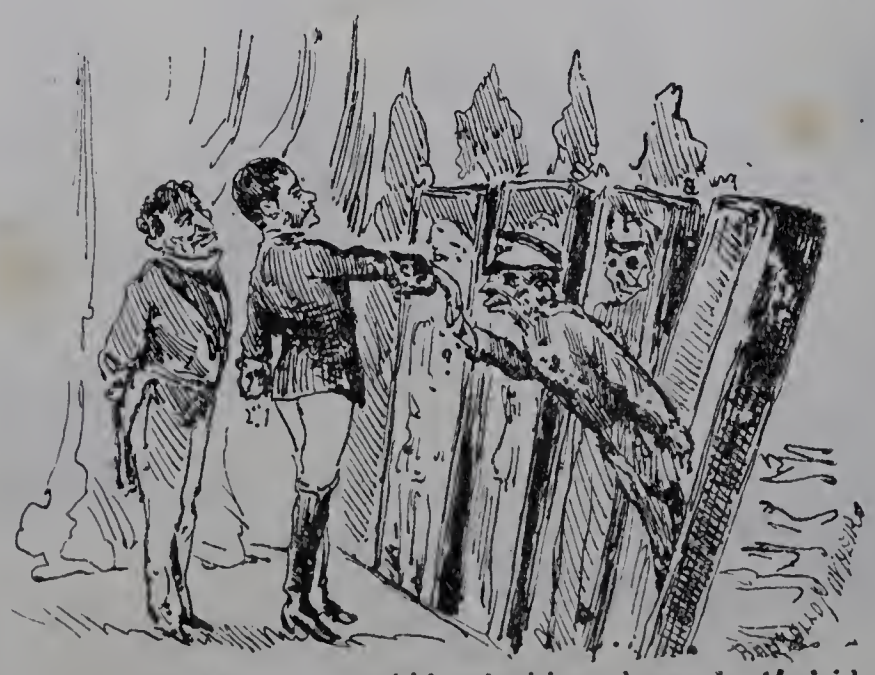
No emtanto, o jesuita continúa a rir d'aquelle liberalismo e d'aquelles pandegos ridiculos...

*
* *

Os moradores da rua do Sá da Bandeira resolveram policiar aquella rua, organisando os guardas nocturnos. Isto tem levantado algumas contestações, affirmando muito gente que tal corporação não existe.

— Eu tenho passado alli *todos os dias*, e ainda lá não vi um unico guarda, concluiu o Soares de Meirelles.

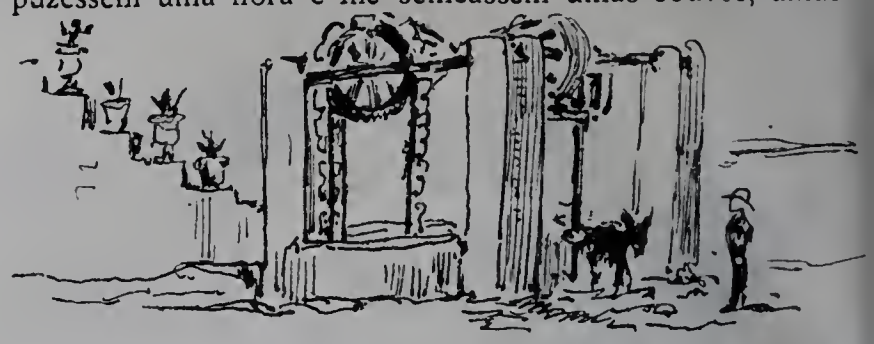
João Broa.



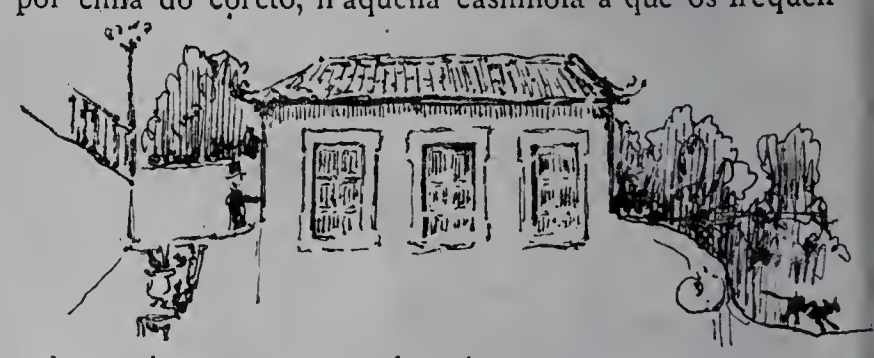
Por telegrammas recebidos á ultima hora de Madrid, sabe-se officialmente que o governo hespanhol resolveu não só restabelecer as garantias constitucionaes, mas tambem *desfusilar* os quatro sargentos de Numancia. D'este modo é completa a obra do restabelecimento das garantias!

A ESPLANADA DOS RECREIOS

Como quintalorio está obra de desengano; escadarias, vasos de loiça, bancos á roda, não lhe falta nada; se lhe puzessem uma nora e lhe semeassem umas couves, umas



alfaces e uns cheiros, havia de ser delicioso ir para ali saborear o peixe frito dos dias santificados. Em quanto a cheiros, parece-nos que semearam effectivamente alguns por cima do coreto, n'aquella casinhola a que os frequen-



tadores chamam a *casa do prior*; mas suppomos que a semente estava avariada porque ainda ninguem foi capaz de ver nem sombra dos taes cheiros, se bem que o olfato por vezes nos accuse a sua existencia...

O certo porém é que a nora e as hortalices fazem ali uma falta dos diabos!

O indigena tem por habito não se divertir senão quando lhe cheira a petisqueira, de fórma que aquelle grande quintal, sem sardinhas assadas nem salada de rabanetes, parece o jardim de uma casa de correcção onde os reclusos se enfileiram sentados e quietos, com os seus chapeus de aza de mosca enterrados pela cabeça abaixo e o modo sorumbatico de quem está ruminando o meio mais simples de se pilhar d'alli para fóra.

As cocheiras nas aguas furtadas, os vidros de garrafa partida espetados no muro para os gatos não entrarem

e raparem a terra dos alegretes e os troncos de pinho comprados aos festeiros do arraial de Carnaxide para sustentaculo da luz electrica, são de um bom gosto acima de todo o elogio.

Por traz da fonte illuminada a tijelinhas que embelleza aquelle recinto, esconde-se uma grade de apparencia mysteriosa que não sabemos se será a *mãe d'agua* que ali-

menta a dita fonte; havemos de certificar-nos e se effectivamente fôr o que imaginámos, desde já lavramos um protesto em nome do decoro de todas as fontes nacionaes, incluindo o sr. Fontes Pereira de Mello...

As unicas pessoas *meias* felizes que lá encontrámos foram os accionistas dos Recreios; e estavam *meias* felizes porque tinham só pago meia entrada, não podendo por isso aborrecer-se mais de cincoenta por cento.

O accionista dos Recreios é uma criatura que se conhece logo a primeira vista ou ás primeiras palavras.

Fulano diz que anda *meio* adoentado: é accionista dos Recreios.

Sicrano confessa que está *meio* convencido: é accionista dos Recreios.

Beltrano costuma voltar para casa *meio* torto; é accionista dos Recreios.

Depois de ministro da corôa, a coisa melhor que ha no mundo é ser accionista dos Recreios; entra-se em toda a parte por meio preço. Consta-nos até que varios logistas e negociantes projectam levar a effeito uma ideia que tem por fim fornecer tudo n'essas condições aos accionistas dos Recreios.

Assim, o Augusto do restaurant dará jantares de meio prato, na genuina accepção da palavra;

o Montes dos caixões fornecerá enterros por meias doses, com meias tochas, meio padre e meio sacristão;

os priores de varias freguezias farão meios casamentos e meios baptisados;

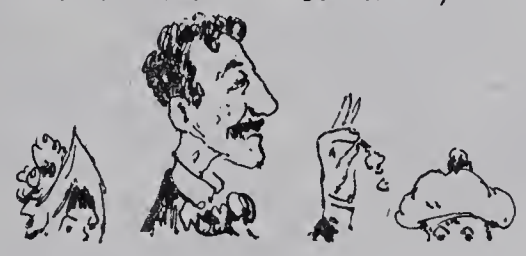
o Vasques cabelleireiro talhará meias suissas;

os guardas de alguns estabelecimentos publicos venderão meias folhas de papel;

o Marques alfayate cortará meias sobrecasacas;

o sr. Basorra empregará meias apalpadeiras;

o Guerreiro dentista tirará meios dentes;



o Pedro Moreira porá á venda metade de meios adereços;

a Maria José parteira assistirá a meios partos;

a companhia dos americanos estabelecerá meias carreiras por metade de meio tostão;

o sr. juiz Firmino Lopes condemnará meios reus;

e, para cumulo de felicidade, até uma illustre dama hespanhola muito conhecida em Lisboa porá á venda por meio preço, para os accionistas dos Recreios, meias doses do genero que se encontra no seu estabelecimento!...

PAN.

ESPINH

Progressistas. — Se você não muda, tem um futuro de *espinhos.*

Quer mude, quer não muc

ROSAS

Regeneradores. — Se você não muda, tem um futuro de *rosas.*

e ficando na espinha.

CHRONICA SEMANAL

A semana foi cheia de acontecimentos interessantes.

Em primeiro logar, restabeleceram-se as garantias em Hespanha; o tonico applicado para este *restabelecimento* constou, segundo parece, dos assassinatos dos sargentos de Numancia; aquillo foi remedio santo: as garantias enfermas *restabeleceram-se* mais depressa de que se se houvessem sujeitado á panacêa do Assis de Faro... Ainda bem, porque Lisboa andava muito preoccupada com a suspensão das garantias no reino visinho; era até o assumpto da moda; as familias mais abastadas nem já ligavam importancia ás elegantes *suspensões* de cortiça, adornadas de formosos fetus e opulentas trepadeiras com que na sala de visitas se enfeitavam os centros das janellas; e o proprietario da *Aguia d'Ouro* já tinha feito em varios jornaes o seguinte annuncio convidativo:

SUSPENSÕES

Deve chegar por estes dias um variado sortimento de suspensões de garantias hespanholas, que se venderão a preços resumidos. Aproveitem em quanto é tempo.

As corridas de burros e burras, de todas as côres, no *hyppodromo* da Cruz Quebrada, foram as corridas mais concorridas de que temos tomado nota na nossa carteira de chronista.

Deixem-nos declarar aqui entre parenthesis, que não fallamos nas corridas de burros com segunda tenção; a politica não tem ingresso n'esta chronica ligeira; por forma alguma quereriamos que se dissesse que fizemos uma salada de politica e de burros para encaixar na cabeça d'aquella carapuças com orelhas d'estes; o mais que podemos é talhar as carapuças e cada um que as ponha se isso lhe der gosto...

Infelizmente o programma das corridas não poude cumprir-se á risca porque o povo invadiu a pista com a naturalidade e a semcerimonia de quem entra em sua casa. Vejam o que é a voz da consciencia...

O burro vencedor foi levado ao collo e abraçado pelos seus numerosos amigos com tal affecto e enthusiasmo que vimos morder-se de inveja alguns illustres deputados que se achavam presentes e a quem, durante a sua longa vida parlamentar, nunca foi prestada ovação tão delirante....

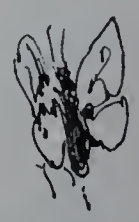
Depois das corrridas houve reunião familiar dançando-se animadamente até não sabemos quantas horas da madrugada.

Assistiram todos quantos tomaram parte nas corridas, sendo apenas excluidos os *protogonistas* da festa do dia, o que na verdade nos não pareceu muito bonito, visto como elles tinham, na sua qualidade de principaes personagens da prologo, direitos incontestaveis a uma rabula que fosse no desempenho do epilogo...

Emfim, são ainda velhos preconceitos de doutrinas ultramontanas que o tempo e o bom senso se encarregarão de demolir com o alvião do progresso e da justiça... por que é necessario que o indigena se convença de que o burro tem direito ao seu affecto e á sua veneração porque, como o outro que diz, lhe está na massa do sangue...

* * *

Veloz borboleta
Que leda girando
Penosas idéias
Me estás avivando...



O procedimento da policia durante as ultimas noites veiu revelar-nos a existencia em Lisboa d'uns habitos libertinos que estavamos bem longe de lhe suppôr.

Nós viviamos persuadidos de que a cidade de marmore e de granito era—além da mais formosa—a mais honesta entre as rainhas do Oceano.

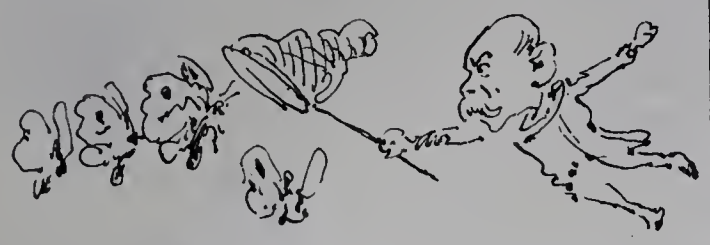
Pois viviamos redondamente enganados.

Lisboa é uma perfeita coelheira de hectairas, como por ahi se disse ha pouco tempo e nós então não quizemos acredital-o.

Das nove ás onze da noite, as Messalinas formigam pelos passeios de lagedo umas atraz das outras, levando agarrada ás caudas roçagantes dos saiotes a burguezia inexperiente e pudica como o insecto laborioso acarreta para os celleiros com o grão de trigo ou palhinha de centeio.

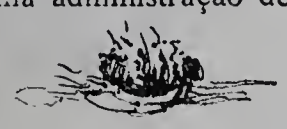
Ferviam no governo civil as queixas e as reclamações contra esta especie de borboletas nocturnas, que com promessas de casamento e quejandas seducções já haviam arrastado para o abysmo da perdição alguns cavalheiros honestissimos da nossa primeira sociedade, até que o senhor

governador civil, condoido das lagrimas de tanta familia em lucto e porventura receioso de que a voragem o attrahisse tambem um dia, mandou lançar a rede policial em perseguição das borboletas, porque quer que ellas estejam



em casa a fazer *crochet,* conseguindo, entre outras de menor vulto, anichar no cortiço da Parreirinha duas formosas borboletas que por seus attractivos e seducções traziam a cidade em sobresalto, — especialmente a cidade baixa — onde eram vulgarmente conhecidas pelas *manas perliquitétes*...

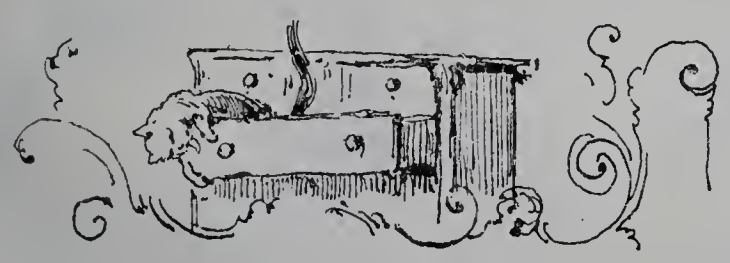
Como se vê, o senhor governador civil, que durante algum tempo fez uma administração de mosquinha morta,



como vulgarmente se diz, vae deitando os bracinhos de fóra e não tardará que o vejamos digno successor do senhor Arrobas que Deus haja...

Aquillo foi bocadinho de unha que o senhor Tigre deixou agarrado á palhinha da cadeira em que s. ex.ª se senta e que lhe pegou de estaca fosse lá por onde fosse...

PAN.



Corrida de burros

Acode, por quem és, Viale amigo,
Põe aqui qualquer coisa em grego antigo.

Se o generoso, intrepido cavallo
Tem alcançado fama nas corridas,
Porque é que não havia de imital-o
O parente de orelhas mais compridas?...
Isto da gloria dá tamanho abalo
Tem seducções tão bellas e subidas,
Que não só acordar faz o casmurro,
Até enleva um coração de burro!

Eia, senhores asnos lusitanos,
Porfiae azininas galhardias
Para que saibam todos os humanos
O que altas vem a ser cavallarias!
Da baixa os mil encanzinados pianos
Vos cantarão nas bravas melodias,
E os poetas do puro realismo
A nata vos darão do seu lyrismo!

Vinde, famosos burros de Cacilhas,
Vinde a gloria alcançar que vos acena;
Pedi que vos apertem bem as cilhas
E bradando — á victoria! — entrae em scena:
Fazei da ligeireza maravilhas;
E se um cavallo vos bispar na arena
Confesse a contra gosto em seus relinchos
Que o burro acima d'elle deu dois pinchos!

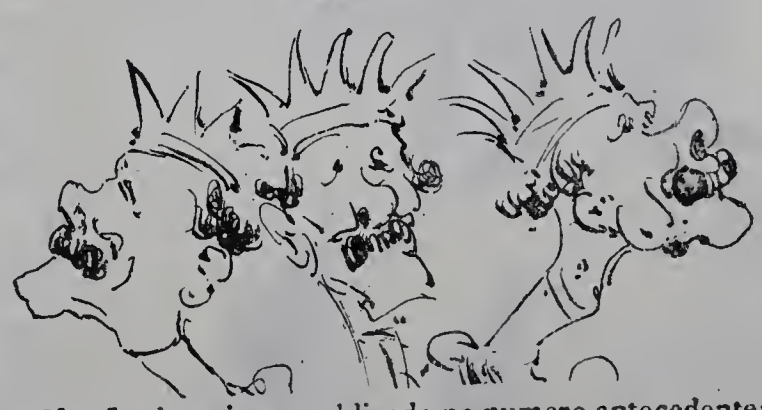
Vinde, de Cintra acreditados burros
Por quem a Fama na trombeta berra,
Cantando a vossa gloria, os vossos zurros
Que dão renome da queijada á terra:
Vinde, ó vós, que a trepar serra e mais serra
Daes da cabra na prenda dois empurros...
E é mister que na luta te assignales,
Burro cintrão do principe de Galles!

Vinde em largo trotar, vinde tambem,
Famigerados burros que zurraes
No Poço que se diz do Borratem,
Orgulhosos dos velhos atafaes:
Vinde, burros da Moita, de Belem,
De Caneças, Carnide e Olivaes;
Venham todos os burros portuguezes,
Se tem brio... que aos homens falta ás vezes!

E vós, da baixa rapaziada fina,
Que assim ao burro preparaes a gloria,
Vosso nome irá ter d'aqui á China
Se o que a musa me diz não é historia:
Já muitos na rebeca dão resina
Para cantar a burrical victoria;
E eu, que tinha arrombado o alaúde,
Já hontem o mandei pegar com grude.

SECÇÃO PITTORESCA

Enigma



Decifração do enigma publicado no numero antecedente:

«Afirmam (consterna)
Da sala á taberna,
Que Affonso garrido
É quem nos governa;
Por isso lá fóra
Lhe chamam agóra,
O gato escondido
Co'o rabo de fóra...

Recebemos uma unica decifração, *quasi certa*, do senhor *Costa que não apita.*

O resto dos nossos decifradores foi para a quinta e ha tres semanas que não temos noticias d'elle.

PAN.

Perliquitétes!

Duro Albuquerque,
De entranhas duras,
Tu não maduras,
Tu não refletes!
Pois faz-se aquillo
De que te ufanas,
Prender as manas
Perliquitétes!...

Nem tu calculas,
Assim fazendo,
O crime horrendo
Que em tal comettes,
Tendo na esquadra
Alapardadas
As requestadas
Perliquitétes!

Parece incrivel,
Governador,
Que tal horror
Assim decretes!...
— Na Parreirinha
Engaiolar
O lindo par
Perliquitétes!...

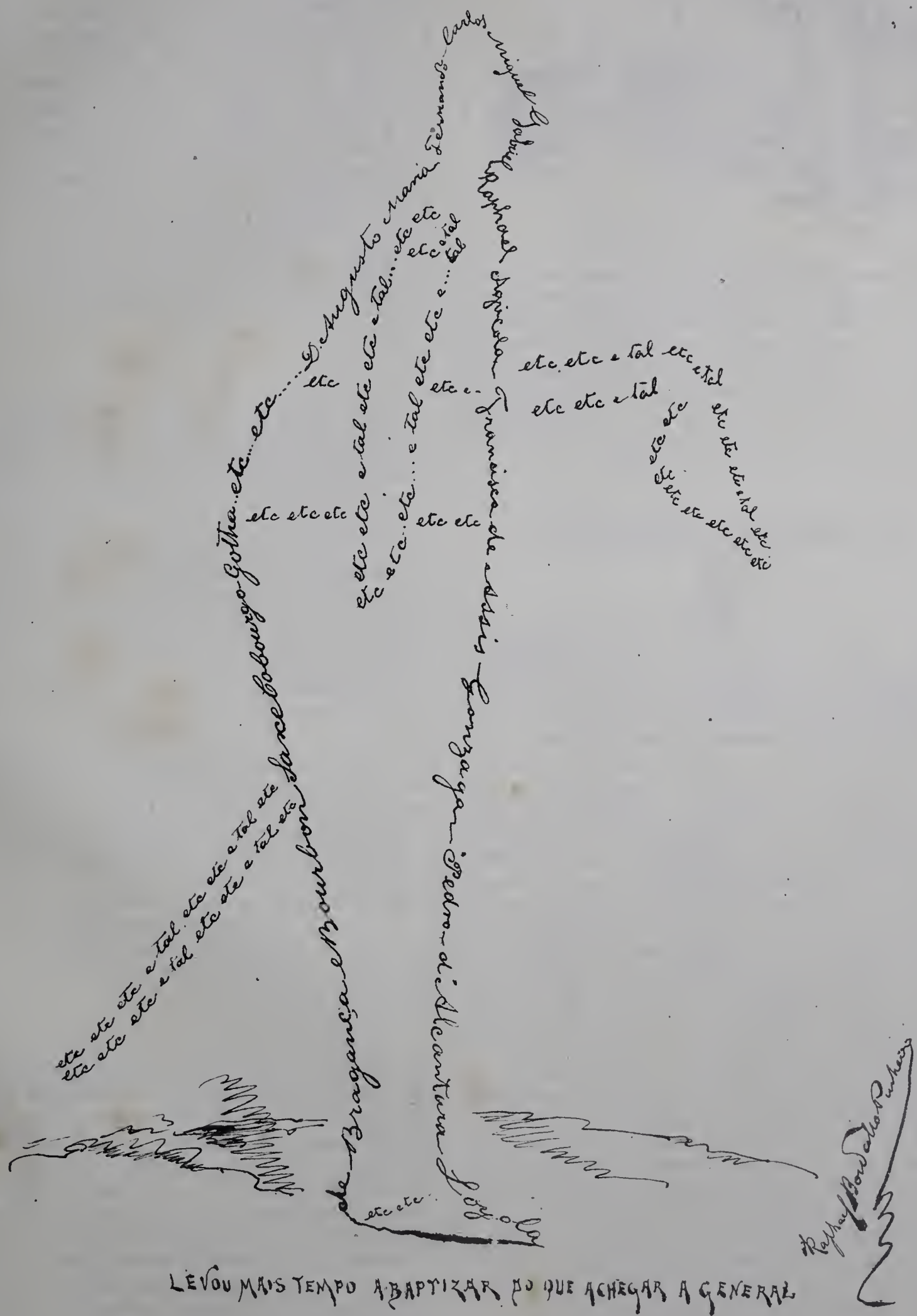
Não mais veremos
Por essas ruas
Ambas e duas
De altos topetes,
Dizendo meigas
Dando-se o braço:
— Acerta o passo,
Perliquitétes!...

Nem no Chiado,
Com ar contente,
Mostrando á gente
Os *canivetes*,
Parte da liga
Levando á vella,
Côr de canella,
Perliquitétes...

Ai, Albuquerque!
Talvez te gabes
Mas nem tu sabes
Em que te mettes...
Quem hade dar-nos
Aperitivos
Em quadros vivos
Perliquitétes?...

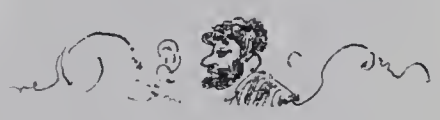
Que te persiga
Atroz masella,
Ou de espinhella
Ou diabetes,
Que em poucos dias
Te afrouxe as ganas
Que tens ás manas
Perliquitétes!...

PAN.


D. Augusto Maria Fernando Carlos
Gabriel Raphael Miguel
Francisco de Assis Gonzaga Pedro d'Alcantara Loyola
de Bragança e Bourbon Saxe Coburgo Gotha
etc etc etc
etc etc etc e tal etc
etc etc e tal etc
etc etc e tal etc

Guerra Junqueiro passou por Lisboa como um meteoro. O grande poeta da *Morte de D. João* não poude aturar mais de 24 horas o *consommé á lá reine* e a vitella *à lá Jardiniere*, tão afeito tem já o paladar ao succulento caldo verde e á broa do Minho, onde, como elle diz, cada dia que nasce traz um calor novo, viçoso e sadio, que se não parece com o da *baixa*, que já foi contemporaneo do márquez de Pombal. Abençoado remanço que nos dará em breve um poema de primeira ordem.

NO PAIZ DO SYNDICATO



O sr. Correia de Barros continua incansavelmente a promover os grandes melhoramentos da cidade, seguindo uma administração muito radical e muito curiosa. O illustre presidente da municipalidade portuense principiou a mostrar o seu radicalismo, mandando exterminar todos os cães disponiveis do municipio. Foi uma época cruel essa, ha dois annos. Pelas ruas repetia-se o espectaculo das ultimas agonias dos pobres bicharocos e a rapaziada, ao redor, applaudia e ria, e batia palmas n'aquellas manifestações moraes de um povo que perdeu a consciencia do bem e do mal. Ao morticinio dos cães seguiu-se o assassinato das dividas camararias, pelo levantamento de um pequeno emprestimo de dois mil contos de réis que ninguem sabe ao certo se conseguiu anniquillar ou não as taes dividas. Sobre este ponto o que está averiguado é que um grande patriota da localidade que ameaçava dar uma escorregadella pelo tribunal do commercio conseguiu por esse tempo, solver as suas. Eu não voto contra este systema de administração. Pois não é justo, logico, coherente que os povos generosos e reconhecidos auxiliem os seus grandes homens, pagando as suas dividas, e pregando-lhes o nome nas esquinas sobre uma taboleta de gesso? Se bem me recorda, Machiavel recommenda ás mulheres formosas que não resistam por muito tempo ás galanterias dos patriotas notaveis, d'aquelles que precisam dedicar todo o seu tempo ás trabalhosas soluções publicas. A mulher que resiste a um estadista é nada menos... que uma inimiga da patria! Parece-me até que a *questão do frontão* tem o quer que seja de dependencia com a theoria machiavelica.

Portanto, a generosidade dos subscriptores do emprestimo municipal é pouca coisa para causar espantos. Ingrato seria aquelle que não reconhecesse o merito onde elle se manifesta por fórmas tão palpaveis.

Ultimamente, voltando á vacca fria, isto é, voltando ao sr. Correia de Barros, a furia do cada vez mais illustre presidente da camara voltou-se contra os desgraçados exemplares da raça suina portuense, e hoje, á falta de victimas que não protestassem, é objecto das suas iras o malaventurado gallego.

Como se vê, o senado portuense tem ido subindo na escala animal.

O gallego, porém, logrou a expectativa do novo Almada. O cão morreu como a vestal antiga, sem soltar um queixume. O cevado emigrou sem protesto. Mas o gallego, pondo de parte o caneco honrado, desenvolveu a sua rhetorica de pau e corda n'um communicado que, pelo menos, ia atirando abaixo *el ayuntámiento*. Todavia, o gallego, que é uma das mais illustres personificações do trabalho e da honestidade, da paciencia, da economia, do bom senso, está condemnado, pela tradição d'Aljubarrota, a não ter jámais razão em Portugal, assim como o gallego portuguez é considerado a besta de carga dos grandes mercadores do Brazil. Abençoada seja a Divina providencia que tão formosamente dispoz as coisas d'este mundo!

*
* *

A Associação Liberal Portuense remetteu a diversos umas circulares, pedindo-lhes volumes para uma bibliotheca social, nascente, sendo uma d'ellas dirigida ao nobre fidalgo conde de Samodães, que é considerado o Paulo do seculo XIX, pelo menos na opinião dos seus visinhos da rua do Sol. Samodães respondeu que os seus livros professavam idéas absolutamente contrarias á *indole* da Associação e que não sabia se elles conviriam a tão illustre gremio; ao miguelista responderam os liberaes que sim, que mandasse, porque a Carta Constitucional da monarchia até proclamava a religião catholica como sendo a religião do estado.

Eu logo vi que elles sempre haviam de chegar a comprehender-se.

JOÃO BROA.

Refere o *Jornal da Noite* que o senhor conselheiro Faria de Azevedo, procurador regio, deu n'um dia d'estes dois magnificos jantares. Dois jantares d'uma assentada denotam tal bizarria e tal estomago que não duvidamos assegurar ter sido para s. ex.ª que se fizeram aquelles versos:

«Se acaso não tiver cura
A molestia que o consome,
Em vez de morrer de fome
Quer espichar de fartura.

Sob o titulo de *a bandeira portugueza em bolandas*, refere o *Diario de Noticias* que, segundo consta, os francezes atacaram e queimaram a cidade indigena de Loango, em consequencia de incidentes relativos á bandeira portugueza precedentemente entregue ao chefe d'essa cidade pelo commandante da esquadra portugueza. O *Diario de Noticias* concede ao caso as honras de artigo de fundo e fal-o imprimir em *versaes*, no proposito manifesto de attrahir sobre elle as attenções do publico e porventura as do governo. Foi tempo perdido, nosso presado collega; o caso não tem absolutamente nada de extraordinario: que tem lá que os francezes nos incendeiem as povoações? Nada mais natural: Os inglezes depennam-nos, os francezes assam-nos... Só falta quem nos coma, ou antes, quem nos rôa o osso, porque comidos e bem comidos já nós estamos pelas instituições que felizmente nos regem.

A revolução em Hespanha e os fuzilamentos

POR

GOMES LEAL

Ha escriptores de combate, pamphletarios por vezes uteis para a victoria da causa popular, mas que pela maneira em demasia cautelosa como investem contra o Estabelecido, lembram um garoto que lança uma bicha de rabear no meio d'um ajuntamento e deita logo a fugir com medo dos puchões de orelhas que provocaria a travessura. Raros são aquelles que procedem como os allucinados sublimes da revolução nihilista, indo em pleno dia e no meio d'um esquadrão de cossacos, lançar uma bomba de dynamite contra o despota, na firme e sincera resolução de affrontarem as torturas, o martyrio e a morte.

Gomes Leal é dos raros espiritos intrepidos, como Henrique Rochefort ou como Julio Vallès, capazes de sentir uma nobre indignação e de sair com a sua indignação para a rua, á luz gloriosamente accusadora do sol. Elle é dos taes que se não limita a indignar-se em familia, á hora do chá com torradas, na presença da cosinheira sympathica e do gato complacente. Elle é dos taes que proclamam alto e bom som o que todos pensam calados e o que muitos burguezes, heroicos por um triz, ousam cochichar aos ouvidos do collega conselheiro ou do amigo commendador. Acaba de o provar mais uma vez com o seu recente pamphleto: *A revolução em Hespanha e os fuzilamentos.*

Bem sabemos que muitos Acacios, Tartufos e Panças hão de insinuar que esse folheto é violentissimo, que, embora seja verdade o que ahi se lê, nem todas as verdades se dizem, que a Ordem, a Familia a Propriedade, — principalmente a Propriedade, oh! pandos abdomens repletos! — periclitam com similhantes demasias de linguagem; finalmente que sim, mas que tambem... E então, oh! respeitaveis burguezes, que querem os amigos? — Nem todos podem cogitar exclusivamente na alta e baixa dos fundos hespanhoes ou na orelheira de suas mercês com feijão branco. O sangue humano iniquamente derramado levanta ondas de cholera nos peitos dos homens dignos d'este nome. E se os homens não bradassem vingança, as mesmas pedras dos caminhos deveriam levantar-se espontaneamente para lapidar os carrascos. E a sagrada indignação não conhece limites, nem a prudencia é virtude dos temperamentos revolucionarios.

Além d'isso, ha um direito excepcional para aquelles que, invocando um estupido e infame direito divino para pastorearem os povos, como o lobo pastoreia os rebanhos, collocam-se por isso mesmo fóra de todo o direito humano.

É a theoria formidavel que o Montanhez Saint-Just proclamou d'um logar mais alto que o cume do Sinay — a tribuna da Convenção Franceza. Ora Saint-Just formulava-a contra um rei que, traidor á patria e á liberdade, era já vencido e prisioneiro. Portanto, applica-se, com mais forte razão, a esse rei que a estas horas passeia triumphante, apertando nas suas mãos ensanguentadas as mãos dos seus primos d'Allemanha. Tambem os tigres se lambem mutuamente as fauces tintas no sangue ainda quente da preza que acabaram de matar.

Infelizmente, não temos espaço para dizer ácerca do novo trabalho de Gomes Leal tudo o que desejavamos. Concluiremos affirmando que, pela opportunidade e pela justiça que a inspirou, é esta uma das melhores obras do poeta.

Vejam, por exemplo, estas estrophes:

«Affonso doze! deve ser medonho
ver debuxado, ao fundo do teu sonho,
que foi puro na infancia...
os vultos negros, tragicos, crispados,
dos homens que mataste, os fuzilados
sargentos de Numancia!

Affonso doze! como o rei Machbeth
fugindo ao leito regio, onde o accommette
o morto rei Duncan,
e que ia branco, tressuado e lento,
pelos terraços onde muge o vento,
ver romper a manhã:

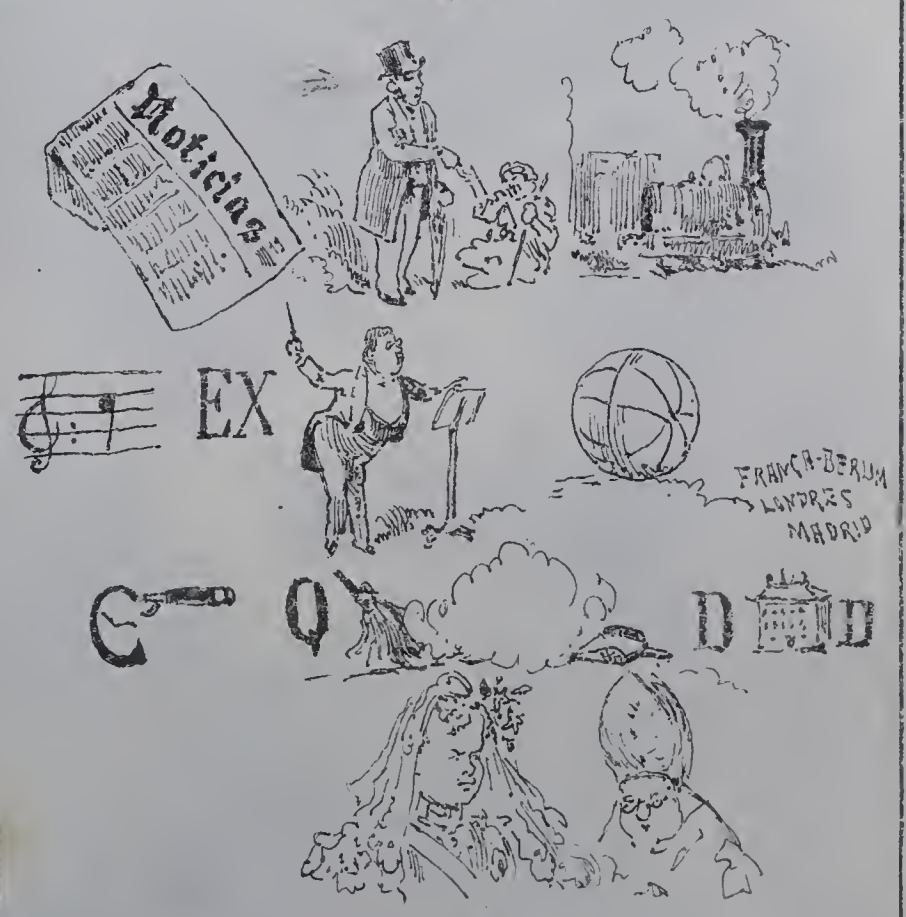
nas gloriosas, fundas galerias,
has de vagar, tambem, nas ancias frias,
dos reis allucinados...
e, muitas vezes! nas nocturnas festas,
convulso, estacarás, ante as funestas
visões dos fuzilados!»

Como que perpassa n'estas estrophes o sopro genial de Shakespeare alliado ao estremecimento tragico do livro de Daniel!

F.

SECÇÃO PITTORESCA

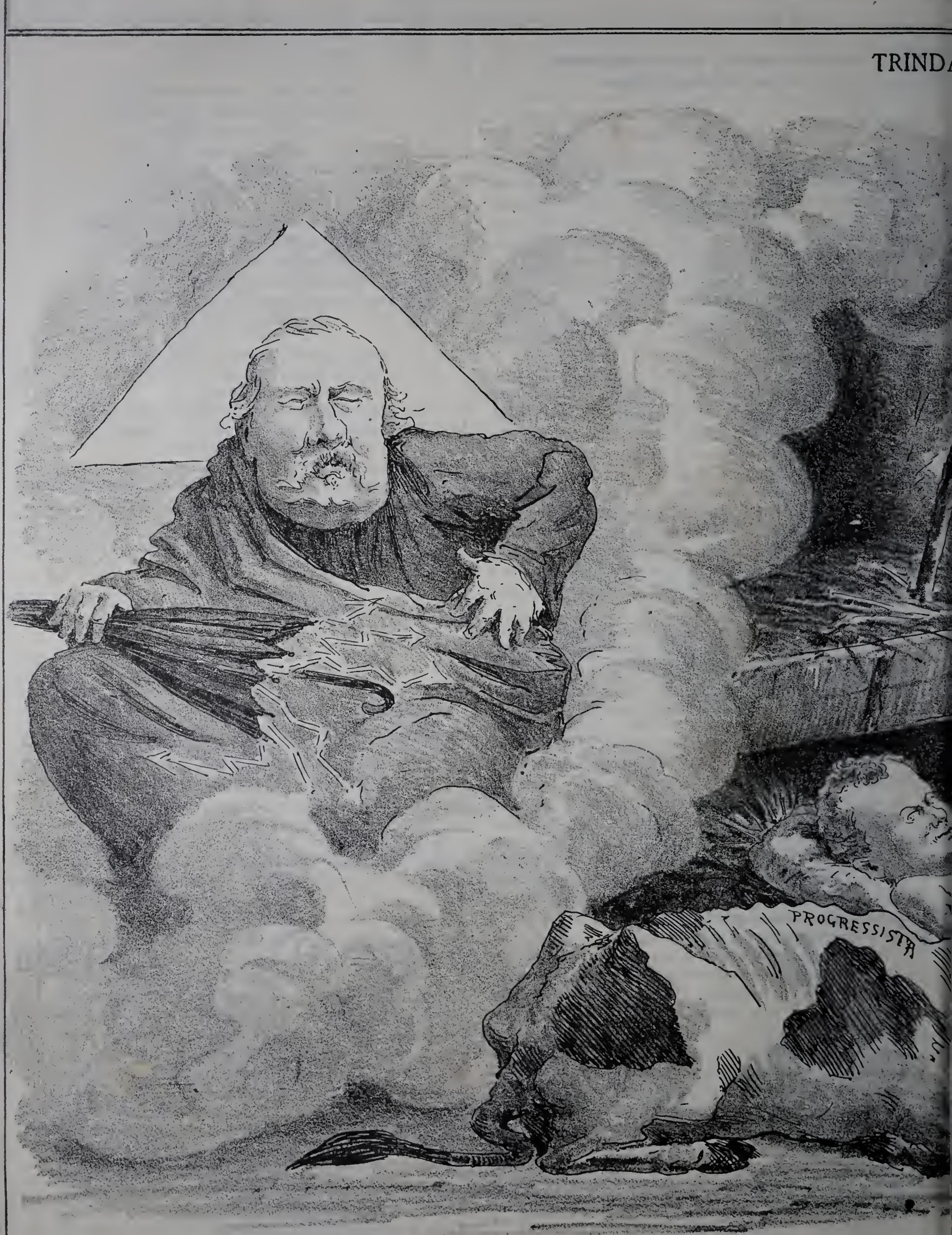
Enigma



Decifração do enigma publicado no numero antecedente:

«Leitor, passaste a semana
Nas supposições mais loucas;
Pois de tres cabeças ôcas
O que quer's tu que appareça?...
Essas cabeças do Fontes
Não foram mais que um pretexto...
Verás, do enigma no texto,
Que não tem pés nem cabeça...

TRINDA



Metto a Tri
Pintando c
Esta Trind
Padre, Fill
Tres pesso
E nenhum

OLITICA

n'um canto
inhas tintas
echeira...
o'rito Santo
«distinctas»
adeira...

Fado do Fontes

MOTE

Ó *caro* se é que inda és *caro,*
Acode ao patrão sob'rano;
Ó *caro,* mette uma rolha
Na bocca do Marianno!

GLOSA

Eil-o de pé; heroe d'aço
D'uma nova Malakof,
Qual gato se atira a bofe
Investe da Ajuda o Paço:
Vencel-o em desembaraço
Fora caso mais que raro!...
Mas tu, de Zilu o amparo,
O preparador das festas,
Acode-lhe n'uma d'estas,
Ó *caro,* se é que inda és *caro!*

Que se dirá nas Hespanhas,
Onde triumpha a mordaça,
Se consentes na *chalaça,*
Deixando o throno ás aranhas?...
Das tuas antigas manhas
Não és, como foste, ufano?...
N'este torrão lusitano
Não és o ensina velhacos?...
Vá... com seis centos macacos,
Acode ao patrão sob'rano!

Ao teu denodo e capricho
Granjoleas forças não domem,
Porque um homem é um homem
E um gato, apenas um bicho!...
Eia! — podes — faz-lhe em lixo
Aquella atrevida *bolha;*
E p'ra que de vez se encolha
Lingua peior que a do Arriaga,
N'aquella bocca de praga,
Ó *caro* mette uma rolha.

Avante, senhor dos bicos,
Olha lá por Portugal,
Que bem pode a mão do gral
Fazer a c'rôa em fanicos!...
Já de lama alguns salpicos
Ao brilho causam-lhe damno!...
— Faz uma rolha de panno,
De cortiça, esparto ou sóla
E mette-a, á moda hespanhola,
Na bocca do Marianno!

OS MILAGRES DE LOURDES

Monsenhor Pinto de Campos, padre brazileiro, que procurou na religião e na vida pagodeira das viagens, lenitivo para os desgostos que lhe inflingio o ingrato imperador do Brazil, fechando-lhe as portas do senado por umas poucas de vezes, foi espairecer as suas maguas para Lourdes, onde a sua boa fortuna quiz que elle fosse testemunha dos mais extraordinarios milagres de que ha memoria. Em carta por elle escripta ao farrusco padre Brito, e publicada no *Diario de Noticias,* monsenhor Pinto de Campos dá largas ao seu enthusiasmo pelos milagres a que assistiu e que nos temos de acreditar, em vista de tão respeitavel testemunho. Parece-nos que não é este o caso de se dizer: — O sr. viu? logo é falso. Parece-nos, salvo melhor opinião.

Dando alguns trechos da piedosa carta de monsenhor, prestamos a homenagem da nossa fé e do nosso lapis ás suas piedosas letras. Sentimos não poder tambem, por falta de tempo, pôr em musica tão portentosos milagres.

«Turmas e turmas de enfermos de diversas regiões, transportados em carros como se fossem corpos mortos no campo da batalha, afluiam á gruta. Muitos haviam sido na vespera ungidos segundo a gravidade do seu estado.

Pois bem, meu padre, alguns dos mais perigosos d'esses doentes, que foram lançados na piscina, já agonisantes, surgiam instantaneamente curados! A todos os momentos ouviam-se gritos de espanto e de alegria, não só dentro das casas, onde estão as piscinas, como no meio da multidão; gritos provocados por curas extraordinarias! Da mais grave de todas fui quasi testemunha ocular, porque chegava no momento em que a recem-curada saia de dentro de casa, lançando-se-me aos meus pés, chorando, e dizendo: «mon père, j'ai été guere toit alors!» Era, creio eu, uma irmã da caridade, joven e formosa, como um anjo. A cura d'esta rapariga, que se chama Eugenia, tem dado brados em França pelo extraordinario do facto, em presença do seu estado gravissimo, reconhecido e declarado por successivas juntas medicas.

Emfim, mais de 150 curas foram operadas nas condições em que lhe descrevo os doentes. Quanta pena não tinha eu de não ver ali todos os philosophantes incredulos, para lhes perguntar: «É ponta ou cabeça, meus senhores.»

A PADARIA DE S. CARLOS

Esperamos não morrer sem sabermos que os homens encarregados de pisar a uva nos lagares, fazem esse serviço tendo calçado previamente meias de seda e tomado antes d'isso um banho aromatisado com os sabonetes mais finos de Lubin e as essencias mais perfumadas de Atkinson. Na padaria o luxo vai sendo delirante. Por exemplo, a padaria de S. Carlos, estabelecida no largo do mesmo nome, conseguiu decretar o aceio obrigatorio para os seus amassadores, peneiradores, forneiros, etc. etc. Póde-se comer sem escrupulo qualquer amassador, queremos dizer, qualquer pão amassado na padaria de S. Carlos. No serviço da venda ha mais do que aceio, ha luxo. Não se sabe se os vendedores são empregados, se donos, tão cheios de *nove horas* se apresentam aos freguezes a toda a hora. Rosna-se até que no pessoal da casa ha tres conselheiros. cinco commendadores, e que os moços são todos moços-fidalgos. Que as maneiras são de pessoas finas, não tem duvida nenhuma. Costuma dizer-se : — não me dêem nada, mas mostrem-me bom modo. Pois, na padaria de S. Carlos, não só mostram bom modo, mas tambem vendem bom pão.

Que mais queres?

(a Pedro Moreira 103)

Não sei que mais elle quer
Este grande massador !
Tem freguezes de sobejo,
Tem do *High-life* a nata, a flor !

Tem quem lhe faça reclames
Immensos, por sympathia,
Em pastelinhos, em musica
Em prosa e até poesia.

Tem quem lh'os faça nos dramas
Nas comedias, nas revistas,
Tem o Gremio Popular,
Que o fez em fogo de vistas.

Tem quem lhe dedique polkas,
Walsas, masurkas, e fados...
E eu a caricatural-o
Perdendo bem bons bocados !

Até na cam'ra o Zé Dias
Reclamo lhe fez outr'ora...
E já lhe fez um d'estucha
O Arriaga na Boa Hora.

Os dois irmãos nas pastilhas
Botam reclame bem vês...
'Té já o *petiz* do filho
Faz versos ao 103.

Mas ha quem julgue inda pouco,
E p'ra que tudo embasbaque
Dedicou ao 103
Um portentoso almanack !

Que mais queres tu ? Confesso :
Tanto amor chega a ser ráro.
É maior que o que professa
Zilu por Antonio o Caro.

Na chegada de Columbano Bordallo Pinheiro

Como uma bala,
De trouxa e mala,
Chapeu, bengala,
E saquitel,
Veiu o magano
Do Columbano,
O caro mano
Do Raphael.

Logo, em tropel,
O Raphael,
O Manuel,
E o F'liciano,
Mais o Thomaz,
— O mais rapaz —
Foram, zás-trás !
Esp'rar o mano !

O Columbano,
Do caso ufano
'Té ao tutano
Tornou-se roxo,
E inda em jejum
— Não é commum —
A cada um
Ferrou um *chôcho !*

Vem todo côxo,
Mas, tó caroucho,
Em quanto a froucho
Nem nada d'isso;
Pois lá por França
Entre a mestrança
Ganhou chibança
Para o derriço.

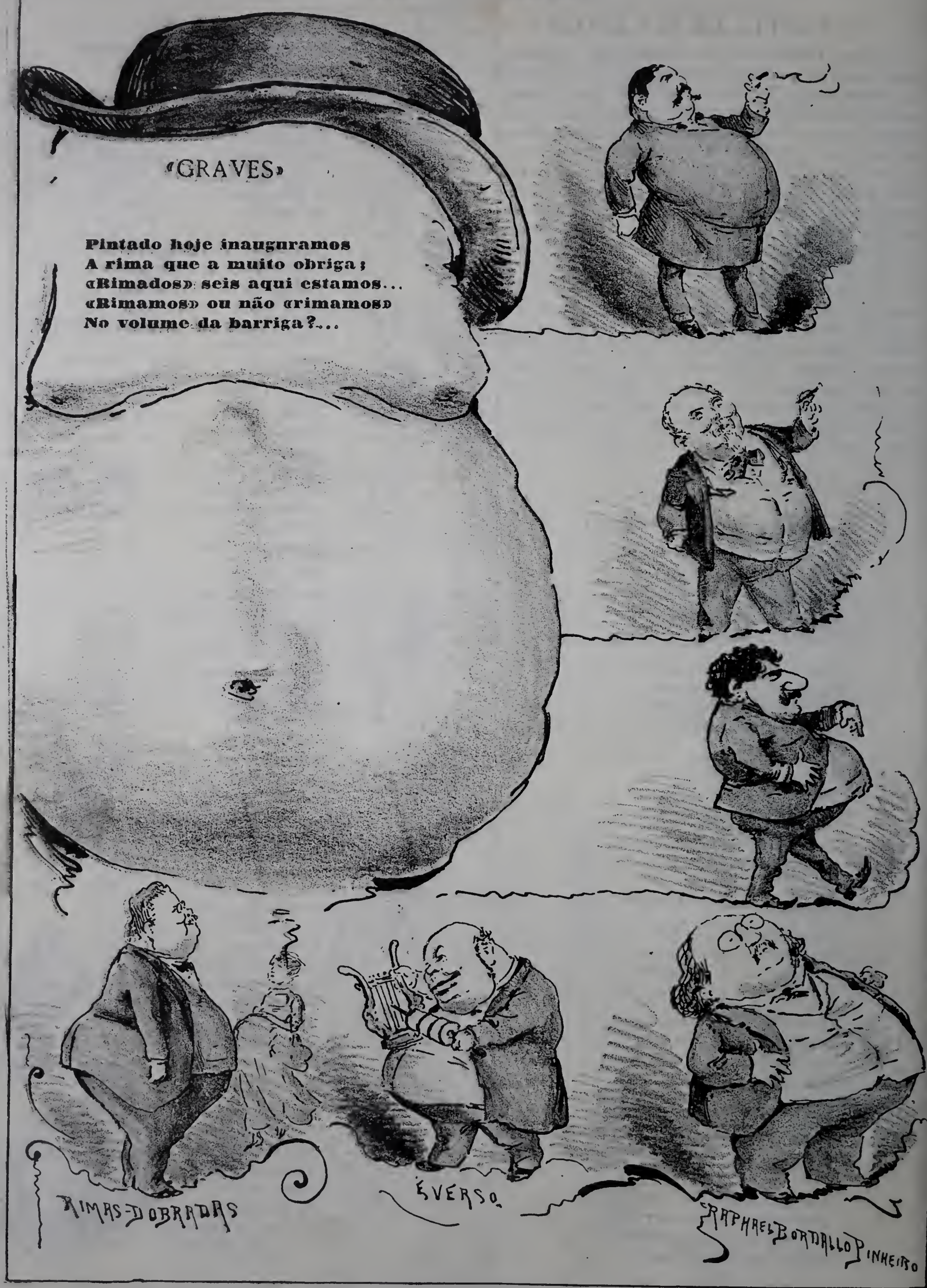
Cheio de viço
Vem tentadiço ;
Que reboliço
Vae em Lisboa,
Quando elle abstracto
Passar ao Rato
Co'o seu sapato
Bico de brôa !

Mettendo a prôa,
Todas arpôa
E se abotôa
Com quantas acha...
Ai que bolada
Vae na *esplanada*
E na chamada
Cidade Baixa !..

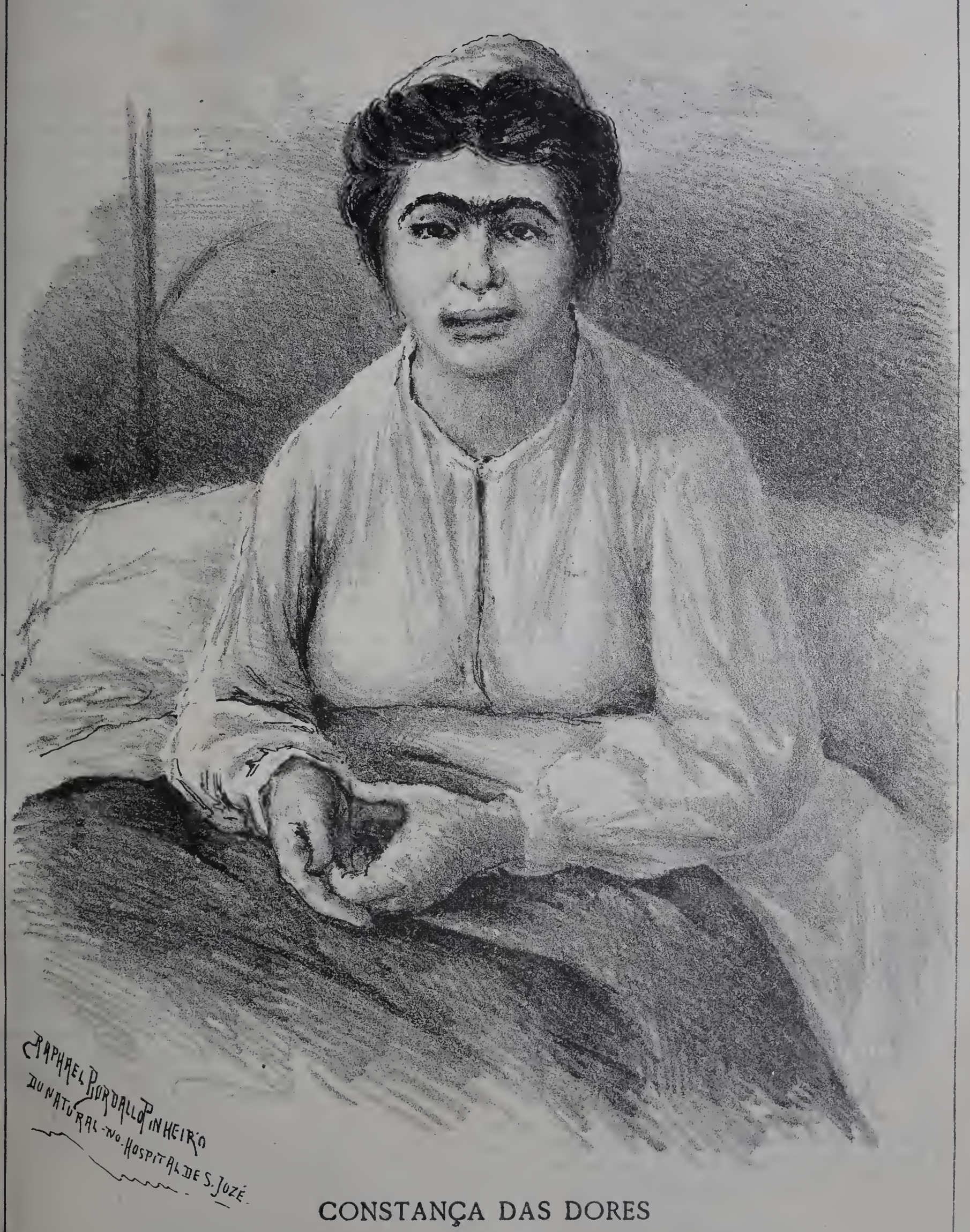
.....

Esse tyranno
Do Columbano,
Que é leviano,
Lisboa, evita !
Elle é funesto...
Se o vires, lesto,
Tu que és honesto,
O' Costa, apita !...

RIMAS PINTADAS



O CRIME DA RUA DA QUINTINHA



CONSTANÇA DAS DORES

Copia do natural

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

Ao publico

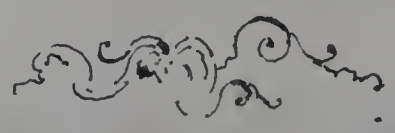
Por alguns factos que vieram ao nosso conhecimento suspeitamos que um ou outro individuo, de costumes porventura menos limpos, usa por vezes servir-se do nome do *Antonio Maria*, como ameaça áquelles que por seus habitos honestos tiveram a desdita de lhe incorrer no desagrado. Julgamos a proposito prevenir quem nos não conheça, ou quem nos conheça pouco, de que o *Antonio Maria* faz os seus escriptos e as suas estampas consoante a inspiração que lhe vem, ou aproveitando casualmente a de algum amigo obsequioso, sendo que não obedece jamais a imposições de quaesquer generos, *tanto politicas como pessoaes*. Isto posto, fique para sempre entendido que o *Antonio Maria* procede exclusivamente segundo o seu modo de ver e de pensar, não aproveitando por principio algum nem os olhos nem o bestunto (fallando mal e depressa) do primeiro safardana que por ahi se lhe depare.

O CRIME DA RUA DA QUINTINHA

Constança das Dores, a fera, a mulher desnaturada e sem entranhas, não conheceu mãe. Não a esquartejaram; sepultaram-n'a viva na roda dos expostos. Depois, a mãe que ella não conheceu, que talvez não a tivesse esquartejado á nascença com medo da penalidade, dormiu muitos somnos tranquillos, sem que a recordação da filha, que abandonára viva, lhe perturbasse a socegada consciencia. Era uma fera aquella mãe e queriam que désse á luz um anjo!

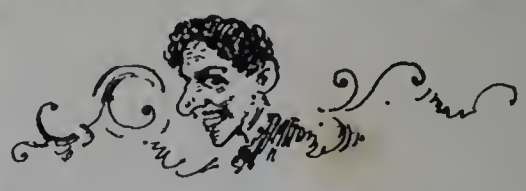
Constança das Dores que ao nascer fôra abandonada pela mãe, ao fazer-se mulher, isto é, ao nascer para os sentimentos mais affectuosos do coração, foi abandonada pelo homem a quem se entregou. Duas vezes repellida, duas vezes expulsa dos carinhos que podem adoçar a vida e fazer o animo bom, a que ao nascer tinha sido lançada ás hervas como as feras, e ao sentir o primeiro affecto fôra maltratada como uma cadella maselenta, não podia ser uma boa mãe senão por excepção.

D'ahi a esquartejar um filho vae muito, dirão alguns. Vae simplesmente o que póde fazer a falta de educação. Uma boa mãe de familia e um marido podiam ter modificado extraordinariamente a má indole de Constança das Dores. Se tinha instinctos de fera, era natural que n'um meio bom e virtuoso, nunca se tivessem manifestado. A fatalidade da sua origem e o meio em que viveu, revelaram quanto havia de insensibilidade e de dureza no coração d'aquella mulher. O retrato d'ella, que copiámos fielmente do natural, mostra na vulgaridade e rudeza da phisionomia, quanto aquella mulher teria carecido de um amor de mãe para lhe melhorar e adoçar a indole perversa e imbecil,



O NERVO DO GOSTO

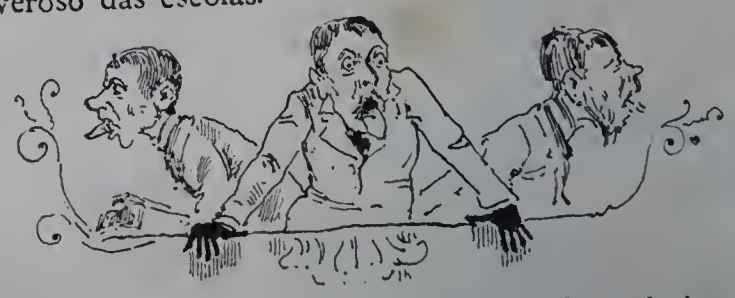
These inaugural de Carlos Tavares



Revelam-se em tudo as tendencias com que qualquer pessoa vem a este mundo. Carlos Tavares, o talentoso medico que encetou agora uma brilhante carreira, possue a palavra mais fluente e imaginosa que tem sahido das escólas superiores nos modernos tempos. Sem ensaio, ao contrario dos Caros e de outros palradores que o paiz paga por bom dinheiro, Carlos Tavares, á porta da aula, na casa escolastica, no botequim, levantava-se de repente, e com o seu ar zombeteiro e sarcastico encetava um discurso picaresco a proposito de qualquer coisa.

Uma interrupção, um áparte, de qualquer dos ouvintes, mudava-lhe de repente o tom facecioso da palavra n'um impeto de eloquencia séria e real, e lá ía n'uma torrente de phrases brilhantissimas, sem repetir uma ideia, sem tomar o folego, sem o descanso de uma virgula. Os rapazes das escólas ouviam-n'o de queixo cahido e os proprios lentes inventavam pretextos para admirarem a palavra fluentissima do alumno que lhes dava tanta honra.

Carlos Tavares, ou pelas tendencias mais pornunciadas do seu espirito, ou pela gratidão ao instrumento dos seus primeiros triumphos, consagra a sua these inaugural ao *Nervo do gosto*, que é tambem o da palavra. Como o poeta Pedro Nunes, do Gil Braz de Santilhana, que se despedia das musas fazendo versos, Carlos Tavares despediu-se da vida escolastica que tornava celebre com a sua palavra encantadora, dedicando os ultimos pensamentos de estudante ao nervo da palavra. Este facto dá-nos a esperança de que elle seja tão impenitente como o poeta Pedro Nunes e de que a gravidade do medico não se opponha a que ainda admiremos a eloquencia scintillante do notavel orador já sagrado pelo applauso insuspeito e ferveroso das escólas.



Noticiando o caso d'um foguete que, lançado irreflectidamente, fez espantar uma junta de bois, originando varios ferimentos ao carreiro, diz o *Diario de Noticias* que não foi possivel capturar o auctor d'essa desgraça por aquelle se haver evadido.

Que o foguete, auctor da desgraça, se havia evadido já nós sabiamos mesmo antes do *Diario de Noticias* no relatar, agora que a policia não fosse atraz d'elle como um foguete, para o capturar e mandal-o depois pela barra fóra com um discurso de defeza do doutor Foguete Junior é que não podemos comprehender...

Do jornal de caricaturas *La Broma* que se publica em Madrid, transcrevemos os seguintes magnificos versos, que não tradusimos em portuguez porque o leitor decerto os comprehenderá perfeitamente e porque traduzindo-os decerto os prejudicariamos.

Desde Sobrón

(Doloras..... de estómago)

A la orrilla del Ebro
vengo á escribir,
unos cuantos BROMAZOS
para Madrid.

(AIRE DE JOTA).

Metido en un *coupé* de dos asientos
salì de la estacion:
quería cambiar de aires, y de vientos,
y como es conseguiente, de alimentos,
porque hacia muy mal la digestion.
¿No comprende el lector esta dolencia?
pues es muy natural:
¿quién puede digerir una sentencia
que le impone seis años de *najencia*
para un correccional?
En Avila comí: nó, me equivoco,
quise comer; pues bien:
entré en la fonda; me senté, y á poco,
un empleado dijo con descoco:
«¡Viajeros, al tren!»
— ¿No rezan los anuncios officiales
que para manducar
dan vientitres minutos? pues cabales,
nos roban diez, y los catorce reales
que vienen á cobrar.
— Esto merece un suelto, amigo mio —
díjome con dolor
un señor que tenia mucho frio;
Y yo le contesté — ¿Qué suelto? Un *lio*...
un lío, ¡si señor!
Llegué á Valladolid, mi ilustre cuna:
chocolate pedí;
y á poco rato sirvieron una
mezcla *chocolatuna*
de asfalto, ó cosa asi.
Alargué una peseta de agujero,
quise marcharme, y ¡zás!
sujetándome, dijo el camarero:
— Esta peseta es falsa, caballero.
— El chocolate es mas.
— No importa; aquí no valen esas tretas...
— ¡Hombre, que se vá el tren!
— Pues pague usté, sin guasas ni *indiretas*.....
Le dí para cobrarse, dos pesetas.....
¡y eran falsas tambien!
Por fin, para salir de aquel apuro,
(y de Valladolid),
entregué al camarero medio duro:
aquel ya no era falso, de seguro.....
no siendo de Madrid.
Me detuve en Miranda al ser de dia,
con el fin de tomar
el coche que á Sobrón me traeria.....
¡qué vehículo, oh Dios! ya *me sabia*
á coche celular!
Di mi equipaje á un moceton palurdo;
me colé en el Hotel,
y el primeiro á quien ví (no es un absurdo),
fué un diputado serranista ó *zurdo*,
mi amigo SAN MIGUEL.
— Detrás de éste — pensé en mis desvarios —
al diablo me echarán. —
y confieso que tuve escalofrios;
mas como aquí no está MONTERO RIOS,
no se cumplió el refrán.
Cruzé el Ebro; pasé de SOPORTILLA
al chorro salvador,
que está del ancho rio en la otra orrilla;
y doblé ante las rocas la rodilla...
para beber mejor.
Solo estaba en la gruta: de repente,
un rumor percebí:
— ¿Quién habla — pergunté — si aquí no hay gente?
y una voz que brotaba del torrente,
comenzó á hablarme asi:
— «Te conozco: bien sé que has decantado
»mi mágica virtud:
»eres agradecido, eres honrado;
»y un consejo va á darte, quien te ha dado
»con sus linfas salud.
»Desde que me dejaste, has cometido
»un gravíssimo error:
»á redentor de España te has metido,
»y es del mundo lo más comprometido
»meterse á redentor.
»Por la idea lo hiciste, y no por oro:
»¿cual fué tu premio ruin?
»el mismo que le dan al pobre loro;
»su charla se celebra, y con desdoro
»*entra en la jaula al fin.*
»La joroba social nadie la doma,
»todos son cucos ya,
»y los mismos que applauden á tu BROMA,
»dicen que *bien está San Pedro en Roma...*
»*y el diablo donde está.*»
»Toma el agua: refresca tu sentido:
»abjura de tu error;
»y nunca olvides lo que me has oido;
»que es del mundo lo más comprometido,
»meterse á redentor.»
....
No dijo más el salvador torrente;
saqué copia textual;
á mi cuarto me fuí inmediatamente,
y puse en uma carta á mi regente:
— «Allá va original.»

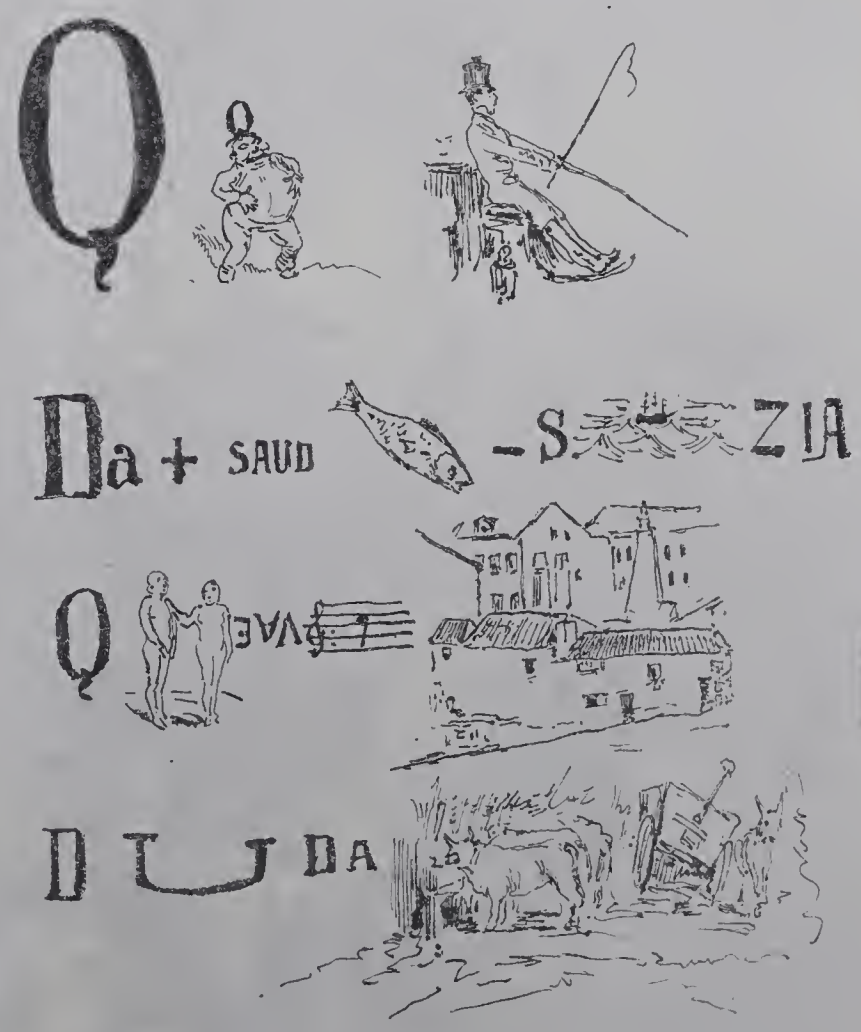
ELOY PERILLAN BUXÓ.

Sobrón, Julio 29 de 1883.

SECÇÃO PITTORESCA

Enigma

(Dedicado á camara municipal de Lisboa)



Decifração do enigma publicado no numero antecedente.

«De noticias da viagem
Do ex-regente pela estranja,
Se vê que pode casar
De véu e flôr de laranja.»

POLIT

Ora... que ren

A coisa vae de gangão; Deus queira que *a* c
travand

E ZORRA

não aguental-a...

não desequilibre e vá tomar o logar de quem está
ıs á zorra...

NOTICIAS THEATRAES

O theatro de *D. Maria*, não lhe importando a concorrencia que lhe podiam fazer n'esta epocha as barcas *Flôr do Tejo* e *Deusa dos Mares*, abriu as suas portas com o *Drama no Fundo do Mar*. A ideia, como se vê, foi arrojadissima mas nem por isso a empreza teve de que arrepender-se.

O indigena, que passa tres quartas partes do anno a berrar contra o senhor Pinto Coelho porque este lhe fornece apenas em cada dia um escorrido pucaro d'agua, de que elle indigena não gasta senão metade, quiz permittir-se, durante o trimestre balniatorio, a louca extravagancia de aspirar as brisas maritimas duas vezes em cada vinte e quatro horas, uma pela manhã, na praia de Pedrouços e a outra á noite, na plateia de *D. Maria*.

Com este regimen salutar é impossivel que o indigena não venha por fim a acostumar-se ao convivio da agua, acabando por convencer-se de que esse liquido maravilhoso póde usar-se com vantagem duas vezes por semana sem receio de que nos faça cair a pelle...

*
* *

A *Trindade* apresentou-se com a *toillete* da estação passada. Não lhe chegaram ainda, segundo parece, os figurinos para a confecção dos fatos da moda, de maneira que a *Trindade* não teve remedio senão apparecer em publico com as farpellas já coçadas que lhe cobrem os hombros ha mais de quatro ou cinco mezes

O Gymnasio é que se portou como um elegante ás direitas. Lavou-se, barbeou-se, engraxou-se... Uma verdadeira limpeza.

Elle é a bella porta nova, elle o bello vidro novo, elle a bella peça nova; tudo novo excepto a companhia, o que devéras nos desgosta, principalmente pelo que se refere á parte femenina...

A porta, sobretudo, foi o que extraordinariamente nos deu no goto. Aquillo é, como o outro que diz, uma porta de alto lá com ella...

Os senhores Augusto Ribeiro, Jayme da Costa Pinto, conselheiro Nazareth e Brion já foram de certo deixar o seu bilhete de visita ao senhor Pinto por tão relevante serviço prestado á pessoa dos seus chapéos altos e nós mesmo, que escrevemos estas linhas, não tarda que lhe offertemos um puding de meio tostão, por nos haver facilitado a entrada no Gymnasio sem termos de entrar de cocoras, como antigamente nos succedia.

Quanto ao receio que alguem por ahi manifesta de que tudo aquillo venha abaixo um bello dia — ou uma bella noite — não se amofine o senhor Pinto porque tanto nós como os cavalheiros a que acima nos referimos estamos resolvidos a escorar-lhe a caranguejola durante as horas de espectaculo, fazendo cada um o seu quarto de sentinella... Exigimos apenas em troca que o senhor Pinto mande botar aço n'um dos lados d'aquelle soberbo vidro, afim de que possamos, em quanto servirmos de estaca, contemplar a nossa bella figura desde os pés até á cabeça.

PAN.

Fado milagreiro

Um famoso Monsenhor
Que nunca teve peneira,
Viu em Lourdes afamada
A afamada milagreira.

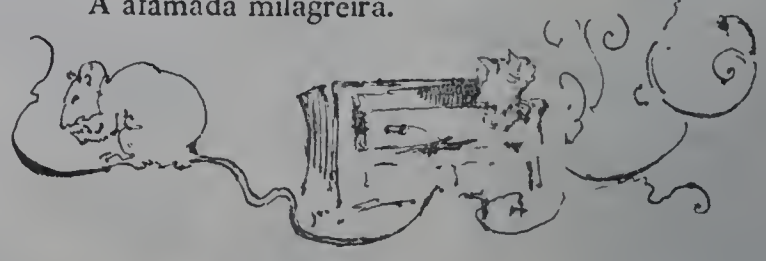
GLOSA

Se o olho alguem te varar
Co'um pontapé ou co'um murro,
Tem fé, não te faças burro,
A *Lourdes* vae-te curar:
Se os queixos te escangalhar
Um pau ou seja o que fôr;
Se te der um estupor
E outra qualquer macacôa,
Crê no que hoje alto apregôa
Um famoso Monsenhor.

Se és côxo, cego, maneta,
Se tens lombrigas ou puxos,
Vae de *Lourdes* aos repuchos
Como aconselha o roupeta:
Aquella agua é de chupeta
Contra a sarna e a gafeira,
Cura toda a pulmoeira,
Dá quináu no Assis de Faro...
Assim o affirma um *preclaro*
Que nunca teve peneira.

Curva a fronte, Manuel Bento,
Medecina, vae á fava,
Porque a tal agua nos lava
De tudo que é murrinhento:
Boticario, o teu unguento
Já não presta para nada,
Depois que essa abençoada
Milagreira se espaneja,
Que o mais santo *alho* da egreja
Viu em *Lourdes* afamada.

Chorae, ó sabios doutores,
Que vos metteu dentro os tampos
Monsenhor Pinto de Campos,
A nata dos oradores.
— Não mais callos, não mais dôres —
Oh que bella pepineira!...
Salta um copo da *piteira*
Que a mil padres dá no gôto,
Cante-se em fado devoto
A afamada milagreira.



O *Diario de Noticias* de sexta feira ultima publicou o seguinte curioso annuncio:

«A's 11 horas da manhã de 15 do corrente, no quartel dos guardas do monumento das linhas de Torres Vedras, proximo de Alhandra, hão de ser arrematados alguns fructos pendentes, que pertencem ao referido monumento.

8 de setembro de 1883.

O director.»

Aos leitores que o ignorem, damos como esclarecimento que o tal monumento de Alhandra é um enorme *hercules-frontão*.

Dos fructos pendentes
D'um *hercul's-frontão*,
Acaso o leilão
Terá concorrentes?...
Ignoro, declaro
Em publico e raso,
Quaes são n'este caso
Os fructos pendentes...

E pois que tal fructo
Em praça se merca
Veremos de Alverca
As moças contentes,
Conforme a tal fructo
Lhe derem apreço,
Lançarem mais preço
Nos fructos pendentes.

Veremos na prova
Qual mais se desunha,
Abrindo-os á unha,
Trincando-os a dentes,
E os moços, armados
De seus varapaus,
Dizer: — Não são maus,
Os fructos pendentes...

— São chôchos, diz esta
Fallando p'ra outra;
Protesta aquell'outra
Que estão florescentes;
E ainda uma quarta
Affirma, em resumo,
Que tem pouco summo
Os fructos pendentes!

Veremos bregeiros
Alguns rapasotes,
Graçolas, dichotes
Dizer entre dentes;
Veremos, emfim,
Vendidos na praça,
Ou feitos em massa,
Os fructos pendentes!

PAN.

O Fontes a fazer annos

RESPOSTA AO «PIMPÃO»

O Bordallo, nosso amigo,
Pois que tem vagar e ensejo,
Satisfaz o teu desejo
Mas n'uma estampa succinta:
E não vás tu, despeitado
P'lo caso chamar-lhe avaro,
Porque o tal Antonio Caro
Vae saindo caro em tinta...

Aqui no *Antonio Maria*,
Ha que tempos que o Bordallo
Não descansa de pintal-o
A primor, sempre que póde;
Na pintura d'esse heroe
Tem gasto tinta mais basta
De que a tinta que *elle* gasta
Na pintura do bigode!...

Mas tu perdes e o Bordallo
Vae fazel-o todo triques,
P'ra que o mostres e publiques
Pelos teus parochianos...
Aqui tens, *Pimpão* amigo,
Pois que te agrada o petisco,
Em dois traços, n'um rabisco,
O Fontes a fazer *annos*...

PA

A DOTAÇÃO DO CLERO

O Julio de Vilhena acaba de descobrir o modo mais efficaz de nunca mais nos vermos livres de padres até á consummação dos seculos, isto é, resolveu dar-lhes dotação, sental-os á meza do orçamento. Já havia poucos a comerem do orçamento! Depois de se ter discutido tanto a separação da egreja e do estado, quem veiu a pagar as favas foi o orçamento. É o costume de cá, e para isso não se distinguem os Bazorras dos Vilhenos.

A QUESTÃO DE LOANGO

O preto sertanejo ensina ao branco civilisado como se sustenta o brio de uma bandeira; melhor fôra que lhe ensinasse a caiar casas, porque talvez que para isso tivesse geito.

O BANQUETE MIGUELISTA

A sombra de um partido, comendo a sombra de um banquete com a sombra de uma queixada, em homenagem ao anniversario da sombra de um rei absoluto e á sombra das instituições vigentes ou vegetes.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

Les matinées espagnoles

(Ao Barão Stock)

Ó principe gentil das mil e uma... noitadas,
Ó filho de Izabel!
O halito estonteador das rosas inflammadas
Nas noites do bordel

Deviam ter-te exhausto o coração e as veias
Joven macrobio exangue,
E era urgente lançar no vinho das tuas ceias
Umas gotas de sangue.

Restavam-te sómente a triste pelle e o osso
D'essas noites brutaes...
Precisavas mandar buscar o teu almoço
Ao restaurant Narvaes.

Ah! quatro corações rubros, sanguinolentos
Um bom jantar de hyena,
Podem-te dar talvez ainda alguns momentos
De valentia... obscena.

Mas tambem co'esse sangue, um sangue d'exterminio,
A Justiça marmorea
Hade um dia escrever no high-life do assassinio
Ó rei, a tua historia.

Tu ouvirás dizer, ó pallido tonante,
Á Justiça indignada
Que o teu reinado foi um alcoice elegante
Com um carrasco á entrada.

E essa deusa immortal, meu pobre Lovelace
Ha de manchar até
O bronze da sua mão na lama da tua face,
Tropman, petit-crevé!

Mas que importa a Justiça, e que importa o Direito
Beber, amar, cantar!
Offrecem-te, a sorrir, Messalina o seu leito
E o papa o seu altar.

Uma amante por noite e um prazer por minuto
Eis a norma, eis a lei;
Na arvore da vida ha sempre um bello fructo
Para o prato d'um rei.

E, quando emfim chegar a tragicas passadas
A morte hedionda e vil,
Deus, o bom capellão dos reis, tem-te guardadas
Lá cima as onze mil.

Vaz.

A questão das cigarreiras

Algumas operarias d'uma fabrica de tabacos, queixosas da exiguidade dos salarios — ou porque o trabalho effectivamente escasseasse ou porque a vontade a elle não fosse das mais decididas — entenderam, e entenderam muito mal, que o recurso a seguir como unico salvador seria o lançarem-se aos pés de sua magestade a rainha logo que esta augusta senhora regressasse aos penates regios. A occasião não podia ser mais bem escolhida por isso que os pés de sua magestade, sufficientemente doridos de tão longas caminhadas, não deixariam de convencer-se pelo infortunio alheio, prestando assim, quando mais não fosse, um tributo de consideração pelo infortunio proprio.

Parecera sensato que as operarias, se o trabalho lhes faltava ou o julgavam mal remunerado, se dirigissem directamente ao dono da fabrica que as empregava afim de que este, consoante os seus interesses e á justiça da petição, attendesse no todo ou em parte a reclamação das operarias. E, admittida ainda a hypothese de que tal petição não fosse attendida nem no todo nem na parte, restar-nos-hia o recurso para as sociedades de operarios a quem n'este caso competiria resolver se deviam formar grève.

O que se não comprehende é que recorressem para os pés de sua magestade, porque os pés de sua magestade são muito boas pessoas, bem o sabemos, mas o que não podem certamente é dar que fazer a operarias cigarreiras porque nunca se occuparam, que nos conste, na manipulação de cigarros *Ferreirinhas*... e *Toureiros*.

Ha por ahi quem cochiche que as ingenuas operarias andaram em tudo isto como Pilatos no Credo e que foram aos pés da rainha com o engodo de alguns patacos porque a alguem conveiu que o *anjo da caridade* recuperasse em poucas horas algumas *pennas de popularidade* que das azas lhe haviam caido durante as semanas de vilegiatura...

Nós não acreditamos uma palavra de similhante aleive; tal expedidente, sobretudo, afigura-se-nos perfeitamente superfluo. Fazer *reclame* á rainha! E para que?...

Não será sua magestade um anjo?

E' claro que é.

Não estará sufficientemente popularisada?

Está claro que está.

Então para que demonio serve o reclame?

Era um desperdicio maior de que tornar a annunciar as virtudes da agua circassiana.

Assim, está bem de vêr que os operarios foram aos pés de sua magestade não movidos de especulação alheia mas ao cheiro de especulação propria. Em todo o caso, será bom que o digamos, e que todo o operario o saiba, que quem vive do seu trabalho deve viver exclusivamente d'esse trabalho e não de esmolar ás portas alheias ainda que essas portas, ou talvez mesmo porque essas portas — sejam as da casa d'uma rainha, e que mais degradante será cair aos pés d'um rei para lhe pedir uma esmola, que nos dê, do que dobrar-se aos pés d'um lacaio para lhe tomar medida d'umas botas, que nos pague.

Pan.

Rolha

Conforme dizem,
O Fontes pensa
Em fazer rolha
P'ra pôr na imprensa.

Quem lhe fallar
Dos seus arranjos
Quem aos ministros
Chamar marmanjos,

Tem anno e meio
De Limoeiro,
Custas e sêllos
Em bom dinheiro.

Quem vocifere
Das hetairas
Das Lelias, Rosas,
Emmas, Palmyras,

Quem Topa a Tudo
Chame ao Burnay,
Tem quinze mezes
De braga ao pé.

Das caras velhas
Quem fizer troça,
Vai p'ra o degredo
E apanha coça.

Quem falle em *hydra*
Ou na *bernarda*
Quem pinte o Zé
De freio e albarda,

Quem ao Arrobas
Disser graçola,
Vae de passeio
Até Angola.

E de Zilu
Se alguem bramar,
Se a regia dextra
Lhe não beijar,

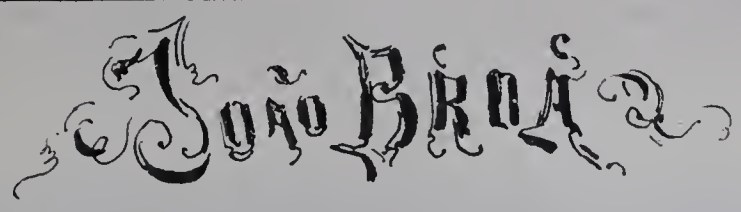
Se das viagens
Pergunte o custo,
Ou quanto mama
O mano Augusto,

Não mais o sol
Não mais a lua
Verá o triste,
Do meio da rua.

Sem ar, sem luz
Funda masmorra,
Mais negra e feia
Do que um Bazorra.

Eis o destino
Que nos espera:
Morrer na jaula
Qual outra fera!

Adeus amigos,
Que a lei da rolha
Em poucos dias
Nos aferrolha.



Ha dois numeros seguidos que não recebemos as chronicas do nosso espirituoso e presadissimo correspondente do Porto, com o que naturalmente muito terá folgado a meia duzia de fantoches que elle faz dançar puchando o retroz da sua fina critica, mas com o que por certo se terão amofinado todos os leitores do *Antonio Maria*. A chronica da semana passada foi-nos remettida com a pontualidade do costume, segundo aquelle estimavel collega nos afiança, mas não tivemos a ventura de a apanhar á mão; não sabemos se a d'esta semana teria o mesmo sumisso.

Aqui deixamos a relação do facto, que é uma satisfação ao publico e uma interrogação ao senhor director geral dos correios.

Chegou ha dias a Lisboa e partiu quasi que immediatamente o nosso bom amigo Victor de Meyrelles, distinctissimo pintor brazileiro. Aquillo foi fogo visto linguiça! Chegou e poz se a andar; deu uma pincelada visual no panorama de Lisboa, sobraçou de novo os pinceis e as palhetas e passou as dias sem quasi nos dar tempo de lhe apertarmos a mão...

D'aqui lh'a apertamos agora com todo o nervo muscular de que a natureza nos dotou e com todo o affecto cordeal que o excellente amigo nos merece.

Como toda a gente sabe, estão agora muito em moda os banquetes legitimistas e as corridas de burros em varias terras. Um cavalheiro das nossas relações, tão enthusiasta pelos primeiros como dedicado iniciador das ultimas, recebia ha dias os seguintes extraordinarios telegrammas, devidos certamente a uma criminosa falta de attenção por parte do telegraphista receptor.

Braga 20, ás 11 1/4 da t.

Corrida muito animada. Fortunato disse bocados oiro. Russo estendeu-se. Brindes a Pinto Coelho. Castanho fallou deffendendo clero. Seabra apanhou premio consolação.

Bonifacio.

Hippodromo Godinho 20, ás 2 da t.

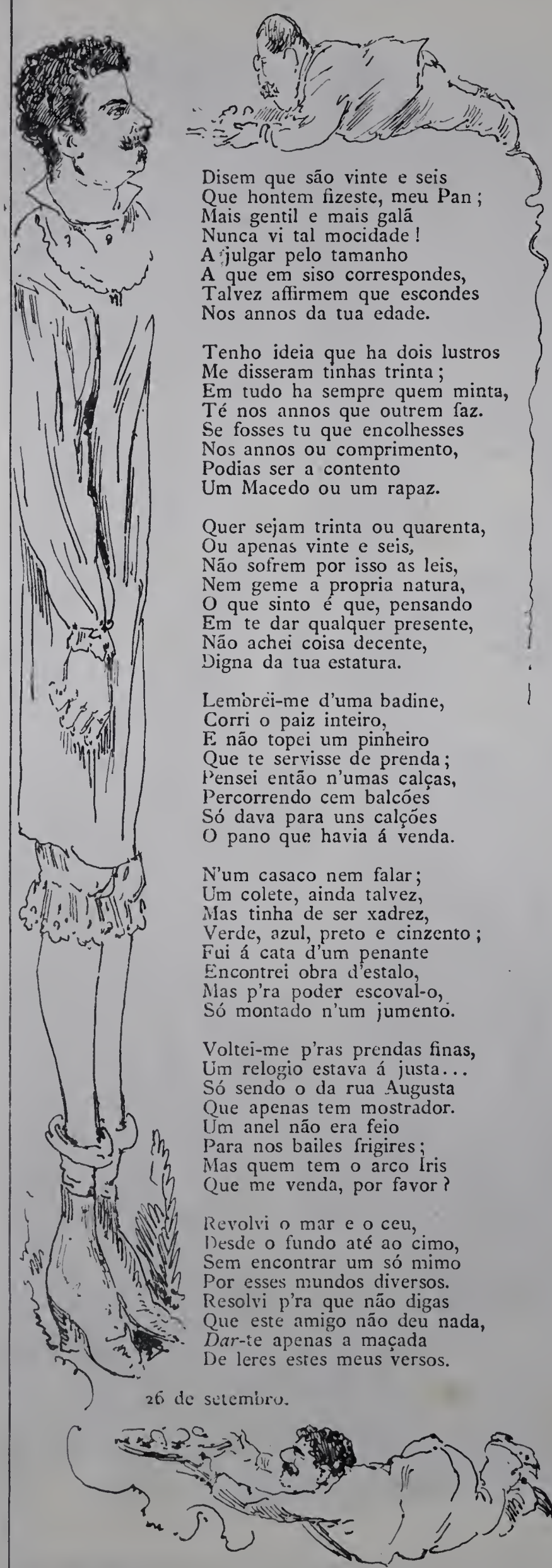
Applausos desde a sopa. Brindes desde a primeira corrida. Burras muito fluentes. Oradores muito rijos de bocca. Malhado saudou rei nosso senhor. Guimarães partiu as cilhas.

ANACLETO.

O FESTIM

MACHBETH

AOS ANNOS DO PAN



Disem que são vinte e seis
Que hontem fizeste, meu Pan;
Mais gentil e mais galã
Nunca vi tal mocidade!
A julgar pelo tamanho
A que em siso correspondes,
Talvez affirmem que escondes
Nos annos da tua edade.

Tenho ideia que ha dois lustros
Me disseram tinhas trinta;
Em tudo ha sempre quem minta,
Té nos annos que outrem faz.
Se fosses tu que encolhesses
Nos annos ou comprimento,
Podias ser a contento
Um Macedo ou um rapaz.

Quer sejam trinta ou quarenta,
Ou apenas vinte e seis,
Não sofrem por isso as leis,
Nem geme a propria natura,
O que sinto é que, pensando
Em te dar qualquer presente,
Não achei coisa decente,
Digna da tua estatura.

Lembrei-me d'uma badine,
Corri o paiz inteiro,
E não topei um pinheiro
Que te servisse de prenda;
Pensei então n'umas calças,
Percorrendo cem balcões
Só dava para uns calções
O pano que havia á venda.

N'um casaco nem falar;
Um colete, ainda talvez,
Mas tinha de ser xadrez,
Verde, azul, preto e cinzento;
Fui á cata d'um penante
Encontrei obra d'estalo,
Mas p'ra poder escoval-o,
Só montado n'um jumento.

Voltei-me p'ras prendas finas,
Um relogio estava á justa...
Só sendo o da rua Augusta
Que apenas tem mostrador.
Um anel não era feio
Para nos bailes frigires;
Mas quem tem o arco Iris
Que me venda, por favor?

Revolvi o mar e o ceu,
Desde o fundo até ao cimo,
Sem encontrar um só mimo
Por esses mundos diversos.
Resolvi p'ra que não digas
Que este amigo não deu nada,
Dar-te apenas a maçada
De leres estes meus versos.

26 de setembro.

Fado parvonez

Não te mates, não te rales,
Quebra o teu lapis, Bordallo:
As coisas na mão do Fontes
Vão n'um sino sem badalo.

GLOSA

Bordallo, na cachimonia
Encaixaram-te alguns mécos,
Que podes co'os teus bonecos
Endireitar a Parvonia;
Dizem-te, sem ceremonia,
Que são grandes nossos males...
Mas manda-os tocar timbales,
Faz a todos uma figa;
Vê se crias mais barriga,
Não te mates, não te rales.

Tive grandes desconsolos,
Mirrei como um esqueleto,
Quando vi o feio preto
No Fontes a ferrar bolos.
D'este alto estadista aos poios
Já chega a fama d'estallo;
E tu, tu a apepinal-o!...
Com atrevido descôco!...
Confessa-te a um padre mouco,
Quebra o teu lapis, Bordallo.

Pois tu — que até tens lunèta —
Não vês, meu grande magano,
Como singra a todo o panno
A nossa nau Catrineta?...
Do thesouro na gaveta
Vê-se o ouro andar aos montes...
Elle ha carris, elle ha pontes,
Ha *Burnays*, salamancadas;
E estão como em mãos de fadas
As coisas na mão do Fontes.

Quando em monos te recreias
Tens da alegria os requintes;
Porém mais monos não pintes,
Vae antes ver se os penteias;
E' necessario que creias
Que o paiz não soffre abalo;
Deixa o Fontes governal-o,
Que o Fontes não erra as poldras;
Nas unhas d'elle estas choldras
Vão n'um sino sem badalo.

A camara municipal de Porto de Moz e o cortelho em Minde

A JUSTINO GUEDES

Justino Roque
Gameiro Guedes,
Debalde exiges,
Debalde pedes

A cam'ra ignara
É fôrma torta,
Deixa-te o porco
Ao pé da porta.

Justino Guedes,
Quer's um conselho?
Pois que por baixo
Tens o cortelho,

Uma canastra
Lança de borco
Deita-lhe um gancho
E pesca o porco.

Talvez a camara,
Guedes Gameiro,
Queira habitar
N'esse chiqueiro.

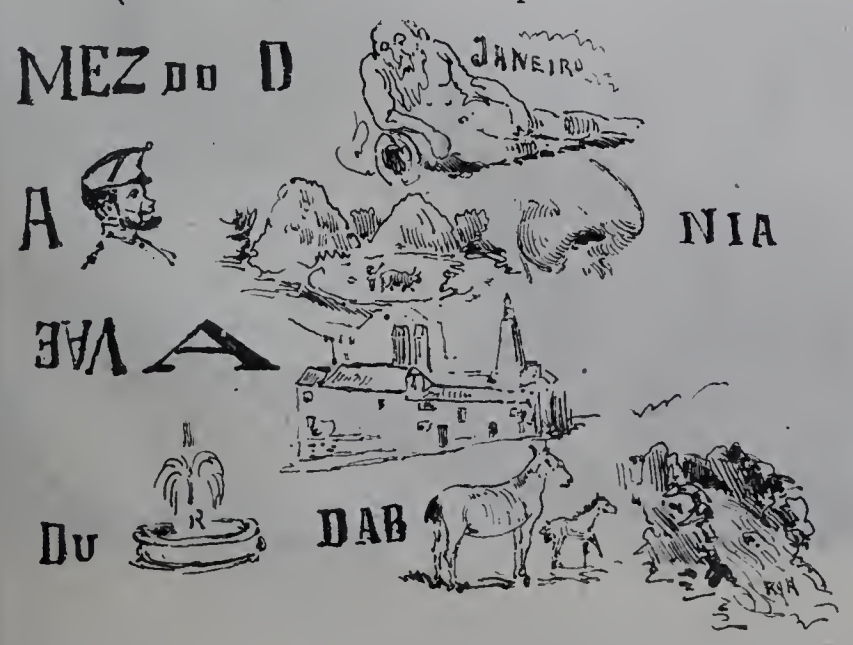
Mas se assim fôr,
Não mais insistas...
— Antes o porco
Que os camaristas!

PAN.

SECÇÃO PITTORESCA

Enigma

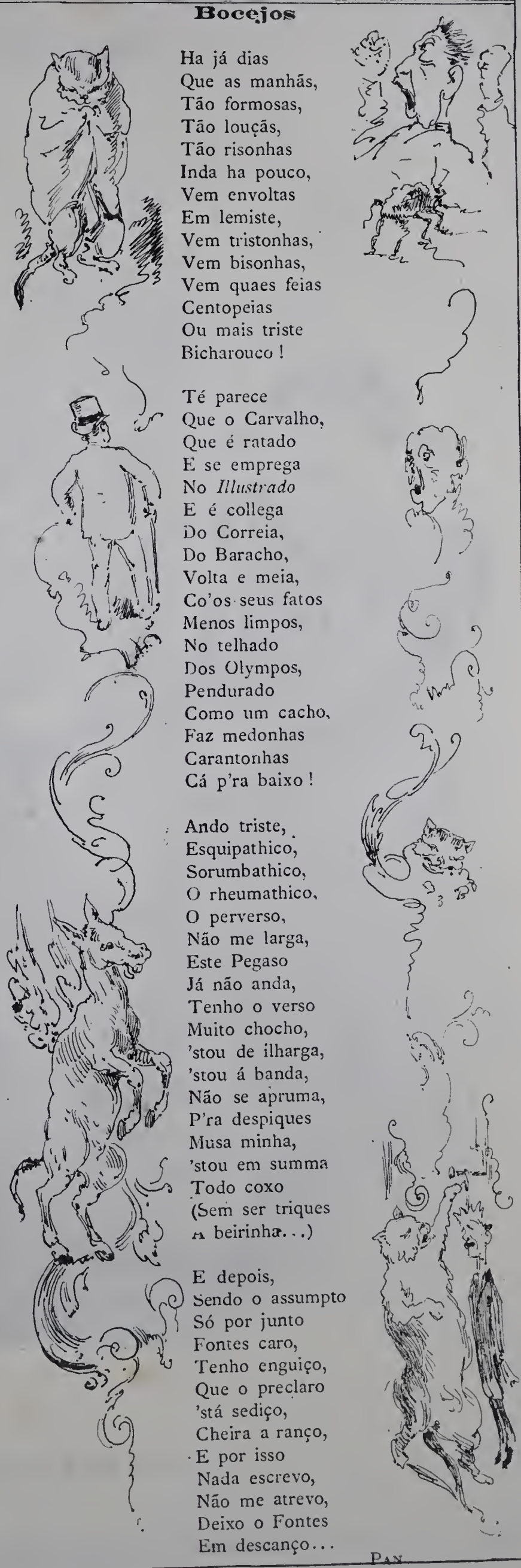
(Dedicado á Camara Municipal de Lisboa).



Decifração do enigma publicado no numero antecedente:

«Que grande, que rico cheiro
Da mais saudavel marzia
Que nos vem do pardieiro
Do largo da Abegoaria.»

Bocejos



Ha já dias
Que as manhãs,
Tão formosas,
Tão louçãs,
Tão risonhas
Inda ha pouco,
Vem envoltas
Em lemiste,
Vem tristonhas,
Vem bisonhas,
Vem quaes feias
Centopeias
Ou mais triste
Bicharouco!

Té parece
Que o Carvalho,
Que é ratado
E se emprega
No *Illustrado*
E é collega
Do Correia,
Do Baracho,
Volta e meia,
Co'os seus fatos
Menos limpos,
No telhado
Dos Olympos,
Pendurado
Como um cacho,
Faz medonhas
Carantonhas
Cá p'ra baixo!

Ando triste,
Esquipathico,
Sorumbathico,
O rheumathico,
O perverso,
Não me larga,
Este Pegaso
Já não anda,
Tenho o verso
Muito chocho,
'stou de ilharga,
'stou á banda,
Não se apruma,
P'ra despiques
Musa minha,
'stou em summa
Todo coxo
(Sem ser triques
A beirinha...)

E depois,
Sendo o assumpto
Só por junto
Fontes caro,
Tenho enguiço,
Que o preclaro
'stá sediço,
Cheira a ranço,
E por isso
Nada escrevo,
Não me atrevo,
Deixo o Fontes
Em descanço...

PAN.

A FESTA DE CARNAXIDE

D'esta feita é que o bode vae ao côro...

CÁ E LÁ

Uma «partida»... de Xadrez

— Como!
— Xeque á Republica.

A FESTA DE CARNAXIDE

Ainda as freiras da Estrella não tinham dobrado ás oito da manhã, e já el-rei estava levantado, o senhor Thomaz Ribeiro barbeado, o senhor Fontes vidrado, e o senhor conde de Mesquitella envernisado.

Tratava-se nem mais nem menos de que de transplantar a imagem de Nossa Senhora da Rocha para os primitivos aposentos de Carnaxide, cujos ares patrios o seu melindroso estado de saude estava de ha muito reclamando.

Ora como isto de transplantar uma Senhora da Rocha não é precisamente o mesmo que transplantar um pé de mangerico, entendeu sua magestade, entenderam os senhores ministros, e entenderam todos muito bem, que o maior luzimento seria pouco, e assim foram procissionalmente desde as margens do Tejo, ao Arsenal, até ás margens do Jamor, a Carnaxide, el-rei, a côrte, o alto funccionalismo, e o funccionalismo mais baixo, o exercito, o clero

e a policia; todos, emfim, excepto os gatunos, cuja devoção, jogando parelhas com a da irmandade da Sé, que furtára a Senhora a Carnaxide, achou n'esse dia ensejo de se exercer em alta escala...

Sua magestade, que não quiz auxiliar os centenarios de Camões e de Pombal, e que apenas no primeiro d'estes se dignou presencear — de costas — o prestito que passava, não podia deixar de conceder todas as attenções e todos os disvellos á transplantação da Senhora Apparecida...

Viu o Camões de barraca, viu a Senhora de gruta... Que demonio lhe faltará agora ver de kiosque?

* * *

O senhor ministro do D. Jayme, proprietario no sitio, festivo e gaudioso por ver a Senhora engrandecer-lhe a quintarola, para todos os effeitos estimativos e monetarios, tão inchado se sentiu durante o precurso do cortejo que lhe succedêra terrivel contratempo se a criada zelosa de ante-mão lhe não houvera alargado o cós das calças com a solicitude preventiva de quem está lendo no futuro.

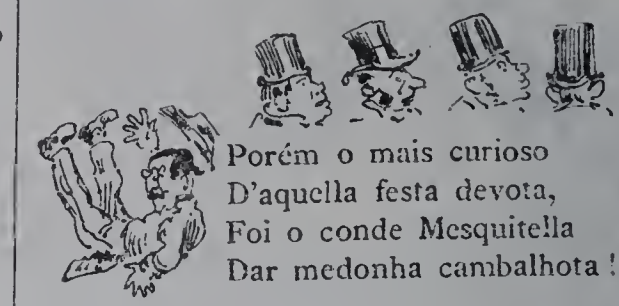
Felizmente que tudo se passou sem maior inconveniente e que a Senhora milagrosa levou um augmentosinho de cem por cento no valor á propriedade do vate do concelho.

Ainda bem que a Senhora não tem filhas, e netas, e bisnetas, que distribuidas por todas as propriedades do reino dariam em droga com os pobres locatarios...

Thomaz o vate, no delirio do enthusiasmo por tão grandioso acontecimento ergueu no acto solemne a voz meliflua e assucarada com que outrora nas salas fazia suspirar os pianos de rabo e as donzellas de caracóes, e disse com lagrimas na falla para uns pittorescos festeiros do tempo dos chéchés cujas calvas suavam occultas sob o incommensuravel canudo d'uns chapeus antidiluvianos:

— Eil-os! os velhos devotos da Senhora que a vêem regressar a sua casa! Como os corações saltam de jubilo nos peitos encanecidos d'estes respeitaveis veteranos da Rocha!...

Veteranos da Rocha é um dos tropos mais bem achados de que temos tomado nota n'estes ultimos cincoenta annos; e, com o coração a saltar-nos de jubilo no peito encanecido, aqui perpetuamos essa phrase e esses veteranos com dois rabiscos do nosso lapis.



Porém o mais curioso
D'aquella festa devota,
Foi o conde Mesquitella
Dar medonha cambalhota!

Ao descer da traquitana,
N'um tregeito do diacho,
Poz o pé direito torto
Deu-lhe um geito e foi-se abaixo!

E de ventas estrompadas
Caiu dentro do Jamor;
E os devotos viram logo
As aguas mudar de côr!

— Vejam, senhor's, que a Senhora
Fez um milagre de arromba!
Grita do lado da egreja
O Thomaz que dava á bomba.

— Inda ha pouco esta agua pura
Sahia branca da greta
E agora, attentae, herejes!
Vejo sahir agua preta!

— Bem bôa, o Fontes exclama,
Para pintar o bigode...
Ergam-se coros de graças,
Façam lá cantar o bode...

— Pois que encontrei esta mina,
Que jorros d'agua espadana,
Não gasto mais cinco réis
Em *Agua Circassiana!...*

PAN

NO PAIZ DO SYNDICATO

O sr. presidente da camara do Porto é, pelos modos, um bom amigo nosso. E damos já a razão do nosso dito: é que o sr. Corrêa de Barros, que já foi ourives antes das kalendas do Syndicato, é que o sr. Corrêa de Barros, que já foi vice-presidente da camara pela simples razão de que o ex-ourives recebeu o cargo por herança (e n'isto pareceu-se o muito alto vereador com sua magestade el-rei, que tambem recebeu o cargo por herança, ao menos é o que se diz pela boca pequena), é que o sr. Corrêa de Barros metteu-se agora na larga camiza de... indagar, de saber, de conhecer, de se informar, de descobrir quem era o humilde signatario d'estas linhas. Ora quando, em vesperas de eleições, um homem collocado na pimponesca posição (calla-te, oh! alma damninha, que pretendes lançar um véo de teia de aranha na superficie resplandecente do sol! calla-te, oh! folha retorcida do choupo, que tens audacia para querer parar no firmamento o vôo da aguia altiva, mas generosa) na pimponesca posição de vereador mór dos paizes que alimentaram no seu seio *os dezoito braços* e os conjurados do syndicato; quando um d'esses semi-deuses da finança (perdão, oh! ourivesaria!) se avisinham de um simples operario de penna d'aço, é que a alma misericordiosa do Universo se digna irradiar sobre elle tudo quanto a fortuna humana tem de libras e tudo quanto de luz possue o Phoebo mythologico. Diante da realidade dos factos, é necessario curvar o espirito, até o mais nú de preconceitos superlunares. A verdade é que o sr. Corrêa de Barros, que já foi director de uma companhia de seguros, que já foi director de um theatro, que já foi auctor dramatico, e que é agora tambem um semnumero de coisas importantes, desde baptista de ruas e viellas até presidente da Sociedade Commercial de Geographia, quiz saber quem era o triste João Broa. Mas agora... uma coisa! E se nos tivessemos enganado? Se em vez de esperarmos a visita, toda attenciosa, do sr. Corrêa de Barros, pedindo o nosso voto, já se vê, para a sua pessoa, elle... crédo!... elle se lembrasse de nos pregar uma peça? E o nosso pobre espirito, que nunca pôde contar as syllabas de um conceito, que nunca ouviu um discurso do sr. Adriano Machado (posso jural-o, porque o sei de fonte limpa. Um dia, verdade é, era eu pequeno e já ía alto aquelle astro do progresso, ouvi um ruido monotono subir lentamente a rua, durante horas. O sr. Adriano Machado contava, debaixo da minha janella, a um amigo, uma simples anedocta. Portanto, eu nunca lhe ouvi um discurso, mas uma simples anedocta)... mas que diabo estava eu a dizer? ah! que não posso por mais que queira, adivinhar as razões que levaram o sr. Corrêa de Barros a indagar da minha pessoa. Quererá elle metter-me na *sua* lista? Hein! Que figurão? E eu havia de ter meus geitos para aquelle logar, porque ainda não acertei até agora.

E verdade, verdade, é cá um dos meus ideaes, como diz o brazileiro meu visinho. A minha leitura, sabem qual é? a minha leitura favorita? são os extractos das sessões da camara do Porto, publicados pelo *Commercio* do dito.

Na minha ultima queixa de peito era até exclusivamente alimentado pelo extracto das sessões, quanto ao espirito, e pelo extracto de carne de Liebig, quanto ao corpo Até já tenho estudado os mais graves problemas de administração municipal, para o que muito tem concorrido o livro de Beaulieu, sobre a materia.

Assim, trata-se de um cano de esgoto que a sr.ª D. Fulana tem roto nas trazeiras do predio?

Á junta d'obras.

O sr. Beltrano da marosca syndicateira quer 1:600$000 réis pelo rebaixe do passeio na rua do Mousinho da Silveira, coisa que se fazia por 200$000 réis?

Tomado em consideração.

Os illustrissimos e excellentissimos gallegos dos miasmaticos chafarizes portuenses declaram-se em gréve contra a nova postura relativa aos incendios?

Ao engenheiro respectivo.

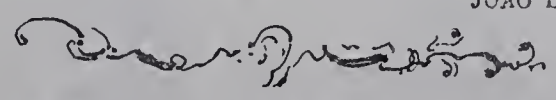
E está dita a ultima palavra sobre a materia, para o que muito tem contribuido a obra de Beaulieu, não fallando já nos extractos. «Pois muitos collegas meus nas administrações transactas, direi eu em estylo do futuro, não avançavam mais uma linha do que aquellas que deixo traçadas. Ha até quem diga que uma sessão da camara do Porto se parece com um côro de freiras a rezar o *Magnificat!*

Eu protesto, antes que o illustre cardeal-bispo venha em defeza das damas.

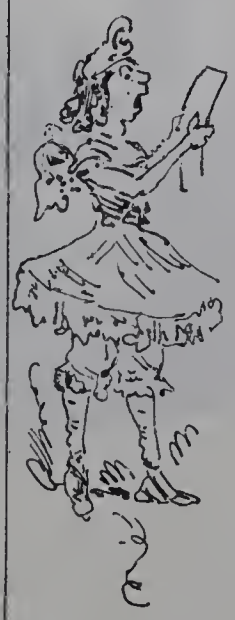
Pois muito bem. Seja para o que fôr, o sr. Corrêa de Barros encontrar-me-ha de braços abertos. Acompanhal-o-hei para o *Domus Municipalis* com o mesmo rosto alegre com que subiria até a um ramo da arvore grande da Cordoaria no tempo do Sr. Dom Miguel I, o virtuoso filho da Joaquininha.

Mas sobretudo, aquillo que maior prazer nos daria, aquillo que nos encheria a alma de jubilo e da mais incondicional admiração pelo sr. José Augusto (tal é o nome christão-romano que uma graciosa criança, n'esse tempo sem barbas de piassava certamente, recebeu na pia baptismal) seria não entrar o presidente da camara pela nossa casa dentro e dizer-nos rudemente: Ora venho dizer-lhe sr. Broa, o que foi feito do grande emprestimo municipal — Pois toque, seu Zé, pois toque.

João Broa.



Lôas á Senhora Apparecida para serem cantadas por anjos de Carnaxide.



Sê bemvinda, ó Santinha da Rocha,
Ao teu santo e bemdito logar;
Nunca mais nos abales co'a trouxa,
Teus bons filhos deixando a *apitar!*

Esta terra dos moinhos de vento
Pôde alegre os seus filhos nutrir;
Mas do diabo o terrivel invento,
Deixou todos com fome a *zenir.*

Mas estás entre nós, oh Senhora,
Não nos negues santissimo amor;
Não consintas por mais uma hora
Seja o trigo moido a vapor!

Povo d'esta terrinha devota
Desunhae-vos em mil orações;
E depois — p'lo Thomar — *á batota...*
Que o mesmo é que dizer — eleições!

O

Pallio, lant
Festeiros (
Ora valha-
Nossa Sen

IAL

andores,
a e tocha...
us senhores...
a Rocha.

Como o bóde foi ao côro

Recebemos pelo correio um numero infinito de cartas e bilhetes, pedindo-nos a explicação da historia do bode em Carnaxide, a que nos referimos no nosso ultimo numero. A historia é muito curta e muito simples, e vamos contal-a, tal qual nos foi relatada por um dos velhos de Carnaxide a que o senhor Thomaz Ribeiro chamou *veteranos da Rocha*.

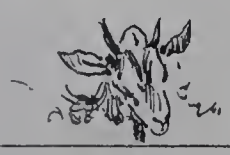
Eis a historia:

D'uma vez, era dia de festa na egreja; as vellas estavam accesas, os padres no seu logar, o adro embellezado a buxo e areia encarnada, as rebecas afinadas, e o sacristão de ponto em branco. Deu a hora e a festa não começava; passou muito da hora, os fieis já arrastavam os cacetes de impaciencia e as beatas cochichavam á sordina improperios contra os festeiros. E a festa não começava porque á ultima hora faltára um dos cantores do côro, um tiple indispensavel a cujo cargo estavam todas as notas agudas de effeito mais seguro.

Que fazer, que não fazer; como diabo se hade substituir a homem; até que um de mais agudeza exclama de entre o grupo:

— Está salva a honra do convento! vou lá a casa buscar o meu bode, que canta que é uma lindeza quando se lhe aperta o rabo, e ahi temos o homem substituido e com vantagem porque no fim de contas bem mais deve valer um bode como um toiro de que um *capado* de má morte...

E aqui está como o bode foi ao côro.



Gulodice legitimista

Os festins de 19, realisados a 20, foram em geral esplendidos e jubilosos; mas o do Porto, principalmente, excedeu toda a espectativa, attingindo as proporções de um verdadeiro *cumulo*. O caso foi, que, algum correligionario *enragé*, para inteiro regalo dos comensaes, mandou servir, como se lia no respectivo *Menu*, uns delicados *pudings de cabinet*. Calcule-se o resultado de tão luminosa idéa! *Aquillo*... só feito por elles e para elles.

Foi real a *funçanata*,
Foi opiparo o banquete;
Houve «punch à la romaine»
E *puding de gabinete*.

Era a sala mui vistosa,
Tinha ao fundo amplo bufete
Exhibindo, como tope,
Um *puding de gabinete*.

Accudiu a *velha-rocha*,
Não faltou nenhum vegete,
Pondo todos o seu fito
No *puding de gabinete*.

Os seus brindes e discursos,
Sem resaibos de cacete,
Foram todos alternados
Com *puding de gabinete*.

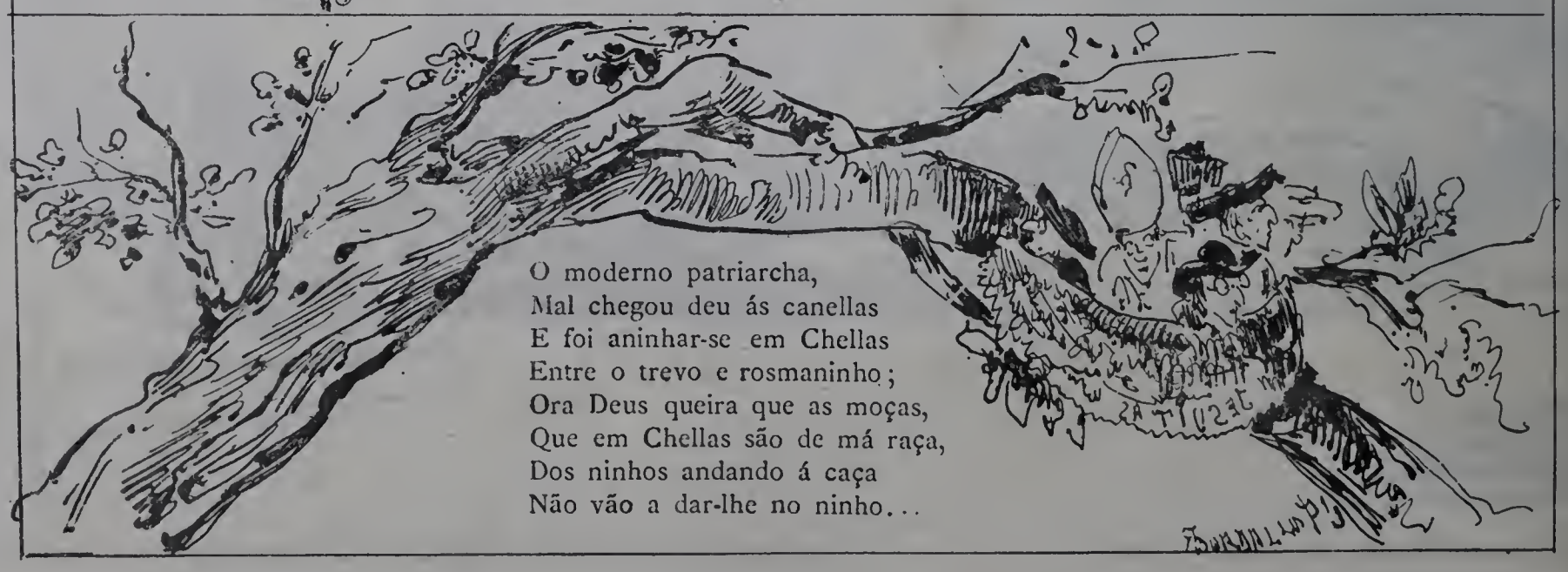
Houve até quem alargasse
A fivella do colete,
Pr'a comer á tripa forra
Do *puding de gabinete*.

Acabaram satisfeitos,
E algum, mais alegrete,
Arrotando, benza-o Deus!
A *puding de gabinete*

Não deitaram foguetorio,
Mas queimaram seu pivete,
P'ra desfarce dos aromas
Do *puding de gabinete*.

Foi *real* a funçanata,
Foi opiparo o banquete;
Houve Porto, houve Madeira,
E *puding de gabinete*.

NOSTRADAMUS.



A verdadeira lenda da Senhora da Rocha, apparecida em Carnaxide a um caçador que perseguia um coelho, é a seguinte:

Primeiro entrou o coelho pela rocha dentro e caiu de

joelhos; em seguida entrou o cão, que igualmente caiu

de joelhos; e logo atraz o caçador que por seu turno tambem caiu de joelhos.

D'ahi por diante foi um cair de joelhos, que até parecia que se acabava o mundo.

Foram todos caindo de joelhos, até que chegou a vez a sua magestade el-rei, mas desconfiamos de que este *caiu*... empurrado pelo senhor Thomaz Ribeiro...

A sua alteza o serenissimo senhor conde d'Ameza

O mundo, meu senhor, não ignorava,
Desde São Petersburgo a Chão do Sal,
Que vossa alteza pelo nome dava
De infante-general.

O referido mundo já citado,
Por mais de uma razão justificavel,
Tambem ha muito o havia baptisado
O grande condestavel.

O povinho, senhor, o *Zé Povinho*,
Que vossa alteza com razão não teme,
Rosnava, quando o via, mas baixinho,
«Lá vae o Come-Créme».

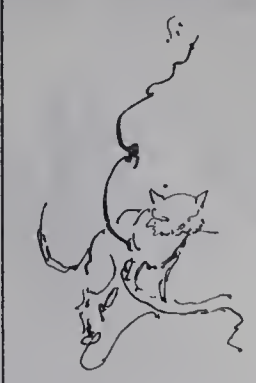
Não fallando nos dotes de bravura
Que o fazem parecer um ferrabraz,
Na sua esbelta, marcial figura
Y muchas cosas mas.

Só faltava que um scelerado, um louco,
Um patife chamasse a vossa alteza,
Segundo no *Illustrado* eu li ha pouco
Oh! céos! — conde d'*Ameza!*

Mas da *meza* de quê? Da meza d'onde?
Será...? Mas qual historia!... É puro invento!
Presumo... pode ser... sim... será conde
Da meza do orçamento?!

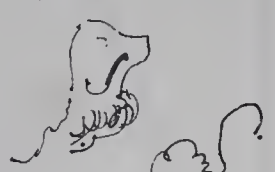
A. FAVA.

Agradecimento e protesto

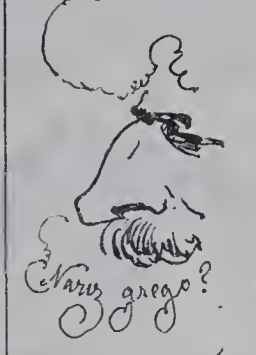


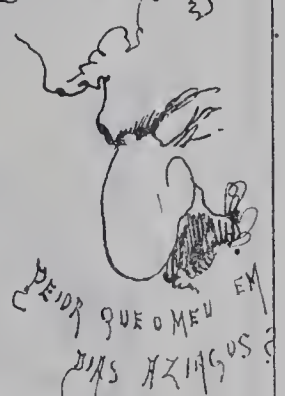
Cá recebi
A versalhada
Abarrotada
De chiste e garbo;
E vi, p'lo melro
Que está de gatas,
Que essas balatas
São do Ruy Barbo.

Quanto ao retrato,
Obra de estalo,
(Ser do Bordallo
A tanto monta)
Tem dos meus modos
Os tons gentis,
Mas o nariz
Não 'stá na conta.

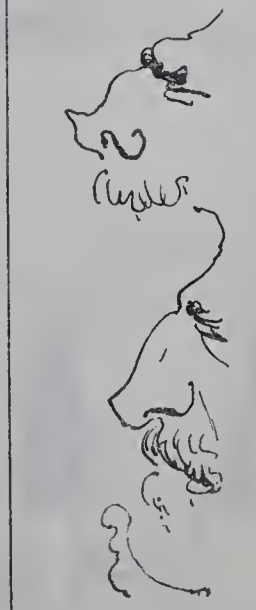


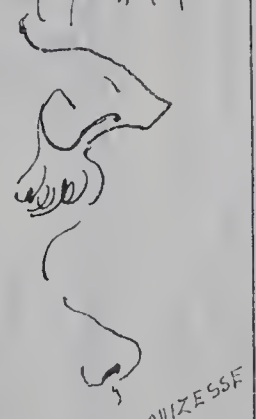
Tudo de resto
Em chiste avonda,
Se bem que esconda
Graça moquenca...
Mas co'o nariz
Faço baralha
Pois não me calha
Aquella penca!





Quando a batata
Assim erravam,
Creio que estavam
Doidos, insanos!
— Não é das graças
Muito felizes
Errar narizes
Em questão d'annos...





Fazer da minha
Gentil batata
A penca chata
D'um vil moleque!...
Aqui protesto
De voz em grita:
— Ó Costa, apita!
Salta o meu beque!

PAN

SECÇÃO PITTORESCA

Decifração do enigma publicado no numero antecedente:

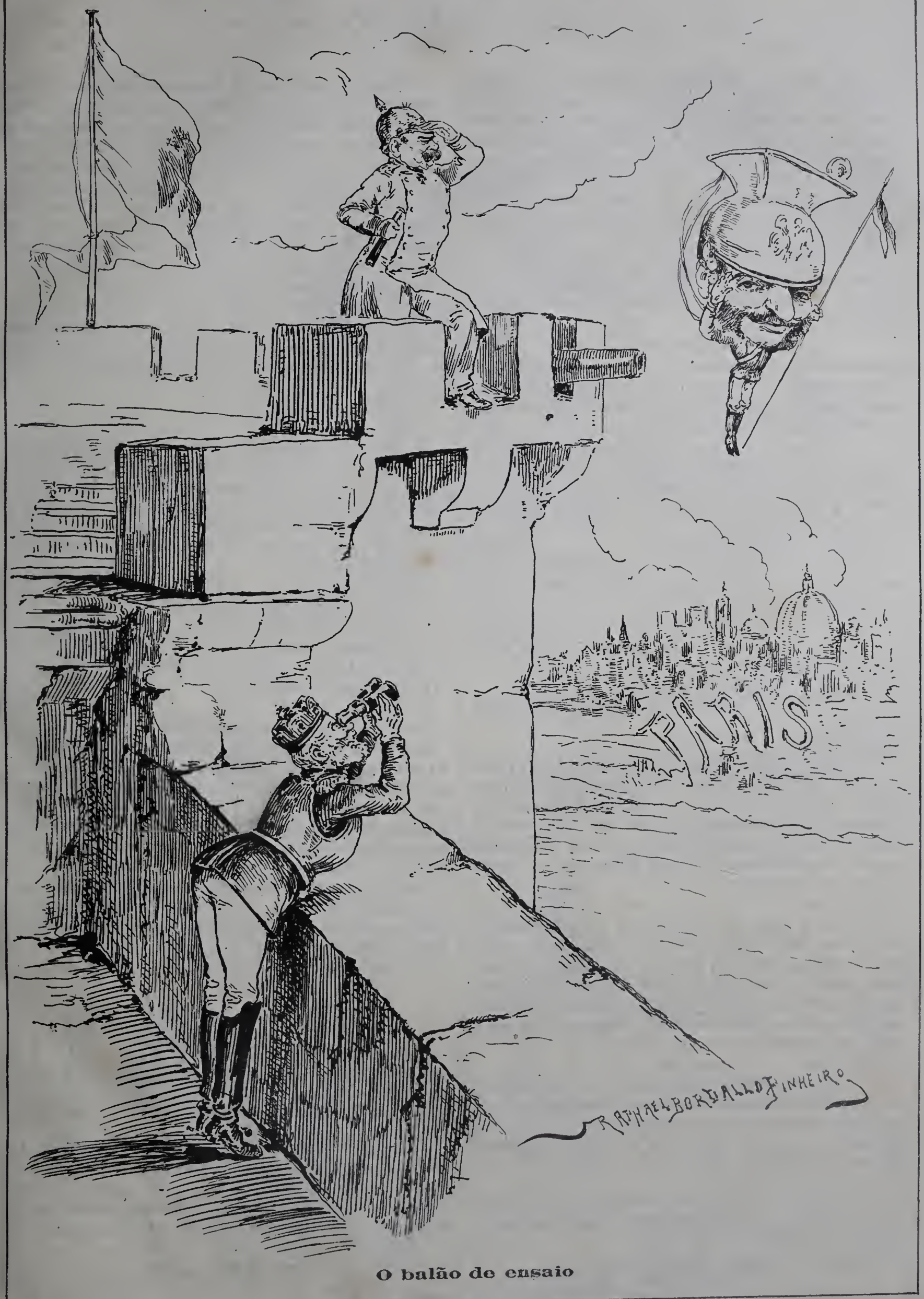
«Antes do mez de janeiro,
Á primeira ventania,
Vem abaixo o pardieiro
Do Largo da Abegoaria.»

A QUE NÓS CHEGÁMOS

Plano para o novo registo da Senhora da Rocha Apparecida, commemorando a epocha em que ella tornou a apparecer.

Este registo alterar-se-ha quando a Senhora appareça outra vez na Sé...

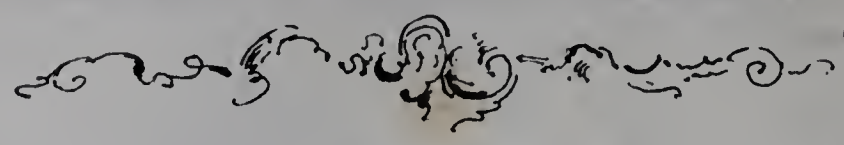
A QUESTÃO FRANCO-ESPANHOLA



O balão de ensaio

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

NO PAIZ DO SYNDICATO



Como as eleições municipaes se approximam a passos agigantados, segundo li n'um periodico muito bem informado e muito pittoresco, já se vae sentindo no ar aquella coisa que, sem fazer medrar a pevide da abobora, como diz Camillo, faz espirrar as pituitarias mergulhadas n'estes assumptos. A altas horas da noite, tem sido visto Almada II sahir, de gola levantada, de varias casas mysteriosas onde conciliabulos rascantes se teem feito, no sentido de endireitar a coisa publica.

E n'isto está resumido todo o programma da futura vereação municipal, que na opinião da actual, é ella mesma.

Graças á infidelidade de um dos eleitos, tanto é verdade que

..... *entre portuguezes*.....

tivemos occasião de assistir à um d'esses conciliabulos, em que a gravidade do assumpto, mais energica ainda do que a gravidade do sr. Araujo, era illuminada pela luz cosida de uma serpentina de vellas de stearina.

— É necessario, é urgente endireitar a coisa publica, rompeu Almada II, pondo-se nos bicos dos pés. Endireitar a coisa publica é trazer a moralidade á administração, a justiça á distribuição das graças, a instrucção á cachola popular.

— Apoiado! balaram os *Carneiros*.

— Endireitar a coisa publica é derribar todas as casas velhas e erguer todas as casas novas. É abrir mercados em todas as praças e praças em todos os mercados. Que nem um só palmo de terreno deixe de attestar... (hum! hum!) deixe de attestar que na época presente um grupo de homens, dedicados...

— De alma e coração, re-balaram.

— ... de alma e coração, aos interesses, aos proprios interesses...

— Mé! Mé!

— ... aos proprios interesses, digo, da cidade da Virgem. Não perguntem d'onde vimos, d'onde venho. D'onde venho?! Venho do maçarico e vou para a apolice; das quitandas dos ourives para as salas das companhias de seguro. Venho do maçarico e vou para onde me levarem os parvos que embarrilo, os tolos que exploro, os *carneiros* que me applaudem.

— Mé! Mé!

— Hei de ir longe, hei de ir alto. Já fui a Vallongo, já subi á torre dos Clerigos. Hei de ir ainda mais longe, hei de chegar ainda mais alto, porque aquelle que endireita a coisa publica, esse merecerá o applauso do futuro e a admiração do presente, e lembrem-se, meus senhores, que ella está nas nossas mãos, que ninguem como nós a póde fazer erguer até á devida altura...

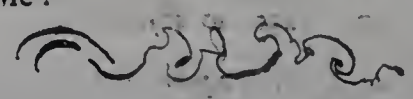
— Mé! Mé!

— ... até á devida altura, digo, das circumstancias; porque, repito, meus senhores, ninguem mais do que nós tem apalpado os sentimentos do povo portuense e o povo portuense é um povo brioso, um povo que não deixará comprometter aquelles que....

— De alma e coração.

— ... de alma e coração se dedicaram, incansavelmente, a pôr as coisas nos seus verdadeiros e respectivos logares.

— Mé! Mé! Mé!



Os jornaes migueleiros de Braga affirmam que o Porto acaba de manifestar o seu amor pelo legitimo sr. D. Miguel II, penitenciando-se do seu passado revolucionario e liberal. Se os nossos illustres compatriotas da riba d'Este entendem que o sr. D. Miguel, rey, é o rodovalho com môlho de camarão, que os seus correligionarios de diversas localidades vieram comer ao restaurant do Palacio de Crystal, então estamos plenamente de accordo, porque o pobre peixe e o respectivo môlho foram devorados com um amor todo particular e quente. E tanto assim, que diversos clerigos foram vistos de batina roçagante e ceroulas esticadas, batendo o bello can-can na Ilha dos Amores do largo do Moinho de Vento. Se tudo isto era amor pelo sr. D. Miguel, não o sabemos nós, mas que os camarões eram o diabo, isso sabem-o elles e certificam-o ellas.

* * *

O Porto não é inventivo, porque ser inventivo é ser trabalhador de cerebro, e nós detestamos a especialidade. Se um malaventurado arriscou uma palavra, basta uma palavra, que tenha uma certa sonoridade, eil-a que desata a correr, para só parar no amago das coisas liquidadas. O furor todo agora cae sobre a denominação — Moderno.

Nós já tinhamos

A Escola *Moderna*

A Vida *Moderna* (vide Castanheira)

A Bibliotheca *Moderna*

A Pharmacia *Moderna*

e estão promptas a abrir — *great attraction!*

A Photographia *Moderna*.

A Livraria *Moderna*.

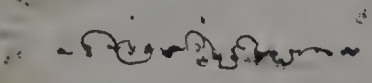
Foi o que se deu com os confeiteiros.

Não sei ha quantos annos, um benemerito *Palaia* abriu na rua do Bomjardim, a antiga rua da moda e dos christos de pedra, uma loja de doçaria. Mais tarde appareceu uma outra successora da *Palaia*, e se alguem entrar hoje n'aquella rua verá que, porta sim, porta não, ha uma confeitaria que ou é *Palaia*, ou perto da *Palaia*, ou pelo systema da *Palaia*, ou em frente da *Palaia*.

Palaia é, portanto, uma dynastia de confeiteiros, que terá a delicadeza de me mandar um bello cake pela Paschoa, porque não ha reclamo desinteressado, nem jornalista que não seja guloso.

João Broa.

Afim de evidenciar d'uma maneira bem accentuada as virtudes milagrosas da agua de Nossa Senhora da Rocha, o governo vae escripturar coxos, tortos, marrecas e aleijados, que serão mergulhados na piscina, d'onde sairão todos sãos como um pero — quando não está tocado.



O RUSTICO E A COBRA

(Trad. de Esopo)

Um rustico uma cobra achou na neve
Em risco de expirar em tempo breve:
Compassivo na choça a recolhia,
E fogo pelos lados lhe fazia.
Aqueceu a maldita de maneira
Que já pouco contente da fogueira
Na cabana pregou taes assobios,
Que fez fugir alguns de medo frios.
O rustico, que ouviu tal matinada,
Extendeu-a com uma cacheirada.
— «Oh!» (dizia) «é tão mal agradecida,
«Que pretende matar quem lhe deu vida!»

(Fabulas e apologos)

COUTO GUERREIRO.

O PARVONEZ E A COBRA INGLEZA

Lá p'ra as bandas do Zaire, grande rio,
Uma cobra britanica, pintada,
Entrou mal se arrastando, atomatada
Pelo feroz rigor do inverno frio.

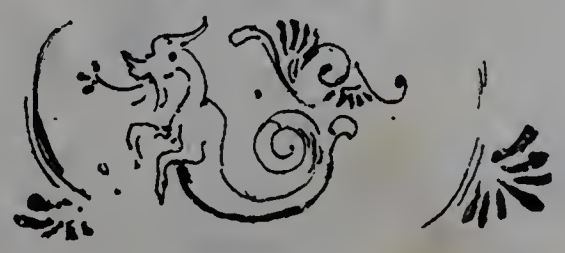
Um bronco parvonez, que viu a cobra
Fazendo zig-zagues, em tremores,
Foi da cama tirar os cobertores
E mui bem a abafou. — Fez boa obra.

Apenas a maldita se reanima
Depois de uma hora estar no logar quente,
Ferra no bemfeitor o agudo dente
E impinge-lhe o veneno, que o dezima.

O Stanley é a cobra; o parvonez
E' mano de qualquer dos meus leitores.
—Que vem a ser então os cobertores?...
O agasalho que ao bicho ousado fez.

Abre hoje no Chiado a tenda de Anselmo Franco, decorada pelo eximio pintor Pereira Junior em estylo etrusco.

Lá iremos pedir-lhe que nos venda das suas amphoras meio litro de azeite doce, certos de que os generos não serão tão antigos como o estylo que lhe guarnece a loja.



Recebemos do dr. J. M. da Cunha Seixas um livro verdadeiramente extraordinario e que se intitula O PANTITHEISMO NA ARTE.

É um livro que o leitor só deve ler fechado — no seu quarto e com a recommendação de que não deixem entrar ninguem nem façam chorar os pequenos.

E senão, oiçam:

«Os sentidos, portadores
Do patente,
Só são orgãos veladores
Para a mente
Das ideias recipiente.»

«Mas só o espirito pensa
Por lei sua,
É só n'elle a luz immensa,
Que fluctua
E as ideias effectua».

«É o espirito a unidade,
Summo laço,
Que á dissolta variedade,
Como abraço,
Impõe a lei do compasso.»

«E surge então a harmonia
No universo:
Ella, sempre luz e guia
P'ra o diverso,
O uno traço no disperso.»

Já leram? Ora digam-nos agora se o homem não é um pantitheista de alto lá com elle.

A ABERTURA

ROBE

Castelmary

Um Bertrand elegantissimo que canta para o lado esquerdo; mas como o tenor canta para o lado direito afinam com a Borghi que canta em O.

Tudo na mesma, excepto a luz electrica cujo reflexo frio e pallido dá ao theatro o aspecto de uma exposição de figuras de cera. Todas as mulheres parecem de cera! até a corista gorda; se lhe mettessem um pavio dava um cyrio bem bom para levar a Nossa Senhora da Rocha.

Esta corista botou pano de *crochet* em cima da barriga. A idéa do *crochet* não póde deixar de representar um tributo de sympathia pelas manas perliquitetes.

Borghi Mamo traz a voz muito mais volumosa e o nariz muito menos volumoso; parece que fez premutação de nariz por voz no que realisou bem bom negocio.

O tenor Ortisi é uma b voz e um bom sujeito; as pern e os braços nem a cordelinho t balhavam com mais perfeição. scena dos tumulos, contrascenan com a elegantissima Cazati chegc causar delirio.

S. CARLOS

A Bellincioni não presta. É formosa, elegante, fina, e canta perfeitamente, o que rouba aos dilettanti o ensejo das discussões, por agradar a todos sem distinção. Decididamente não presta.

Pedimos á auctoridade que faça sentir á luz electrica que não sendo, como não é, espectador, não lhe assiste o direito de se pôr a assobiar quando os cantores lhe não agradem.

Tanto mais que o senhor Costa Apita, que é assignante do paraizo, dá o diabo á cardada com aquellas allusões malevolas e inconvenientes.

Os espectros, de costas, parecem trouxas de roupa que vão para a lavadeira.

De perfil representam uma allusão muito pouco delicada ao sr. infante D. Augusto.

ALMANACH CENTO E TRES

Cento e sessenta paginas rimadas era para se apanhar uma indigestão de versos se a peptona do bom chiste não tornára facil e agradavel o trabalho digestivo. Assim, até parece que se fica com fome quando se acaba de ingerir aquella panellada de alexandrinos e redondilhas. .

Toda essa epopea inteira,
Satyras, contos, balatas,
Que tu leitor ali vês,
Fel-os o Pedro Moreira
A vender oiros e pratas
Na rua Aurea **103!**

Fel-os é modo de dizer; agarrou-os, pilhou-os, collecionou-os deitando a rede, o gancho, a fatecha a todos os poetas que lhe passavam pela porta; a todos os bons, está bem de vêr; Francisco Palha, Pinheiro Chagas, Eduardo Vidal, dito Coelho, Argus, Ruy Barbo, Antino Vigas, Zé Ignacio, João de Mattos, todos emfim os da velha guarda humoristica, que são os melhores, por isso mesmo que são os velhos, porque isto de poetas corre parelhas com os vinhos: quanto mais antigos e empoeirados mais apreciados e saborosos.

O *Antonio Maria*, que tambem tem um *almanach* a sair do estaleiro, sauda o do **103**, que já navega em mar de rosas porque n'elle trabalhou um arsenal de bons artistas, ao passo que no do *Antonio Maria* está trabalhando apenas um calafate.

O bode

Quando a Santa aos bambaleios
O portal transpoz da Sé,
N'um arranco de alegria
Fez o bode logo — *Mé!*...

Sendo todos embarcados,
A' excepção de Pae-Burnay,
Inda lá em Carnaxide
Repetia o bode — *Mé!*...

Indo a chusma já mui perto,
(Ao passar p'ra além d'Algés),
Teve o bode um tal arranco,
Que soltou... trezentos *Més*.

Depois, quando Mesquitella
S'estendeu, mais o *coupé*,
Houve um riso achincalhado...
Era o bode a fazer — *Mé!*...

Ao beber *de cavallinho*
Certo Anão *um capilé*,
O bom chibo zombeteiro
Fez tres vezes — *Mé! Mé! Mé!*...

Vendo o *Caro* de bochechas,
A assoprar n'um *flajolé*,
Deu ao côto, apresurado,
Sem deixar de fazer — *Mé!*...

Ao festeiro mais bojudo,
Que deitava *busca-pés*,
No trazeiro equilibrado,
Fez por junto... cem mil *Més*.

E por fim, ao deparar-se-lhe
Frei Thomaz co'a lyra ao pé...
Francamente, não sabemos
S'*espirrou*, ou se fez *Mé!*...

Este chibo é um portento,
Um prodigio, olá se é!
De *S. Bento* um — Apoiado!
Vale menos que o seu — *Mé!*...

Nas futuras eleições,
Se na egreja houver *banzé*,
P'ra chamar o povo á ordem,
Gritará do côro — *Mé!*...

Se o sacrista, á ladainha,
Invocar a S. Thomé,
Podem crer, que, entoadinho
Clamará: — *Mé... Mé... Mé-Mé!*...

Se á Santinha gran milagre
Fôr pedir algum *Mané*,
Como o bode é tartamudo,
A resposta será — *Mé...!*

NOSTRADAMUS.

Sua magestade el-rei, não podendo realisar as reformas politicas que o paiz está exigindo, resolveu-se a pôr em pratica as reformas capilares que a sua real cabeça reclamava.

Com o modesto penteado que hontem lhe surprehendemos, sua magestade parece mais um donato insignificante e obscuro de que um monarcha laureado e conhecido.

Ora vejam isto

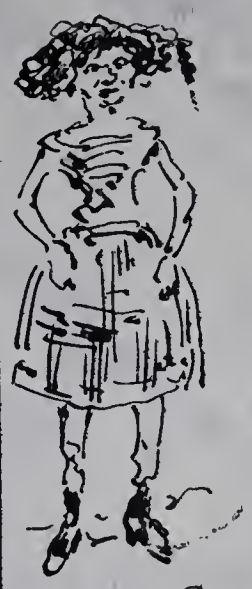
Noblesse oblige e el-rei depois de manifestar publicamente o seu amor entranhado e a sua carola devoção pela imagem de Nossa Senhora da Rocha entendeu, e com todo o criterio, que mais publicamente devia significar ainda esse entranhado amor e essa devoção carola atirando para o sotão das coisas velhas com a sua corôa de reinante, agora substituida pela corôa da tonsura.

Sua magestade está um donato dos quatro costados, chega até mesmo a parecer que não nasceu para outra coisa, mas o demonio do bigode é que desmancha em grande parte o aspecto caracteristico da compostura geral.

Assim, atrevemo-nos a pedir a sua magestade que faça á Senhora Apparecida o sacrificio do bigode como lhe fez o da *ganforina*...

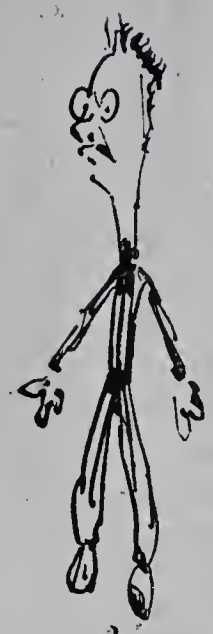
Usar casquilho bigode
Quem é donato ou noviço
Da confraria do bode,
É coisa que se não pode...
Rape isso, senhor, rape isso,
Pois que é donato ou noviço
Da confraria do bode....

O fogo no pim pam pum



Em verso triste
Aqui registro
Hoje um sinistro
Pouco commum:
Na feira arderam
Como fasquias
Trez companhias
De pim pam pum!

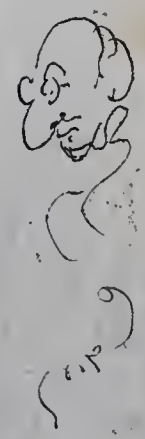
E das barracas
Dizem os donos
Que entre esses monos
Feitos de andrajos
Havia o Fontes,
O grande Iborra,
Hintze, Bazorra,
Mais outros gajos!



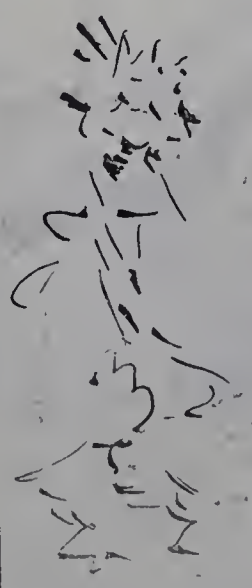
Foi o Bazorra
Que ardeu primeiro,
Deitando um cheiro
Tão mau e cru,
Que os assistentes
Disseram logo:
— Lá pegou fogo
N'algum bahu...

Seguiu-se Iborra
Que ardeu de manso;
Cheirava a ranço
Como o demonio!
— Por tal cheirete
Julguei que ardia
A archeologia
Do Possidonio.

Depois o Hintze,
Vermelho em lava,
Inda saltava
Zumba catumba!
— É que os ilhéos,
Conta um dichote,
Té dão pinote
Dentro da tumba...



Fontes, que estava
Junto ao tapume,
Pegou-lhe o lume
Pela cintura,
E elle eriçando
Negras farripas
Mostrou as tripas
De serradura!



Dizia o povo
Unido aos montes:
— Té que do Fontes
'Stamos escapos!...
Illusão triste,
Triste chimera...
Se o Fontes era
Fontes de trapos...

PAN.

A MEADA DA BEIRA

– Lá me embrulhou a meada!
Isto é partida de pulha!...

-- Ora adeus! Não vale nada...
Cá está quem n'a desembrulha...

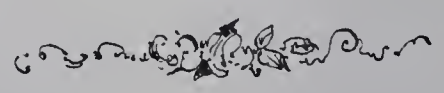
O PIANISTA REY COLLAÇO

Pagina dedicada á Sociedade Phylantropico-Academica

No dia 24 do corrente terá logar em Coimbra um concerto offerecido pelo notabilissimo pianista Rey Collaço, um artista laureado em Paris e Madrid e um moço attrahente que conta os amigos pelos conhecimentos, revertendo o producto d'esse concerto a favor da Sociedade Phylantropico-Academica, uma das mais uteis instituições do nosso paiz. Será uma festa sympathica como sympathico é o seu promotor e o seu fim, e para assistir á qual iremos expressamente a Coimbra como um grande numero dos nossos amigos e collegas.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

Não podemos furtar-nos a deixar aqui um testemunho de sentimento pela perda do nosso bom amigo e distincto collega o desenhista Off, ha pouco fallecido no Rio de Janeiro. Vivendo, como sempre viveu, pobre, o malogrado moço não poude legar aos seus muito mais do que esse patrimonio do artista que se chama a miseria. Valer-lhe-ha o soccorro expontaneo e generoso dos artistas brazileiros, entre os quaes citaremos os pintores Valle e Angelo Agustini, a quem pedimos licença para associar-nos, no estreito limite das nossas forças, no empenho de minorar quanto possivel as circumstancias tristemente deploraveis da familia do nosso commum e infeliz amigo.



NO PAIZ DO SYNDICATO

Ha dias um gatuno que já se achava mettido sob ferros d'el-rei, que pelos modos são menos confortativos do que o ferro Bravais, roubou a um companheiro de carcere uma moeda de 4$500 réis. Não ha como o Codigo Penal para produzir uma acção moral nos povos e collocar as sociedades sobre uma base verdadeiramente humana e justa. Isto faz-me lembrar os bons tempos do decantado regimen do sr. D. Miguel em que os espectadores das execuções pelo crime de roubo vinham da praça para casa sempre sem o relogio e sem o lenço. Mas o olho vigilante da policia viu que o rapaz, para esconder a peça em logar seguro, mettera-a na bocca e — glu-glu — passára-a para o estomago. A esphera de acção da nossa policia não é determinada por limite algum. Assim como a santa madre egreja póde interferir na actividade psychologica do animal-homem, assim igualmente a policia póde e deve interferir na passagem dos objectos furtados por todas as canalisações e tubos do apparelho digestivo. Uma guarda foi collocada, dia e noite, ao lado do larapio, na segura esperança de que a libra havia de ser expulsa no praso marcado para as digestões difficeis.

Quatro horas depois da deglutição, a vigilancia da guarda era finalmente coroada de bom exito. Examinado o delinquente, a seguinte participação foi remettida para o commissariado geral de policia:

— «Ex.mo Sr. Tenho a honra de participar a V. Ex.ª que, depois de diversas contracções abdominaes, acaba de apparecer a lume obra de 2$250.»

Ora o caso que nos parece perfeitamente á altura da gravidade, passaria despercebido e fóra do alcance da critica se algumas questões graves não se relacionassem com os seus resultados, e principalmente com a doutrina policial em que se baseou tão picaresca medida. Em primeiro logar, a vera effigie de sua mesgestade a rainha Victoria, que se conformou de ha muito a preferir a liberdade que nós lhe dariamos pela encarceragem soturna das burras, recebeu com ataque violento, um insulto grosseiro que nem se harmonisa com a maneira de proceder para com senhoras, nem se coadúna com a amisade das nossas relações com o gabinete britannico.

Um vaso de barro não é precisamente *l'écrin le plus propre* para o retracto das damas. E tanto assim que mr. Oswald Crawfurd, muito digno representante da Grã-Bretanha junto do paiz do syndicato, teve uma conferencia com o sr. Adriano de Moraes, commissario de policia. Pelo menos vimos passar uma trombeta acustica para as trazeiras da Casa Pia.

Em segundo logar, as boas theorias devem ser excellentes em toda a amplitude das suas applicações logicas. Assim teremos nós de applicar a um sem numero de factos politicos e sociaes a guarda armada da nossa força publica. A um sem numero de factos? A toda a operação digestiva da sociedade portugueza.

O sr. Anselmo Braamcamp, por exemplo, que engoliu a pasta da Granja, não deve ser guardado á vista, bem como todos os reformadores d'aquelle tracto da costa?

Á hora propria, o cabo de vigilancia officiará para o ministerio:

— «Ex.mo Sr. O parto está sendo puxado a ferros; appareceu agora o capitulo relativo á liberdade eleitoral. Esperamos dentro em pouco aquelle que resa do suffragio universal. Mas sempre lhe direi que nem tudo isto cheira a rosas.»

Nas mesmas circumstancias o telegrapho participará do Porto:

— «Ex.mo Sr. O sr. José Augusto Correia de Barros está dando mostras de uma certa agitação intestinal. Ouvem-se lá dentro coisas. Á porta ha um piquete de cavallaria. O enfermo diz que a posição de Anna Brites não se lh dá com o estomago. N'este momento entram alguns s nhores vereadores acompanhados de algumas damas praticas que veem assistir a tão laboriosa operação. Á cabeceira do enfermo acham-se as senhoras Amelia de Menezes, Genoveva Mena, Joaquina Ramos, Maria da Costa Lima e Rosa de Mattos. Varios clinicos illustres teem esgotado o cathalogo dos laxantes, mas sem resultados apreciaveis. *O plano dos grandes melhoramentos* é rebelde a todas as acções purgativas. Certamente é necessaria a operação cesariana. O sr. dr. camarista Arnaldo Braga está n'uma consternação, e todos os *carneiros* soltam dolorosos balidos.»

Já vê o sr. commissario de policia do Porto, que mandou pôr guarda ao larapio que enguliu a libra, até que ponto póde levar a doutrina apresentada por s. ex.ª Isto é grave. A época não corre de feição aos reformadores. Imagine s. ex.ª quantas pillulas Déhaut teria de absorver o sr. presidente do conselho para descomer o famigerado projecto das reformas politicas!

Á ultima hora.

Chega-me uma informação grave.

O sr. governador civil, querendo fazer extensiva aos presos politicos a nova theoria policial, acaba de pedir uma guarda ao sr. Brederode, recommendando-lhe que colloque uma praça dia e noite ao lado de um robusto fradalhão pertencente á Associação Liberal. Mas o sr. Brederode, que não comprehendeu bem o serviço, como sempre, acaba de mandar ao sr. governador civil o seguinte officio:

— «Ex.mo Sr. Tenho a communicar a v. ex.a que é bastante delicada a tarefa de que me encarregou. De dia a vigilancia póde ser feita a uma certa distancia, mas de noite, mas de noite, excellentissimo senhor, é necessario por assim dizer estarmos a cavalleiro sobre o assumpto. De resto, como as noites estão frias, preciso de levantar uma guarita para a guarda. Pergunto portanto a v. ex.a, que vistas todas estas circumstancias, em que ponto me hei de firmar para seguir de perto todas as evoluções da operação.»

O sr. Brederode nunca se viu em taes apertos; pois que se alargue.

João Broa

Ave, Cesar Augustus!

ou

Singela quão despretenciosa cantiga em verso expressamente escripta para o superabundantemente grande general conde d'*Ameza*, em homenagem do seu ditoso regresso.

Sê bem vindo, ó grandissimo infante,
Ao torrão d'Appar'cida e do atum,
Que por ti suspirava anhelante.
Pim! Pam! Pum! Pim! Pam! Pum! Pim! Pam! Pum!
(troar de canhões)

Quem possue o seu nome na historia
Vinculado a combates sem fim,
Já não pode co'os louros da gloria.
Ratachim! Ratachim! Ratachim!
(som de phylarmonicas)

P'ra que foste a correr longes terras,
Com o teu adorado papá?
P'ra assistir a batalhas e guerras.
Trátátá! Trátátá! Trátátá!
(toque de cornetas)

Toda a pobre nação *parvoneza*,
Desde a noite ao romper da amanhã,
A berrar pelo conde d'*Ameza!*
Rataplam! Rataplam! Rataplam!
(rufar de tambores)

Quem é que ousa esconder-te as façanhas,
Se és mais bravo que o bravo leão?
Salve! Salve! Terror das montanhas!
Badalão! Badalão! Badalão!
(bimbalhar de sinos)

Eu saúdo-te, ó genio terrivel,
Com o affecto mais forte e vivaz.
Chegas mesmo a par'cer impossivel.
Chipáspás! Chipáspás! Chipáspás!
(estoirar de foguetes)

Salve, pois, ó feroz valentão,
D'este nobre e cheiroso jardim!
Trátátá! Pim! Pam! Pum! Badalão!
Rataplam! Chipáspás! Ratachim!
(grande harmonia final)

A. Fava.

O ABOLICIONISMO

Por Joaquim Nabuco

O mundo não é de todo mau, quando ainda ha um homem que consagra toda a sua actividade, toda a sua intelligencia, toda a sua vida á defesa de um bom principio.

Joaquim Nabuco, deputado brazileiro e um formoso rapaz que parece ter nascido na Andaluzia e ter sido educado nos melhores salões de Paris ou de Londres, podia muito bem ter feito da politica um caminho para chegar a nomear patriarchas como o sr. Julio de Vilhena ou a fazer cyrios como o sr. Thomaz da Rocha Apparecida ou a fazer tolices como o sr. Bocage: se tivesse menos elevadas aspirações podia ter-se contentado com uma carta de conselho, ou com um logar rendoso lá no seu paiz; e podia finalmente ganhar a sua vida com secos e molhados ou governar paternalmente uma roça de chicote em punho. Preferio a tudo isto sacrificar a sua mocidade, e quaesquer ambições de engrandecimento pessoal, ao trabalho improbo de combater a todo o transe pela libertação de uns milhões de homens que ainda hoje existem escravisados. Ergueram-se contra elle as maldições dos traficantes de carne humana e talvez nem sequer tivesse como compensamento o agradecimento das victimas, tão bestificadas pela escravidão que é possivel que tivessem perdido o sentimento dos seus proprios direitos.

Mas Joaquim Nabuco teimou na sua propaganda, alentado por uma consciencia valorosa e honrada e de triumpho em triumpho conquistou o posto de caudilho da emancipação dos escravos. Este posto deve ter-lhe rendido muito menos do que uma boa venda de negros, mas ha de ter-lhe dado algumas horas de satisfação que paguem annos de dissabores e de lucta.

O *Abolicionismo*, livro que Joaquim Nabuco acaba de publicar, é um importante trabalho litterario e philosophico em que são comprehendidas as nobres e magnanimas idéas do auctor. Ha de ficar na historia d'este seculo e na do Brazil como documento que honre tanto um como o outro. Apertamos a mão a Joaquim Nabuco, felicitando-o pelo seu livro, que é como que o evangelho da emancipação.

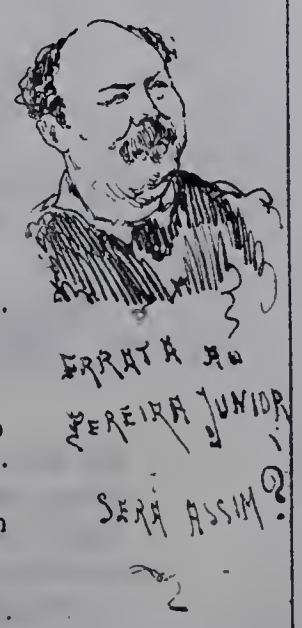
Errata

Errámos o nome
No num'ro passado
Á loja que o Franco
Abriu no Chiado.

Agora nos cumpre
Fazer esta emenda:
A loja em questão
Não foi nunca tenda.

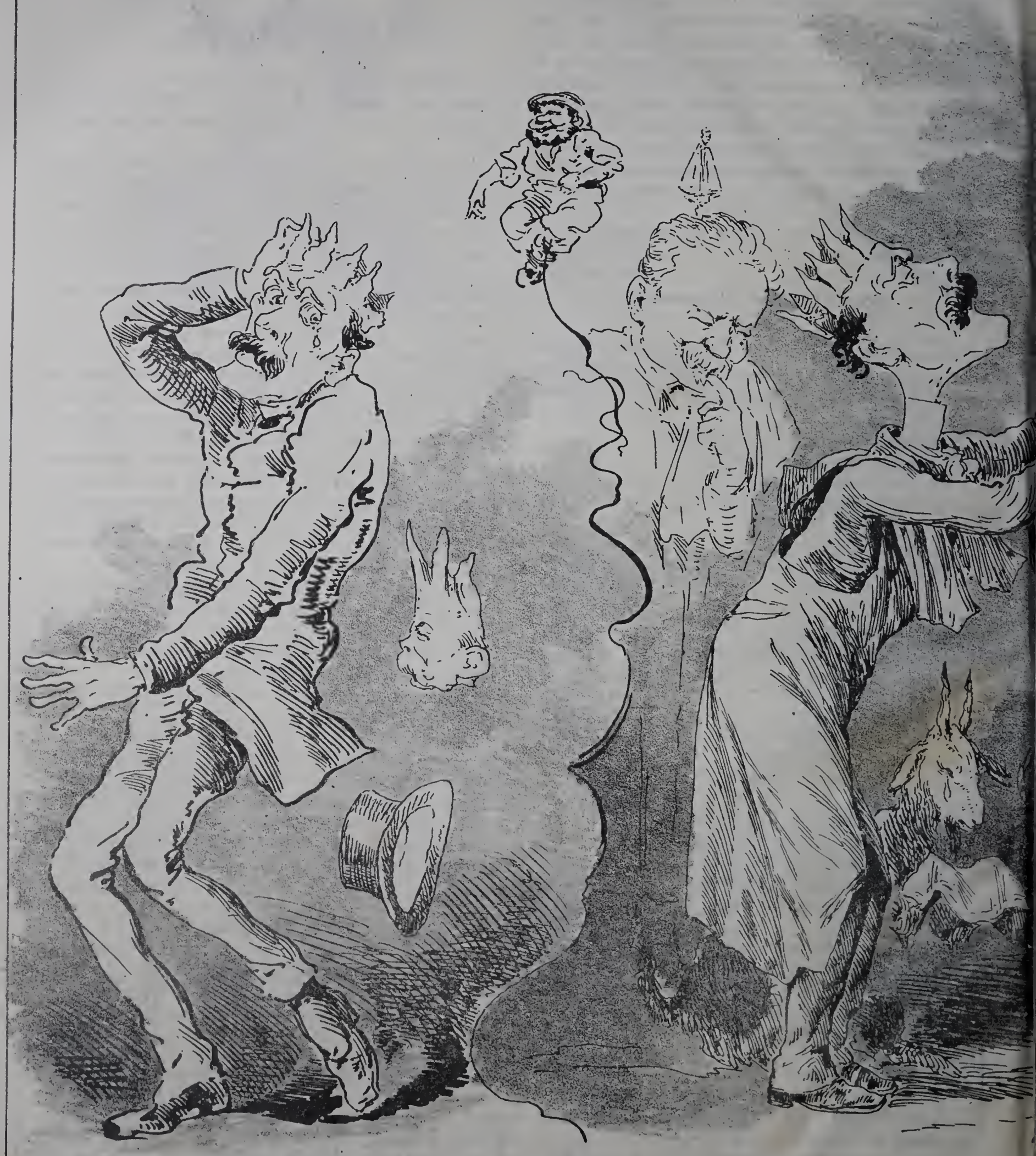
É loja de vinhos,
Licores e chá,
— Do mais superfino
Que a China nos dá.

Por isso lhe chamam
E se denomina
A loja catita,
A Joia da China.



OS ACONTECIM

A demissão d



Já diziam que tu eras
Falto de caco e juizo...
Agora que mais esperas
Se hoje perdeste deveras
O ultimo «dente do siso»?...

— Brio e ver
Eu pasmo d
Commigo nã
Tomem lá es
P'ra o jardin

)S DA SEMANA

ernador civil

a na cara!
hiração!
acclimára...
avis rara»
acclimação...

—O outro deixou-a... pois isso
Foi mesmo o que me convinha...
De novo a cabello riço
E torno a botar derriço
Co'a a «Chica da Parreirinha...»

É bico ou cabeça?

Então que é isto!
O patriarcha
P'ra França embarca.
Vae aprender?...
Pois dás á egreja,
Julio finissimo,
Eminentissimo
Sem saber ler?!...

Pois não achaste
Melro d'estola,
De entrar na escola
Sem precisão?...
Acaso os padres
De nedios lombos
São todos rombos
N'esta nação?!

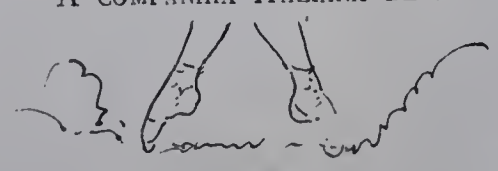
Não tinhas, dize,
O prior da Lapa,
Que dava um papa
De *ri-pi-piu?*...
Monsenhor Pinto
Que, mui sisudo,
Nos pintou tudo
Que em *Lourdes* viu?!...

Um patriarcha
Que a sêl-o aprende???!!
Pois não se offende
A egreja assim???!!
.....
Antes o padre
Do Alviella,
Grande em guela
Como em latim.

THEATROS

Coliseu dos Recreios

A COMPANHIA ITALIANA DE MIMICA



É um passatempo delicioso para velhos e crianças.—Para as crianças, cujos pequeninos corações sangravam ainda de saudosa recordação pelos mimicc dos bons tempos que não vão longe, quando na barraca dos Dallots se representavam as mais engraçadas pantomimas e nos theatros de primeira ordem se punham em scena os dramas mais commovedores, isto é, quando Joaquim Confeiteiro ainda não se fazia applaudir nos papeis de centro, nem Sarah Bernhardt causava delirio a explicar-se por gatimanhos. — Para os velhos, cujos corações já resequidos expremeram ainda uma lagrima de saudade pelos melhores tempos que não vão perto, quando o senhor Fontes cursava com aproveitamento notavel o terceiro anno do collegio militar e as avós das actuaes bailarinas dançavam segundo o parecer d'elles com muito mais graça e muito menos algodão.

Nós, que não nos chamamos velhos nem crianças, porque a vaidade nos não deixa comparar-nos aos primeiros e uns cabellos brancos não querem que nos cheguemos para as segundas, pedimos licença para omittir a nossa opinião sobre aquelle genero de divertimento.

Limitamo-nos apenas a citar como dignos de menção os quadros vivos e a scena das borboletas do baile phantastico intitulado *A Rosa Magica*. Os quadros são na verdade notaveis; uma elegancia, uma correcção e uma firmeza verdadeiramente de pedra. Prouvera a Deus que o senhor Fontes tivesse em principios tanta firmeza como aquellas figuras teem em musculo — porque lá elegancia e correcção nunca faltaram a s. ex.ª — A scena das borboletas, sendo aliás d'um bello effeito scenico, pareceu-nos comtudo inconvenientissima depois das ordens que a tal respeito havia dado o senhor governador civil recentemente demittido: ou bem que se caçam borboletas no Rocio, ou bem que se deixam andar aos cardumes pelo palco do Coliseu...

Affirma-se até que fora em vista de semilhante desconsideração que s. ex.ª o senhor governador civil pedira a sua demissão; é isto pelo menos o referido pelo sr. Fontes, cuja boa fé o não deixa acreditar que um governador civil peça a sua demissão por uma simples questão de brio...

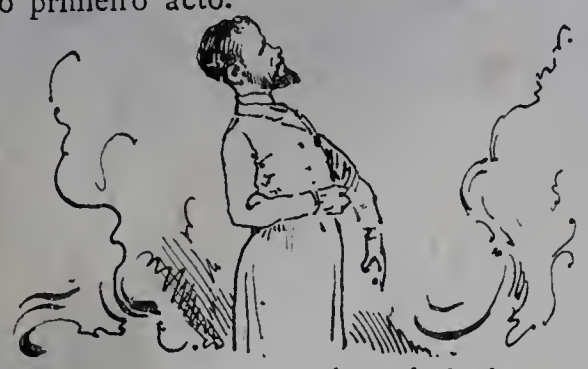
***

Theatro de D. Maria

O SENHOR MINISTRO

Fomos para lá o que verdadeiramente se chama de pé atraz. Aquelle titulo de *O Senhor Ministro* indispoz-nos muito contra a peça que ainda não viramos, ao ponto de receiarmos que todos os crystaes do lustre desabassem sobre nós n'uma chuva de contribuições ou que o camaroteiro nos lançasse o addicional de vinte por cento para estradas na cobrança do bilhete. Porque, é preciso que o declaremos, não imaginavamos que *O Senhor Ministro* fosse outro senão o sr. Fontes ou o sr. Hintze Ribeiro; e a cada passo nos sobresaltava o temor de os vêr entrar, ou um ou outro, ou mesmo os dois juntos, — o que seria a peior das calamidades.

Felizmente *O Senhor Ministro* é simplesmente o João Rosa, o que nos serenou o espirito logo ao descer do pano no primeiro acto.



A peça, que se encapota sob o titulo innocente de comedia de costumes, é uma satyra mais aguda e mais fulminante de que quantas *revistas* se teem representado. Imaginem um ministro que se deixa levar nos olhos aveludados e nos requebros seductores d'uma formosa peccadora e que a bem dizer lhe faz presente da pasta para ella dispôr a seu talante dos empregos e conesias em proveito de compadres e afilhados, e digam-nos depois se tudo aquillo não é uma perfeita carapuça para servir em varias cabeças, como os chapeus de aza de mosca...

Foi pelo menos esta a opinião de grande numero de espectadores. Os restantes protestaram, alegando que o ministro, opesar de doidivanas, era homem ás direitas e caracter honestissimo, o que exclue toda a ideia de que a peça tenha a menor referencia a qualquer dos nossos homens politicos.

Pela nossa parte, não vamos com uns nem com outros; mas, admittida a hypothese de que a rasão esteja do lado dos primeiros, pedimos ao Maximiliano d'Azevedo que accrescente um quadro final á sua bella producção, o que fazemos em forma de *memorial* attento o cunho perfeitamente burocrata d'aquella peça.

Segue o memorial:

Illustrissimo Senhor:
Diz Fulano e tal et cet'ra,
Que se a coisa justa for
Queira attender o favor
Que o supplicante lhe impetra.

Sendo um trabalho bem feito
Aquelle *Senhor Ministro,*
Noto comtudo um defeito
Que aqui, com todo o respeito,
Exaro, lanço e registro.

E peço em memorial
Que os seus esforços envide
P'ra que aquelle acto final
Acabe com o arraial
Da festa de Carnaxide...

De praser ficarei rubro
Caso este gosto me dê;
Respeitoso me descubro,
Lisboa tantos de outubro
E receberá mercê...

PAN.

Á Camara Municipal

Como em delirio de febre
Eu sinto dia p'ra dia
Que adoro mais o casebre
Do Largo da Abegoaria!

Tenho lascivos desejos
E ás vezes dá-me na telha
De devorar com meus beijos
Aquella parede velha!

(Mas do amor que me devora
Por tal *velha*, em febre ardente,
Não julgue o Fontes agora
Que eu seja seu concorrente...)

O puro tom campesino
N'essas casas se revela:
Sempre á janella um menino,
Sempre um cueiro á janella!

Sempre uma esvelta criada
Catando á porta um pimpolho,
Sempre a senhora á sacada
Matando o bello piolho...

Sempre um lençol que está farto
De persevejos e traça...
Sempre um capacho de esparto
Sobre o chapeu de quem passa!

Sempre um néné com tenesmo,
Bexigas, febre ou sarampo...
Vive no Largo é o mesmo
Que estar vivendo no campo...

Constou-me n'este momento
Que a gente que ali reside
Vae pedir p'ra complemento
O bode de Carnaxide...

PAN.

Correspondencia

Nostradamus. A coisa tem graça mas não pode ir por falta absoluta de espaço e mesmo porque não temos muito empenho em que o *homem* vá escrever o segundo volume para Rilhafolles.

THEATRO DE D. MARIA

O senhor ministro

É uma peça para ser ouvida na arcada do Terreiro do Paço e vista na montre de madame Aline. De resto, um dialogo interessante, um desempenho perfeito e uma mise-en-scène correctissima como tudo que sae das mãos do Aristides e do Augusto Rosa.

SCENA FINAL

Da magica «Nossa Senhora Apparecida»

Á pancada de *tan-tan* sobe o panno de fundo e apparece a *Senhora*; um raio atravessa a scena fulminando o diabo que desapparece nas profundas dos infernos...

Sume-te!!!...

A CRISE

A coisa, como lá se diz, estéve muito tremida.

Felizmente que tudo se arranjou na paz do senhor.

Do senhor Fontes, está bem de ver.

Que a tal senhora da Rocha, diga-se aqui de raspão, é que foi a culpada de tudo aquillo. Bem diziam os da Sé que ella era falsa como Judas.

Nós já andavamos com a pedra no sapato a respeito de todas as senhoras; mas agora até ficamos de pé atraz com a *senhora* de Carnaxide.

Aquillo não se faz.

Aquillo não é digno d'uma senhora que se preza.

Metter uma casca de laranja debaixo do sapato de pellica do senhor conde de Mesquitella para o fazer escorregar e cair ao rio Jamor;

Metter o freio nos dentes aos cavallos do senhor Fontes, no proposito manifesto de o obrigar a cair na estrada de Cascaes, o que fatalmente teria succedido se não fôra o arrojo temerario e as palavras suasorias com que o senhor Ganhado conseguiu ter mão nas bestas;

Metter o senhor Rosa Araujo á cara do senhor Thomaz Ribeiro, constrangendo o illustre poeta e distincto escorropicha galhetas a cair do capitolio do Terreiro do Paço para o remanso ascetico da Rocha de Carnaxide;

E, finalmente, metter das gordas a sua magestade el-rei obrigando-o a cair n'uma recomposição ministerial...

É metter muita coisa e fazer cair muita gente...

Lembramos aos *irmãos* da *senhora* de Carnaxide que se *apeguem* tambem com Santo Amaro; já que a *senhora* está resolvida a pregar com toda a irmandade de cangalhas, que os soccorra ao menos o santo da gaita de folle para que não quebrem alguma perna...

Não ha nada mais perigoso de que ser *irmão* da *senhora* da Rocha.

E tanto assim, que até estamos desconfiados de que o senhor Thomaz Ribeiro o não é...

Quanto ao *arranjo* ministerial, levou seu tempo a effectuar mas ficou obra de desengano.

Quando a bomba rebentou dentro da pasta do senhor Thomaz Ribeiro, communicando a explosão ás dos seus collegas da justiça e da marinha, alguem lembrou avisadamente que fosse chamado o senhor Topa a Tudo e Companhia para, na sua qualidade de faz-tudo providencial d'estes reinos, deitar ao objecto desconjuntado os gatos regeneradores que a gravidade das circumstancias estava reclamando. O sr. Fontes, porém, oppoz-se tenazmente, obstinadamente, observando em bom criterio que, faz-tudo por faz-tudo, ali estava elle ás ordens dos amigos e que fôra um desperdicio imperdoavel, que aliás muito repugnava ao seu genio economico e poupadinho, chamar artistas de fóra quando tudo se podia arranjar perfeitamente só com a prata de casa.

Dito e feito.

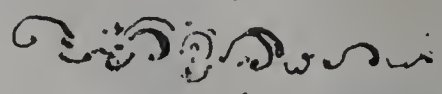
O senhor Fontes, empunhando a broca e revolvendo no saquitel dos ferros velhos, lá conseguiu arranjar tres *gatos* que applicou o melhor que poude á tampa da terrina ministerial; levou muito tempo, muita paciencia e muito cuspo, mas ficou obra aceiada e que poderá ainda durar um bom par de annos — se a *Senhora* da Rocha não embirrar em atiral-a da cantoneira abaixo...

O *gato* Barjona e o *gato* Lopo Vaz são dois *gatos* ferrugentos que já conhecem a terrina, a quem em vez de segurar os cacos, ameaçam alargar ainda mais as rachas...

Quanto ao *gato* Pinheiro Chagas, é um *gato* ainda virgem e que pelo brilho nos parecêra de oiro fino, da loja do 103; mas desconfiamos de que nos sae de simples metal amarello e que, apesar de virgem, a racha que elle pretende vedar vae ficar tão escancarada como as dos seus ferrugentos collegas...

Se assim fôr, mal empregado *gato;* antes tivesse ido para a cova de palmito e capella...

PAN.



UM RECLAME Á AMERICANA

Ha coisa de quinze dias, quem passasse no largo de S. Roque pela uma hora da tarde, via entrar para a redacção do *Popular*, ás costas de alentados gallegos, tres sumptuosos caixilhos de pinho da terra forrados de lés-a-lés do mais fino panno patente que se produz na fabrica da Covilhã.

Esses caixilhos, da altura do sr. conselheiro Nazareth, e da largura do sr. commendador Rosa Araujo — ou seja a medida aproximada de tres metros quadrados — pareceram-nos, á primeira vista, uns biombos de casa burgueza, depois uns bastidores de theatro particular, mais tarde uns guarda-ventos de atelier de modista, e por ultimo uns taboleiros de fabrica de massas.

— Mas com a breca! pensámos, para que demonio quer o *Popular* taboleiros de seccar massas e massinhas!

— Irá o Marianno fazer macarronete em vez de artigos de fundo?...

— Decidir-se-hia o Gusmão a substituir os discursos pela sopa de estrellinha?

— Querem ver que o Thomaz Bastos pega no rolo de cerejeira para puxar a massa da lazenha!...

E n'isto ficámos até ver o que saía d'ali.

Não tardou muito que viessemos no conhecimento da utilidade dos taboleiros, quando estes foram collocados pela banda de dentro das janellas.

Esses taboleiros eram nem mais nem menos de que o mais original e o mais extraordinario dos reclames que se tem visto grelar em cabeça de americano!

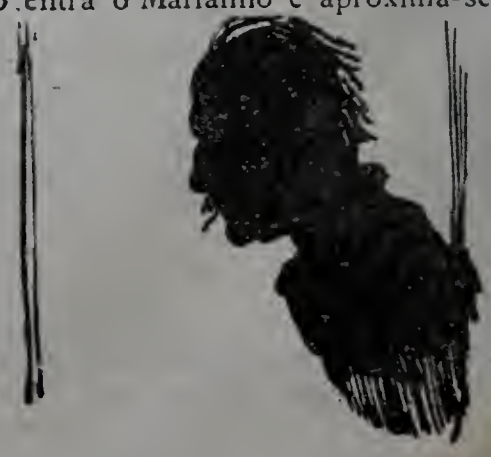
O *Popular* quiz chamar a attenção de Lisboa em peso sobre os escriptorios da sua redacção e não só conseguiu o que desejava como ainda ultrapassou os limites d'essa ambição.

Até das provincias tem vindo gente para gosar as *sombrinhas* que o *Popular* offerece todas as noites a Lisboa embasbacada!

Mal o continuo accende o gaz do escriptorio, começa o Largo de S. Roque a encher-se de povoleu avido de curiosidade e sensações...

Ás dez horas, estando presentes os proprietarios do jornal e o corpo de redacção, dá-se principio ao divertimento.

Primeiro entra o Marianno e aproxima-se do taboleiro.



Depois apparece o Jardim e cumprimenta o Marianno.

O Marianno falla-lhe ao ouvido.

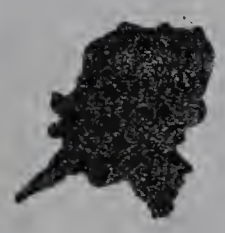
O Jardim diz que não.

O Marianno dá-lhe uma pansada.

O Jardim diz que sim e vae para o fundo da sala; o penteado toma-lhe proporções phantasmagoricas.

O Gusmão coça a ponta do nariz.

O Alfredo Ribeiro senta-se por descuido em cima do chapeu do Thomaz Bastos.



O Thomaz Bastos diz que está muito calor, e falla pela buzina para que lhe tragam um abanico.

O continuo entende mal e traz-lhe outra coisa.

O Marianno acende um cigarro e afasta-se do transparente.

O cigarro parece um charuto de contrabando.

O Marianno afasta-se mais; o cigarro parece um estadulho.

O doutor Lacerda puxa-o pelas abas da sobrecasaca e diz-lhe:

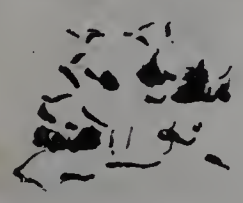
— Esconda lá essa coisa que está a produzir mau effeito...

O Marianno senta-se e começa a escrever o artigo de fundo: «Integridade, justiça, moralidade...»

A penna espirra-lhe com violencia sujando metade do transparente.

O Marianno faz um gesto violento para o biombo, onde a tinta escorrendo em caprichosos zig-zags acaba de desenhar a cabeça do sr. Fontes...

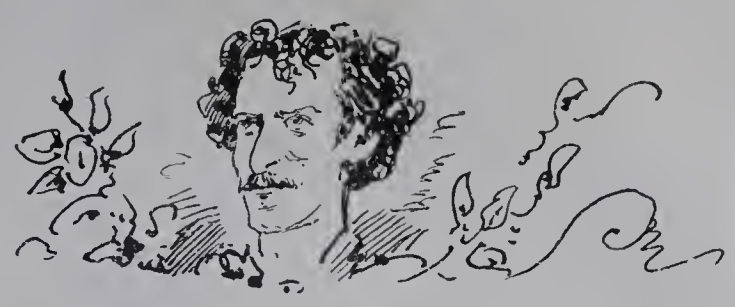
Tableau.



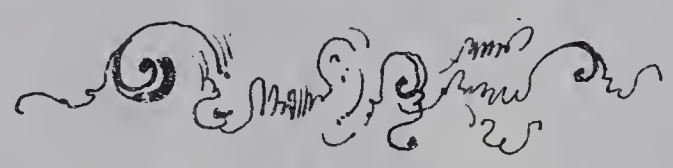
PAN.

THEATROS

Trindade



É amanhã, 26, o beneficio dos filhos do infeliz actor Ribeiro, aquelle bello moço e excellente artista que por tantas vezes nos fez esquecer os pesares e os amargores d'este mundo arrancando-nos cá de dentro a gargalhada alegre a que nunca puderam resistir quantos o ouviam. É ali, n'aquelle mesmo palco onde o viamos brincar alegre ainda ha bem pouco tempo, que meia duzia de collegas generosos lhe vão pagar um tributo de saudade e de affeição, enxugando por um momento as lagrimas aos pobres filhos do malogrado artista. Associemo-nos todos a essa festa de caridade, como em tempo nos associámos ás suas festas de gloria.



Recreios

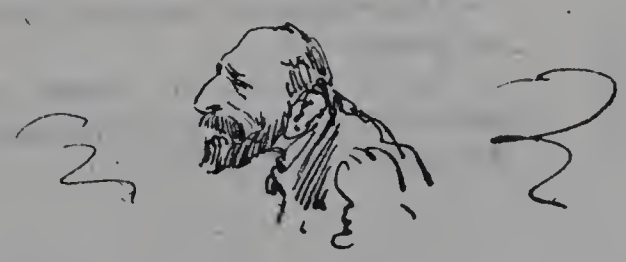
O bom filho á casa torna, diz o proverbio, e o theatro dos Recreios sente-se hoje graudioso da infalibilidade do proloquio. Lucinda Simões, que lhe dera a honra de a elle se acolher na sua vinda para Lisboa, volta agora de novo a engrandecel-o com os reflexos scintillantes do seu bello talento e a fazel-o formoso com o contacto intimo da sua elegancia correctissima.

Parabens aos Recreios, parabens ao publico e parabens a nós mesmo, que havemos de subir muitas noites sem que nos pese o pé uma onça os tres milhões de degraus da escadaria dos Recreios.

Rato

Qual Rato, nem qual carapuça! Aquillo, não póde ser Rato; aquillo é Baixa, e da melhor, e da mais fina!

Orchestra de professores, maestro habilissimo, primadonas que vencem o ordenado mensal de vinte libras, coristas formosas e distinctas que parecem filhas de conselheiros... E ainda a dizerem-nos que aquillo é Rato... Aquillo o que é é uma *ratoeira* que em a gente lá caindo uma vez já não é capaz de sair cá para fóra, tão saborosa é a isca que nos prende...



A SI

Alterações

— Ora aqui tem a sobrepeliz que me deram para guardar.

— Muito obrigado, mas faça favor de lhe mandar tirar esta nodoa.

— Isso é obra do sr. Basorra, meu illustre antepassado; elle que pague a barrella que eu já fechei o livro das contas...

— Pegue lá n'el
é muito fino...
— Agora é que

A
teriues

ja como m'o trata; olhe que isto

ne começar a ser *alguma coisa*...

O que vae acontecer.

Á Camara Municipal

Os proprietarios da fabrica estabelecida no pardieiro do Largo da Abegoaria, receiosos de que as nossas preces junto da ex.ma camara municipal acabem emfim por demover esta a mandar uma carroça do lixo buscar aquelle padrão de archeologia nacional, para lhe dar um logar condigno no museu do Possidonio ou no aterro da Boa Vista; os proprietarios d'esse padrão, diziamos, resolveram tapar-nos a bocca fazendo-nos entrar por ella os rolos de fumo negro que sae da sua chaminé de palmo e meio.

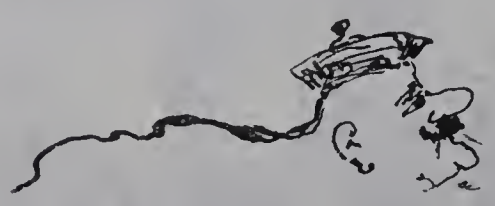
O nosso atelier de trabalho vae tomando as proporções d'uma lareira de provincia onde a comida se faça a lenha.

Pelo nosso nariz de fossas dilatadas saem continuamente quer de dia, quer de noite, duas columnas de fumo preto que havendo-nos entrado pela bocca dá a volta cá por dentro ao ponto de sentirmos nos pulmões duas fabricas de pós de sapatos!

Este proposito de nos reduzir a artigo de fumeiro não nos agrada absolutamente nada porque para os paios ainda não chegou o tempo proprio e para arenques de fumo já nos vamos sentindo um poucochinho grossos.

Os senhores vereadores que venham para cá defumar-se, se isso lhes dá gosto, porque nós andamos muito bem defumadinhos e, graças a Deus, não nos falta a alfazema, sempre que isso se torna necessario...

Reminiscencias do «Amigo Banana»



Que soberbas bebidas que tem
O tal *melro* da *Joia da China!*
Não valêra essa loja um vintem
Se não fôra, como é, obra fina...

Eu quizera, p'ra haver taes bocados,
Ter nascido da China entre os montes,
Se não fôra, por mal dos peccados,
Natural cá da patria do Fontes...

MAIS UM!...

Á chegada de Manoel Maria Bordallo Pinheiro

Mais rijo que o proprio côco,
Mais teso que uma banana,
Chegou da plaga africana
O Bordallo Manoel;
— Este é mano do Thomaz,
Que é mano do Columbano,
Que é mano do F'liciano,
Que é mano do Raphael!

Faz gosto vêr tantos manos
Juntos em dôce colmeia,
Sem que os separe uma ideia,
E coisa alguma os desuna!
Com tantos manos, Bordallo,
Se acaso sentes desejo,
Tens, amigo, um bello ensejo
De fundar uma communa...

N'um curto espaço de tempo,
Em muito menos d'um mez,
Com este mano, são trez
Que tem chegado da estranja;
Se por acaso á cidade
Mais algum mano inda aprôa,
Não ha espaço em Lisboa
Que tantos manos abranja!...

Bordallo, a cuja chalaça
Ninguem no mundo resiste:
Tu, que nos manos e em chiste
És igualmente fecundo,
Um dia pódes dizer
Junto de tantos irmãos,
— Ó manos, dêem-se as mãos!
Grand rond á volta do mundo!

PAX

THEATRO DE S. CARLOS

Primeira representação dos «Huguenottes»

ALTOS HUGUENOTOTES

OS PRINCIPES PRODIGIO

—Já sei, já sei, seu nhónhó fazenda, que você me quer passar a perna em viagens.
—Eu vi n'um dia vinte e cinco fabricas...
—Pois eu já vi n'uma hora trinta e seis cidades.

OS NOVOS ELEITORES

A actual camara municipal, mettendo ardilosamente de empenho a *peixeira da Casa Real,* acaba de captar as bôas graças dos eleitores esquimaus. Em quanto a peixeira os seduz com o seu carapau petinga e elles se lhe atiram á cêlha como gatò a bofe, vae ella, com o sorriso irresistivel das *cocotes,* mettendo-lhes nas mãos a lista dos *cócós.*

As eleições camararias

Depois d'um triennio de administração inutil e imbecil, senão perniciosa e immoralona, em que os melhoramentos serios e as obras de primeira necessidade se deixaram ao canto, porque os interesses proprios e as paixões pequeninas absorveram todo o cogitar do cerebro deficiente da actual camara municipal, é esta mesma camara que o governo do senhor Fontes impõe á votação dos municipes que, por ignorantes ou venaes, irão talvez, a troco d'uma promessa capciosa ou de uma garrafa de vinho, entregar de novo a cidade ás mãos pouco ensaboadas que nos ultimos tres annos guiaram o carro do municipio!

O partido republicano apresenta uma lista de cidadãos honestos, activos e intelligentes, alguns dos quaes teem affirmado o seu merecimento, o seu saber e a sua probidade em mais de um acto de reconhecido alcance e de incontestavel proveito para a cidade em geral e em especial para as classes populares.

Mas a cidade vae talvez, cedendo a uma imposição ignobil, ou, o que é peior, a uma especulação mais ignobil ainda, preterir esses cidadãos que alguma coisa teem feito e de quem muito certamente haveria a esperar, pelos que nunca fizeram coisa alguma nem coisa alguma conseguirão fazer de futuro.

Os indifferentes e os desilludidos, esses ficar-se-hão em casa no *dolce far niente* de quem deixa correr o marfim á espera de que um bamburrio lhes faça ganhar a partida.

Pois fiquem-se mas não se queixem quando o marcador lhes pedir o dinheiro por terem apanhado *charamba*...

Nós cumpriremos com o nosso dever votando na lista republicana; declaramos comtudo, e lealmente o fazemos, que um dos nomes d'essa lista será por nós substituido pelo do senhor Ramalho Ortigão, um homem illustrado, de conhecimentos vastissimos, d'um bom gosto e criterio irreprehensiveis e que pelo seu talento extraordinario e estudos excepcionaes se nos afigura como um dos mais aptos para membro d'um municipio de primeira ordem.

Um dos maiores influentes eleitoraes do bairro central, o pardieiro do largo da Abegoaria, tambem vae votar na reeleição da camara municipal de Lisboa; o Rosa Araujo lá arranjou meio de lhe metter a lista nas unhas e o pardieiro não falta no domingo á egreja com o seu sapato de laço e o sua cabelleira de rabicho.

Ora Deus queira que apanhe tamanha bebedeira que não atine com o caminho na volta para casa e tenha de passar a noite no albergue nocturno. Só assim poderemos respirar livremente vinte e quatro horas.

Coimbra de passagem

Quem nunca experimentou ainda a singular commoção de se ver rodeado, estreitado, festejado por um grupo sympathico de academicos, mal pode comprehender o que seja esse praser verdadeiramente estonteador!

Nós, que tivemos a honra de merecer similhante distincção, nem temos a modestia de calal-a e aqui a delatamos com a alegria orgulhosa de quem pendura ao peito a mais subida das venéras!

Sentimo-nos remoçar no convivio alegre, cheio de vida e de enthusiasmos, d'essa mocidade attrahénte e talentosa que nada nos devia e a quem tanto ficámos devendo.

Sentimo-nos caloiro e — palavra d'honra! — quizeramos ser caloiro para o resto dos nossos dias!

Quando o quintanista Castro á saida da Porta Ferrea nos protegeu cobrindo-nos com a sua pasta para nos evitar o *canellão*, quasi que estivemos para lhe pedir que nos deixasse apanhar o *canellão* a ver se ficavamos de todo bom da perna...

O espaço resumido de que dispomos obriga-nos a encurtar esta chronica, que occuparia uma collecção completa de *Antonios Marias* se foramos a escrevel-a como desejaramos.

Limitamo-nos por isso a apresentar ao leitor algumas notabilidades das que tivemos o gosto de conhecer n'um dos dias mais agradaveis da nossa vida.

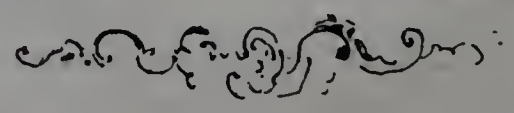
Começamos por um *documento geologico*:

O HOMEM TERCIARIO

«*Croquis d'après nature* por um caricaturista fossil, no anno 6000 antes de Christo.»

Typo de sylphide. Uma reminiscencia da arte grega, podia bem dizer-se, se não fosse um anachronismo.

(Continua no proximo n.º).



NO PAIZ DO SYNDICATO

Á hora em que o bom burguez do Porto me principia a ler, graves pensamentos estão perpassando pelos reconcavos do cerebro. Depois d'ámanhã... não termina a campanha da opereta offenbachiana, mas termina a agitação sarrabulhenta das eleições. Pessoas muito sérias são chamadas a depositar n'uma caçarola de lata mal pintada a synthese das suas locubrações politicas, sob a fórma de um pequeno quadrado de papel, modesto como um bilhete amorudo, passado á sorrelfa no atrio de egreja campesina.

De dois em dois annos ha a desobriga civil; mas falta ao acto aquella compuncção circumspecta que faz lembrar prestitos funebres. O homem religioso leva a consciencia, como um cadaver, aos pés do confessor. Agora não é a consciencia que entra nos templos do papismo; mas aquella funcção especial do espirito que, depois de comparar interesses e de examinar nomes, conclue por concordar que o antigo é melhor, como o vinho, como o oiro, como os moveis de coiro. Mas tudo isto vae caminhando para uma decadencia palpavel. Um jornal miguelista que tenho sob os olhos arremette contra a anarchia, hydrando coleras evangelicas sobre toda a *dégringolade* moderna. Ah! os bons tempos! Ah! os bons e bellos tempos em que não se davam tantos espectaculos indecorosos! Eleições! Pois a arraya-meuda tem que vêr alguma coisa com a politica! Pois o ferreiro, o sapateiro, o barqueiro entendem patavina da administração do paiz! Dêem-lhes forjas, tamancos, remos, que é o que elles precisam, que é o que lhes dá de comer. Deixem-os em paz, entregues ao seu trabalho e que el-rei nomeie os seus delegados.

Ah! os bons e bellos tempos, exclamam os velhos liberaes. Aquelles sim, que eram homens. O cacete apparecia de madrugada á porta dos eleitores da opposição. Conseguiriam ir votar na sua assembléa, mas tambem apanhavam a sua dose de bordoadas, dadas por mãos peritas. Era a idade de marmelleiro. E que crenças! E que principios! E que convicções! O eleitor que apanhava uma vez, ou baixava a prôa em face de tanta logica, ou se afervorava nas crenças, purificadas pelo marmelleiro. Mesmo para fixar bem uma convicção politica, creiam, não ha como uma boa dose de cacete.

Ah! os bons e bellos tempos heroicos do liberalismo!

Hoje a coisa mudou de figura, graças ao Rodrigo da Fonseca. O eleitor já não vae a pau, mas vae a pão, isto é, a bacalhau, a arroz, a troços de carneiro e de vacca. Com vinagre não se apanham moscas, dizia o velho ditado francez, mas a verdade é que o vinagre embriaga-as e a manga de vidro apanha-as. D'aqui ao vinho barato e á manga d'alpaca a distancia não é muita. Pois que o eleitor appelle para a sua consciencia e vote no meu nome é o que eu mais desejo.

* * *

Uma d'estas noites fui testemunha de um caso verdadeiramente singular. De encontro a mim, na rua Formosa, vejo avançar nas trevas um vulto enorme. O que será? A gigantesca estatua do sr. Correia de Barros que vae para algum comicio eleitoral? Será o espectro do porto de Leixões? Será o albergue nocturno que anda procurando agasalho? Será a carcassa da Sagres, escola de baratas, já que nem o diabo é capaz de a fazer escola de marinheiros?

Mysterio! Passei a noite sob o dominio d'aquelle terrivel pesadelo. De madrugada abri um jornal e li na secção dos seus annuncios:

CENTRO ELEITORAL CONSTITUINTE

«A casa do centro mudou para a mesma rua Formosa n.º 342».

Percebi tudo. Assim como os srs. constituintes entraram para o novo *gabinete*, o centro da casa do Porto mudou para a mesma rua.

* * *

Na cidade dos arcebispos, onde os padres Constantinos passeiam á noite com as raparigas que pretendem fazer exame para o magisterio, deu entrada D. Antonio. Um jornal da localidade diz que elle tinha na mão um baculo, mas que «o baculo não é um arrimo...

«é a espada da justiça...

«é o facho vivaz...

«é o gladio vibrante...

«não é uma palma...

«é uma cruz...

Isto quer dizer em bom portuguez de extra-sachristia que o baculo dos arcebispos é o bello arrocho com que a santa madre egreja faz entrar o ovelhismo dos crentes nos tugurios do fanatismo.

Pois que o sr. D. Antonio aprenda quanto antes o sarilho evangelico e faça roda nos Constantinos, que á noite andam de passeio com as pobres raparigas que pretendem entrar no magisterio primario.

Modos de ensinar.

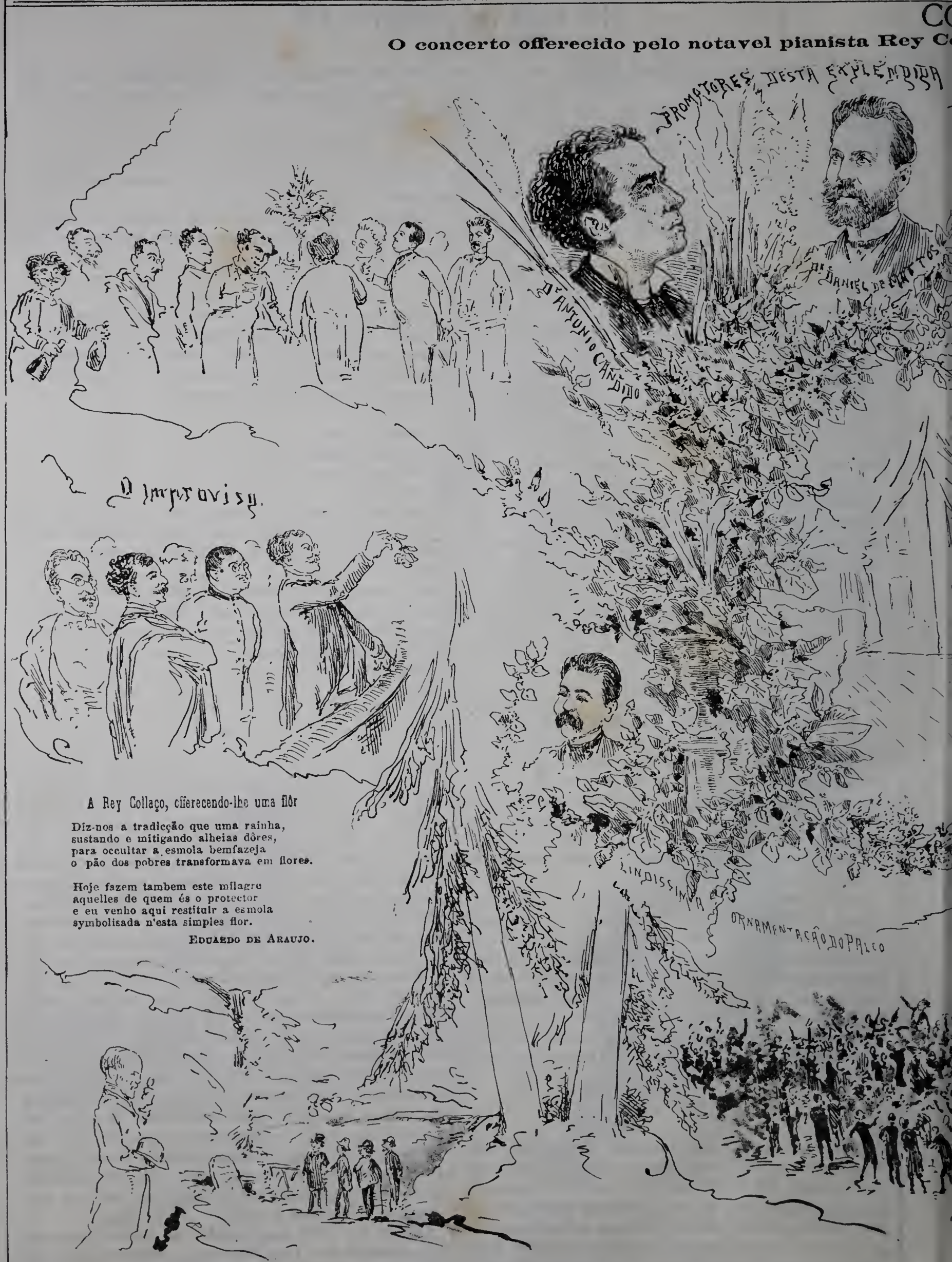
* * *

Uma grande lacuna se fazia sentir n'esta cidade. Os melhoramentos grandiosos do sr. Correia de Barros nem mesmo fallam de leve na organisação d'um estabelecimento do genero d'aquelle de que vamos fallar ao leitor. Toda a gente sabe que as cousas correm mal para as pessoas da egreja. Outr'ora tudo eram merendas, jantares, pic-nics, patuscadas offerecidas aos reverendos sacerdotes da religião, e as brévias, e as cercas e os oiteiros estrugiam de bellas gargalhadas clericaes, manifestações reaes das consciencias limpas e dos estomagos satisfeitos. Hoje o sr. conego tem as grandes fartadellas de barriga, mas em sua casa e, calladamente, em casa dos seus amigos. Ora a lacuna está n'isto: era de extrema necessidade um *retiro* proprio para as pessoas venerandas. Os estroinas teem o Suisso, o Palacio do Crystal, emquanto que os senhores ecclesiasticos afinal, não tinham assim, como quem diz um logar proprio, á mão, recatado para desabafarem os seus amores pelas coisas boas. Isto era uma injustiça. Eu que sou apologista sincero da igualdade, indigno-me com este *ostracismo* culinario. É até em nome d'essa igualdade que eu não vejo razão nenhuma pela qual sejam isemptos do serviço militar os honrados cidadãos que se dedicam á egreja.

Levada por estas considerações da justiça, uma boa alma montou este anno um hotel nas melhores condições, fazendo publicar em diversos jornaes o seguinte annuncio:

CO

O concerto offerecido pelo notavel pianista Rey Co



Foi uma festa encantadora! Casaram-se ali, n'um doce amplexo fraternal, tudo o que a arte musical possue de melhor na e de mocidade portugueza! Afastados d'essa gente bonissima por um punhado de leguas, sentimos ainda apertar-nos a mão a mão ruidosas d'esses discipulos talentosos que amanhã hão-de ser lentes.

BRA

o em beneficio da Sociedade Phylantropico-Academica

leiade de artistas nacionaes, tudo o que o sentimento tem de mais expressivo e enthusiastico em corações
a d'esses lentes distinctissimos que ainda hontem eram discipulos e echoar-nos ao ouvido as exclamações

HOTEL DE PORTUGAL

RUA DE TRAZ DA SÉ, 41

«Este hotel, instituido na rua do Almada, 376, em janeiro proximo, mudou-se para o palacete do ex.mo sr. conselheiro Sebastião Lopes Calheiros de Menezes, tem bons quartos com vistas para o rio Douro, Villa Nova de Gaya, quintal e jardim, capella com a invocação de Nossa Senhora das Verdades; junto ao côro da mesma os rev.mos srs. ecclesiasticos tem quartos destinados e bem confortados, tem tres entradas, sendo duas para os srs. ecclesiasticos, pessoal da casa e para os srs. hospedes, e a ultima para o publico.

Os srs. ecclesiasticos podem ali dizer missa, tem dois lindos altares.

Recebe hospedes permanentes d'um e outro sexo, a preços reduzidos.»

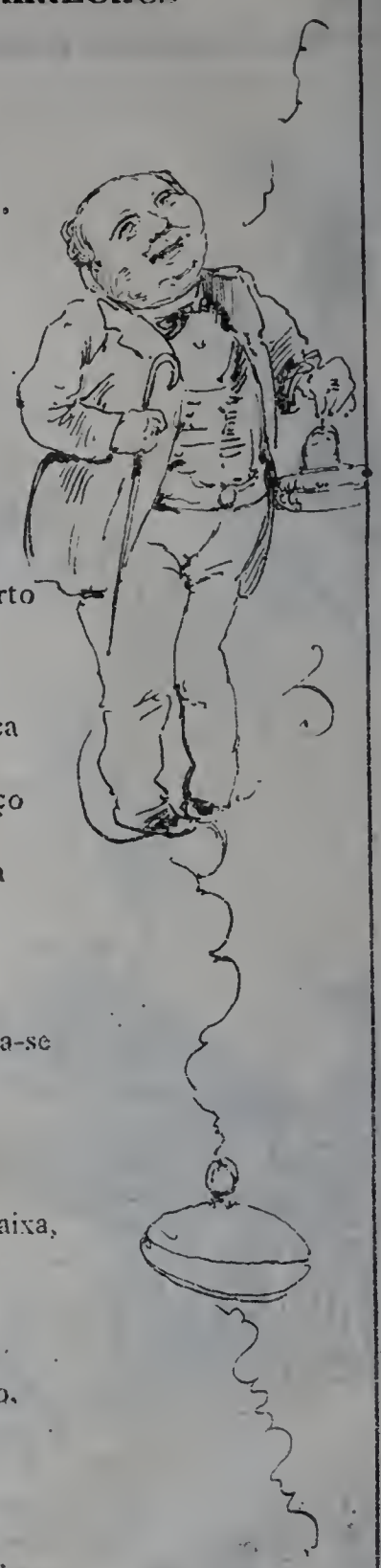
Como se vê ha ainda bons corações n'este mundo, como diz o Coupeau no *Assomoir*. Uma casa assim vem encher todas as medidas. Ao pé do côro de Nossa Senhora das Verdades acharão os srs. ecclesiasticos todo o conforto requerido nos termos modernos: a escarradeira, a caixinha da cabeceira, os retratos das illustres damas beatas e o resto. Fica tudo muito á mão: o breviario e a lista do jantar. Mesmo a comer um pastellinho de carne, o digno sacerdote quasi que pode dizer a missa. Muito aconchego, muitos cuidados, muita ternura e o resto.

Ha dois lindos altares e meza redonda; entradas particulares, bons colchões, muito recato e o resto. Se precizarem da benção do sr. cardeal que móra alli ao pé é um instante. A rua da Pena Ventosa tambem é alli mesmo; basta um recadinho e os srs. ecclesiasticos poderão satisfazer todas as necessidades e o resto. Mas a verdade, é que um dia o Zé Povinho tambem ha de lêr o annuncio e concorrer com o seu marmelleiro e com o resto.

JOÃO BROA

O Elysio Mendes, que tem andado em vigiliatura por todo o mundo sem que a policia de Londres, e a de Paris, e a de S. Petersburgo tenham ousado pôr-lhe peias, acaba de esbarrondar na casinhola da Parreirinha, d'onde o não queriam deixar sair sem novo passaporte que levaria uma semana a confeccionar, o que equivale a perder o paquete e o dinheiro da passagem. Felizmente o Elysio Mendes, que é um nadador destemido, resolveu prescindir do passaporte e do paquete e fazer a viagem a nado até ao Rio de Janeiro atravessando o Atlantico de cuecas de banho e malêta a tiracolo.

O Thesoiro do Pere Dimnches de la Ronce



Estimada qual reliquia,
Tinha o padre uma caixinha
E o que n'ella dentro tinha
Ninguem sabe ou não se diz...
Pensam muitos ser deposito
Onde o padre em horas dadas
Ia buscar as pitadas
P'ra consolar o nariz...

Ha quem diga muito a serio
Que na caixa se escondia
Uma coisa que tremia
Qual de geleia um puding...
Outros contestam pyrrhonicos
Pois que a viram muito ao perto
Mas a coisa mesmo ao certo
Ninguem sabe bem no fim...

Dizem uns que a caixa artistica
Só continha *meio grosso*
Que o padreca antes de almoço
Aspirava de manhã;
Outros, que á tal caixa magica
Conseguiram ver o fundo,
Dizem que ella era no mundo
Para o padre um talisman...

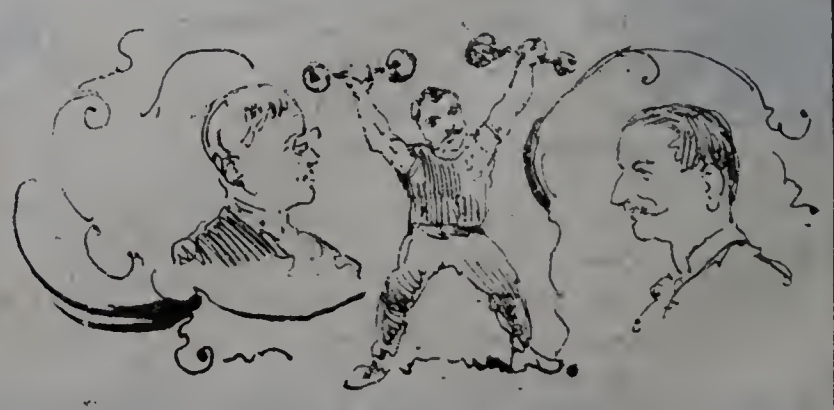
Seja o que fôr... porém conta-se
Que de Coimbra um caloiro
Roubára ao padre o thesoiro
Dando-lhe ignoto desvio;
Tendo um momento propicio
Em que ás mãos houvera a caixa,
Na caixinha fez mão baixa,
Nunca mais o padre a viu...

Depois de tal sacrilegio,
Que em Coimbra é tão fallado,
Anda o padre azafamado
Em cata do seu *bijou*...
Tudo revolve solicito
E jura, de amor em sanha,
Que se a caixa ás mãos apanha
Não lhe sae mais do bahu...

PAN.

Instituto de Gymnasiologia

Abriu ante-hontem esta nova e utilissima instituição de que fallaremos mais de espaço. Agrada-nos sobremaneira ver a mocidade lisbonense occupar-se da fundação de institutos d'esta ordem, o que certamente lhe será mais proveitoso de que andar a puir as costuras do frak pelas esquinas do Chiado.



POLYCARPO

— Ó Possidonio,
Que bulha é esta?
Lisboa em festa
P'ra rua sae...
No Rocio junta-se
O povo em barda;
Será Bernarda?
Ai! ai! ai! ai!...

POSSIDONIO

— Notei tambem
Balburdia tanta
Mas não me espanta
Um tal bulicio.
Pois tu não sabes,
Grande balordo,
Que o Mello gordo
Faz beneficio?!...

POLYCARPO

— O Mello actor
Que, inda mancebo,
Quintaes de cebo
Na pança abriga
E que a despeito
Do tegumento
Tem mais talento
De que barriga?...

POSSIDONIO

— Déste no vinte.
Mas sem demora
Á bolsa agora
Abre os cordões.
Verás que o Mello
Te banqueteia
Com lauta ceia
De *Camarões*.

PAN.

Carta ao meu amor

Minha Rosa:
O teu despreso
em meu peito não faz mossa;
ando bello, e rijo, e teso,
— nem me afflige o contrapeso
dos teus sorrisos de troça!...

Tens muito gosto em sorrir-te?
Pois mostra á vontade os dentes...
Porém quero prevenir-te,
que inda mesmo para servir-te,
lá dentista isso é que *nentes*...

Tenho o peito rijo e forte;
puz-lhe um muro de supporte
que decerto não contundes...
Sempre teu até á morte.
Eterno amante

Fagundes.

Os esquimaus

Depois da ultima fusão ministerial, ou, fallando melhor, depois da ultima confusão ministerial, a coisa extraordinaria que unicamente nos faltava ver n'este mundo era uma *troupe* de esquimaus.

Pois vimol-a hontem em casa do dr. Van-der-Laan.

Em casa, é modo de dizer.

No aviario do illustre zoólogo, de envolto com os macacos de Moçambique e as gallinhas da Cochinchina é que nós vimos os soberbos esquimaus.

Soberbos, tambem é modo de dizer. Elles são até muito dados; elles e ellas. Conversam com a gente na maior semcerimonia d'este mundo, tu cá, tu lá, exactamente como se tivessem brincado comnosco de pequenos no passeio de S. Pedro d'Alcantara.

Não lhes entendemos uma palavra mas percebemos que são muito conversistas.

Perdão; uma palavra entendemos:

Uma das mulheres — e sabemos que é mulher porque o dr. Van-der-Laan nos deu a sua palavra d'honra de que não estava abusando da nossa credulidade — uma das mulheres, diziamos, pronunciou as seguintes palavras fallando para a companheira:

— Heir benk ilf tecre argues orve pinio cócó...

Este *cócó* em bocca de esquimau impressionou-nos tão vivamente que não podémos deixar de perguntar:

— Desculpe v. ex.ª a interrupção, mas, pelo que ouvimos, não é estranha a v. ex.ª a respeitavel pessoa do sr. commendador Rosa Araujo?...

Ao que a interpellada respondeu:

— Fek rein cócó milque prochig irg chéri mer cócó...

O que quer dizer isto, pouco mais ou menos, segundo o dr. Burnay nos afiançou:

— Ora quem não conhece o senhor *cócó!* É até muito conhecido lá nos nossos sitios o sr. *cócó*...

Como se vê, os esquimaus não são tão selvagens e tão ignorantes como muita gente por ahi suppunha.

Pois se até conhecem o sr. Cócó...

E depois, as toilettes, apesar de serem de pelle de phoca com applicações de pello de urso, mostram o bem acabado de qualquer vestido de baile sahido do atelier da sr.ª Aline...

— Veja você, dizia-nos o dr. Van-der-Laan, veja você como estes vestidos estão bem cosidos.

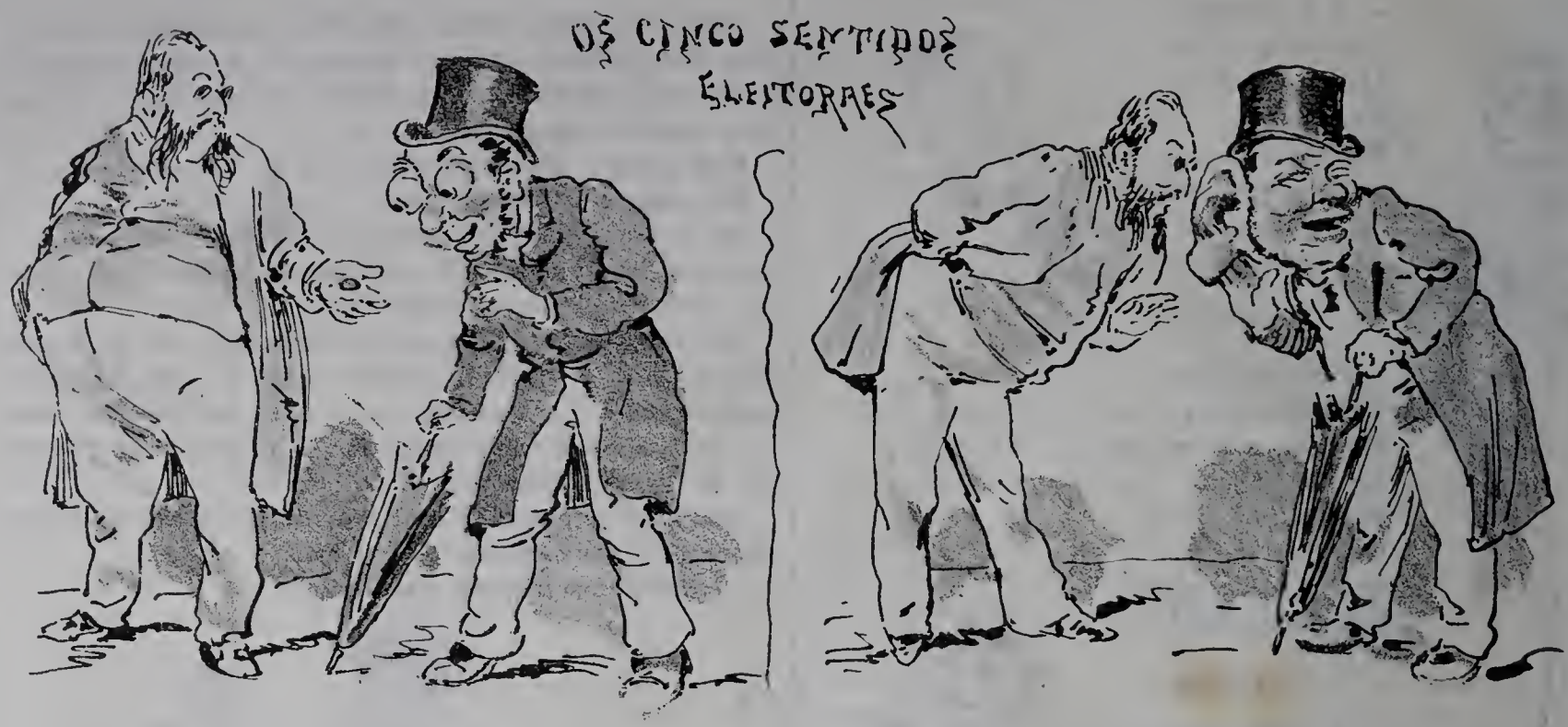
E estavam na verdade; nem chegamos a comprehender como os esquimaus gostando dos vestidos tão bem *cosidos* preferem comer o peixe *crú*...

Que esta originalidade é que não nos agrada muito, confessamol-o...

O gato do *Antonio Maria* já hoje andava como uma bicha por causa d'isso!

Dizia em fortes miaus
E dando pulo de corça:
— Co'a vinda dos esquimaus
Lá vamos pagar por força
Mais caros os carapaus...

COMO SE FAZ UM ELEITOR

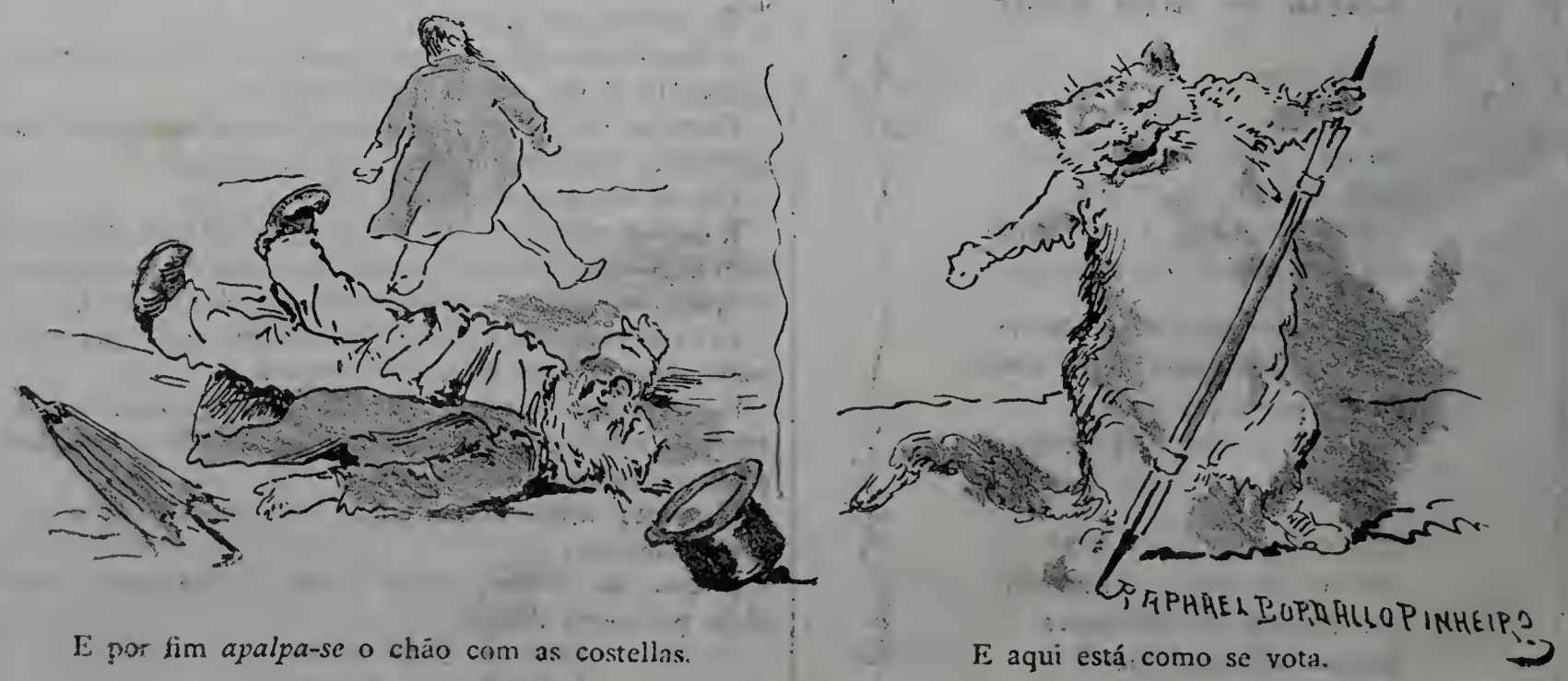


Primeiro *vê-se* uma *cravella de doze.*

Depois *ouve-se* uma promessa tentadora...

Mais tarde *cheira-se* o carneiro com batatas.

Em seguida *gosta-se* do torreano de 80 réis o litro.



E por fim *apalpa-se* o chão com as costellas.

E aqui está como se vota.

O ANJO CAHIDO

Esta *quéda d'um anjo* não é a do senhor Camillo, é a do senhor Theophylo.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

O DIA DE DOMINGO

Vereadores, cavallos e samogedes

Lisboa andou, durante o ultimo domingo, n'uma verdadeira roda viva de distracções e divertimentos.

As corridas de cavallos no hippodromo de Belem, a exposição de samogedes na feira do Campo Grande e a eleição de vereadores nas egrejas da capital, trouxeram o indigena n'um continuado rodopio de emoções patuscas, que mal o deixaram cumprir para com a esposa a obrigação temporal de umas confidencias retardadas, e satisfazer para com a Santa Madre Egreja o compromisso espiritual da missa domingueira.

Familias houve que se dividiram em tres grupos, como o bom linguado da barra, que dá posta, cabeça e rabo, seguindo cada um d'esses grupos para estações diametralmente oppostas.

— Eu vou, dizia a dona da casa, mostrar ás pequenas os taes homens que comem peixe cru como aquelle sujeito da pulha carnavalesca...

— E eu marcho, declarava o filho mais velho, até ás corridas de cavallos; aluguei com o Octavio a tipoia do Pingalho, que nos vae pôr em Pedroiços nas horas de estalar!

— Pois eu, concluia o chefe de familia, não me prendo nem com cavallos, nem com samogedes; hoje o meu cavallo de batalha é a reeleição do Theophilo Ferreira, o meu unico esquimau é o Rodrigo Affonso Pequito!...

E lá iam, a dona da casa, o filho da dona da casa e o dono de tudo aquillo, depois de trocados os beijos estrondosos e as paternaes recommendações dos momentos solemnes, uns para Belem, outros para o Campo Grande e o resto para a parochial de Santa Engracia...

* * *

Em algumas freguezias, não tendo sido possivel começar os trabalhos do escrutinio até á hora do sol posto, foi resolvido de commum accordo, entre gregos e troyanos, que as urnas viessem para o atrio da egreja, onde passariam a noite alumiadas por um candieiro de petroline, collocado sobre uma modesta mesinha de pé de gallo. Assim se fez, e as urnas ainda virgens, pareciam duas honestas meninas, entregues ao labor do mais innocente dos *crochets* em familia e vigiadas pelo olhar cauteloso de solicitos papás, representados n'este caso por dois formidaveis granadeiros da infanteria municipal.

Pela mente do governo, receioso ao tempo do resultado da eleição, passou ainda a idéa temeraria e libidinosa de fazer raptar as castas vestaes, mas tal projecto foi posto de banda por inexequivel, visto como nem o sr. Fontes nem o sr. Barjona — unicos Lovelaces a quem, pelos dotes da natureza e longa pratica do assumpto, fôra dada a execução de tão arrojado commettimento — consentiram em leval-o a cabo.

O sr. Barjona declarou eximir-se da empreza porque as urnas, apesar de virgens, estavam mais velhas de que o alcorão, e como tal era ao sr. Fontes que competia o rapto d'essas Sabinas de folha de Flandres; ao passo que o sr. Fontes manifestava por seu turno a propria incompetencia, por isso que em sua vida jámais soube ser Romulo senão com Sabinas de carne e osso...

Serpa Pinto, o notabilissimo explorador africano que descobriu o segredo do Cubango com a mesma facilidade com que nós nos descobrimos de noite se temos algum pesadello; que andou á caça de leões e leopardos por esses desertos dentro como nós andamos á caça de coelhos e perdizes por essas campinas fóra; que desceu ao fundo de um abysmo de quinhentos metros de profundidade agarrado á fita da sua gravata de setim, que um preto corajoso arriava cuidadosamente lá de cima; e que, finalmente, atravessou quinze milhões trezentas e setenta e cinco mil quinhentas e vinte e tres cataratas, e meia, dentro d'um pequeno bote de papel arranjado á ultima hora com metade d'um *Diario de Noticias;* Serpa Pinto, diziamos, andou no domingo e nos dias precedentes em doce camaradagem com o primeiro galopim d'estes reinos, o senhor conselheiro Barreiros Arrobas, a angariar votos para a lista da reeleição!

Dèpois de ter explorado toda a Africa e seus suburbios, Serpa Pinto está sendo explorado pelo regedor da freguezia!!!

Tal é a cegueira que o valente explorador tem pela pessoa do senhor Fontes!...

E cegueira tanto mais para lastimar-se quanto é certo que só agora se lhe manifestou o mal, ao passo que no tempo em que lidou com tantas *cataratas* nem uma sequer ousou cair-lhe na menina do olho!...

* * *

O senhor Fontes veiu á imprensa declarar que não assignára uma circular que por ahi correu recommendando os candidatos da reeleição e cujo texto era subscripto pela quinta essencia do que ha em nomes illustres — depois do nome de s. ex.ª

A circular andou durante quinze dias ou tres semanas nas mãos de toda a gente, desde a mão imporcalhada do moço de carvoaria até á mão *bien ganté* do conselheiro do supremo tribunal, mas o senhor Fontes só d'ella teve conhecimento á ultima hora, para não mentir á sua posição de *dono da casa*, que é sempre o ultimo a saber o que já anda ha mais d'um mez na bocca dos criados.

A' declaração de s. ex.ª seguiram-se declarações identicas de todos os cavalheiros signatarios d'aquella circular, chegando por fim a averiguar-se que esse documento era exclusivamente da lavra do celebre *Mineiro* que, continuando a ter vagar e tempo na enxovia da cadeia e achando-se enfastiado de fazer letras falsas, resolvera dedicar-se ás circulares apocryphas, deixando assim o commercio pela politica, com o que muito lucrarão os bancos do paiz e mais lucrarão ainda as cadeiras do parlamento, porque o rapaz mostra tão decidida vocação para a politica que até os proprios correligionarios do senhor Fontes não duvidaram, no caso sujeito da falsa circular, confundil-o com o distincto vulto do seu patrão e Messias...

Musa do Desdem

(Inedito)

Deixemos os trovões e os raios da Poesia,
os vendavaes do Odio e o bisturi do Bem,
e vamos conversar ó Musa da Ironia!
Ó Musa do Desdem!

Deponhamos um pouco a lyra da Vingança.
os trovões da Epopêa e o vento dos terrores,
e ó Musa do Desdem! vamos, concerta a trança,
e vem tomar licores!

Mettamos na gaveta ao pé dos collarinhos
as bombas contra os reis, a *dynamite* e o fraque,
e vem, á beira d'agua, entre os chorões e os ninhos,
tomar soda e cognac!

Guardemos n'um armario o crepe da Elegia,
como quem guarda á chave um crepe de viuva,
e fechemos, ó Musa! os raios da Poesia,
—como um chapeu de chuva!

Eu quero pôr de parte a nota excepcional
dos grandes furacões da Cólera e do Luto,
e comtigo fallar um pouco do Ideal,
da lua e da Canuto!

Como Fausto ao *sabbat*, eu quero sem abalo
comtigo atravessar os plainos do Infinito.
atravez multidões d'estrellas, a cavallo
na penca do Pequito.

Quero vêr novos ceus, templos surprehendentes,
velhos pagódes chins, astros d'eterno brilho,
povos, religiões, montanhas e torrentes,
o Ganges e o Karrilho!

Tenho sêde de vêr e divagar comtigo,
atravez regiões de gloriosos montes,
vêr o verme e o Sinai, o mundo novo e o antigo,
o Padre Eterno e o Fontes.

Quero esgrimir do Escarneo o lucido florete,
do pólo Norte ao Sul, do Caucaso ao Jordão,
e vêr talvez usar chinellas de tapete
Deus Padre e o Campeão!

Mettamos na gaveta, ao pé dos collarinhos,
as bombas contra os reis, a *dynamite* e o fraque,
e vem, á beira d'agua, entre os chorões e os ninhos,
tomar soda e cognac!

Gomes Leal.

Um episodio nas corridas de cavallos: (veridico).

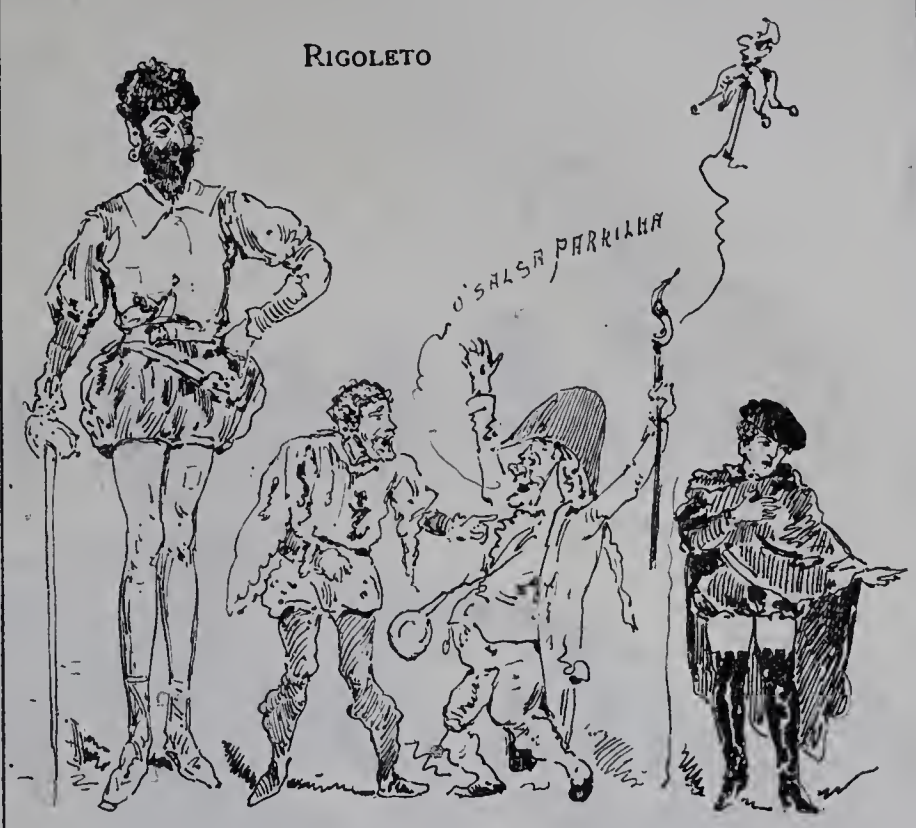
El-rei conversa com os srs. conselheiros Hintze, Vaz Preto e Arrobas; um correio do ministerio traz um officio para o sr. Hintze; o sr. Hintze lê o officio tres vezes e el-rei morto de curiosidade vae cochichar com o seu ministro: o sr. Arrobas fervendo em pulgas diz para o sr. Vaz Preto:

—Vá você explicar-lhe a coisa... Dê uma voltinha e apanhe-o de frente... *(sic)*.

Dê uma voltinha e apanhe-o de frente... é caso...

Theatro de S. Carlos

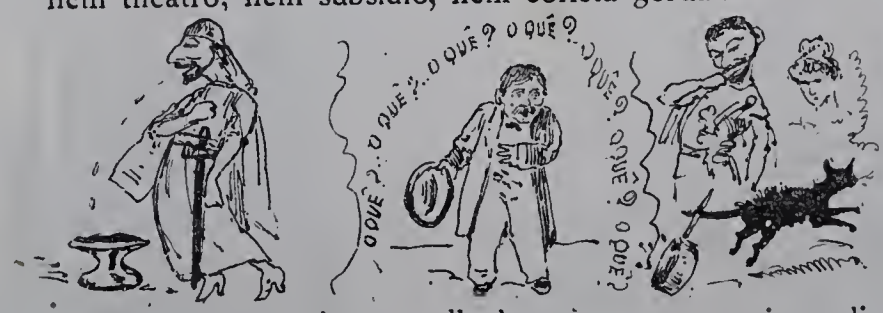
Rigoleto



A Aida

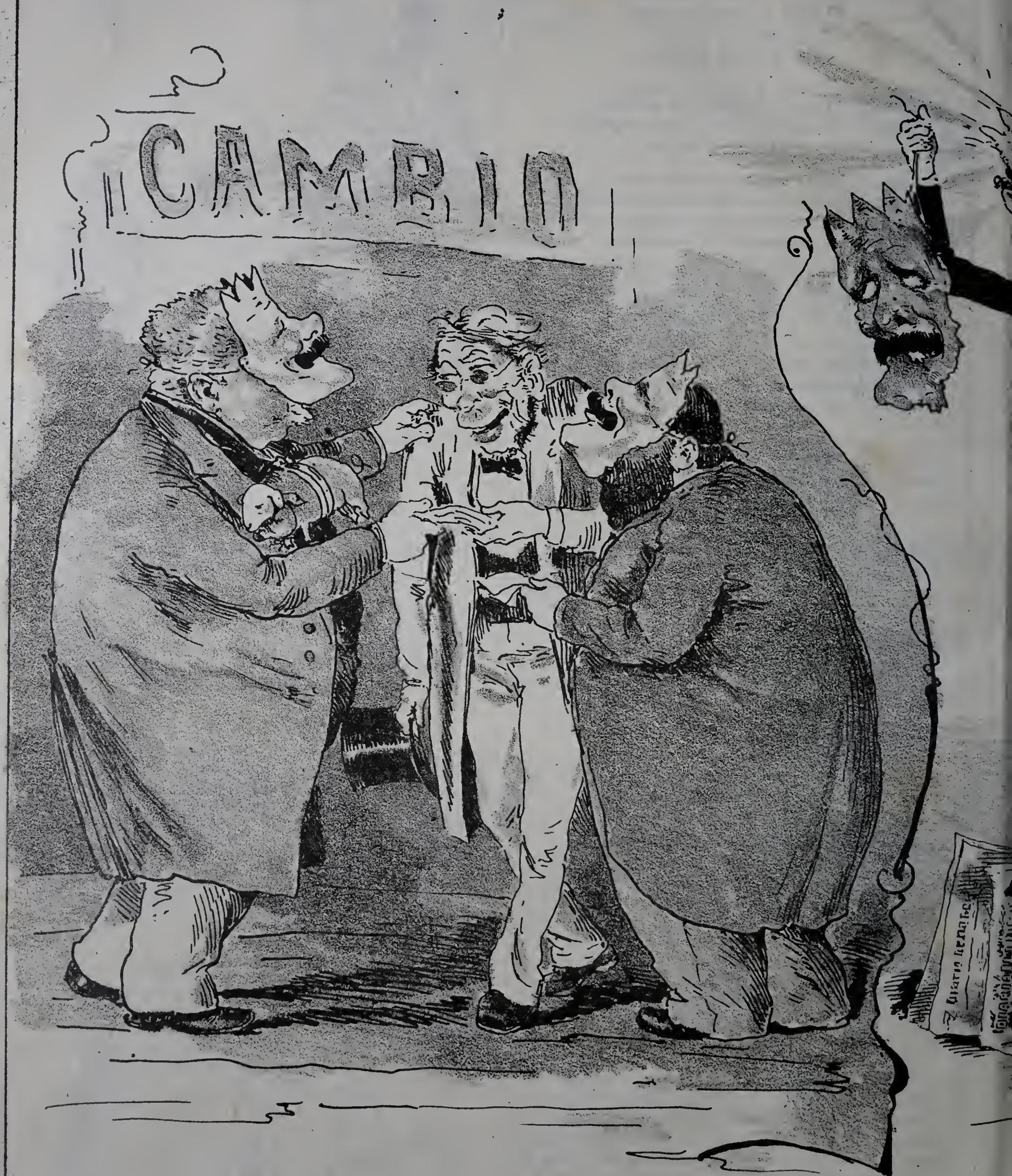
Ninguem se entendia!

O publico pateou, a senhora Beloca teve um chilique; a empreza dava o quinto acto, o publico não queria o quinto acto; a empreza dava outra opera, o publico não queria outra opera; a empreza dava tudo; o theatro, o subsidio e a corista gorda; o publico não queria nada: nem theatro, nem subsidio, nem corista gorda!



Um parlamentario atrapalhado veiu ao proscenio explicar o caso: primeiro chamou Beláca á pobre senhora, depois Beléca, em seguida Belica, e por fim Beloca; ainda bem que acertou, quando não tinha acabado por lhe chamar Beluca...

O CASO



— É s. ex.ª que pede, não ha remedio senão ir votar; talvez que d'esta feita consiga abiscoitar o tal nicho...

— Ora vejam os corr
os bandoleiros se servi
de cara tão gentil...

CIRCULAR

arios se este papelão de que
parece com um palminho

— Ai! que fui embarrilado! Não era o patrão que me pedia... E então agora?...

A Charivari

Té que te vejo
Empoleirado
Como elevado
Nunca te vi!
Tu não passavas
D'um fino critico
E hoje és politico,
Cha-ri-va-ri.

Sabes das coisas
Em que te engolfas
Como das solfas
Sabe o Lami;
Do Fontes pôdre,
Que o bicho ataca,
És tu a estaca,
Cha-ri-va-ri!

Deixando-a a simples
Pão e laranja,
Caes sobre a *Granja*
Qual javali!...
— Eu a julgar-te
De mel um favo,
E tu tão bravo,
Cha-ri-va-ri!

No *da Manhã*
És tu que mandas
As sarabandas
Que vem ali;
Do grão Vaz, preto
Como uma amora,
E's tu a escora,
Cha-ri-va-ri!

Grande politico
Não eras se
Fosses dos de
Qui-qui-ri-qui;
Mas tu estudas
— Ó Deus, que seca! —
Na bibliotheca,
Cha-ri-va-ri...

Por isso escreves
Phrases acerbas,
Coisas soberbas
Que eu nunca li;
Dos que Basorras
Tem por alcunha
E's tu a cunha,
Cha-ri-va-ri!

Porém, ao ver-te
Entre a politica,
Saudosa a critica
Diz por ahi:
— O pobre Urbano
Foi-me roubado!
Mal empregado
Cha-ri-va-ri!...

PAN.

Coimbra semsaborona

Coimbra offerece uma serie de novidades tão palpitantes, tão variadas, que o chronista póde prescindir completamente da imaginação, se a tem, do estylo, se tem a desgraça de ser estylista. É um encanto, esta terra, para o chronista! É ver e descrever. Só o que eu hoje tenho visto, só hoje! Ao sahir de casa e passando pela alameda Camões, dou logo com um charlatão, a fallar n'uma algaravia inintelligivel, garantindo a qualidade dos productos que impinge, isto tudo n'uma lingua que é de todos os homens que não fazem outra coisa senão viajar — uma *mayonnaise* de francez, hespanhol, portuguez e italiano.

Depois ólho e que vejo! uma coisa que não tinha visto havia uma semana — o leão do monumento, um animal com deficiencias muito discretas. Achei-o mais oxidado, pobre carnivoro de bronze! Sempre a mesma attitude feroz, o rabo voltado para a Universidade, que irreverencia!

* * *

Á porta ferrea, uma grande semsaboria! Nem canellão, nem arruaça! Depois que o Bordallo apanhou para o seu tabaco, emmudeceu o banzé. As aulas, a mesma coisa. Os professores, muito graves nas suas cathedras, a aspergir de sciencia, com o hyssope da auctoridade, auditorios turbulentos.

Os caloiros, muito compromettidos, muito *gauches* nas suas batinas pretas, em folha, com as capas lançadas sem a arte, o *élamé*, o *savoir faire* dos veteranos, a comprimirem-se uns d'encontro aos outros, como rezes que vão para este matadouro — a troça.

Os semi... quero dizer, os segundanistas muito alegres, muito arruaceiros, no goso d'uma emancipação academica que lhes confere o direito de não serem troçados e o dever de serem inclementes com os novatos.

Os terceiranistas, pés de banco, com a indifferença das posições intermedias, de quem está no meio da carreira e avista um horisonte de dois annos escolares, para diante ou para traz.

Os quartanistas, com a meia auctoridade da protecção extra-universitaria, a protecção ao caloiro, ao desgraçado ilota da sciencia que ao recolher a casa fóra d'horas, leva na consciencia um remorso de criminoso que o faz descrever um itinerario tortuoso, fugindo das *troupes* sanguinarias que pedem *cabello!* de thesoura em punho, com uns requintes de ferocidade selvagem que os hottentotes imitam perfeitamente, na caça ao seu semelhante! E a protectora dos animaes de braços cruzados, sem acudir ao caloiro tosquiado!

Por fim os quintanistas, com a auctoridade absoluta da protecção á porta-ferrea, as pastas a rutilar sobre as cabeças agachadas dos novatos; não fallando nas pastas de luxo, que ficaram em casa, muito bem bordadas pelo namoro e que só apparecem nos *rendez-vous* diurnos, debaixo do braço, as fitas a fluctuar, como os desejos. Felizardos!

* * *

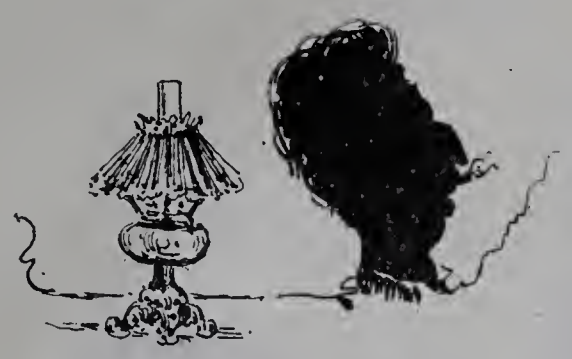
Uma enorme variedade, pois não ha? Um charlatão a vender correntes de *plaqué*, o leão do monumento com a negra fauce escancarada, mestres graves, rapazes turbulentos, a torre da Universidade, o Paixão das calças, o Cobra ladrão, o padre Zé philosopho, a Malaposta, os Ripperts para a alta — uma serie de acontecimentos.

Decididamente esta terra é o encanto dos chronistas!

EU.

Serões honestos

POR CYPRIANO JARDIM



Quando nós nascemos, já o Cypriano Jardim engatinhava. Infelizmente para nós, porém, engatinhava apenas, e foi por isso mesmo que as nossas loiras primaveras se embalaram a contos de bruxas e a historias de Carochinhas que, se não conseguiram perfeitamente pôr-nos no estado lastimoso do senhor conselheiro Arrobas, nem por isso deixaram de influir no nosso pequenino cerebro, ao ponto de ainda hoje sentirmos cá dentro uma como cohorte endemoninhada de macaquinhos saltitantes.

Cypriano Jardim revelou-se-nos, no seu interessante livro *Serões Honestos,* o instructor por excellencia d'esse enorme batalhão que se chama a mocidade. Esses contos deliciosos vieram fazer-nos o appetite de chegarmos a velhos quanto antes, no proposito de que, tornando a ser creanças, não mais adormeceremos sem que a criada nos recite, ao menos, uma d'essas formosas historietas.

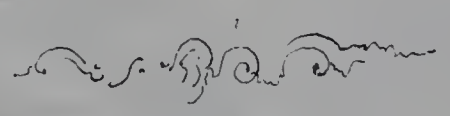
O leitor que compre o livro e, depois de o ler a seus filhos, diga-nos com franqueza se não sente como nós uma pena infinita de que seu pae não lh'o houvesse lido tambem.

***

O jornal *As Instituições,* dava ha dias a seguinte extravagante noticia:

«Andou ante-hontem no yacth *Sirius* a pescar sua alteza o infante D. Affonso.»

Lá que o infante D. Affonso se entretivesse a pescar á linha, á rêde, ao candeio, ao arpeu, enguias, camarões, tainhas, ou baleias, vá que não vá, porque, em summa, sua alteza não tem muito que fazer, e, quem não tem que fazer, faz colheres ou aquillo que lhe dá no gosto... Mas que o joven principe *andasse no yacht Sirius a pescar sua alteza,* que não póde ser outra senão a alteza veneranda de seu respeitavel tio, no risco de lhe vasar algum olho com a garracha do anzol, é que nos custa a levar á paciencia!...



***

Diz o *Diario da Manhã,* referindo-se ás recentes eleições municipaes, que houve muito quem andasse pedindo votos para os maltrapilhos republicanos.

Uns *maltrapilhos* que levaram á urna perto de 5:700 eleitores, ao passo que um governo poderoso não conseguiu passar de 5900, induzem-nos á conclusão de que esta terra vae abundando muito em maltrapilhos.

Tome o *Diario da Manhã* cuidado não se lhe pegue a lepra e que o vejamos passar um dia para o partido dos maltrapilhos, o que aliás não nos causará espanto algum, porque la diz o ditado: *cesteiro que faz um cesto...*

De lagrima no olho

Á partida de Feliciano Bordallo Pinheiro

Inda ha bem pouco saltavam
Meus versos quaes finos pôtros,
Quando ao Bordallo chegavam
Manos atraz uns dos outros...

De novo recorro ao verso,
Mas sem galhofa nem chiste,
Pois quer o fado preverso
Que hoje cante em rima triste.

Uma dor me opprime e enfeixa:
— Antes um pé sobre um callo! —
Pois que nos foge e nos deixa
Um dos irmãos do Bordallo!...

Debalde a familia chora,
Que o F'liciano, *babáu!*
Já lá vae p'la barra fóra
N'um cavallinho de pau!

Soltando profundos ais,
Como quem soffre um leicenço,
Nós fomos dizer-lhe ao caes
Adeus co'a ponta do lenço!

E elle de bordo, entretanto,
A dizer-nos, volta e meia:
— Não chorem mais, que esse pranto
Pode fazer maré cheia...

N'isto o vapor do paquete
Soltou profundo assobio
E lesto como um foguete
Lá foi caminho do Rio...

Pois vae! verás das fortunas
Que a vella ao vento desfraldas...
— Mas volta ao Caes das Columnas
Tratar da loiça das Caldas!

PAN.

SOLO DE TIMBALES PELO PRINCIPE ANTONIO

— Não se amofine, patrão! Arrume tudo para o nosso lombo que nós temos as costas largas...

O NOVO SALVA-VIDAS

Carlos Relvas, que, se quizesse, podia passar a vida a gosar a boa fortuna que os seus lhe legaram e o seu talento trabalhador tem sabido engrandecer, occupa-se em construir barcos salva-vidas que vão arrancar ao meio das ondas os pobres trabalhadores do mar de todos ignorados. Abençoada mão que sabe descalçar a luva do fidalgo para empunhar a enxó do calafate.

O APURAMENTO

Tem sido renhida como uma lucta de gallos a batalha do apuramento da eleição camararia ultimamente realisada. As commissões examinam as listas com a minuciosidade e o escrupulo do contraste que tem de dar o seu parecer sobre o valor e a pureza das mais extraordinarias pedras preciosas.

A questão suscitada pelo facto de haverem alguns eleitores que votaram no sr. Theophilo Braga escripto apenas na lista: «dr. Theophilo Braga, lente do curso superior de lettras», tem levantado as mais acaloradas discussões, porque, dizem os adeptos do sr. Fontes, o sr. Theophilo recebeu na pia baptismal o nome de Joaquim, e como tal só as listas com Joaquim é que têem valor, e as outras são todas de candonga, e, se forem abonadas sem Joaquim ao candidato, elles declarantes protestam terminantemente que hão-de ir para o cemiterio dos Prazeres com o citado Joaquim atravessado nas guellas!

Diz-se tambem que se acham falsificadas algumas listas em que figura o nome do sr. commendador Fonseca; isto, porém, parece-nos simplesmente um ardil insidioso para desprestigiar aos olhos dos jogadores de loterias o vulto respeitavel do feliz cambista Antonio Ignacio, na pessoa do seu homonymo o commendador Fonseca. Na verdade, se foramos a acreditar que por este se falsificam as *listas* da eleição, como poderiamos ter boa fé nas *listas* da loteria que o outro nos apresenta?...

O certo porém é que as commissões ha quatro dias examinam os intrincados papeluchos sem atar nem desatar, ou antes, desatando-os todas as manhãs e atando-os ao sol posto, para serem confiados á guarda perspicaz dos Argus municipaes, que lhes fazem ronda no vestibulo dos Paços do Concelho, onde os volumosos maços de papel branco manchado aqui e além de pingos de lacre, vermelho como lagrimas de sangue, figuram na penumbra do cubiculo outros tantos cadaveres ensanguentados repoisando á sombra dos cyprestes de que o sr. general Macedo é jardineiro!...

Ha tres noites que o sr. José Elias Garcia, passando junto d'esse local onde se acham guardados á vista os productos das locubrações politicas do sr. Arrobas e dos esforços titanicos do sr. Fontes, descobriu acocorados a um canto do atrio dois vultos mysteriosos, que depois de interrogados e apalpados, se verificou serem dois policias disfarçados á paisana.

O sr. Elias Garcia interpellou no dia seguinte a tal respeito o presidente da commissão, que declarou nada saber a tal respeito, vindo por fim a averiguar-se, mediante troca de officios com o commissariado geral de policia, que os referidos guardas não tinham alli ido com intenções criminosas, antes se haviam acocorado ao canto da casa para prestar uma homenagem naturalissima de respeito áquelles papeis onde se achavam escriptos os nomes dos camaristas reeleitos...

PAN.

Musa do Desdem

(FAUSTO E MEPHISTOPHELES NA BAIXA)

Fausto

Eis a singular Cidade,
a Cidade do Occidente
Mãi de Fortes n'outra edade,
bella como um sol poente!

Eis a Cidade marmórea,
e solemne como um rito!..

Mephistopheles

Cidade heroica na Historia,
— e até berço do Pequito!

Fausto

Eis a Cidade assentada
á beira d'agua, que a beija,
toda de branco enfeitada
como uma noiva na egreja!

É bella, mansa, quieta,
como um sonho virginal!..

Mephistopheles

ou como uma borboleta,
sobre o chapeu do Vidal.

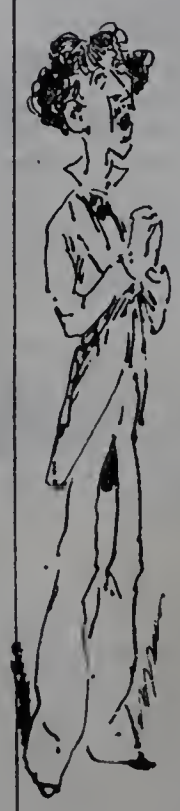
Fausto

Tem templos, práças, escólas,
estatuas que olham o mar.
De noute, idyllios, viollas,
e facadas ao luar.

Tem bellas, doces mulheres
d'um meigo olhar sobrehumano...

Mephistopheles

e bachareis e alferes,
que recitam ao piano!



Fausto

Tem sete montes distantes,
voltados ao azul sublime,
como os braços d'uns gigantes,
pedindo o perdão d'um crime!

Pela encósta, a lua cheia
oscilla, por horas mortas...

Mephistopheles

como um burguez cambaleia,
vindo ao domingo das hortas.

Fausto

Do poente a luz vermelha
cae ali, na despedida,
como um monge que ajoelha
no limiar d'uma ermida!

E nas serras de granito
quando ribomba o trovão...

Mephistopheles

parece a voz do Infinito,
— ou da Guiomar Torrezão...

A Natureza sincera
é aqui Mãi e Rainha!
É seu bafo a Primavera.
É seu sorriso a andorinha.

A Comedia que se chama
a Criação infinita....

Mephistopheles

faz-me dormir como um drama
do Ferreira de Mesquita!

Fausto

Hoje esta cidade heroica,
velha cidade de Fortes,
sisuda, solemne, estoica,
parece um campo de mortes.

Sopra n'ella uma nórtada
de tristeza e d'abandono,
como em torre devastada,
— como n'um campo d'outono!

Sopra n'ella um vento frio
de desgosto e de mysterio,
como n'um peito vasio,
ou na flor d'um cemiterio!

Mas inda ha de fulgurar,
como nunca houve nação....

Mephistopheles

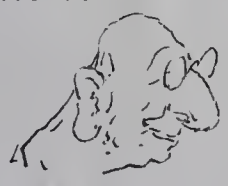
quando eu me fôr confessar
ao prior da Encarnação.

GOMES LEAL.

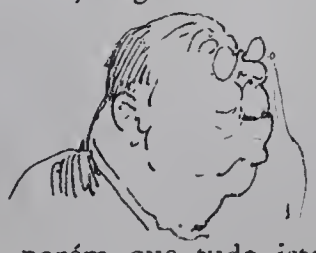
Manuscripto encontrado nas escavações archeologicas do Carregal do Sal

Tendo de iniciar um genero novo em litteratura, — a novella prehistorica, confesso desde já que, n'estas questões, tudo o que vae para além da engasgadella do nosso primeiro progenitor, segundo o Génesis, me é absolutamente desconhecido. Para me occupar de um vulto em cuja cabeça homerica está encerrada a vasta epopea da raça humana, precisava de calçar o borzeguim tragico, empunhar o estylete e riscar no papyro, em bellos hexametros ribombantes, uma epica massada, massada de truz que mettesse n'um chinello todas as grandes creações da semsaboria humana — o Naufragio do Sepulveda, o Affonso Africano, os discursos do Adriano Machado, as mono-

graphias archeologicas do sr. Possidonio, as turgidas dis-



sertações academicas, engravatadas do conselheiro Viale.



Reconhecendo porém que tudo isto é impossivel, que as massadas estão prohibidas, que o publico não tem estomago para grandes empadas, vou entrar já, sem preambulos, sem invocar deuses nem musas, como se faz nos poemas, na biographia d'uma das entidades antidiluvianas que mais sympathias tem grangeado na *briosa*. Rafael anthromorpho é o meu heroe e francamente não o troco por Anchizes; nem por Vasco da Gama, nem por Godofredo de Bouillou nem por Menelau. Biographal-o miudamente, seria tentativa que em loucura hombrearia com a dos gigantes que quizeram escalar o ceu, incommodar o bom do Tonante na sua sésta olympica. A bibliotheca d'Alexandria seria um capitulo insignificante da sua existencia mil vezes secular.

A historia escreveu-lh'a na physionomia o dedo do tempo.

O ESTA

Elles lá estão com a urna debaixo d

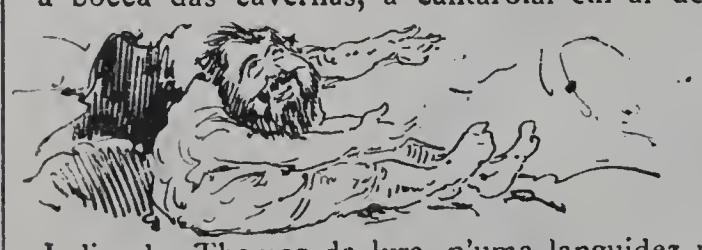
DA ELEIÇÃO

... Agora é que é preciso olho com elles...

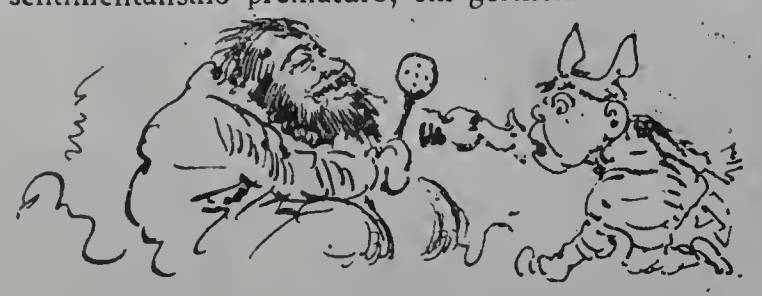
Cada ruga representa o dobar d'uns poucos de milhares de annos.

A variola, que lhe assolou a caraça enorme, cavou-lhe na epiderme poços de Democrito, que os seculos aprofundaram. Cada pello é uma reliquia e a barba que lhe emmoldura o queixo, um relicario. Antes de ser Rafael, esta veneravel entidade foi, como poucos, professor de primeiras lettras em Carregal do Sal; uns seculos antes era selvagem e se mettermos o nariz um pouco indiscretamente pelo passado dentro, lá vamos dar com elle, em guerra com o mamouth e o urso das cavernas, em luctas cyclopicas para a conquista dos elementos.

E era interessante ver Rafael a rosnar monosyllabos ferozes (n'aquelle tempo ainda se não fallava) a enterrar o dente refilado de molosso até á medulla gordurosa d'uma clavicula de bufalo a raspar com uma lasca de silex as costellas d'um hipopotamo torrado n'uma fogueira de carvalhos gigantescos, que deixavam cahir moios de bolotas assadas, para o *dessert*. Depois no alvorecer da poberdade, como era bello vêr Rafael, Esphynge ambulante, á bocca das cavernas, a cantarolar em ar de serenata a



Judia do Thomaz da lyra, n'uma languidez prehistorica, em quanto ella o escutava, com uma tanga discreta de pelle de tigre, á laia de folha de vide, n'uma poze de sentimentalismo prematuro, em germen.



Com o dobrar dos seculos, Rafael chegou a mestre escola. O governo, já farto das accusações que diariamente lhe dirigiam as gazetas opposicionistas por deixar morrer os professores de inanição, em vez de gastar argumentos contra os calumniadores, gastou feijão e batatas e mandou para um hospicio de engorda o Rafael e alguns collegas — obtendo assim uma porção de professores gordos, argumentos capazes de cahir sobre os detractores e esmagal-os.

Rafael deixou-se de mestre escola, porque era um incomprehendido. Os alumnos estavam quasi todos muito adiante das epochas diluvianas Por isso matriculou-se na Universidade, o unico estabelecimento que soube guardar o deposito sagrado das suas tradições infantis e quaternarias.

De fórma que, como professor primario e gordo, é um réclame: como academico — um epigramma.

Eu.

THEATRO DO GYMNASIO

A manha do Arthur

Aconselhamos o leitor a que não caia em ir vêr similhante peça; o Valle impagavel faz-nos rir, rir, rir, rir, rir, rir, rir, rir, que fica uma pessoa *rido* para o resto dos seus dias, tendo de se aguentar até o fim da vida com uma cara muito approximada da do sr. Hintze Ribeiro.

J. da Motta

91 — Travessa de S. Nicolau — 93

Se quer vêr loja catita,
Que as mais desbanca e derrota,
Gentil leitora, permitta,
Que a leve á loja do Motta.

Se quer chapeu ou gravata,
Seda gris-perle ou lã preta,
Ou renda, ou franja barata,
— Tudo artigos de chupeta;

Se quer em laços de fita
Tudo o que a moda executa,
Batas, de seda ou de chita,
Vá lá, compre, e não discuta!

A SEMANA

Não nos consente a impolluta probidade de chronista justiceiro que deixemos passar sem rectificação o paragrapho que fechava a chronica da ultima semana.

Dissemos ali que a celebre circular eleitoral em que figurava o nome do sr. Fontes fôra forjada pelo *Mineiro,* e dissemol-o porque o sr. commissario de policia abusára da nossa boa fé. Hoje, mais bem informados pela propria declaração do sr. Fontes, podemos assegurar ao leitor que os unicos larapios do nome de s. ex.ª foram os srs. conselheiro Arrobas e commendador Rosa Araujo e que o crime se levou a effeito com uma ousadia propria de Diogos Alves e em todas as circumstancias agravantes de que faz menção o codigo penal.

Por meiados da noite de 4 para 5 do mez passado, quem entrasse no quarto de cama do sr. Fontes, teria occasião de ver, além do vulto sympathico de s. ex.ª mollemente estatelado entre os lençóes de linho, um outro vulto, por ventura mais volumoso, que se abeirava da cabeça do grande principe — essa cabeça magestosa onde se esconde a salvação da patria e que ao tempo se achava por seu turno escondida entre as malhas delicadas d'um carapucinho de algodão branco: era o sr. Rosa Araujo; (o vulto já se vê, nanja o carapucinho). Um terceiro vulto, mysteriosamente alapardado entre as franjas da coberta que descia ao longo do leito, feriría egualmente a vista do espectador, que após detido exame podia reconhecer n'elle o toitiço anguloso do sr. Barreiros Arrobas e não o objecto que a começo se lhe afigurára.

A presença dos dois facinoras, áquella hora adiantada da noite, no quarto do excelso principe, tinha o fim criminoso que o leitor por certo já adivinhou. Tratava-se effectivamente de roubar o nome de s. ex.ª para o fazer figurar na circular eleitoral, e de tal empreza se encarregára gostoso o sr. Arrobas, como prestimano mais habil do partido, sendo coadjuvado pelo sr. Cócó, que fazia n'essa noite a sua estreia artistica.

Como toda a gente facilmente comprehenderá, o nome do sr. Fontes não é coisa que se furte assim como quem palma um marotinho bordado da algibeira d'uma *cocote;* além de muito comprido, o que o torna de difficilimo transporte, s. ex.ª tem por costume ha muito tempo dormir com elle debaixo do travesseiro. Como se vê, a empreza era arrojada mas nada houve que detivesse no seu proposito os destemidos salteadores!

Depois de tres ou quatro tentativas infructiferas, feitas pelo sr. Rosa Araujo, para metter a mão debaixo do travesseiro, tentativas que o sr. Fontes reprimia afastando-lhe a mão e dizendo — «sape! gato! não me esteja a fazer cocegas,» resolveu o presidente da camara municipal pôr em pratica o ultimo recurso e, a pretexto de um segredo, inclinou-se repentinamente para o corpo delicado do inclito ministro, que, temeroso de vêr descer sobre o seu ventre immaculado aquelle Himalaya de toicinho fresco, fechou nstinctivamente os olhos n'esse movimento invencivel de terror, a que não podem furtar-se os mais ousados.

O sr. José Gregorio, assim que o pilhou de olho fechado, metteu rapidamente a mão debaixo do travesseiro, conseguindo palmar um bocado do nome de s. ex.ª, que immediatamente passou para o seu cumplice, dizendo-lhe baixinho:

— Guarde lá isso! O *Antonio* já nós cá temos!...

Novamente effectuou a operação, logrando d'esta fórma apanhar a *Maria,* o *Fontes* e o *Pereira.* Em quanto ao *Mello,* o caso tornou-se complicado, porque o grande homem, habituado por fim ás investidas abdominaes do sr. Rosa Araujo, tinha perdido o natural receio do começo e já não fechava o olho nem á mão de Deus Padre!

Felizmente para os gatunos, Morpheu desceu sobre a cabeça coroada do principe Caro, em quanto os espiritos alados de um coro de velhas, volteando em torno do leito, entoavam em voz celestial uma doce canção de amor:

«Dorme que eu velo, seductora Alteza,
Em quanto a Andreza vae fazer-te o chá...
Dorme á vontade, com prazer resona;
Vês uma fona se não dormes já...»

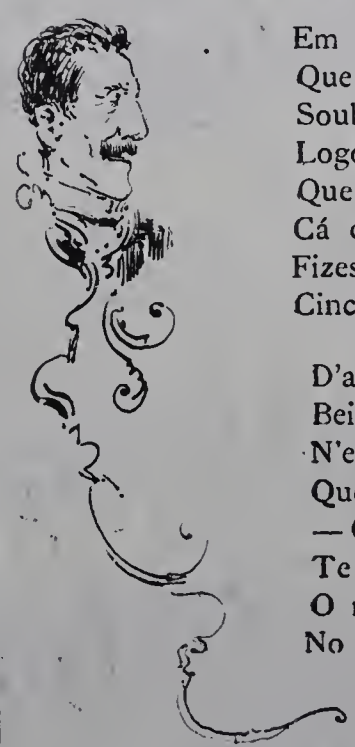
O principe cerrou as palpebras avelludadas, e os larapios saindo subrepticiamente do quarto, levaram o nome de s. ex.ª, occultando-o no singular esconderijo em que ao réu Marcellino Carneiro foi, em tempo, encontrado o roubo feito á Caixa da Bahia...

.....

E agora reparamos, que com esta rectificação, aliás imprescindivel, occupámos todo o espaço de que nos é dado dispôr para a chronica semanal. Mas antes isso, de que atrever-se alguem a pôr *pontinhos* sobre a reputação do sr. Fontes, quando essa reputação é, como vulgarmente se diz, uma reputação de *ponto final.*

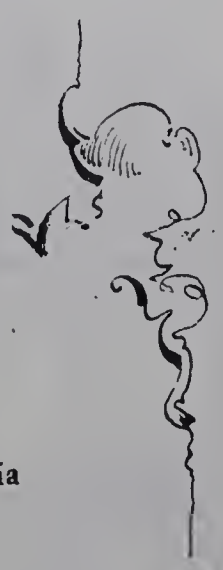
PAN.

Aos annos de Pedro Moreira



Em phrase rapida,
Que o tempo foge:
Soubemos hoje
Logo em jejum,
Que tu, macrobio,
Cá dos vet'ranos,
Fizeste em annos
Cincoenta e um;

D'aqui mandamos-te
Beijoca amiga
N'esta cantiga
Que a musa fez...
— Que á noite em furia
Te caia acceso
O mundo em peso
No **103.**



PAN.

Chronica lamechas

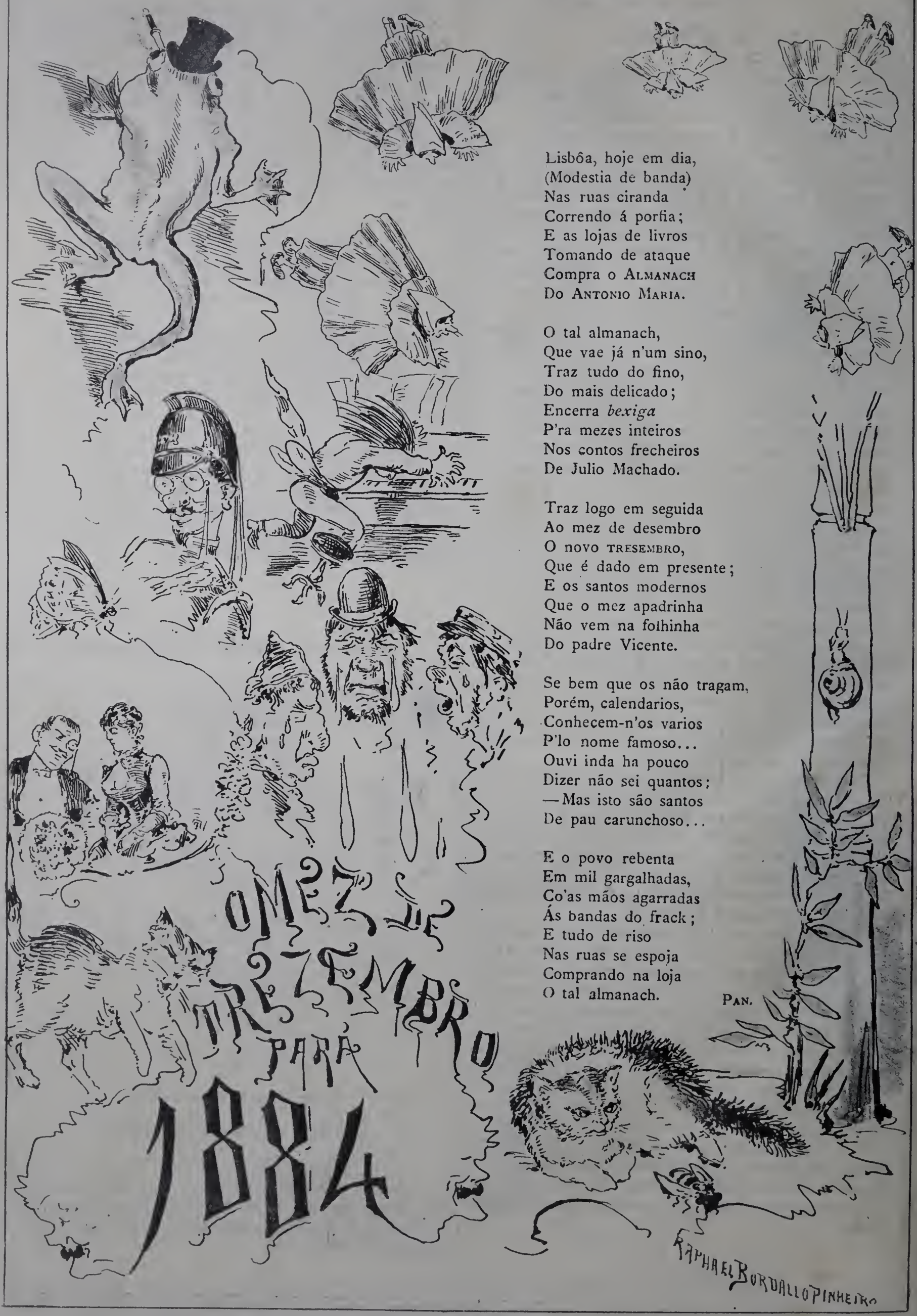
(Extracto do *Diario de Noticias)*

8 — 11 — 83

«Lembra-se de quem lhe mostrou o jornal? Creia que vos ama mais; não posso dizer o que penso. Adeus. D.»

Se nem póde dizer o que pensa, como diabo poderá pensar o que diz?...

ALMANACH DO ANTONIO MARIA



Lisbôa, hoje em dia,
(Modestia de banda)
Nas ruas ciranda
Correndo á porfia;
E as lojas de livros
Tomando de ataque
Compra o ALMANACH
DO ANTONIO MARIA.

O tal almanach,
Que vae já n'um sino,
Traz tudo do fino,
Do mais delicado;
Encerra *bexiga*
P'ra mezes inteiros
Nos contos frecheiros
De Julio Machado.

Traz logo em seguida
Ao mez de desembro
O novo TRESEMBRO,
Que é dado em presente;
E os santos modernos
Que o mez apadrinha
Não vem na folhinha
Do padre Vicente.

Se bem que os não tragam,
Porém, calendarios,
Conhecem-n'os varios
P'lo nome famoso...
Ouvi inda ha pouco
Dizer não sei quantos;
—Mas isto são santos
De pau carunchoso...

E o povo rebenta
Em mil gargalhadas,
Co'as mãos agarradas
Ás bandas do frack;
E tudo de riso
Nas ruas se espoja
Comprando na loja
O tal almanach.

PAN.

THEATRO DE S. CARLOS

A arte á mesa do orçamento

A arte fez-se burocrata. Vamos vel-a aperfeiçoar a letra com o sr. Carlos Silva e escrever officios pelo teor seguinte: «Tenho a honra de remetter aos ouvidos de V. Ex.ª as inclusas cinco fifias que me estavam atravessadas nas guellas.»

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo 12

PINHO LEAL

— «O Victorino de Fagilde encontrou na sala de espera Pinho Leal, um robusto e jovialissimo rapaz, de 30 annos, com uma fé politica, antipada da sua forte intelligencia — uma especie de poeta medieval, com um grande amor romantico ás cathedraes e ás instituições absoletas e extinctas.»

Esse robusto e jovialissimo rapaz que tinha então trinta annos e ao qual se refere nas linhas que acabam de ler-se o romance da *Brazileira de Prazins,* de Camillo Castello Branco, vive hoje no Porto, no sitio chamado Lordello do Ouro, — o melhor dos Lordellos, visto como havendo seis freguezias de Lordello em Portugal, não haja do Ouro mais nenhuma senão aquella, — e fez hontem 67 annos.

É o auctor da importante obra *Portugal Antigo e Moderno,* a publicação mais interessante para portuguezes e para os que queiram saber das nossas coisas, abundantissimo em noticias, dando informações de toda a especie, historia, tradicções, legendas, achados valiosos, coisas pouco saídas, outras de todo ignoradas, e que só n'este Diccionario se apuraram a poder de busca e de fadiga.

Com quanto cançado dos annos e do trabalho, é ainda hoje um homem surprehendentemente alegre. Come bem, bebe bem, e não se nutre á custa do Thesouro publico. Se é a necessidade que o obriga a escrever ainda em tal idade, quasi chega a desejar-se que não tenha a abundancia, afim de que, pela sua obra de escriptor, — muito embora continuando elle pobre, — enriqueça o paiz.

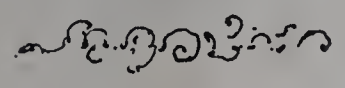
Parabens e um abraço ao nosso velho amigo.

Foi nomeado sub-chefe em Lisboa da fiscalisação maritima o sr. Augusto da Silva, medico em Villa Nova de Ourem. A escolha d'um medico de partido para sub-chefe da fiscalisação maritima, dá-nos a esperança de vermos ainda nomeado lente da escola medico-cirurgica um terceiro official da alfandega de Lisboa. Bom é que os filhos de Esculapio se vão resignando a abandonar a meza das dissecações pela meza do orçamento, porque, em summa, se a fiscalisação maritima não lucrar muito com isso, a pobre da humanidade sempre lucrará alguma cousa...

Diz o annunciante dos pudings de meio tostão que este delicioso manjar se prepara sem ir ao forno e podendo servir de fôrma qualquer objecto de louça vidrada. Lembramos ao Cardoso das pulhas que não perca o ensejo de fornecer ao publico, no entrudo proximo, uns pudings carnavalescos preparados por elle mesmo e vasados nas suas proprias fôrmas.

Recebemos dois primorosos almanachs illustrados, um do *Occidente* e outro de F. Pastor. Não podêmos dar preferencia a este ou aquelle pela rasão simples de que preferimos ambos. Estampas magnificas e artigos deliciosos, dos mais conspicuos lapis e das mais distinctas pennas do nosso pequeno mundo artistico e litterario, illustram esses dois formosos livros, entre os quaes, repetimol-o, difficil será escolher e por isso aconselhamos o leitor a que faça acquisição de ambos.

De Coimbra



O leitor tem que agradecer, á inexhaurivel e eterna semsaboria coimbrã, a ausencia d'uma semsaboria inaudita — as minhas chronicas. Se Coimbra ostentasse uma grande palpitação de vida, um ininterrupto desfilar de successos havia de me aturar com mais frequencia. Mas n'uma terra onde os successos d'hoje são os d'hontem e os d'amanhã, uma terra que nos apresenta diariamente, como um hotel mal servido, o mesmo *menu* d'acontecimentos, — Arlequim Pudicicio em *pose* seraphica, Rafael terciario, a coxear, a Maneta sem novidades, os *extravagantes*, os *blasés*, da alta escóla do deboche, esbanjando legitimas colossaes em charutos de vintem e em orgias cannibalescas d'ovos estrellados e vinho de meza, no Perna de Pau; os conquistadores, uns felizões que dão muito dinheiro ás boticas, e trazem grandes camelias na *boutonnière*, polainas de papelão e luvas retocadas — n'uma terra assim, d'um *menu* uniforme, invariavel, o chronista e o leitor arriscam-se a uma dyspepsia incuravel — o tedio, que é a dyspepsia do espirito. Chronista sem acontecimentos é um almirante sem esquadra. Tal e qual o almirante suisso. Hoje por exemplo, esta pequena chronica, não sei como a hei de architectar. Novidades ha muito poucas; quasi nenhumas.

Ha conselheiros conspirando aos pares em atitudes mysteriosas, ares impenetraveis de sybilla, meditando nas phrases celebres que hão de proferir nos *meetings*. A tempestade approxima-se. As eleições do club, — uma cadeira de patifaria eleitoral, como espirituosamente lhe chamou o Alexandre da Conceição, vão realisar-se de domingo a oito dias. As sessões *extraordinarias* succedem-se com effervescencia politica; tumultuosamente. Todos se descompõem e se tractam por *excellencia*.

A ultima sessão da camara... do club, correu muito agitada.

Lá estava Paulo de Cassagnac, um Catão da Falperra, lá estava o Pedro Demosthenes, um orador fluente, lá estava o Cicero Catalão, de estatutos em punho, lá estava o Leopoldo Clèmenceau, sempre com a lei em vista, o *Lapin de Chêne*, todo enluvado e almiscarado no estylo — estava lá a melhoria da eloquencia da terra. O Pedro chegou a ter raptos. O Cicero Catalão tornou-se notavel na leitura dos estatutos, e na hermeneutica.

O Mesquita leu bem as actas e entrou bem, no seu verdadeiro pé, na questão do café por causa do desfalque do Barnabé. A sessão acabou n'um banzé.

E de politica é o que ha. Estamos sobre um vulcão, para me servir d'uma imagem nova. De litteratura, uma grande esterilidade. O Eduardo d'Araujo, poeta do Rio Grande oriundo, vae publicar uma epopea — *O gelo dos tropicos*.

É original, authentico e muito caracteristico. A primeira parte faz solidificar o alcool. A ultima derrete o sal. O auctor abre com um preambulo onde expõe as precauções que devem tomar-se na leitura. Tem alguns desmandos d'imaginação, mas a obra tem folego, tem a immortalidade garantida, e o *ensemble* é d'effeito. Desde já felicitamos Eduardo d'Araujo pela nova manifestação do seu talento.

E é o que ha.

TU.

A SEMANA

Um Pinto benemerito metteu no bandulho do Prelade duas balas, que o mandaram d'esta para melhor. A Providencia, que vê direito por linhas tortas, encarregou este Pinto de livrar a sociedade, pelo meio mais rapido e mais innocente, d'um facinora emerito, que passava a vida devorando o pão molle que o pobre padeiro amassa todas as noites com as suas mãos honradas, e bebendo o vinho puro que o lagareiro trabalhador espreme todos os annos com os seus honestos pés.

Até aqui, nada de extraordinario ou digno de menção especial — excepto a acção benemerita do mais benemerito dos Pintos, em cuja camisola de grilheta devia brilhar já uma commenda ou uma grã-cruz, se n'esta terra as veneras se houvessem feito para premio da virtude, e não para gaudio de enfatuados.

O facto, porém, d'uma aggressão d'esta ordem, portas a dentro da cadeia, e, como o outro que diz, nas barbas da auctoridade, veiu trazer ao governo o conhecimento d'uma coisa que as proprias creancinhas de mama não ignoravam já, isto é, que a cadeia do Limoeiro está um estabelecimento apto a substituir todos os outros estabelecimentos, desde o arsenal do exercito até á casa da moeda, mas que, como escóla de moralidade, tem umas certas deficienciasitas, quasi imperceptiveis, valha a verdade, mas a que é necessario prover com a solicitude e o empenho de que os altos poderes do estado têem dado sobejas provas em casos similhantes.

Como medida de primeiro alcance, foi suspenso o director da cadeia, sobre cujas costas, moralmente largas, se atira com o sacco das culpas, porque não soube, com o pessoal deficientissimo de meia duzia de guardas, conservar no decoro e na quietação d'uma escóla de meninas, uns milhares de facinoras, tutelados sob um regimen detestavel!...

Seguidamente, uma commissão conspicua vae queimar as pestanas no trabalho titanico de estudar os meios para a reparação do mal, reparação que não póde ser outra senão deixar as coisas no mesmo pé, servindo comtudo de pé a que os convivas da meza do orçamento se apertem um pouco mais, afim de fazerem logar para meia duzia de recem-chegados.

Assim seja, e que os Pintos benemeritos se lembrem, de quando em quando, de que ha barrigas de Prelades, que estão pedindo dois cartuchos de polvora, pelo amor de Deus, e barrigas de afilhados, que imploram dois cartuchos de libras, pelo amor do sr. Fontes...

* * *

No sabbado de tarde começou a circular em Lisboa uma noticia, que, momentos depois, era repetida por todas as boccas, e escutada por todos os ouvidos:

— Quebrou o Brito!!!

Todos se espantaram, menos nós, que sempre tivemos o sr. Brito como homem de antes quebrar que torcer; e ainda bem que não torceu, porque, a sua estructura delgadissima, devia dar-lhe, depois de torcido, a apparencia d'um saca-rolhas, quando o sr. Brito, que nos conste, nunca sacou outra coisa que não fosse *letras*, sendo egualmente certo que, se tivesse sacado algumas *rolhas* que lhe entupiam o gargalo, não se veria agora engasgado com as letras que se lhe atravessaram na garganta...

Deixando, porém, divagações, o facto é que o sr. Brito estoirou, como se tivesse comido ao almoço, em vez de ostras cruas, uma duzia de bombas de dynamite, e que,

A QUESTA

Occupação do

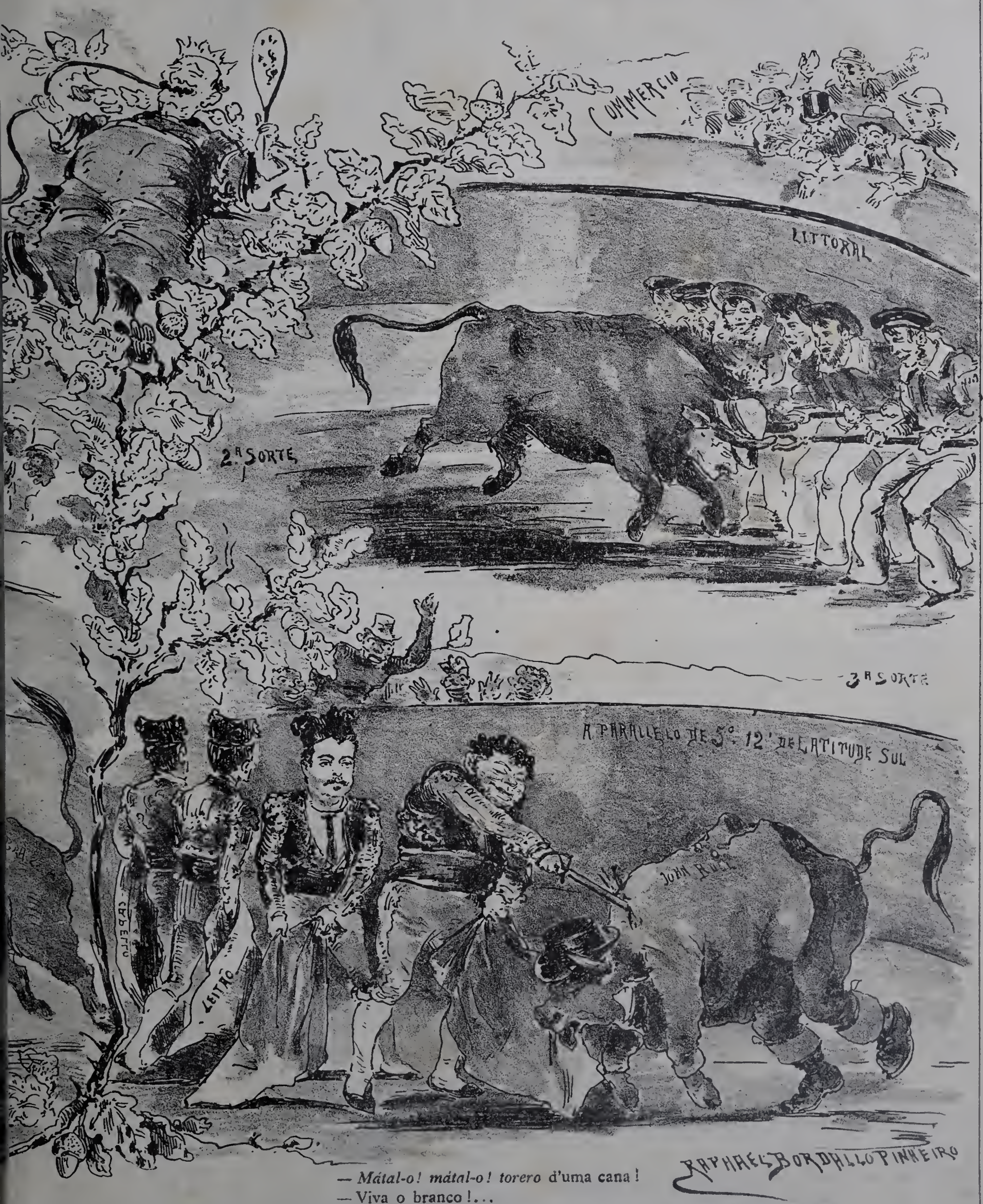
— Ahi fadistinhas!

— Bravo! bravo! pae preto tambem ser portuguez!

O *Antonio Maria* consagra esta pagina aos nobilissimos portuguezes F. Amaral, Leitão e Guilherme Capello, e sarios potentes nos salteiam, e uns raros batalhadores se levantam intrepidos em defeza do pobre chaveco que já tã saltar-lhe no peito um bocadinho de amor por esses pedaços de terra que Portugal chama baldia e que o estrangeir

D'AFRICA

ngo e Massabi



— *Mátal-o! mátal-o! torero* d'uma cana!
— Viva o branco!...

intervenção briosa e decidida se deve a occupação de Kacongo e Massabi. Quando de todas as bandas os cor-
co vale, esses batalhadores ganham direitos inquestionaveis ao affecto e á consideração dos que ainda sentem
ardentemente cubiça.

n'esse estoiro atroador, que fez tremer Lisboa pelos alicerces, voaram ao ar, como canas de foguetes, fragmentos indistinctos de corpos decepados, entre os quaes podémos notar, por mais volumosa e caracteristica, a taboa de um *banco*, que, á ultima hora, se recusára a representar o papel de taboa de salvação...

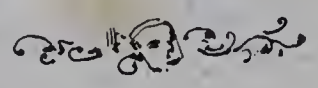
Depois da catastrophe, o corpo esquartejado do sr. Brito tem ainda sido alvo das mais crueis mutilações! Os amigos intimos, que ainda hontem lhe chamavam *genio*, continuam hoje a chamar-lhe genio, mas *genio mau*, de magica antiga, d'aquelles que tudo arrazavam e devastavam com os raios de busca-pé do pyrotechnico José Osti!

Chamam-lhe gastador, e extravagante, e perdulario, e estendem-lhe por ahi, n'um sudario enorme de leviandades e desperdicios, toda uma vida estroina e desregrada, desde o facto inqualificavel de illuminar o theatro a luz electrica, até á circumstancia, sem precedentes, de almoçar todos os dias meio bife com batatas!!!

Felizmente para a moralidade e para a economia, que o governo tomou posse do theatro de S. Carlos. Agora é que nós vamos ter uns bocadinhos lyricos, que hão-de fazer corar no tumulo os manes do conde de Farrobo, e por macuta e meia, como as companhias dos irmãos *Dallots*...

Lá iremos, com a nossa melhor casaca e a nossa gravata mais irreprehensivel, estoirar um par de luvas claras em bravos pela nova empreza, representada na pessôa do governo, a quem offertarêmos, enthusiasmados, uma formosa corôa de loiro, sendo *meia corôa* para o sr. Fontes, como presidente do conselho, e a outra meia para o resto do gabinete, dividida em partes eguaes.

PAN.



Regulamento interno para a nova secretaria de S. Carlos

I

Serão dadas a todos os funccionarios publicos gratificações de camarotes ou bilhetes de plateia, conforme as suas aptidões.

II

Se o primeiro official tenor não executar bem a portaria do Fausto, será primeiro admoestado e, reincidindo, suspenso.

III

Em dias de gala serão nomeados, de todas as repartições do Estado, funccionarios encarregados de applaudir a dama, sob pena de suspensão.

IV

Pelas eleições, os que não votarem com o governo, não terão mais entrada na secretaria e os empregados d'esta serão demittidos.

V

Os pedidos de camarotes e logares de plateia devem requisitar-se directamente do sr. presidente do concelho.

VI

O quadro das *hetairas* fica interinamente encarregado do serviço de *borlistas*, até nova ordem.

O casebre do Largo da Abegoaria, logo que teve conhecimento de que o theatro de S. Carlos estava por conta do governo, metteu a camara municipal de empenho para obter uma cadeira de borla, ao que aliás tem jus, como um dos primeiros elegantes do Chiado, que é.

Um articulista do *Diario Popular*, tratando da questão dos *rompões* nas ferraduras das bestas, com o mesmo interesse com que o Figueiredo trata da questão dos *tacões americanos* nos sapatos da humanidade, escreve as seguintes conceituosas palavras:

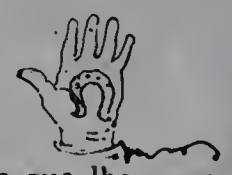
Muitas vezes as pequenas coisas são coisas grandes!...»

Já o Forte Gato havia proferido sentença parecida n'aquelle celebre verso que a fama tornou universal:

«D'um grão nasce a floresta...»

Está bem de ver que, se d'um grão nasce a floresta, muitas vezes as coisas pequenas são coisas grandes... Em todo o caso, bom é que se diga e nunca será de mais que se repita esta grande verdade, para que o mundo fique sabendo que quem vê caras não vê corações, não é o habito que faz o monge, d'onde menos se espera é que sae o coelho e mais vale um toma de que dois te darei — como diria o nosso amigo Silva Pereira.

Acrescenta o articulista que isto de ferraduras não é propriamente uma questão theorica, senão uma questão de pratica, e que n'este ponto elle tem rasões de sobejo para assegurar que a theoria é falsa como as moedas de dois tostões feitas pelo *Pera de Satanaz*... E conclue promettendo que não largará mão do assumpto, o que, pela ordem dos factores, que é arbitraria, exprime claramente que não largará o assumpto da mão...



Pois que lhe preste.

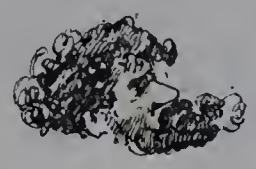
Um casamento (Rimas obrigadas)

Bernardo Polycarpo Paes	*Sovina*
Buscou para mulher Roza	*Toupeira*
Levando-lhe ella em dote basta	*Asneira*
Um par de castiçaes, uma	*Terrina*
Na bocca fedorenta uma	*Sentina*
Sem fundo nem travessa uma	*Cadeira*
Um pote já sem texto nem	*Torneira*
E para mais ajuda uma	*Menina*
O noivo tezo e crespo qual	*Palito*
De calças esticadas e	*Casaca*
Apresentou a noiva a sôr	*Pequito*
Tem cara de patifa e de	*Velhaca*
Disse este ao vel-a em grego ou em	*Sanscrito*
E tem um tanto ou quanto de	*Macaca*

LEITURAS CORRENTES

POR

F. Adolpho Coelho



PISCA-PISCA

Temos sobre a mesa um pequeno livro de 109 paginas, com o titulo acima indicado e da lavra do citado auctor.

A leitura rapida que fizemos d'esse extraordinario volume decidiu-nos a transcrever, por extremamente curiosos, alguns dos seus trechos mais notaveis, para o quê abrimos uma secção especial no *Antonio Maria*, secção que hoje encetamos e promettemos continuar.

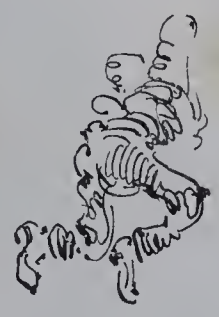
Começaremos, como é natural, pela

Prefação

«Um exame attento da maior parte dos livros destina-«dos a leitura em nossas escólas primarias mostrou-me «que elles não satisfaziam de modo algum ao fim a que «eram destinados. Por mais improbo e ao mesmo tempo «inglorio que se me afigurasse sempre o trabalho de or-«ganisar livros elementares e especialmente livros de lei-«tura, não hesitei ante elle, *vendo que ninguem com mais «competencia se resolvia a fazel-o...*»

Em vista da modestia com que se nos apresenta o illustre campeão da *reforma do ensino primario*, (como elle proprio chama ao seu livro no distico com que lhe encima a capa) não temos remedio senão curvar-nos em respeitoso arco de pipa, pedindo venia para adjuntarmos á transcripção dos seus bellos artigos as ligeiras considerações que o assumpto nos sugerir.

Posto isto, entremos no amago do livro.

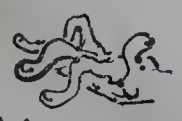


LIÇÃO I

«Partes do corpo»

I

«Dois olhos tenho p'ra ver
«Uma bocca p'ra fallar,
«Duas pernas para correr
«Duas mãos p'ra trabalhar.»



II

«Os dedos das mãos são dez,
«Por elles posso contar;
«Outros tantos teem os pés,
«Mas não os posso dobrar.»

Coitadinho! *Não póde dobrar* os dedos dos pés! Ora vejam que afflicção!... Aquillo são por força dedos de pau buxo, ou *d'uma cana só*, como diria qualquer marialva...

Se não lhe vem desde o berço
Aquelle mal esquipatico,
Só se elle escreveu tal verso
Sob o dominio preverso
Do mais preverso rheumatico...

Pois aconselhamos-lhe a que metta os pés n'agua; talvez que meia duzia de banhos mornos e meio kilo de sabão de potassa lhe ponham as articulações em estado de funccionar...

Saltemos para a lição V.

Falla o pae d'uns meninos á mãe dos citados meninos:

«Ambos somos precisos; em quanto eu estou na offi-«cina a trabalhar, tu governas a casa, cuidas dos filhos, «arranjas-me o almoço e o jantar, e, quando eu venho, «*pões-m'os na mesa...*»

Á primeira vista parece que o auctor se internou pelos campos da mythologia e que o protogonista do conto é o proprio Saturno, a quem a esposa põe na mesa o almoço, o jantar e os filhos, que o malvado devora d'uma assentada, como quem come uma fritura de bacalhau... Pois não, senhores!

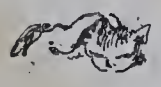
O protogonista é um official de carpinteiro e a esposa põe-lhe os filhos na mesa assim como um simples enfeite, á laia de centro de mesa cheio de ramos de violetas, que lhe deliciem o olfato emquanto as sopas da gamella lhe deliciam o paladar...

Vamos á lição X.

«Quaes são os animaes que se lavam? Como se «lava o gato? Para que nos lavamos? Que coisas se la-«vam?»

Quanto aos animaes que se lavam, julgamos que são todos, excepto um...

A segunda pergunta, o gato do *Antonio Maria* que lhe responda...



Assim, é visita d'homem..

Para que nos lavamos? Isso é um mysterio insondavel que nem o proprio auctor da pergunta é capaz de prescrutar...

Que coisas se lavam?

N'uma bacia de loiça,
D'agua deitando dois pingos,
Lava-se a cara aos domingos
E os pés em cada semestre;
E p'ra que o resto do corpo
Exale um doce perfume,
Laval-o todo é costume
Em dia de S. Silvestre...

Entremos na lição XII.

«— Que está no telhado
«— Um gato pingado.»

Um gato pingado no telhado, a deitar pingos de tocha sobre as inquilinas do terceiro andar, deve ser uma coisa muito desagradavel...

«— Que está na pia?
«— Uma casca de melancia.»

Isso foi obra da sua criada, que é uma cabecinha de vento... V. S.ª a recommendar-lhe continuamente que deite as cascas de melancia no barril do lixo porque na pia podem entupir o syphão, e a estouvada a desobedecer-lhe a cada passo...

Pois fôra melhor que ella cumprisse com os seus deveres, deitando na pia só o que á pia de direito compete, para que aquelles dois versos podessem soffrer esta pequena correcção:

«— Que está na pia?...
«— O livro de vossa senhoria...

E por hoje basta.

(*Continua no proximo numero*).

PAN.

SECRETARIA DE S. CARLOS

Decreto nomeando os empregados da nova secretaria denominada *Theatro de S. Carlos* — appendice ao Ministerio da Fazenda.

Funccionará no Largo de S. Carlos, emquanto não podér ir para a arcada do Terreiro do Paço.

Conselheiro official maior Director Geral

Primeiros officiaes

Segundos officiaes

Amanuenses

Continuos

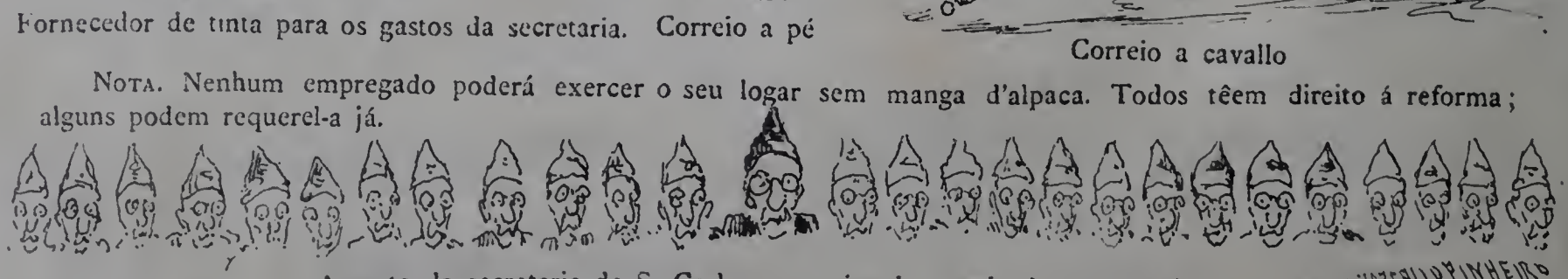
Chefe da companhia braçal

Companhia braçal

Fornecedor de tinta para os gastos da secretaria. Correio a pé

Correio a cavallo

NOTA. Nenhum empregado poderá exercer o seu logar sem manga d'alpaca. Todos têem direito á reforma; alguns podem requerel-a já.

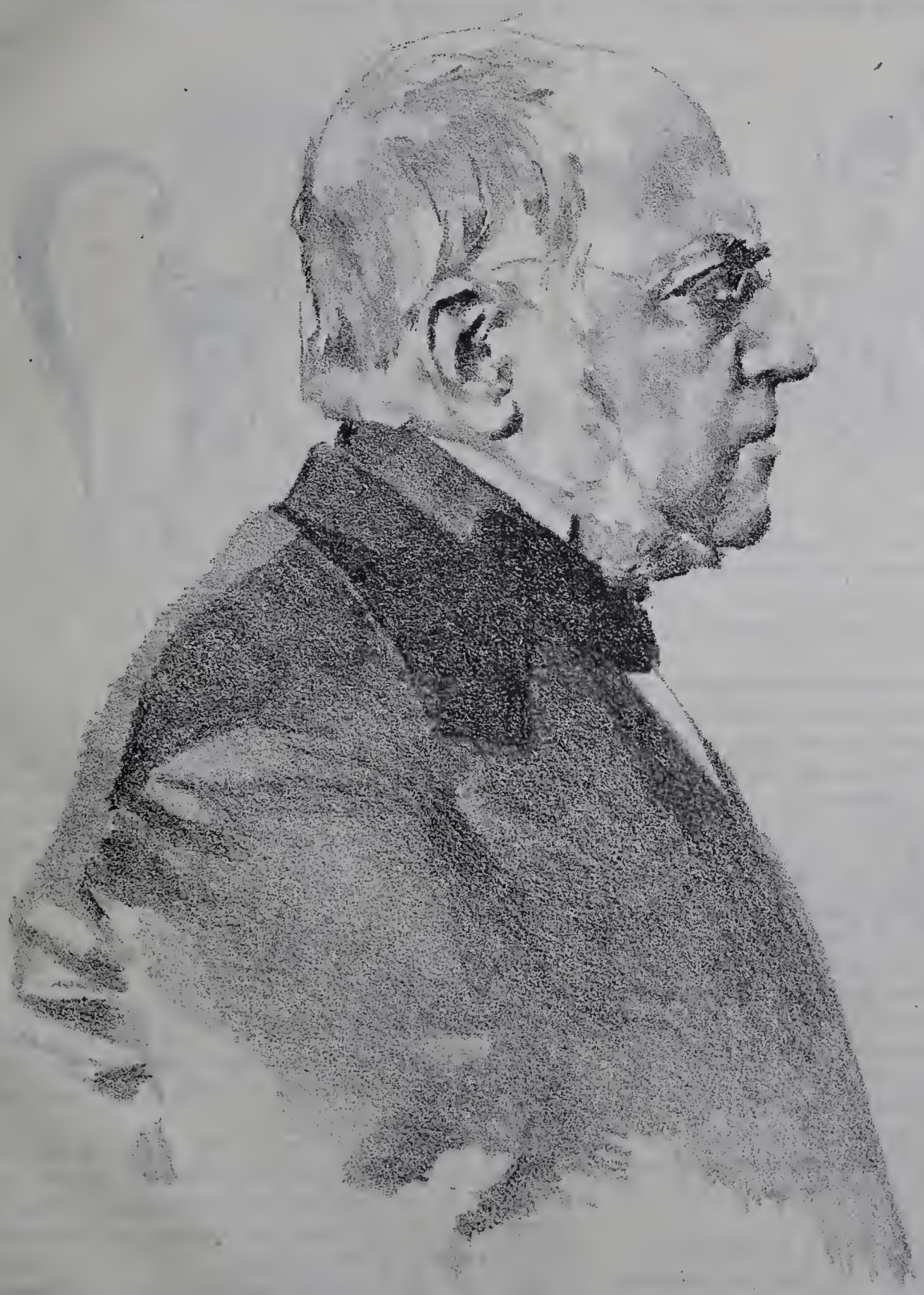


Aspecto da secretaria de S. Carlos em noite de estreia de empregado

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

MARTINS DE CARVALHO

Proprietario do CONIMBRICENSE



Ao Antonio Maria é sempre grato quando publica, como hoje, o retrato d'um homem trabalhador, e serio, e independente. Martins de Carvalho tem sido sempre um campeão destemido e desinteressado de tudo que se conhece por «liberdade» e de tudo que se chama «democracia». Consagrando-lhe esta pagina, obedecemos tanto a um acto de justiça como a um movimento de sympathia.

Coimbra toda o conhece e o aprecia, e nós queremos que o paiz o aprecie e conheça tambem, como um dos raros exemplares de virtude que tanto nos vão escaceando.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo 12

A SEMANA

Diz um ditado que «depois de mortos todos são bons» e nada mais infallivel de que doutrina de proloquio.

A final de contas, o fallecido Prelade, de quem por ahi contavam em vida coisas tenebrosas, crimes estupendos e atrocidades inauditas, não passava, segundo acaba de se verificar depois de morto, d'um cidadão honesto e prestimoso, a melhor das pessoas e a mais santa das creaturas, muito bemquisto no commercio, para quem fabricava massa de tomates, e muito bem considerado pelo alto funccionalismo, a quem acudia em occasiões de apuro com a sua bolsa sempre farta de boas libras. Chega a fazer pena que este honesto banqueiro escolhesse para ponto

das suas operações financeiras a enxovia da cadeia, em vez de abrir escriptorio na rua dos Capellistas, mas nem por isso as sumidades burocraticas que teem assento no Terreiro do Paço, á mão direita do sr. Fontes Todo Poderoso, preferiram o Banco de Portugal, apesar de lhes ficar mais ao pé da porta...

A lisura e honestidade de semilhantes transacções parece-nos de tal lote que aconselhamos o sr. ministro da Fazenda a prescindir futuramente dos serviços do sr. Burnay, entendendo-se directamente, quando isso lhe seja necessario, com os banqueiros da enxovia...

* * *

O que vimos de aconselhar a s. ex.ª tem tanta mais razão de ser quanto é certo que, a realisarem-se as previsões dos que se dizem lidos no assumpto, a praça de Londres ameaça fechar-nos as suas portas.

O principe herdeiro da Gran-Bretanha, esquecido ao que parece dos grandiosos bailes de côrte e dos espansivos foguetes de lagrimas com que a familia real portugueza lhe exprimiu os seus affectos, por accasião da vinda de sua alteza a Portugal; o principe de Galles, diziamos, não se dignou conceder ao principe D. Carlos a honra de o deixar dansar-lhe em casa dois compassos que fosse d'uma valsa puladinha, nos braços esgroviados da mais esgroviada das *ladies!!!*

Isto bradaria aos ceus, se não fora a circumstancia de não se ouvir lá nada com o vento!... Está pois eminente a roptura da alliança anglo-portugueza, e o sr. Hintze não poderá, em vista de tal roptura, quando lhe seja preciso tapar as ropturas do Thesouro, recorrer á praça de Inglaterra, sendo por isso de todo o interesse que transfira essas negociações para a praça do Limoeiro.

E, no fim de contas, *praça* por *praça*, talvez que o paiz sempre venha a lucrar alguma coisa...

* * *

As commissões de apuramento desembucharam finalmente, no dia 25, o resultado definitivo da eleição camararia. Apuradas as listas com todas as cautellas saiu eleito o sr. Fonseca das listas e das cautellas. A maioria da commissão não consentiu que fossem abonadas ao sr. Theophylo Braga as listas sem Joaquim, preferindo morrer engasgada com o Joaquim atravessado nas guellas, a consentir que elle fosse occupar na cadeira do municipio o logar disputado pelo feliz camarista Antonio Ignacio da Fonseca.

Damos os parabens á cidade pela soberba acquisição d'aquelle illustre cambista, de preferencia ao dr. Theophylo Braga, porque, em summa, de que o municipio está verdadeiramente precisado é de quem lhe faça *cambios* — e o saiba passar á capa...

PAN.

Está felizmente livre de perigo e em via de convalescença o nosso bom amigo dr. Mattos Chaves. Mandamos-lhe mil felicitações e pulamos de contentes só com a ideia de que, se tornarmos a torcer o pé esquerdo será elle novamente que nos hade pôr o pé direito.

Rectificando uma local publicada no *Diario de Noticias*, a proposito da Escóla do Alfeite, escreve para aquella folha, nos termos seguintes, o nosso amigo Jayme Arthur da Costa Pinto:

«*Meu caro Eduardo:* — Foi com grande prazer que li a noticia ácerca da *Escola do Alfeite* por, no teu popular jornal, se fazer justiça ao caracter bondoso e bisarro de el-rei que constantemente se occupa em proporcionar creanças pobres á instrucção.»

Bem diz um proverbio que «ás vezes na mesma casa uns são filhos e outros afilhados»... Sua magestade, que proporcionou ao paiz duas creanças tão formosas, tão illustradas e tão ricas como os principes D. Carlos e D. Affonso, tambem se occupa, nas horas vagas, a proporcionar á instrucção creanças pobres!...

Emfim, como a coisa é para a instrucção e a instrucção está precisada de creanças, deixar lá o homem cumprir com o seu dever...

Acabamos de receber um folhetosinho elegantemente impresso com doze graciosas oitavas intitulado Os Camarões. É uma feliz imitação do monologo francez *Les ecrevisses*, devida é penna sempre bem humorada do nosso collega Acacio Antunes.

Dispensando-nos dos elogios, que aliás justamente nos merece aquella interessante producção, limitamo-nos a furtar-lhe uma estrophe, que reproduzimos aqui:

«Nunca uma vez falhou sequer
A ceia a dois obrigatoria:
Trigueira, loira, emfim, qualquer!
Já lhes perdi mesmo a memoria.
Só, presidindo a taes sessões,
Nunca o *menu* foi variado:
Constantemente camarões
Em gabinete reservado!»

Serviço do correio

Pela administração do *Antonio Maria* fizeram-se as seguintes expedições:

Para o sr. Adriano Ramos Pinto, do Porto, cinco pastas de resguardo;

Para o sr. Ferreira de Brito (Porto) quatorze almanachs, em duas remessas;

Para o dono do kiosque da Praça de D. Pedro (Porto) mais dez almanachs.

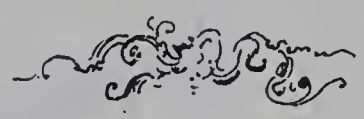
Nenhum dos objectos expedidos chegou ao seu destino.

Se não fôra o respeito que nos inspira todo o funccionalismo dos correios, telegraphos e pharoes do reino, de ora avante quando passassemos por pé das caixas onde se lançam as cartas abotoariamos o casaco...

Não nos parece que as pastas e os almanachs do *Antonio Maria* sejam d'uma volatilidade tal que se evaporem no caminho de nossa casa para a repartição competente e por isso, quando de futuro tivermos de effectuar remessas pelo correio, faremos acompanhar os volumes por um policia civil,

que será guardado por um municipal,
que irá sob as vistas d'um guarda nocturno,
a quem vigiará um cabo de policia,
acompanhado por pessoa da nossa confiança
a quem egualmente não perderemos de vista.

Só assim conseguiremos que cheguem ao seu destino as nossas remessas, que costumamos expedir sob a salvaguarda da real effigie — em estampilha...



S. Carlos

O theatro de S. Carlos, que estava por conta do sr. Brito e que está agora por conta do governo, continua a funccionar regularmente, como uma perfeita repartição publica que é. A opera lyrica deve effectivamente estar muito melhor *por conta* do governo, que é um brazileiro abonado, mas resta saber se o referido brazileiro, no caso de a empreza de *D. Maria* dar a borda, como a empreza de S. Carlos, tomaria tambem por conta a arte nacional como tomou a arte de fora de portas. Fiâmos muito d'um coração tão brazileiro, mas receiamos tambem que a sua predilecção pelas damas estrangeiras seja superior ao seu affecto pelas matronas do paiz...

***

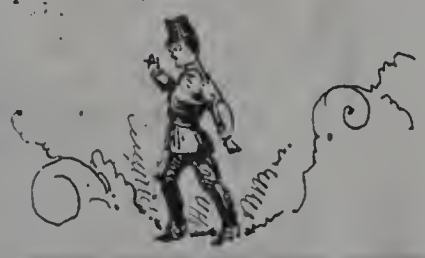
Como dissemos, S. Carlos continua a funccionar burocraticamente das oito horas á meia noite em ponto com a regularidade d'uma alfandega.

Tem verificadores e reverificadores.

Despachantes.

Primeiros officiaes (do exercito)

Aspirantes (tambem do exercito)



Elles bem querem... mas não podem...

A ASPIRAÇÃO DE QUEM NOS REGE, ORDENA E MANDA

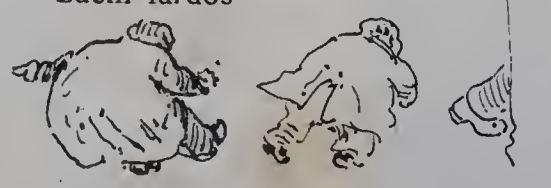
Guardas do fisco

Remadores

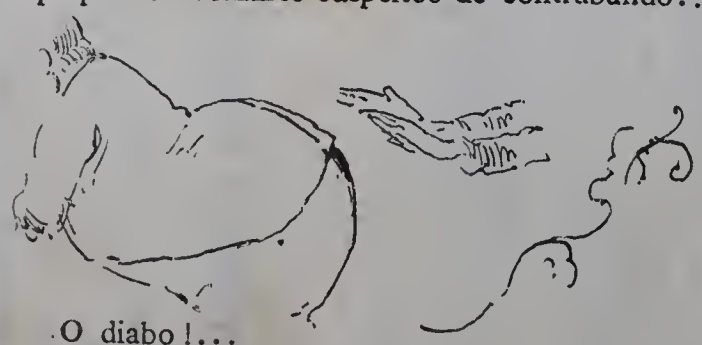
E por ultimo até foi nomeada apalpadeira a nossa collega D. Guiomar Torrezão!

O movimento é importantissimo.
Entram fardos

Saem fardos



Apalpam-se volumes suspeitos de contrabando...



O diabo!...

***

Como era de suppor, com S. Carlos succedeu o mesmo que acontece na burocracia quando ha mudança de ministerio: os de baixo sobem e os de cima descem. É assim que vemos hoje sentados nas cadeiras os que no tempo da empreza Brito tinham logar no paraiso e occupando o paraiso os que até aqui viramos florear na superior...

O actual bilheteiro é o sr. Grillo.

Apesar de grillo, porém, ainda não o ouvimos cantar, o que devéras lastimamos porque podia, em caso de necessidade, substituir vantajosamente alguns dos artistas da companhia.

Deus queira que os *dilettanti* lhe não dêem com a balda de comer alface, aliás são capazes de lhe comprar os bilhetes a generos, o que dará em resultado receber o governo o producto das recitas representado em logares de hortaliça...

A *Africana* vae magistralmente executada.

Apenas nos occorre fazer um pequeno reparo em questão de vestuarios: o sr. Piazza, por exemplo, vinha muito mais bem vestido com o fato do sr. Rapp e vice-versa.

E, já que fallámos no sr. Rapp, vem a pello pedir ao illustre cantor que não espete tanto o fura-bolos da mão direita quando vem á bocca de scena, porque pode enfial-o sem querer pela bocca d'algum espectador da geral...

Coliseo dos Recreios

A *Troupe Imperial Japoneza* SHONOSKEE, que debutou ante-hontem no Coliseo dos Recreios, é na verdade curiosa.

O trabalho do painel, executado por um japonez insignificante, com os dedos dos pés, é feito com uma limpeza tão digna de elogios como a *limpeza de mãos* que temos observado em muitos portuguezes illustres.

A menina que tira o passarinho da gaiola e mette o passarinho n'uma boceta e torna a mostrar o passarinho quando destapa a gaiola, é uma menina muito habilidosa.

O que não nos agradou, confessamol-o francamente, foi o sujeito que vem annunciar os trabalhos e que nos diz em japonez as coisas mais desagradaveis d'este mundo, concluindo por nos acenar com dois pausinhos! Pode ser que em japonez aquelles dois pausinhos não tenham significação malevola, mas em portuguez tem-n'a — e nem por isso é das mais limpas...

LEITURAS CORRENTES

POR

F. Adolpho Coelho

PISCA-PISCA

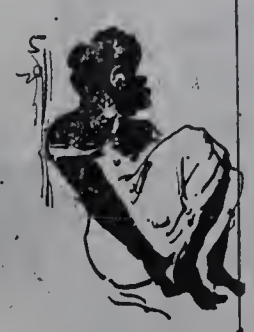
(Continuação)

Prosigamos, citando mais algumas estrophes da lição XII.

«Que está na chaminé?»

Ora o que imaginam os leitores *que está na chaminé?...*

Um tacho com borrié?...
Um frango de fricassé?...
A tigella do café?...



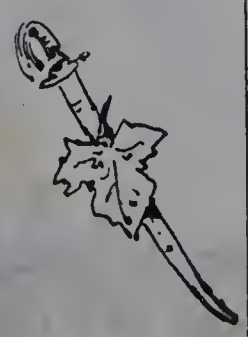
Não senhores: o que está na chaminé é

«Uma preta a coçar um pé!!!..

«Que está na rua?
«Uma espada nua?»

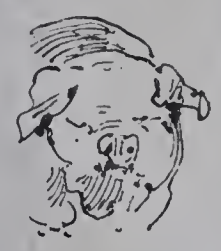
Pedimos á policia que mande pôr uma parra n'aquella espada ou que faça presente d'ella ao frontão.

Que espadas cruas
A andarem nuas
Por essas ruas
Sem um tapiço,
É vil despejo,
Se acaso as vejo,
Córo de pejo
P'ra o meu derriço...

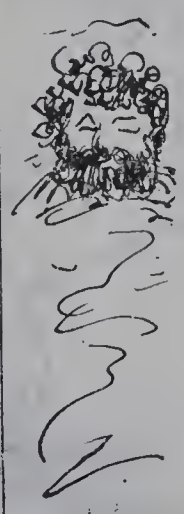


HORAS DO SOMNO

«Quatro horas dorme o santo;
«Cinco o que não é tanto;
«Seis o caminhante;
«Sete o estudante;
«Oito o preguiçoso;
«Nove o porco
«E as mais o morto».



Por informações particulares, fornecidas pela criada do sr. Adolpho Coelho ao seu freguez de hortaliça, que é infelizmente tambem o nosso, soubemos que s. ex.ª



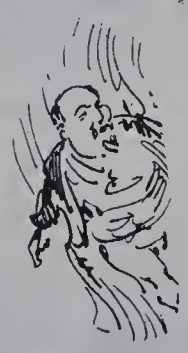
Ás duas horas da noite,
Feitas as contas e os roes,
É raro que não se acoite
Mettido em val' de lençóes.

E, quando as onze ressoam,
Saltando da cama em pello,
Os dois *presuntos* lhe escoam
Nos seus sapatos d'ourello...

Se, pois, não erro o que conto,
Tem por costume vocencia
Dormir nove horas em ponto...
— Singular coincidencia...

«A CHUVA»

«Começa a chover com grande força. Dos beiraes dos «telhados correm grossos fios d'agua; na rua vae uma en«xurrada que arrasta palhas, papeis, bocados de taboa. Pa«rece um rio!»



Rio que palhas arrasta
Correndo o terror espalha!
Quem salva a morte nefasta
O pobre Francisco *Palha?*

Lá vão papeis de roldão!
Pae do ceu! que rio aquelle!
Que medonho turbilhão!
— Que rio! Alto lá com elle!...

«A agua, que entrou na terra por toda a parte onde «choveu, vae-se reunindo d'entro *d'ella* em caminhos que «*ella* propria abre e vae sair nos sitios diversos, em fon«tes ou nascentes.»

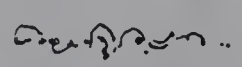
O vocabulo que sublinhámos não póde deixar de se referir á terra; de fórma que a terra recebe a agua por toda a parte e ainda em cima lhe vae abrindo caminhos, sem pagamento de viação districtal...

A isto é que se chama dar o unguento e o trapinho.

«De grandes fontes ou nascentes nos montes nascem rios.»

Isto quer dizer: Se o grande *Fontes* fosse a casa do *Montes* dos enterros, nascia o maestro *Rio*... de Carvalho...

(Este trocadilho é do sr. Mendonça e Costa).



(Continúa no proximo numero)

PAN.

AS AFRICANAS

Contrastes

A *Africana* de S. Carlos

A *Africana* de Cabo Verde

ANNA PEREIRA

Anna Pereira não tem só um talento excepcional, tem uma coragem e uma força de vontade excepcionalissimas. Ha bem poucos dias que a vimos para ahi doente, muito doente, e já hontem fomos encontral-a na Trindade, de D. Juanita, com mais vida e mais animação de que a propria D. Juanita — se ella tivesse existido. Oxalá se lhe conserve essa boa disposição, para que possamos vêl-a todas as noites atravez do nosso binoculo, em quanto ella vê por um oculo o seu medico assistente.

José do Patrocinio

Tivemos ante-hontem o prazer de abraçar o nosso amigo José do Patrocinio, redactor e proprietario da *Gazeta da Tarde*, do Rio de Janeiro o mais illustre dos brazileiros, e o mais benemerito dos Patrocinios, que emprega o seu tempo, a sua actividade, e o seu talento a patrocinar a redempção dos escravos nas terras de Santa Cruz.

Ainda ha bem pouco tempo, a 8 de outubro ultimo, que o *Club dos Libertos* do Rio de Janeiro prestou a José do Patrocinio homenagem sympathica e brilhante, na sua *Festa dos Livres*, em que foram redimidos quarenta escravos!

José do Patrocinio é um escriptor distincto e um orador fluente; e vem a pello dos seus dotes de eloquencia citar aqui um interessante episodio da sua recente viagem a Portugal.

Estando na tolda do paquete a discutir calorosamente, tanto José do Patrocinio gritou, berrou e se inflammou, que um incisivo postiço lhe saltou pela bocca fóra indo sumir-se nos seios ignotos do Oceano Atlantico!

José do Patrocinio, a quem o incisivo faz uma falta dos diabos, não para comer, porque come perfeitamente sem elle, nem para namorar, porque namora sempre de bocca fechada, mas para fallar sem que os *ss* lhe saiam sybillantes como silvos de locomotiva, tem ido todas as manhãs á Ribeira a ver se encontra o seu querido incisivo no bucho d'alguma pescada.

Desejamos-lhe que seja feliz nas suas pesquizas e d'aqu lhe enviamos outro abraço, promettendo tambem mandar-lhe um beijo quando tiver o dente no seu logar.

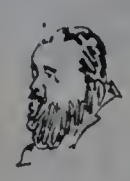
A um illustre galopim

Soneto obrigado aos consoantes

Eu te saúdo, illustre *galopim*
Que, com menores pernas do que o *Pan*,
Saltando aqui e alli qual salta a *rã*
Estrompaste na lida o teu *botin*.

Mas fizeste subir ao *galarim*
A gente patriota, a gente *sã*
Que não deixa cardar ao povo a *lã*
Nem no lombo do povo pôr *selim*.

Se não chegaste a heróe, foi por um *triz*,
Pois que apertaste mais o duro *nó*
Com que se amarra á gloria este *paiz*.



Salvé, Dom Galopim *x p t o!*
Salvé quem, a suar agua aos *barris*
O Fontes defendeu, patria é *Cócó!*

A SEMANA

Refere-se por ahi nos jornaes, relata-se nos clubs e commenta-se nos cafés, um caso verdadeiramente interessante.

Diz-se que o sr. ministro da fazenda, para abrir com chave de prata a sua gerencia n'aquella pasta, batoteara, em commum accordo com o seu collega da justiça, delatando a um primo d'este o teôr dos pontos para concurso, que elle ministro muito de proposito escolhêra, afim de que o seu apaniguado obtivesse por batota a classificação que por merecimentos proprios o jury podia denegar-lhe.

A respeito d'este pequeno incidente, que em nada por certo irá alterar a marcha methodicamente honesta da situação actual, teem os jornaes da opposição dito para ahi coisas mais negras de que a tinta com que escrevemos estas linhas, sendo para notar-se que as proprias folhas ministeriaes se absteram até o presente de tomar a deffensiva em tão negregado caso.

Pela nossa parte — nem ministeriaes nem opposicionistas — limitamo-nos a censurar tanto a indignação d'estes como a reserva d'aquelles, declarando muito peremptoriamente que só nos resolveremos a commentar os actos de s. ex.ª no dia em que o *Diario de Noticias* publicar a seguinte local:

«Foi hontem capturado nos covões de Alcantara, pelo policia Sacarrão, um individuo que ali se achava jogando a vermelhinha com os *habitués* do sitio e a quem a natureza caprichosa concedera nos traços physionomicos uma parecença verdadeiramente notavel com um ministro da corôa, do conselho de sua magestade, deputado ás côrtes, gran-cruz de todas as ordens da Europa e seus suburbios etc. etc. etc.»

N'esse dia, sim! N'esse dia escreveremos um artigo de sensação em defeza de s. ex.ª

Para o caso presente parece-nos que serão sufficientes os *artigos*... do codigo penal...

O capitão Martinez fez no domingo ultimo a segunda ascensão da praça do Campo de Sant'Anna no seu balão *Cidade de Lisboa*.

Ainda bem que o capitão Martinez não passa d'um simples furriel em volumes adiposos, porque, se tivesse a infelicidade de se parecer com os capitães do nosso exercito, nem que o balão tivesse as dimensões da propria cidade de Lisboa, de que tem o nome, seria sufficiente para lhe acarretar com o peso da barriga.

Já que fallámos no capitão Martinez, e visto que o governo, transformando o theatro de S Carlos em repartição do estado e admittindo os cantores como empregados publicos, fez prescrever a lei que recusava a estrangeiros o exercicio d'aquellas funcções, occorre-nos lembrar ao sr. Fontes a conveniencia de fazer inscrever o capitão Martinez na lista dos que comem pela lista do orçamento, nomeando-o para o logar de *fiscal dos batoteiros nacionaes.*

Acocorado na barquinha do seu balão, o capitão Martinez poderá, melhor de que ninguem, vigiar a *vol d'oiseau* e d'um simples *coup d'œil,* todo o machiavelico trabalho d'essa prestante corporação que se intitula *A Batota Nacional*, e, ora espreitando pela chaminé da casa do sr. Fontes, ora destelhando o ministerio da fazenda no ponto onde o sr. Hintze tem o seu gabinete, redigir os seus relatorios quotidianos e trazer o paiz em dia com os progressos sempre crescentes da sympathica instituição...

A lembrança parece-nos boa, e tão boa que a não damos de barato, antes exigimos, a troco de indemnisação, que nos sejam averbadas cinco acções beneficiarias de tão esperançosa Companhia.

E temos a nossa independencia feita!

Os inimigos do sr. commendador cambista Antonio camarista Ignacio indestructivel da Fonseca caixa de correio á porta andam desaforados.

E tão desaforados que ainda ha bem poucos dias quizeram furar com uma caixa de capsulas a barriga do sr. Fonseca caixa de correio, e destruir os intestinos preciosos do sr. Ignacio indestructivel!!!

Os sicarios tiveram comtudo a urbanidade de prevenir a victima com vinte e quatro horas de antecedencia, afim de que o sr. commendador tivesse tempo de pôr as suas commendas, encommendar a sua alma a Deus e fazer as suas encommendas para a loteria de Madrid.

A escolha do genero de capsulas com que deviam mandar o sr. camarista da camara municipal para a camara ardente é que deu muito que madurar aos sicarios...

Primeiro lembraram-se de mandar ao sr. caixa de correio uma caixa com capsulas fulminandes que na explosão deviam deitar-lhe fogo ás barbas; mas constou-lhes que o sr. *indestructivel* estava na *tinta* e que já tinha até posto de molho as barbas... do piassá. Em seguida occorreu-lhes dar-lhe cabo do canastro com as capsulas de Raquin; mas pensaram que em vez de lhe tirar a vida o sr. Fonseca podia exclamar: — Dêbol-a a bida!... Por ultimo assentaram em que o melhor seria fazel-o esticar o pernil com capsulas de garrafa!...

A ideia foi magnifica mas o sr. Ignacio não cahiu. Se além das capsulas lhes teem mandado tambem as garrafas, é que elle *cahia* com toda a certeza.

O sr. commendador, desgostoso com similhante perseguição, resolveu fechar o seu estabelecimento ao Arsenal e andar elle proprio, armado em arsenal, com todas as cautelas d'uma pessoa infeliz e d'um feliz cambista, e impingir ao genero humano o seu genero de negocio, que trará alapardado sob a venéra de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, podendo d'esta fórma, quando viçoso assistir a recepções no paço, passar *bilhetes* ás damas sem que isso se torne reparado e conseguir até que o monarcha, que tão pouco se interessa pela sorte de Portugal, gaste os seus tres vintens para ficar interessado na sorte de Hespanha!...

PAN.

Crise ministerial

Corria hontem no gremio que com a chegada do sr. Aguiar se determinára uma crise ministerial de que resultará sairem do governo os constituintes e basorraceos, formando-se em seguida o seguinte gabinete verdadeiramente fontista:

Presidencia: Fontes (porque a presidencia nasceu com elle).

Fazenda: Carrilho (porque quer deixar a vida jornalistica e metter-se a *fazendeiro*).

Reino: Alberto Pimentel (porque sempre foi muito dado á *reinação*).

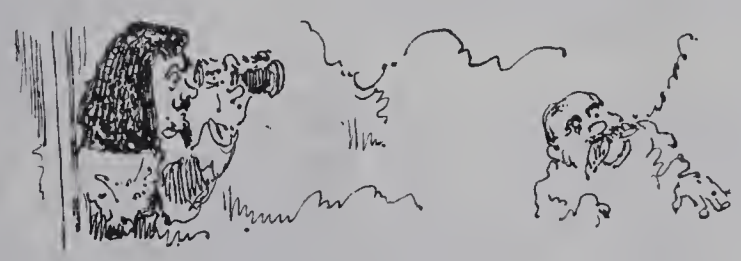
Marinha: Luciano Cordeiro (porque gosta muito de *marinhar* com o queixo).

Justiça: Conselheiro Arrobas (porque já tem o peso das *arrobas* e só lhe falta a balança da *justiça*).

Obras publicas: Antonio José Teixeira (porque anda com o appetite de metter o nariz nas *obras publicas*).

Guerra: Ferreira de Mesquita (porque é o herdeiro da espada de cortiça com que o tio Fontes matava a carriça).

Estrangeiros: Marquez de Vallada (porque sabe muito bem de mimica e escusa de se entender com as potencias a dar á lingua em estrangeiro...)



D. João IV, que assistiu em gesso á recita de gala do 1.º de dezembro no theatro de D. Maria, quando viu *A Sociedade onde a gente se aborrece*, ficou muito admirado de que não figurasse na peça o sr. Sanches de Baena mais a commissão respectiva.

Visitámos ha dias a fabrica de telha de Marselha de que são proprietarios e iniciadores os nossos amigos Loureiro Lupi e Bandeira de Mello, tres moços trabalhadores e intelligentes, a cuja boa vontade e incansavel presistencia se deve em Portugal a implantação e o desenvolvimento d'aquelle ramo de industria. Folgamos de ver que alguns portuguezes, se bem que poucos, vão consagrando o seu trabalho e o seu capital ao desenvolvimento de industrias nacionaes verdadeiramente promettedoras, em vez de fundirem o capital em papeis de credito publico e passarem a vida a ver trabalhar os outros.

A telha manufacturada n'aquelle estabelecimento é de qualidade e fabrico superiores á telha de Marselha (e não sabemos se até á propria *telha* do sr. conselheiro Arrobas.)

Pedimos á camara municipal, já que não quer demolir o pardieiro do largo da Abegoaria, que o mande ao menos embellesar com aquella telha, porque assim ficará um verdadeiro Nabuchodonosor, com cabeça de oiro e pés de barro.

A AIDA

A eleição municipal

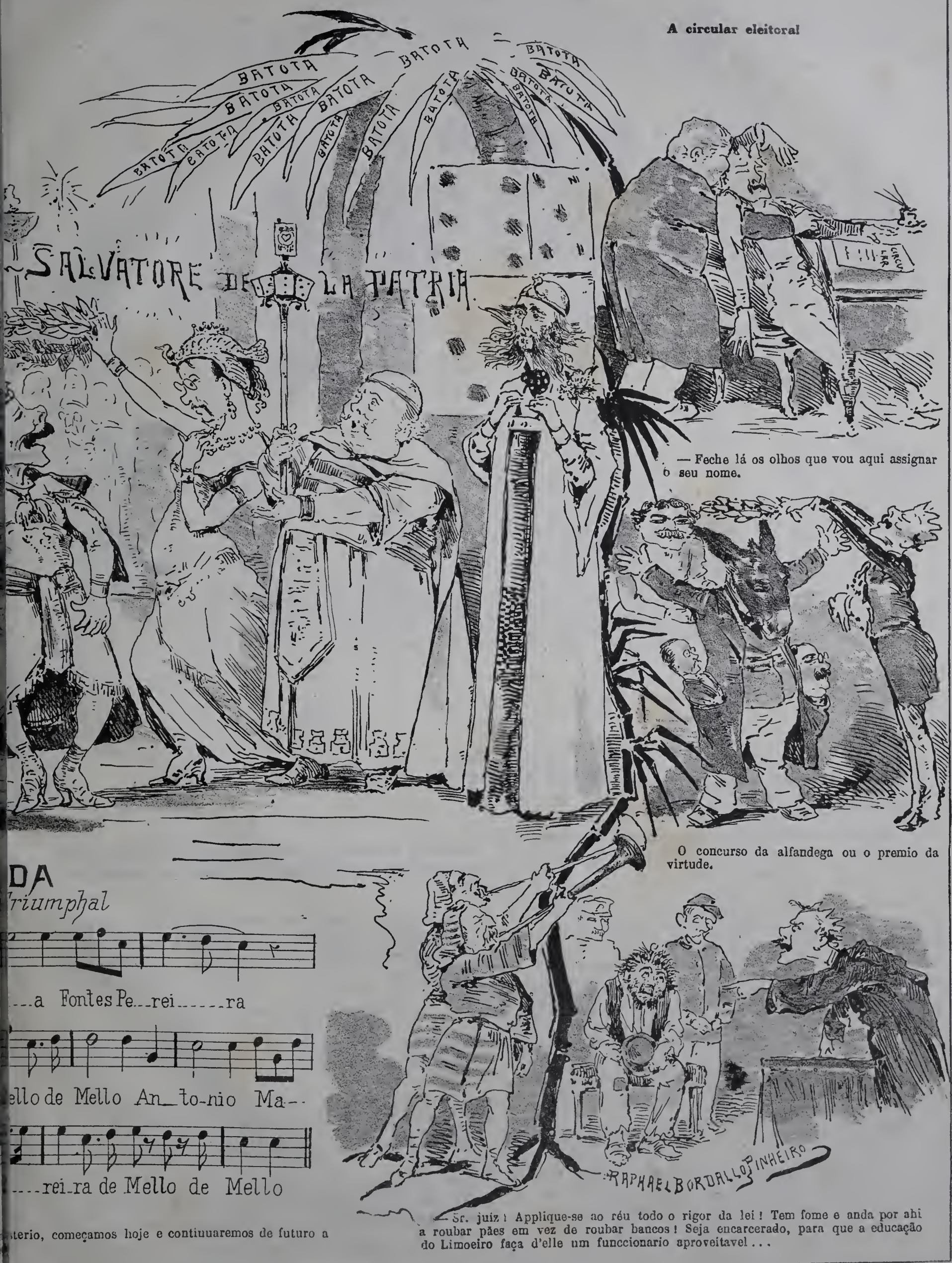
— Ou saio eleito, ou mostro as cartas em que se me pedia a bernarda dos cauteleiros...
— Oh! isso não!!!...

Fazem-se transacções de todo o genero e «capachos» de toda a estofa.

— Desejo um emprego publico para este rapaz que é estupido e não quer trabalhar; pago com o meu dinheiro e conheço o senhor Fontes!
— Está servido...
— Olhe! tambem o quero encarregar do enterro de minha sogra mas isso infelizmente ainda está para peras.

Em vista da feição lyrica tomada pelo
dar em musica os principaes vultos da situ

BATOTA



A circular eleitoral

— Feche lá os olhos que vou aqui assignar o seu nome.

O concurso da alfandega ou o premio da virtude.

— Sr. juiz! Applique-se ao réu todo o rigor da lei! Tem fome e anda por ahi a roubar pães em vez de roubar bancos! Seja encarcerado, para que a educação do Limoeiro faça d'elle um funccionario aproveitavel...

DA
Triumphal

...a Fontes Pe...rei.....ra

ello de Mello An_to-nio Ma--

....rei-ra de Mello de Mello

...terio, começamos hoje e continuaremos de futuro a

THEATRO DO RATO

Los sobrinos del capitan Gran é uma peça espectaculosa, bem vestida, bem posta em scena e bem representada, com que o theatro do Rato está deliciando não só os moradores do sitio como os do coração da cidade.

Até parece que o Rato quer *metter pé* em *D. Maria*. E se fosse no tempo em que *D. Maria* estava aos ratos não só o conseguia como até o theatro lucrava com isso.

LEITURAS CORRENTES

POR

F. Adolpho Coelho

PISCA-PISCA

Prosigamos na lição interrompida.

Falla o sabio:

«Se eu deitar n'um vaso de terra bastante agua, vejo «que ella vae quasi toda reunir-se no fundo e sair pelo «buraco que lá ha, formando fonte.»

Não discutindo sobre se os vasos que o sr. Adolpho Coelho tem em casa serão de terra, como elle dá a entender, ou de barro, como nós usamos desde pequenos, limitamo-nos a chamar a attenção do paiz para o facto de que, deitando bastante agua n'um vaso — de terra ou barro, pouco importa — parte d'essa agua vae sair pelo buraco *que lá ha*, formando *fonte*.

Isto é uma revelação importante para a historia politica de Portugal.

Fica evidenciado que o sr. Fontes veiu ao mundo saindo pelo buraco d'um vaso em que alguem havia deitado muita agua...

Cá nos queria parecer que o illustre valído não podia ter outra proveniencia. Lembramos a todas as meninas que não reguem os seus mangericos com demasiada prodigalidade, não seja o diabo negro que principiem a nascer para ahi Fontes como cogumellos em borda de poço...

«A Lua»

«Quando ao fundo da rua apparece uma pessoa, pri«meiro só sei dizer pelo vulto e vestidos se é homem se «é mulher.»

Pois não se fie muito em apparencias porque, apezar dos bons serviços do Antunes e do Palmella, ainda andam por ahi ás noites umas sereias tentadoras que cantam em voz de baixo...

«As habitações dos animaes»

« — Como se chama a casa onde se recolhem os cavallos?
« — Chama-se *cavalhariça*.»

O cavalheiro está enganado... A *cavalhariça* deve ser a casa onde se recolhem os cavalheiros...

«Henrique já sabia que os pombos se recolhiam no pombal.»

Este Henriqueer a um mocinho muito sagaz; pela esperteza até parece filho de s. s.ª o auctor do livro...

(*Continúa no proximo numero*). PAN

Theatro da Trindade

D. Juanita

A falta de espaço impede-nos de fallar mais largamente d'esta peça, que é, como todas as que saem das mãos de Eduardo Garrido, um aguaceiro em tres actos de pilheria sã e graça sem mistura, que nos põe a rebolar pelo chão á gargalhada.

A musica deliciosa, d'estas que ficam no ouvido logo á primeira audição e recebem a sancção publica no assobio do garôto, foi habilmente instrumentada pelo distincto maestro Gazul.

O guarda roupa é de Carlos Cohen e n'isto dizemos tudo.

A scena do ultimo quadro, pintada por Machado, é de um effeito verdadeiramente deslumbrante. Um bravo ao primoroso artista.

E agora, fallemos dos personagens em rapidos *croquis*.

Anna Pereira de homem, Anna Pereira de mulher, e Anna Pereira de bébé, são tres pessoas distinctas e não sabemos qual d'ellas mais verdadeira, visto como todas são perfeitissimas.

Delmira Mendes é um officialsinho que, se commetter a imprudencia de ir ao Passeio Publico n'um domingo de tarde, leva agarradas ás abas da farda todas as meninas da rua dos Fanqueiros. Até nós eramos capazes de nos vestir de menina para lhe fazermos uma espera na travessa do mesmo nome...

Leoni é um alcaide que faz *bexiga* de fazer estalar as pedras com riso; — e tanto que até sentimos estalar a pedra da bexiga!

O Augusto conhecemol-o porque elle nos disse quem era. Traz uma cabelleira de tal ordem que á primeira vista julgámos ser o Eduardo Coelho que entrava em scena.

Firmino é um general que não tem senão uma perna, que não meche senão um braço, que não dispõe senão d'um ouvido e que não mostra senão um olho. É o que verdadeiramente se chama meia dose de general — sem allusão ao sr. general Macedo.

Amelia Barros, apesar da cabelleira postiça e das rugas de pó de sapatos, é uma bailarina aposentada que ainda faz pular o pé a muitos conselheiros igualmente aposentados.

Santos Silva, Ferreira, e Silva representam o carvoeiro, o padeiro e o taberneiro como quem sabe do seu officio — no palco da Trindade.

As coristas que fazem de estudantes trazem cabelleiras para dar e vender e ainda ficar cabello para mangas — para caracóes, queriamos dizer...

A corista Julia, principalmente, poz uma cabelleira loira de taes dimensões que parece um pano de palha com um chapeu em cima. Recommendamos ao Francisco Palha que no interesse do proprio appellido tenha sempre á mão uma agulheta, não pegue fogo n'aquelle palheiro...

E, finalmente, a discipula Amelia, uma voz fresca, bem timbrada e promettedora, e uma carinha bonita, distincta, — mas que infelizmente não nos *promette* nada — é uma gallega provocante por causa de quem cortariamos n'este momento as nossas relações commerciaes com o sr. Pinto Coelho, se o mister de vender agua fosse em Galliza extensivo ao bello sexo.

E dizemos como Antonio Pedro n'uma comedia algures:

Quem me dera ser

Andaluz, sivilhano ou vasconso;
No meu louco furor até chego
A arrancar os cabellos com ancia
De poder transportar-me em gallego!...

Pan.

BARALHO MARCADO

Corre por hi no mercado
E dil-o o paiz inteiro
Que anda tudo embatotado
E que ha *baralho marcado*
Nas unhas d'um batoteiro.

Em phrases duras, brutaes,
D'um natural desafogo,
Affirmam varios jornaes
Que estão cheias de signaes
Todas as cartas do jogo!

Quem nas batotas é lido,
Protesta ter visto um AZ
Muito nosso conhecido,
Com que é preciso sentido
Pois 'stá marcado por traz...

Apontam varios, saltando
De raiva, quaes finos pôtros,
Um DUQUE de contrabando,
Que se descobre notando
Que é mais comprido que os outros...

Tambem se falla d'um TERNO
Que ao tal baralho anda annexo;
Dos outros logo o discerno
Ao ver um galan eterno
E *terno* p'ra o bello sexo...

Em *quadras* não se esquadrinha,
Antes das *quadras* fujamos...
Que é *quadra* falsa, damninha,
Do jogo da vermilhinha
A QUADRA que atravessamos.

QUINAS... Ai! d'ellas, coitadas!...
Eram fanal de guerreiros...
Mas hoje, velhas, rasgadas,
'stão todas porcas, marcadas
P'los dedos dos *batoteiros*...

Das SENAS com que se intruja
Nem faço o conto estupendo;
Só digo ao leitor que fuja...
Pois não ha *sena* mais suja
Que as *scenas* que estamos vendo...

Cantor's da rosa e do orvalho,
Mudae as cordas das lyras;
Tocae um canto bandalho,
Que as DAMAS d'este *baralho*
Chamam-se agora hetaíras...

VALÉTES, nem fallar n'elles!
E tu, leitor, toma nota
P'ra que a jogar te acauteles;
Não ha *valétes* mais reles
Nos vis bordeis da batota.

Alguem, apenas, affirma
Que o REI não mostra sinete...
Pois se a coisa se confirma
Da casa pondo-lhe a firma
Marquem o *rei* a ferrête...

PAN.

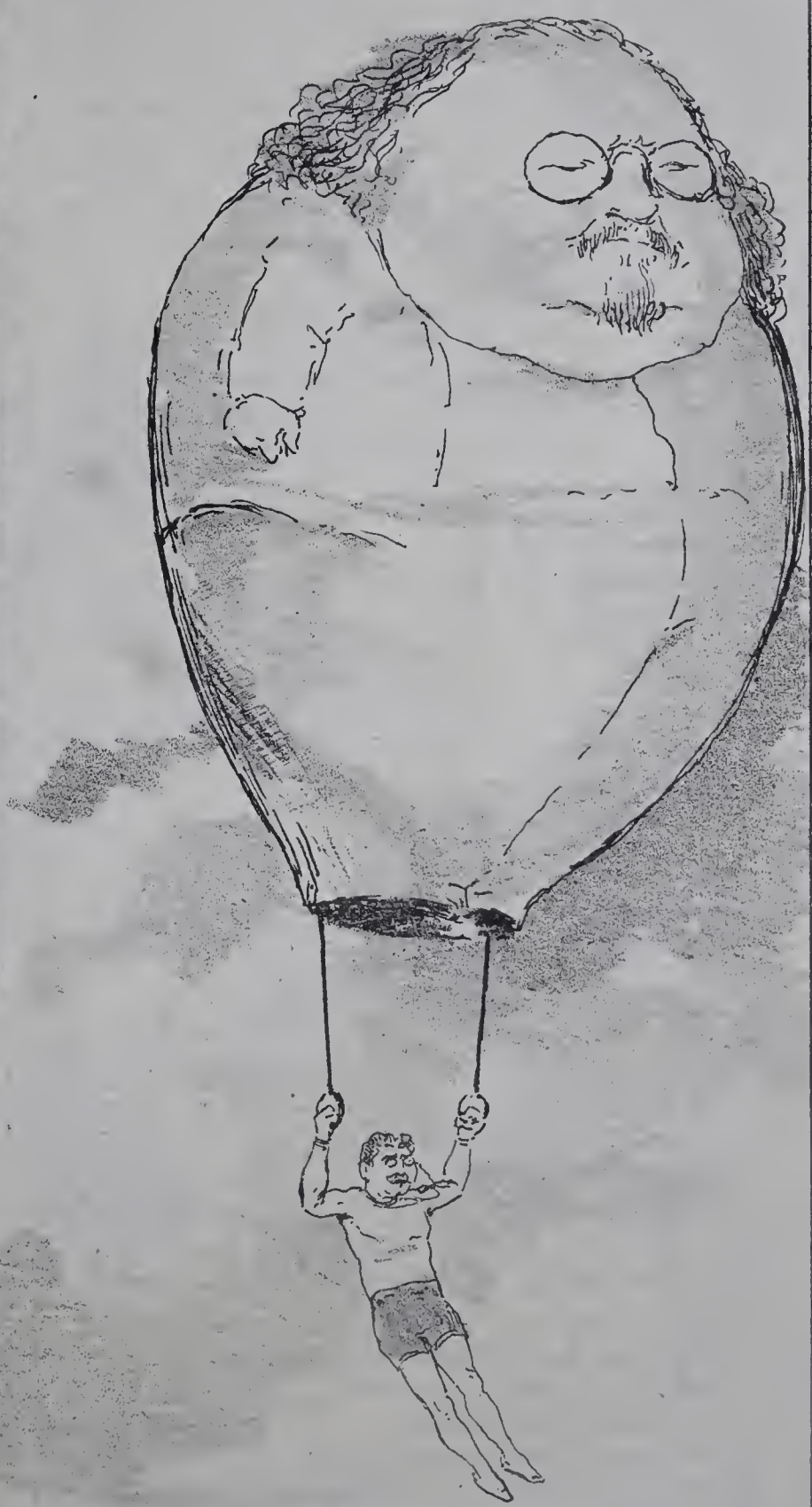
O BALÃO CONSTITUET

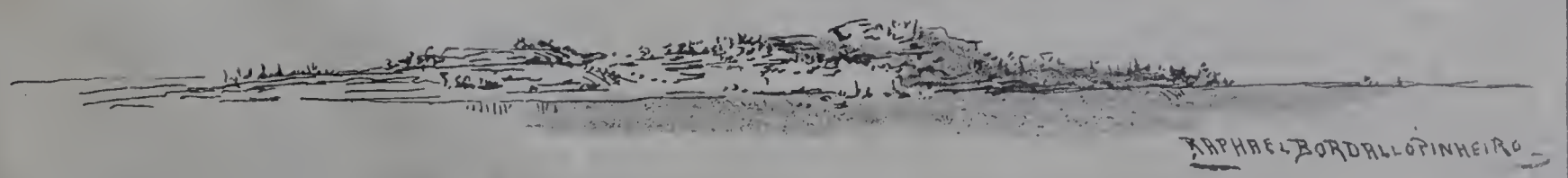
LES COUPS DE CANIF

Diz o *Voltaire* que el-rei o sr. D. Luiz sentindo-se *coupable de quelques grands coups de canif donnés dans son contrat*...

De forma que sua magestade passa as horas vagas a recortar o *contracto* a canivete, para fazer flores com que enfeita os abat-jours...

Pios não sabiamos que tinha o canivete tão bem amolado...





O acrobata tem executado trabalhos atrevidos mas começa a não agradar e os espectadores estão a cada momento esperando que elle *cáia*.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo 12

A SEMANA

Mais de septe seculos sam passados depois que tu, ó Christo, vieste visitar a terra...

E as tuas palavras foram escutadas pelos indomaveis filhos da Gothia...

Perdão. Isto é do immortal Alexandre Herculano.

A nossa prosa é a que segue:

Mais de sete dias são passados depois que tu, ó Pan, rabiscaste a ultima chronica para o *Antonio Maria*, e ainda as tuas palavras não foram escutadas pelos indomaveis *filhos* do sr. commissario geral de policia, e ainda os lynces da Parreirinha não conseguiram, atravez do muro de escama de peixe que occulta os grandes factos mysteriosos, descobrir onde está o gato que entrou na casa, onde estava o armario, que tinha a caixa, que encerrava o trapo, que produziu o papel, que deu a folha, onde se fez a *pápa*, que engasgou o primo do sr. Lopo Vaz no concurso da Alfandega!!!...

E não vá para ahi pensar-se que a policia tenha andado em todo este negocio com menos vontade de que vontade a incita quando sôa a hora de subir aos terceiros andares, para receber a perninha de perú ou o taçalho de presunto offerecido em holocausto a deus Cupido pela mais amantetica das sopeiras.

Não senhores! Vontade não lhe falta! Mas é que o caso está deveras intrincado...

Ora supponham que o sujeito X é depositario d'um papel;

E que o sujeito Y é co-depositario do mesmo papel;

E que um sujeito Z saca da algibeira o mesmo papel — que pelo grau de importancia que lhe estão dando já nos vae parecendo um papelão.

A este tempo ouve-se alguem gritar:

— Lá vae o *papelão*...

— Onde estava o papelão?

— Estava na direcção geral das alfandegas...

— Mentes tu! Onde estavas tu?

— No ministerio da fazenda.

— Mentes tu! Onde estavas tu?...

E assim por diante até á consumação dos seculos, sem que a policia que tudo vê, observa, investiga, fareja, palpita e descobre, seja capaz de suspeitar sequer por onde demonio saiu o papelão que estava confiado á guarda do depositario X e do co-depositario Y!...

Nós é que já não temos cabeça para seguir um negocio tão emmaranhado. Credo! que complicação...

Antes o labyrintho de Creta...

* * *

Ainda não ha muitos dias que a policia, entrando no banco hypothecario do Limoeiro, lhe esburgou como uma vassoura mechanica, os cantos mais reconditos, varrendo cá para fóra todos os artefactos de ferro e aço que encontrou ao alcance das barbas, desde o canivete elegante destinado a tirar a poeira das unhas, até á sevilhana de meio metro destinada a tirar as tripas á humanidade.

— Agora sim! dizia o sr. commissario á saida do *banco*: agora é que isto ficou limpo de *ferros* a valer...

Pois pode limpar a mão á parede e assentar praça na Ávante Canecense, porque talvez toque ferrinhos com mais limpeza de que habilidade revelou para a limpeza dos ferros...

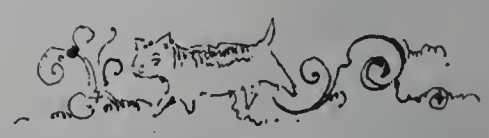
E senão, vejamos. Passados doze dias, um preso pretendia esfaquear o juiz — não sabemos se integerrimo como cá se diz — de uma d'aquellas prisões, e os demais presos, a um tempo, appareciam armados de ponto em branco, como outros tantos magarefes no exercicio das suas funcções!

Este successo veiu trazer a publico que a policia, passando busca ao banco hypothecario do Limoeiro e apprehendendo todas as navalhas que encontrou, só teve em vista substituil-as por facas, melhorando assim o systema de armamento, como o sr. ministro da guerra costuma de quando em quando praticar com o nosso exercito.

Louvamos os poderes publicos que tanto se interessam pela boa organisação das forças militares da enxovia, certamente com o pensamento reservado d'aquelle fidalgo que tratava os criados como pessoas de familia, porque tinha lá para comsigo esta singular apprehensão:

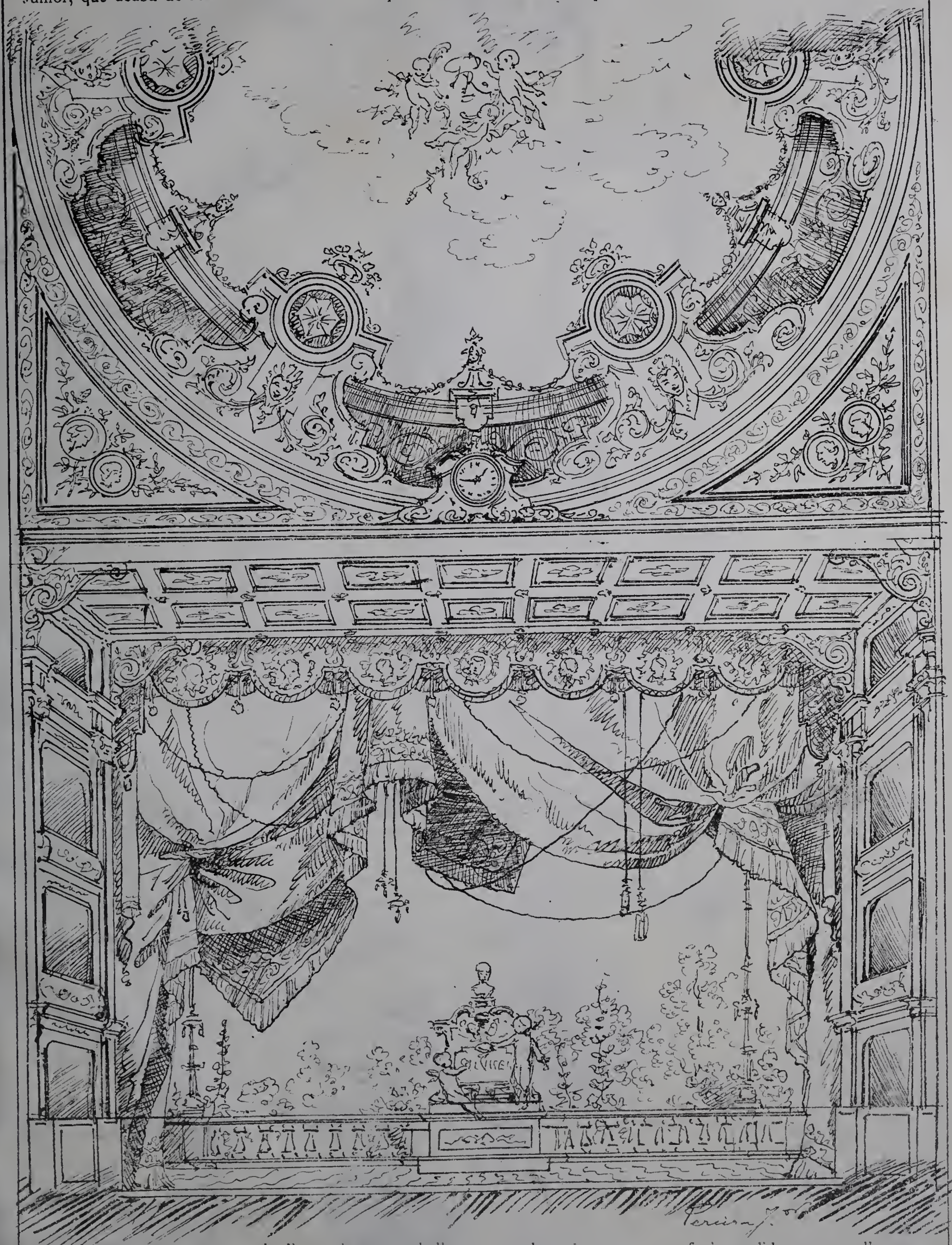
— Quem sabe se eu virei a acabar os meus dias em criado de servir...

PAN.



Quando no ultimo numero demos uma pequena noticia a proposito do nosso amigo José do Patrocinio, esqueceu-nos referir que este cavalheiro para atravessar o Tejo do Lazareto a Lisboa, teve de pagar a modica quantia de treze mil e quinhentos réis. Temos pena de não conhecer o barqueiro que o trouxe e que é certamente o *primeiro barateiro* do Caes do Sodré, porque lhe davamos tambem tres libras para nos levar para o Lazareto... o pardeiro do Largo da Abegoaria.

Visitámos hontem o novo theatro do Principe Real; e dizemos o *novo*, porque do velho quasi que não tem senão os alicerces em que este se assentava. A nova construcção está um primor de elegancia e de bom gosto, que muito honra a competencia do distincto engenheiro Candido de Moraes e o subido merecimento do pintor decorador Pereira Junior, que acaba de revelar mais uma vez n'aquella obra o valor do seu pincel.



Publicamos alguns croquis d'esse elegante trabalho, — que obsequiosamente nos foràm cedidos por aquelle nosso amigo — para que o leitor possa, em parte, apreciar de antemão o que brevemente terá occasião de admirar no conjuncto.

O talento da actriz Virginia — e deixem que o distingamos, por isso mesmo que lhe não chamamos *distincto*; — o talento da actriz Virginia, diziamos, achou na protogonista da formosa peça de *Sardou* um ensejo de manifestação brilhante, e vivida, e opulenta, que nos estontearia de surpresa se ha muito não adivinharamos os recursos prodigiosos da singular artista.

É sabido que a peça foi escripta de proposito para ser desempenhada por Sarah Bernhardt; mas as peças são como os vestuarios; ás vezes succede que a *toilette* feita exclusivamente para um corpo vae servir n'outro, e tão perfeita e irreprehensivelmente, que até umas pequenas *rugas*, quasi imperceptiveis, que no primeiro caso se lhe notára, no segundo desapparecem completamente.

Proceder aos detalhes de tão magistral desempenho, seria impossivel n'este curto espaço de papel. Citaremos comtudo o primoroso trabalho de Brazão e a coadjuvação importante de João e Augusto Rosa, de Rosa Damasceno, e dos demais artistas, emfim, na interpretação dos personagens que lhes foram distribuidos e que estão muito áquem dos seus meritos artisticos.

THEATRO DE D. MARIA II

NO PAIZ DO SYNDICATO

Ora imaginem se isto pode ser: um homem já não é senhor da sua algibeira, porque o senhor Fontes entrevem paternalmente nas economias populares, achando collocação adequada aos magros capitaes dos magros ordenados; ja não tem no *ménage* desde que a mulher adoptou as theorias vermelhas que a fazem igual ao homem; agora vem o inverno e retira-lhe o dynamismo dos dedos, de modo que se tornou absolutamente impossivel escrever duas linhas, a não ser em cima do fogão. Isto foi uma ideia minha que deu em resultado uma troca de pratos, absorvendo eu uma chronica para o *Antonio Maria* julgando ser o meio biffe da companhia de Utilidade Domestica. Esgotados todos os expedientes, postas de parte todas as combinações para poder escrever, resolvi appellar para a ultima instancia — que era escrever na cama. Eu lembro-me que uma vez, em vespera de exame, quiz passar a noite álerta sobre os livros. Mandei vir uma funda caffeteira cheia de moka, mas da religião orthodoxa da rua de S. João, porque me tinham dito coisas extraordinarias sobre a acção dispertadora do caffé. Um amigo meu transformara em dispertador um pacato relogio de parede, dando-lhe todas as noites algumas colheres d'aquella droga, sem assucar. Pois a verdade é que pela uma hora da noite eu tinha bebido todo o contheudo da vazilha e dormia regaladamente. Succedeu-me precisamente a mesma coisa com o ultimo expediente para escrever as *chronicas*.

Se o fogão tinha provado mal, o leito provou ainda peior: dormi, tenho dormido. Não é muito para uma boa consciencia, mas não é bastante para um *chronista* compromettido. Mas... perdão! olhem que a temperatura do Porto desculpa estas e outras faltas ainda mais graves. Qualquer nariz que se arrisque a sahir para fóra dos lençóes — zás! — é cortado rente pela navalha do inverno.

Já vêem que a coisa é seria. Ainda se todos nós tivessemos pencas incommensuraveis como o Ernesto Maia ou como o Guilherme Fernandes... ainda, ainda; mas esses narizes priviligiados são raros, como as bellas damas sem algodão em rama.

* * *

Appareceu o *Rozita*. O *Rozita* é o aerostado do capitão Castanet que deu ás de Viila Diogo no domingo passado depois de depositar no salva-vidas da Foz o aeronauta acrobata.

E n'isto diverge profundamente o *Rozita* de algodão de *Rozitas* de seda que por ahi apparecem todos os dias. O globo foi delicado bastante para depositar o viajante em logar seguro, emquanto que *as outras* não descansam sem porem na espinha o desgraçado que quizer fazer com ellas essa viagem prodigiosa atravez das nuvens.

* * *

Uma folha muito grave, muito seria e muito considerada diz que o partido republicano vae lançando as unhas de fóra, e que o partido da canalha não contente em ter já o direito do suffragio, a instrucção primaria gratuita e muitas outras *regalias*, quer ainda mais concessões e mais *regalias*. Faz-nos lembrar aquella tradição popular dos *calçotes*. Diz Trancoso, nos *Contos*, que em Paço de Souza perto do Porto havia um pobre homem que tinha seis filhos, entre rapazes e raparigas. Ora succedeu que estando todos uma noite a comer castanhas e brôa ao redor da lareira, todos quasi nus, a mãe lhes promettera que no dia seguinte iria pedir uma quarta de linhaça emprestada, que mais tarde produziria linho sufficiente para cobrir os cachopos.

A rapaziada, quando tal ouviu, poz-se a dar pinotes de alegria, gritando, — ay, calçotes, mana! Ay calçotes!

Tanto riram e folgaram, estando ainda nús, que o pae disse:

— «O dou ao demo a canalha, que, como se sentem vestidos, não ha quem possa com elles!»

Pois é o que está succedendo com o povo portuguez. São tantas as promessas dos politicos, que nós não podemos deixar de saltar todos contentes, gritando: «Ay, calçotes, sr. Fontes. Ay, calçotes!»

* * *

O illustre presidente da camara do Porto anda contentissimo porque vae *dotar* a cidade com um melhoramento, como não ha n'outra qualquer parte do mundo. É uma avenida que, partindo do Castello do Queijo, irá bater no Padrão de Campanhã. Castello do Queijo e Padrão de Campanhã, ao que nos consta, não ha n'outra qualquer parte do mundo.

Além d'um grande melhoramento, isto é tambem um acto de reparação e de justiça. O perrechil do Castello do Queijo estava bastante desacreditado; mas agora, associado ás caldeiradas de Campanhã, póde vir a occupar o logar que a sua conserva de ha muito reclamava. A estrada custa só duzentos contos de réis.

João Broa.

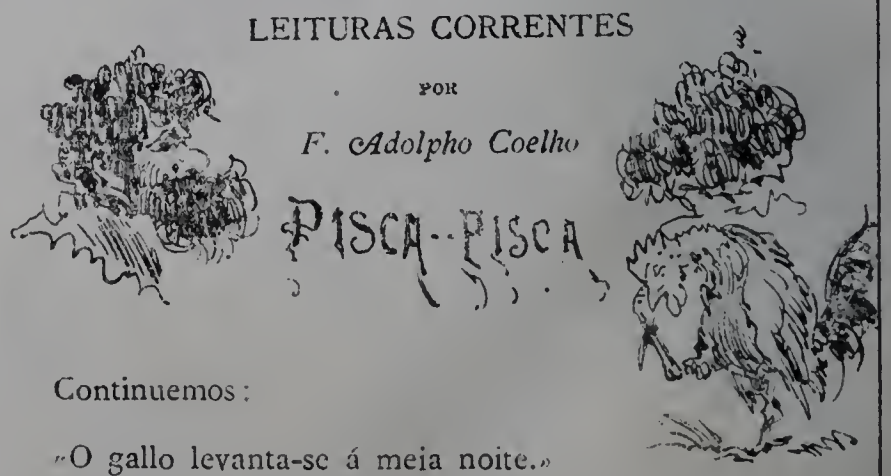
Um jornal, fazendo commentarios sobre as causas que determinam o brilhante phenomeno que Lisboa ultimamente tem observado e a que commummente se chama *aurora boreal*, diz haver quem suspeite que aquelles effeitos de luz crepuscular são produzidos pela refracção solar na cauda d'um cometa que a terra vae atravessando.

A terra a atravessar a cauda d'um cometa... Hum!... Não me cheira...

LEITURAS CORRENTES

POR

F. Adolpho Coelho



Continuemos:

«O gallo levanta-se á meia noite.»

Estamos a vêr o gallo, espreguiçando-se como um *chuméco* de esquina, deitar as pernas de fóra da cama, enfiar os pés nos seus sapatos de ourello, lavar-se, vestir-se, perfumar-se, espreitar pelo buraco da fechadura, não lhe esteja *armando a raposa*, e sair a dar o seu passeio pela cidade baixa acabando por tomar uma canja de gallinha com alguma franganota da Trindade...

«OS PONTOS CARDEAES»

«Quando eu estou com o rosto voltado para o lado «d'onde nasce o sol, ou oriente, e as costas para o lado «onde elle se põe, ou occidente, fica-me á direita o norte «ou septentrião, e á esquerda o sul, ou meio-dia.»

A isto é que se chama não saber onde se tem a mão direita.

Ainda assim o caso não nos parece para espantos, por que uma pessoa não póde ser encyclopedica, e ou bem que se estudou para ser lente do curso superior de letras, ou bem que se aprendeu onde está a mão direita...

«O MUNDO»

«A escola onde se aprende é uma casa *bastante grande*, «onde ha uma sala com bancas para os meninos estarem «sentados, lerem e escrever.»

De forma que se for uma casa pequena já não é uma escola...

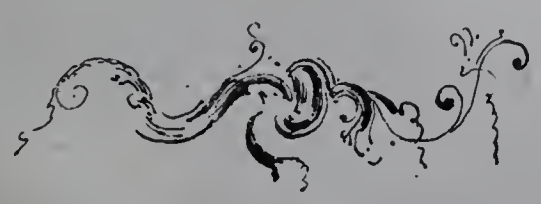
O que nos parece inconveniente é os meninos a *lerem e escrever* sentados nas bancas; além de estragarem muito mais os fundilhos das cuecas, advirta o illustre pedagogo que o logar não nos parece proprio para os meninos se sentarem e lembre-se de que «quem se mette com crianças»...

«Ao fundo da sala está uma banca maior, a que se as- «senta o senhor professor, tendo ao lado um quadro ne- «gro de uma pedra a que chamam lousa ou ardosia.»

Valiosa pedra, que mereceu as honras d'um quadro, talvez digno de figurar nas paredes da academia! Pena é que seja tão negra, porque podia a estas horas estar esculpida em *Amor da patria* no frontão dos paços do concelho. Pois deixe estar, que ainda havemos de mandal-a para Moçambique quando o Muririma botar frontão na velha aringa do Bonga...

E por hoje basta. Foi uma dose diminuta, mas é indispensavel dal-as assim a pouco e pouco porque isto são comidas muito fortes e nós não queremos que o leitor morra para ahi arrebentado com uma indigestão de sabedoria.

(Continúa no proximo numero). PAN.



Santo Limoeiro!!

Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho
É riquesa, é virtude, é vigor,
Castilho.

Do Limoeiro no alegre agasalho
Brota d'arte o beijinho, o primor.
Eu.

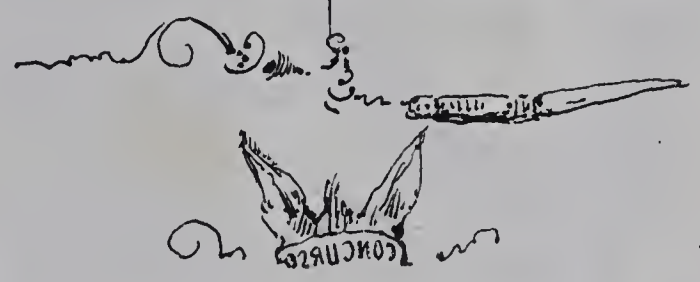
Como é bello *viver vida*
Vivida no Limoeiro:
Ali ganha-se dinheiro
Sôa a banza, reina amor.
Ali apuram-se as artes:
Nem eu sei qual mais realça...
Até se faz moeda falsa,
Do que a não falsa melhor.

Se os *mestres* do Limoeiro,
Artistas de genio rico,
Intentarem o fabrico
Do *bago* em aureo metal...
Vencem a Casa da Moeda,
Que, aferrada á manha antiga,
Impinge no ouro uma liga
Côr de latão!... É tal qual.

E se as artes crescem, vingam
Do Limoeiro lá por dentro,
Quero apurar-me n'um centro
De tamanha illustração:
Quero *abiscoitar* dinheiro
Com que possa viver nedio,
E mandar erguer um predio
Dos que o Cócó deita ao chão.

Quem, por santa caridade,
Acceita um murro no peito,
Que me encaminhe direito
A essa *escola* do paiz!?...
Quem permitte que eu lhe atire
Com tres ratazanas mortas,
Que me escancarem as portas
D'um templo d'artes subtis?!

Cá fóra as artes definham,
Lá dentro toda a arte medra!
.....
Feliz de quem parte á pedra
As trombas d'um seu irmão,
— Porque, lá no Limoeiro
Entre um pinhal de navalhas,
Alcança honrosas medalhas
E p'ra a velhice o seu pão.



Cá por causa d'uma coisa...

A respeito d'uma *letra*
Que foi á mão dos policias,
Disse um dia o *de Noticias*,
Que em insidias não repoisa:
«Encontrou-se na enxovia
A *batota* do costume,
Mas talvez não venha a lume
Cá por causa d'uma coisa...»

Sobre o caso do concurso,
Que tem sido tão fallado,
Ninguem sabe se é culpado
Pedro, Paulo, Sancho, ou Soisa...
Dizem uns que foi..... III
Citam outros ser um..... I
Mas ninguem passa d'ahi
Cá por causa d'uma coisa...

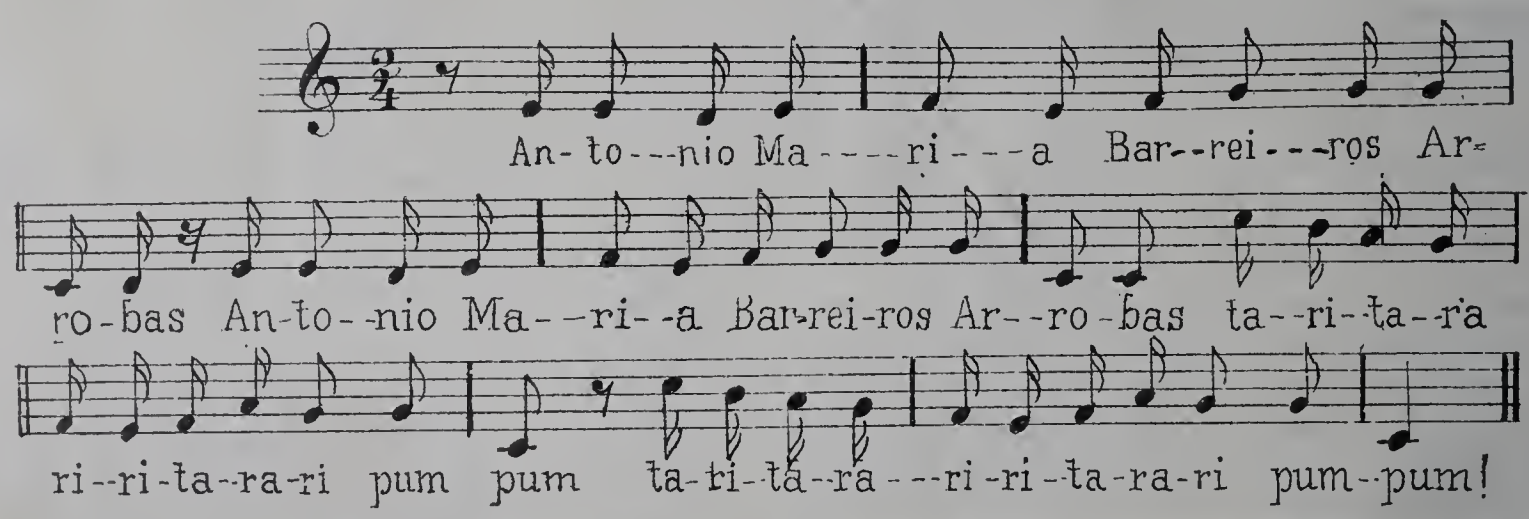
A suspeita anda adejando
Sobre o *chagrin* d'uma pasta...
Ora avança, ora se affasta,
Ora se eleva, ora poisa...
Este affirma: foi o..... N
Volta aquelle: foi o..... I
Mas ninguem distincto vê
Cá por causa d'uma coisa...

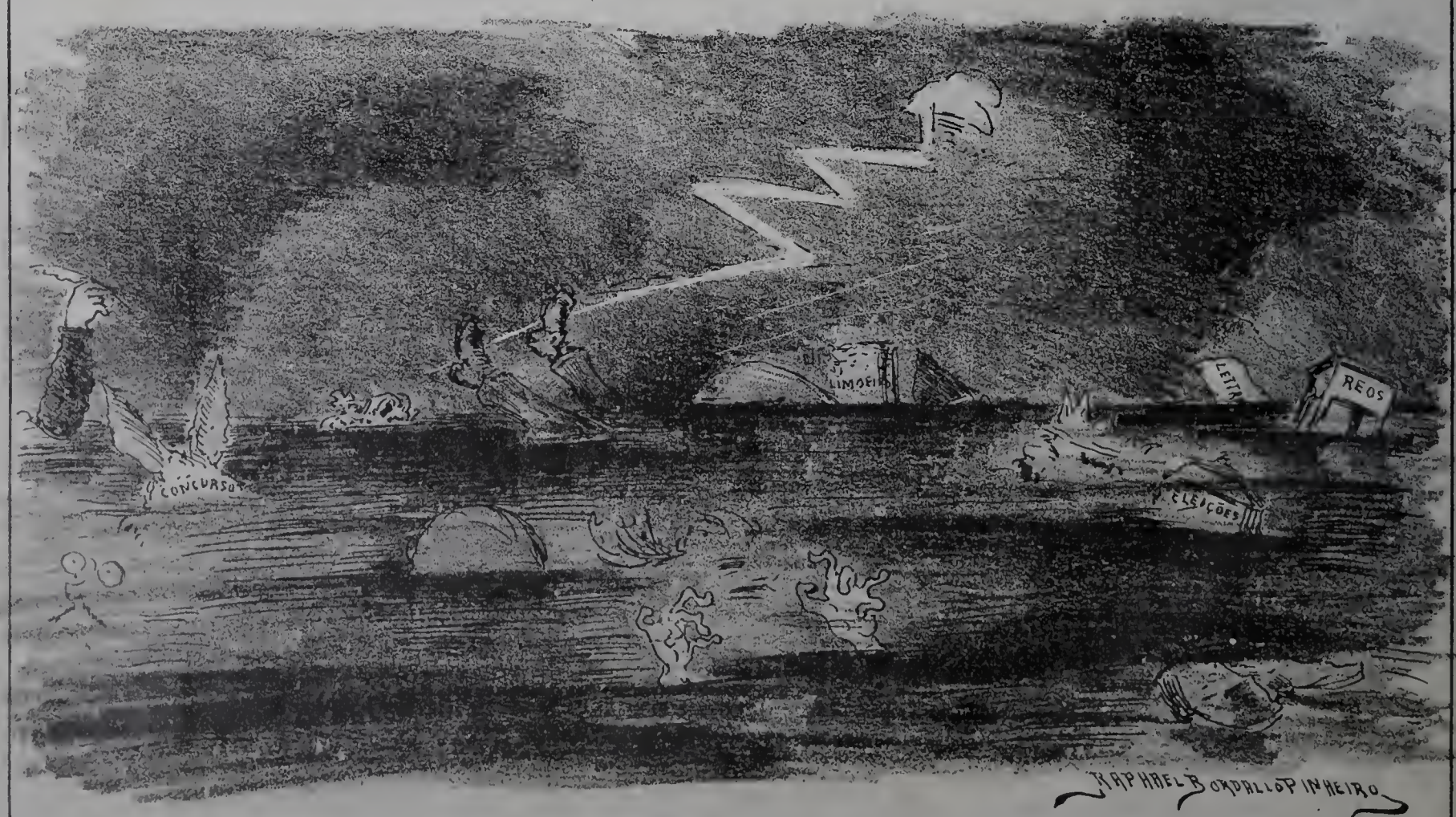
É mysterio que nos seios
Mais ignotos se alaparda,
Como um cadaver se guarda
Nos antros da fria loisa...
Pois se uns sustentam: foi..... Z
Outros contestam: foi..... E
Mas só dão o alamiré
Cá por causa d'uma coisa.

PAN.

O LUNDUM

LUNDUM DOS CAROCHAS NEGRAS





Por causa d'estes *lunduns* e que nos parece que o unico remedio para pôr isto a direito era chover polvora durante tres dias e depois... um raio em cima.

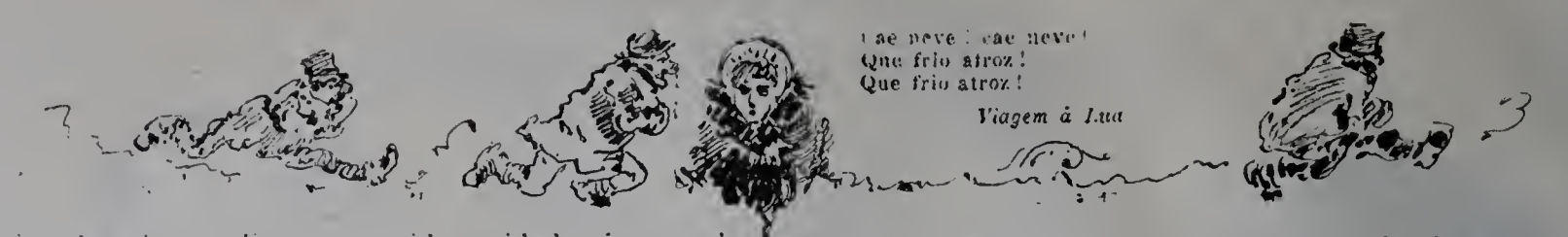
O GRUPO DO LEÃO

Exposição de quadros modernos

Consola ver, que do meio d'uma sociedade corunchosa e viciada surgem de quando em quando espiritos trabalhadores e almas enthusiasticas, que, n'um esforço de vontade, tentam erguer-nos da inacção moral em que nos sentimos prostrados. O *Grupo do Leão*, composto d'um punhado de artistas notaveis e promettedores, está realisando nas salas da redacção do *Commercio de Portugal* uma brilhante exposição de quadros modernos, em tudo dignos de figurar nas primeiras exposições estrangeiras. O gosto pela arte está infelizmente entre nós muito pouco desenvolvido ou, antes, muito obsecado, ainda assim, vemos com alegria que bastantes se empenham em animar os corajosos artistas, e entre esses não podemos deixar de citar o rei D. Fernando e a sr.ª condessa d'Edla, cujo interesse por aquelles trabalhos se tem manifestado visivelmente.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo 12

A SEMANA



O frio dos ultimos dias tem trazido a cidade n'uma roda viva de animação, pouco commum entre nós. O indigena, acoçado pela nortada valente, atravessa a rua do Ouro a passos rapidos, largos, desempenados, de inglez em acção de vida commercial, n'uma actividade resoluta que lhe tira o caracter de indigena para lhe dar o feitio de *exotico*.

Os massadores de profissão andam por ahi a morrer da fome do officio, não encontrando quem ao menos lhes entretenha a debilidade com dois dedos de conversa

Nada, que as massadas estão prohibidas!

O cumprimento nacional, que se traduz sem variantes no chavão da phrase

— Então que é feito?... Como passa v. ex.ª de saude e sua muito respeitavel e estimabilissima esposa, minha senhora e ama?,

passou de moda; agora diz-se simplesmente:

— Adeusinho!

— Viva!

— Como *paxastes?...*

E cada um segue a sua derrota, importando-lhe mais o nordéste que lhe entra pelas fossas nasaes de que a resposta que vae sair da bocca do interpellado.

No momento em que escrevemos, os barometros do sr. Ribeiro marcam o minimo de sete graus centigrados, mas a pontinha mais sensivel do nosso nariz indica uma temperatura abaixo de zero. Temos a maior consideração e o maior respeito pelos apparelhos scientificos do afamado industrial, mas o nosso apparelho, que vimos de mencionar, não nos merece menor consideração nem menor respeito e por isso preferimos dar-lhe credito.

Tanto mais que, n'este momento, estamos vendo passar atravez dos vidros da nossa janella uma farroupagem miuda de pequenos flocos de neve, brancos de cuspo, o que nos traz a suspeita de que Jehovah se entretenha a cuspir cá para baixo emquanto faz o chylo do almoço na varanda do Olympo.

Seja como fôr, o aspecto glacial da atmosphera convida-nos a chupar sofregamente o nosso cigarro *yankee*, sendo-nos grato fumar emquanto Jehovah cospe...

E, digamol-o francamente, o inverno não nos incommoda: é uma alteração do outono, como o outono é uma compensação do estio, e esta uma variante da primavera.

Todas as estações nos agradam, mas com a sua duração mediana: se alguma d'ellas se prolongasse, ultrapassando os limites do bom gosto e as prescripções do almanach *Borda d'Agua*, eramos capazes de inventar tinta de fel de vacca para lhe escrevermos uma descompostura...

Ora imaginem quando isto succederia com as estações, que aturamos apenas durante tres mezes, o que fará com o sr. Fontes, que estamos fartos de aturar desde que viemos a este mundo...

Ante-hontem de tarde, a concorrencia de grupos na rua de S. Bento e na rua dos Poyaes do mesmo santo era tal que, segundo a phrase popular, se poderia bem suppor que se tinha aberto o Limoeiro.

Infelizmente, porém, para o paiz, o Limoeiro conservava-se fechado e o que se tinha aberto era a casa do parlamento. D'ahi aquella concorrencia extraordinaria para os lados do antigo convento de frades.

Todos esperavam, mais ou menos, que os ultimos casos nublosos do concurso da alfandega, da *letra* descontada na enxovia da cadeia, da assignatura falsa na circular eleitoral, e de outros quejandos assumptos que nos ultimos tempos teem entretido a curiosidade nacional, viessem a lume, e por isso a cidade acudiu solicita ao seio da representação nacional, enchendo a tribuna da camara com a mesma sofreguidão com que assalta as galerias da Boa Hora em dia de julgamento importante.

A cidade porém foi mais uma vez roubada, o que não nos causa o minimo espanto...

Da verdade, apenas se apurou que o ministerio regenerador estava em grandes *apuros* e por isso apitou pelo partido da patrulha para que este viesse em seu auxilio.

O sr. Aguiar estreiou-se n'um brilhante discurso, fallando muito do seu *patriotismo*, a que aliás fazemos justiça, attentas as protuberancias que lhe saem do collete; chegou mesmo até ás lagrimas e

«Os meus olhos de chorar
Fazéram covas no chão»

mas não explicou coisa alguma com respeito á constituição da nova firma commercial Fontes Chagas & Comp.ª

O sr. Hintze não abriu bico a respeito do concurso da alfandega.

O sr. Barjona disse bocadinhos d'oiro, mas não disse nada que se referisse aos *oiros* emprestados pelo defunto Prelade...

O sr. Fontes é que foi mais franco, confessando implicitamente o facto de haver concedido a sua assignatura para a celebre circular eleitoral.

Em summa, se os demais ministros tivessem tido a hombridade do sr. Fontes, podiamos dizer afoitamente que o parlamento se havia aberto... com uma gazua...

PAN

O fogo no arsenal

Toçam sinos a rebate
Nas egrejas do concelho:
Um grande clarão vermelho
No povo o terror espalha:
E corre em noticia rapida
Como o vôo d'uma andorinha,
Que o arsenal da marinha
'stava ardendo como palha!...

Bombas, mangueiras, escadas,
Acodem de pontos varios;
Os bombeiros voluntarios
Vem correndo aos seis e aos dez:
E o fogo em linguas medonhas,
A despeito das mangueiras,
Chega a aquecer as frieiras
Que a lua mostra nos pés!..

Nada o incendio domina,
Por mais agua que se irrigue:
E o *Camões*, o novo brigue,
Assa-se em rubros clarões...
— Se em tempos do centenario
Se houvera dado este fogo,
Por certo diriam logo:
Que bella assada á *Camões*..

Felizmente que o nordeste,
Soprando rijo e valente,
Defendeu a lusa gente
De graves desgostos serios:
Pois se o nordeste benigno
Tanto a soprar não se esforça,
Pegava incendio por força
Em todos os ministerios!...

P'ra chorar um tal desastre
Houvera rasão de sobra...
Lá se íam os *chefes d'obra*
Sem remissão nem recurso...
Em negras cinzas tornados
Lá se íam por ar's e ventos
Os famosos documentos
Da batota do concurso...

Ao pensar em tal desastre
Inda de susto me afflijo...
Ai! que horror, se o vento rijo
Soprasse acaso do sul...
O incendio nos ministerios
Fôra o peior dos sinistros...
— 'stando lá dentro os ministros
Era oiro sobre azul...

PAN

A sr.ª D. Amelia de Azevedo acaba de compôr uma elegante valsa que está exposta á venda em todos os armazens de musica, intitulada os PERUS, imitando na execução a voz d'aquellas aves.

N'estes tempos de Natal que vão correndo, fazer acquisição de perus pela modica quantia de 200 réis, e perus que pódem *executar-se* não com a faca da cosinha mas no teclado do piano, é negocio mais vantajoso do que comprar um ovo por um real.

NO PAIZ DO SYNDICATO

De madrugada, para os lados do nascente... ao cahir do dia, na orla do occidente... perdão! quem leu as formosissimas suggestões de Luiz Botelho, ácerca do phenomeno meteorologico que ha dias resolveu chamar-nos para a epocha dos prodigios, não deve intentar coloridos de linguagem, nem derramar por essa cupula dos céos mais primores e mais girandolas de estylo. Mesmo porque o nosso caso é outro. O phenomeno foi descripto por muitos, foi sublimisado pelo talento do Luiz, foi cantado até na musa alegre das gazetilhas e das pequenas chronicas *à vau le vent*. Agora o que resta a fazer é o simples commentario das opiniões da sciencia, arrepiar a *pose* das academias, *effleurer* a comicidade grave dos brahmanes do occidente, tão circumspectos, tão augustos, tão mysteriosos, tão *bons*, como os seus camaradas do Brahmapontra, que vão observando os traços cabalisticos que fazem as flores do lotus boiando pelas aguas.

Sobre o incidente atmospherico, o *Commercio do Porto* fez tambem observações muito judiciosas. A principio chamou-lhe rasgadamente — aurora boreal; depois — aurora crepuscular; mais tarde — phenomeno magnetico; e como a coisa se tornava cada vez mais embaraçosa, e os seus assignantes da Fonte Taurina e da Rebolleira continuavam a ficar ás escuras no meio de tanta luz, o jornal-confraria concluiu dizendo, que, tendo consultado os *diccionarios eruditos* nenhum d'elles resolvia deffinitivamente a questão. Tudo isto nos torna um tanto apprehensivos sobre o futuro da sciencia. Sem questão o povo irá conhecendo cada vez mais os principios da physica, da chimica, da philosophia; mas o que tambem é certo é que o *summum* scientifico continuará sendo privilegio de um grupo, o patrimonio de meia duzia, que terá nas mãos todos os fios da meada em quanto que o vulgo ficará olhando atonitamente para a dobadoira. O progresso da sciencia não traz comsigo a sua diffusão, bem como o apostolado de qualquer religião nova não generalisa a sua interpretação racional. Quanto mais se adora, menos se comprehende. E n'isto está a força dos sacerdotes, como a força mysteriosa dos sabios.

Os fieis crêem que uns dispoem da colera e das graças divinas, e os ignorantes — que os ha de haver sempre — suppoem que as academias e os *diccionarios eruditos* podem dizer a ultima palavra dos grandes mysterios da terra.

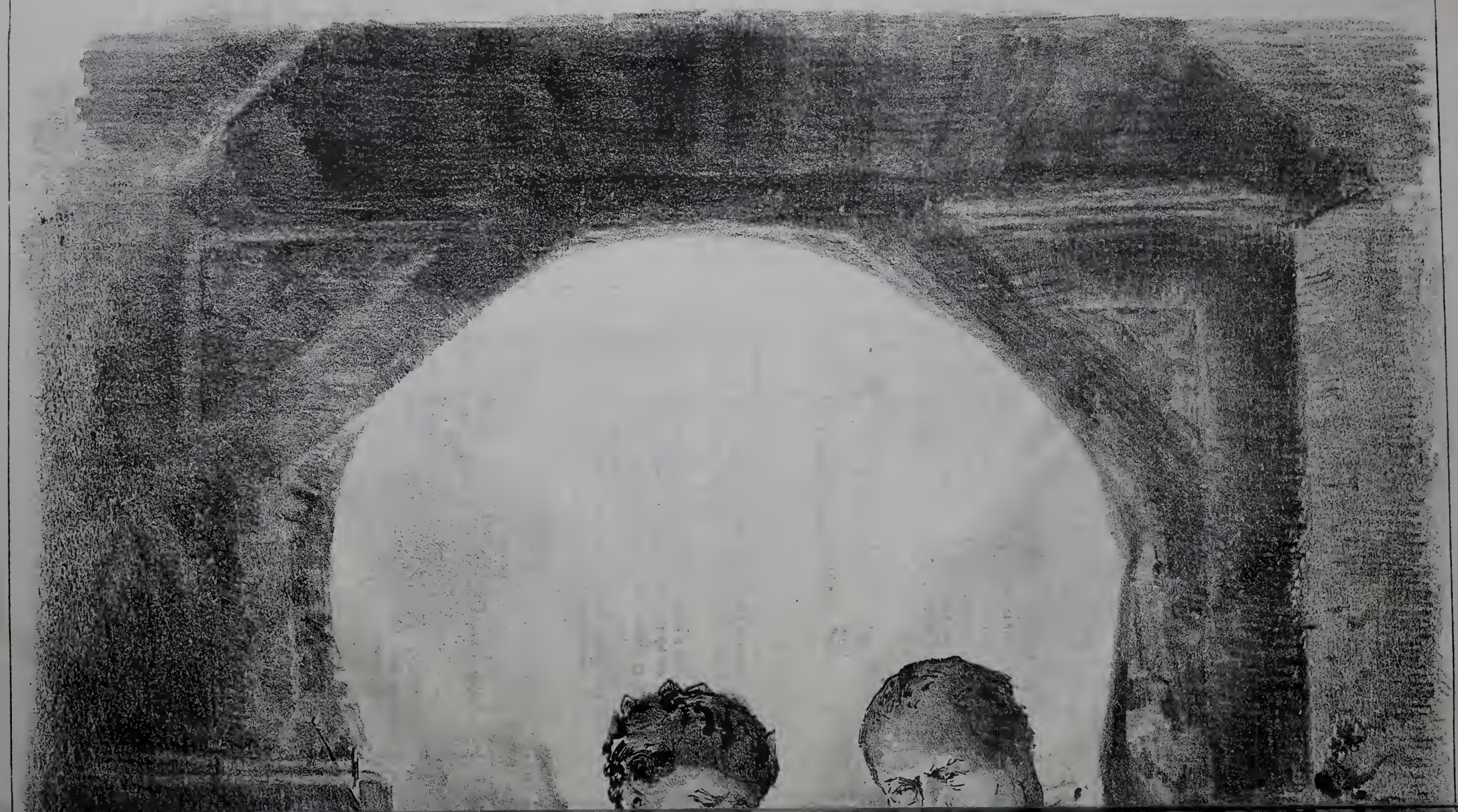
Mas entre estas duas cathegorias de sublimes, entre estas classes de eleitos ha differenças notaveis que não podem passar desapercebidas. A influencia de um grupo de individuos que consigam concentrar nas suas mãos toda a dymnamica do globo, senhores da chuva e do bom tempo, das marés, das estações, de tudo o que constitue o meio da vida da humanidade ha de ser muito maior no futuro do que o foi aquella que os bispos e brahmanes exerceram na edade media.

O mundo começou ha muito a perceber que as emunidades da egreja apenas dispunham de um cabaz de palavras cabalistas, incapazes de espremerem das tetas atmosphericas coisa de um decilitro de agua sobre a ceara catholica ou védica.

Com a baixa-mar da fé lá se foi toda a importancia dos nigromantes das coisas celestes. Comprimido o odre da theocracia episcopal, averiguou-se que no fundo havia apenas mau cheiro. Ora com a theocracia scientifica o caso é inteiramente outro. O sabio que tiver no seu laboratorio os fios da dynamica terrestre — e o progresso do estudo e das applicações da electricidade fazem-nos prever esse proximo ideal — possuirá os meios mais seguros

Parodia do quadro de Ballheim *Aujourd'hui et demain,* cujas photographias se encontram na *Aguia d'Oiro,* do sr. Pexe, a quem devemos a amabilidade de nos haver presenteado com um d'esses exemplares.

O QUE SÊMOS E EM QUE NOS TORNEMOS



para se fazer respeitar e obedecer. Julgará em ultima instancia; os *diccionarios eruditos* não serão só a biblia, mas o codigo; executará sem delongas e terá sobre o *servum vecus* toda a auctoridade, todo o despotismo que o medo justifica e a necessidade reclama. E' horrivel esta espectativa! O despotismo da sciencia será mais assombroso que todos os despotismos dos tempos mais barbaros. Tiberio, Domiciano, Nero serão verdadeiras pombas comparados ao sabio do futuro, áquelle que conseguir occupar o ultimo degrau da escala scientifica. A omnipotencia dos czares modernos, a politica inquisitorial dos papas — são regimens paradisiacos em face da autocracia do homem omnisciente, especie de Jehovah absoluto, premiando ou castigando, segundo as suggestões da sua vontade. Ninguem dirá que estamos fazendo obra de phantasia; porque trabalhamos nas applicações logicas da lei do progresso. Oh! malaventuradas gerações futuras! Sujeitas ao capricho do Grande-Sabedor vós deixareis de dormir descansadas nos leitos macios da plena civilisação! Uma corrente electricta poderá atirar a terra em fragmentos até ao indefinido dos espaços, e as vossas cabeças rodopiando atravez dos planetas, não mais poderão ter a certeza de consultar no dia seguinte os *diccionarios eruditos!* É por estas razões, e não por outras, que os governos portuguezes, na sua acção humana e salvadora, se esforçam por que a sciencia em Portugal nunca ultrapasse os justos limites do bom senso.

João Broa.

Almanach do Trinta

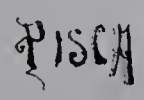
Recebemos este interessante livrinho, cheio d'aquella graça e boa galhofa que faz estalar á gargalhada, e de que não fallamos detidamente pela absoluta falta de espaço. Limitamo-nos a transcrever-lhe estes versos com que deparámos abrindo uma pagina ao acaso:

«Desde que na Boa Hora
Tudo foi beneficiado,
'té anda mais aceiado
O cebento pessoal.
Limpou-se tudo a meu vêr,
Mobilias, salas e vãos;
Mas a limpeza de mãos
É que ficou tal e qual!

LEITURAS CORRENTES

por

F. Adolpho Coelho



(Conclusão)

Vamos lá a acabar com «*O Mundo*» do sr. Adolpho Pisca-pisca:

«A escola tem janellas e por ellas vemos outras casas «no meio das quaes fica a escola, e olhando para o longe, «arvores, campo e ás vezes o rio ou o mar.»

É uma illusão de optica muito curiosa, esta de vermos pelas janellas da escola outras casas, *no meio das quaes fica a propria escola!!!*

E ao longe arvores, campo, mar ou rio!...

Ora imagine o illustre sr. Pisca-pisca que em frente d'essas janellas se eleva um muro muito alto, e rebocado de fresco, ponha a sua luneta de mais limpidos crystaes e diga-nos depois, com toda a franqueza, se o que está vendo no tal muro se parece com arvores ou campo e se classifical-o de similhante coisa não será o mesmo que chamar ao rodovalho safio...

«A escola é uma parte d'uma rua, e uma rua uma parte «d'uma cidade, villa ou aldeia.

Em vista de tal revelação, qualquer fica auctorisado a transitar quando bem lhe apraza pelo interior das escolas, de trem, a pé, ou a cavallo, pois que a escola é *uma parte d'uma rua* e as ruas se fizeram para o tranzito publico.

«Caminhando, caminhando depois de ter saido d'uma cidade, villa ou aldeia, encontramos muitas aldeias, a maior distancia villas, e ainda, quasi sempre a maiores distancias, cidades.»

Isto é: quem vier dos lados da Rabicha, mettendo pela estrada do Carvalhão, farta-se de encontrar aldeias e a maior distancia villas, antes de dar com os ossos no largo das Amoreiras!...

«Muitas cidades, villas e aldeias formam um paiz ou «nação. Portugal é um paiz; é a nossa nação...»

Jesuino toca o hymno,
Liberal constituição!...

E aqui está, muito resumidamente, como e com que o illustre sabio Pisca-pisca vem á praça para, como elle diz, effectuar *a reforma do ensino primario.*

Ah! Darwin! tu não foste um idiota, não! O gorilla precedeu a raça humana e conserva-se ainda entre ella conferenciando sobre glotica, regendo escolas e escrevendo livros...

Não foi Deus que formou o homem ao seu feitio e retrato, é o gorilla que vae fazer outra vez a humanidade á sua imagem e similhança!...

Pan.

O tenor Gayarre

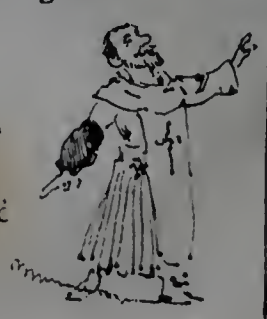
O eminente cantor tem recebido no hotel muitos bilhetes de cumprimento dos seus collegas os amanuenses do governo civil, os aspirantes da alfandega, os primeiros officiaes da caixa geral dos depositos e os chefes de repartição do ministerio da fazenda. Estas deferencias por parte da burocracia portugueza são justissimas, visto como Gayarre, sendo considerado na Europa como um dos primeiros cantores do mundo, tem igualmente direitos a que o classifiquem *chefe de repartição da Favorita* muito conspicuo...

Não se illuda porém o notavel artista com a sinceridade d'esses salamalekes traiçoeiros, porque a burocracia é muito invejosa e não pode ver com bons olhos que um simples chefe de repartição esteja recebendo os honorarios proprios d'um chefe de estado.

Lisboa está anciosa por ver tomar posse do seu logar o novo funccionario, certo de que elle escreverá com a sua melhor calligraphia o officio do *spirito gentil.*

Penteie bem esse cabello,
Vista a comprida borjaca,
Que ámanhã lá vamos vêl-o
Co'a sua manga d'alpaca.

E. R. M.ce



Edital

Pela repartição central do theatro de S. Carlos se faz publico que está aberto concurso por espaço de trinta dias, a contar da data do presente edital, para o provimento do logar de *Propheta* vago pela aposentação, com o ordenado por inteiro, que vae ser concedida ao funccio-

nario que actualmente desempenha aquelle cargo, em vista dos serviços relevantes recentemente prestados pelo mesmo funccionario no cumprimento dos seus deveres.

Os concorrentes deverão apresentar certidão de idade, provando que não teem menos de sessenta annos, nem passam dos noventa e cinco, attestado de vaccina e um bilhetinho do sr. Fontes.

(Fica excluido do concurso, apesar de ter todos estes predicados, o sr. Santos Pipia).

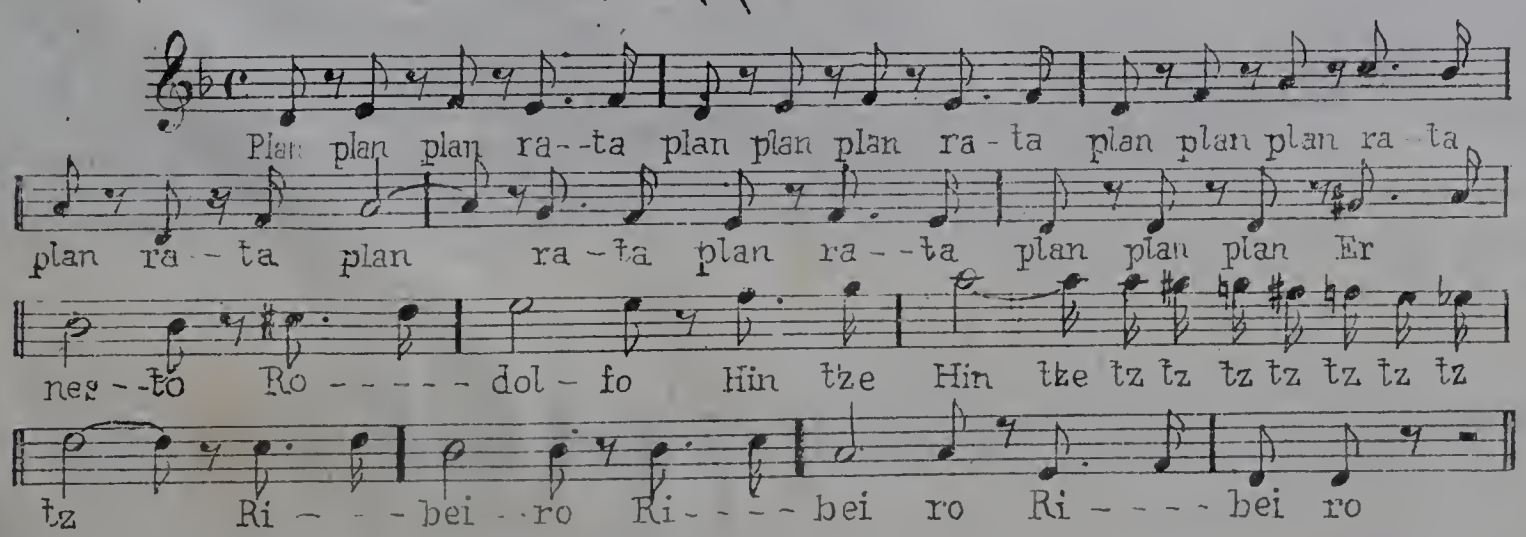
Pela mesma repartição se annuncia que o *sol* faltou ao ponto, logo no primeiro dia de repartição, porque a costu-

reira lhe não apromptou a tempo a manga de alpaca com que devia apresentar-se ao serviço publico e alguem accintosamente lhe substituiu nas pilhas electricas a agua do contador por agua de Loeches, promovendo-lhe uma indisposição que o obrigou a ficar em casa. O *sol* porém, que é propriedade do sr. Motta & Comp.ª e sempre foi tido na conta de empregado honesto e assiduo, já entrou no exercicio das suas funcções, recebendo, a titulo de gratificação por bons serviços, uma cesta de capacho para aquecer os pés em quanto durarem estes frios.

Secretaria do Theatro de S. Carlos, em 19 de dezembro de 1883.

O chefe da repartição
Campos Valdez.

MARCHA DA « IONE »



AMAS DE PRIMEIRO LEITE

O senhor Aguiar declarou em camaras que tinha um grande *patriotismo* — e é o que se está vendo.

ERNESTO ROSSI

Ao vêl-o, depois de quinze annos de ausencia, tão moço, tão fresco, tão desempenado, chegamos a crer que só o nosso relogio se moveu durante aquelle tempo, para nos salpicar a cabeça de pellinhos brancos, ao passo que o d'elle, um relogio fingido, ha de atravessar o infinito dos seculos sempre com os ponteiros no mesmo logar.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

EMILIA DAS NEVES E ERNESTO ROSSI

Uma coincidencia notavel faz apparecer em Lisboa Ernesto Rossi, o rei da scena italiana, no momento em que Emilia das Neves, a rainha da scena portugueza, desapparece para sempre a nossos olhos.

Unindo-nos ao prestito festivo dos que acompanham o genio que fica, juntamo-nos ao prestito funebre onde vae o genio que não volta.

Deve hoje ser entregue ao sr. major Luiz Quillinan o livro-annel e a bandeja que lhe foram offerecidos, esta pela redacção do *Diario de Noticias* em nome do sr. João Antonio Martins Coutinho, residente no Rio de Janeiro, e aquelle pela classe typographica portugueza. São dois objectos primorosos que muito honram as artes nacionaes.

O annel, feito de oiro portuguez, é devido ao trabalho do sr. J. P. A. Pardal, que expontaneamente se offereceu para fazel-o gratuitamente. O livrinho que substitue a pedra do annel foi executado pelos mais distinctos artistas da imprensa nacional e reduzido pelo processo da heliotypographia a caracteres microscopicos; está encerrado n'um pequeno cofre, cujo vidro, offerecido pela fabrica da Marinha Grande, foi fundido com areias das nossas praias.

A salva foi feita no estabelecimento da viuva Canongia e é de uma elegancia e de um bom gosto inexcediveis.

São, emfim, dois verdadeiros primores de arte, que o maior potentado se honraria de possuir, não tanto, ainda assim, pelo seu valor artistico como pelo acto que commemoram.

A SEMANA

O tremor de terra foi, durante vinte e quatro horas e um quarto, o assumpto obrigado de todas as conversações publicas e particulares.

Passado esse praso, a cidade caprichosa desviou os olhos do assumpto, estendendo-os por esses horisontes fóra, em cata de novos amores que viessem entreter-lhe o pensamento, como a *cocote* leviana que esquece á saida do theatro o binoculo de marfim que a fictára presistente pela sopinha de camarão que lhe offerece o primeiro D. Juan que passa.

Diga-se comtudo em abono da verdade, que a ideia de ficar subterrado trouxe durante aquelle tempo o indigena verdadeiramente aterrado.

Sobretudo na noite que se seguiu ao terrivel abalo, a cidade esteve álerta como um general em vespera de combate. Eram quatro horas da manhã e ainda ninguem conseguira pregar olho; e em vale de lençóes cochichava-se baixinho com a maxima cautella, como se houvera medo de despertar o monstro adormecido...

— Ó Eusebio, não sentiste?...

— O teu pé? senti sim; está frio como um sorvete de morango...

— Não é isso; o tremor... Não sentiste tremer a casa?...

— Hade ser a corista cá de cima que chegou agora do theatro.

— Ó menina, não ouviste?

(Ella, somnolenta:) — Hun! hun! hun! hun!...

— Escuta! Lá começa a soprar a aragem... É impossivel que o não traga por ahi...

(Ella sonhando com o sr. Thomaz Ribeiro:)

— «A aragem trouxe-me um beijo
Que eu nos meus labios tomei»

Maridos exemplares recolheram a casa já com ar de dia e de bigodes tresandando a *opoponax*...

— Crédo! clamavam as esposas; que susto que me metteste... Toda a noite fóra de casa...

— Estive no observatorio a ver se havia tremor.

— E houve, meu querido?

— Houve, sim, meu anjo; mas só para aquelles lados... Cá por estes sitios não se deve ter sentido nada...

— Não senti não... Mas que cheiro que tu trazes..

— É do enxofre que anda espalhado na athmosphera...

É os maridos tinham razão; houve segundo tremor effectivamente, vindo dos lados de Campolide, mas não conseguiu passar da rua de S. Bento. Este phenomeno extraordinario deve-se exclusivamente á iniciativa do nosso collega Gervasio Lobato e dos senhores Rosa Araujo, Barreiros Arrobas e outros cavalheiros de iguaes dimensões que, reunindo-se em casa do sr. Vaz Preto, tal peso fizeram n'aquelle ponto que o tremor embravecido quebrou a lança, partiu os tirantes, mas foi-se abaixo como um sendeiro e não passou!...

* * *

Alguem affirma comtudo que o tremor conseguira passar para áquem da residencia do sr. Vaz Preto, chegando a alapardar-se na sala do parlamento, onde mais tarde se manifestou n'um verdadeiro volcão que, revolvendo os intestinos do sr. ministro da fazenda, lhe veiu á bocca em golfadas de indignação contra meia duzia de deputados ingenuos que ousaram classificar de questão de dignidade a justificação do ministro perante as camaras, o paiz e a opinião publica, a respeito d'um caso recentemente publicado, a que essa mesma opinião publica chama simplesmente *refinada tranquibernia*, e em que o nome do citado ministro figura como um dos primeiros personagens da peça...

No cumulo da sua indignação, o sr. Hintze chegou mesmo a declarar *que se não importava nada com a opinião publica*...

Concluimos o artigo da semana passada dizendo que se todos os ministros fizessem as declarações do sr. Fontes poderiamos affirmar que o parlamento se havia aberto com uma gazua... Concluiremos este confessando que se as declarações continuarem pelo teôr das que vamos ouvindo começamos a desconfiar de que o parlamento foi arrombado com um pé de cabra ..

PAN.

Consta a um jornal que vae ser nomeada uma commissão de syndicancia para avaliar a causa do grave sinistro ultimamente occorrido no Arsenal de Marinha.

Descobrir as causas d'um incendio deve ser obra de dar agua pela barba á commissão de syndicancia.

Occorrem-nos as seguintes causas, que lembramos á commissão, no intuito de a guiarmos pelo emaranhado caminho que tem a percorrer:

Seria um pnosphoro?...

Uma ponta de cigarro, acceza?...

A commissão que reflicta, e que nos mande a sua resposta, porque estamos ardendo de curiosidade por descobrir o que faria arder o brigue *Camões!*

O Tosão de Oiro do principe D. Affonso

O duque do Porto,
Tão joven, tão loiro,
— Oh! Deuses! que aborto! —
Já tem tosão d'oiro!...

Se o Fontes preclaro
Tambem já o tinha,
Do principe caro
Assim se avisinha...

Os dois emparelho,
Mas vejo — ora cebo!
Um ginja d'um velho
E um *joven mancebo!*

Unindo-os aos dois.
Vegete e donzel,
Descubro — ora pois.
Verdade cruel...

E digo — ora pôço! —
Que tem, sem questão.
Quer velho, quer moço.
O mesmo tosão!!!..

O *Diario Popular* publica o seguinte annuncio:

CAMA

«Vende-se uma ingleza, para casados; tem bom trabalho e está quasi nova. Travessa de Santa Quiteria, 94, 1.º.

Ao annunciante esqueceu acrescentar se a tal cama trabalha a vapor ou simplesmente á força de mola, como as caixas de musica, e, n'este caso, se tem corda para vinte e quatro horas.

Quasi todos os jornaes da manhã pedem sensatamente providencias ao sr. commissario de policia contra o ajuntamento de povo que ha cerca de tres dias se reune na rua Nova do Carmo, em frente da loja que tem os n.os 45 e 47, a ponto de ficar o tranzito completamente impedido, não só para os que caminham a pé, como ainda para os vehiculos, incluindo os proprios carros Rippert, que fazem a carreira do Principe Real pelo Chiado. O motivo de tal ajuntamento é a barateza e o bom gosto dos objectos expostos á venda n'aquelle estabelecimento; mas este facto, por si, não justifica similhante attentado contra a liberdade de tranzito.

Venda a loja muito embora
Por dois o que vale trinta,
Mas tolher-nos a passagem..
Isso é que está-se na tinta..

A PROPOSITO DO CON

O sr. ministro da fazenda declarou em camaras «que não se im

Ouvindo tambem a voz da nossa consciencia, aqui está o que entendemos que a opinião
—A' margem!...

URSO DA ALFANDEGA

ava com a opinião publica» e que só attendia a sua consciencia.

blica deve responder ao sr. ministro:

NO PAIZ DO SYNDICATO

Clownismo! O Porto está sob a impressão de uma forte pressão hysterica. Homens e mulheres, a politica e a doçura, o trabalho e a carne palpitante, estão tomando as *posturas illogicas* do dr. Charcot. O sr. Correia de Barros, que já foi ourives e traductor de peças e ensaiador e director de casa de prégo e vereador e progressista —

up lá! up lá! deu agora uma nova cambalhota, e eil-o constituinte. Clownismo! Hypnotismo! Hysterismo!

O Porto, o velho burguez, tripeiro, atacado pela doença da moda! Quem tal dirá? — como se canta na «Mascotte.» Todas as suggestões, todos os sentimentos, todas as impressões, não são senão ataxias locomotoras; são os cordelinhos nervosos que movem todo o fantochismo humano. Ha dias uma bella dama declarou ao seu esposo, perante o gremio catholico, que preferia seguir a vida aventurosa do eleito da sua carne. Clownismo!

O dr. Gomes, da rua da Rainha, sentiu de noite, na sua casa, coisas extraordinarias. Vultos de homens subiam e desciam as escadas. Luzes fuzilavam atravez das frestas dos cortinados do leito conjugal. Ouviam-se extranhos rumores de passos desassombrados, percorrendo o quarto, a sala de jantar, a cozinha. Chamaram-se os homens sabios, os bruxos, as mulheres de «morada aberta,» especie de videntes, galerias psychologicas onde véem fallar as almas invocadas. Clownismo! Sabios, bruxas e feiticeiras

declararam a unisono — que a casa do doutor Gomes andava visitada pelas mysteriosas potencias impalpaveis que acompanham por toda a parte, e sempre, as personalidades hystericas. Fumigações, rezas, talhadellas de ar, benzeduras, varredellas, tudo se empregou para afugentar os espiritos, para acalmar as iras do outro mundo; mas, o doutor Gomes — elle, que não acreditava nos milagres do diabo — teve de se curvar perante a realidade dos factos. Uma noite acordou sobresaltado. As paredes do quarto illuminavam-se a roxo-violeta. No ar havia cheiros extranhos. Os cabellos, todos, pozeram-se-lhe hirtos como as pennas d'um perú; o suor corria-lhe pelas faces; aos ouvidos zuniam milhões de abelhas invisiveis; uma mão gi-

gantesca avançou por entre as cortinas do leito; desceu vagarosamente sobre a face pallida, vagarosamente como o pendulo phantastico e cortante do conto de Poë.

Elle viu tudo isto, sentiu tudo isto, e tomou a resolução dos fortes — fugiu.

Consultou a bruxa do Campo Pequeno, a pythoniza do Codeçal, a velha vidente da rua de S. Jeronymo; tudo o que o Porto tem de mais fino na cabalistica, tudo quanto mercadeja honradamente com as almas penadas.

Gastou dinheiro, suor, crenças, sciencia, atheismos chronicos adquiridos nos seus annos de clinica, e resolveu mudar de casa.

Hysterismo! Hypnotismo! O mundo moderno, vive sob as agitação hybridas dos nervos, e todas as acções anormaes, bem como todas as cabriolas funambulescas do espirito, serão cotadas pela intensidade dynamica dos temperamentos. Esta manifesta mania, por exemplo, do sr Correia de Barros em arruinar completamente as desgraçadas finanças do municipio; as suas continuadas transformações sociaes e politicas; o seu imperio sobre os restantes bons homens da municipalidade... clownismo! clownismo!

As quebras, os arranjos, as moratorias, os dois por cento das liquidações de dividas, toda a nossa vida commercial, que assusta todo o mundo mercantil... clownismo! clownismo!

Os juizes absolvem os grandes criminosos endinheirados? A justiça só descarrega a sua espada de ferro sobre a cabeça dos pobres diabos desprotegidos? O sr. Barbosa Leão quer-nos obrigar a escrever em japonez! O sr. Joaquim de Vasconcellos força-nos a escutar as suas conferencias barbaro-scientificas? O commissario da policia pretende acabar com o *vicio*, mandando encarcerar todas as *horisontaes* que enxameiam os corredores do Principe Real? A arte dramatica é aquillo que ás noites se esfaúla no Baquet? A religião é aquillo que se préga nos pulpitos? A sciencia é aquella coisa que se ensina nos lyceus? Clownismo! Clownismo! Clownismo o vicio: clownismo a virtude; clownismo toda esta farçada humana que se apresenta a conquistar os applausos dos ingenuos e a admiração dos papalvos.

João Broa.

Ernesto Rossi

É ainda, e será sempre, o artista de talento extraordinario e de excepcionaes recursos que nos visitou ha quinze annos. Hontem, no *Othelo*, não chegámos a suppol-o o original d'esse personagem, pela razão de que imaginámos que, o proprio moiro de Veneza, o verdadeiro, o genuino, nunca foi um *Othelo* tão perfeito como o que Rossi nos apresenta.

A actriz que desempenha o papel de *Emilia* e uma artista de merecimento, que se revela em mais de uma scena, sobretudo na do ultimo acto.

A *Desdemona*, se bem que intelligente, pareceu-nos ainda muito creança para andar mettida n'aquelles assados. É caso para se lhe dizer cresça e appareça, na certeza de que hade apparecer bem.

O scenario do ultimo acto é que não está á altura da gravidade. *Othelo* assassinando *Desdemona* n'uma sala com cadeiras á *Pompadour*, é um cumulo... de elegancia.

Fallando de Ernesto Rossi, prevenimos os amigos do notavel artista, que pretendam visital-o, da conveniencia de se munirem de alguns especiones, com que abrandem as furias do sr. contra-regra, ou o que quer que seja, que nos parecêra um verdadeiro Cerbero, se o *bonetzinho* que lhe encima o toitiço lhe não déra a apparencia d'um Sah da Persia

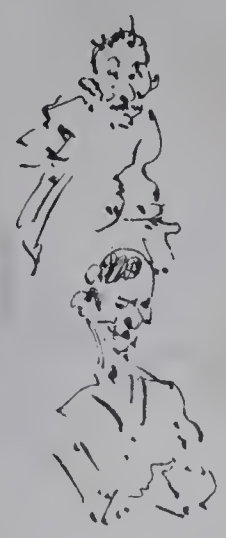
A sorte grande

A Justino Roque Gameiro Guedes

Da sorte grande
Bilhete inteiro
Comprou Justino
Roque Gameiro.

Qual folgasão
D. Nicomedes.
Salta contente
Justino Guedes.

Da alegre nova
Sentindo o choque
Perde os sentidos
Gameiro Roque



Vem philarmonicas
Tocar-lhe o hymno
Todos festejam
Roque Justino!

Chega um amigo,
Do bago ao cheiro
— Dá cá dez contos
Guedes Gameiro...

— Terás em breve
Quanto me pedes.
Responde o Roque
Gameiro Guedes. —

Vem outro amigo.
Dá-lhe um reboque.
Leva p'ra o canto
Justino Roque.

— Se co'o pedido
Não te amofino,
Dá cá mil libras,
Guedes Justino...

Emfim, de amigos
Cae um choveiro,
Todos *encostam*
Roque Gameiro.

— Ouve um pedido.
Mas não te azedes.
Tenho uma *letra*,
Justino Guedes...

— Velha amisade
Deixa que invoque...
'stou *entalado*,
Gameiro Roque...

Parece o Banco
Ultramarino
O bom do Guedes
Roque Justino!

Promette a todos
Dar o dinheiro
Justino Roque
Guedes Gameiro...

Nem tu reparas
No que concedes
Pobre Justino
Gameiro Guedes!

Mais que da sorte
O grosso estoque.
Pagas cem contos.
Justino Roque!

E co'a tal sorte,
— Vê que destino! —
Vaes p'ra o asylo,
Guedes Justino!...

PAN.

BÉOS
Gift
1884
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

GETTY CENTER LINRARY
3 3125 00682 9846

LITH. GUEDES